UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ALCIONE ALVES DE OLIVEIRA DE ARAÚJO

VARIAÇÃO MORFOSSINTÁTICA NA ZONA LESTE DE MANAUS: UM ESTUDO GEOSSOCIOLINGUÍSTICO

Manaus-AM

2018

ALCIONE ALVES DE OLIVEIRA DE ARAÚJO

VARIAÇÃO MORFOSSINTÁTICA NA ZONA LESTE DE MANAUS: UM ESTUDO GEOSSOCIOLINGUÍSTICO

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Letras, área Estudos da Linguagem: análise e descrição do português do Brasil – Dialetologia, como requisito final para a obtenção do Título de Mestre em Linguagem pela Universidade Federal do Amazonas,

Orientador: Professor Dr. Orlando da Silva Azevedo

Manaus-AM

2018

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A663v

Araujo, Alcione Alves de Oliveira de
Variação morfossintática na zona leste de Manaus: : um estudo geossociolinguístico / Alcione Alves de Oliveira de Araujo. 2018
275 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Dr. Orlando da Silva Azevedo
Dissertação (Letras) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Dialetologia. 2. Geossociolinguística. 3. Morfossintaxe. 4. Variação linguística. 5. Manaus. I. Azevedo, Dr. Orlando da Silva II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

ALCIONE ALVES DE OLIVEIRA DE ARAÚJO

VARIAÇÃO MORFOSSINTÁTICA NA ZONA LESTE DE MANAUS:
UM ESTUDO GEOSSOCIOLINGUÍSTICO

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Letras, área Estudos da Linguagem: análise e descrição do português do Brasil – Dialetologia, como requisito final para a obtenção do Título de Mestre em Linguagem pela Universidade Federal do Amazonas,
Orientador: Professor Dr. Orlando da Silva Azevedo

Manaus, 31 de agosto de 2018.
Banca Examinadora:

_____
Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo - Presidente
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

_____
Prof. Dra. Maria Luiza de Carvalho Cruz Cardoso – UFAM - Membro
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

_____
Prof. Dra. Maria Sandra Campos - UFAM – Membro
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

_____
Prof. Dra. Flávia Santos Martins - UFAM – Suplente
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

_____
Prof. Dr. Mateus Coimbra de Oliveira - UFAM - Suplente
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

DEDICATÓRIA

A meus Pais, a meus filhos, a meus netos, a meu esposo e àqueles que - direta e indiretamente - tornaram isso possível... citar nomes é diminuir a importância de cada um. O bem não se faz em troca de algo, é feito pelo prazer de ver o outro feliz. Por isso, saibam todos vocês que me incentivaram e torceram por mim: estou feliz!!!

AGRADECIMENTOS

À memória:
De meu pai, Francisco Parente de Oliveira, o primeiro a festejar minha aprovação para a UFAM.

De meu tio e compadre, Alcides José Ribeiro, que "bancou" a empreitada do vestibular.

De meu avô e padrinho, Manoel Alves de Souza, que foi a babá de meus filhos para eu estudar e chegar até aqui.

De minha irmã Andreza, por ter permitido estar em tua presença.

Aos que ainda estão ao meu lado:
À minha mãe, Rocicler Alves de Oliveira, que nunca deixou de me lembrar que meu futuro estava nos meus estudos.

À minha madrinha, Rosangela Alves Ribeiro, e à minha irmã, Alcilene de Oliveira Ferreira, que sustentaram os primeiros sonhos de estar na UFAM.

Aos meus irmãos Auxiliadora, Andreia, André e Alexandre por ajudarem sempre que precisei.

Ao meu tio José Parente, por ser o Prego que não se abate com qualquer martelo.
Às minhas amigas: Maria Abreu, por me ter obrigado a estar aqui; e Neide Fulgolari pelos tantos auxílios.

Ao meu trio BruBraLu – Bruno Lucyanno, Branndow Rafael e Bruna Lucyanna – por terem compreendido minhas ausências e aceitado as minhas escolhas, seguindo comigo.

Aos meus netos – Tiago, Karen, Alice e Clarissi – que meu exemplo seja a minha herança.

Ao meu esposo, Marcelino Pereira de Araújo, pelas inúmeras vezes que compreendeu minhas ausências; pelo incentivo e pela dedicação a mim e a meus sonhos; por aceitar que tudo isso era importante para mim.

Aos informantes por cederem o tempo e mostrarem os segredos de nossa língua.

À Universidade Federal do Amazonas e ao PPGL por oferecerem a oportunidade àqueles que não se deixam vencer.

A meu orientador Orlando da Silva Azevedo por acreditar que era possível; e, aos colegas de trabalho pelo incentivo, em especial, Dra. Grace Bandeira e M.e. Maria Sebastiana de Morais Guedes.

A meu Pai Oxalá, à minha Mãe Oxum e à proteção do guerreiro Ogum e da guerreira Iansã por me livrarem das inóspitas situações, acalmarem minha alma e por me dar a força necessária para ir até o fim.

“Somos poliglotas em nossa própria língua.”
Evanildo Bechara

O todo sem a parte não é todo,
A parte sem o todo não é parte,
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,
Não se diga, que é parte, sendo todo.
Gregório de Matos

RESUMO

Manaus é uma cidade nortista aberta a receber migrantes de diferentes realidades socioculturais a interagir com a realidade local. Nessa interação, a língua não consegue passar incólume, por consequência, em diversas zonas dessa metrópole cosmopolita registram-se variantes linguísticas resultantes da inter-relação entre os falantes. A partir de tais premissas, e considerando os pressupostos teórico-metodológicos da Geolinguística Pluridimensional e da Sociolinguística, o presente estudo acerca da variação morfossintática na Zona Leste de Manaus objetivou mapear as tendências de variação morfossintática da fala na área urbana de Manaus ao: a) descrever os usos morfossintáticos do português falado em Manaus nas dimensões: diatópica, diatópica-cinética, diageracional, diassexual e diafásica; b) identificar quais fatores linguísticos e extralinguísticos dos condicionadores morfossintáticos no falar realizado em Manaus; c) registrar em forma de Cartas Linguísticas, as variantes geolinguísticas morfossintáticas da língua portuguesa falada na área urbana de Manaus quanto às seguintes variáveis dependentes: gênero, pluralização, flexão verbal, sintaxe de concordância, grau dos adjetivos e uso de pronomes; d) estabelecer a norma de uso para a variante morfossintática de cada variável por bairro e por zona. Esta pesquisa de cunho quali-quantitativo enquadra-se em um estudo geossociolinguístico, pela caracterização e descrição de macrotendências no espaço mono, bi, tri e pluridimensional no falar manauara, com dados colhidos *in loco* por meio de Questionário Morfossintático (QMS) aplicados em pontos de sondagem em dois bairros de Manaus. Assim, o estudo a descreve os usos morfossintáticos da língua falada em Manaus, trabalhando tanto no eixo horizontal (diatópico: bairros da zona leste de Manaus; diatópico-cinético: morador antigo e novo) quanto no vertical com duas faixas etárias – 18 a 33 anos e 50 a 65 anos –, sexo e situação de uso da Língua Portuguesa (diageracional, diassexual e diafásica respectivamente), e sinaliza, com a análise da ocorrência de variáveis nos pontos pesquisados, a norma prestigiada na Zona Leste de Manaus. Como arcabouço teórico, está fundamentado em estudos linguísticos, geolinguísticos e sociolinguísticos (CRUZ, 2004; AZEVEDO, 2013; MARGOTTI, 2004; CHAMBERS e TRUDGILL, 1994; CARDOSO, 2010; SAUSSURE (1916 [1995]); CALVET, (2002);

WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006; SAUTCHUK, 2010, entre outros) para as reflexões sobre eixos norteadores da pesquisa: Dialetologia e Sociolinguística; Morfossintaxe e Variação; Língua e Cultura. Como resultado apresenta-se a norma de uso da Zona Leste de Manaus no que tange: i) à flexão verbal: o uso do subjuntivo ao ser substituído por formas do indicativo; a flexão de formas irregulares segue o paradigma das formas regulares ou é substituída por formas alternativas; ii) à flexão nominal: de número pode ser influenciada por fatores fonológicos; a flexão de gênero dos nomes é influenciada pelo determinante do nome ou por fatores extralinguísticos, como o sexo do ser; e, iii) à concordância nominal ou verbal: tendem à pluralização de um único constituinte, sendo ora o determinante ora o núcleo. Os resultados deste estudo poderão servir para compreender a fala presente entre os manauaras, bem como utilizar, conforme o meio social em que esteja inserido ou a intenção comunicativa, a variante mais adequada, evitando, com isso, casos de preconceito linguístico.

Palavras-Chave: Dialetologia. Geossociolinguística. Morfossintaxe. Variação linguística. Cidade de Manaus.

ABSTRACT

Manaus is a northern city open to receiving migrants from different socio-cultural realities interacting with local reality. In this interaction, the language can not pass unscathed, consequently, in several areas of this cosmopolitan metropolis are registered linguistic variants resulting from the interrelation between the speakers. Based on these assumptions, and considering the theoretical and methodological assumptions of Pluridimensional Geolinguistics and Sociolinguistics, the present study about the morphosyntactic variation in the East Zone of Manaus aimed to map the trends of morphosyntactic variation of speech in the urban area of Manaus by: a) to describe the morphosyntactic uses of the Portuguese spoken in Manaus in the diatopic, diatopic-kinetic, diagenerational, diassexual and diaphasic dimensions; b) identify linguistic and extralinguistic factors of the morphosyntactic conditioners in the speech held in Manaus; c) to record in the form of Language Letters, the morphosyntactic geolinguistic variants of the Portuguese language spoken in the urban area of Manaus for the following dependent variables: gender, pluralization, verbal inflection, concordance syntax, degree of adjectives and use of pronouns; d) establish the use rule for the morphosyntactic variant of each variable by neighborhood and zone. This qualitative-quantitative research is based on a geossociolinguistic study, by the characterization and description of macro trends in the mono, bi, tri and multidimensional spaces in the Manuara language, with data collected in loco through a Morphosyntactic Questionnaire (QMS) applied in points in two districts of Manaus. Thus, the study describes the morphosyntactic uses of the language spoken in Manaus, working on the horizontal axis (diatopic: neighborhoods of the eastern zone of Manaus, diatopoietic kinetics: old and new inhabitant) and vertical with two age groups - 18 to 33 years and 50 to 65 years -, sex and situation of use of the Portuguese language (diagenerational, diassexual and diaphasic respectively), and indicates, with the analysis of the occurrence of variables in the points surveyed, the prestigious norm in the East Zone of Manaus. As a theoretical framework, it is based on linguistic, geolinguistic and sociolinguistic studies (CRUZ, 2004, AZEVEDO, 2013, MARGOTTI, 2004, CHAMBERS and TRUDGILL, 1994, CARDOSO, 2010, SAUSSURE (1916 [1995]), CALVET, (2002); WEINREICH, LABOV and HERZOG, 2006; SAUTCHUK,

2010, among others) for the reflections on the guiding axes of the research: Dialetologia e Sociolinguística; Morphosyntax and Variation; Language and Culture. As a result, the standard of use of the East Zone of Manaus is presented: i) to verbal inflection: the use of the subjunctive when being replaced by forms of the indicative; the bending of irregular shapes follows the paradigm of regular forms or is replaced by alternative forms; ii) nominal bending: number can be influenced by phonological factors; the gender bending of names is influenced by the determinant of the name or by extralinguistic factors, such as the sex of being; and, iii) nominal or verbal agreement: tend to pluralize a single constituent, and now the determinant is the nucleus. The results of this study may serve to understand the present speech among the manauaras, as well as to use, according to the social environment in which it is inserted or the communicative intention, the most adequate variant, thus avoiding cases of linguistic prejudice.

Keywords: Dialecology. Geosociolinguistics. Morfossintaxe. Linguistic variation. City of Manaus.

LISTA DE CARTAS MORFOSSINTÁTICAS

Carta Morfossintática 1 - QMS 01 Variável A -FLEXÃO VERBAL:3ª Conjugação 136
Carta Morfossintática 2 - QMS 02 Variável A- FLEXÃO VERBAL: 3ª Conjugação 137
Carta Morfossintática 3 – QMS 03 Variável B - verbos terminados em –*iar* 138
Carta Morfossintática 4 - QMS 04 Variável B - Verbos terminados em –iar.....139
Carta Morfossintática 5 - QMS 05 Variável B - verbos terminados em -iar 140
Carta Morfossintática 6 - QMS 06 Variável C - Uso do futuro do pretérito.....141
Carta Morfossintática 7 - QMS 07 Variável D - Uso do modo subjuntivo: ser 143
Carta Morfossintática 8 - QMS 08 Variável D - Uso do modo subjuntivo: saber 144
Carta Morfossintática 9 - QMS 08 Variável D - Uso do modo subjuntivo: pôr 145
Carta Morfossintática 10 - QMS 08 Variável D - Uso do modo subjuntivo: trazer 146
Carta Morfossintática 11 - QMS 08 Variável D - Uso do modo subjuntivo: vir 147
Carta Morfossintática 12 - QMS 08 Variável D - Uso do modo subjuntivo: entrar.....148
Carta Morfossintática 13 - QMS 08 Variável D - Uso do modo subjuntivo: trazer 149
Carta Morfossintática 14 - QMS 08 Variável D - Uso do modo subjuntivo: pôr 150
Carta Morfossintática 15 - QMS 08 Variável D - Uso do modo subjuntivo: vir 151
Carta Morfossintática 16 - QMS 08 Variável D - Uso do modo subjuntivo: saber 152
Carta Morfossintática 17 - QMS 08 Variável D - Uso do modo subjuntivo: dizer 153
Carta Morfossintática 18 - QMS 09 Variável E – Uso de faz ou fazem 154
Carta Morfossintática 19 - QMS 10 Variável F – Uso do verbo haver - impessoal.....155
Carta Morfossintática 20 - QMS 11 Variável F – Uso do verbo haver - impessoal.....156
Carta Morfossintática 21 - QMS 11 Variável F – Uso do verbo haver impessoal.....157
Carta Morfossintática 22 -QMS 12 Variável G–Presente do indicativo (P1): fechar.....159
Carta Morfossintática 23 -QMS 12 Variável G - Presente do indicativo (P1): peneirar .160
Carta Morfossintática 24 - QMS 12 Variável G – Presente do indicativo (P1) poupar ..161
Carta Morfossintática 25 - QMS 12 Variável G – Presente do indicativo (P1): montar .162
Carta Morfossintática 26 - QMS 12 Variável G – Presente do indicativo (P1): suar.....163
Carta Morfossintática 27 - QMS 12 Variável G – Presente do indicativo (P1): rir 164
Carta Morfossintática 28 - QMS 12 Variável G – Presente do indicativo (P1): ouvir.....165
Carta Morfossintática 29 - QMS 12 Variável G – Presente do indicativo (P1): caber....166
Carta Morfossintática 30 -QMS 12 Variável G–Presente do indicativo(P1): ajoelhar-se.....167
Carta Morfossintática 31 - QMS 13 Variável G – Presente do indicativo (P3): viver 168
Carta Morfossintática 32 - QMS 13 Variável G – Presente do indicativo (P3): resistir ..169

Carta Morfossintática 33 - QMS 13 Variável G – Presente do indicativo (P3): enxaguar....170
Carta Morfossintática 34 - QMS 13 Variável G – Presente do indicativo (P3): derrubar.....171
Carta Morfossintática 35 QMS 13 Variável G – Presente do indicativo (P3): alumiar...172
Carta Morfossintática 36 -QMS 14 Variável H–Pret. perfeito do indicativo P1: estar....174
Carta Morfossintática 37 - QMS 14 - Variável H – Pret. Perf. do indicativo P1: caber ..175
Carta Morfossintática 38 - QMS 14 Variável H – Pret. perfeito do indicativo P1: poder 176
Carta Morfossintática 39 - QMS 14 Variável H – Pretérito perfeito do indicativo P1: saber 177
Carta Morfossintática 40 - QMS 14 Variável H – Pretérito perfeito do indicativo P1: trazer 178
Carta Morfossintática 41 - QMS 14 Variável H – Pretérito perfeito do indicativo P1: pôr.... 179
Carta Morfossintática 42 - QMS 14 Variável H – Pretérito perfeito do indicativo P1: dar.... 180
Carta Morfossintática 43 - QMS 15 Variável H – Pretérito perfeito do indicativo P4: ficar .. 181
Carta Morfossintática 44 - QMS 15 Variável H – Pretérito perfeito do indicativo P4: caber 182
Carta Morfossintática 45 - QMS 15 Variável H – Pretérito perfeito do indicativo P4: saber 183
Carta Morfossintática 46 - QMS 15 Variável H – Pretérito perfeito do indicativo P4: pôr.... 184
Carta Morfossintática 47 - QMS 15 Variável H – Pret. perfeito do indicativo P4: chegar.... 185
Carta Morfossintática 48 - QMS 15 Variável H – Pret. Perf. do indicativo P4: encontrar-se186
Carta Morfossintática 49 - QMS 16 Variável I – Uso do gerúndio.....187
Carta Morfossintática 50 - QMS 16 Variável I – Uso do gerúndio.....188
Carta Morfossintática 51 - QMS 16 Variável I – Uso do gerúndio.....189
Carta Morfossintática 52 - QMS Variável 17 J – Uso do artigo.....190
Carta Morfossintática 53 - QMS 18 Variável J – Uso do Artigo.....191
Carta Morfossintática 54 - QMS 18 Variável J – Uso do Artigo.....192
Carta Morfossintática 55 - QMS Variável 19 K – Flexão de gênero: alface 194
Carta Morfossintática 57 - QMS 21 Variável K – Flexão de gênero: guaraná.....196
Carta Morfossintática 58 - QMS 22 Variável K – Flexão de gênero: cal 197
Carta Morfossintática 59 - QMS 23 Variável K – Flexão de gênero: chefe 198
Carta Morfossintática 60 - QMS 24 Variável K – Flexão de gênero: presidente 199
Carta Morfossintática 61 - QMS 25 Variável K – Flexão de gênero: ladrão 200
Carta Morfossintática 62 - QMS 26 Variável K – Flexão de gênero: indivíduo.....201
Carta Morfossintática 63 - QMS 27 Variável K – Flexão de gênero: sujeito.....202
Carta Morfossintática 64 – QMS 28 Variável K – Flexão de gênero: monstro 203
Carta Morfossintática 65 - QMS 29 Variável K – Flexão de gênero: matrinxã 204
Carta Morfossintática 66 - QMS 29 Variável K – Flexão de gênero: alface 205
Carta Morfossintática 67 - QMS 29 Variável K – Flexão de gênero: alfinete 206

Carta Morfossintática 68 - QMS 29 Variável K – Flexão de gênero: cal 207
Carta Morfossintática 69 - QMS 29 Variável K – Flexão de gênero: curimatã 208
Carta Morfossintático 70 - QMS 29 Variável K – Flexão de gênero: dó 209
Carta Morfossintático 71 - QMS 29 Variável K – Flexão de gênero: saca-rolhas.....210
Carta Morfossintática 72 - QMS 29 Variável K – Flexão de gênero: tapa 211
Carta Morfossintática 73 - QMS 29 Variável K – Flexão de gênero: gilete 212
Carta Morfossintática 74 - QMS 29 Variável K – Flexão de gênero: chinelo.....213
Carta Morfossintática 75 - QMS 30 Variável K – Flexão de gênero: alemão 214
Carta Morfossintática 77 - QMS 30 Variável K – Flexão de gênero: ladrão 216
Carta Morfossintática 78 - QMS 30 Variável K – Flexão de gênero: soldado 217
Carta Morfossintática 79 - QMS 30 Variável K – Flexão de gênero: caixa.....218
Carta Morfossintática 80 - QMS 30 Variável K – Flexão de gênero: oficial de justiça...219
Carta Morfossintática 81 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos: lápis 221
Carta Morfossintática 82 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos: jornal.....222
Carta Morfossintática 83 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos: mês.....223
Carta Morfossintática 84 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos: degrau 224
Carta Morfossintática 85 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos: flor.....225
Carta Morfossintática 86 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos: anel.....226
Cartas Morfossintáticas 87 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos: gol 227
Cartas Morfossintáticas 88 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos: botão 228
Carta Morfossintática 89 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos: leão.....229
Carta Morfossintática 90 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos: porco.....230
Carta Morfossintática 91 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos: irmão.....231
Carta Morfossintática 92 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos: benção.....232
Carta Morfossintática 93 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos: cidadão 233
CartaMorfossintática 94 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos em SN: Uma pequena casa 234
Carta Morfossintática 95 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos em SN: uma pequena casa bonita.....235
Carta Morfossintática 96 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos em SN: um tijolo bonito 236
Carta Morfossintática 97 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos em SN: um pão gostoso 237

Carta Morfossintática 98 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos em SN: um olho verde-claro 238
Carta Morfossintática 99 - QMS 32 Variável L – Plural dos substantivos em SN: 1 degrau/10 239
Carta Morfossintática 100 -QMS 33 Variável L–Plural dos substantivos: gol lindo 240
Carta Morfossintática 101 - QMS 34 Variável L – Plural dos substantivos: 1 pão / 8... 241
Carta Morfossintática 102 - QMS 35 Variável L – Plural dos substantivos em SN: O cravo é uma flor linda. E as rosas?..... 242
Carta Morfossintática 103 - QMS 36 Variável M – Flexão de grau dos adjetivos..... 243
Carta Morfossintática 104 - QMS 37 Variável M – Flexão de grau dos adjetivos..... 244
Carta Morfossintática 105 - QMS 38 Variável M – Flexão de grau dos adjetivos..... 245
Carta Morfossintática 106 - QMS 39 Variável M – Flexão de grau dos adjetivos..... 246
Carta Morfossintática 107 - QMS 40 Variável N – Uso dos numerais..... 247
Carta Morfossintática 108 - QMS 41 Variável N – Uso dos numerais..... 248
Carta Morfossintática 109 - QMS 42 Variável O – Uso das formas de tratamento 249
Carta Morfossintática 110 - QMS 42 Variável O – Uso das formas de tratamento 250
Carta Morfossintática 111 - QMS 42 Variável O – Uso das formas de tratamento 251
Carta Morfossintática 112 - QMS 42 Variável O – Uso das formas de tratamento 252
Carta Morfossintática 113 - QMS 42 Variável O – Uso das formas de tratamento 253
Carta Morfossintática 114 - QMS 42 Variável O – Uso das formas de tratamento 254
Carta Morfossintática 115 - QMS 42 Variável O – Uso das formas de tratamento 255
Carta Morfossintática 116 - QMS 44 Variável P – Uso dos pronomes pessoais..... 256
Carta Morfossintática 117 - QMS 45 Variável P – Uso dos pronomes pessoais..... 257
Carta Morfossintática 118 - QMS 45 Variável P – Uso dos pronomes pessoais..... 258
Carta Morfossintática 119 - QMS 46 Variável P – Uso dos pronomes pessoais..... 259
Carta Morfossintática 120 - QMS 47 Variável P – Uso dos pronomes pessoais..... 260
Carta Morfossintática 121 - QMS 48 Variável P – Uso dos pronomes pessoais..... 261
Carta Morfossintática 122 - QMS 49 Variável P – Uso dos pronomes pessoais..... 262
Carta Morfossintática 123 - QMS 50 Variável P – Uso dos pronomes pessoais..... 263
Carta Morfossintática 124 - QMS 51 Variável P – Uso dos pronomes pessoais..... 264
Carta Morfossintática 125 - QMS 52 Variável Q – Uso do advérbio 265
Carta Morfossintática 126 - QMS 53 Variável Q – Uso do Advérbio..... 266
Carta Morfossintática 127 - QMS 54 Variável R – Uso das regras de concordância 267
Carta Morfossintática 128 - QMS 54 Variável R – Uso de regras de concordância..... 268

Carta Morfossintática 129 - QMS 54 Variável R – Uso de regras de concordância.....269
Carta Morfossintática 130 - QMS 54 Variável R – Uso de regras de concordância.....270
Carta Morfossintática 131 - QMS 54 Variável R – Uso de regras de concordância.....271
Carta Morfossintática 132 - QMS 54 R – Uso de regras de concordância.....272
Carta Morfossintática 133 - QMS 55 Variável R -Uso de regras de concordância.....273
Carta Morfossintática 134 - QMS 6 Variável R -Uso de regras de concordância.....274
Carta Morfossintática 135 - QMS 56 Variável R – Uso de regra de concordância.....275
Carta Morfossintática 136 - QMS 57 Variável R – Uso de regras de concordância.....276
Carta Morfossintática 137 - QMS 58 Variável R – Uso de regras de concordância.....277

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Mapa linguístico do Alto e Médio Rio Negro 28
Mapa 2 - Situação dos Atlas linguísticos pelo Brasil 77
Mapa 3 - Densidade populacional de Manaus..... 101
Mapa 4 - Divisão da população manauara por zonas administrativas 102
Mapa 5 - Zonas de Manaus 103
Mapa 6 - Setores e bairros de Manaus..... 104
Mapa 7 - Zona Leste: Coroado e São José..... 108
Mapa 8 - Bairro do Coroado – área, limites e circunvizinhança..... 110
Mapa 9 - Bairro de São José Operário – área, limites e circunvizinhança..... 112

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -Estudos dialetológicos no Amazonas..... 81
Quadro 2 - Zonas Urbanas, setores e bairros de Manaus..... 104
Quadro 3 - Perfil do informante..... 118
Quadro 4 - Discurso livre: fala dirigida a uma autoridade comparada a fala corrente – Ponto 1 - Coroado..... 130
Quadro 5 - Discurso livre: fala dirigida a uma autoridade comparada a fala corrente – São José Operário..... 132

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Continuum dos registros ou níveis de linguagem 65
Figura 2 - Monografias, Dissertações e Teses – Dados morfossintáticos do ALiB ...78
Figura 3 - Tema Morfossintaxe em pesquisas - dados do ALiB 79
Figura 4 - População residente em Manaus, Censo 2010. 95
Figura 5 - Evolução da densidade populacional: Manaus pós-ciclos econômicos 98
Figura 6 - Mostra de tabela de compilação dos dados.....121
Figura 7 - Modelo de tabulação dos dados: eixo diatópico.....121
Figura 8 - Modelo de gráfico para registro dos dados.....122
Figura 9 - Distribuição dos dados nas cartas 124
Figura 10 - Infográfico para a leitura das cartas.....124

MAPA BASE DA DISSERTAÇÃO

Questionário	Variação morfossintática na Zona Leste de Manaus	N° da carta

Zona Leste

LEGENDA

GRÁFICO

M1F1E1	**H1F1E1**
M2F1E2	**H2F1E2**
M3F2E1	**H3F2E1**
M4F2E2	**H4F2E2**

Alcione Alves de Oliveira de Araújo 2018

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 23
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: CONVERSA AO RAIAR DO DIA(LETOLÓGICO)...26
2.1 Uma perspectiva geossociolinguística: as línguas que se encontram..... 27
2.2 Sociolinguística e Dialetologia: avanços na compreensão das variantes dialetais..... 36
***2.2.1 Sociolinguística*..... 47**
***2.2.2 Dialetologia e a Geolinguística Pluridimensional*..... 50**
2.2.2.1 As variáveis dialetológicas pluridimensionais.....54
2.2.2.1.1 A variável diatópica 57
2.2.2.1.2 A variável diacrônica 59
2.2.2.1.3 A variável diastrática 62
2.2.2.1.4 A variável diafásica.....64
2.2.2.1.5 A variável diamésica.....66
2.2.2.1.6 A variável diageracional 69
2.2.2.1.7 A variável diagenérica 70
***2.2.2.2 Estudos dialetológicos: um percurso a considerar*..... 72**
2.2.2.3 Trabalhos dialetológicos realizados no Brasil.....74
2.2.2.4 *Trabalhos dialetológicos realizados no Estado do Amazonas*.....80
2.3 A Norma e a Morfossintaxe..... 86
3 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA: SEJA BEM-VINDO, MANINHO! 93
3.1 Manaus de muitas faces: influências e contribuições em Manaus.....94
***3.1.1 A imigração*.....99**
***3.1.2 População* 101**
***3.1.3 A divisão administrativa* 103**
3.2 Os pontos de inquérito.....106
3.2.1 O bairro do Coroado.....108
3.2.2 O bairro de São José Operário.....111
3.3 Coleta e seleção dos dados 114
3.4 Procedimentos de análise..... 125
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS: QUE TU DISSE, HEIN?.....128
4.1 Flexão verbal..... 135
4.2 Verbos terminados em *-iar* e *-ear* 138

4.3 Futuro do pretérito 141
4.4 Modo subjuntivo 142
4.5 Uso do verbo fazer 154
4.6 Uso do verbo haver 155
4.7 Uso do presente do indicativo 158
4.8 Uso do pretérito perfeito do indicativo 173
4.9 Uso do gerúndio 187
4.10 Uso do artigo 190
4.11 Flexão de gênero 193
4.12 Plural dos substantivos 220
4.13 Flexão de grau dos adjetivos 243
4.14 Uso dos numerais 247
4.15 Uso das formas de tratamento 249
4.16 Uso dos pronomes pessoais 256
4.17 Uso do advérbio 265
4.18 Uso de regras de concordância 267
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 278
REFERÊNCIAS 284
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO MORFOSSINTÁTICO 292
APÊNDICE B - QUADRO DESCRTIVO DO QUESTIONÁRIO 300
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 302
APÊNDICE D – FICHA DO INFORMANTE 303
APÊNDICE E – QUADRO DESCRITIVO DOS INFORMANTES 305
ANEXO - CHAVE DE TRANSCRIÇÃO 310

1 INTRODUÇÃO

A língua se altera e/ou é alterada nos contextos urbanos com mais rapidez que nas zonas rurais. Isso se deve ao fato de, para as grandes cidades, convergirem, devido à urbanização e às migrações, grupos de falantes com suas variedades linguísticas que passam a coexistir com a variedade local, a qual não é assimilada, mas adaptada pelo novo morador. Dessa forma, a língua vai se modificando "pela fala, pelo uso individual; transforma-se através dos tempos porque os falantes introduzem inovações" (BORBA, 1998, p. 47).

Nesse contexto, a escolha de Manaus como *locus* de pesquisa justifica-se por ser ela constante alvo de processo migratório. Para a capital amazonense, convergem pessoas dos quatro pontos do país e das mais longínquas comunidades da Amazônia, e o manauara convive, assim, com diferentes falares. Essas variantes linguísticas vão se infiltrando aos poucos entre os que aqui residem desde o nascimento, e, ao mesmo tempo, os moradores antigos influenciam no modo de falar dos novos habitantes, quando demonstram o preconceito e/ou a não aceitação do falar do novo morador.

Com tal cenário, começa-se a discutir o que seria certo, errado ou aceitável na fala coloquial ou culta no centro urbano de Manaus ou as características geossociais dos falantes: idade, sexo, local de residência, grau de escolaridade, origem. Essas discussões permeiam os resultados desta pesquisa. Traçar um perfil morfossintático do falar manauara é delinear a construção da própria identidade dos que aqui residem, ao propiciar a análise do quanto os naturais de Manaus influenciaram na fala dos que a escolheram para morar e vice-versa.

As reflexões acerca de dialetos e discussões quanto aos usos morfossintáticos de formas e expressões coloquiais entre falantes do Estado do Amazonas motiva a pesquisa dialetal. O estudo dialetológico vem se ampliando e ganhando adeptos no Amazonas, tanto na graduação quanto na Pós-Graduação, restritos em sua maioria a municípios do interior e a campos lexicais ou fonológicos; no que tange especificamente à capital Manaus pode-se citar a pesquisa de Shanay Freire Berçot-Rodrigues (2014) sobre "A realização da fricativa glotal na fala manauara", de natureza fonético-fonológica.

Nesse contexto, o projeto inicial desta pesquisa propôs o estudo das variações morfossintáticas nesse centro urbano, descrevendo o falar daqueles que residem em uma área específica da capital desde o nascimento e os que se mudaram para lá, seja de origem manauara ou não.

Para realizar o estudo à luz da Geolinguística Pluridimensional e Sociolinguística da Variação, foram feitas entrevistas em dois bairros de Manaus com oito 8 informantes em cada um, com o intuito de ampliar os dados registrados no Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e no Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM) por meio da aplicação do Questionário Morfossintático (QMS).

O texto final da dissertação apresenta três seções e as considerações finais, bem como as referências e apêndices. Cada parte traça o percurso para a compreensão da variação morfossintática como fruto das relações socioculturais e ambientais. A Parte I, intitulada *Conversa ao raiar do Dia(letológico),* está dividida em três eixos, a saber: i) Geossociolinguística; ii) Sociolinguística e Dialetologia; iii) Norma e Morfossintaxe, os quais objetivam apresentar as palavras norteadoras do fazer pesquisa em Dialetologia para esta pesquisa. A Parte II, *Fundamentação Metodológica: Seja bem-vindo, maninho!,* está dividida em: i) Manaus; ii) bairros de inquérito; iii) coleta e seleção de dados; e, iv) procedimentos de análise, para apresentar o centro urbano como espaço de trocas linguísticas e a relevância dos contatos linguísticos na ocorrência das variantes dialetais, partindo-se dos aspectos históricos, geográficos e socioculturais de Manaus e dos pontos de inquérito, além de descrever o processo de coleta e seleção de dados e os procedimentos de análise. A Parte 3, *Apresentação e Análise dos dados: Que tu disse, hein?,* está dividida em dezoito variáveis objeto da pesquisa, ilustradas com as Cartas Morfossintáticas e descrição do tratamento dos dados morfossintáticos coletados à luz das variáveis extralinguísticas consideradas nos estudos geossociolinguísticos.

Os resultados deste estudo, e por tratar-se de um estudo, apresentam a análise da hipótese de que a estrutura morfossintática, usada pelo falante manauara, adequa-se ao funcionamento efetivo da língua por meio de variantes do dialeto padrão ou do socioleto representativo do falante. Tal análise não será dada como conclusiva, uma vez que o número de informantes (dezesseis) e a área delimitada (Zona Leste de Manaus), apesar de relevantes, não contemplam o todo; para tanto, seria

necessária a elaboração de um atlas completo para que o perfil da capital fosse delineado de forma mais substancial. Afirma-se, de antemão, que este estudo poderá nortear a compreensão da fala praticada em Manaus em nível morfossintático, e viabilizar ao falante escolhas conscientes da variante mais adequada a utilizar, conforme o meio social em que esteja inserido e/ou a intenção comunicativa, evitando, com isso, casos de preconceito linguístico.

O objetivo geral da pesquisa é mapear as tendências de variação morfossintática da fala na área urbana de Manaus. Para atingi-lo propôs-se: a) descrever os usos morfossintáticos nas dimensões: diatópica, diatópica-cinética, diageracional, diassexual e diafásica; b) identificar fatores linguísticos e extralinguísticos dos condicionadores morfossintáticos; c) registrar, em forma de Cartas Linguísticas, as variantes morfossintáticas da língua portuguesa falada na área urbana de Manaus quanto às seguintes variáveis dependentes: flexão de gênero e número nos nomes, flexão verbal, sintaxe de concordância, grau dos adjetivos e uso de pronomes; e, d) estabelecer a norma de uso para a variante morfossintática de cada variável por bairro e por zona.

O estudo sobre a “Variação morfossintática na zona leste de Manaus: um estudo geossociolinguístico” concentra-se na descrição do português falado no Brasil, a exemplo do que vem sendo realizado por pesquisadores em todo o país cujos estudos culminam em Atlas regionais e/ou locais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: CONVERSA AO RAIAR DO DIA(LETOLÓGICO)

Neste capítulo, é apresentada a fundamentação teórica dividida em três secções e suas subseções: I) *Uma perspectiva geossociolinguística: as línguas que se encontram*, com o objetivo de discorrer acerca das modificações da língua como consequência das interações culturais; II) *Sociolinguística e Dialetologia*: *avanços na compreensão das variantes dialetais,* seção na qual se apresentam os caminhos que as duas vertentes traçam para explicar as variantes, bem como a constituição do método de pesquisa dialetológica e o apoio que recebe do método da Sociolinguística; as subsecções discorrem sobre: a) *Sociolinguística,* breve apresentação da teoria da Variação e da Mudança Linguística e o resumo dos estudos acerca da variação linguística nessa área de conhecimento e suas interações com a geolinguística, b) *Dialetologia e Geolinguística Pluridimensional,* descrição do histórico da área e de seu método de pesquisa, com conceito e exemplos das variáveis dialetológicas que levaram a Dialetologia de um estudo mono para pluridimensional bem como a aplicação dessa perspectiva de análise, possibilitando o estudo de variantes particularizadoras da língua e não somente suas grandes mudanças; c) em *Estudos Dialetológicos: um percurso a considerar*, traça-se a linha de tempo dos estudos dialetológicos no Brasil e no Estado do Amazonas com a publicação do atlas nacional e de atlas regionais e locais, bem como trabalhos de pesquisadores da atualidade; e, III) *A Norma e a Morfossintaxe*: apresentação de conceitos, tipos e características do tema ainda em ampla discussão no Brasil, alinhando-o aos principais conceitos morfossintáticos que direcionam o estudo.

As bases teóricas do estudo partem do princípio de que a língua influencia e é influenciada pelas relações sociais e pelo ambiente em que se insere o falante. Para tanto, a fundamentação teórica foi construída com base em estudos e pesquisas do campo da Linguística, especificamente da Dialetologia e da Sociolinguística apresentados, principalmente, por Chambers e Trudgill (1994); Margotti (2004), Thun (2009), Cardoso (2004), Azevedo (2013). Além desses, os tratados de Saussure e seu *Curso de Linguística Geral (1916[1995])* e Edward Sapir no ensaio Língua e Ambiente (1969) permitiram analisar a influência do ambiente na variação da língua. Leite e Callou (2002), em *Como falam os brasileiros,* constituem também objeto de consulta

face ao destaque que as autoras atribuem ao falar urbano de referência, bem como as concepções de Labov (2008), Calvet (2002) ao tratar da Sociolinguística Urbana e da relevância da cidade na formação de uma língua diferenciada.

2.1 Uma perspectiva geossociolinguística: as línguas que se encontram

Estudar sistematicamente a diversidade de usos da língua e preocupar-se com as evidências quanto a diferenças dialetais possuem espaço na história do homem sob diferentes aspectos. Nesse sentido, um povo se conscientiza de seu idioma, como identidade sociocultural, pela comparação com outros idiomas.

Fatos constatados, instrumento político de luta, descrição de línguas e ciência, a partir do século XIX, em suma, é a evolução registrada para o surgimento da Linguística Geográfica, posteriormente Dialetologia, como segmento externo de estudo das línguas (SAUSSURE, 1995, p. 221). Essa área da linguística centraliza-se no uso oral ou escrito pelo falante quanto: à diversidade em um dado espaço ou grupo social; às diferenças linguísticas quando se passa de um país para outro, de uma localidade para outra ou de uma classe social para outra; ou, às divergências no tempo e no espaço.

Segundo Saussure (1995 [1916], p. 222), “a diversidade geográfica foi a primeira comprovação feita em Linguística; ela determinou a forma inicial da pesquisa científica em matéria de língua, inclusive entre os gregos”. O primeiro método ou método primário é o da analogia – uma tendência natural dos falantes ao comparar os idiomas – a observação científica detecta parentesco entre dois ou mais idiomas ou as famílias de língua as quais podem ser muito antigas. “O parentesco universal das línguas não é provável, mas se fosse verdadeiro [...] não poderia ser provado, devido ao excessivo número de mudanças” (SAUSSURE, 1995[1916] p. 223), sobre tal afirmação pode-se contestar Saussure ao se considerar os estudos dos comparatistas, os quais comprovaram haver uma protolíngua.

Ainda assim, da mesma afirmativa saussuriana depreende-se haver duas diversidades a serem observadas: a absoluta e a de parentesco. Na análise daquela, há expectativas incalculáveis no que tange à descoberta de dados fônicos e psíquicos, no interior dos quais toda língua deve se constituir; quanto à análise desta, a

diversidade dentro das famílias de língua é campo limitado de comparação com matrizes próprias ou semelhantes entre si. Saussure esclarece que

> Dois idiomas podem diferir em todos os graus; assemelharem-se espantosamente, como zenda e o sânscrito; ou parecerem inteiramente dissemelhantes, como o sânscrito e o irlandês; todos os matizes intermediários são possíveis: assim o grego e o latim estão mais perto um do outro que respectivamente o sânscrito etc. Os idiomas que divergem entre si somente em pequeno grau são chamados *dialetos;* contudo, não se deve dar a esse termo um sentido rigorosamente exato; [...] existem entre os dialetos e as línguas uma diferença de quantidade, não de natureza. (SAUSSURE, 1995 [1916]. p. 223. Grifo do autor).

Os escritos saussurianos também apontam duas complicações para a diversidade geográfica: a coexistência de várias línguas em um mesmo ponto e a influência da língua literária em um idioma local.

A primeira diz respeito à convivência em um mesmo território entre dois idiomas, lado a lado e sem se confundirem, ocorrendo, talvez, por usurpação linguística – quando a língua de uma nova população se superpõe à população indígena/nativa – mas sem se mesclarem de forma absoluta, havendo a repartição territorial entre elas, fato ocorrido no Brasil e ainda presente em municípios do Amazonas como São Gabriel da Cachoeira, onde etnias indígenas compartilham o mesmo espaço mantendo uma língua nativa (MAPA 1).

Mapa 1 Mapa linguístico do Alto e Médio Rio Negro

Fonte: https://pib.socioambiental.org/pt/povo/etnias-do-rio-negro/1524

Por segunda complicação, Saussure aponta a destruição da unidade linguística como resultado do avanço da noção de civilização, por meio do qual um

idioma natural sofre influência de uma língua literária – não somente a língua da literatura, como também, em sentido geral, toda espécie de língua culta, oficial ou não, ao serviço da comunidade inteira – como registrado no processo pelo qual passam as crianças ao serem escolarizadas.

Observa-se, com isso, que, se as concepções de evolução da língua tivessem por base unicamente as concepções de Saussure (1996, p. 226-227), a língua, caso fosse abandonada a si mesma, conheceria apenas dialetos, nenhum dos quais se imporia aos demais, pelo que ela está destinada a um fracionamento indefinido. Mas, com o desenvolvimento da civilização e o consequente aumento das comunicações,

> [...] escolhe-se por uma espécie de convenção tácita, um dos dialetos existentes para dele fazer o veículo de tudo quanto interesse à nação no seu conjunto. Os motivos de tal escolha são diversos: umas vezes dá-se preferência ao dialeto da região onde a civilização é a mais avançada, outras ao da província que tem a hegemonia política e onde está sediado o poder central; outras, é uma corte que impõe seu falar à nação. (op. cit., p. 226).

Por assim dizer, não há como negar o papel ativo do falante para o ato da fala, ainda assim a língua, enquanto sistema, é um todo socialmente convencionado dotado de *continua* dialetais sem o qual a própria fala não se materializa plenamente ou torna-se acessível a todos os falantes da mesma língua. Seguir apenas um dos dialetos é, de uma certa forma, aculturar-se. Neto (1960, p. 18-21) afirma ser a interferência linguística uma forma sutil e ao mesmo tempo complexa de aculturação manifestada pela imposição, por meio da literatura, do dialeto usado por um grupo humano dominante seja pelo desenvolvimento tecnológico seja pelo *status* social ou político.

Em relação à noção de dialeto, Couto (2007) aponta os gregos como os primeiros a formularem estudos sobre o tema. Para esse autor, o termo surgiu na Grécia Antiga e é entendido como norma unificada, mediante a força unificadora da escrita e da centralização do poder e da cultura em Atenas (COUTO, 2007, p. 322). Nesse contexto de escolhas, de imposições, de prestígio e de estigmatização linguística, ainda está na língua a forma primária de identidade sociocultural de um povo. Cardoso (2010, p. 28) apresenta os primeiros registros de identificação sociocultural pelo idioma cujas variações mostram que “atitudes extralinguísticas[1]

[1] Sobre os elementos que compõem a atitude, Lambert, citado por Moreno Fernandez (1998, p. 182), registra que a atitude se constitui de três componentes colocados no mesmo nível: o saber ou crença

denunciam ora uma preocupação de cunho diatópico, ora o sentimento da variação atrelada à diversidade sociocultural".

Essas atitudes encontram-se registradas na Bíblia (Gênesis 11, 1; 11, 9; e Livro do Juízes 12, 5-6) ao tratar da criação do mundo e dos efeitos da Torre de Babel quanto ao registro de confusão da linguagem, bem como do uso de uma variante fonológica: chibólet~sibólet [ʃi'bɔlɛt]~[si'bɔlɛt] como fator de distinção de dois grupos sociais – gaaladitas e efraimitas. Na Espanha do século XVII, os mouros, andaluzes valencianos e povos litorâneos eram identificados pela pronúncia da palavra *cebolla* (/θe'boλa/~/se'boλa/). Entre os romanos, a pronúncia variante de vogais longas em breves nas apresentações teatrais era recebida com muitas vaias, posto que essa variante era denunciadora da classe social e, aos poucos, contribuiu para a mudança linguística, perfeitamente efetivada em línguas descendentes do Latim. (CARDOSO, 2010, p. 27-28).

As situações descritas comprovam, historicamente, não haver como manter uma língua unificada quando variáveis socioeconômicas, entre elas contatos entre populações vizinhas, contaminações culturais ou mudanças nas modalidades de subsistência, tendem a aproximar e/ou a distanciar membros de comunidades linguísticas, gerando por muitas vezes novas comunidades com seus dialetos. Os dialetos ao se encontrarem revelam as atitudes do falante ao mesmo tempo em que trazem consequências para a língua em seu todo. O dialeto modifica-se e modifica a língua, mas sem uma ruptura aparente, como uma das consequências dos contatos ou contínuos socioletais e/ou geoletais, por meio das muitas influências resultantes das interações culturais a que estão sujeitados os falantes em seu ato comunicativo (CARDOSO, 2010, p. 28-29)

Nesse sentido, se não foi possível manter a língua unificada em sua totalidade em tempos remotos – devido, provavelmente, a quatro fatores, a saber: i) as populações eram menores; ii) as gerações se sucediam com mais frequência; iii) não havia o ensino sistemático de uma variante; iv) a comunicação entre regiões era rara e demorada –, nos tempos atuais quando todos coexistem em comunidades

---

(componente cognoscitivo); a valoração (componente afetivo); e a conduta (componente conativo), o que significa dizer que a atitude linguística de um indivíduo é o resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, afetos e tendências a comportar-se de uma forma determinada diante de uma língua ou de uma situação sociolinguística.

linguísticas constantemente alvo dos fatores extralinguísticos supracitados é e/ou será quase impossível, quando a internet e a mídia televisiva e radiofônica estão em quase todos os lares.

Embora se reconheça um cenário de intensa migração no qual seria possível supor o país como uma verdadeira Babel; tem-se, para o Brasil, a Língua Portuguesa como o idioma oficial. Esse idioma registra uma variante falada, a que foi nomeada de "Língua Brasileira"[2], por meio da qual se pesquisa a ocorrência de variantes na fala do brasileiro, seja no campo fonológico, seja no morfossintático ou (e principalmente) semântico. Por se tratar de variantes, compreensão mútua entre línguas em suas variações, ou seja, dialetos[3], idioletos e socioletos entre grupos de falantes, não afeta significativamente a comunicação e ainda permite aos novos habitantes coexistência com o dialeto local e a adaptação a ele. Como resultado da interação e da adaptação, haverá uma nova "expressão verbal"

> [...] pela apropriação dos lugares por meio da língua, com um acento posto sobre a análise do discurso e, mais recentemente, sobre uma abordagem interdisciplinar, especialmente em relação com a geografia social. Essa abordagem, (...) baseia-se na ideia de que o espaço não é um dado, mas uma construção social, que a ação humana tem uma dimensão espacial e que os discursos sobre a cidade modificam a percepção do real urbano, que eles acabam por se tornarem a cidade. (CALVET, 2002, p. 55).

Com tantos grupos coexistindo nesse espaço urbano e partindo-se do princípio de que o espaço é construção social, recorre-se à antropologia para definir e explicitar o processo de adaptação dos grupos. Sapir (1969, p. 43-44) salienta a relevância, mas não a unilateralidade do ambiente sobre os indivíduos, fruto de inúmeras forças sociais interagindo para constituir-lhe a cultura. O ambiente influi diretamente sobre o indivíduo, cujas mudanças culturais dele originárias se solidificam por meio de forças sociais. Quando Sapir afirma que uma influência ambiental consolida-se pelas forças sociais, permite inferir, no caso das cidades, que os

---

[2] Um conjunto de fatores desencadeados nos anos de 1970 e 1980 favoreceu a eclosão do movimento científico de que resultou esta *gramática do português culto falado no Brasil:* a expansão dos cursos de pós-graduação em Linguística, o surgimento dos projetos coletivos de pesquisa e a insistência de vários linguistas para que passássemos a dispor de gramáticas descritivas que refletissem o uso brasileiro da língua portuguesa (JUBRAN, APRESENTAÇÃO DE CASTILHO, 2015, p. 09).

[3] Em uma linguagem cotidiana um dialeto é uma forma de língua abaixo do padrão, de nível vulgar/popular e às vezes rústica, que geralmente é associada ao campo/camponês, à classe trabalhadora e a outros grupos considerados de prestígio. (*tradução própria a partir de* CHAMBERS Y TRUDGILL, 1994, p.19)

moradores entram em contato com novos elementos de cultura e a eles reagem, modificando-se em sua essência.

Segundo Sapir (1969, p. 43), “há uma forte tendência a atribuir muitos elementos da cultura humana à influência do ambiente em que se acham situados os participantes dessa cultura [...]”; no entanto, de fato, o que se tem é a influência sobre a pessoa e, quando ocorre uma ação sobre a coletividade, é necessário entendê-la como a soma de processos ambientais distintos sobre os indivíduos, fruto de uma reação em cadeia iniciada por um sujeito que tem influências sobre os demais. Embora não se negue que nas sociedades, de fato, ocorra uma ação do ambiente, esta se consolida mediante forças sociais.

O ambiente físico, por conseguinte, soma-se ao social na constituição de uma língua. Assim sendo, é factível afirmar que elementos da cultura tenham origem em forças sociais, primariamente, e em influências ambientais de natureza física, secundariamente. Isso posto, a língua – complexo de símbolos refletindo todo o quadro físico[4] e o social[5] de um grupo– terá influência do ambiente físico à medida em que este seja alterado/modificado pelas forças sociais em seu léxico, seu sistema fonético e sua forma gramatical (morfologia e sintaxe). No entanto, deve-se considerar que a influência sobre o léxico é muito mais perceptível e frequente que sobre os dois outros pontos, tal fato justifica-se porque as mudanças culturais e mudanças linguísticas não ocorrem “ao longo de linhas paralelas e, portanto, não tendem a se manter numa relação causal íntima.” (SAPIR, 1969, p. 59).

Quanto ao léxico, têm-se, em seu complexo inventário, todas as ideias, interesses e ocupações do ambiente físico de uma comunidade linguística, abarcando as características culturais. Um exemplo a ser citado, quanto ao Estado do Amazonas, onde a presença da intensa e variada flora permite a criação de signos linguísticos, está na subcategorização de frutas como a banana em: banana-nanica, banana-da-terra, banana-pacovã, banana-grande, banana-prata, banana-baié. Ou, ao nomear os

---

[4] [...] por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo (SAPIR, 1969, p. 44).

[5] [...] se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte (SAPIR, 1969, p. 44).

fluxos de água que compõem a imensa bacia hidrográfica: igarapé, canal, braço de rio, chavascal, rio. Ou mesmo aos muitos nomes da farinha de mandioca: d'água, uarini, ovinha, branca, amarela entre outros nomes.

Em relação ao sistema fonético, há uma dependência remota de fatores ambientais de origem fisiológica, visto que possui um desenvolvimento quase mecânico. No campo fonético, pode-se citar como exemplo de influência socioambiental de grupos étnicos na prosódia do falar amazonense, enquanto os moradores da capital falam em um ritmo mais pausado, os interioranos tendem a um falar mais rápido e rústico com o alçamento das vogais médias.

Por fim, esclarece-se o ponto forma gramatical como constituidor de influência intercultural, haja vista casos tanto de semelhanças ou não em processos morfológicos formais entre línguas vizinhas. Nesse ponto, no Estado do Amazonas, encontram-se diferenças significativas na derivação prefixal: os interioranos tendem a acrescentar o morfe [a-] há alguns verbos, sendo comum formas arcaicas como *avoar*, *ajuntar* e, por analogia ou junção da preposição, *anadar*, *alotar*.

A complexidade cultural, acima descrita, como resultado das influências socioambientais a que estão sujeitados todos os indivíduos, está mais perceptível nos centros urbanos e contribui para a complexidade linguística nesse espaço. Tal complexidade exemplifica-se nas formas de expressão da língua por meio de dialetos, idioletos e socioletos como forma de expressão da linguagem em comunidades linguísticas. Segundo Cardoso

> O espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história. (CARDOSO, 2010, p. 15).

Por assim dizer, regata-se a premissa linguística de que "todo homem é igual em sua capacidade linguística", não "existindo variante boa ou má, língua rica ou língua pobre, dialeto superior ou inferior" (LEITE e CALLOU, 2002, p. 8). No entanto, os estudos acerca da linguagem e da língua a partir dos usos efetivos que possibilitam a categorização da identidade e a diferenciação entre comunidades – as variantes, bem como a partir, também, do próprio indivíduo em seu grupo, classe, geração,

escolaridade/cultura, sexo, nacionalidade e naturalidade – variável extralinguística, ao mesmo tempo em que identifica o falante como de dado grupo, estigmatiza-o.

Essa relação intrínseca foi objeto de análise por parte de Matoso Câmara Jr. em conferência sobre Língua e Cultura (s/d, p. 56), ao afirmar que “não cabe ao linguista definir a cultura”; porém não é possível deixar de reconhecer que a língua, como elemento cultural possui individualidade que deve ser estudada em si mesma, de forma autônoma oposta ao resto da cultura, é explicada pela cultura e explicativa da mesma, sendo ao mesmo tempo uma estrutura cultural modelo independente de outras manifestações culturais, mas reveladora do contato do falante com essas manifestações de cultura ao longo de sua vida, ou seja, o falante mostra ao ouvinte por meio da fala o quanto e o que estudou, leu, viajou, seu uso/contato com as mídias etc. O autor afirma ainda que há três problemas fundamentais na relação língua e cultura:

> 1) genético: em que medida a cultura determinou a forma interna da língua ou, vice-versa, a forma interna determinou a cultura? (há indicações de que houve em regra os dois fatos e que a forma interna da língua e a cultura global a desenvolveram paralelamente); 2) funcional: em que medida a forma interna num momento dado é realmente espelho da cultura global a que a língua serve? (em regra há retardamento da forma interna em face da cultura, o que os norte-americanos chamam *linguistic lag*); 3) ontológico: em que medida uma dada forma interna de língua impõe o desenvolvimento da cultura ou, vice-versa, uma dada cultura impõe o desenvolvimento da forma interna da língua? (CÂMARA JR. S/d, p. 56).

Para este estudo, o primeiro problema mencionado serviu de norte, visto que se buscou a análise das referências, inter-relações e interações culturais influenciadoras na fala manauara. A língua, de certa forma, é um instrumento de comunicação entre os membros de uma sociedade e, por isso, depende de toda a cultura local, por expressá-la a todo momento, sendo parte do todo que se destaca por si mesma.

Assim, finda-se por questionar: “Afinal o que seria a língua?” Serão apresentadas apenas três definições das muitas possíveis e das encontradas ligadas à própria história da Linguística: i) para o estruturalismo; ii) para o funcionalismo; iii) para a enunciação.

Saussure (1995 [1916], 15-17) a definiu como objeto da linguística, sendo ela, ao mesmo tempo, um sistema de valores que se opõem uns aos outros e um conjunto de convenções necessárias adotadas por uma comunidade linguística para se

comunicar. Ela está depositada como produto social na mente de cada falante de uma comunidade, que não a cria nem a modifica. A partir desta definição a língua seria um todo homogêneo, no entanto, como já foi afirmado, na prática não existe essa ideia de língua homogênea.

Para o funcionalismo, segundo Martelotta e Kenedy (2015, p. 14-18), a língua não é o instrumento de comunicação dotado de autonomia, mas sim resultado de situações comunicativas que direcionam sua estrutura gramatical maleável em face a pressões oriundas de diferentes situações na materialização do discurso cotidiano. Trata-se também de um meio para a representação da visão de mundo dos sujeitos ao representar o que pensa o enunciador e ser compreensível ao interlocutor. Os funcionalistas argumentam "que a estrutura da língua reflete, de algum modo, a estrutura da experiência. [...] a estrutura linguística revela as propriedades da conceitualização humana do mundo ou das propriedades da mente humana". (CUNHA; COSTA; CEZÁRIO, 2015, p. 22).

A língua, "como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso", é vista por Benveniste, a partir da capacidade metalinguística que ela tem em se transpor em signo, como "instrumento próprio para descrever, para conceitualizar, para interpretar tanto a natureza quanto a experiência", ou seja, a sociedade, "(...) somente a língua torna possível a sociedade. A língua constitui o que mantém juntos os homens, o fundamento de todas as relações que por seu turno fundamentam a sociedade." (BENVENISTE, 1989, p. 63).

Ao analisar os aspectos morfossintáticos da língua falada, essas concepções precisarão ser consideradas, uma vez que a Língua, como convenção, fundamentará o olhar para os dados primários (Língua Padrão – ponto de partida) e, como sistema orgânico de signos delimitados em suas relações de uso, permitirá a identificação das variantes, fator essencial neste estudo, posto que

> Como instrumento de interação social, a língua pode assumir várias modalidades. Uma delas, e talvez a mais importante, é a *língua nacional* [...]. Nesse contexto será lícito perguntar qual é o papel da língua na organização e na preservação da sociedade, ou qual é a sua função no planejamento educacional ou, então, em que medida a língua, como veículo do pensamento, servirá de meio para uma *tomada de consciência* da realidade circundante e para as opções que, a cada um, pareça lícito fazer. (BORBA, 1998, p. 50, grifo do autor).

A escolha de conceitos para língua a partir dessas três bases teóricas – saussuriana, hallidayana e benevistiana – corrobora para este estudo por relacionar **sistema** de valores sociais a ela atribuído no **contexto linguístico** e em **situação extralinguística**. Independente do foco escolhido – ao todo ou ao discurso, a forma ou a função, ao individual ou coletivo –, salienta-se a **estrutura**, a **função** e a **expressão** na sociedade e na sua identificação como grupo sociocultural unificado que a utiliza como instrumento de comunicação. Sendo, portanto, um código para a comunicação coletiva a refletir a cultura do grupo que o utiliza ou a propiciar a interação entre grupos sociais, cuja abstração é o sistema e o seu uso, a fala; unidos por uma norma a ser seguida.

Nesse sentido, é importante a compreensão das variantes dialetais que coexistem e se correlacionam dentro de dados grupos linguísticos socialmente interativos. Na próxima unidade desta fundamentação, serão descritas duas áreas da Linguística que orientam tal compreensão: a dialetologia e a sociolinguística. Ambas trilham pesquisas em separado, mas se complementam na percepção das causas de variantes dialetais.

2.2 Sociolinguística e Dialetologia: avanços na compreensão das variantes dialetais

Este estudo tem salientado o quanto a língua é um objeto de pesquisa com *corpus* significativo a ser analisado; sua dinamicidade e heterogeneidade constituem áreas profícuas para análise e estudo. Ao longo da história da Linguística, algumas áreas específicas vêm construindo o conhecimento acerca da língua e suas manifestações, seja pela análise, seja pela descrição de fatos que a envolvam.

Por assim dizer, infere-se que o estudo da linguagem humana, a partir da observação e interpretação dos atos linguísticos em interação com a cultura inerente ao falante realizado pela Linguística, tem propiciado inúmeras teorias acerca do “depreender os princípios fundamentais que regem a organização e o funcionamento da faculdade da linguagem entre os homens” (CÂMARA JR, 2002, p. 159). A Linguística é uma complexa ciência empírica que surge no século XIX, com objeto, objetivo e método rigoroso para a descrição sincrônica ou diacrônica de uma língua

como sistema da linguagem (MARTELOTTA, 2010; WEEDWOOD, 2002; SAUSSURE, 1995 [1916]; MUSSALIM e BENTES, 2009; PETTER, 2014; PIETROFORTE, 2014).

A complexidade da Linguística é registrada ao agregar a seus estudos os seguintes princípios: antropológicos – refere-se ao homem e sua cultura; biofísicos – a enunciação vocal é biologicamente articulada pelo aparelho fonador e apreendida pelo aparelho auditivo; sociológicos – refere-se ao homem e sua condição social; psicológicos – refere-se à apreensão cognitiva da língua. Isso posto, a linguística considera que

> Todas as línguas e todas as variedades de uma mesma língua são igualmente apropriadas ao estudo, uma vez que interessa ao linguista a construção de uma teoria geral sobre a linguagem humana. Cabe ao pesquisador descrever com objetividade o modo como as pessoas realmente usam a sua língua, falando ou escrevendo, sem atribuir às formas linguísticas qualquer julgamento de valor, como certo ou errado. (CUNHA; COSTA; MARTELOTTA, 2010, p. 21).

Nesse sentido, os falantes de uma comunidade linguística ao expressarem, por meio da língua, em sua fala e/ou escrita, as suas próprias peculiaridades ou características sociais, regionais e/ou culturais, fazem uso do dialeto, ou seja, da variedade de uma mesma língua, a parte heterogênea do sistema macro. Conforme Coseriu (1982, p. 11), a diferença entre língua e dialeto é uma questão de status histórico:

> Um dialeto, sem deixar de ser intrinsecamente uma língua, se considera subordinado a outra língua, de ordem superior. Ou, dizendo-se de outra maneira: o termo dialeto, enquanto oposto a língua, designa uma língua menor incluída em uma língua maior, que é, justamente, uma língua histórica (ou idioma). (COSERIU, 1982, p.11).

Labov apresenta outro ponto de análise para a sinonímia variedade da língua e dialeto ao afirmar que

> O uso do termo “dialeto” nas discussões sobre a variabilidade dos julgamentos é difícil justificar. Não se oferece nenhuma prova das diferenças em dois conjuntos sistemáticos de regras usados por dois grupos de falantes; o que observamos são diferenças individuais de opinião sobre pontos isolados. [...] Na busca de um objeto homogêneo que se adapte às exigências e suposições do modelo saussuriano, os linguistas gradualmente restringiram seu foco a segmentos de língua cada vez menores. (LABOV, 2008, p. 225).

Entende-se a necessidade de distinguir variedade de dialeto. Para tanto, recorre-se Chambers e Trudgill (1994, p. 22) para quem *variedade* é termo neutro aplicável a qualquer classe particular de língua entendida como entidade individual, como, por exemplo, o português brasileiro, o português de Portugal; em contrapartida o *dialeto* "refere-se às variedades que são diferentes de um ponto de vista gramatical (e talvez lexical), bem como fonológica de outras variedades."[6] (CHAMBERS; TRUDGILL, p. 22).

Ainda para os autores, os dialetos não possuiriam um ponto de ruptura bem definido, mas resultariam de *continuum* geoletais ou *continuum* socioletais. Naqueles, os dialetos falados em áreas rurais, por exemplo, apresentariam diferenças linguísticas variantes, porém cumulativas e, em seus extremos geográficos, podem não ser compreensíveis, mas estarão sempre conectados em uma cadeia de compreensão mútua; nestes, o contexto estilístico do falante determinaria a modalidade de variante dialetal a ser aplicada não se podendo considerar a língua como entidade bem definida ou bem separada. Com isso, é importante considerar a noção de *continuum dialetal,* o qual

> [...] talvez seja difícil de entender, porque, [...], estamos acostumados a pensar nas variedades linguísticas como entidades distintas, mas o fato de *continua* existirem acentua a legitimidade do uso de rótulos *ad hoc* para variedades. Como temos *continua* dialetais, a maneira pela qual nós dividimos e classificamos fragmentos particulares de um *continuum* pode ser, de um ponto de vista puramente linguístico e arbitrário. […] (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 24, tradução nossa).[7]

Assim, como já afirmado, uma variante dialetal tem em suas causas a heterogeneidade pertinente a toda e qualquer língua. A noção de uma língua homogênea está ainda muito forte quando se fala em uma modalidade escrita, posto que a escrita é regida mais abertamente por uma gramática prescritiva, e mesmo ela, com os avanços dos estudos de gênero textual no campo da Linguística Textual, já

---

[6] Tradução nossa a partir de "se refiere a las variedades que son diferentes desde un punto de vista gramatical (y quizás léxico) además de fonológico de otras variedades".

[7] Tradução nossa a partir de: […] es quizá algo difícil de entender porque, […], estamos acostumbrados a pensar em las variedades lingüísticas como entidades discretas, pero el hecho de que tales *continua* existan acentúa la legitimidad de usar de modo *ad hoc* etiquetas para las variedades. Puesto que tenemos *continua* dialectales, el modo en que dividimos y clasificamos fragmentos particulares de un *continuum* puede ser a menudo, desde un punto de vista puramente lingüístico, arbitrario. […]

perdeu força, uma vez que o formal e o informal são escolhidos conforme o objetivo, a intenção, o suporte e o interlocutor do texto. Segundo Azevedo (2013)

> Em algum momento da história, as línguas sofreram variação em suas estruturas, de forma que foram se distanciando de suas origens. Uma das causas da variação apontada por Pinker (2004, p. 307) é o fato de os homens migrarem para outras localidades distantes em busca de novas terras e alimentos, e lá vão mudando o que falam. Com novos referentes surgindo, houve a necessidade de nomeá-los. Como as pessoas migram de um lugar para outro, é natural que a variação dialetal transcenda os limites político-administrativos de um país, estado, município ou região. (AZEVEDO, 2013, p. 81).

Labov (2008) atribui à variação a principal causa para a mudança linguística somada à difusão, à propagação da mudança e a sua própria regularidade. A variação geradora da mudança fixa-se pela recorrência e prestígio adquirido na comunidade que a gerou a partir de uma ou mais palavras na fala de um ou mais indivíduos por meio da interação do sistema de características fisiopsicológicas com processos linguísticos de assimilação ou dissimilação, analogia, empréstimo, fusão, contaminação entre outros. O mesmo autor considera ainda que

> [...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (LABOV, 2008, p. 21)

Nesse contexto, as variantes dialetais têm gerado *corpus* de pesquisa profícuos e infindáveis na Dialetologia e na Sociolinguística. Esses *corpora* há tempos constituem objetos de análises linguísticas acerca da língua cotejando fenômenos da mudança linguística através do tempo com a linguística diacrônica, ou apresentando semelhanças ao comparar línguas indo-europeias (CARDOSO,2010; MOLLICA; BRAGA, 2010; ALKIMIM, 2011).

Além disso, apresenta dados descritivos da língua na realidade social em que funciona entre os grupos humanos que a usam como instrumento de comunicação e expressão do pensar com a linguística sincrônica. Ao descrever, considera-se relevante a fundamentação de dados no uso atual: fonemas, formas, léxico, construções vocabular e frasal. Outra contribuição importante da Dialetologia e da Sociolinguística na atualidade está na diversificação da língua no espaço em que ocorre, na camada social, no suporte de funcionamento e na intenção estilística do

falante, constituindo dialetos os quais são mutuamente inteligíveis (CARDOSO,2010; MOLLICA; BRAGA, 2010; ALKIMIM, 2011).

É importante salientar que ao longo da história dos estudos linguísticos, a noção ou definição de língua e seus processos de mudança se adequam ao objeto de estudo dos teóricos.

Nesse sentido, a concepção como dialetos mutuamente inteligíveis remonta a duas outras discussões contraditórias, mas complementares: noção naturalista proposta pelos histórico-comparatistas e a noção subjetivista proposta pelos neogramáticos. Faraco (2009) afirma que, nos postulados do biólogo Schleicher, atribui-se à língua um caráter metafísico e um processo bioquímico que se desenvolve no falante, não sendo resultado de sua subjetividade ou de suas relações socioculturais, mas determinante delas. Câmara Jr. (1975) esclarece os pressupostos de Schleicher

> De acordo com Schleicher, cada língua é o produto da ação de um complexo de substâncias naturais no cérebro e no aparelho fonador. Estudar uma língua é, portanto, uma abordagem indireta a este complexo de matérias. Desta maneira, foi ele levado a adiantar que a diversidade das línguas depende da diversidade dos cérebros e órgãos fonadores dos homens, de acordo com as suas raças. E associou a língua à raça de maneira indissolúvel. Advogou que a língua é o critério mais adequado para se proceder à classificação racial da humanidade. (CÂMARA JR., 1975, p. 51 apud ALKMIM, 2011, p. 22).

Schleicher, a partir do evolucionismo darwiniano, [...] “formulou uma concepção que tomava a língua como um organismo vivo, com existência própria independente de seus falantes, sendo sua história vista como uma ‘história natural’” [...] (FARACO, 2009, p. 33). Em contrapartida, segundo Faraco (2009), os neogramáticos Osthoff e Brugmann trazem uma concepção psicológica e subjetiva para a noção de língua: “existe no indivíduo e as mudanças se originam nele”. Faraco sugere que Hermann Paul (1880) considerava a língua “como uma estrutura homogênea” cuja mudança é originada no processo de aquisição da língua, e o objeto a ser investigado partiria do uso linguístico da língua, o idioleto.

Por si só as ideias neogramáticas acerca da língua já se colocam em oposição velada. Se a língua é homogênea, e o idioleto é o objeto de análise, abre-se a discussão de como seria possível postular um *corpus* representativo para estudar um

dado dialeto. Nas palavras de Paul, os estudos da mudança linguística – a língua em uso – ultrapassam a observação primária dos fatos, devendo

> [...] expor o mais universalmente possível às condições de vida da língua, traçando assim de uma maneira geral as linhas fundamentais duma teoria da evolução da mesma, cujos resultados deveriam ser aplicáveis a todas as línguas. (PAUL, 1880, p. 17 apud FARACO, 2009, p. 36).

Nessa mesma linha conceitual, Whitney (1979), em sua concepção de língua, valorizava o falante – agente social – e sua atuação sobre os processos linguísticos por meio de signos arbitrários e convencionais. Para Whitney, a língua é um "produto da vontade dos indivíduos", os quais, de acordo com suas necessidades, adaptariam esse elemento às circunstâncias de uso – um sistema organizado socialmente (WHITNEY, 1979, p. 40-41). Como dialetos mutuamente inteligíveis, a língua torna-se objeto da Dialetologia, a qual preocupa-se em estabelecer o mapeamento, por meio de isoglossas, das tendências de variação recorrentes em uma língua, e o *continuum* dos dialetos estabelecendo os dados para o que é homogêneo e o que é heterogêneo na língua.

Para a efetivação do estudo de dados acerca da língua e seus dialetos, o estudo dialetológico, atualmente, com aplicabilidade de seu método geolinguístico, cartografa dados linguísticos: variáveis fonéticas e morfossintáticas, variáveis semântico-lexicais, fraseologias e/ou textos; atitudes linguísticas: crenças, preconceitos, comportamentos, usos linguísticos, percepções e/ou competências; e dados sociológicos. Por sua vez, o estudo sociolinguístico descreve os efeitos de aspectos sociais, como normas culturais, gênero, escolaridade, expectativas e contexto, no uso da linguagem, tendo por objeto a diversidade linguística e suas relações com: a identidade social do falante e/ou do ouvinte; o contexto social; a atitude linguística.

Para a aplicabilidade desses estudos, é importante reiterar que não existe uma língua homogênea, mas sim que "cada falante é, a um tempo, usuário e agente modificador de sua língua, nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara" (BRANDÃO, 1991 apud AZEVEDO, 2013, p. 81)" e que "a cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada. E deve ser sistematizada". (TARALLO, 2001, p. 06).

Acerca da concepção de língua como sistema homogêneo ou heterogêneo, Labov (2008, p. 217-219) analisa dicotomias apresentadas por Saussure e Chomsky. Esse autor apresenta o paradoxo saussuriano *langue/parole* em comparação a *competência/desempenho* chomskyniana. O aspecto social, ou homogêneo, refere-se ao conhecimento inerente de uma estrutura da língua, como um sistema virtual presente no cérebro humano, o qual por si só deveria contribuir para obtenção de dados sobre a *langue* a partir de qualquer indivíduo; o aspecto individual, ou heterogêneo da língua, refere-se à investigação da *parole,* cujos dados, por sua vez, são obtidos pelo comportamento no momento de uso da língua, na análise de seu contexto social.

Labov pondera que a dicotomia chomskyniana *competência* (conhecimento abstrato da língua) / *desempenho* (seleção e execução das regras da língua), não estuda a concepção de língua como um *corpus* fechado em si mesmo, tal como Saussure; mas sim, para Chomsky, os dados de estudos advém da análise das intuições do falante acerca da língua e seus julgamentos quanto a gramaticalidade e sinonímia ou não de frases.

Por assim dizer, teoricamente pode-se afirmar que a língua é composta também de um paradoxo: sistema homogêneo / uso heterogêneo; este último é o fator de renovação daquele e, também, fomentador da dinamicidade da língua em uso, falada ou escrita, e, por isso, fornecedor de amplo *corpus* para análise dos linguistas, nele são observadas as variantes e suas variáveis. Aquele primeiro, o sistema homogêneo, é organizado em regras e normas aprendidas e apreendidas em contexto social, nele observam-se as mudanças efetivadas pela gramaticalização[8] das variantes.

Ilustrando essa teoria, pode-se supor que os sete bilhões de pessoas em comunicação diariamente no mundo vão adequando a Língua Oficial na variante Padrão de sua nação, sistematizada em uma Gramática Normativa ou dialeto de prestígio, a conhecimentos e a necessidades próprias, além de adequá-las ao

[8] Gramaticalização é um termo que tem sido usado com vários sentidos. Interessa-nos o sentido em que designa um processo unidirecional segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Um processo em cujo final o elemento linguístico tende a se tornar mais regular e mais previsível, pois sai do nível da criatividade eventual do discurso para penetrar nas restrições da gramática. (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996, P. 24)

ambiente e ao interlocutor de modo a se fazer entender. Nesse sentido, Alkmim corrobora com a hipótese levantada ao afirmar que

> [...], em qualquer comunidade de fala, podemos observar a coexistência de um conjunto de variedade linguísticas. Essa coexistência, entretanto, não se dá no vácuo, mas no contexto das relações sociais estabelecidas pela estrutura sociopolítica de cada comunidade. Na realidade objetiva da vida social, há sempre uma ordenação valorativa das variedades linguísticas em uso, que reflete a hierarquia dos grupos sociais. [...] (ALKMIM, 2011, p. 39).

Ora, a negação da existência de uma língua homogênea coloca em questionamento o modo como se deve falar e põe em debate se cada um escolheria falar como bem entende. Essa discussão leva a outras, entre elas a da possibilidade de serem abolidas as “regras"[9] estabelecidas na Gramática Normativa ou de se apenas ensinar a partir da dicotomia certo/errado para um falar de acordo com a Norma Culta, ou ainda a categorização do falante nativo em níveis de correção entre o melhor e pior uso das normas gramaticais prescritivas.

Tarallo (2001, p. 05) sintetiza esse amplo debate como o “caos” da língua falada ao compará-la a um campo de batalha no qual “duas (ou mais) maneiras de dizer a mesma coisa (...) se enfrentam em um duelo de contemporização, por sua subsistência e coexistência, ou, mais fatalisticamente, em um combate sangrento de morte”, ou mais ainda

> Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exibe sempre variações. Pode-se afirmar mesmo que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea. Isso significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades. Concretamente: o que chamamos de “língua portuguesa” engloba os diferentes modos de falar utilizado pelo conjunto de seus falantes do Brasil, em Portugal, em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Timor etc. (ALKMIM, 2011, p. 33).

Por consequência dessa heterogeneidade e diversidade, mesmo dentro de uma dada nação, reafirma-se: as variações também ocorrem. É possível perceber a distinção entre o falar das diferentes regiões de um país, entre urbano e o rural ou dentro de nichos do urbano ou do rural. O mais importante está em usar a variante que melhor possa expressar o pensar e satisfazer as necessidades de comunicação, já que não se deve esquecer que “a variação é inerente à língua e reflete variações sociais” (WEEDWOOD, 2002, p. 152). Supõe-se, assim, que entender a língua em

[9] Uso da expressão popular para as “normas” estabelecidas na Gramática Normativa.

seu uso social amplia a percepção do falante quanto a suas possibilidades linguísticas, sem restringi-lo a aspectos normatizados e estratificadores. Bourdieu (1990, p. 41 apud CALVET, 2002, p. 94-95) salienta o caráter social da língua e sua inserção nas relações sociais, atribuindo ao discurso *status* de produto, o qual

> [...] não é apenas uma mensagem destinada a ser decifrada; é também um produto que entregamos à apreciação dos outros e cujo valor se definirá na relação com outros produtos mais raros ou mais comuns. O efeito do mercado linguístico (...) não para de se exercer até nas trocas mais comuns da existência cotidiana (...) Instrumento de comunicação, a língua é também sinal exterior de riqueza. (CALVET, 2002, p. 94-95).

Partindo-se dessa análise, percebe-se o quão importante são os estudos dialetais para conhecer efetivamente o cenário das línguas e as nuances linguísticas dos falantes em todas elas. No Brasil, a Dialetologia vem se expandido e possibilitando "descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica" (CARDOSO, 2010, p. 15). Isso porque, como afirma Tarallo:

> Em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação [...] a essas formas em variação dá-se o nome de "variantes". "Variantes linguísticas" são [...] diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de "variável linguística". (TARALLO, 2001, p. 08).

Para que se possa compreender a ocorrência dessas variantes será necessário um estudo dialetológico, uma vez que, antes de pensar em causas para elas, é importante saber reconhecê-las em seu espaço geossocial. A Dialetologia propicia uma análise descritiva e sincrônica da língua para a (re)construção da evolução/mudança diacrônica e os fatores que a levaram a ser alterada.

Na atualidade, como dito anteriormente, o objeto de estudo da Dialetologia também são os dialetos (rurais e urbanos). Os pontos de inquéritos foram expandidos nos centros urbanos. O foco de estudo deixou de ser apenas horizontal e passou a concentrar-se também no eixo vertical, incorporando métodos de pesquisa sociolinguística, uma vez que confronta variantes fonéticas, lexicais, morfológicas, sintáticas e semânticas de acordo com as dimensões sociais (escolaridade, sexo, faixa etária, profissão etc.). A construção ou adoção de um questionário dialetológico exige um criterioso cuidado na escolha dos pontos de inquéritos, para que sejam

analisadas situações já gramaticalizadas pelos falantes e não incorreções comuns em virtude da falta de escolaridade. Nesse sentido, argumenta-se que

> As variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão vs não-padrão; conservadoras vs inovadora; de prestigio vs estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade. (TARALLO, 2001, p.11-12).

Para os estudos dialetológicos, reitera-se a língua como elemento social heterogêneo a qual expande-se, transmuta-se ou traveste-se no uso diário, possuindo, assim, múltiplas realidades. Em consequência dessa heterogeneidade, é possível, dentro de uma mesma microrregião, o falante não conseguir identificar o falar de seu conterrâneo de uma geração para outra, de uma classe social para outra, ou até mesmo, de uma zona geográfica para outra, mesmo o Brasil tendo por língua oficial a Língua Portuguesa, a qual é ensinada em quase a totalidade das escolas brasileiras.

Nesse sentido, não se pode negar a ocorrência da variação linguística em todas as línguas do mundo, posto que elas mudam. Assim, é factível observar a coexistência de formas diferentes para diferentes funções. Tais formas e funções são traços linguísticos disponíveis aos falantes para melhor realizar seu ato comunicativo, a variável. Com isso torna-se fundamental explicar a diferença entre variação, variante e variável linguística. Labov (1976) segmenta, em linha gerais, a variação em três etapas:

> Pode-se considerar que o processo de variação linguística se desenrola em três etapas. Na origem, a mudança se reduz a uma variação, entre milhares de outras, no discurso de algumas pessoas. Depois ela se *propaga* e passa a ser adotada por tantos falantes que doravante se opõe frontalmente à antiga forma. Por fim, ela *se realiza* e alcança a regularidade pela eliminação das formas rivais. (LABOV, 1976, p. 190 apud CALVET, 2002, p. 77. Grifos do autor).

A variação geradora da mudança registra-se na língua, segundo Calvet (2002, p. 80), pela variável como “conjunto constituído pelos diferentes modos de realizar a mesma coisa (um fonema, um signo...), ou seja, a função; e pela forma de realização do mesmo traço, a variante”. Ilustrando estes mecanismos, é possível citar forma de concordância do verbo com o pronome relativo “quem” como sujeito de orações adjetivas: para a qual a norma padrão estabelece como correta a flexão em terceira

pessoa, no entanto, observa-se a concordância com o antecedente – regra atribuída ao relativo “que” – o uso coloquial se propagou e já se realiza como aceito em manuais de gramática normativa (TERRA, 2013; BECHARA[10], 2015). Como observado em (1) e (2), exemplos retirados de manuais usados na educação básica, (3) e (4) dados coletados para a pesquisa:

> (1) Foram eles quem encaminhou a proposta ao diretor.
>
> (2) Foram eles quem encaminharam a proposta ao diretor. (TERRA, 2002, p. 313)[11].
>
> (3) O almoço foi eu quem fiz / O almoço foi a Vitória quem fez. (INFORMANTE M3F2E1 – PONTO 1, Dados desta pesquisa, 2018)
>
> (4) A calçada sou eu que faço / A calçada quem faz é meu marido. (M1F1E1 – PONTO 2, Dados desta pesquisa, 2018)

Constata-se que, assim, a variação linguística constitui-se das formas alternativas dentro da língua em um mesmo contexto, para se referir ao mesmo estado de coisas, as variantes, configuradas conforme a variável dependente ou independente que as motive. Campos (2011) corrobora na análise ao afirmar que

> Toda e qualquer regra que motiva o surgimento da variação linguística é determinada por fatores estruturais, isto é, fatores da ordem linguística, também conhecidos por elementos internos, aqueles configurados no próprio sistema linguístico, e/ou por fatores de ordem social, os chamados fatores externos, instituídos na e pela sociedade. (CAMPOS, 2010, p. 37).

As variáveis dependentes são fenômenos linguísticos que apresentam variantes na língua cujo uso não é aleatório, é o fenômeno em variação – bons exemplos são encontrados no site do ALiB, entre eles: plural de grau em Língua Portuguesa, flexão de nomes com vogal temática *“-e*”, ditongo nasal, e palavras derivadas com o sufixo *-ente*, regras de concordância verbal e/ou nominal.

As variáveis independentes são os fatores sociais ou estruturais, internos ou externos à língua, que influenciam de modo a aumentar ou diminuir a frequência de

---

[10] Em nota de rodapé, há a seguinte explicação: “Sobre esta última possibilidade (concordar com o antecedente) comenta Said Ali: ‘A força de combater-se uma concordância que não é mais do que um corolário de um fenômeno de sintaxe histórica portuguesa fundada em sintaxe latina, tem desaparecido da linguagem literária o emprego de *quem* com verbo em 1ª e 2ª pessoa, vigorando todavia a antiga concordância desde que se empregue *que* em lugar de *quem*”.

[11] A escolha por compêndio didático como o de Ernani Terra justifica-se por ser material de uso para o ensino da variante padrão nas escolas de educação básica.

uma variante, condicionando-a aos grupos. No que tange a fatores internos ou externos, Mollica (2010) descreve:

> No conjunto de variáveis internas, encontram-se os fatores de natureza fonomorfossintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais. Eles dizem respeito a características da língua em várias dimensões, levando-se em conta o nível do significante e do significado, bem como os diversos subsistemas de uma língua. No conjunto de variáveis externas à língua, reúnem-se os fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva). Os do primeiro tipo referem-se a traços próprios aos falantes, enquanto os demais a características circunstanciais que ora envolvem o falante, ora o evento da fala. (MOLLICA, 2010, p. 11).

Desde o século XX, estudiosos já buscavam descrever genericamente as variações linguísticas. Com os avanços da Linguística como Ciência da Linguagem, houve a sistematização das análises e estruturação de métodos próprios, principalmente no campo da Dialetologia e da Sociolinguística. No campo da Dialetologia, a variedade, a variante e a variável linguísticas mostram-se como ponto de partida para a pesquisa dialetológica a partir do fator espaço como um dado monodimensional. No campo da Sociolinguística, a diversidade linguística trata a variedade, a variante e a variável a partir do eixo identitário do emissor e do receptor em determinado contexto social ou a partir de atitudes linguísticas do falante/ouvinte.

A fusão dos dois campos criou a geolinguística pluridimensional, método de investigação dialetológico que analisa ao mesmo tempo a variação espacial e a variação social, sendo mais amplo e descritivo para a análise do fenômeno da variação dialetal por considerar, além do fator espaço, os fatores sexo, idade, formação, classe, origem étnica, entre outros.

2.2.1 Sociolinguística

Como subárea da linguística, a Sociolinguística objetiva o estudo da língua em uso, sincrônica, diacrônica e concretamente, ou seja, investiga a mudança linguística resultante do comportamento linguístico dos membros de uma sociedade. Segundo Alkmim (2011), os primeiros estudos sociolinguísticos publicados datam do ano de 1966, quando William Bright escreve o texto introdutório do congresso realizado na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) no ano de 1964. Em seu texto “As dimensões da Sociolinguística”, Brigth define e caracteriza a pesquisa

na área, devendo “demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social. Ou seja, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade” (BRIGTH, 1974 apud ALKMIM, 2011, 28).

Antes disso, vários outros pesquisadores já articulavam a linguagem com aspectos socioculturais, dentre eles citam-se: Hymes, com a Etnografia da Fala, em 1962; Labov, em 1963, aponta fatores sociais como explicação para a variação linguística em seu trabalho sobre a comunidade da Ilha de Martha’s Vineyard; posteriormente, em 1964, Labov também fixa um modelo de descrição dos fenômenos variacionistas, a Teoria da Variação e Mudança. Labov, Hymes e Bright entre outros, fizeram evoluir os estudos da Antropologia Linguística, os quais indissociavam linguagem, cultura e sociedade. Esses estudos foram iniciados com Franz Boas (1911) e seus discípulos Edward Sapir (1921) e Benjamin L. Whorf (1941) e fizeram com que linguistas e antropólogos trabalhassem juntos, tornado a Sociolinguística uma ciência interdisciplinar.

No princípio, os estudos voltavam-se para as minorias linguísticas ou para a investigação do insucesso escolar de grupos sociais menos favorecidos. Posteriormente, outros grupos foram sendo incorporados e a Sociolinguística passou a investigar a variação linguística em uma comunidade linguística, caracterizando o falante a partir de aspectos biopsicossocioculturais. Alkmim explica que

> Pondo de maneira simples e direta, podemos dizer que o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a *comunidade linguística*, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. (ALKMIM, 2011, p. 31).

Por considerar a linguagem um importante elemento social nas pequenas ou grandes comunidades de falantes, esta investigação tem por foco a heterogeneidade das línguas como resultado das influências estruturais e sociais geradoras da variabilidade linguística. Nesse viés, o comportamento linguístico contextualiza como objetos de análise da Sociolinguística o “contato entre as línguas, questões relativas ao surgimento e extinção linguística, multilinguismo, variação e mudança.” (MOLLICA, 2010, p. 10).

Nesse contexto sócio-interacional entre falante e sociedade, o estudo da língua em uso pressupõe a influência de fatores extralinguísticos a serem considerados na ocorrência da variação ou efetivação de mudança linguísticas, tais como: origem geográfica, status socioeconômico, grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho, entre outros.

Para este estudo, interessa a diversificação do sistema no espaço e nas camadas da sociedade geradora da variante dialetal. Com esse fim, buscou-se, na Dialetologia e na Sociolinguística, as concepções para dialeto, variante e variável, de modo a permitir reflexões acerca das inter-relações entre língua e cultura. Os estudos acerca das variantes dialetais, a partir destes dois ramos da linguística, provam que há diferentes falares e diferenças de fala. Tais variantes dialetais estão registradas em todas as línguas do mundo e no Brasil, com suas muitas influências étnicas, não seria diferente.

Nesse contexto, as causas da variação encontram-se na própria dinâmica populacional, na história de contatos étnicos e sociais como propiciadores da pluralidade de falares. Tais causas induzem a avaliar como inócuas a frequente valoração em relação a um falar “certo” em detrimento de um falar “errado”. As variantes, na análise de Leite e Callou (2002), ocorrem independentemente da modalidade de falar – culto ou coloquial –, dentro de cada modalidade haverá a ocorrência de variantes, e a identidade do falante se constrói justamente pela variante recorrente em seu grupo linguístico sem que com isso ele possa vir a pôr em risco a unidade da Língua Portuguesa.

Assim, a Sociolinguística vai além de questões estruturais pertinentes à língua e avança no entendimento de suas variantes ao explicá-las em seu tempo e em seu lugar específicos, trazendo à compreensão dos linguistas e dos próprios falantes a teoria de que uma variante fixa-se na língua ao adquirir prestígio pelo *status* do falante na sociedade em decorrência de um ou de vários dos fatores extralinguísticos citados.

Esses estudos em muito têm contribuído para mostrar que a língua pode ser usada de forma diferente por diferentes falantes e que esses usos não se constituem em “erros”, mas em forma própria de determinados grupos utilizarem a língua e demonstrarem a própria competência linguística. A noção de erro é sociocultural e surge atrelada ao preconceito dos próprios falantes, os quais valoram uma língua

idealizada por uma classe social, na verdade, minoritária em detrimento da língua efetivamente falada pela maioria.

A junção das pesquisas quanto às naturezas interna e externa da variável constitui a base da composição do *corpus* geossociolinguístico. Correlacionando ambas à Dialetologia, em sua vertente pluridimensional, ao estudar as variações condicionadas aos fatores linguísticos e sociais, pleiteando, de modo razoável, segundo Chambers e Trudgill (1994), que os dialetos diferem entre si em qualquer nível significativo de análise linguística ou unidade estrutural. Portanto, é importante considerar o percurso histórico, teórico e metodológico da Dialetologia na história das ciências da Linguagem e as principais perspectivas elencadas para uma pesquisa deste cunho.

2.2.2 Dialetologia e a Geolinguística Pluridimensional

A Dialetologia tem como objeto de estudo a variação dialetal e a geolinguística como método de pesquisa. As pesquisas geolinguísticas voltam-se para o tracejamento de territórios com características linguísticas estáveis, verificadas em inquéritos *in loco*, onde os traços característicos são mapeados para constituir o Atlas Linguístico de uma região ou país. Nos atlas, podem ser identificadas/apontadas as isoglossas cuja delimitação permite visualizar a localização de dialetos com precisão geográfica e independentemente de divisões políticas.

Os primeiros estudos geolinguísticos, segundo Chambers e Trudgill (1994, p. 35-38), para a delimitação ou a descrição da forma dialetal de uma comunidade, ocorreram sistematicamente no século XIX, na Alemanha, onde Georg Wenker, em 1876, realiza o primeiro mapeamento de variantes dialetais escritas. Dez anos depois, na França, Jules Gilliéron elegeu Edmond Edmont como seu pesquisador, dada a sua aguda audição, este percorreu 639 pontos e fez a transcrição e registro de 700 entrevistas. Com isso, Wenker e Gilliéron definem os primeiros parâmetros de pesquisa na Dialetologia por meio do método geolinguístico monodimensional.

O método monodimensional tem no questionário seu instrumento inicial de coleta de dados, e no mapa ou na carta geolinguística o produto final. Nos primórdios da dialetologia o informante escolhido deveria ser: nascido e criado na localidade;

analfabeto ou com pouca escolaridade; pouco viajado ou não ter se afastado da região por mais de um terço de sua idade; de boa dicção; e, com pais ou com cônjuge da mesma região. Tais diretrizes orientam até a atualidade as pesquisas no campo da dialetologia com o acréscimo dos parâmetros da sociolinguística (como idade, sexo, origem étnica etc.) dando origem à Dialetologia Pluridimensional.

A perspectiva pluridimensional, segundo Cardoso (2010), permite à Dialetologia o estudo da diversidade sociocultural tropo-cronológica, principalmente espacial, de uma língua ao identificar, descrever e situar os seus diferentes usos. O espaço geográfico torna-se essencial por agregar particularidades assumidas pela língua de uma região para outra. São quatro os critérios de seleção das localidades: a diversidade cultural; a constituição demográfica da área; a base linguística preexistente; e a interferência de outras línguas.

No que tange à primeira, diversidade cultural, refere-se a variáveis quanto ao gênero, idade, escolaridade, profissão e inserção social a serem controladas e identificadas; a segunda coloca o vazio geográfico como “denunciador de informações as mais diversas e pertinentes para o contexto linguístico, do mesmo modo que o registro de uso” (CARDOSO, 2010, p. 15); quanto à terceira, resgata-se a cronologia dos fatos em seus aspectos diacrônicos e sem desconsiderar o caráter sincrônico, exibindo o percurso em dados e assinalando a linha temporal de uma variante; a quarta particularização salienta a influência de outras línguas na fala atual identificadas por meio do resgate diacrônico.

A escolha criteriosa da localidade constitui-se em roteiros e possiblidades para a interpretação do intra e extralinguístico de uma dada região, principalmente por reconhecer as diferenças e as igualdades a se refletirem na língua e por estabelecer relações entre o efetivamente documentado nela ou a ausência de registro em um espaço e uma realidade prefixados.

A Dialetologia, ao juntar aspectos da sociedade – como origem, sexo, grau de escolaridade –, à análise, por si só, não abarca toda a complexidade do extralinguístico constituído na própria definição do objeto de estudo: a língua. Como instrumento de relações sociais entre povos e membros de uma coletividade, a língua tem em seu bojo fatores externos inerentes ao falante e implicados nos atos de fala. Com isso, características socioculturais, bem como biopsicossociais são vistas como

influenciadoras e tornam-se elementos de investigação nas áreas previamente definidas geograficamente no ponto de vista dialetal. Cardoso afirma que

> A recolha de dados, *in loco,* é feita a informantes cujo perfil deve permitir não só apurar a diferenciação de usos, como também dar destaque às variáveis consideradas relevantes para o objetivo que se visa alcançar com o trabalho. Assim idade, gênero, grau de escolaridade, profissão, inserção social constituem-se variáveis que, na perseguição de aspectos socioculturais a dialetologia busca controlar e identificar. (CARDOSO, 2010, p. 19).

Como resultado, a coleta de dados para os estudos dialetológicos conflui com os sociolinguísticos ao pesquisarem, ambos, a variação e ao manterem sob controle variáveis diversas, "contribuindo para uma visão de dialeto que extirpe preconceitos e seja desprovida de estigmatização." (CARDOSO, 2010, p. 45). Somam-se, aos parâmetros de descrição do informante, já delimitados no passado por Wenker e Gilliéron, variáveis delimitadoras para recolher de "forma sistemática o testemunho de diferentes realidades dialetais refletidas nos espaços considerados" (op.cit. p. 46) ao se incluir observar o extralinguístico reitera-se a relação com a linguística teórica, levando o objeto de estudo da Dialetologia para além da elaboração de mapas ou cartas linguísticas. Sobre isso, Rossi (1984, apud CARDOSO, 2010, p. 46) argumenta que

> [...] equivocadamente batizada 'geografia linguística' nunca foi toda a dialetologia, embora em consequência dela e da sua contribuição à ciência da linguagem ainda hoje linguistas respeitáveis insistam em restringir o âmbito do termo dialeto à diversidade geográfica. Bem pensadas as coisas, nem Gilliéron nem qualquer outro dialetólogo limitou-se à prática do que se conhece por 'geografia linguística' ou justificou que se lhe atribuísse o título de 'geógrafo', assim ou seguido de qualquer adjetivo. (ROSSI, 1984, p. 105 apud CARDOSO, 2010, p. 46).

Com o argumento de Rossi, retoma-se Chambers e Trudgill (1994, p. 37-38) que apontam o surgimento da geografia linguística – "um conjunto de métodos para reunir de forma sistemática os testemunhos de diferenças dialetais"[12] – à necessidade de comprovar ou refutar as hipóteses traçadas pelos neogramáticos para quem, a partir dos pressupostos da Lei de Verner e da Lei Grimm, "as mudanças fonéticas não admitem exceções"[13]. Com isso, tem-se a separação entre o método e a teoria

[12] Tradução nossa a partir de [...] um conjunto de métodos para recopilar de un modo sistemático los testimonios de las diferencias dialectais.
[13] Tradução nossa a partir de: [...] los cambios fonéticos no admitem excepciones

linguística no que concerne à geografia linguística, gerando críticas entre pesquisadores nos dois campos.

No entanto, na atualidade "tem havido uma aproximação, com o reconhecimento de que o estudo da variação linguística é sistematizável e, consequentemente, que o estudo do dialeto é a fonte central de dados sobre a variação"[14] (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 38). Por consequência, o estudo da variação linguística tem sido realizado tanto por teóricos da sociolinguística quanto por dialetologistas. Vale considerar que a Geografia Linguística levou a campo a pesquisa acerca das variações. Seu início está também nas bases para a pesquisa em Sociolinguística enquanto método de estudo *in loco*.

Um outro fator importante está em comparar o antes e o depois da geolinguística: antes as pesquisas eram realizadas em ambiente distante da ocorrência da variante, os estudos eram documentais ou comparativos – como já descrito, Wenker realizou sua pesquisa pelos correios em 1876 e foi Edmond Edmont, vinte anos depois, o primeiro a ouvir e a transcrever os dados coletados; na atualidade, além da coleta de dados acontecer *in loco,* foram acrescidas a observância de fatores "geossociobioculturais"[15] às diretrizes iniciais de perfil do informante, possibilitando a criação dos mapas de distribuição geográfica de traços linguísticos dialetal ou a descrição de falares na composição de gramáticas e glossários regionais.

Os fatores "geossociobioculturais" conseguem colocar o informante como um sujeito singular na pesquisa, mas, ao mesmo tempo abarcando, as características de toda uma comunidade linguística. A seguir serão apresentadas essas características, as variáveis, um conceito e exemplos de situações de ocorrência: diatópica; diacrônica, diastrática; diafásica, diageracional, diagenérica e diamésica. Como dizem Ilari e Basso (2006, p. 152), "essas expressões são à primeira vista estranhas, mas um pouco de etimologia mostrará ao leitor que elas são, no fundo, bastante transparentes". Em linhas gerais, *dia-* é prefixo de origem grega e significa *através de*, a partir desta definição etimológica infere-se que as variáveis, na perspectiva

---

[14] Tradução nossa a partir de [...] ha habido una aproximación, con el reconocimiento de que el estúdio de la variación linguística es sistematizable y, consecuentemente, que el estudio del dialecto es una fuente central de datos sobre la variación.

[15] Expressão que abarca fatores: geográficos (localização espacial); sociais (classe, formação e profissão); biológicos (gênero e idade); e, culturais (valores e atitudes)

dialetológica, fazem-se acontecer através do tempo, do espaço, da classe, da geração, do sexo, do estilo ou do meio.

2.2.2.1 As variáveis dialetológicas pluridimensionais

A história dos estudos dialetais vem demonstrando que a visão diatópica não tem estado desacompanhada da perspectiva social na construção de uma metodologia a ser seguida pela geolinguística pluridimensional. A valoração atribuída a uma ou outra maneira de focalizar a geolinguística tem, porém, recebido pesos diferenciados, conforme o momento, a região, os objetivos do trabalho, levando a que se possa precisar os veios da diatopia e os traços sociolinguísticos.

Nesse sentindo, reafirma-se também a noção de língua como "organismo vivo" (SCHLEICHER, 1950 apud FARACO, 2009, p. 33) e com isso transforma-se em sua própria história, sendo a heterogeneidade e a diversidade características inerentes a todas as línguas. Tarallo (2007, p. 08) aponta tais características como uma das causas da variação e da mudança linguística. A variação por meio das variantes linguísticas atinge as várias camadas do código de um grupo, configurando-se como as diferentes maneiras de que os falantes dispõem para um mesmo conteúdo significativo a ser expresso no ato comunicativo. Está no fenômeno da variação a causa da mudança.

O fenômeno da variação, segundo Tarallo (2007), constitui-se de dois mecanismos distintos de transformação: relação de contemporização e mudança em progresso. O primeiro refere-se à coexistência de formas variantes de igual valor convivendo em um mesmo espaço/tempo linguístico. O segundo refere-se à luta por sobrevivência das variantes com a sobreposição de uma delas; essa luta trava-se com armas distintas e com fatores condicionantes[16], as variáveis, de origem linguística ou não.

Na sobrevivência ou morte de uma variante, há todo um percurso histórico a ser considerado na explicação dos fatores condicionantes, acontecendo de, formas

[16] Coelho et al. (2015, p. 20) afirmam tratar-se de reguladores da língua cujo controle rigoroso avalia o ambiente de ocorrência de uma variante condicionada às escolhas em decorrência de forças de dentro e de fora da língua "que fazem um grupo de pessoas ou um único indivíduo falar da maneira como falam", podendo ser internos ou do sistema da língua*, condicionadores linguísticos*, ou externos ou de natureza social, *condicionadores extralinguísticos*.

estigmatizadas no presente, fixarem-se em definitivo na língua, revelando uma mudança em processo – exemplo: você~cê; tu~você; os pessoal~o pessoal; caso uma forma prevaleça sobre a outra, a mudança se efetiva. O percurso da mudança ao ser reconstruído permite a compreensão da estrutura da língua, posto que, como já afirmado, a estrutura "somente será totalmente entendida à medida que se compreendam efetivamente os processos históricos de sua configuração." (TARALLO, 2007, p. 64).

Para a análise do percurso histórico de uma língua, segundo Margotti (2004), cabe à Dialetologia descrever a diversidade no espaço geográfico, bem como no cronológico e no sociocultural, ampliando os estudos da Sociolinguística e se autoenriquecendo no processo. O mesmo autor se utiliza das distinções apontadas por Coseriu (1982) para delimitar o campo de interesse da Dialetologia em oposição às outras disciplinas da Linguística:

> [...] Coseriu faz uma distinção entre *estrutura* e *arquitetura* da língua. Para ele, a *estrutura* ocorre na *língua funcional* (variedade); a *arquitetura*, ao contrário, na *língua histórica* (feixe de variedades). Compete à gramática (em sentido amplo) descrever as estruturas, ou seja, a língua como sistema funcional; à dialetologia e outras disciplinas, a variação observável na língua histórica. Ainda segundo Coseriu (1982, p. 19), em uma língua histórica há três tipos de diferenças (variantes) internas: diatópicas (diferenças no espaço geográfico), diastráticas (diferenças sócio-culturais) diafásicas (diferenças quanto ao uso, conforme a situação de interação). (MARGOTTI, 2004, p. 79, grifo do autor).

Não se pode negar a influência da variação e da mudança como propiciadoras da evolução da língua. Os dois fenômenos, transpassados pela história, deram à Língua Portuguesa o formato atual do sistema em uso, a partir do Latim ainda não esquecido. A ocorrência de formas variantes entre o Latim Culto e o Latim Vulgar fizeram efetivas as mudanças no decorrer da constituição das línguas românicas e, consequentemente, o Português[17].

Assim, para se conhecer plenamente ambos os fenômenos para a evolução da língua, faz-se necessário apresentar as variáveis controladas pela Dialetologia

[17] Sobre o tema Paul Teyssier afirma: "Os três séculos passados entre a chegada dos germanos à Península (409) e a dos muçulmanos (711) não nos deixaram qualquer documento linguístico. Mas a linha geral da evolução não admite dúvidas. Vê-se acelerar a deriva que transformará o latim imperial em proto-romance, e aparecem certas fronteiras linguísticas. Uma destas fronteiras é a que vai separar os falares ibéricos ocidentais, donde sairá o galego-português, dos falares do Centro da Península, donde sairão o leonês e o castelhano." (TEYSSIER, 2014, p. 13)

Pluridimensional. Ao fazê-lo, percebe-se a estreita relação entre a Dialetologia e a Sociolinguística para o estudo de variantes dialetais, já que há influência da linguística e das ciências sociais na Dialetologia moderna, tendo por consequência a constatação de que todos os dialetos ocorrem em espaços sociais e possuem uma localização espacial. Na concepção de Margotti, essa linha teórica

> [...] segue a perspectiva da dialetologia pluridimensional e relacional, a qual busca constituir uma ciência da variação linguística que corrija as deficiências da geolingüística tradicional e acrescente à sociolinguística uma importância maior ao valor do espaço no debate sobre a variação: "o conceito das interpelações no espaço." (MARGOTTI, 2004, p. 23).

Chambers e Trudgill (1994, p. 82-83) salientam a relevância de a Dialetologia pesquisar os dialetos urbanos de modo a contemplar formas variantes no falar da maioria da população urbana, sendo elas menos conservadoras. Para este estudo, o centrar-se no dialeto urbano contempla também a fusão ou a interação dos moradores de longa data e os que chegam para fixar moradia, sendo fundamental observar a variação social e a variação espacial, entendendo os dialetos em uma perspectiva vertical e não apenas horizontal. Radtke e Thun (1996 apud MONGUILHOTT, 2009, p. 60-61) criticam o afastamento da Dialetologia e da Geolinguística da realidade, quando em sua forma monodimensional, por não abranger a totalidade da dinâmica das línguas na modernidade das cidades, da mobilidade populacional, dos meios de comunicação, sendo superadas em estudos nesses campos pela Sociolinguística, pela Pragmática e pela Psicolinguística, tornando-se disciplinas obsoletas. Sobre tal afastamento Monguilhott complementa com a relevância da inserção de estudos pluridimensionais à Dialetologia assim:

> Desta forma, a dialetologia passa a transitar em novos caminhos, apoiando-se em novos parâmetros, métodos e meios técnicos, combinando, assim, o parâmetro diatópico, com os seguintes parâmetros: diastrático (referente aos diferentes estratos sociais, podendo ser nível socioeconômico, nível de escolaridade), diageracional (referente à idade), diassexual (referente ao sexo masculino e feminino), diafásico (referente aos diferentes estilos de fala), diarreferencial (referente à atitude do falante em relação à língua). No que tange à dimensão diatópica, costuma-se subdividi-la em topostática, que se refere ao controle dos falantes com pouca mobilidade, aqueles que nascem, vivem e trabalham no mesmo local, e em topodinâmica, controle de falantes com certo grau de mobilidade. (MONGUILHOTT, 2009, p. 61).

Conquanto a mudança seja "em grande parte resultado das relações sócio-políticas e ideológicas que se estabelecem dentro da comunidade de fala (relações

de poder e de prestígio, posição social, orientação cultural do falante etc.)" (MARGOTTI, 2004, p. 97), deve-se considerar que o tratamento das variáveis linguísticas, a partir de diferentes eixos em geossociolinguística, trouxe duas verdades apontadas por Cardoso (2010)

> [...] não há novidade, pois os fatos considerados foram percebidos desde os primórdios dos estudos dialetais, e os primeiros dialetólogos tiveram sensibilidade para tais aspectos; há novidade, sim, porque o enfoque que essas variáveis recebem e o tratamento a que são submetidas apresentam uma roupagem nova, diferenciada e revestida de atualidade. (CARDOSO, 2010, p. 45).

Nesse sentido, serão descritos os parâmetros que compõem os eixos horizontal e vertical para os estudos geossociolinguísticos, conforme espaço, tempo, classe, formação, gênero, idade, estilo de ocorrência.

2.2.2.1.1 A variável diatópica

A variável diatópica é essencialmente dialetológica, refere-se às diferenças observadas entre espaços geográficos quanto à modalidade de uso de uma língua pelo confronto presença/ausência de traços linguísticos numa mesma região, estado ou em países diferentes. Os primeiros estudos dialetológicos eram voltados para a descrição dos falares rurais por serem considerados mais conservadores. No entanto, tal ênfase omitia uma grande quantidade de dados linguísticos, posto que a maioria das áreas urbanas abrigam um número expressivo da população de um país, província ou estado. Atualmente, à variável diatópica, somam-se outras dimensões permitindo a análise sincrônica da língua por meio do estudo dos dialetos urbanos e sociais.

Alkmim (2011, p. 34-36) relaciona a variação diatópica a traços linguísticos observáveis entre falantes de origem geográfica distinta e distribuídas em um determinado espaço físico. Cita como exemplos a diferença do falar português e o falar brasileiro nos planos: lexical – combóio~trem, puto~adolescente, verniz~esmalte; fonético – pronúncia aberta/fechada da vogal tônica – prémio~prêmio, António~Antônio; gramatical – derivações diversas de uma raiz comum – ficheiro~fichário, bolseiro~bolsista. Outros exemplos, a que Alkmim (idem) faz referência, dizem respeito à distinção do falar entre regiões do Brasil ou mesmo entre

o espaço urbano e o rural de um estado, a saber: as diferenças fonéticas entre a pronúncia da Região Norte e da Região Sudeste das vogais pretônicas (mɛladʊ~me'ladʊ) ou as consoantes oclusivas alveolares [t, d] nordestinas pronunciadas africadas palatoalveolares [tʃ, dʒ] pelos nortistas; a ordem sintagmática em frases negativas "Não sei" (Sudeste), "Sei não" (Nordeste) ou Não sei não (Norte).

Margotti (2004), por sua vez, destaca a predominância do estudo diatópico na Dialetologia Tradicional ou Monodimensional. Essa variável pouco considera a interação falante-sociedade/cultura, delimitando o próprio espaço linguístico por meio do estabelecimento de isoglossas[18] conforme a variável intra ou extralinguísitca por suas diferenças, contrastes ou semelhanças – diatópica, diastrática ou diafásica, - dos fatos linguísticos – lexical/isoléxica; fônico/isófona; morfológica/isomorfa; e sintática/isossintagmática. Ao estabelecê-las, permite-se a definição do dialeto como "feixe de isoglossas", posto que agrega características que permitem identificar uma certa homogeneidade da língua.

Tal delimitação foi bem aceita pelos neogramáticos, ao considerarem que mesmo a variação era propensa a uma regra (Leis de Verner e de Grimm). Margotti complementa tal posicionamento citando Ferreira e Cardoso (1994, p. 16) "essa relativa homogeneidade, demonstrada pelo conjunto das isoglossas, leva ao entendimento de que não existem limites rígidos entre as línguas, uma vez que toda a língua histórica é constituída por um conjunto de dialetos." (FERREIRA e CARDOSO, 1994, apud MARGOTTI, 2004, p 83).

A título de ilustração de ocorrência de variantes diatópicas em Manaus, descrevem-se situações observadas na fala diária dos manauaras, a saber:

a) **em nível lexical**: i) para o armador de rede encontram-se as variantes *armador* ou S, para a área urbana, e escápula em municípios do interior[19];

---

[18] Margotti assim explica o termo Isoglossa: O termo isoglossa, usado pela primeira vez por J. G. A. Bielensteins em 1892, significa literalmente 'língua (glossa) igual (iso)'. Presumivelmente, o termo pretende expressar o fato de que uma linha desenhada através de uma região mostrará duas áreas, ocorrendo em cada lado alguns usos linguísticos (ou variantes linguísticas) que não ocorrem no outro lado (CHAMBERS e TRUDGILL, 1980, p. 103). Em outras palavras, isoglossa é "uma linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões linguísticas" (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 12-13 apud MARGOTTI, 2004, p 101).

[19] A variante lexical escápula foi observada em conversa da pesquisadora com uma migrante oriunda do município de Maués em 2015. A migrante usou o termo para emprestar uma escápula, a pesquisadora não sabendo o significado questionou-a e foi explicado que escápula era um S, mais uma

ii) para o cigarro de palha Razky (2013, p. 257-258) a partir dos dados do ALAM (2004) e ALiB (2014) registraram a ocorrência de duas variantes em Manaus – *porronca* e *cigarro enrolado*;

b) **em nível fonético/fonológico**: as variantes do fonema /S/ em Manaus: i) fricativa alveolar surda e sonora [‘mesmʊ] – conservadora; ii) a fricativa pós-alveolar surda e sonora [‘meʃmʊ] – limitada à Alagoas, Rio de Janeiro, Pernambuco, Ceará e Santa Catarina; iii) e a fricativa glotal/aspirada surda e sonora [‘meɦmʊ] (SANTOS; MARGOTTI, 2012, p. 263; BERÇOT-RODRIGUES, 2014);

c) **em nível morfossintático**: a variável 2ª pessoa do discurso (P2) apresenta as variantes TU/VOCÊ com a predominância da forma TU em comparação às capitais do Norte: Boa Vista, Macapá e Porto Velho (COSTA, 2013).

Vale ressaltar que a variação diatópica observada nos exemplos, sejam elas em relação às diferenças entre macro ou microrregiões: países, estados, municípios, bairros – é muito mais perceptível nos extremos, ou seja, quanto mais distante o falante do local de frequência de uma variante, menos ele a reconhecerá. O *continuum* dialetal permite que os mais próximos geograficamente se compreendam mutualmente por haver mais interação entre eles.

2.2.2.1.2 A variável diacrônica

Variáveis diacrônicas são verificadas ao longo do tempo, através dos anos ou dos séculos, e constituem a história externa e interna da língua. É a variação mais perceptível na escrita, embora a fala de idosos e o português erudito apresentem-na também. Ilari e Basso (2006, p. 156) apontam a gramaticalização como um processo particular de variação diacrônica “por meio da qual uma palavra de sentido pleno assume funções gramaticais.”

---

causa de confusão, posto que se entende S como o nome de uma letra. A migrante tentou descrever o que desejava, dizendo tratar-se de um objeto que serve para armar rede em árvore e cumeeira, também conhecido como armador de rede.

A variável diacrônica abre discussões acerca da existência de uma história evolutiva da própria língua ao atestar a sua heterogeneidade linguística. Uma vez que permite o estudo das mudanças da língua como mudanças ou variação de séculos anteriores, por meio da análise de fatos quanto a sua transformação ou pelas relações estabelecidas entre o que os sucedeu ou o que os precedeu, a diacronia correlaciona uma multiplicidade sucessiva de pontos, resgatando a verdade histórica de um traço linguístico atual a ser descrito. Processo diferente é proposto, segundo Monteiro (1989) pela etimologia ou pela filologia as quais descrevem estágios anteriores da evolução de uma língua para recompor ou explicar traços que foram se modificando com o tempo.

A diacronia parte da descrição ou contraste quando olha para o passado e analisa como está a língua de lá para cá ou de cá para lá. O olhar diacrônico parte de uma variedade de língua, normalmente a padrão, uma vez que as mudanças ocorrem a partir de regras postas. Nesse sentido, afirma-se que o falante precisa olhar para o passado para[20]:

a) *orientar as escolhas no presente*, por exemplo: por que na grafia da palavra “nascer” usa-se SC e para grafia da palavra “amanhecer” usa-se C?; um outro exemplo, está nas escolhas lexicais: que forma é mais adequada: atitude de criança > atitude infantil > atitude pueril; o estudo também pode trazer explicações para os usos atuais: como explicar razão ~ racionalizar?
b) *conhecer dados sobre o permanente diálogo entre o passado e o presente*: o uso da partícula ‘né’ em frases como “Está tudo bem, né?” corresponde à forma negativa latina -ne (*puellam uidistine [Não tem visto a menina?]*).
c) *para ver o passado no presente em fenômenos recorrentes e extremamente produtivos no léxico português*, por meio de processos metaplasmáticos como consonantização de /u/>/v/ em ueritatem>verdade ou o vozeamento ou não de /p/ na raiz √cap- de capillum>cabelo~capilar.

[20] Anotações de aulas na disciplina de Tópicos de Linguística “Diacronia da Língua Portuguesa” ministrada pela professora Dra. Grace dos Anjos Freire Bandeira em 08.03.2017 e 15.03.2017 pelo PPGL-UFAM

Perini (2004, p. 20) afirma que “a língua [...] está mudando a cada momento. Novas estruturas são incorporadas, velhas estruturas são descartadas e o vocabulário vai se renovando”. Tais constatações permitem ao falante a compreensão da língua de hoje. Este estudo propõe, assim, uma análise não diacrônica em seus termos mais teóricos; mas, a análise diatópico-cinética, ao contrastar a topodinâmica do comportamento linguístico nas migrações para a zona urbana e o contato entre os moradores antigos com os novos moradores nos bairros, também antigos e novos da cidade de Manaus, cuja ocupação se deu de forma desorganizada como consequência da invasão[21] por parte dos atuais moradores. O contato entre os falantes trouxe para a fala manauara situações do tipo[22]:

a) **em nível lexical** - expressões como: ajuntar~juntar; calango vs iguana;
b) **em nível fonético/fonológico** - pronúncias como ‘veve’ vs vive; cachorra /ɔ/ vs cachorra/o/; ou a metafonia registrada em plurais ou femininos da língua portuguesa: imposto/impostos; formoso/formosa;
c) **em nível morfossintático**: O uso da forma de tratamento ‘você’ como pronome pessoal representando a 2ª pessoa do discurso; o uso do substantivo “gente” como pronome pessoal de 3ª pessoa; frases com objeto nulo: Ele pegou. / Pegou.

É importante salientar que a diferenciação histórica de usos linguísticos (fonético, morfossintático ou lexical) em uma dada língua não é apontada de forma precisa e unilateral, posto que a variação do presente de fato traz uma herança do passado (SILVA, 2015, p.

15-17). A influência de outros sistemas sobre a língua, da fala sobre a escrita e/ou os empréstimos línguas fazem com que a língua falada de hoje não seja igual a de amanhã.

---

[21] Termo usado para designar áreas urbanas e/ou terrenos particulares ocupados ilegalmente por pessoas sem moradia, onde se constroem palafitas, barracos e casas com o mais diversificado tipo de material e sem infraestrutura básica de saneamento, saúde, educação etc. Em Manaus, as invasões se tornaram um tipo paralelo de comércio e promoção política.

[22] Anotações de aulas na disciplina de Tópicos de Linguística “Diacronia da Língua Portuguesa” ministrada pela professora Dra. Grace dos Anjos Freire Bandeira em 08.03.2017 e 15.03.2017 pelo PPGL-UFAM

Além disso, as formas entram e saem de “moda” e usos podem retornar à fala do povo ou à língua a depender da divulgação de expressões, pela mídia principalmente. Com isso, a fala diária pode ressignificar o arcaico, tornando-o moderno, ou seja, pode estar nos fatos do passado a base para os fatos do presente.

2.2.2.1.3 A variável diastrática

No início dos estudos dialetológicos, o informante era muito bem parametrizado e representava o falar local: um indivíduo por ponto de inquérito, homem e o mais idoso. A absorção de dimensões verticais de variação da língua propostas pela Sociolinguística ampliou em muito o perfil do informante, e o fator classe social tornou-se de grande valia.

A variável diastrática diz respeito a fala ou escrita diferenciada em relação à norma culta padrão ao se considerar fatores como idade, escolaridade, sexo etc., conforme as classes sociais em que o falante está inserido e em razão dela. É a mais complexa das variações, segundo Chambers e Trudgill (1994, p. 87) são considerados fatores como “trabalho, renda familiar, educação e habitação”: pessoas das classes C ou D, teoricamente, teriam menos acesso à educação formal e por consequência fariam uso de uma variante não padrão ou popular, carregada de “inadequações” na sintaxe, principalmente de concordância e regência. Consequentemente, pode-se afirmar que os mais escolarizados tendem a utilizar variante mais conservadora, enquanto os menos escolarizados tendem a usar as mais inovadoras. É por meio dessa variável que se identifica o preconceito linguístico[23].

O estudo dialetológico diastrático considera as variedades regionais atreladas a aspectos sociais da linguagem. Com esse viés abrange tanto os dialetos rurais mais conservadores, quanto contempla o dialeto urbano, menos conservador e sob constante influência de fatores extralinguísticos como profissão e escolarização. A variável diastrática está diretamente ligada à “identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala” (ALKMIM, 2011, p. 35).

[23] Coelho et al. (2015, p. 18) sobre o tema afirma que “mesmo que não seja a variante mais usada por uma comunidade, a variante padrão é, em geral, a variante **de prestígio**, enquanto a não padrão é muitas vezes **estigmatizada** – pode haver comentários negativos à forma ou aos falantes que a empregam” (grifos do autor)

Assim, os traços linguísticos variantes serão em decorrência de fatores relacionados a fatores diversos. Esses fatores podem estar relacionados à classe social – A, B, C ou D - (nós chegamos~nós cheguemos; nós fomos~nós fumo), podendo ser transpassados também pela idade – os mais jovens e mais idosos em dada classe social (as gírias: “maneiro”~“da hora”; “um pão”~“é só o Toddy”; “meu ficante”~“meu crush”); ao sexo em dada classe social (uso de diminutivos pelas mulheres~grau normal para os homens); à situação ou contexto social de formalidade ou informalidade – considerando pessoas com boa instrução ou sem ela - (“e, aí, meu brother, só na manha?”~“Olá, tudo bem com o senhor?”). Com isso, a variável diastrática abrange todos os delimitadores sociais que possam influenciar ou não o falar de uma comunidade.

Tais influências do falante na comunidade e da comunidade no falante são de cunho sociolinguístico, porém quando agregadas à Dialetologia propiciam a análise diatópica e diafásica, principalmente nos centros urbanos, onde a população se constitui de pessoas oriundas de diversas origens, ao mesmo tempo possibilita a delimitação das isoglossas com vistas a traçar o perfil de variação em uma língua, neste estudo a variação morfossintática em Manaus e as tendências de variação recorrentes. Assim, pode-se apontar como situações linguísticas observadas no falar manauara as seguintes:

a) **em nível lexical** - uso de expressões como: caganeira para diarreia; ruelo vs tambaqui (conforme o tamanho do peixe); a troca de homônimos ou parônimos: a descriminação racial é perigosa; “Hoje na Seção da Tarde o filme Lagoa Azul.” Manchetes de jornais: “Tabloide: Maníaco do busão / Deu bobeira e foi preso / Chove chuva... sem parar vs *Standard*: Motorista é preso por tentativa de estupro; Preso ao visitar delegada; Casas correm risco com deslizamento de terras.
b) **em nível fonético/fonológico** - pronúncias carregadas de processos fonológicos como rotacismo (bicicreta/bicicleta); síncope (fazeno/fazendo); aglutinação (destá/deixa estar); entre outros casos.

c) **em nível morfossintático** - a pluralização apenas do determinante ou ideológica: Os menino joga bola; Os pessoal chegaram; ou, a formação de palavras por analogia: Vendeiro / boateiro.

Nas ocorrências de variação diastrática, encontra-se a formação de estereótipos com base origem sociocultural do falante. Em muitos casos, um falante é identificado pelas escolhas linguísticas que faz.

No entanto, a sociedade não considera o quanto as suas próprias normas de organização político-econômica interferiram na organização sociocultural da língua; e, embora o modo de falar e de escrever sejam ainda emblemas de classe, o acesso à educação que já foi restrito a um grupo social, hoje é uma obrigatoriedade do estado, um direito de todos. Sendo colocada como direito e dever o que estratificava grupos tornou-se acessível a todos, fazendo com que os falantes se tornassem, teoricamente, iguais; para diferenciá-los, tende-se a observar a norma de uso se culta ou se padrão ou se coloquial.

2.2.2.1.4 A variável diafásica

A variação diafásica é a mais elementar das formas de variação. Corresponde à variação estilística ou de registro oral ou escrito, ou ao uso conforme o contexto/situação em que o falante se encontra. Vincula o modo de falar ao ambiente, ao interlocutor, à intencionalidade ou ao suporte da fala de modo que o falante possa optar entre o mais ou o menos formal conforme o objetivo da comunicação.

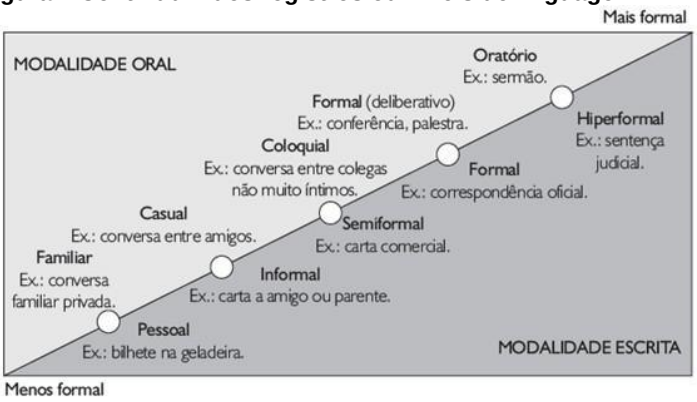
É uma variável adequada para a análise de atitudes linguísticas dos falantes/ouvintes; bem como, segundo Cardoso (2010, p. 58), para o aprofundamento das observações de fatos curiosos e para o conhecimento da estrutura sintática dominada pelo falante, caracterizando-se pelo monitoramento, ou não, da fala e paralelamente ao conhecimento acerca do percurso da propagação de uma inovação ou sua repulsa pela comunidade linguística.[24] Ao correlacionar a variável diafásica às dimensões diastrática, diageracional e diatópica, a mesma autora explicita que "tal

[24] Cf. ADDU – Atlas Diatópico y Diastrático del Uruguay, 2000, p. 11

controle permite não só exibir em que tipo de texto se apresenta o fenômeno em causa, mas também indica o índice de ocorrência, o que permite avaliar a natureza dos fatos e as características de sua utilização.” (CARDOSO, 2011, p. 59).

Travaglia (2002) propõe, a partir dos estudos de Bowen, um *continuum* entre o mais e o menos formal (FIGURA 02), sendo a variável diafásica intrinsecamente ligada ao estilo do falante, perpassando fatores extralinguísticos como profissão ou grau de escolarização, por considerar que todas as variedades linguísticas possuem registros mais ou menos formais.

Figura 1 Continuum dos registros ou níveis de linguagem



Fonte: BOWEN apud TRAVAGLIA, 2002, p. 54

Travaglia explica que, mesmo com pouca formação linguística sistematizada, o falante buscará fazer uso da variedade linguística popular em um registro formal. Cardoso (2010) complementa tal afirmativa ao inferir que “o comportamento de um mesmo informante não se apresenta idêntico em situações diferenciadas e de que determinados tipos de elocução se apresentam mais espontâneos”.

Como ilustração das colocações de ambos, tem-se: se um trabalhador analfabeto for servir de testemunha em tribunal, ele, mesmo sem instrução escolar, tentará monitorar a fala, expressando-se de forma mais cuidada, por considerar a situação digna de uma formalidade maior, assim caso esteja acostumado a falar “encontremo”, no tribunal talvez fale “encontremos” ou “encontramo’’ na tentativa de aproximar da forma padrão “encontramos”. Outras situações em que variável diafásica pode ser percebida estão:

a) **em nível lexical** – a escolha do léxico ao se dirigir a um amigo ou ao patrão:

O colega de trabalho pergunta: "Já terminou de descascar as frutas?"

O outro responde: "Fica frio, cara, todo estressado e afobado."

O patrão faz a mesma pergunta ao funcionário que responde:

"Estou trabalhando nisso, Sr. Fulano. Mais alguns minutos e termino de descascar as frutas.

b) **em nível fonético/fonológico** – usos de pra~para; a fala entrecortada ou direta: Bom.... então.... é importante lembrar que... não lembrar... talvez apenas, como posso dizer? Informar... é isso mesmo...

c) **em nível morfossintático** - uso de frases nominais ou curtas: E, aí, galera beleza?~Olá, como estão todos? Houveram~houve duas provas em branco.

Quando não são observados fatores extralinguísticos para a escolha linguística no momento da comunicação, tem-se o preconceito linguístico. A discriminação encontra fundamento na perspectiva de norma padrão e norma culta imputada ao estudante durante toda a formação básica por meio do ensino mnemônico ideologizado de uma gramática fundamentada no padrão lusitano, exageradamente purista.

Por isso, urge a discussão acerca da coexistência de variedades linguísticas que se adequam às necessidades comunicativas caseiras, imediatistas, locais, regionais ou mesmo que respondam aos desafios da urbanização contemporânea, das complexas relações sociais e da intrusão dos meios de comunicação na vida do falante.

2.2.2.1.5 A variável diamésica

A variável diamésica é observada entre o ato da fala e a modalidade escrita de uma língua. A fala se constitui de autocorreções, acréscimos e reformulações, já a escrita são estruturas bem-acabadas com coesão, coerência, linearidade e objetividade. Essa ocorrerá a depender do gênero discursivo em uso. Pode-se dizer

com isso que, mesmo na fala ou na escrita, é possível haver a manutenção de estruturas bem elaboradas como palestras, seminários ou piadas, diários, post em redes sociais, respectivamente).

A variável diamésica é observada no ato de aplicação do questionário quando são propostas falas livres aos informantes ou a escrita de dados acerca da variante em observação, sendo esta última a forma de coleta de dados no inquérito por correspondência realizado em 1807, ao solicitar traduções para a parábola do filho pródigo aos conhecedores do *patois* franceses, resultando em 86 traduções representando a variedades do francês e do provençal.[25]

Vale ressaltar que a sincronia da fala é pontuada de outras formas de expressão, como os gestos e os olhares, auxiliadores na compreensão entre os interlocutores, além de a fala permitir aos interlocutores a negociação de sentidos e a correção do dito, ela exige do emissor a confiança em suas anotações e em sua memória; já a escrita, precisa prever as possíveis dúvidas que poderá ter o interlocutor e esclarecê-las enquanto produz o texto, configurando-se como um programa gravado e editado, portanto passível de revisão e reformulação, fatos não aplicáveis ao texto oral, bem como permite aferir os dados por meio de pesquisas e consultas durante a produção do texto, sendo, assim, menos tolerável erros/desvios quanto à norma padrão, a menos, é claro, que estejam previstos ou sejam aceitáveis na estrutura do gênero discursivo em produção (GUIMARÃES, 2012, p. 47-49). A seguir são apresentados alguns traços linguísticos perpassados pela variável diamésica:

a) **em nível lexical** - ontem / no dia X; aqui / na rua X; coisa / nome exato do objeto; ter / haver;
b) **em nível fonético/fonológico** – oral: frases entrecortadas e menos formais, com inserções explicativas ou alongamento dos fonemas, como:

[25] Na atualidade, registra-se o projeto de pesquisa da Professora Dra. Grace dos Anjos Freire Bandeira "Cartas dos séculos XIX e XX: organização de um *corpus* diacrônico do português registrado no Amazonas no período áureo da borracha". Este projeto de pesquisa está coletando e selecionando dados de fala no português do Amazonas, registrados em cartas manuscritas da empresa J.G. Araújo, considerada a maior firma aviadora dos tempos áureos da borracha (hoje acervo do Museu Amazônico, órgão suplementar da UFAM). Como objetivo geral, o projeto pretende identificar fenômenos linguísticos, de natureza lexical e sintática, que possivelmente apontem para uma variedade de português do Brasil: a do Amazonas. Situação: Em andamento (dados disponíveis no portal: https://www.escavador.com/sobre/849103/grace-dos-anjos-freire-bandeira).

Então... éééé... eu fui até lá... como posso explicar, vocês se lembram daquele dia...pois é ... foi igual; escrita: ênfase na pontuação adequada de modo a garantir o ritmo e a compreensão da sequência sintática da frase na ocasião da transcrição da fala ou na elaboração de frases coesas e coerentes: *"Então, fui até o local, busquei o que me foi solicitado. No entanto, a exemplo da ocasião anterior, nada foi resolvido."*

c) **em nível morfossintático** – oral: predomínio de frases curtas e simples, na voz ativa e ordem direta: "*Bom dia, pessoal! Hoje a gente vai revisar o conteúdo da página 10*"; escrita: predomínio de frases longas e complexas com frequência na voz passiva e na ordem indireta: "*Para a primeira aula deste período, está prevista a leitura do capítulo 'Texto e Textualidade', de Koch, 2010. Os senhores deverão fazer a leitura e apresentar o resumo até o final da aula."*

A língua é um organismo vivo e em constante variação e mudança e as normas de seu uso devem partir primariamente do falante e suas escolhas comunicativas no meio em que esteja inserido. Nesse sentido, pode-se dizer que a variável diamésica unifica as formas de estratificação e preconceito salientadas nas variáveis diastrática e diafásica. Isso porque a fala e a escrita possuem características tão singulares que impossibilitam ao falante correlacioná-las.

A maioria dos compêndios que trata sobre o tema fala e escrita é categórica em afirmar que não se escreve como se fala, elaborando inclusive quadros apontando diferenças entre ambos (GUIMARÃES, 2012, p. 48-50). Os manuais de redação corroboram para essa diferença apontando lista de expressões coloquiais a serem evitadas no texto escrito.

No entanto, deve-se considerar o gênero, o suporte e a intenção do falante antes de julgar suas escolhas linguísticas. A discriminação e a estratificação estão diretamente ligadas ao falante/ouvinte o qual precisa se automonitorar para evitá-las, com isso não se autodiscrimina também.

2.2.2.1.6 A variável diageracional

O estudo diageracional é a análise da variável que atenta para a idade do informante, fator indispensável na comparação entre o falar dos jovens e o falar dos idosos. É uma variável que apresenta as diferenças linguísticas entre os falares de diversas gerações ou aglomerações regionais e estava presente nos estudos dialetológicos do século XIX com Rousselot.

A análise dos dados na perspectiva diageracional mostra-se indispensável para a comparação do que é divergente na língua entre as gerações em uma comunidade linguística e para identificação do ponto de origem destas divergências, além de documentar as diferenças entre as gerações ou pequenos povoados de um mesmo município (POP, 1950; TERRACINI, 1910-1922; GARDETTE, 1950 apud CARDOSO, 2011, p. 50-51). Segundo Cardoso (idem), o registro da variável diageracional ocorreu pela primeira vez no *Linguistic Atlas of New England* ***(LANE)*** *de* 1939 e 1943**,** mas o aparecimento de cartas documentando fatos relacionados à idade ocorreu apenas no final do século XX, como registrado no *Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU) de 2000. Para Margotti

> A inclusão, na amostra, de falantes mais velhos e de falantes mais jovens baseia-se na hipótese de que as pessoas tendem a reproduzir o estado de língua adquirido no início da vida, até a adolescência, e tendem a não mudar depois disso. Assim, a diferença entre a fala de indivíduos mais velhos e mais jovens, de uma mesma população, indica que há uma possível mudança linguística em progresso. (MARGOTTI, 2004, p. 220).

O presente estudo ao delimitar informantes por meio dessa variável objetiva verificar o quanto a morfossintaxe em Manaus apresenta variação entre os moradores mais velhos e mais jovens nos pontos de inquérito selecionados, buscando, com isso confirmar ou refutar a hipótese levantada pelos estudos sociolinguísticos. Para tanto, já foram observadas as seguintes situações para idosos e jovens, nesta ordem:

a) **em nível lexical** – a ocorrência de gírias: careta~jurassic; cocota~filé~ piriguete; uso de ditos populares~eufemismos: ‘filho de peixe, peixinho é’~vs ‘não nega o pai que tem’;
b) **em nível fonético/fonológico** – avoa~voa; ajuntar~juntar; fror~flor;

c) **em nível morfossintático** – o uso do pronome de tratamento sr. ou sra. independente da idade~tu para qualquer pessoa sem a devida flexão do verbo.

Os exemplos observados permitem supor que a variável diageracional viabiliza um levantamento de dados sincrônico; contribuindo com dados atualizados e retratando a mudança em curso. Se uma geração, apresenta uma variante em uma frequência regular diretamente oposta à outra geração pode-se afirmar haver o indício de uma mudança em tempo aparente.

Além disso, pode-se inferir, pela análise diagenérica, se uma comunidade e seus indivíduos apresentam-se estáveis ou não no que tange à mudança linguística, postulando-se que um indivíduo, em uma hipótese clássica de aquisição da linguagem, encerra na puberdade o processo natural de aquisição da língua e não a altera espontaneamente.

2.2.2.1.7 A variável diagenérica

A variável diagenérica observa traços linguísticos recorrentes entre pessoas do sexo feminino e masculino, mas já se registram estudos transgêneros[26]. Refere-se, principalmente, à observação do que e como a heterogeneidade linguística se fixa na língua, por meio da diferença de sexo. A sociedade estigmatiza a fala de homens e, particularmente, de mulheres; durante todo crescimento e formação educacional de uma criança ou adolescente do sexo feminino, dificilmente não se ouve colocações do tipo: “não fica bem para uma garota falar dessa forma” ou “um homem falando assim já é feio imagina uma mulher” ou, de forma bem pejorativa, para os homens: “parece uma mulherzinha falando”. Tais atitudes linguísticas revelam o quão a variável diagenérica se fixa como delimitadora de traços linguísticos. Sobre o tema Paiva assevera que

> a análise da correlação entre gênero/sexo e a variação linguística tem de, necessariamente, fazer referência não só ao prestígio atribuído pela

[26] A exemplo cita-se a dissertação de mestrado "PAJUBÁ: O CÓDIGO LINGUÍSTICO DA COMUNIDADE LGBT" de Renato Régis Barroso apresentada à Universidade do Estado do Amazonas e defendida em 30 junho de 2017.

> comunidade às variantes linguísticas como também a forma de organização social de uma dada comunidade de fala. (PAIVA, 2010, p. 35).

A ênfase dada aos estudos diagenéricos em Atlas permite reuni-los, segundo Thun (2000, p. 375 apud CARDOSO, 2010, p. 52) em três categorias: potencialmente pluridimensional; parcialmente pluridimensional; e, sistematicamente pluridimensional, conforme o menor ou maior número de informantes de ambos os gêneros/sexos. Os atlas já elaborados e que incluíram o informante feminino revelam que as mulheres ocidentais são mais conservadoras que os homens em seu falar, posto que se deslocam menos de sua comunidade de origem para outras, além darem preferência por variantes mais prestigiadas (FISCHER, 1958 apud PAIVA, 2010, p. 34). Como exemplos detectados no falar tem-se:

a) **em nível lexical**: homem: azul; mulher: turquesa, azul-bebê, ciano, azul da Prússia, safira, azul-celeste[27]; caracterização enfática por meio de determinantes ou superlativos e exclamações enfáticas: “Você é linda! Muito bonita mesmo... um espetáculo de mulher”; homens: “Você é bonita.” ou léxico próprio, às vezes machista e sexista, principalmente quando correlacionados a variável diastrática ou diamésica: “Você é uma gata, maior gostosa... ô lá em casa.”
b) **em nível fonético/fonológico** - mulher: acento prosódico bem marcado na frase; alongamento das vogais pretônicas como recurso expressivo; Homem: ausência dessas marcas; mulher manutenção da vibrante final ou bilabial do infinitivo; homem: supressão da vibrante.
c) **em nível morfossintático** - mulher: uso de diminutivos em indicação de carinho (Ah! Que lindinho!) ou de forma pejorativa (Não falo com aquela mulherzinha!) e a concordância entre os elementos do sintagma nominal (As casas bonitas – Carta 95, deste trabalho); frases longas com muitos determinantes; homem: frases curtas, com poucos determinantes ou a falta de concordância entre os elementos do sintagma nominal.

[27] Dados coletados em: https://viverdeblog.com/materiais-educativos/psicologia-das-cores/. Visitado em 01.09.2018

Nessas situações propostas como exemplo de variantes pelo critério diassexual, observa-se a mulher como fonte da inovação, será ela que, tradicionalmente, irá propagar, quando as aceitar, a variante até que a efetive como mudança, antes em casa como "'mãe" a ensinar as primeiras palavras aos filhos, depois como professora (alfabetizadora e primária) das crianças, posto ser esta a função mais exercida por mulheres que por homens na sociedade brasileira. Outro fator a se considerar na variável diassexual é o papel da mídia na formação da norma escolhida para ser usada pela mulher, já que são elas as maiores fãs de novelas, as quais difundem socialmente a variedade urbana de língua.

2.2.2.2 Estudos dialetológicos: um percurso a considerar

Como já exposto, a Dialetologia tem uma trajetória longa e profícua. Nesta seção, busca-se traçar a linha de tempo dos estudos dialetológicos, desde seus primórdios, no Brasil e no Amazonas com a publicação do Atlas nacional e dos Atlas regionais e locais. Com base nos dados do ALiB, do ALeRS e do ALAM, bem como em pesquisadores da atualidade, será apresentada a Dialetologia como uma área que se desenvolveu e evoluiu em seu método de estudo das variáveis dialetológicas desde um estudo mono até o pluridimensional, explicitando as perspectivas de variantes da língua e suas grandes mudanças. Traçar a linha de tempo dos estudos dialetológicos no Brasil e no Amazonas permite a compreensão das inúmeras contribuições dessa área para a moderna Linguística brasileira.

Os primórdios da Dialetologia datam dos antigos gregos quando já se registravam estudos dialetológicos, ao detectarem diferenças no falar e perceberem as diferenças entre as comunidades linguísticas. Os estudos dialetológicos têm por finalidade primária saber qual a forma dialetal de uma comunidade.

Em uma linha sucessiva de pesquisadores que deram forma e conteúdo à Dialetologia, tem-se: Georg Wenker, 1876, na Alemanha; Jules Gilliéron, 1896, na França; Karl Saber e Jakob Jud., 1931 e 1940, na Itália e Suíça; Hans Kurath, Raven I. McDavis Jr, 1930 até 1950, nos Estados Unidos; Eugen Dieth e Harold Orthon de 1948 a 1978, na Inglaterra, entre outros dialetólogos que foram construindo o arcabouço teórico da Dialetologia da atualidade.

De forma breve e mais precisa, Cardoso (2010, p. 33-37) apresenta uma linha de tempo e reconstitui o avanço da Dialetologia dos séculos XVIII e XIX. A autora destaca uma sucessão de trabalhos, pessoas e fatos acerca de usos variantes das línguas e, consequentemente, de estudos no campo da Dialetologia, a saber:

a) o arcebispo suíço Erick Benzelius, em 1726, propôs a seus padres que fizessem o registro de provincianismos de suas paróquias, usando um questionário enviado por correspondência;
b) o pastor Erick Pontopidan, em 1749, publicou a primeira obra lexicográfica de palavras norueguesas não compreendidas por dinamarqueses;
c) em 1769, J. Lhre, produz o relevante *Glossarium Suiogothicum*;
d) na França de 1790, o abade Grégoire realiza uma enquete para conhecer os *patois;*
e) em 1804, é criada a *Academie Celtique,* cuja teoria colocava o celta como influenciador de outras línguas;
f) em 1812, J. Grimm funda a filologia germânica com as primeiras descrições do alemão;
g) em 1921, J. A. Schmeller realiza inquéritos sistemáticos na Baviera comparando falantes do campo com da cidade e os de fala culta;
h) em 1823, Désiré Monnier registra as primeiras cartas fonéticas;
i) em 1833, Franz Bopp publica o primeiro fascículo da gramática comparada das línguas indo-europeias;
j) em 1841, Bernardino Biondelli publica o Atlas Linguistique de l'Europe com dados do Atlas Ethnographique du Globe de Adrian Balbi (1826).

Tais fatos tornam a dialetologia um ramo da linguagem porque, como afirma Pop (1950, p. XXIII apud CARDOSO, 2010, p. 33), no "[...] final do século XVIII [...] os dialetos se tornaram, de maneira constante, objeto da atenção dos linguistas", ainda para a autora

> Os estudos dialetológicos propriamente ditos vêm a se iniciar num momento da história, século XIX, em que a individualidade geográfica de cada região estava resguardada seja pelo isolamento decorrente da frágil rede de estradas, seja pela dificuldade de comunicação, seja ainda, pela inexistência de meios tecnológicos que permitissem a interação à distância entre as diferentes áreas, mas resultaram, principalmente, da preocupação com o resgate de dados e a documentação dos diferentes estágios da língua, [...] (CARDOSO, 2010. p. 39).

Nesse contexto, a forma e a função das pesquisas nessa área foram se expandido cada vez mais desde a primeira metade do século XX. O século XXI ainda não chegou ao seu primeiro quarto de anos e já se pode citar mais inúmeros trabalhos na área, seja no Brasil ou em outros países do mundo. Especificamente para os países da América Latina, José Pereira da Silva organizou informações disponíveis na internet em publicação no portal *filologia.org.br*[28] intitulada "Geografia linguística - especialmente luso-brasileira e românica" e listou mais de 109 bibliografias com o tema, além de 10 Atlas já finalizados no Brasil. Observa-se, com isso, que a Dialetologia é uma ciência profícua e produtiva.

2.2.2.3 Trabalhos dialetológicos realizados no Brasil

A Geolinguística no Brasil teve seu início oficial com o Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952 e a Portaria nº 536 de 26 de maio do mesmo ano. O decreto fixa como um dos principais objetivos da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa em seu parágrafo 3º:

> A Comissão de Filologia promoverá pesquisas em todo o vasto campo de filologia portuguesa-fonologia, morfológicas, sintáticas, léxicas, etimológicas, métricas, onomatológicas, dialetológicas bibliográficas, históricas, literárias, problemas de texto, de fontes, de Autoria, de influências, sendo sua finalidade principal a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. (DECRETO..., 1952, Art. 3º)

Aliadas ao decreto e à portaria, vários pesquisadores nos últimos 60 anos empenham-se na elaboração de obras e eventos que constituem o acervo bibliográfico para as pesquisas na atualidade e servem de mural para a divulgação dos trabalhos. O pioneiro nestes estudos, sem dúvida alguma é Nelson Rossi, idealizador do APFB (Atlas Prévio dos Falares Baianos) em 1961 com publicação em 1963, pelo rigor científico e precisão do método. Trinta anos depois do pioneirismo atribuído a Rossi, o Brasil começa a organizar um Atlas Nacional, segundo Aguilera

> Esta 'febre' geolingüística com certeza teve sua origem na UFBA, em novembro de 1996, quando pesquisadores das mais diversas IES brasileiras, dialetólogos, sociolingüistas, lexicólogos e foneticistas, entre outros, se reuniram durante o Seminário Nacional: Caminhos e Perspectivas para a Geolingüística no Brasil, sob a liderança das professoras doutoras Suzana

[28] Cf. www.filologia.org.br/pereira/textos/geografia_linguistica

> Alice Cardoso e Jacyra Andrade Mota, e lançaram a pedra fundamental do Atlas Lingüístico do Brasil – ALiB. (AGUILERA, 2006, p. 222).

Mas, é possível verificar estudos de cunho dialetológico sobre o português do Brasil já no século XIX, quando o ministro plenipotenciário do Brasil na França Visconde de Pedra Branca Domingos Borges de Barros, em 1826 escreveu acerca das diferenças entre o português de Portugal e o português do Brasil, este trabalho com o título *Les différences que le dialecte brésilien pourrait présenter, comparé à la langue du Portugal encontra-se* publicado na introdução ao capítulo IV nas páginas 172-174 do Atlas Ethnográfico do globo (Introduction à l'Atlas ethnographique du globe), do geógrafo italiano Adrien Balbi (CARDOSO, 2010, p. 37-39). Segundo Aragão (2008), o Visconde seria o verdadeiro pioneiro porque em seu texto mostrou

> as interferências e os termos e expressões incorporadas ao português, a partir das línguas indígenas faladas no Brasil.
> Mostrou, também, que as variações de léxico entre o Português de Portugal e do Brasil, quer em termos de forma, quer em termos de significado, faziam a diferença entre as duas variantes linguísticas. Dividiu o seu trabalho em duas partes: uma em que trata das palavras que adquiriram outro sentido no Brasil, em número de oito, e palavras e expressões que eram usadas apenas no Brasil, em número de cinquenta. (ARAGÃO, 2008, p. 1).

Independente das discussões quanto ao pioneirismo, a Geolinguística tem se firmado como ciência. Antenor Nascente, em 1958, lança as bases para a composição de um Atlas Linguístico do Brasil, fundamentadas na necessidade de se ter antes atlas regionais pela vastidão territorial. Com essa proposta, passa-se ao mapeamento linguístico do país, assim descrito por Cardoso

> [...] que, hoje, recobre os Estados do Pará, Paraíba, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul, com atlas publicados a que se somam outros atlas em andamento – São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Mato Grosso, Acre, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão e Pará, além de três teses já defendidas e relativas aos atlas linguísticos do Amazonas, do Litoral potiguar (Rio Grande do Norte) e do Rio de Janeiro (microatlas fonético). (CARDOSO,2010, p. 143).

Aragão (2008) apresenta três fases para os estudos dialetais no Brasil. Para a primeira, delimita-se o espaço temporal entre 1826 e 1920, tendo por marcos inicial o texto do Visconde Pedra Branca até e, final, o trabalho de Amadeu Amaral. Entre eles publicações de predominância do aspecto lexical como glossários, vocabulários e dicionários regionais e populares.

Para a segunda fase, já se observa o estudo de outras diversidades, tendo por marco inicial a publicação de *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral em 1920 tornou-se importante por se preocupar em estudar o falar brasileiro por meio de pesquisa sistemática, objetiva e *in loco* e método unificado para todas as regiões; esta fase estendeu-se até a entrada em vigor do Decreto 30.643/1952 e da Portaria 536/1952, já citadas; entremeios, em 1922, Antenor Nascente publica *O linguajar carioca* cujas edições seguintes propuseram a divisão dos falares brasileiros e os resultados, as divisões dialetais propostas por eles até hoje fundamentam ou servem de ponto de partida para novos estudos; outros trabalhos de destaque, segundo Romano (2013, p. 205) são: A linguagem dos Cantadores, de Clóvis Monteiro (1933); de Mário Marroquim, *A língua do Nordeste*, de 1934, um estudo acerca dos dialetos nordestinos; e, os trabalhos de Teixeira - o Falar Mineiro (1938) e Estudos de dialetologia portuguesa: A linguagem de Goiás (1944).

A terceira fase, por sua vez, iniciada com o ato legislativo e estende-se até a publicação do APFB em 1963 e é enriquecido pela "publicação de glossários, vocabulários e dicionários regionais, populares, bem como teses, dissertações, artigos e estudos diversos sobre estudos dialetais" enfoques se diversificam e abrangem condicionantes linguísticos fonético-fonológico, lexical, morfossintático e semântico; neste período também se iniciam as diretrizes do Atlas Linguístico do Brasil, por meio da elaboração dos regionais ou estaduais.

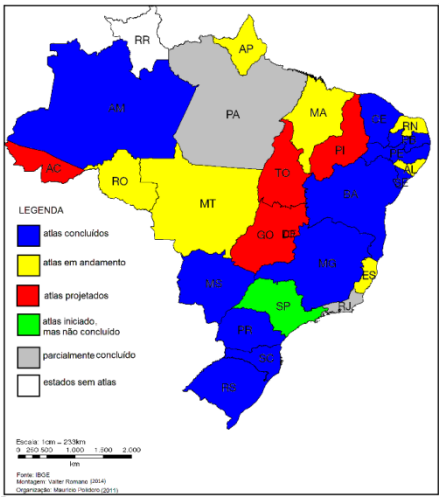
A quarta e última fase, ou Geolinguística Brasileira, com ênfase no pluridimensional, tem início em 1961 com o início das pesquisas para o APFB e engloba a sequência dos outros atlas que o seguiram[29], publicados ou não, e culminando no lançamento oficial do ALiB em 08 de outubro de 2014, em Londrina pela Editora da Universidade Estadual de Londrina (EDUEL), o estudo inédito iniciado em 1996 e que resultou em uma radiografia completa do português falado no Brasil; o livro, dividido em dois volumes foi produzido por meio da parceria com 27

[29] Entre eles pode-se citar: o *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais* (EALMG), em 1977; o *Atlas linguístico da Paraíba* (ALPb), em 1984; o *Atlas linguístico de Sergipe* (ALS), em 1987; o *Atlas linguístico de Sergipe II* (ALS II), que, apresentado como tese de Doutorado, em 2002, e publicado em 2005, retoma parte do *corpus* registrado em Sergipe, em 1967 e 1968, à época da elaboração do 1º. volume do ALS; o *Atlas linguístico do Paraná* (ALPr), em 1996; e o *Atlas linguístico-etnográfico da região Sul do Brasil* (ALERS),em 2002.

universidades brasileiras e ao todo foram realizadas 1.100 entrevistas com brasileiros de 250 cidades, em todos os Estados.

Tendo apenas Roraima ainda não iniciado pesquisas linguísticas que culminem em Atlas Linguísticos, pode-se afirmar que o Brasil já está quase todo mapeado no que tange à identificação de seus falares, conforme pode ser verificado no Mapa 2:

Mapa 2 Situação dos Atlas linguísticos pelo Brasil

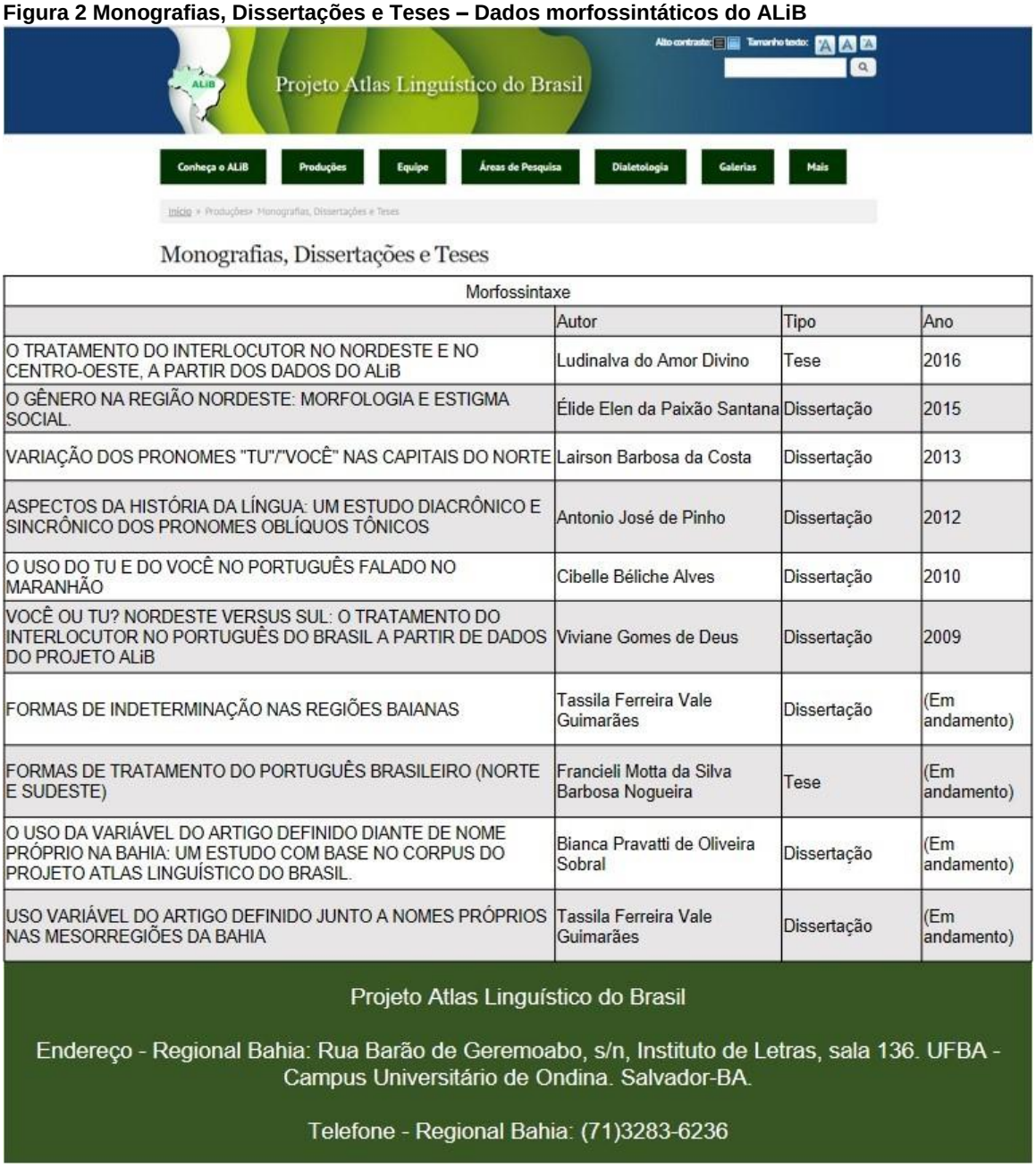


Fonte: ROMANO, 2014.

Os atlas já elaborados ou em processo têm seus dados servido de *corpus* para inúmeros trabalhos na área ou de parâmetro para o levantamento de novos dados, formulando *corpara*. Esses trabalhos são teses, dissertações e artigos. No campo da morfossintaxe merecem destaque trabalhos cujo *corpus* versam sobre temas que abarcam a flexão de gênero, uso dos pronomes e dos artigos.

As Figuras 3 e 4, compiladas do site dedicado ao ALiB (2015), apresentam alguns desses trabalhos, não se incluiu todos os trabalhos em virtude do número expressivo:

Figura 2 Monografias, Dissertações e Teses – Dados morfossintáticos do ALiB



Morfossintaxe			
	Autor	Tipo	Ano
O TRATAMENTO DO INTERLOCUTOR NO NORDESTE E NO CENTRO-OESTE, A PARTIR DOS DADOS DO ALiB	Ludinalva do Amor Divino	Tese	2016
O GÊNERO NA REGIÃO NORDESTE: MORFOLOGIA E ESTIGMA SOCIAL.	Élide Elen da Paixão Santana	Dissertação	2015
VARIAÇÃO DOS PRONOMES "TU"/"VOCÊ" NAS CAPITAIS DO NORTE	Lairson Barbosa da Costa	Dissertação	2013
ASPECTOS DA HISTÓRIA DA LÍNGUA: UM ESTUDO DIACRÔNICO E SINCRÔNICO DOS PRONOMES OBLÍQUOS TÔNICOS	Antonio José de Pinho	Dissertação	2012
O USO DO TU E DO VOCÊ NO PORTUGUÊS FALADO NO MARANHÃO	Cibelle Béliche Alves	Dissertação	2010
VOCÊ OU TU? NORDESTE VERSUS SUL: O TRATAMENTO DO INTERLOCUTOR NO PORTUGUÊS DO BRASIL A PARTIR DE DADOS DO PROJETO ALiB	Viviane Gomes de Deus	Dissertação	2009
FORMAS DE INDETERMINAÇÃO NAS REGIÕES BAIANAS	Tassila Ferreira Vale Guimarães	Dissertação	(Em andamento)
FORMAS DE TRATAMENTO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO (NORTE E SUDESTE)	Francieli Motta da Silva Barbosa Nogueira	Tese	(Em andamento)
O USO DA VARIÁVEL DO ARTIGO DEFINIDO DIANTE DE NOME PRÓPRIO NA BAHIA: UM ESTUDO COM BASE NO CORPUS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL.	Bianca Pravatti de Oliveira Sobral	Dissertação	(Em andamento)
USO VARIÁVEL DO ARTIGO DEFINIDO JUNTO A NOMES PRÓPRIOS NAS MESORREGIÕES DA BAHIA	Tassila Ferreira Vale Guimarães	Dissertação	(Em andamento)

Fonte: https://alib.ufba.br/monografias-dissertacoes-e-teses

Figura 3 Tema Morfossintaxe em pesquisas - dados do ALiB

Projeto Atlas Linguístico do Brasil

Conheça o ALiB | Produções | Equipe | Áreas de Pesquisa | Dialetologia | Galerias | Mais

Monografias, Dissertações e Teses

Flexão de gênero				
	Natureza da Pesquisa	Pesquisador	Orientador	Situação
A morfossintaxe nos dados do Projeto ALiB: o gênero gramatical nas Regiões Norte e Centro-Oeste	Outro	Bolsista IC	Suzana Alice Marcelino Cardoso	Em andamento
A flexão de gênero no corpus do Projeto ALiB: evidências de estigma social	ME	Élide Elen Santana	Suzana Cardoso	Concluído
Concordância: obrigado/obrigada, nas capitais do Sul, Sudeste e Nordeste	Outro	Bolsista IC	Vanderci de Andrade aguilera	Em andamento

Verbos				
	Natureza da Pesquisa	Pesquisador	Orientador	Situação
A realização do imperativo verbal no Nordeste	Outro	Josane Moreira de Oliveira		Em andamento
A concordância verbal nas capitais brasileiras	Outro	Dinah Callou, Aline Farias, Bruna Martins		Em andamento
Os verbos existenciais nos dados do Projeto ALiB (análise dos dados de João Pessoa, Belo Horizonte, São Paulo, Vitória e Rio de Janeiro)	Outro	Bolsista IC	Suzana Cardoso	Concluído
TER e HAVER com sentido existencial no português do Brasil (análise dos dados de Aracaju, Maceió e Recife)	Outro	Bolsista IC	Suzana Cardoso	Concluído

Pronomes indefinidos				
	Natureza da Pesquisa	Pesquisador	Orientador	Situação
O uso de menos e menas nos interiores do Nordeste e do Noroeste	Outro	Conceição Ramos, José de Ribamar Mendes Bezerra		Em andamento
Marcadores (temporais, de negação e discursivos)				
	Natureza da Pesquisa	Pesquisador	Orientador	Situação
Negação Sentencial pós-verbal na região Sul	Outro	Rerisson Araújo		Em andamento
Discurso: o uso do "daí" em Florianópolis e Curitiba	Outro	Bolsista IC	Vanderci Aguilera	Em andamento
	Natureza da Pesquisa	Pesquisador	Orientador	Situação
"Colocar" e "botar" no sentido de "por".	Outro	Aluiza Araújo		Em andamento
Apagamento do -d no gerúndio	Outro	Aluiza Araújo		Em andamento
Pronomes pessoais				
	Natureza da Pesquisa	Pesquisador	Orientador	Situação
TU ou VOCÊ: o tratamento do interlocutor no Estado da Bahia, a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) referente às localidades 092 a 102	Outro	Bolsista IC	Suzana Cardoso	Em andamento
Variação dos pronomes TU e VOCÊ nas capitais	ME	Lairson Costa	Marilúcia Barros de Oliveira	Concluído
Um estudo diacrônico e sincrônico dos pronomes oblíquos tônicos	ME	Antonio José de Pinho	Felício Wessling Margotti	Concluído
TU e VOCÊ no português do Brasil a partir dos dados do Projeto ALiB	Outro	Bolsista IC	Suzana Cardoso	Concluído
O uso do TU e do VOCÊ no português falado no Maranhão	ME	Cibelle Béliche Alves	Maria do Socorro Aragão	Concluído
VOCÊ ou TU? Nordeste versus Sul: o tratamento do interlocultor no português do Brasil a partir de dados do Projeto ALiB	ME	Viviane Gomes de Deus	Suzana Cardoso	Concluído
NÓS e A GENTE no português do Brasil a partir dos dados do Projeto ALiB	Outro	Bolsista IC	Suzana Cardoso	Concluído

Fonte: https://alib.ufba.br/morfossintaxe

Muitos trabalhos têm-se desenvolvido na área da Geolinguística, abarcando os diferentes níveis linguísticos, o que comprova o profícuo campo da dialetologia no Brasil. No entanto, e o quanto a área da morfossintaxe ainda precisa de análises mais acuradas – foram listados apenas (excluídos os realizados no Amazonas) os trabalhos de morfossintaxe registrados pelo site do ALiB, os quais em comparação aos trabalhos em fonética (32 teses/ dissertações, 13 áreas de pesquisa, 8 artigos,) ou léxico (22 teses/dissertações, 6 áreas de pesquisa, 11 artigos) -, são poucos os artigos ou capítulos de livros sobre o tema morfossintaxe, embora esteja constantemente presente como conteúdo nas salas de aula.

Para os dialetólogos brasileiros, a referência de pesquisas no país na área da Dialetologia vem se solidificando por meio de diversas obras, como exemplo podem ser referenciados os escritos de Brandão (1991), Aguilera (1998), Aguilera (2005), Isquerdo (2008), Cardoso (2010).

2.2.2.4 *Trabalhos dialetológicos realizados no Estado do Amazonas*

O Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas (PPGL-UFAM) apresenta como um de seus eixos os Estudos da Linguagem, dentro desta a linha a pesquisa em Análise e descrição do português do Brasil com dois orientadores para o abrigo específico de pesquisa em Dialetologia: Cruz (2004) e Azevedo (2013), ambos os pesquisadores com teses de doutorado nesse campo de estudo: Cruz elaborou o ALAM – Atlas Linguístico do Amazonas em 2004, um estudo pluridimensional que levou a pesquisadora a visitar nove municípios; e, Azevedo com o estudo Aspectos dialetais do português da Região Norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM) em 2013.

Os dois dialetólogos possuem um bom número de orientandos em nível de mestrado ou de graduação na área desde a integração ao programa, cada um a seu tempo. Além desses, pode-se citar também de cunho geossociolinguístico a tese de doutorado de Flávia Santos Martins, de 2013, *Variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do Alto Solimões* (AMAZONAS). No campo da Sociolinguística, os estudos também avançam e acontecem na UFAM e na UEA (Universidade do Estado do Amazonas). Nesta destaca-se a pesquisadora Silvana Andrade Martins do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes; naquela, os pesquisadores Grace dos Anjos Freire Bandeira, Maria Sandra Campos e Frantomé Pacheco vêm contribuindo, também, para os estudos do português falado no Amazonas.

Nota-se, assim, que nos últimos anos os estudos em Dialetologia no Amazonas e na UFAM vêm avançando tanto em nível de mestrado quanto de graduação, por meio do PIBIC (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Ciência) em relação aos fatores fonético-fonológicos, semânticos e lexicais, mas ainda tímidos no campo da morfossintaxe. A história desses estudos está cotejada no Quadro 1:

Quadro 1 Estudos dialetológicos no Amazonas

Ano	Título – Autor	Descrição
1980	*O falar 'caboco' amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves* - **Hidelvídea Correa**	Pesquisa de mestrado a qual analisou expressões semânticas da região de Silves e Itacoatiara e o alçamento da vogal posterior /o/ em posição tônica como característico do Amazonas.
	Análise fonético-fonológica das vogais médias pretônicas na fala de Manaus - **Rita de Cássia Botinelly Cunha e Silva**	Caracterização dos fenômenos da manutenção do abaixamento e do alteamento das vogais médias altas e médias baixas a partir dos traços linguísticos que as cercam.
2001	Estudo do português falado por moradores de áreas periféricas da cidade de Manaus - **Orlando da Silva Azevedo**	Relatório de PIBIC Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica –CNPQ na periferia de Manaus mediante entrevistas com falantes oriundos dos principais rios do Estado do Amazonas para investigar as realizações das vogais médias /e/ e /o/ na posição pretônica e postônicas, e outros aspectos relacionados ao comportamento dos ditongos /ow/, /ej/ e o das vogais altas /i, u/.
2005	Aspectos fonéticos-fonológicos e léxico-semânticos do português falado na zona rural de Borba,Ano de Obtenção: 2005 **Maria Sandra Campos**	Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense. Orientador: Ricardo Stavola Cavaliere
2004	Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM - **Maria Luiza de Carvalho Cruz**	O marco inicial da Dialetologia pluridimensional no estado e constituiu um banco de dados rico e ainda alvo de análise na graduação e na pós-graduação.
2006	*- Comportamento fonético-fonológico da vogal posterior média fechada /o/, em contexto tônico, no falar dos municípios de Itacoatiara e Manacapuru –* **Edson Galvão Maia**	Relatório de PIBIC presentado no XV CONIC – Congresso de Iniciação Científica. Com transcrição grafemática de dados de conversação livre coletados para o ALAM. Orientadora Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso.
	- A realização da vogal posterior média fechada /o/, em posição tônica, nos municípios de Parintins e Tefé –	Relatório PIBIC – transcrição grafemática de dados do ALAM coletados em Parintins e Tefé. Relatório apresentado no XV

	Flávia Santos Martins	CONIC – Congresso de Iniciação Científica. Orientadora Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso.
2007	- *A pronúncia do -S pós-vocálico nos municípios de Itacoatiara, Manacapuru, Parintins, Tefé, Barcelos e Benjamin Constant* - **Flávia Santos Martins**	Relatório de PIBIC orientados por Cruz-Cardoso
	- *Comportamento fonético-fonológico do -S pós-vocálico nos falares dos municípios de Eirunepé, Lábrea e Humaitá do Amazonas* - **Hariele Regina Guimarães Quara**	Relatório de PIBIC orientados por Cruz-Cardoso
	- Comportamento fonético-fonológico da vogal posterior média fechada /o/, em posição tônica, no falar de cinco municípios do Amazonas: Barcelos, Benjamin Constant, Eirunepé, Lábrea e Humaitá - **Daniele de Oliveira Dias**	Relatório de PIBIC orientados por Cruz-Cardoso
2008	- Uma abordagem sociolinguística da concordância nominal no falar dos habitantes de Benjamin Constant – **Flávia Santos Martins**	Especialização em Linguística orientadora: Prof. Dra. **Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso**
	- Estudo Dialetológico e Sociolinguístico do Falar de Itacoatiara: as vogas médias pretônicas – **Edson Galvão Maia**	Especialização em Linguística orientadora: Prof. Dra. **Maria Luíza de Carvalho Cruz-Cardoso**
2009	- A realização das variantes palatais */λ/ e /ɲ/* nos municípios de Itapiranga e Silves (parte do Médio Amazonas) – **Francinery Gonçalves Lima Torres**	Sob a orientação de **Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso** - pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSA.
	- *Comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves* – **Lúcia Helena Ferreira da Silva**	Sob a orientação de **Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso** - pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia - PPGSA

	- O alçamento das vogais posteriores tônicas na fala de Borba – **Maria Sandra Campos**	Tese doutoral - que apesar de descrita pela autora como de cunho sociolinguístico, torna-se importante por confirmar hipóteses já levantadas no ALAM ao apontar uma ocorrência positiva do alteamento em contexto tônico, confirma a hipótese de Cruz (2004) de que esse pode ser um fenômeno em extinção. (JUSTINIANO, 2012; AZEVEDO, 2013).
2010	*Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM –* **Roseanny de Melo Brito**	Produto final do mestrado em Sociedade Cultura na Amazônia-UFAM, orientada por **Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso**, utilizou-se dos mesmos procedimentos metodológicos do ALAM
2012	*Atlas dos falares do Alto Rio Nego-ALFARIN –* **Jeiviane dos Santos Justiniano**	Dissertação de Mestrado em LETRAS – pelo PPGL – Programa de Pós-Graduação Letras da Universidade Federal do Amazonas, orientada por **Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso**
2013	*Um perfil lexical do português falado em comunidades Quilombolas em Barreirinha (AM): um estudo dialetológico –* **Quezia Maria Reis de Oliveira Barbosa**	Dissertação de Mestardo-PPGL. Orientadora: **Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso**
	Dialetos amazônicos? descrição para a revitalização da autoestima ribeirinha (em andamento até a publicação desta dissertação) Coordenadora: **Maria Sandra Campos** – *Integrante:* Cirineu Cecote Stein	Projeto de Pesquisa como objetivo: descrever os dialetos amazônicos sob o ponto de vista fonético-fonológico; criar banco de dados suficiente para o registro das variações dialetais que, por influência especialmente da mídia televisiva, estão sob ameaça de anulação.
	Descrição da nasalidade na Comunidade do Andirá, Município de Barreirinha, no Amazonas. **Tatiana Belmonte dos Santos**	Dissertação (Mestrado em Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas. Orientadora: **Maria Sandra Campos**
2014	*- A realização da fricativa glotal na fala manauara –* **Shanay Freire Berçot Rodrigues**	Dissertações de Mestrado – PPGL Orientadora: **Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso**

2015	*- O falar do caboco paraense: um estudo sobre o léxico do Baixo-Amazonas (PA) -* **Carolina Pinheiro Barros**	Dissertação de Mestrado – PPGL Orientador: **Orlando da Silva Azevedo**
	- Trabalhando os mapas geolinguísticos; *Variação lexical em Manaus: um estudo geolinguístico* - **Bryana Connie Linda Lopes Batista**	Iniciação Científica – PIBIC Orientador: **Orlando da Silva Azevedo**
	Um olhar lexical sobre a identidade dos migrantes interioranos do estado do Amazonas: um estudo sociogeolinguístico - **Sandra Maria Godinho Gonçalves**	Dissertação de Mestrado – PPGL Orientadora: **Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso**
2016	Variação do /S/ em coda silábica no falar dos moradores de São Paulo de Olivença (Amazonas) – **Richardson Borges Maia**	Iniciação Científica; (Graduando em Letras - Português e Espanhol) - Universidade Federal do Amazonas; Orientadora: **Flávia Santos Martins;**
2017	- Atlas Morfossintático da Microrregião do Madeira - AMSIMA **Liliane Sampaio Tavares.**	Dissertação de Mestrado – PPGL-UFAM Orientadora: **Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso**
	- O falar do caboco paraense: um estudo sobre o léxico nos municípios de Santarém, Oriximiná e Juruti (Baixo Amazonas-PA) **Carolina Pinheiro Barros**	Dissertação de Mestrado – PPGL-UFAM Orientador: **Orlando da Silva Azevedo**;
	- Diversidade linguística no ensino de português: desafios do professor de língua materna no contexto escolar – **Lygia de Lima Souza**	Dissertação de Mestrado – PPGL-UFAM Orientador: **Orlando da Silva Azevedo**;
2018	Atlas Linguístico dos Falares de Manaus – ALFAMA – **Letícia Pinto Cardoso**	Dissertação de Mestrado – PPGL-UFAM Orientador: **Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso**
	Atlas morfossintático de parte da microrregião do Rio Negro-Solimões – AMPRNES **Josué Cordovil Medeiros**	Dissertação de Mestrado – PPGL-UFAM Orientador: **Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso**

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

O ALAM (2004) foi elaborado como produto final da tese de doutoramento de Cruz-Cardoso. A pesquisa abrangeu 483 questões divididas em 2 questionários: um acerca de dados fonético-fonológicos (156 questões), e outro acerca de questões

semântico-lexicais (327 questões).As questões foram aplicadas a 54 informantes, sendo 6 em cada município, 2 para cada faixa etária de 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante, sendo 1 para cada gênero nessas faixas com até a 4ª Série do Ensino Fundamental com pais naturais da região. Segundo a própria autora em artigo de apresentação do ALAM assim o descreve

> [...] foram selecionados 9 municípios de maior representatividade para o Amazonas, segundo critérios de natureza histórica, geográfica, demográfica e socioeconômica. Foram ainda considerados alguns pontos de inquérito sugeridos por Nascentes (1958); pontos de inquérito sugeridos pelo Projeto do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB e a divisão político-administrativa do Estado, de 5/10/1989, que dividiu o Estado em 9 Microrregiões homogêneas, com base nas bacias hidrográficas dos principais afluentes do Rio Amazonas. Foram então selecionados os seguintes Municípios: Barcelos (Microrregião do Alto Rio Negro), Tefé (Microrregião do Jutaí-Solimões-Juruá), Benjamin Constant (Microrregião do Alto Solimões), Eirunepé (Microrregião do Juruá), Lábrea (Microrregião do Purus), Humaitá (Microrregião do Madeira), Manacapuru (Microrregião do Rio Negro/Solimões), Itacoatiara (Microrregião do Médio Amazonas) e Parintins (Microrregião do Baixo Amazonas).” (CRUZ, s/d, p. 2).

Outro Atlas importante para os estudos dialetológicos na Amazônia foi produzido como tese doutoral por Azevedo (2013). A tese de doutorado pautou-se nos métodos e nos princípios da Geolinguística Pluridimensional e abrangeu a realização das vogais médias pretónicas /e/ e /o/ e a variação lexical na região do Baixo Amazonas/PA e Médio Solimões/AM; a pesquisa contemplou nove pontos de inquérito, com a coleta de dados por meio de 101 questões do QFF (Questionário Fonético-Fonológico) e 192 questões do QSL (Questionário Semântico-Lexical) próprio ao apresentar signos próprios da fala amazônica e ligados ao trabalho ribeirinho; amostra foi coletada com 72 informantes, considerando dimensões de gênero, escolaridade e faixa etária. É importante reiterar que, no campo da morfossintaxe, há registro de trabalhos em 2013, 2017 e 2018, a saber:

a) Santos (2013) realizou o registro do falar amazonense à luz da Teoria da Variação e Mudança e da Dialetologia Pluridimensional quanto ocorrência do fenômeno da concordância nominal de número no falar dos habitantes do alto Solimões (São Paulo de Olivença, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Jutaí e Fonte Boa); para tanto analisou amostras de 57 informantes dessas cinco localidades; as amostras controlaram variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas;

b) Tavares (2017), realizou pesquisa morfossintática na região do rio Madeira, contemplando os municípios de Borba, Novo Aripuanã, Manicoré, Apuí e Humaitá; esse atlas teve por base as 49 questões do ALiB presente no QMS (Questionário Morfossintático), aplicadas ao mesmo perfil de informantes do ALAM (CRUZ, 2004);
c) Em agosto de 2018, além deste trabalho em apreço, foi defendida a dissertação de mestrado de Medeiros (2018), também um Atlas morfossintático, este de parte da microrregião do Rio Negro e Rio Solimões. A UEA (Universidade do Estado do Amazonas) apresenta alguns outros, mas são poucos.

Os estudos dialetológicos no Amazonas acima apresentados sugerem que muitos mais virão, o que contribuirá para um melhor conhecimento do falar da região. As pesquisas morfossintáticas tendem a crescer no Amazonas, principalmente se forem consideradas as muitas situações de uso em que a variante escolhida pelo falante é estigmatizada.

Sendo a morfossintaxe amplamente ensinada nas escolas em muito se observa seu uso *normativo* ou não. Esse uso apresenta-se como causa do preconceito entre os falantes de uma mesma língua. Para compreender, o processo discriminatório pelo uso da língua é fundamental a compreensão da noção de norma e seus usos possíveis como parte importante para o entendimento da norma de prestígio em contraposição à norma padrão.

2.3 A Norma e a Morfossintaxe

A variação linguística é inerente a todas as línguas (SAUSSURE, 1916-1995; BORBA, 1998; LUCCHESI, 2002; WEEDWOOD, 2002; FARACO, 2008; ALKMIM, 2011; entre outros). Por outro lado, em virtude da elitização do dialeto dito “padrão”, determinada variante linguística é estigmatizada; é necessária, porém, a compreensão de que o falante, em qualquer língua, faz uso de diferentes dialetos, como afirmam Chambers e Trudgill (1994, p. 19), para quem “todos os falantes o são de pelo menos um dialeto [...] e de que não há nenhum sentido supor que um dialeto qualquer é linguisticamente superior a outro” .

Em virtude do uso de variantes entre o padrão culto (considerado gramaticalmente correto) e o padrão popular (considerado gramaticalmente incorreto), observa-se que, a depender do espaço social, do objetivo a alcançar, do suporte comunicacional ou do interlocutor, as variantes fonéticas, morfossintáticas ou lexicais fazem parte da língua, a qual é influenciada e modificada ao longo do tempo e, aparentemente, a coexistência de variantes linguísticas em nada interfere na relação comunicativa entre os falantes.

No entanto, aqui ou ali, entre os mais ou menos “letrados” ocorrem dúvidas acerca dos usos de regras normativas, e o falante se julga um estrangeiro em seu próprio país ou cidade, principalmente por não conseguir reconhecer algumas formas dadas como usuais para alguns grupos sociais. Para Borba (1998, p. 50-51), a linguagem é fator preponderante e o mais eficiente instrumento para as relações e interações sociais de que o homem dispõe para constituir sua cultura.

Em consequência dessas relações e interações, a língua torna-se, na metrópole, uma estrutura funcional representativa das relações socioculturais do falante, que se apropria do lugar “escolhido” para viver por meio da língua, dando a suas ações uma dimensão espacial e ao espaço ocupado o resultado de uma construção social. A cidade, por exemplo, se mostra como espaço sociocultural de interações da língua portuguesa e suas variações coexistentes.

A estrutura funcional da língua é introdutória, em comunidades de falantes, de várias “normas’ ou variedades distintas, principalmente, pelo vocabulário, pelas formas gramaticais e pela pronúncia. Essas normas podem ser nomeadas como: familiar, popular, literária, padrão, vulgar, classe entre outras. Tais normas se interseccionam a todo instante para que o falante se adeque a exigências comunicativas, tornando possível um indivíduo transitar ou associar uma norma à outra. Faraco (2008) avalia que

> Em geral, a fixação de um certo padrão responde a um projeto político que visa impor uma certa uniformidade onde a heterogeneidade é sentida como negativa (como “ameaçadora de uma certa ordem”). Foi esse o caso do Brasil no século XIX em que certa elite letrada, diante das variedades populares (em particular do que se veio a chamar pejorativamente de “pretoguês”) e face a um complexo jogo ideológico (em boa parte assentado em seu projeto de construir um país branco e europeizado) trabalhou pela fixação de uma norma-padrão.
> Essa norma, no entanto, profundamente dissociada das variedades cultas efetivamente praticadas no Brasil, nunca se tornou de fato funcional. No

> entanto, tem servido, por mais de um século, de instrumento de violência simbólica e discriminação sociocultural. (FARACO, 2008, p. 172).

A partir dessa proposição, percebe-se a importância quanto ao conhecimento acerca da Norma de Uso em uma dada comunidade linguística. Nesse sentido, entre o *normal* e o *normativo*, estão as escolhas do falante. Essas escolhas identificam-no no ambiente linguístico em que o normativo seja, teoricamente, obrigatório, levando o interlocutor a inferir acerca das variáveis que o falante fez uso; no entanto, mesmo dominando ou conhecendo, mais de uma norma, a escolha é do falante.

Por norma pode-se entender dois princípios básicos: "como se diz" e "como se deve dizer". O primeiro refere-se à variedade linguística que represente o conjunto de traços linguísticos de uma determinada comunidade de fala, seja no campo fonético-fonológico, léxico-semântico e/ou morfossintático, agregando o habitual e o costumeiro naquele grupo: é o "*normal*" porque "aqui se fala assim"; o segundo, remete a um conjunto de prescrições para o "bom uso" da língua, sob determinado contexto sócio-histórico modelar, remete à tentativa de controle do falante em um determinado ato linguístico: é o *"normativo"* porque "para esse momento, é preciso falar assim". Ambas coexistentes e são determinantes da identidade de seus falantes nos grupos em que se inserem.

O uso "modelar" em que se exige pelo contexto sócio-histórico o uso de uma norma tida como a adequada para tratar, por exemplo, com uma autoridade em que o uso de pronomes de tratamento como Sr. ou Vossa Excelência ou a flexão do verbo em terceira pessoa são vistos como "obrigatórios" pode não acontecer, com isso o receptor logo percebe tratar-se de uma pessoa que provavelmente não estudou o bastante. Nesse sentido, busca-se o levantamento quantitativo das ocorrências concretas para mapear a norma de dois grupos de indivíduos em uma mesma comunidade, como afirma Barbosa (1989)

> [...] uma norma de grupo de indivíduos, por exemplo, se define de um ponto de vista, como conjunto de modelos de realizações concretas e, de outro, como o conjunto dos fatos de alta frequência e distribuição regular nos discursos dos sujeitos falantes [...] (BARBOSA, 1989, p. 574)

O *normal* e o *normativo* apresentam diferenças singulares. Enquanto um, o *normal,* representa a realidade do falante, o como de fato falam na comunidade, descrevendo a normalidade de uso na maioria dos casos com uma frequência

estatística absoluta revelando a tendência geral ou habitual, em *variedades cultas* (ou *norma culta*). O outro, o *normativo, representa* um uso ideal e idealizado, orientando a como deve falar em conformidade com uma regra, agregando conceitos de gramática prescritiva ao determinar "como deve ser" e sujeitando o falante a um juízo de valor: está certo ou está errado, em um dialeto único, *norma-padrão*. Ambos são dotados de realidade. Para o primeiro a realidade é a própria dinâmica da interação social; para o segundo, construída, seja em fala monitorada seja na codificação de um modelo escrito (CRISTIANINI, 2007, p. 103-104).

Para este estudo, a norma em observação corresponde aos padrões de uso para aplicação em questões morfossintáticas do sistema. Embora não se almeje traçar parâmetros valorativos em relação ao normativo, norma-padrão, ainda assim precisa-se de delimitadores para estabelecer indicadores para a descrição da distribuição regular e da frequência. O primeiro indicador a ser definido é a própria noção de morfossintaxe, que segundo Sautchuk (2010) para o estudo da norma da língua portuguesa parte-se de quatro aspectos linguísticos: fonema, morfemas e palavras, sintagmas e frases, e unidades semânticas. Essa autora apresenta

> A língua [...] tomada como um código composto de unidades e de leis que as ordenam e regulamentam, realiza-se mediante a interação e perfeita harmonia entre todos esses aspectos e não compartimentada por eles. Todo usuário da língua concretiza seus atos de fala e exerce sua competência comunicativa, produzindo textos orais ou escritos, a partir dessas unidades e orientado pela força intrínseca das leis fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas que as organizam ou que as autorizam. (SAUTCHUK, 2010, p. 02).

Seja usando a norma culta ou a norma-padrão, o falante combina essas unidades para comunica-se. Ao usar as leis, vai combinando-as e recombinando-as também, podendo ser possível ouvir "*confortidade" (CARTA 105, deste trabalho) porque o falante entende que, se existe a forma comodidade, por que não *confortidade? Por assim dizer, parte-se para descrever os princípios conceituais que norteiam as variáveis morfossintáticas em análise neste estudo:

a) ***Morfemas*** – unidade mínima significativa da palavra e estrutural da língua, com a função de nomear ou relacionar os elementos básicos do mundo, podendo ser dividido em *lexicais* ou lexemas, inventário aberto que serve para nomear os elementos da língua, remetendo à realidade biossocial ou antropocultural; e,

morfemas *gramaticais* ou gramemas, constituem um inventário fechado que serve para relacionar ou estruturar palavras, formando estruturas maiores. Ao compor a estrutura de um vocábulo os gramemas são chamados de *dependentes* aprecem na forma de: afixos (prefixos e sufixos); vogal temática (nominal ou verbal); e, desinência nominal (gênero e número) ou verbal (de modo, tempo, número e pessoa). Se possuírem autonomia vocabular são chamados de gramemas *independentes*: artigo, pronomes, numerais, preposições, conjunções e advérbios pronominais. (SAUTCHUK, 2010, p. 4-9).

b) ***Flexão*** – segundo Câmara Jr. (2015, p. 81) "o termo gramatical [...] é a tradução do alemão *Biegung* 'flexão, curvatura', [...] para indicar que um dado vocábulo 'se dobra' a novos empregos". Em português, ocorrem pelas desinências, ou sufixos flexionais, pospostas ao radical, em um processo de *derivativo naturalis,* ou seja, de obrigatoriedade e sistematização coerente, imposta pela própria natureza da frase, a concordância no sintagma, e com pouquíssima variação com uma lista exaustiva e excludente, no eixo paradigmático. A flexão do nome pode ser feita, em regra geral, por morfemas substitutivo, aditivo e/ou morfema zero para indicar o gênero (feminino {-a} ou masculino {-o}) e o número (singular {Ø} e plural {-s}). A flexão do verbo ocorre, em regra geral, por meio de morfema cumulativo, uma vez que a desinência de tempo encerra também a ideia de modo ({-va} pretérito imperfeito do indicativo 1ª conjugação; {-a} presente do subjuntivo para a 2ª e 3ª conjugações, ambas para verbos regulares) e a de pessoa encerra também a ideia de números { Ø, -s, Ø, -mos, -is, -m}. (CÂMARA JR., 2015, p. 81-82).

c) ***Concordância*** – ocorrendo em Língua Portuguesa em duas modalidades: Verbal e Nominal, Perini (2010, p. 279) afirma ser a concordância uma *harmonia* entre o verbo e o sujeito (aquela) e de "gênero e número entre os diversos nominais dentro do SN" (esta). Essa harmonia, mostra-se em muitos casos redundante, por reiterar situações linguísticas, por exemplo: (5) **O cravo** é um*a flor* lind*a*. / **A rosa** é um*a flor* lind*a* / *A*s *rosa*s são *flor*es lind*a*s. As marcas de masculino, feminino, singular e plural são reiteradas a partir do núcleo nominal em todos os termos a ele relacionados (determinantes e verbos).

d) ***Classes de palavras*** – a organização de línguas em classes parte de três princípios: forma, função e sentido. A *forma* refere-se a estrutura da palavra (que

morfemas são usados em sua composição, dobram-se a quais flexões?); a *função* corresponde à ordem da palavra no sintagma (por ser a Língua Portuguesa, uma língua de ordem direta, a posição da palavra determina, em muitos casos, a sua função); e, *sentido* construído a partir das relações de forma e função, podendo ser influenciadas por questões extralinguísticas. Segundo Sautchuk (2010),

> a classificação das palavras que compõem principalmente o sistema aberto da língua, mas, em muitos casos, também o sistema fechado, depende muito de seu "comportamento" na cadeia falada. Assim, é muito difícil dizer que uma determinada palavra será *sempre* um *substantivo* ou um *adjetivo*. O que existe são características peculiares (de natureza mórfica e/ou sintática) a determinadas classes de palavras que permitem, em *um determinado contexto*, assegurar-nos de que se trata deste ou daquele tipo de palavra: a língua não funciona em relação a um único eixo (paradigmático ou sintagmático). (SAUTCHUK, 2010, p. 19, grifo da autora).

As relações morfossintáticas na língua portuguesa distribuem as formas em estruturas hierárquicas no sintagma para atribuir-lhes a função. Por assim dizer, Perini (2008, p. 93) corrobora com essa afirmativa quando diz que "as funções se definem no contexto em que ocorrem, mas as classes se definem fora de contexto." Nesse sentido, as funções serão determinadas em um entorno gramatical e classe é funcional (o que ela pode ser na frase ou que pode exercer na frase). A noção aqui proposta a partir de Perini desconstrói a posição de norma tradicional para a classificação das palavras em que a classificação depende do contexto, sobre o tema o autor afirma que "É importante conceber as classes como existentes na língua fora de contexto para relacionar as classes com o uso que o falante faz da língua".

As noções aqui expostas são amplamente divulgadas nos currículos escolares para fomentar a implantação de uma *norma-padrão*, a qual tende a estigmatizar ou estratificar as outras normas - culta ou prestigiada e popular ou estigmatizada – como adequadas ou não. As variedades linguísticas em uso pelo falante nos grupos sociais nem sempre a têm a norma-padrão como base, mas não significa que não a tenha aprendido ou tido contato com ela, posto que a mídia as divulga, as escolas são obrigadas a usarem-na como referência, ela está presente no jornal, na propaganda, filmes e algumas músicas.

Pondera-se, no entanto, que nas escolas o ensino da morfossintaxe é mecânico e dividido em morfologia e sintaxe. Assim, a relevância dada aos estudos morfológicos e sintáticos impediria a aceitabilidade de variantes não-padrão em

situações mínimas que fossem, nestas duas áreas da Gramática Normativa, sendo considerados, a partir dela, inaceitáveis por boa parte dos falantes. Exemplos das variantes estigmatizadas quanto ao uso morfossintático são notados em uma concordância inadequada –*os pessoal foram; em uma regência imprópria – *vou no banheiro; em um gênero ou número inadequados – *os alfaces, as sujeitas, os degrais, os cidadões (CARTA 55, 63, 84, 93, deste trabalho, respectivamente); em uma conjugação verbal por analogia ou inventada - *seje, *fazeu –, entre outras situações em que o conhecimento morfológico vinculado ao sintático são fundamentais.

Não é difícil, também, encontrar exemplos de variantes morfossintáticas, se forem vasculhadas páginas de jornais ou revistas, sejam em propagandas na mídia, em postagens em redes sociais, em poucos minutos estas o estigmatizado aflora. Um olhar mais gramatiqueiro condenaria muitas placas e avisos em vários espaços públicos. Um olhar mais acurado de pesquisador usará estas variantes "estigmatizadas" como *corpus* de pesquisa para entender os processos de comunicação do falante, buscará compreendê-lo e estabelecerá a "norma de uso" para o grupo que a utiliza naquele contexto sociocultural, apontando as variantes em vias de mudança ou variação. No entanto, o teor elitista do discurso da padronização da língua impõe a noção única de "padrão x não-padrão" como balizador da fala adequada, a partir de uma posição sociológica bem estabelecida e defendida pela mídia e gramáticos tradicionais.

Os princípios de norma-padrão que ainda perpetuam essa falsa noção de estigmatizadora do falante, neste estudo, serão substituídos pala acepção de norma apresentada por Barbosa (1989). Ainda assim, importa salientar que o princípio da frequência (alta ou baixa) e da distribuição (regular ou irregular) balizam uma concepção de norma em que o estigmatizado e o estratificado possam ser descritos para que se trace os indicadores de norma em uso nos pontos de inquérito. Para tanto, as cartas elaboradas apresentam dados diatópico, diageracional, diassexual e diatópico-cinético.

Essas acepções de norma têm gerado *corpus* de análise do campo da linguística, em particular na sociolinguística e na geolinguística. Esta última mapeando distribuição regular e a frequência de ocorrência nas localidades (monodimensional) e grupos sociais (pluridimensional).

3 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA: SEJA BEM-VINDO, MANINHO!

Seja bem-vindo, maninho! Este capítulo destina-se à apresentação dos fundamentos metodológicos da pesquisa, ao descrever a cidade de Manaus como um espaço cosmopolita em que a presença de diferentes falares enriquece as relações entre Língua e Cultura, dando boas-vindas ao informante que chegou ao bairro e foi se adequando ao novo ambiente linguístico. O capítulo está divido em três seções, a saber: i) *Manaus de muitas faces: aspectos históricos, socioculturais e geográficos de Manaus* conta-se uma breve história da fundação da cidade de Manaus e os dados socioculturais e geográficos desta metrópole, abrangendo o contato entre a língua do morador antigo e a língua do morador mais novo a partir dos dados apresentados em Neto (1960) e Elia (1989), inclui subseções: *A imigração: influências e contribuições em Manaus, População; e, A divisão administrativa da cidade de Manaus* para mostrar o quanto a chegada do migrante ao centro urbano influi na releitura da Língua em uso, o quanto se busca um adaptar-se à nova realidade*;* ii) *Os pontos de inquérito* com a apresentação do histórico sociocultural dos bairros *Coroado* e *São José Operário*; iii) descreve a *Coleta e seleção dos dados*, apresentam-se os recursos utilizados em sua compilação da pesquisa, abrangendo a descrição do *Corpus*, a *Coleta de dados* e *Os informantes*, as perspectivas, dificuldades e parâmetros das escolhas feitas; iv) em *Procedimentos de análise* são descritas as *Variáveis controladas* e as questões levantadas na coleta de dados e o Questionário Morfossintático, albergando o tópico *Tratamento estatístico dos dados que*, por sua vez, explica em minúcias como ocorreu o tratamento, os recursos tecnológicos e as alternativas de uso dos dados.

Este trabalho é de caráter geossociolinguístico (local-social-estratificador) ao envolver eixos distintos de ocorrência das variações, visto que abrange primeiramente a caracterização diatópica, ou seja, como varia nos pontos pesquisados, para então realizar a descrição quantitativa dos usos morfossintáticos da língua falada em Manaus, trabalhando tanto no eixo horizontal (diatópico: Zonas da cidade; diatópico-cinético: bairros antigos e novos) quanto no vertical com diferentes alternativas de idade, sexo e situação de uso da Língua Portuguesa (diageracional, diassexual e diafásica respectivamente).

3.1 Manaus de muitas faces: aspectos históricos, socioculturais e geográficos de Manaus

Manaus desenha-se como uma cidade de múltiplas faces, cujos olhos puxados, pela ascendência indígena ou pela imigração, também são arredondados pela miscigenação branco-índio-negra. Esses olhos que se deslumbram com a floresta grandiosa também demonstram dúvida ou surpresa com os usos linguísticos feitos por sua gente. Na cidade, é comum, em conversas diretas ou entreouvidas em seus muitos espaços, a suscitação de dúvidas quanto ao uso de alguns termos, expressões e concordâncias, como, por exemplo: *a indivídua; a gente vamos; os pessoal chegaram; tu trouxe; eu vi ela; seje feliz*, entre outras situações.

Quando o manauara houve isso, perde-se em devaneios quanto à forma mais adequada e deve se questionar também acerca de quem fala assim e o porquê. Obviamente não se busca o certo e o errado, mas tão somente o perfil do falante; não há a intenção de julgar, mas sim de compreender o limite entre a língua e o dialeto – se é que ele exista na cidade - ou entre o dialeto e o socioleto e sua influência na perpetuação de variantes.

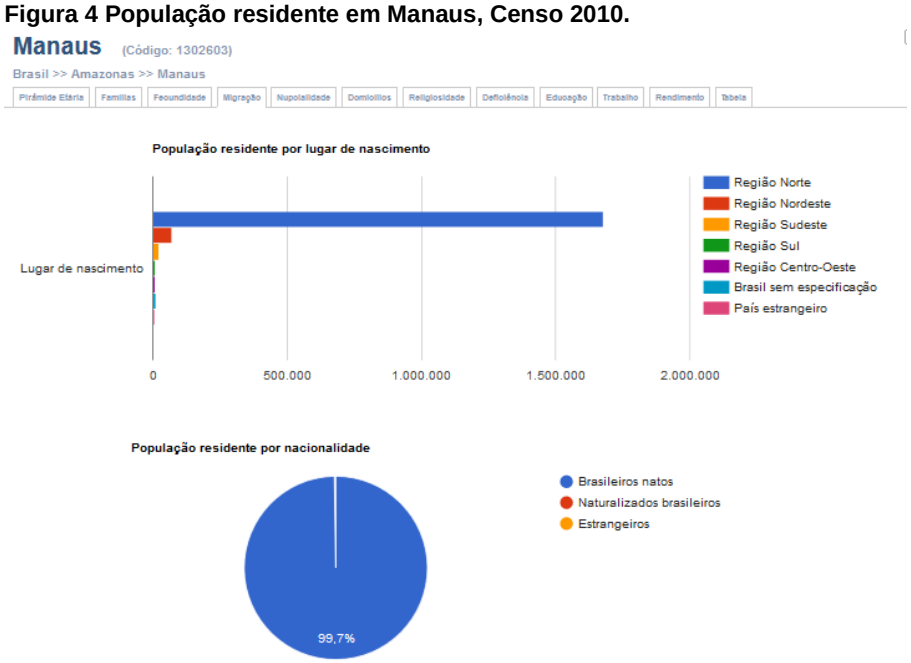
Assim, a cidade de Manaus, como capital do estado, agrega um universo variante de falares apontados como típicos do Amazonas pelo Atlas Linguístico do Amazobas(ALAM) e Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Para discorrer acerca desse falar característico quanto à variação fonológica, morfossintática e lexical encontram-se estudos e atlas (NASCENTE, 1958; ALIB, 2014; CRUZ, 2004) nos quais ficou registrado como falar do Amazonas: i) variantes no campo fonético - a pronúncia aberta das vogais pretônicas antes do acento (LEITE e CALLOU, 2002, p. 18), o alteamento, em contexto tônico, da vogal posterior média fechada (CRUZ, 2004, p. 122), que, há muitos anos, é considerado como típico dos falares do Amazonas e do Pará, mas com baixíssima frequência em levantamento realizado por Brandão e Cruz (2013, p. 316); ii) no morfossintático - a falta de concordância tu/vós e o verbo em situações de sujeito/verbo, o uso do artigo definido para nomes próprios indistintamente e reiteração da pessoa que fala, embora não sendo traços exclusivamente locais, singularizam o falante do interior; iii) no campo lexical – em que há um verdadeiro léxico amazônico ou o Amazonês (FREIRE, 2011).

No entanto, ao parar para escutar como falam os manauaras em conversas ouvidas/entreouvidas em pontos de ônibus, em vias públicas, em comércios etc., é possível perceber o eventual e o já agregado à fala cotidiana.

Isso porque a cidade está de portas abertas para muitos migrantes, gerando a inquietação quanto a ser possível traçar uma fala típica do manauara ou a quanto ser possível afirmar categoricamente como e quanto a influência de tantos novos habitantes, que convergem para a capital amazonense em busca de qualidade de vida, possibilita um plurilinguismo[30]. Sobre o tema Calvet (2002, p. 54) apresenta a cidade como o lugar por excelência dos contatos entre línguas e de indica que tais contatos fazem gerar um plurilinguismo.

Segundo dados do IBGE (FIGURA 4), a população de Manaus se constitui de pessoas oriundas de todas as outras regiões do país, bem como de estrangeiros. O histórico do desenvolvimento de Manaus é, de certa forma, dependente destes ciclos migratórios.

Figura 4 População residente em Manaus, Censo 2010.



Fonte: https://censo2010.ibge.gov.br/apps/mapa/

[30] o plurilinguismo e os contatos de línguas, tão relevantes para a reflexão sociolinguística (…), não são excepcionais nem marginais, mas amplamente majoritários e banais. As línguas são feitas para serem variáveis (...), os humanos têm a capacidade inata de serem plurilíngues (graças às suas capacidades cognitivas e à sua vida social) e contatos linguísticos estão operando fortemente em todo lugar, inclusive entre as “variedades” de uma mesma língua, em comunidades e em locutores que tendem ao monolinguismo. (BLANCHET, 2003, p. 284 - traduzimos).

A cidade foi surgindo à margem do Rio Negro como um “porto de lenha” que ganhou força econômica durante o Ciclo da Borracha. Expandiu-se significativamente nos últimos cinquenta anos, principalmente, com a implantação da Zona Franca de Manaus. Abriga atualmente em suas inúmeras vias, vielas, becos e travessas mais da metade da população do Estado, muitos fugindo da fome e da falta de assistência vivenciada em seus 62 municípios, ou vindos de outros estados.

Segundo Filho (2000), Manaus, ou melhor, o Lugar da Barra, ganhou o *status* de sede da extinta Comarca da São José do Rio Negro, posteriormente, Província do Amazonas e hoje estado do Amazonas, por causa de sua posição geográfica. As origens da cidade remontam ao ano de 1669, com a função combater as invasões holandesas e outras vindas pelo Suriname, ainda Forte São José da Barra do Rio Negro em cujo entorno desenvolveu-se o povoado Lugar da Barra. Em 1832, passa a categoria de Vila da Barra. Em 24 de outubro de 1848, recebe o título de Cidade da Barra de São José do Rio Negro e, somente em 04 de setembro de 1856, passou a se chamar Cidade de Manaus, em homenagem aos antigos habitantes da região, os índios Manaós.

Com o Ciclo da Borracha, a partir de 1870, a cidade expande-se exponencialmente, com intenso desenvolvimento urbano em termos econômico e populacional. A vila ganha ares de cidade moderna com arquitetura europeia, reproduzindo a vida urbana de ingleses e franceses. Márcio Souza, no entanto, em a Expressão Amazonense, critica duramente o marasmo manauara por prender-se ao ciclo, “estrutura antiga e milagre do mal gosto”, para ele

> [...] enquanto o Sul amadurecia, promovendo a manifestação interna da economia competitiva, inicialmente de uma maneira tímida, e, depois com rápidas mudanças, [...] os amazonenses viviam mergulhados no delírio da monocultura, [...] (SOUZA, 2010, p. 161).

O Centro urbano de Manaus era, indubitavelmente, a “Paris dos Trópicos”, o problema era sair do entorno do teatro, do Centro[31], onde facilmente se podia ver as palafitas e os igarapés poluídos há poucos mais de cinco anos. Com a implantação do Prosamim, em 2007, aos poucos essa área foi revitalizada e a pobreza foi mandada

[31] Dados levantados pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), IGHA (Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas) e ISEA (Instituto Superior de Estudos da Amazônia), há na área do Centro, 15 edificações caracterizadas como marcos da paisagem e definidas por seu valor arquitetônico e sua importância histórica, além de ruas que datam do início do século XIX.

para os bairros mais longínquos. O ato de empurrar a pobreza para a periferia não é uma política apenas neoliberal. Souza (2010) bem descreve o ato de esconder a pobreza ocorrido no período áureo da borracha, quando a riqueza dos donos de seringais e armazéns deram a Manaus o aspecto europeu ainda visto no centro da capital, sendo, portanto característico das elites e governantes manauaras tal expulsão:

> No fim do século XIX, centenas de aventureiros chegavam como deportados e a mão-de-obra do nordestino começava a ser desviada para os seringais. Pelos salões, nos restaurantes, nos jornais, era possível ver a face que a alienação queria impor. Por essa desenfreada entrega do Amazonas à alienação, numa fictícia circulação de rendas, o Estado naufragaria definitivamente no delírio. (SOUZA, 2010, p. 96).

Esse período foi de intenso fluxo migratório, tanto para o centro urbano quanto para as cidades do interior ou seringais, onde se fazia a extração do látex até mais ou menos 1913, visto que até hoje “ouro branco” ainda é extraído numa escala infinitamente menor. Com a queda na produção da goma, Manaus retoma a sua quietude e esquecimento pela metrópole brasileira. Apenas em 1970, com a implantação da Zona Franca de Manaus, a cidade passou a respirar economicamente melhor. Souza não encontra lugar para o povo entre as elites também nesse período

> [...] a Manaus do novo surto econômico se debate numa nova problemática, diferente do surto da borracha. Já não se trata de criar um centro urbano civilizado no interior da floresta equatorial. Trata-se de transformar esse centro numa realidade condizente com o progresso social da humanidade. Mas a elite amazonense é teimosa e defasada, ela permanece extrativista ideologicamente e se esquece que, se não partir da periferia em direção ao centro, estará estrangulando a sua futura expansão. (SOUZA, 2010, p. 188).

Esses dois momentos, o extrativismo da borracha e a industrialização, propiciaram um fluxo migratório intenso e constante para a cidade, principalmente de moradores dos municípios do interior. Tal fato se deve em virtude do abandono que os governantes sempre delegaram a esses municípios, oferecendo as condições ideais para o êxodo rural: a fome, o abandono e o sonho de chegar ao “El dourado”. A figura 5 apresenta a evolução do crescimento populacional de Manaus:

Figura 1 Evolução da densidade populacional: Manaus pós-ciclos econômicos

Fonte: IBGE, Censo 2010.

Manaus era esse “El dourado” do emprego fácil, da vida melhor e digna. As pessoas vinham prontas para começar uma nova vida, fazendo surgir, consequentemente, bairros e mais bairros sem as mínimas condições de saneamento e estrutura, mas com a função de abrigar todas as pessoas fugidas da pobreza e do abandono no interior. Um exemplo da falta de estrutura pode ser constatado na localização das escolas do estado.

Se for feita uma pesquisa quanto à localização de escolas e órgãos públicos estaduais na capital, logo se percebe que a maioria e as mais antigas encontram-se nos bairros da Zona Sul e Centro-Sul, áreas de nascimento da então Vila da Barra[32]. Nessas Zonas também se encontram o primeiro hospital, o cemitério, a rodoviária, o primeiro aeroporto, o centro comercial, o mercado municipal etc. Em contrapartida, as escolas e órgãos sob a administração municipal estão nas zonas mais periféricas.

Um terceiro momento a ser apontado como influente para o aumento da população manauara ocorreu com projetos de incentivo e revitalização da Zona Franca por meio do Programa Zona Franca Verde. Esse programa do governo federal teve por principal linha de ação isenção de impostos para a produção industrial nas áreas de livre comércio com preponderância de matéria-prima regional, almejando a criação de reservas extrativistas e a fixação dos munícipes em seu local de origem,

[32] A professora Maria Luiza Ugarte ("A Cidade sobre os ombros", 2003) destaca que o trabalho desempenhado pelos trabalhadores do porto entre eles os estivadores, os carroceiros e os catraieiros foi primordial para a consolidação da Manaus comercial do início do século XIX. Um período que Manaus era porto obrigatório para o escoamento dos produtos oriundos dos seringais da Amazônia em direção à Europa e aos Estados Unidos, além dos produtos manufaturados. Foi nesse cenário que nascia o Centro de Manaus que chegou abrigar no período áureo da economia da borracha cerca de 1 milhão de habitantes com uma cultura efervescente importada da França e da Inglaterra através das grandes óperas. (Disponível em: http://www.ebah.com.br/content/ ABAAAgVj0AG/30081301-historia-dos-bairros-manauara?part=6)

bem como a implantação de políticas de sustentabilidade, incentivo à pesca não-predatória, ao turismo ecológico e preservação da floresta. O programa objetivava o retorno do homem do interior para seu município, no entanto, o novo fôlego dado à Zona Franca com a implantação de indústrias de alimentos aliado à falta de estrutura educacional, hospitalar e jurídica no interior ainda faz com que essas pessoas venham para Manaus.

Com a abertura de Manaus para tantos trabalhadores, a cidade não escapou da influência de todos os povos que para aqui vieram. A seguir serão resumidas as contribuições e a organização da população na metrópole.

3.1.1 A migração

De deserto demográfico, como consequência da dizimação de povos tradicionais, práticas predatórias ou pela repressão do Império, o Amazonas e Manaus tornam-se um ponto no mapa da economia mundial com o látex. Em busca do ouro branco, vieram migrantes de vários pontos do planisférico. A guerra, a seca, o sonho de riqueza são fatores que trouxeram o novo colono para as terras tropicais a partir de 1877. O choque cultural, o isolamento, os perigos da selva, a exploração quase escravagista, o nada foi o que migrante efetivamente encontrou. Somente a tenacidade e a capacidade de subsistência garantiram que estes migrantes fincassem raízes em terras amazônicas.

Nesse contexto, à época da fundação de Manaus, os moradores antigos de Manaus têm sua origem na circunvizinhança, em tribos que foram sendo assentadas pelos portugueses por meio do processo de escravização (FILHO, 2000). Segundo dados do IBGE (2010), na atualidade, os moradores advêm dos mais diversos lugares, desde a comunidade mais longínqua do estado ou do País a cidades de outros continentes - conferir Figura 4, p.95. O “Porto de Lenha” recebe de bom grado a todos aqueles que buscam emprego e melhor qualidade de vida. São portugueses, japoneses, haitianos, venezuelanos, chineses, coreanos, cuja idioma diferente isola o falante nativo e as tentativas de comunicação traz um inegável sotaque que aos poucos se mistura a Língua Portuguesa. São paulistas, fluminenses, rio-grandenses-do-sul, goianos, mineiros, baianos, cearenses, maranhenses e paraenses, estes

últimos três aos borbotões, todos trazem seu falar mais caricatural pela prosódia registrada no sotaque arrastado, cantado, apressado, chiado ou alongado para somar ao falar manauara. São borbenses, parintinenses, são-paulivenses, envirenses, mauesense, tefeense, e tantos outros que não se deixam vencer pela grandeza do rio e chegam à capital “de mala e cuia” para fazer desse quinhão de terra um lugar melhor para viver.

Todos eles chegam a Manaus, seja de barco ou avião, em busca de melhorias. Espalham-se por toda a cidade, poucos com locais específicos – caso da Colônia dos Japoneses – a maioria se aloja “onde dá”. Mas, ao longo de toda essa história de idas e vindas, não há como negar a influência desses povos na forma de pensar o mundo e a própria cidade. Além disso, esses povos trazem o seu bem mais precioso para somar-se à vida manauara: a cultura.

Manaus, assim, vive um novo perfil populacional que depois do ciclo da borracha teve seu isolamento quebrado, integrando-se ao mercado internacional. Os imigrantes redesenharam a face, a genética, a cultura e língua manauara. As contribuições culturais, segundo Souza (2009, p. 274-279), foram e são de grande valia para os habitantes da Paris dos Trópicos, o enriquecimento cultural precisa ser citado em sua individualidade dada a importância:

- Os nordestinos trouxeram o Bumba-meu-boi, que agora é Boi-Bumbá; o Forró, o Frevo, a culinária com miúdos e crustáceos; além do cordel; o falar linguodental, um léxico estranho (arretado, oxente).
- O Sul trouxe o *country* e o sertanejo, a vaquejada, o chá como prazer, macarrão, o amor ao dinheiro, a vontade de trabalhar, a pronúncia mais anasalada e um r mais vibrante, os nomes sem artigo, as gírias esquisitas.
- Os africanos trouxeram a religião, o samba, lendas e histórias de grandes guerreiros, o caruru, a galinha com quiabo, a poesia social, o milho e suas iguarias, a vestimenta colorida, um léxico diferente.
- Os judeus sefaradistas-marroquinos trouxeram a sinagoga, a aptidão para o comércio e administração.
- Os sírio-libaneses, a persistência, o sentido de família, o crediário.

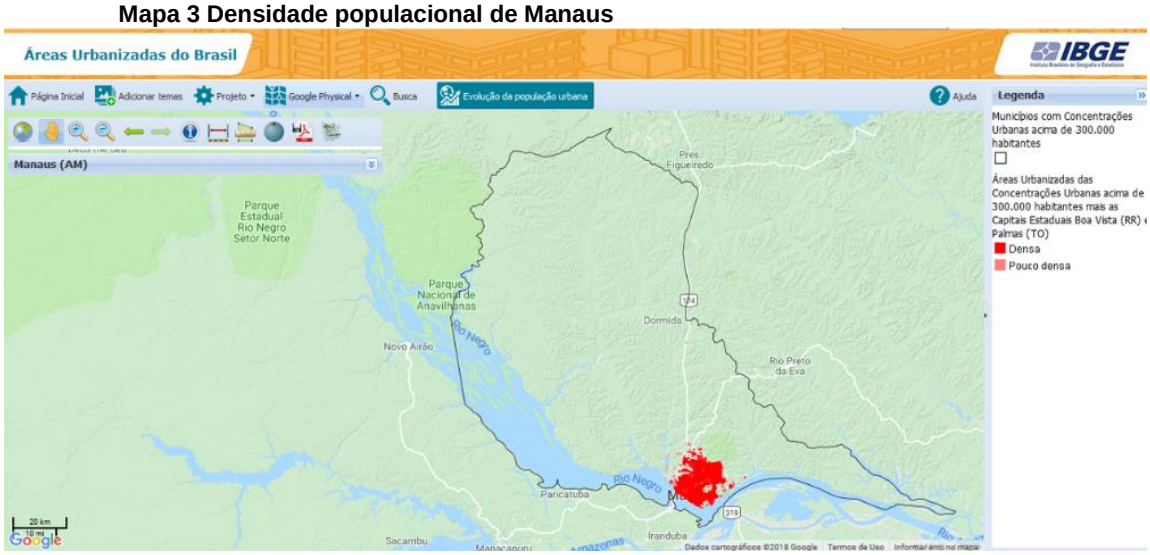
- Os italianos e os espanhóis, importantes contribuições para a educação, arquitetura, música, comércio e indústria, criando os primeiros movimentos operários organizados.

Os japoneses introduziram o cultivo da pimenta-do-reino, da juta e de variedades de vegetais e hortaliças, além contribuírem “com seus valores culturais, seu cultivo pela cortesia, respeito à hierarquia e sensibilidade estética” (SOUZA, 2009, p. 279), o sushi, o haikai.

3.1.2 População

Com uma área territorial de 11.401,092 km² e a população total de 1.802.014, Manaus está entre as dez cidades mais populosas do país, com densidade demográfica de 158,06 hab/km². No último censo demográfico, realizado em 2010 pelo IBGE, a capital era constituída de 879.742 homens e 922.272 mulheres com um IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) de 0,737. Passados oito anos o mesmo instituto estimou para 2017 uma população de 2.130.264 pessoas.

Mapa 3 Densidade populacional de Manaus



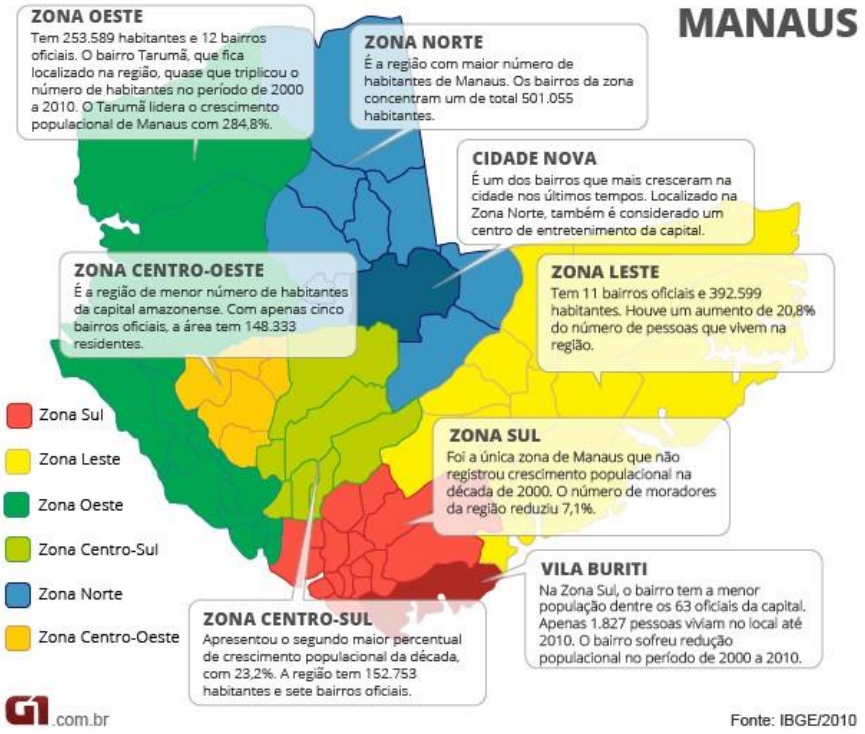
Fonte: IBGE, 2010

O Mapa 3 apresenta a densidade populacional de Manaus, observa-se a grande concentração de habitantes em uma área muito restrita. Por essa razão, Manaus é reconhecida mundialmente ora por Paris dos Trópicos, pela arquitetura

herdada dos tempos áureos da borracha, ora por a Metrópole da Amazônia, porque ao ser vista em imagens é um ponto densamente habitado em meio a uma floresta mais densa ainda.

Como já afirmado, segundo dados do IBGE (2010), Manaus é a 7ª cidade mais densamente povoada do Brasil. É uma cidade com uma população relativamente jovem. Ao dividir a população por **faixa etária** (o mais próximas possível da divisão utilizada pelo presente trabalho, de acordo com os dados do IBGE 2010), tem-se que 645.633 habitantes estão entre 18 e 35 anos, 601.467; e 226.103 pessoas estão com 55 anos ou mais. A distribuição da população por zonas é apresentada na Mapa 4:

Mapa 4 Divisão da população manauara por zonas administrativas

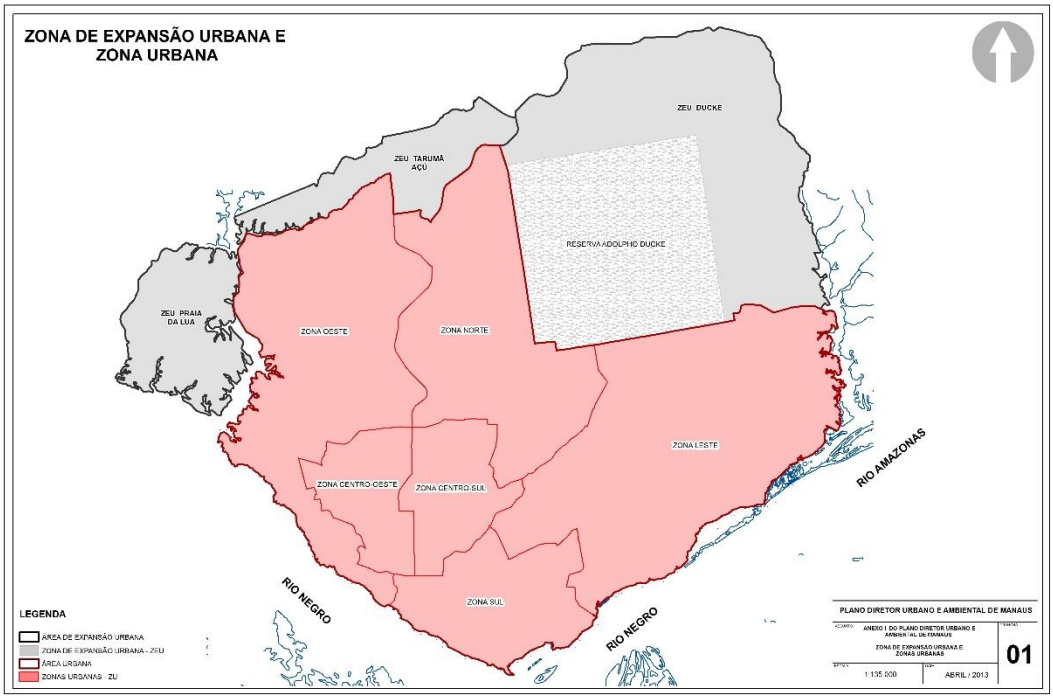


Os habitantes da cidade de Manaus são, em grande número, migrantes de outros municípios do Amazonas, de outras regiões do Brasil, e de outros países. Se dividida a população por **origem de região**, tem-se: 1.678.879 pessoas da própria região Norte, 71.148 da região Nordeste, 23.848 do Sudeste, 6.775 do Sul, 6.340 do Centro-Oeste, 4.653 de algum país estrangeiro e 10.371 sem especificação. Todos esses migrantes tornam Manaus a 7ª cidade mais populosa do país (Mapa 5)

3.1.3 A divisão administrativa

Desde 07 de agosto de 1995, foi implantada pelo então prefeito Carlos Eduardo de Souza Braga a divisão geográfica da cidade de Manaus por meio do Decreto 2.924. A capital passou, então, a ser constituída geograficamente por seis Regiões Administrativas designadas como zonas (MAPA 5). O decreto considerou o Centro Geográfico de Manaus o cruzamento da Avenida Max Teixeira com Estrada Torquato Tapajós (Rodovia Am. 010).

Mapa 5 Zonas de Manaus



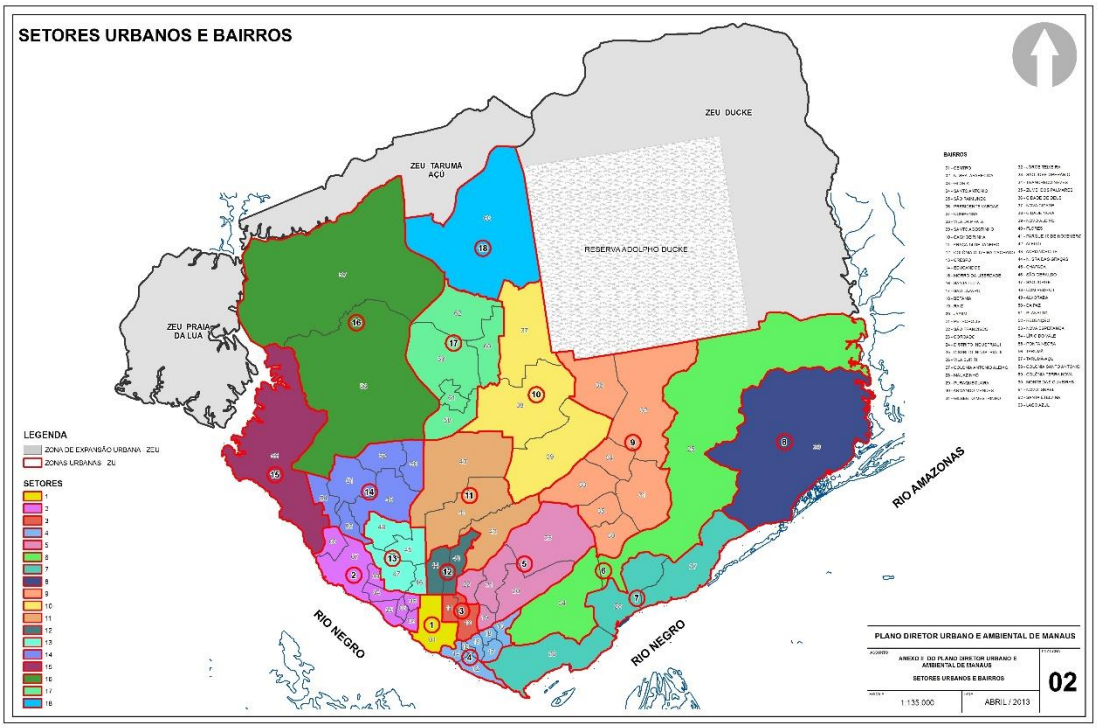
Fonte: IMPLURB (2014, p. 19).

Essa divisão foi ratificada pelo prefeito, Artur Virgílio Neto, que em 16 de janeiro de 2014 publicou no Diário Oficial o *Plano Diretor Urbano e Ambiental do Município de Manaus*[33]. O Plano, no Art. 64 da Seção I "DAS ZONAS URBANAS" descreve a constituição da Zona Urbana de Manaus a partir da localização de setores (MAPA 5). A implantação de Zonas Administrativas tem por objetivo, conforme o Plano Diretor o desenvolvimento urbano da cidade, para: valorizá-la como metrópole regional; ordenar e regular o uso e a ocupação do solo urbano; compartilhar os

[33] Disponível em: https://leismunicipais.com.br/plano-diretor-manaus-am

benefícios gerados; promover e garantir a qualidade de vida ao dar acesso aos direitos básicos do cidadão direta e indiretamente quanto a cultura, lazer, mobilidade, moradia regularizada, esporte, turismo e preservação do ambiente. (PLANO..., 2014, p. 10)

Mapa 6 Setores e bairros de Manaus



Fonte: IMPLURB (2014, p. 19)

No mesmo plano diretor há ainda a indicação da funcionalidade econômica de cada setor ao apontar objetivos centrais para nortear seu desenvolvimento. O Quadro 2 indica as características de cada setor e os bairros que o compõe.

Quadro 2 Zonas Urbanas, setores e bairros de Manaus

Zona Urbana	Características	Setores Urbanos e seus Bairros:
Norte Setores: 10, 17, 18 e parte do 09	apresenta-se com os mais bairros mais novos, formados a partir de loteamentos e invasões, sendo a grande área de transição e habitacional da Cidade, possui como limite a Reserva Florestal Adolpho Ducke.	10: Cidade de Deus, Nova Cidade, Cidade Nova e Novo Aleixo; 17: constituído pelos Bairros Colônia Santo Antônio, Terra Nova, Monte das Oliveiras, Novo Israel e Santa Etelvina; 18: restrito ao Bairro Lago Azul.

Sul Setores 01, 03 e 04, e parte dos Setores 02, 05, 06 e 07	constituída pelo Centro Histórico e pelos primeiros bairros de Manaus, abrigam a tradição cultural e arqueológica, além de ser o maior centro de negócios da cidade.	01: restrito ao Bairro Centro; 02: Nossa Senhora de Aparecida; 03: Cachoeirinha e Praça 14 de Janeiro; 04: Colônia Oliveira Machado, Crespo, Educandos, Morro da Liberdade, Santa Luzia, São Lázaro e Betânia; 05: Raiz, Japiim, Petrópolis, São Francisco 06: Distrito Industrial I. 07: Vila Buriti
Centro-Sul Setores 11 e 12	é constituída dos chamados bairros nobres, onde a classe média e classe média alta escolhe viver ou trabalhar, são bairros com muitos prédios comerciais, bancos e condomínios fechados; uma área que vem sendo verticalizada.	11: Flores, Parque 10 de Novembro e Aleixo; 12: Adrianópolis e Nossa Senhora das Graças.
Leste Setores 08 e 09 e parte dos Setores 05, 06 e 07	Por sua localização na orla do rio, é uma zona bastante diversificada com atividades industriais, agroindustriais, agricultura familiar, turismo ecológico, atividades portuárias e de proteção ambiental. Cresceu em decorrência de invasões, tendo, por isso sua caracterizando também por habitações horizontais.	06: Distrito Industrial II; 07: Colônia Antônio Aleixo e Mauazinho; 08: restrito ao Bairro Puraquequara; 09: constituído pelos Bairros Armando Mendes, Gilberto Mestrinho, Jorge Teixeira, São José Operário, Tancredo Neves e Zumbi dos Palmares;
Oeste Setores 15, 16 e parte do Setor 02	Área de turismo e lazer é o setor mais antigo, sendo conhecido pelas vilas de operários e de militares, com dois setores novos (15 e 16) constituído quase exclusivamente de condomínios fechados, onde a nova classe rica da cidade deseja morar, por ter livre acesso ao rio Negro ou Tarumã ou próximos a eles, onde estão também as marinas	15: restrito ao Bairro Ponta Negra; 16: Bairros Tarumã e Tarumã-Açu 02: Glória, Santo Antônio, São Raimundo, Presidente Vargas, Compensa.

Centro-Oeste Setores 13, 14 e parte do Setor 02	abriga centros de referência na área de esporte, de saúde e de lazer, bem como os primeiros bairros planejados, os conjuntos habitacionais horizontais.	02: Vila da Prata e Santo Agostinho 13: Chapada, São Geraldo, São Jorge e Dom Pedro I; 14: Alvorada, Bairro da Paz, Planalto, Redenção, Nova Esperança e Lírio do Vale;

Fonte: Dados da pesquisa a partir do Plano Diretor Urbano e Ambiental de Manaus de 2014.

De fato, em uma análise dos dados colhidos em jornais locais e sites diversos, o que há na Zona Leste é uma “cidade” em desenvolvimento; com trabalhadores assalariados ou autônomos; com uma das maiores vias de circulação da cidade, Av. Cosme Ferreira, conhecida como Grande Circular, dois complexos viários e dois terminais de integração do transporte urbano, lá, hoje, são encontrados todos os tipos de comércio de grande e pequeno porte, bancos, órgãos públicos, feiras, estádio de futebol, associações, espaço de lazer, de esporte, Centros Culturais, Clubes, área de preservação ambiental, bem como agremiações folclóricas e de samba, abriga, também, centros de conhecimento como o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas Campus Zona Leste e a Universidade Federal do Amazonas.

3.2 Os pontos de inquérito

A escolha de um ponto de inquérito para pesquisas dialetais é definida por características linguísticas de um espaço geográfico delimitado em uma única localidade (ALFAMA, 2018), um estado (ALAM, 2004), uma região (ALFARiN, 2012; AMSIMA, 2017; ALERS, 2011), um país (ALiB, 2014), um continente (ALE, 1998). As características delimitam e diferem uma área de outra

> “em razão de sua situação geográfica, de sua história, das interferências de quem tem sido objeto, do tipo de povoamento que nela se processou, da situação econômica atual e passada, da sua relação com as demais áreas a serem pesquisadas (quando for o caso), da sua situação demográfica, [...] (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p.24 apud CARDOSO, 2010, p. 89).

Se a seleção do ponto de inquérito considerar a história da língua os pontos de investigação abrangem determinada família de língua. Por exemplo, se o objetivo é mapear as línguas românicas, buscar-se-ia as diferentes localidades de sua

descendentes na Europa, na América Latina e na Central, na África e na Ásia. Outro fator a considerar na escolha dos pontos refere-se às transformações sociais contemporâneas, principalmente no crescimento populacional, desenvolvimento da economia e da urbanização, colocando as capitais como ponto quase obrigatório de investigação dada a pluralidade sociocultural.

Partindo dessas premissas, das cinco zonas administrativas de Manaus, foi selecionada a Zona Leste (MAPA 7), por constituir região com ampla história de desenvolvimento socioeconômico, expansão demográfica, além da diversidade, contemplando todo um universo urbano e rural em seus bairros; e, dos mais de 50 bairros ali abrigados, dois: Coroado e São José Operário, por difundirem a mudança e ser produtores e receptores de transformação, uma vez que a população é oriunda de outros lugares da cidade ou do estado.

Os pontos de sondagem foram concentrados nos dois bairros da Zona Leste de Manaus, os quais foram fundados há três décadas, período de maior fluxo migratório para este centro urbano. Este recorte se justifica por ser Manaus uma metrópole em desenvolvimento, abrigando em seu coração moradores cujos ascendentes participaram de sua fundação há 345 – estes residentes em bairros antigos e como São Raimundo, Glória, Santo Antônio, Compensa ou novos e nobres como Ponta Negra e Tarumã - e destino de migrantes e munícipes amazonenses em busca de emprego, saúde e educação, enfim, qualidade de vida; mas, ao aqui chegarem, acabam se alocando em invasões que não lhes oferecem muito mais do que já possuíam, algumas bem antigas como Coroado, São José Operário, Zumbi, Armando Mendes e recentes tais como Aliança com Deus, Jesus me deu, Mutirão, entre outros.

Mapa 7 Zona Leste: Coroado e São José

Fonte: Dados da pesquisa compilados de https://www.google.com.br/maps/

A Zona Leste de Manaus é uma Zona bastante estigmatizada. Isso porque os seus bairros, resultado de um sistema de invasão de terras que perdurou em Manaus por mais de 20 anos, nas décadas de 80 e 90, são tidos como violentos e perigosos. Apesar dos estigmas que acompanham seus moradores, em decorrência das muitas notícias de crimes divulgadas pela mídia, a Zona Leste é um lugar tranquilo para muitas famílias, com um bom número de crianças, adolescentes, jovens e adultos frequentando a escola e concluindo ensino superior.

Cada um dos bairros selecionados têm uma história de luta para se fundar como espaço administrativo. Os históricos e análises apresentados a seguir foram compilados dos informantes da pesquisa, de jornais locais e páginas virtuais.

3.2.2 *O bairro do Coroado*[34]

Um dos bairros selecionados para a pesquisa é a porta de entrada para a Zona Leste. Fundado em 20 de outubro de 1971, o Bairro do Coroado, em referência à fictícia cidade de Coroado onde se passou a saga dos Irmãos Coragem - novela de muito IBOP entre 1970-1971 – data da fundação oficial do bairro – resulta de intensa

[34] Dados compilados dos informantes, do Jornal Comércio e do Portal Amazônia e Blog Manaus de Antigamente e Google Maps.

luta judicial com, à época, ainda Universidade do Amazonas (UA). As terras da Universidade foram ocupadas ilegalmente por pessoas vindas de diferentes lugares, principalmente do interior do estado, na esperança de se tornarem operárias no distrito industrial.

Essa expansão não foi planejada ou organizada. As terras invadidas estavam destinadas a abrigar o Campus da Universidade. Para retirar os invasores inúmeros mandados de reintegração de posse foram expedidos e o confronto direto entre a polícia e os moradores foram inevitáveis. O líder dos invasores, o marceneiro João Corrêa Barbosa, resistiu a todos os atos de violência e, com isso, chamou a atenção do então governador, João Walter de Andrade, que negociou com a universidade o direito de permanência dos invasores nos terrenos. A área do bairro é apresentada no Mapa 7. No Blog Manaus de Antigamente é possível encontrar o seguinte depoimento do:

> "A polícia espalhou pânico e desespero entre os invasores. Era a época da repressão Militar, os inesquecíveis anos de chumbo da Ditadura. Oficiais da justiça protestam contra a ocupação da área, declarando que esta pertence à Universidade do Amazonas, adquirida através de doação feita pelo Governo Federal a essa Unidade de Ensino Superior Apesar de inúmeras ameaças de despejo mediante intervenção militar, da precária condição dos invasores e da trágica situação em que se encontravam os moradores, houve tolerância por parte das autoridades em virtude do problema social no qual os invasores se encontravam. Eis que surgiu entre os invasores um humilde marceneiro: João Corrêa Barbosa, homem de fibra, que com muita determinação fincou suas estacas e jurou perante seus companheiros que daquele pedaço de chão só sairia morto. Esta atitude lhe rendeu a alcunha de "João Coragem", inspirada na novela da Rede Globo, Irmãos Coragem, a qual estava em exibição na época e retratava uma situação idêntica à do povo daqui." (SANTOS, 2008, s/p)

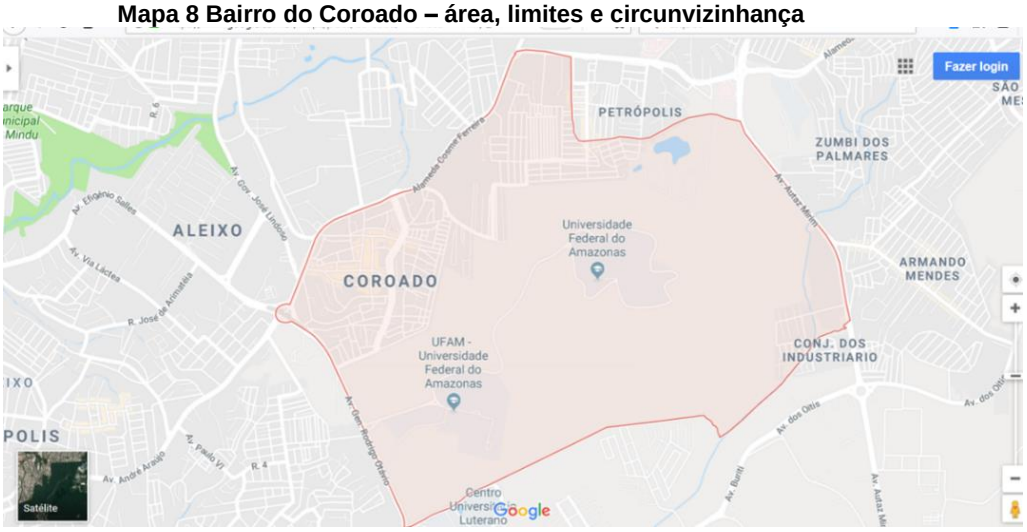
Vencida a primeira fase, a permanência na terra, os moradores passaram a enfrentar problemas de infraestrutura, saneamento básico, transporte, fornecimento de água encanada e energia elétrica, mas, principalmente, a posse definitiva da terra, começou a se efetivar no governo de Henoch da Silva Reis, em 1975, que negociou o ressarcimento para Universidade pela desapropriação das terras, no entanto o pagamento foi efetivado em de 1980, quando José Bernardino Lindoso indenizou a UFAM em 14 milhões de cruzeiros e encerra o processo de regularização do bairro.

Independente da morosidade processual de oficialização do bairro, os moradores foram organizando suas vidas. As palafitas de papelão, palha, paus e piso de barro, usadas incialmente para abrigar os invasores, foram se transformando em

residências construídas em madeira ou alvenaria. A qualidade de vida também foi garantida pelo governador Lindoso, que em 1982, por meio do Projeto Pro-Morar, levou melhorias urbanas, como a rede de distribuição de água, asfaltamento de ruas e becos, a conclusão da avenida Beira Rio com a canalização do igarapé que corta o bairro. Mas, a independência definitiva foi dada pelo Governado Gilberto Mestrinho quando, ainda na década de 80, concedeu, ao sancionar lei, a titularidade dos terrenos a seus ocupantes; os moradores precisam, no entanto, entrar com processo para esse fim.

A fundação do bairro foi um marco na expansão da cidade para o Leste. A definição do perímetro começa na avenida André Araújo passando pelo contorno em direção ao Campus Universitário, indo até a Alameda Cosme Ferreira seguindo até a avenida Grande Circular, passando pelo Igarapé do 40 até o igarapé Atílio Andreazza. Possui uma superfície de 1.142.21 hectares (Mapa 8).

Mapa 8 Bairro do Coroado – área, limites e circunvizinhança



Fonte: Dados da pesquisa coletados por meio do Google Maps

Em um passeio pelo bairro do Coroado, atualmente, é possível constatar que o bairro oferece a seus moradores uma infraestrutura urbana dotada de todos os serviços básicos: o Hospital e Pronto-Socorro João Lúcio, referência em traumatologia; o Pronto-Socorro Infantil Joãozinho; UBSs; Delegacias; Escolas Públicas Estaduais e Municipais e também Escolas Particulares; o Clube do Trabalhador; a mini Vila Olímpica; Escola de Samba e Grupos Folclóricos; Centro Social e Comunitário; Distrito de Obras; dois estádios de futebol e quadras

poliesportivas; ruas de comércio; restaurantes e bares; feiras; quatro supermercados de grande porte; e condomínios fechados verticalizados e de casas. A mobilidade da população é feita em ruas asfaltadas, com carros e transporte coletivo, os quais, além das linhas diretas 515, 001 e 002 pela Av Cosme Ferreira circulando várias linhas em direção a outros bairros da Zona Leste, tornando o fluxo de veículos intenso e congestionado, principalmente na Bola do Coroado que já recebeu um viaduto de duas alças e uma passagem subterrânea.

Ao bairro, falta ainda uma melhor sinalização e identificação das ruas, a presença de guardas de trânsito para fiscalizar o estacionamento indevido nas estreitas ruas, característico de invasão; também não se registra uma maternidade ou um tribunal; as feiras, quadras de esporte e praças precisam de reformas e modernização urgente; é necessária também a presença mais ostensiva da polícia militar, posto que são frequentes os roubos ou furtos, principalmente em paradas de ônibus.

3.2.3 *O bairro de São José Operário*[35]

Um dos maiores e mais populosos bairros de Manaus e da Zona Leste (MAPA 9), o São José Operário tem em sua fundação lágrimas e devastação. A violência foi a marca de criação do bairro de São José Operário, resultado da disputa pelas terras invadidas pelos que buscavam o sonho do “El Dourado” na Zona Franca no final da década de 70 e início dos anos 80.

Na origem desse bairro, é possível apontar personagens principais e secundários para o conflito, como principais: os invasores, a irmã salesiana Helena Augusta Walcott, à época, famosa por incentivar as invasões na cidade e o dono de uma imobiliária, Paulo Farias, que alegava ser o proprietário das terras e uma vítima, Antenor Cavalcante Araújo – adolescente de 14 anos morto por seguranças do empresário; como personagens secundários: grileiros, partidos políticos e o poder público, jagunços, a mando de grileiros, e forças policiais, estes dois últimos

[35]Dados compilados dos informantes, do Jornal Comércio e do Portal Amazônia e Blog Manaus de Antigamente e Google Maps.

responsáveis por atos de violência a mando de grileiros e do poder público, respectivamente.

Mapa 9 Bairro de São José Operário – área, limites e circunvizinhança

Fonte: Dados da pesquisa coletados por meio do Google Maps

Novamente a sensibilidade política do governador José Lindoso, aliada à eficácia administrativa do então prefeito José Fernandes, pôs fim ao conflito, desapropriando e loteando as terras. Em 1980, o bairro foi oficialmente criado. A área com igarapés e muita mata foi devastada para dar lugar aos moradores da 1ª etapa, com o assentamento, até 1981, de mais de 40mil pessoas, as quais foram selecionadas pelo critério baixa renda, sem-casa e residência em Manaus há pelo menos dois anos, não podendo ter propriedade em seu nome. A ocupação da 2ª etapa, iniciada em 1982, não seguiu os mesmos parâmetros e as pessoas foram ocupando áreas de risco como encostas e morros, além disso a prefeitura precisou redirecionar as terras para desfazer duas outras invasões que tiveram início na Zona Sul e Centro-Sul, uma no Parque 10 outra no Igarapé do 40.

Com essa atitude administrativa, parecia que o problema estava resolvido, engano. O conflito pelas terras durou quase uma década. Com o sucesso, do loteamento, houve a tentativa de se criar um bairro organizado, com infraestrutura e saneamento básicos adequados e realmente preparado para abrigar os moradores, que seria a 3ª etapa do São José. No entanto, uma nova invasão na área, em 1986, inviabilizou uma moradia digna às pessoas, frustrando o sonho da casa própria de

milhares de pessoas que se postaram em filas para fazer o cadastro para receber um terreno.

Os primeiros moradores, invasores, do bairro faziam, na verdade, parte da então chamada, pelos jornais da época de “indústria da invasão em Manaus”. Essa nomeada “indústria” consistia em invadir terrenos para serem posteriormente vendidos a baixo custo. Como não eram terrenos regularizados ou com título definitivo o comprador poderia ser lesado, uma vez que muitos dos “proprietários” negociavam o mesmo terreno com mais de uma pessoa.

Embora a história seja triste, o bairro é abençoado, não só pelo nome de um santo da Igreja Católica – São José Operário – como também pelo Cardeal Dom Agnelo Rossi, à época prefeito da Congregação da Fé da Cúria Romana, em nome do papa João Paulo II, quando ambos estiveram em visita a Manaus, em 1980. Em 19 de março comemora-se o aniversário do Bairro, as pessoas que lá residem há mais de 30 anos buscam ainda melhoria na infraestrutura. Os primeiros anos de ida ao São José para visitar parentes era a certeza de muito barro e lama. Em relato de um jornalista a partir do depoimento de um morador, resume bem o que foi o início do Bairro:

> “Evan”, como é conhecido pela comunidade, mudou-se para o bairro há 32 anos para fugir do aluguel. Ele vivia na Cachoeirinha e abriu mão da infraestrutura do bairro da Zona Sul em busca da casa própria. Foi no São José Operário que ele criou, junto com a esposa, dois filhos e agora uma neta. “Lembro que na época o prefeito era José Fernandes. Fizeram um loteamento das terras e doaram os terrenos. Muitas famílias carentes também conseguiram a primeira casa por meio da doação”, [...], ele lembra, como se fosse ontem, todas as dificuldades que moradores do bairro já passaram. “Só depois de 12 anos, desde que vim morar aqui, que o fornecimento de água e luz passou a ser regular, mas ainda assim, até hoje a comunidade sofre com problema de falta d’água. O transporte público também era de péssima qualidade, não tinha ônibus para o bairro”, relembra o comerciante, que presenciou manifestações da população por melhorias no transporte. “Era uma quebradeira de ônibus. O povo ficava muito revoltado”. (PORTAL ACRÍTICA, 23-03-2015)

Como relatado pelo morador ao Portal Acrítica, ir morar no São José era para se ter uma casa própria e uma vida melhor sem a precisar pagar aluguel. Aos poucos a qualidade do bairro foi aumentando. Sem contar as vias internas do bairro, o São José Operário abriga somente em sua principal via de circulação, a Grande Circular, todo tipo de comércio, serviço e assistência ao morador. São centros comerciais (3 shoppings); bancos; lojas; supermercados; maternidade Ana Braga, feira, quadra

poliesportiva, terminal de integração, pronto-socorro Platão Araújo, UBS, escolas públicas, tribunal, centro de treinamento, delegacia, empresas de grande e pequeno porte, condomínios verticalizados. Atualmente, o bairro comporta, também, certa quantidade de prédios públicos: há um posto do corpo de bombeiros, a 9ª DP, um posto do Prato Cidadão, implantado em 2004, um posto dos Correios, um posto S.O.S Manaus, a policlínica Zeno Lazini. A Semosb (Secretaria de Obras) está presenta também para regularizar os títulos de terra.

É, aparentemente, um bairro com boa infraestrutura; no entanto, falta a manutenção e reforma da maioria das escolas. A Escola Júlia Barjona está fechada há mais de 5 anos para uma reforma que nunca aconteceu, e virou local para abrigar usuários de drogas[36]. A polícia precisa também está na rua para diminuir ou pelo menos inibir os assaltos, latrocínios e assassinatos sempre descritos nos jornais da cidade. Em visita ao bairro, percebe-se a ausência de praças e espaço de lazer para as crianças. O problema da falta água tem se estendido até a atualidade sem que uma política pública eficaz seja posta em prática.

3.3 Coleta e seleção dos dados

A pesquisa foi realizada em duas etapas: coleta e seleção de dados. A primeira analisou (a) *dados bibliográficos* acerca da língua praticada por falantes no norte do Brasil, bem como a relação desta com a língua usada pela população e as influências linguísticas de outros povos, envolvendo questões sociolinguísticas; houve (b) a elaboração do *questionário* para posterior (c) contato com os entrevistados a partir do *perfil dos informantes*, (d) *recolha das amostras* e (e) a *transcrição dos dados*. A segunda etapa compreendeu a (f) *seleção e tabulação dos dados*, (g) *elaboração Cartas*.

Após levantamento de dados em campo durante 4 dias nos bairros selecionados, com as entrevistas *in loco,* na residência dos informantes por meio de questionário pré-elaborado composto de perguntas de resposta livre, de completar sentenças, de leitura de imagens e fala livre, cujo registro ocorreu com aparelho

[36] Conforme relato da informante deste trabalho M3F2E1, moradora há mais de 25 anos no bairro.

gravador de voz com microfone acoplado, foram produzidas com recursos do Power Point e Paint as Cartas. A seguir o detalhamento dos procedimentos:

a) ***A Pesquisa Bibliográfica***

Para a análise dos dados da realizou-se o levantamento bibliográfico sobre a pesquisa dialetológica e suas relações com a pesquisa sociolinguística. Foram estabelecidos marcos conceituais a serem definidos entre eles: língua, dialeto, variável, variante e sistema. Buscou-se correlacionar os conceitos da Sociolinguística com os estabelecidos na Geolinguística Pluridimensional para estabelecer pressupostos teóricos-metodológicos referentes à Dialetologia, à Sociolinguística, à Norma, à Morfossintaxe e às relações Língua, Cultura e Sociedade.

Tratou-se, também, de definir uma noção de língua que abrangesse aspectos sociais, culturais e funcionais. Investigou-se dados históricos, geográficos e socioculturais de Manaus e dos bairros alvo da pesquisa.

É importante lembrar que a metodologia de pesquisa dialetológica é essencialmente quantitativa, o que não exclui uma análise qualitativa, como realizada para este estudo. A objetividade da dialetologia permite o mapeamento, a descrição e delimitação de falares em zonas específicas de ocorrência de fatos linguísticos variantes ou confirmação de mudanças. Assim, o levantamento bibliográfico fundamentou a delimitação das variáveis linguísticas e extralinguísticas observadas.

b) ***Questionário***

A pesquisa consiste no levantamento de dados *in loco*, por meio da aplicação de questionários em entrevista pessoal. Sobre esse instrumento Cardoso avalia que

> Se a pesquisa se direciona exclusivamente ou em parte para a investigação de fatos de natureza morfológica ou sintática, o *Questionário morfossintático (QSM)* será o instrumento adequado para alcançar o desejado. Não há dúvida de que os fenômenos morfossintáticos são mais perceptíveis, porque mais facilmente, na fala corrente, nos discursos livres ou semidirigidos. (CARDOSO, 2010, p. 97).

Para esta pesquisa foi elaborado um QMS – Questionário Morfossintático com base em dados do ALiB, ALERS e perguntas elaboradas ou adaptadas pela pesquisadora (APÊNDICE A). O questionário morfossintático, diferentemente do semântico-lexical e do fonético-fonológico, para os quais um vocábulo questão,

apresenta respostas com conversação livre, ordem sintagmática ou alternativas no eixo paradigmático mais amplas (*uns/muitos/vários lápis*), além é claro de alterações lexicais (*pôr<colocar*) ou morfofonêmicas (souber/suber).

Para o questionário desta pesquisa, as questões apresentavam possibilidade de resposta semidirigida ou semiestruturada, completar uma sentença e/ou discurso livre, conforme descrito no Apêndice B. Com 60 perguntas compiladas ou adaptadas do ALiB (2015), do ALERS (Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul, 2011) ou elaboradas pela pesquisadora (fruto de experiências vivenciadas na carreira do magistério) para sondar o comportamento do falante quanto a 19 variáveis, nomeadas alfabeticamente de A a S, investigou-se os seguintes aspectos: gênero, pluralização, flexão verbal, concordância nominal e verbal, grau de adjetivos e advérbios e formas de tratamento, o questionário

Em linhas gerais dezesseis questões do QMS tratam da flexão e uso dos tempos verbais. Nesse aspecto verificou-se a flexão da P1 para o presente do indicativo de verbos irregulares como *meço/mido, rio/sorrio*; Presente do indicativo P1 e P3 com circunstância: *poupo/poupava;* Pretérito perfeito do indicativo para P1 e P4: *ponho/põe pusemos/pomos/colocamos* o uso do futuro do pretérito do indicativo, casos como *seja/seje*; futuro do subjuntivo: *souber/saber*, *vier/vim*, *trouxer/trusser*; uso de fazer impessoal; *faz/fazem*; uso do haver impessoal: *houve/houveram*; epêntese da linguodental no gerúndio.

Quanto ao uso do artigo foi observado em duas questões a presença ou ausência do determinante para nomes próprios na indicação de familiaridade ou especificidade do ser, em relação à pessoa da família, à celebridade e a estranhos.

Treze questões abordaram a flexão de gênero para substantivos e palavras na função de substantivo, bem como em sintagmas mais complexos envolvendo determinante+núcleo+determinante. Para a flexão de número foram apresentadas cinco questões. Para o grau dos adjetivos, em quatro perguntas, comparou-se imagens. Os numerais foram analisados em três questões com foco nos cardinais e sua concordância com o núcleo.

Para os pronomes as amostras foram coletadas a partir de dez perguntas, as quais abordaram o tratamento, o uso como sujeito ou objeto do sintagma. Para os advérbios, formularam-se duas perguntas para verificar se ocorre a flexão de gênero.

Aspectos mais amplos de concordância foram explorados em cinco questões em que se verificou a correlação verbo núcleo do sujeito; flexão da pessoa do discurso e dos adjetivos compostos. As duas questões de Discurso Livre objetivaram a reiteração dos dados coletados.

c) ***Perfil dos informantes***

A delimitação de coleta de *corpus* aos bairros de Coroado e São José Operário, reitera-se, ocorreu pela diversidade de moradores que se mudaram para ambos os bairros a partir de comunidades mais tradicionais da capital como Cachoeirinha, São Francisco, Parque 10, Centro ou outros municípios como Itacoatiara, Borba etc. Os dois bairros são a miscelânea de Manaus. Os bairros que surgem depois da década de 90 (Zumbi, Mutirão, Aliança) são formados por moradores, em sua maioria, oriundos destes dois.

Em uma pesquisa de cunho dialetal, o perfil do informante de quem se quer obter os dados considera mais de uma variável. Ferreira e Cardoso (1994, p. 27) orientam que "o perfil do informante, de quem se quer apurar dados, convém ser claramente delineado com vistas a estabelecer-se um perfeito controle das variáveis." Isso porque além do fator espaço (diatópico) e/ou tempo de residência (diatópico-cinético), há de se delimitar o perfil com base em critérios de idade (diageracional), sexo (diassexual/diagenérica); classe e/ou escolaridade (diastrática), estilo (diafásica) e modalidade (diamésica). Essa delimitação é essencial para as pesquisas de natureza pluridimensional e com isso

> A escolha de informantes se depara, entre outras, com questões do tipo: o número ideal a ser inquirido; a identificação – naturalidade, vinculações familiares, inserção social, características sociais – a idade, o gênero/sexo, a escolaridade. (CARDOSO, 2010, p.91)

Para esta pesquisa foram inqueridos 16 (dezesseis) moradores em dois bairros da Zona Leste. No ato da entrevista, primeiramente, os informantes deram o consentimento livre e responderam à Ficha do Informante (APÊNDICE D) para a verificação dos seguintes delimitadores: 1. Serem eles e a família naturais de Manaus ou terem escolhido Manaus para viver; 2. Morarem em um dos bairros listados acima; 3. Serem escolarizados no nível básico de ensino (Ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II); 4. Serem comunicativos; 5. Não serem muito viajados; 6. Apresentarem boas condições de fonação; 7. Terem tempo e disposição para as

entrevistas. O Quadro 3 detalha o perfil do informante ideal para participar desta pesquisa:

Quadro 3 Perfil do informante

N°	Gênero/sexo Diassexual	Nível de Escolaridade Diastrática	Faixa etária Diageracional	Zonas de Manaus Diatópica	Origem	Diatópico/cinético Diatópica-cinética
1	Homem	Fundamental I	De 18 a 33 anos	Zona Leste	Natural e não natural de Manaus	Morador recente Morador antigo do Bairro
2	Mulher	Fundamental I	De 18 a 33 anos			
3	Homem	Fundamental II	De 18 a 33 anos			
4	Mulher	Fundamental II	De 18 a 33 anos			
5	Homem	Fundamental I	De 50 a 65 anos			
6	Mulher	Fundamental I	De 50 a 65 anos			
7	Homem	Fundamental II	De 50 a 65 anos			
8	Mulher	Fundamental II	De 50 a 65 anos			

Fonte: Dados da pesquisa

Os informantes escolhidos deviam apresentar ampla convivência social e experiências de vida. Dentre os dezesseis entrevistados havia aposentados, funcionários públicos, vendedor autônomo, borracheiro, doméstica. O Apêndice E apresenta um quadro descritivo dos informantes, a partir dos dados compilados da Ficha do Informante respondida no ato da entrevista. É interessante salientar que se as cartas fossem elaboradas a partir da variável profissão haveria pelo menos dois representantes para estabelecer comparação.

Outro fator importante acerca dos informantes observados foi o interesse pela leitura: quanto menos formação mais os entrevistados demostraram tal interesse, o que se fez notar no momento da entrevista. Aqueles que informaram ler diariamente tiveram menos dúvidas quanto às perguntas feitas, mas tentavam reformular a própria resposta e elaborá-las por meio de enunciados mais longos; os que informaram ler às vezes ou nunca apresentaram dúvidas em relação às perguntas, sendo que os afirmaram nunca ler deixavam claro quando não entendiam a pergunta.

d) ***Recolha dos dados***

Para a recolha dos dados para a pesquisa, foi utilizado o instrumento uniforme de sondagem um Questionário Morfossintático (QMS), já descrito. Os informantes

foram, primeiramente, instruídos sobre a natureza da pesquisa. Aos informantes foi esclarecido que não se tinha por objetivo julgar a fala e que se esperava uma fala espontânea de seu dia a dia. Após tal entendimento, eram convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE C). De posse do Termo assinado, iniciava-se a entrevista.

A captação da fala durante a entrevista aconteceu na residência dos informantes durante cerca de 25 a 40 minutos. As entrevistas mais curtas ocorreram com os informantes da faixa etária F1, os jovens. Para o registro das entrevistas, utilizou-se um *gravador de voz digital NovaCom R-70* e salvos em mídia digital no formato MP3. Os dados foram ouvidos pela pesquisador e transcritos para um arquivo do programa Excel utilizando-se a transcrição grafemática

e) ***Transcrição dos dados***

Para documentar os registros feitos durante as entrevistas por meio de recuso magnetofônico, optou-se pela técnica da transcrição grafemática ou ortográfica para garantir o máximo de inteligibilidade ao texto escrito. Além dessa técnica, a transcrição fonética – bastante onerosa –, o inquérito por correspondência – amplamente usado no início da dialetologia – a ou gravação secreta – que não dispensa o consentimento pelo falante após registro.

A transcrição grafemática adotada segue os parâmetros estabelecidos pelo projeto *Vertentes (2002)*[37]. Buscou-se sinalizar a estrutura sintática do texto oral, com o uso de um sistema de pontuação ao transcrever os textos que não interferisse na sintaxe usada pelo falante. Em relação a pontuação: i) a vírgula indica pequena pausa ou destaque de termo; ii) o ponto delimita períodos observado no ato ilocutório; iii) as reticências serviram para marcar pausas, supressão da fala, hesitações, repetições e

[37] O Projeto **Vertentes** está vinculado ao Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia – UFBA e é coordenado pelo Prof. Dr. Dante Lucchesi, Professor Titular de Língua Portuguesa da UFBA e Pesquisador 1-C do CNPq, e tem sido implementado com recursos obtidos junto a editais públicos de apoio à pesquisa da FAPESB e do CNPq. A equipe do Projeto é composta por pesquisadores da UFBA, por mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da UFBA – PPGLinC-UFBA e por estudantes de graduação com bolsa de Iniciação Científica.

quebras no encadeamento sintático, dentre outros fatos característicos da oralidade; iv) a interrogação usada quando claramente o informante questionava o entrevistador.

Com o sistema de transcrição adotado, registrou-se todos os fatos linguísticos observados na fala do informante. Esses fatos constituem marcas específicas de sua norma de uso no plano da morfossintaxe, tais como: o uso variável das regras de concordância nominal e verbal e a omissão de artigos, preposições, metafonia, monotongação, complementos etc. O sistema também deu suporte para o registro trechos de audição incerta, realização inusitada de uma palavra ou expressão e a ocorrência de alguma palavra desconhecida; além de suporte para o registro de fatos morfofonêmicos relevantes quanto a flexão de número para verbos e nomes. Para maior detalhamento, no Anexo A tem-se a Chave de Transcrição do Projeto *Vertentes* a qual sistematiza "os trabalhos de transcrição do conjunto de entrevistas que compõem os acervos de fala vernácula do português popular constituídos no âmbito do Projeto *Vertentes*." (LUCCHESI, 2002, s/p)

f) ***Seleção e tabulação dos dados***

A delimitação de variável independente estabeleceu como universo de sondagem as células sociais: pessoas de ambos os sexos (diagenérica) com duas faixas etárias em oposição (diageracionacional) e com até 5 (cinco) ou 9 (nove) anos de estudo (diastrática) moradores há mais ou menos de dez anos em bairros (diatópico-cinética) formados por invasões em uma Zona específica de Manaus (diatópica). direcionou a organização e seleção dos dados coletados. Após a audição de todas as entrevistas, foi construída uma tabela de respostas no programa *Excell*, em que se registrou todas as respostas obtidas para cada pergunta. A Figura 6 representa essa tabela.

Figura 6: Mostra da tabela de compilação dos dados

PESQUISA GEOSSOCIOLINGUÍSTICA																	
Questionário Morfossintático – QMS																	
	Zona	Leste								Leste							
	Bairro	Coroado								São José							
	Informante	H1F1E1	M1F1E1	H2F1E2	M2F1E2	H3F2E1	M3F2E1	H4F2E2	M4F2E2	H1F1E1	M1F1E1	H2F1E2	M2F1E2	H3F2E1	M3F2E1	H4F2E2	M4F2E2
	Variável /Pergunta	1	2	3	4	5	6	7	8	1	2	3	4	5	6	7	8
N°	Variável A (Flexão de verbos da 3ª conjugação)																
	Variável: desinência P1 da 3ª conjugação – o~Ø para rir e medir // rio~vou rir // meço~mido~vou medir; Radical: Alomorfia no radical~mudança de																
1	Complete a minha frase: Todos gostamos de ouvir piadas. É bom rir um pouco. Sua vez: "Quando alguém conta uma piada eu _____"	rio	vou sorrir/ vou me divertir	sorrio	rio	sorri	acho graça	sorri	começo a rir	rio	rio	rio	sorri	acho graça	sorrio	rio	sorrio
2	Às vezes precisamos ir às compras e não dá para levar as crianças. Quando o sr./sra./você precisa comprar um sapato para alguém e essa pessoa não	tiro a medida	vou medir	meço	vou medir	tiro a medida	meço	faço a medida	vou medir	meço	mido	pego a medida	meço o sapato	meço	tiro a medida	meço	tiro a medida

Fonte: dados da pesquisa

Com os dados compilados e organizados foram tabuladas as variantes, conforme o uso diatópico (FIGURA 7) por meio da fórmula:

X% = Total de Informantes / ocorrências da variante no Ponto.

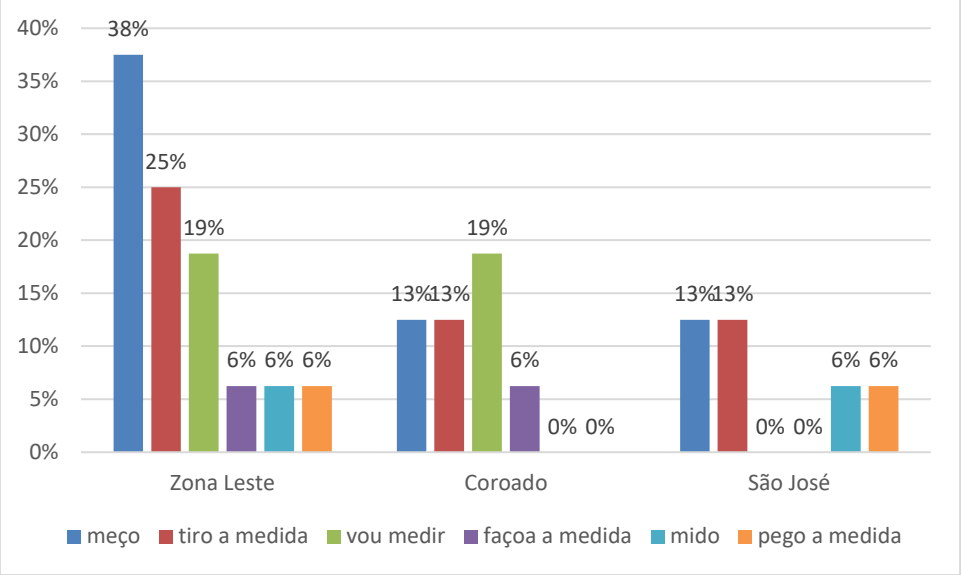
Figura 7: Modelo de tabulação dos dados: eixo diatópico

	Zona Leste	Coroado	São José		Zona Leste	Coroado	São José
Meço	6	2	2	meço	38%	13%	13%
tiro a medida	4	2	2	tiro a medida	25%	13%	13%
vou medir	3	3		vou medir	19%	19%	0%
façoa a medida	1	1		façoa a medida	6%	6%	0%
Mido	1		1	mido	6%	0%	6%
pego a medida	1		1	pego a medida	6%	0%	6%
Total	16						

Fonte: dados da pesquisa

Por fim, para a construção do gráfico foram utilizados recursos do próprio programa Excel para transformar os dados em gráfico (FIGURA 8), selecionando as linhas e colunas que se quer registrar e depois inserindo dados relevantes como o percentual de cada variante no geral e nos pontos de inquérito.

Figura 8: Modelo de Gráfico para registro dos dados



Fonte: dados da pesquisa

g) ***Elaboração das cartas***

Nos estudos geolinguísticos, o resultado das pesquisas pode ser apresentado por meio de estudos ou atlas, em ambos os casos a coleta de dados é exposta utilizando representações toponímicas dos pontos de inquérito: mapa, carta ou cartograma. Essas representações têm por finalidade descrever o comportamento das variantes linguísticas em seus diversos níveis, e reconhecer as diferenças ou igualdades da língua falada em uma região, além de estabelecer relações entre as diversas manifestações linguísticas

A acepção para carta está em representar fenômenos localizáveis de qualquer natureza e de suas correlações, não limitada ao lugar físico. Por Cartograma entende-se a representação esquemática de uma superfície ou parte dela, na qual estão apresentadas informações quali-quantitativas de eventos geográficos, cartográficos e socioeconômicos e linguísticos. O Atlas é formado por “um conjunto de mapas ou cartas geográficas de um conjunto de dados sobre determinado assunto, sistematicamente organizados.” (CARDOSO, 2010, p. 87).

Mapa e carta são termos da geografia e para designá-los é necessário que o instrumento de divulgação dos dados de pesquisa apresente informações essenciais para ser conhecido como tal: orientação, sistema de projeção, sistema de referência para as coordenadas e escala, conforme registrado nos mapas. A ausência dessas

informações impede o conhecimento acerca de distâncias, direções, altitudes e localização exatas.

Coseriu (1954), por sua vez caracteriza os mapas pelos fatos linguísticos que apresentam variedades linguísticas em diferentes pontos, a saber: *fonéticos* (registram as variedades fonéticas); *lexicais* (registro de palavras com o mesmo conceito, independente da pronúncia); *linguísticos* (registram dados fônicos e morfológicos concretos de cada ponto de inquérito); *sintéticos* (estabelecem limites das áreas de variações típicas comprovadas); *pontuais* (registro fiel das variações comprovadas sem fixar limites); e, *análogos* (registro por meio de meridianos e paralelos o ponto de inquérito, com registro em colunas as formas comprovadas).

Optou-se, para este estudo, pela adoção da nomenclatura Cartas Morfossintáticas, pela tradição, embora se reconheça que a opção por *cartograma* seja a mais adequada. Não se almejou um Atlas, pela demanda de um número maior de pontos de inquéritos e por isso dispensou-se a escolha pelo termo *mapa*. Como parte integrante deste trabalho, serão apresentadas 137 Cartas Morfossintáticas, nas quais informações acerca da distribuição e da frequência de variáveis são registradas nos dois pontos de inquérito da Zona Leste de Manaus. Portanto, o estudo fundamenta-se nos princípios e métodos da Dialetologia Plurdimensional.

Para apresentar os resultados, as cartas morfossintáticas foram feitas a partir de mapas pré-existentes disponíveis no meio virtual, e as alterações foram realizadas com o suporte técnico do Paint, *Word, Power Point* e *Excel*. Os gráficos em números percentuais foram gerados no *Excel 2010* com valores arredondados para mais ou para menos.

A elaboração de cartas linguísticas foi manual. A inserção dos dados no espaço cartográfico e toda a montagem das cartas morfossintáticas foram feitas manualmente com suporte do *Word, Power Point, Paint e Excel*. O mapa geral foi elaborado com o programa *Paint* e os dados foram inseridos um a um por meio do programa *Power Point* e depois salvos como imagem.

A fala dos informantes foi representada da seguinte forma na carta morfossintática: do lado esquerdo a iconicidade usada representará a transcrição grafemática da fala dos grupos de falantes de sexo feminino com escolaridade básica, faixa etária 1 (18 a 33 anos) e 2 (50 a 65), da Zona Leste, naturais ou não de Manaus,

residentes em bairros fundados a mais ou menos de 30 anos; e do lado direito, a fala dos grupos do sexo masculino e escolaridade básica, faixa etária 1 (18 a 35 anos) e 2 (50 a 65), da Zona Leste, naturais ou não de Manaus, residentes em bairros fundados a mais ou menos de 30 anos (FIGURA 9).

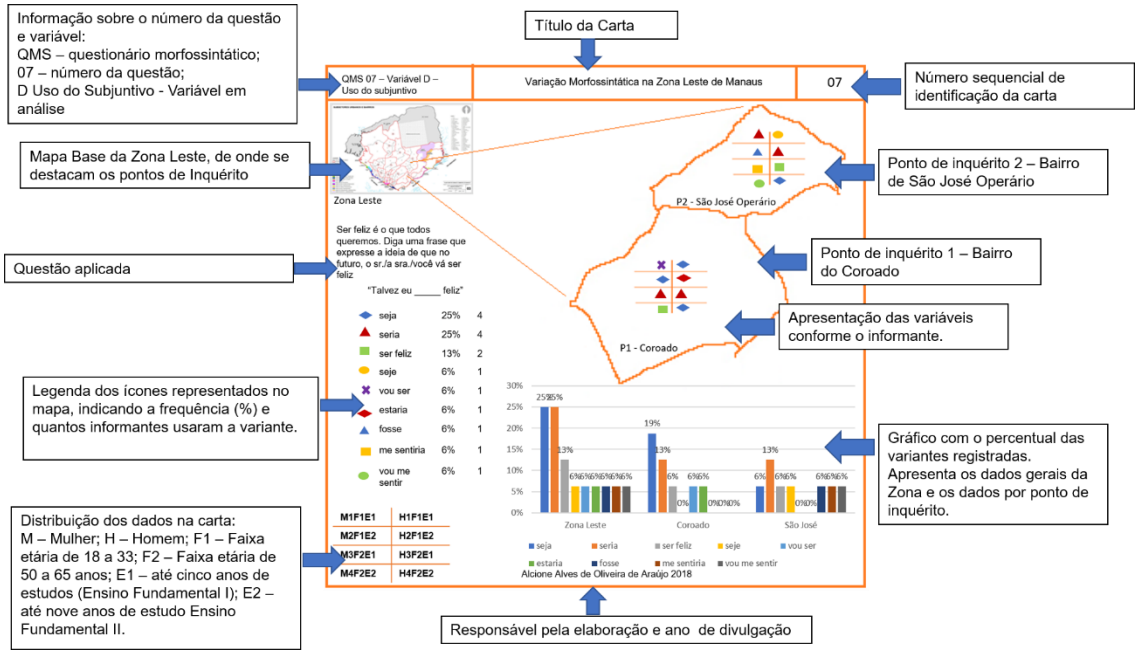
Figura 9 Distribuição dos dados nas cartas

M1F1E1	H1F1E1
M2F1E2	H2F1E2
M3F2E1	H3F2E1
M4F2E2	H4F2E2

Fonte: Dados da pesquisa

Outras informações contidas na Carta referem-se ao número da questão e a letra da variável observada e registrada na carta, correspondente no QMS (APÊNDICE A), bem como a legenda com os ícones representando cada variante usada pelos informantes, o quadro dos informantes e o gráfico em percentuais com sua própria legenda. As legendas estão organizadas do maior para o menor percentual de ocorrência da variante. A Figura 10 apresenta um infográfico para orientar a leitura das Cartas:

Figura 10: Infográfico para leitura das Cartas



Fonte: dados da pesquisa

3.4 Procedimentos de análise

De modo geral, os procedimentos a serem utilizados são inspirados nos que foram propostos por métodos da Dialetologia Pluridimensional (THUN, 1998) e nos trabalhos, que seguem essa linha geolinguística (CRUZ, 2004; MARGOTTI, 2004; AZEVEDO, 2013). Azevedo contextualiza esses estudos:

> Dialetologia inicialmente tratava dos estudos dialetais na variante diatópica. Devido a essa natureza, ela foi chamada de dialetologia tradicional ou monodimensional, pois se ocupava basicamente em descrever as variantes em um ou mais pontos, dos quais eram selecionados, [...]. Nessa abordagem tradicional o conteúdo linguístico era descrito sem a preocupação em analisar e comparar os dados linguísticos de acordo com as dimensões sociais. Atualmente, a Dialetologia se reveste do caráter pluridimensional e [...] ao expandir sua dimensão de atuação, possui uma nova configuração, incorporando, principalmente, contribuições da Sociolinguística, da História e da Geografia para conhecermos mais precisamente as variedades dialetais. Não podemos, assim, excluir do estudo dos dialetos os aspectos históricos, sociais e espaciais que envolvem o homem e sua correlação com a linguagem. (AZEVEDO, 2013, p. 50-51).

Para a análise dos dados nesta pesquisa, considerou-se as variáveis pluridimensionais. Após as entrevistas os dados foram transcritos grafematicamente e comparados para a elaboração de gráficos e cartas linguísticas. Como já informado, para este estudo, o *corpus* foi selecionado a partir de fala espontânea e de fala conduzida (diafásica) dos informantes acerca de questões morfossintáticas.

A quebra da uniformidade e seu registro é de interesse desta pesquisa. Não com o intuito de valorar o melhor ou pior, mas tão somente estabelecer a norma de uso morfossintático nos bairros pesquisados. Assim, a concepção de norma como variedades cultas da língua e dissociada da norma-padrão é importante para este estudo, uma vez que ela irá embasar a análise qualitativa da frequência e distribuição regular das variantes encontradas para as variáveis em análise. Nesse sentido há de se concordar com Bortoni-Ricardo quando diz:

> Das sociedades ditas tradicionais, conserva o Brasil pelo menos duas características: a grande variação no repertório verbal e o acesso limitado à norma-padrão. Apresenta, todavia, a característica da fluidez e da permeabilidade típicas das sociedades modernas, que resulta numa situação de um gradiente de variabilidades linguísticas, muito diferente da dialetação discreta e compartimentada das sociedades de castas. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 22).

A mesma autora cita em seu livro “Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula” um trecho do livro *Rememórias Dois*[38], de Carmo Bernardes, do qual foi extraída uma única frase (5) ou o relato de uma blogueira, poeta e escritora Jane Uchôa[39] (6) e (7) em seu contato com amazonenses que bem exemplificam a heterogeneidade da língua:

> **(5)** **Entrei numa lida muito dificultosa**. Martírio sem fim o não entender nadinha do que vinha nos livros e do que o mestre Frederico falava (grifos meus)
>
> **(6)** ***EU***: *- Bom dia Sr. João, conte-me o que aconteceu com o senhor.*
> ***JOÃO***: *- Olha moça, ontem eu passei muito mal. Era uma dor na pente! E eu comecei a baldear, baldear, depois ficou tudo lavado, eu baldeava e lavava. Fiquei muito ruim o dia todo, mas agora já estou melhor.*
>
> (7) *- Moça onde fica a Alameda Cosme Ferreira?*
> - Maninho, você “pega” aqui a direita, lá na frente “quebra” a esquerda, vai ter um “sinal”, você passa por ele e vai dá o “balão na bola”, depois desce o “viaduto” e já está na rua, cuidado com os “marronzinhos” eles estão sempre por lá.

Observa-se, com os três exemplos, que a todos foram escritos em língua portuguesa, mas a escolha lexical e morfossintática pode levar a ouvinte/leitor a não compreender a totalidade da informação. O exemplo (5) refere-se a regionalismos da zona rural de Goiás e significa que a pessoa “entrou numa luta muito difícil e sofria por não entender o que estava escrito nos livros ou o que falava o professor. O exemplo (6) é o falar de uma pessoa que mora no interior do Amazonas, ele sentia dor no ventre, vomitou bastante e limpou. O exemplo (7) corresponde à tentativa de se entender a orientação para chegar a um lugar, é uma forma de falar muito comum ao morador da capital, principalmente aos de pouca escolaridade, o “pega” e “quebra” significam “virar”; “sinal” é o semáforo, farol, sinal de trânsito ou sinal, ‘balão na bola’ é entrar na rotatória e descer ou pegar a “passagem de nível” e os “marronzinhos” referem-se aos guardas municipais de trânsito.

As formas de uso dos exemplos supracitados expressam os traços linguísticos caracterizados como variáveis linguísticas e atendem a funções diferentes no ato comunicativo do falante. Além disso, identifica as *comunidades linguísticas* a que pertencem. As variantes, em todos os casos, são correlatas, não se anulam ou anulam

---

[38] BERNARDES, Carmo. **Rememórias dois.** Goiânia: Leal, p. 18.

[39] UCHÔA, Jane. Manazinha, eu falo amazonês, eu falo mermo! Disponível em: http://sociedadedospoetas amigos.blogspot.com.br /2012/12/ osmanazinha-eu-falo-amazones-eu-falo.html

a competência linguística do falante, apenas os caracteriza em dado contexto social ou geográfico.

A análise das cartas pauta-se na exata identificação da norma de uso da comunidade linguística que habita a Zona Leste. Para tanto, observou-se a frequência e/ou a distribuição das amostras nos pontos de inquérito. Para estas, identificou-se as variantes usadas em todos os pontos pelos sujeitos, apontando a distribuição regular, verificando sua regularidade na localidade; para aquelas, apresentam os índices percentuais de aparecimento de uma variável, retratando o uso corrente na região de inquérito (BARBOSA, 1989, P. 574). A frequência e a distribuição regular podem ocorrer em situações como:

- variante de alta frequência e distribuição regular – em que as variantes são encontradas em número elevado em todos os pontos da localidade em análise;

- variante de alta frequência e distribuição irregular – em que variantes são muito utilizadas, com índices podendo ser maiores que 75%, em um dos pontos (norma deste ponto apenas);

- variante de baixa frequência e distribuição irregular – em que apenas um informante faz uso da variante.

Ao registrar a frequência e distribuição da variante para quaisquer variáveis extralinguísticas é possível indicar ou sinalizar a norma de uso da localidade, bairro, região, país e/ou continente. Não quer dizer que a norma de uso tenha que estar em acordo tácito com a norma-padrão; mas sim, que naquela comunidade linguística e naquela situação específica de origem, sexo, escolaridade, idade, estilo, modalidade de uso e de espaço ou tempo aqueles falantes se comunicam desse jeito e não de outro. A variante ou dialeto de prestígio será aquele mais significativo naquela comunidade linguística sem estigmas ou estratificação.

Assim ao descrever a cidade de Manaus como um espaço cosmopolita em que a presença de diferentes falares enriquece a relações entre Língua e Cultura, os dados acerca do contato entre a língua do morador antigo e a língua do morador mais novo para mostrar o quanto a chegada do migrante ao centro urbano influi na releitura da Língua em uso, o quanto se busca um adaptar-se à nova realidade. No Capítulo III, as Cartas apresentam a língua como algo vivo e heterogêneo, cujas variantes representam a constante troca de experiências socioculturais entre os falantes.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS: QUE ‘TU DISSE’, HEIN?

Para a *Apresentação e Análise dos Dados,* houve o tratamento do eixo Morfossintático e Variantes dependentes e independentes. Buscou-se uma perspectiva de compreensão das regras morfossintáticas e as variantes negadas ao falante por preconceito e estigmatização da própria sociedade. O capítulo apresenta 18 seções com um total de 137 Cartas, analisando cada variável selecionada para a pesquisa, numa perspectiva quali-quantitativa por abrir a discussão quanto à estigmatização do falar coloquial entre os manauaras e apresentar índices percentuais das variantes. As variáveis e suas variantes nas cartas morfossintáticas foram discutidas a partir de bases teóricas de estudos teóricos de Câmara Jr. (2015); e compêndios gramaticais usados em escolas da educação básica produzidos por Bechara (2015), Cegalla (1999), Terra (2010) porque se entende que foram com esses dados de referência dos falantes.

Não se pode discutir ou analisar a variante dialetal sem antes entender o processo de estratificação e a ideia de dialeto de prestígio na atualidade. Há séculos, o Brasil apresenta uma diversidade de *falares,* cuja origem estaria no pluralismo étnico e cultural, mas que não comprometem a unidade maior de entendimento entre os falantes. Mesmo diante do reconhecimento desta diversidade, busca-se, há muito tempo, uma padronização da fala e da escrita, tendo como marco de referência os centros urbanos com importância histórica, social, cultural e econômica: Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador, por exemplo.

Dentre os três, segundo Leite e Callou (2002, p. 9-10), Rio de Janeiro, por razões extralinguísticas, apresentaria maiores condições para servir de referência como padrão culto, visto que possui, principalmente, menos marcas locais e regionais, além de estar geograficamente bem localizado e de ter uma história política, cultural e linguística agregadora de valores universalistas.

Semelhante aos grandes centros culturais brasileiros, Manaus apresenta as mesmas características. Sendo ela a capital do estado, abrange um percentual

considerável dos falares amazônicos[40], em consequência de receber, conforme dados do IBGE (2010), pessoas oriundas dos 62 outros municípios do estado. Aparentemente a coexistência de variantes linguísticas, como já afirmado, não interfere significativamente na relação comunicativa entre os falantes; porém reitera-se a ocorrência de dúvidas quanto à variante adequada, seja quanto ao campo da morfossintaxe, da semântica ou da fonologia, causando no falante o sentimento de ser um estrangeiro por não conseguir reconhecer os usos de seu interlocutor ou por ser discriminado pelas formas de que faz uso, em decorrência do preconceito linguístico.

"Somos o como falamos" em uma sociedade estigmatizadora e construtora de estereótipos. A modalidade de linguagem escolhida é individual e individualizante. Ela diferencia e identifica, mas não é ela que estigmatiza. O juízo de valor é dado pelo próprio falante, a partir de sua posição sociológica ou geográfica. Na introdução de "Como falam os brasileiros", Leite e Callou (2002) deixam clara a identificação e diferenciação de indivíduos em agrupamentos ou estratos sociais a partir da linguagem usada por eles. A busca por uma padronização da língua falada e escrita não impede a intercomunicabilidade, embora as autoras apontem o falar de São Paulo, de Salvador e do Rio de Janeiro como referência, particularmente este último, por ser este "que mais equidistante se encontra do nortista, do nordestino, do oriental, do sulista e do sertanejo [...] e que possui condições geográficas, históricas, políticas e, inclusive, linguísticas, para ser um centro unificador". (LEITE, CALLOU, 2002, p.10).

O domínio de um dialeto padrão é quase uma exigência social e cultural, tanto que até os "menos instruídos" buscam usar uma linguagem mais adequada quando em situações sociais em que ela é exigida (entrevista de emprego, conversa com uma autoridade etc.). O discurso livre coletado durante as entrevistas considerou um diálogo direto com o prefeito, nesse momento observou-se que os informantes

[40] Segundo Kaike Falcão, o Censo Demográfico de 2010 captou 562.988 pessoas não naturais de Manaus – aproximadamente 31% da população. Destes, 92.719 – 16,5% – são imigrantes de data fixa e considerando apenas as pessoas com 25 anos ou mais de idade, chega-se a 41.959 imigrantes residentes há cinco anos ou menos. [...], destaca-se que 69,3% destes imigrantes são provenientes da própria Região Norte – principalmente do interior do Estado do Amazonas e do Estado do Pará – 11,5% tem procedência na Região Nordeste e 11,9% da Sudeste. As Regiões Centro-Oeste e Sul representam, respectivamente, 3,8% e 3,4% da procedência destes migrantes (FALCÃO, s/d, Escola Nacional de Ciências Estatísticas – ENCE/IBGE, texto digital). Disponível em: abep.org.br/xxencontro/files/paper/351-297.pdf

pararam e pensaram antes de manifestar a opinião, já quando foram indagados sobre o bairro foram diretos, principalmente no bairro do Coroado os informantes H2F1E2, M2F1E2; e no São José, M1F1E1 e M2F1E2:

Quadro 4 Discurso livre: fala dirigida a uma autoridade comparada a fala corrente – Ponto 1 - Coroado

PONTO 1: COROADO	**64 - Se o senhor (a) ou você tivesse que pedir ao Prefeito escolas, asfaltamento da rua e melhoria para a praça do bairro, o que falaria, em poucas palavras?**	**63 - Conte como é a festa mais importante do seu bairro.**
H1F1E1–	Ô, seu prefeito, cê deveria impor mais a... Prefeitura... saber impor o dinheiro, a renda... do estado, saber colocar bem aos nossos médicos, saber... Éé... valorizar mais os nossos profissionais além dos professores, e... engenhueiros (sic), juízes e outros que estão com o salário bem abaixo do adequado...ée... parar de ser corrupto... (rsrs) e digno à cidade...e ... valorizar o lugar onde que se ama e que se nasceu...	Como era? ... Com... paredões... Com... No bairro tem casas de shows que ... tem paredões... Gente bonita .... Bebida gelada ...Mulher dançando... Tem paredões...
M1F1E1	Eu diria pra ele... Fala assim...Sr... Sr. prefeito... Éé... eu aqui em nome... em nome do meu bairro...estou à frente, vim aqui lhe pedir pra...pra colocar mais escolas, mais segurança no nosso bairro que falta muita segurança, mais saúde... Mais é ... Comé?... Asfalto... urbanização... estamos precisando (rsrs) muito de melhorias.	A festa mais importante do meu bairro? ... Eu... Eu creio... A festa mais importante? Agora me pegou, oh!... Nunca mais teve...mas, Vumbora colocar ele, né?... Ah! Tem muita... Tem muita, tem muita danças muitas comidas típicas, tem muita diversão... parquinho... tem muita coisa boa!
H2F1E2 -	Sr. prefeito... eu preciso que o sr. olhe mais pelo bairro... que o sr. dê melhorias, escola... hospitais ... Delegacias...	ééé agitada... Agitada... Briga... Tiroteio... Rsrsrs
M2F1E2	sr. prefeito, eu gostaria de... Que o sr. astalfasse (sic) ... Desse mais sanidade (sic) na minha rua... Mais benefício que tá tudo um caos...	Festa aqui?... É né... É boa... Apesar deu não ir... Mais música boa... Menos assalto... Muita gente se divertindo....
H3F2E1	.. a melhoria do nosso posto de saúde aqui, que praticamente não tem nada, né? e o transporte aqui que a gente padece muito ... É... A saúde	As festas juninas, né?... No mês junino... Que agora já é agostina... As festas juninas na época, muito

	e o transporte pra nós aqui... Em termos da escolinha até tá razoável.	bom gostosa que era feita na época mesmo.
M3F2E1	Sr. prefeito que queria que o senhor melhorasse a minha rua...né? Que tá esburacada que tá muito feia, daria pro sr. mandar passar um asfalto lá? E escola, posto de saúde que não tem mais... Não atende mais o pessoal aqui do conjunto não só atende o pessoal de pra lá...	O arraial que tem... É bonito, tem festa, tem quadrilha, tem comida... tem tudo...
H4F2E2	Prefeito Arthur Neto, por favor olhe nossas ruas vejam as situações que nós estamos enfrentando, então estamos pedindo que o sr. tome providências em relações a nossas ruas.	A festa mais importante do meu bairro?... É a festa de natal... É... onde os vizinhos festejam e confraternizam juntos.
M4F2E2	Eu peço ao prefeito... que... primeiramente asfalte as ruas e aqui no bairro há muitos colégios, mas não tem lombada e muitos acidentes, inclusive aqui na frente da minha casa toda semana uma criança é atropelada. Por quê?... por que não tem sinal não tem aquele sinais pra atravessar... é faixa de pedestre, então eu pediria que colocasse uma faixa de pedestre, porque aqui é muitas crianças... são crianças entre cinco a 10 anos que estudam aqui próximo à minha casa e toda semana há um acidente... porque os carros não respeitam ninguém nem as crianças.... é isso que eu pediria ao governante para que venha olhar nossa rua.	A festa mais importante do meu bairro... o aniversário do bairro...É uma festa que vai feita no campo vem cantores muita gente... entendeu? Vários cantores tem barraca de bebidas e comidas muito divertido

As formas usuais, em relação à autoridade, registram um uso de pronomes de tratamento “você”, demonstrando uma intimidade, apenas suposta. No tocante à fala sobre o bairro e suas festas os informantes deixaram a inovação e a liberdade direcionarem seu modo de falar. Não afetando, contudo, as condições funcionais do sistema. Por outro lado, já se observa que o Ponto 2, São José Operário, estabeleceu mais preocupação com o falar conforme o prescritivo na língua.

Quadro 5 Discurso livre: fala dirigida a uma autoridade comparada a fala corrente – São José Operário

PONTO 2: SÃO JOSÉ OPERÁRIO	**64 - Se o senhor (a) ou você tivesse que pedir ao Prefeito escolas, asfaltamento da rua e melhoria para a praça do bairro, o que falaria, em poucas palavras?**	**63 - Conte como é a festa mais importante do seu bairro.**
H1F1E1	Sr prefeito, gostaria que o sr. providenciasse melhorias para o meu bairro, mais escolas... Mais médicos... Mais melhorias	Muito boa... Com muita alegria... O aniversário da cidade... É.. O aniversário do bairro.. Eu não sei... Quando é? O aniversário do são José
M1F1E1	Prefeito,... É... vim aqui conversar com o senhor porque nós precisamos de melhorias no nosso bairro... É.. asfaltamento de rua, uma praça decente...é ... Um hospital melhor... pra nossa cidade ...é ... Eu gostaria de saber quais são suas propostas, que o senhor vai fazer por nós.	A festa mais importante do meu bairro? Festa junina... Porque arrecada dinheiro pras pessoas que fazem ela
H2F1E2	Sr. prefeito, uma atenção por favor... Meu bairro tá precisando de estrutura urbana e... Urbana e educacional.	Uma é festa importante? Ah... festa junina... Como ela é?... São vários grupos folclóricos que vem se apresentar e uma plateia assistindo a noite toda... Com danças regionais... Comidas típicas da região.
M2F1E2	boa tarde, prefeito, eu me chamo Ana Paula eu gostaria de reivindicar com o sr. sobre a segurança das nossas... o asfalto... A situação de nosso bairro que se encontra esquecido...	Como era a festa mais importante do meu bairro? Eu nunca participei de festa não... eu ouvi falar muito da Grande Família, da festa de aniversário do bairro, mas eu nunca participei não
H3F2E1	Eu falaria: sr. prefeito daria pro senhor ter mais um pouquinho de... de compromisso com o nosso bairro, ajeitar as ruas, mandar asfaltar que tão todas esburacadas... É... É ...pra ficar mais bonito, ficar decente... Nosso bairro é bonito, só tá faltando... é... a presença da prefeitura no bairro pra arrumar as ruas...pra que possa ficar mais maravilhosos...	São José a festa mais importante que acontece aqui é o aniversário do bairro... É ... Tem ... Tem é... Tem muitas atrações... Bandas musicais...e...e... É muito bonito...

M3F2E1	Sr. Prefeito eu gostaria que o sr. melhorasse o nosso bairro com asfalto, com uma... com centro de convivência que nós não temos... Inclusive derrubaram ali o Júlia Barjona e tá servindo de lixeira, ali ao lado do Zezão, o sr. sabe onde é ... então, nós aqui da comunidade e gostaria que o sr. tomasse algumas providências...	A festa mais importante de meu bairro é dia 19 de março, que é o dia de São José... É importante porque tem o nome do bairro, que é São José... a nossa igreja... participo
H4F2E2	Senhor prefeito... Não tem como... Prefeito, precisamos de escola e asfalto...	A festa mais importante de meu bairro é o aniversário do bairro ... com dança ... dá muita gente... É muito divertida ... Uma festa muito grande... Muito divertida.
M4F2E2	Sr. prefeito, eu gostaria que você melhorasse a educação no nosso bairro.	A festa mais importante?... Eu acho que é a do aniversário do bairro... Tem missa... Tem boi... Tem... Atrações...

Fonte: dados da pesquisa

Após a análise das falas dos informantes, pode-se refletir acerca da afirmação de Bourdieu (1977, p. 165) de que, no campo linguístico, “uma língua vale o que valem aqueles que a falam, isto é, o poder e a autoridade, nas relações de forças econômicas e culturais, dos detentores da competência correspondente [...]”. É possível, no entanto, reconhecer, não se pode negar, uma equivalência linguística entre falares, constituidora do *continuuo* geoletal, embora não se possa afirmar haver equivalência social, constituidora do *continuuo* socioletal; porque, mesmo uma língua padrão ou oficial estando autorizada e sendo usada por um grupo de falantes, não garante seu uso por todos, posto que há um conhecimento desigual desse dialeto. Não havendo um valor relativo para as línguas e sim uma função única: comunicar de modo que seja compreensível e decifrável em uma constante troca simbólica. Assim, o falar manauara acaba por funcionar como a referência para o estado.

Para exemplificar essa identificação em *continua* dialetal e/ou socioletal por meio da língua, reproduz-se a fala de um vendedor de banana frita na praia da Ponta

Negra, balneário da cidade de Manaus, quando indagado como foi o *réveillon* naquele local e se as famílias fizeram a ceia lá:

> (8) “A areia ficou alotada de gente. Os pessoal veio cum cumida e as família tudo... os show foi legal e os pessoal ficarum até di manhã. Só num truxerum coisa de vidro, eles colocarum em prástico tipo aquelas garrafa pet... eles também num botarum barraca... pudia um cara entrá e ficá fumano lá, né? Aí barraca num colocarum... eles pegarum pano e estenderum no chão e fez a ceia aí mesmo... num dava nem pra andá direito ...” (dados coletados em 05.01.2018)

Em contrapartida, a mesma pergunta foi feita a um jovem que foi ao *réveillon*. O jovem, 19 anos, com ensino fundamental completo e com emprego de *barman* em grandes eventos, e respondeu, assim:

> (9) Tava legal lá. Deu muita gente. O pessoal se espalhou por toda a praia, quase nem dava para circular. Vi muita gente reunida com suas famílias, ceiando e comemorando a chegada do novo ano. (dados coletados em 02.01.2018)

Por conseguinte, conhecer as variantes da língua permite ao falante um maior domínio de suas relações sociais, uma vez que “[...] a língua pode ser um fator extremamente importante na identificação de grupos em sua configuração como também possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade” (TARALLO, 2001, p.14), ou seja, é o uso de uma variante estigmatizada que revela aspectos socioculturais dos informantes. Em ambas as falas não se observa o uso da variante padrão da língua portuguesa, no entanto a mensagem foi passada de forma coerente e coesa, sem prejuízos para o entendimento.

Como pode ser constatado nos exemplos (8) e (9) e nos (10) e (11) que seguem, estes últimos coletados no discurso livre com informantes de classe social e idade de grupos distintos ao ser aplicado o questionário da pesquisa, escolheu-se informantes da mesma faixa etária, mas de gênero e grau de instrução diferentes:

> (10) Sr. prefeito... eu preciso que o sr. olhe mais pelo bairro... que o sr. dê melhorias, escola... hospitais ... delegacias... (INFORMANTE 3 – PONTO1, Dados da pesquisa, 2018).

> (11) Prefeito,... Éé... vim aqui conversá com o senhor porque nós precisamos de melhorias no nosso bairro... Ééé... asfaltamento de rua, uma praça decente...ééé... Um hospital melhor... pra nossa cidade ...ééé ... Eu gostaria de saber quais são suas propostas, que o senhor vai fazer por nós. (INFORMANTE 2 – PONTO 2, Dados da pesquisa, 2018)

Nos exemplos (10) e (11), tem-se a resposta livre para um pedido a ser feito diretamente ao prefeito buscando melhorias para o bairro. Observa-se que os discursos diferem não só na forma de tratamento como também na estrutura morfossintática, enquanto em (10) há a ocorrência de um pedido claro e direto de forma sintética; no segundo, o (11), observa-se o não direcionamento e ainda há a redundância ao final, quando a informante questiona quais serão as atitudes do prefeito. Claramente, tem-se exemplos de variação da língua, cujas causas estão em fatores extralinguísticos, objeto da pesquisa sociolinguística. Os relatos exemplificados em (8) e (9) apresentam as variáveis diatópica, diastrática e diageracional como elemento de análise sociolinguística, considerando também profissão e escolaridade.

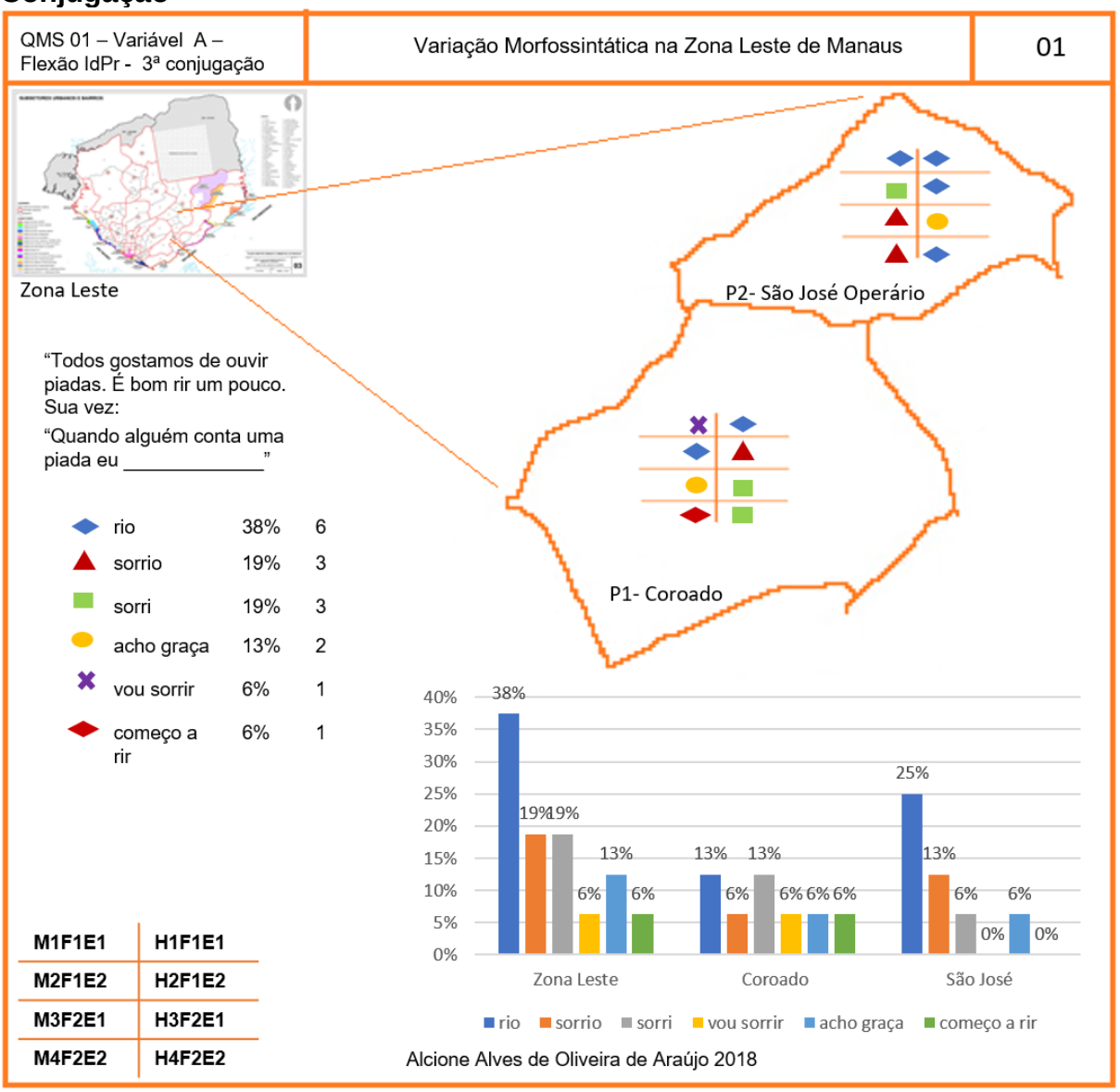
Nas seções a seguir, serão apresentadas de forma detalhada as variáveis e o produto desta pesquisa, Cartas Morfossintáticas, com uma breve análise distribuição e frequência das variantes mais relevantes para se chegar a norma de uso nos dois pontos de inquérito ou na Zona Leste.

4.1 Flexão verbal

A variável A objetiva a verificação da flexão de verbos de 3ª conjugação em formas regulares e irregulares, para observar o uso da desinência {-o} ou morfema zero, bem como alomorfias no radical ou mudança de lexema. Câmara (2015, p. 98) destaca a complexidade para a interpretação do morfema flexional para verbos em Língua Portuguesa, dada a cumulação das noções de tempo e modo, bem como a noção de aspecto que pode estar inclusa no morfema.

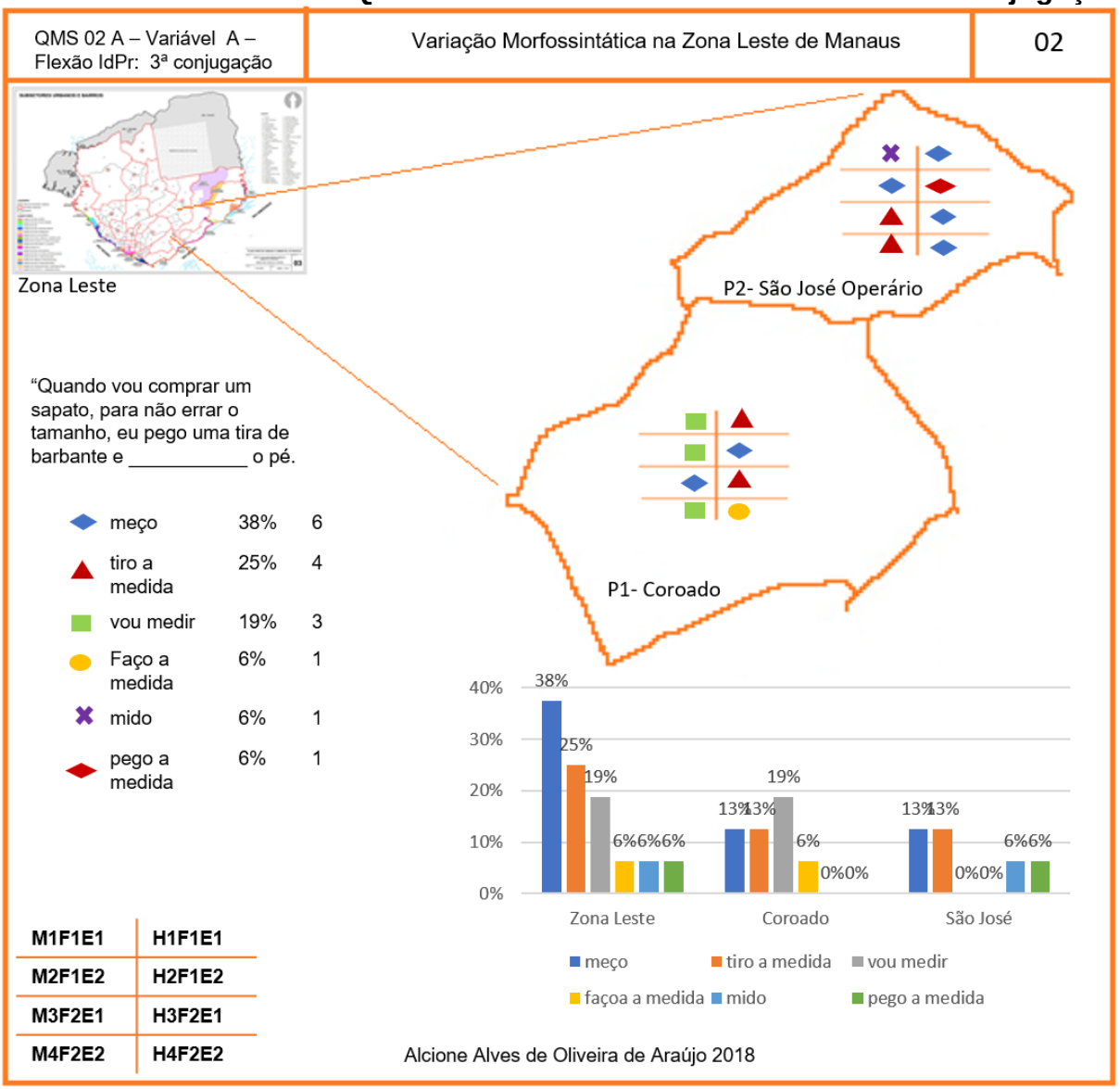
A análise das Cartas leva à conclusão de há uma tendência de se optar pelas locuções ou outros lexemas. Houve alta frequência e distribuição regular para o morfe {-o} na indicação do morfema P1 (primeira pessoa) do indicativo presente para verbos irregulares da 3ª conjugação.

Carta Morfossintática 1 - QMS 01 Variável A - FLEXÃO VERBAL – 3ª Conjugação



Na flexão verbal para verbos irregulares no presente do indicativo, carta 01, há o registro de seis variantes *rio, sorrio, acho graça, vou sorrir, começo a rir,* das quais a mais produtiva foi rio com seis ocorrências, equivalentes a 38% no geral, correspondendo ao prescrito pela norma-padrão. A opção pela troca de lexema ou uso da locução, no entanto sugere que forma "rio" não é uma frequência absoluta, mas configura-se como habitual entre os informantes. O uso de sorrir pode ser justificado pelo fato de o verbo *rir* seguir o modelo desse verbo.

Carta Morfossintática 2 - QMS 02 Variável A - FLEXÃO VERBAL – 3ª Conjugação

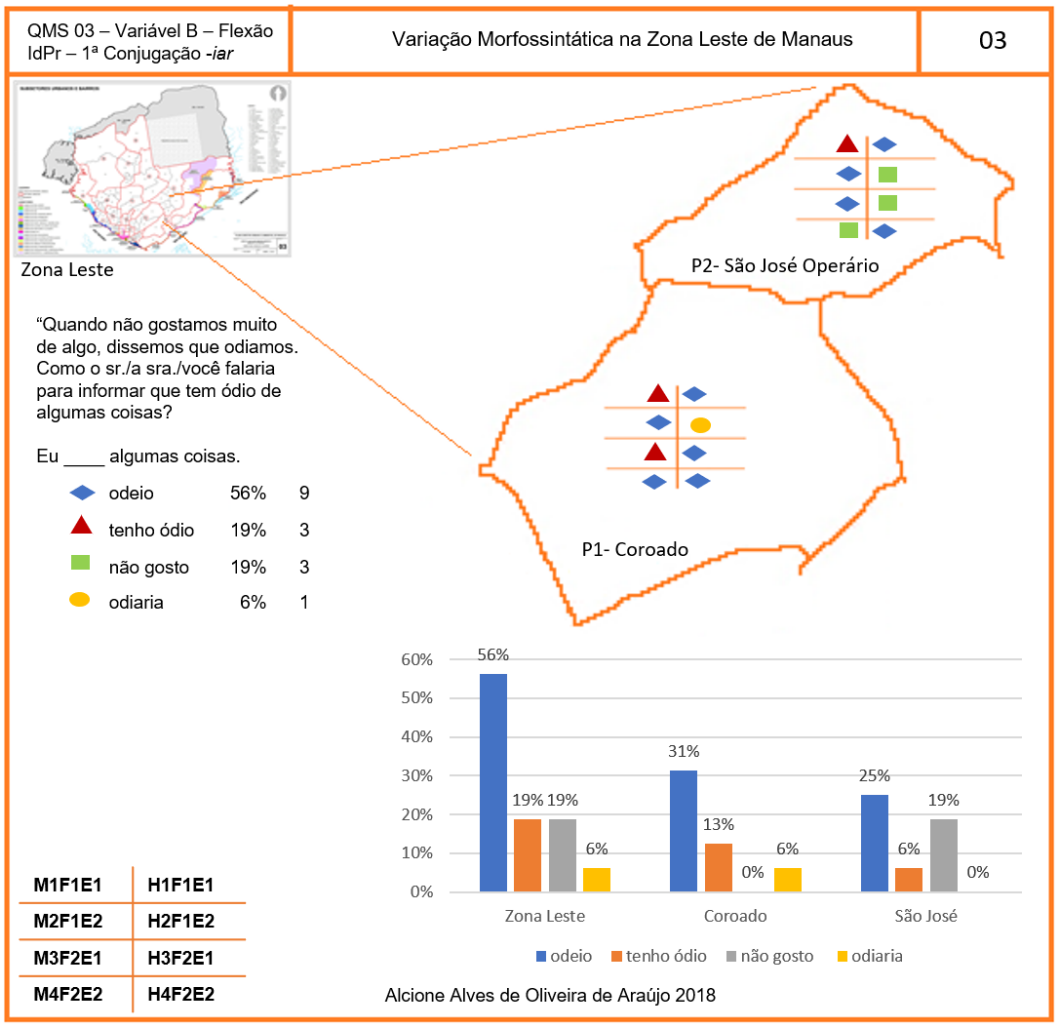


Na flexão verbal para medir em P1IdPr, carta 02 apresenta seis variantes *meço, tiro a medida, vou medir, medida, mido, pego a medida,* das quais a mais produtiva foi meço com seis ocorrências, equivalentes a 38% no geral. Os informantes novamente recorrem a locuções para estabelecer uma norma de uso do Ponto 2 (São José Operário) a qual está diretamente em oposição ao do Ponto 1 (Coroado); meço concorre com a forma locutiva. A variante "*mido*" (M1F1E1) sugere a tendência do paradigma regular [[rad.]+[-o]] também para formas irregulares, embora se registre o alteamento da vogal tônica em correlação ao alteamento nos casos de derivadas como /mi'didª/.

4.2 Verbos terminados em *-iar* e *-ear*

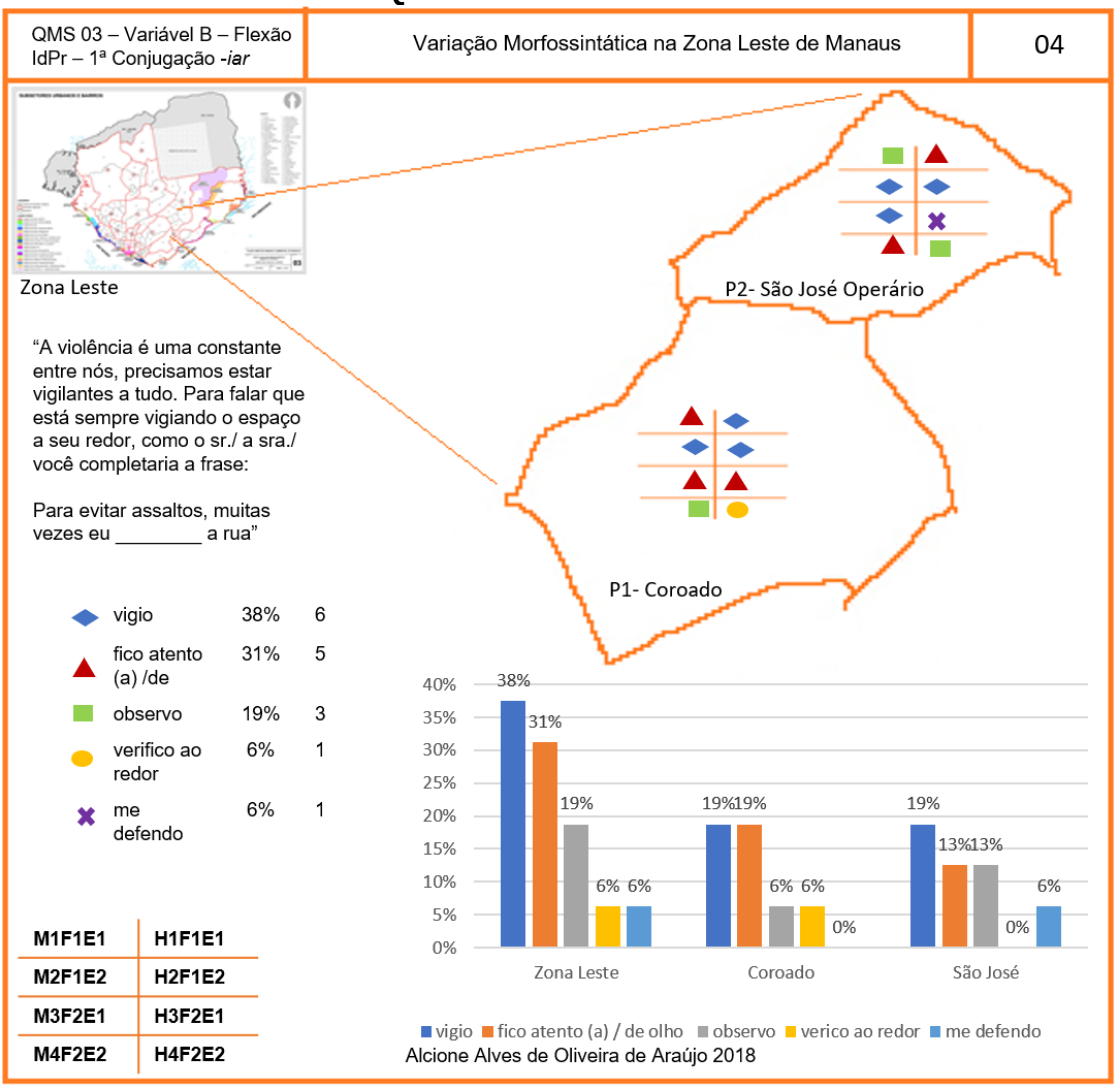
A variável B objetiva a representação da flexão do verbo de 1ª conjugação terminados em *-iar*, verbos regulares para os quais há a recorrência de outros lexemas. No entanto, observa em alguns casos a oscilação entre o uso do paradigma para os verbos terminados em *-ear* e verbos em *-iar*, dada a homofonia na fala corrente:

Carta Morfossintática 3 – QMS 03 Variável B - verbos terminados em *–iar*



Na carta 3, foi descrita a ocorrência da flexão de verbos terminados em -iar, a frequência de ocorrência acima dos 56% para *odeio*, forma prescrita, demonstra a regularidade desta forma nos pontos em análise. Bechara (2015, p. 260) aponta o verbo *odiar* como forma rizotônica conjugada como se terminasse em -ear. As formas concorrentes tenho ódio e *não gosto*, 19% cada, confirmam a opção por outros lexemas.

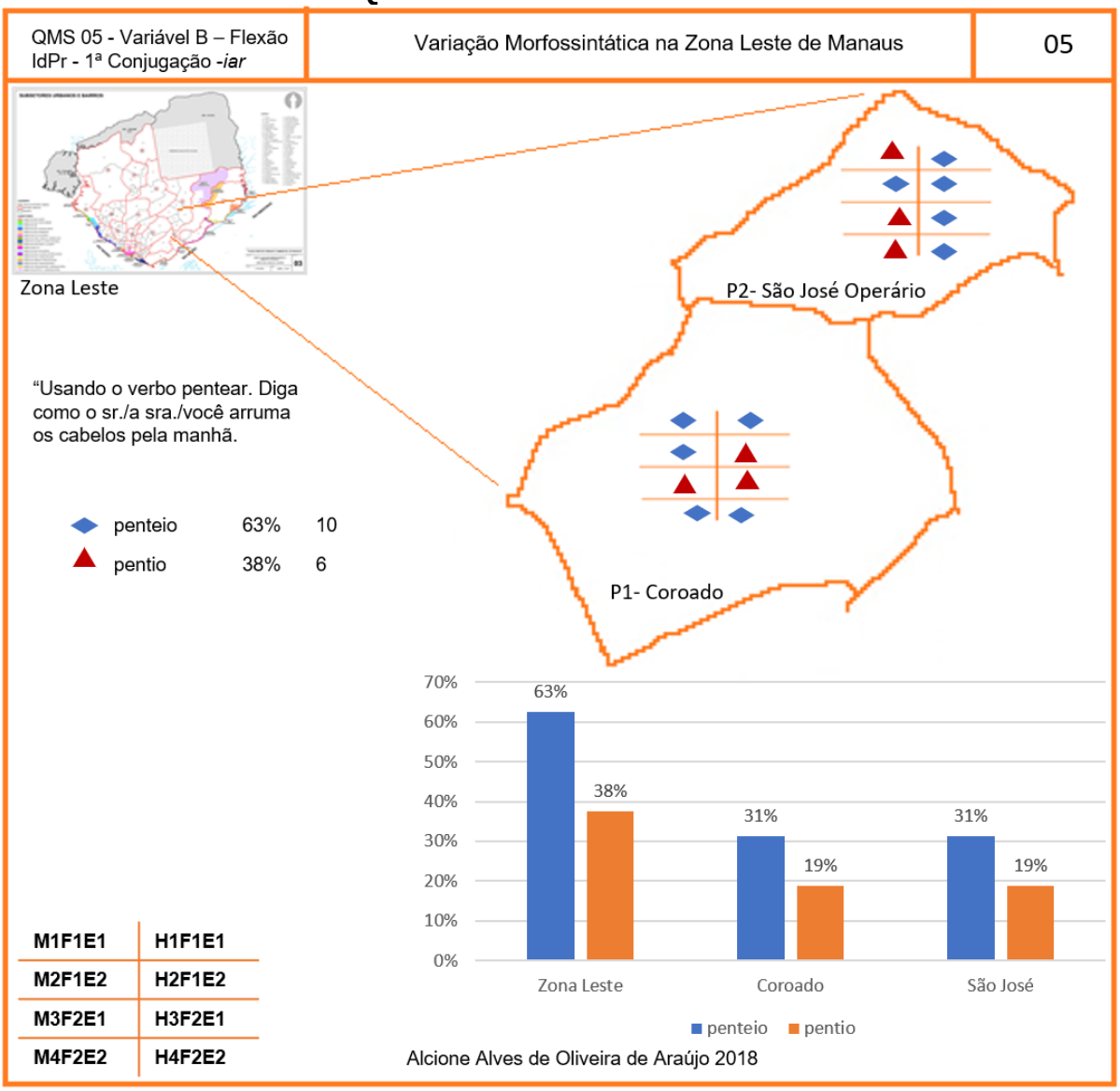
Carta Morfossintática 4 - QMS 04 Variável B - Verbos terminados em –iar



A carta 4 apresenta a variável diagenérica em oposição para os dois pontos de inquérito. No Ponto 2, as mulheres fazem uso da forma mais produtiva *vigio,* enquanto no Ponto 1 (50% para cada ponto), essa forma é mais usada pelos homens. No entanto, a soma das outras variantes mostra como mais produtivo o uso de formas com outros lexemas (62%) juntas: *fico atento* (31%), *observo* (19%), verifico ao redor (6%) e *me defendo* (6%).

Observa-se aqui a variante lexical *fico de olho,* escolhida pelo informante do Ponto 1 (M3F2E1), considerada na análise pelo valor semântico aproximado a *fico atento.*

Carta Morfossintática 5 - QMS 05 Variável B - verbos terminados em -iar

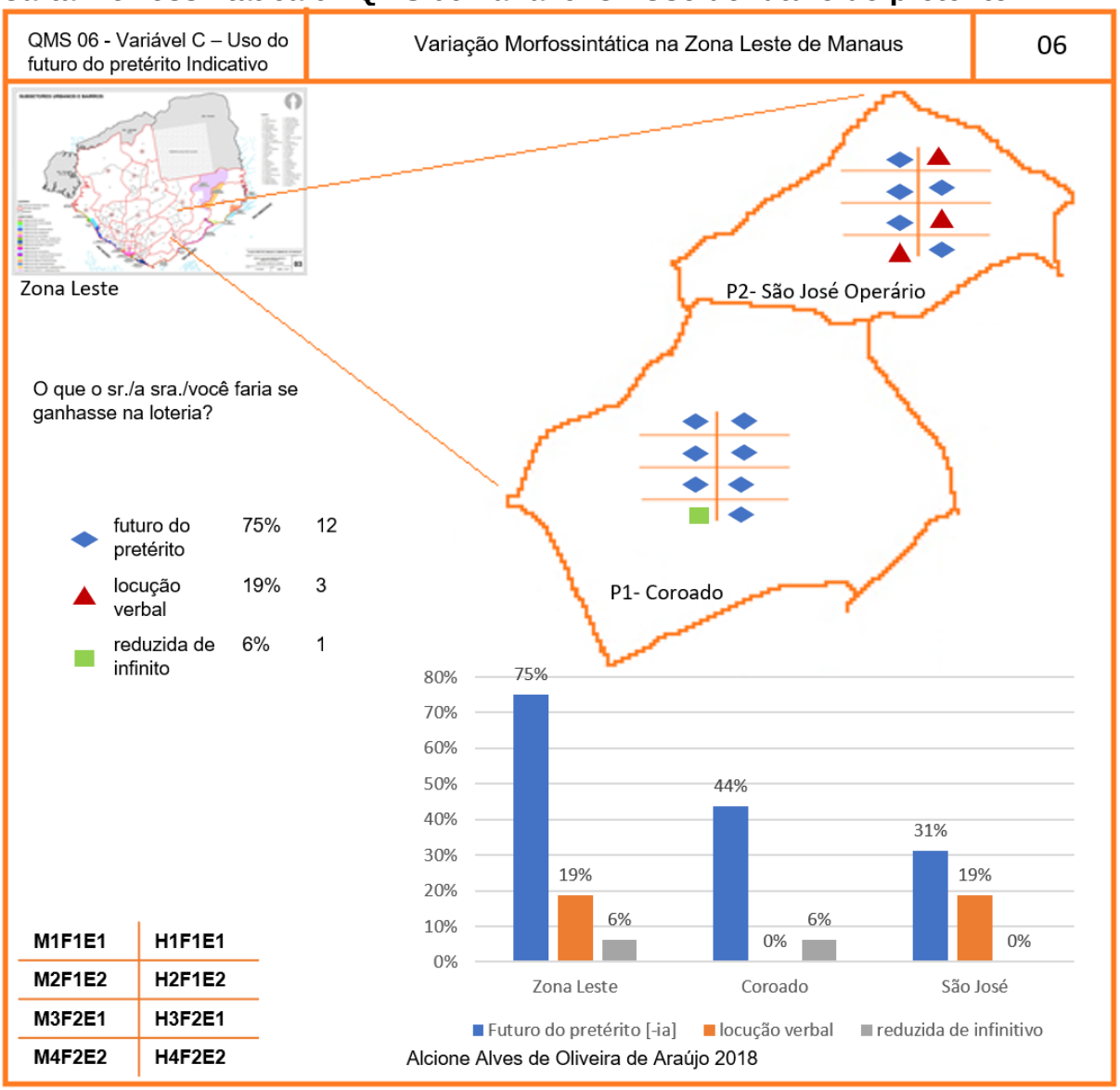


A Carta 5 apresenta duas ocorrências para o verbo pentear: *penteio* (63%), de distribuição regular, e *pentio* (38%). Nesse caso, chama-se atenção para a variável diagenérica, para a qual a frequência mais produtiva é registrada entre os homens; e, para a variável diatópica, já que foram os homens do Ponto 2 os que mais apresentaram a variante.

4.3 Futuro do pretérito

A variável C investigava o uso do futuro do pretérito em concorrência com o pretérito do subjuntivo. Houve alta frequência (75%) e distribuição regular para o uso do futuro do pretérito.

Carta Morfossintática 6 - QMS 06 Variável C - Uso do futuro do pretérito



A carta 6 não apresenta a variante usada pelos informantes, mas a variável linguística. Isso porque as respostas foram tão diversificadas (viajaria, ajudaria, ficaria, ia movimentar, para ajudar entre outras) que se optou pela variável. O uso da flexão do verbo no futuro do pretérito em combinação com o pretérito subjuntivo para a P3 apresentou alta frequência e distribuição regular, sendo esta a forma mais produtiva e habitual nos dois pontos de inquérito.

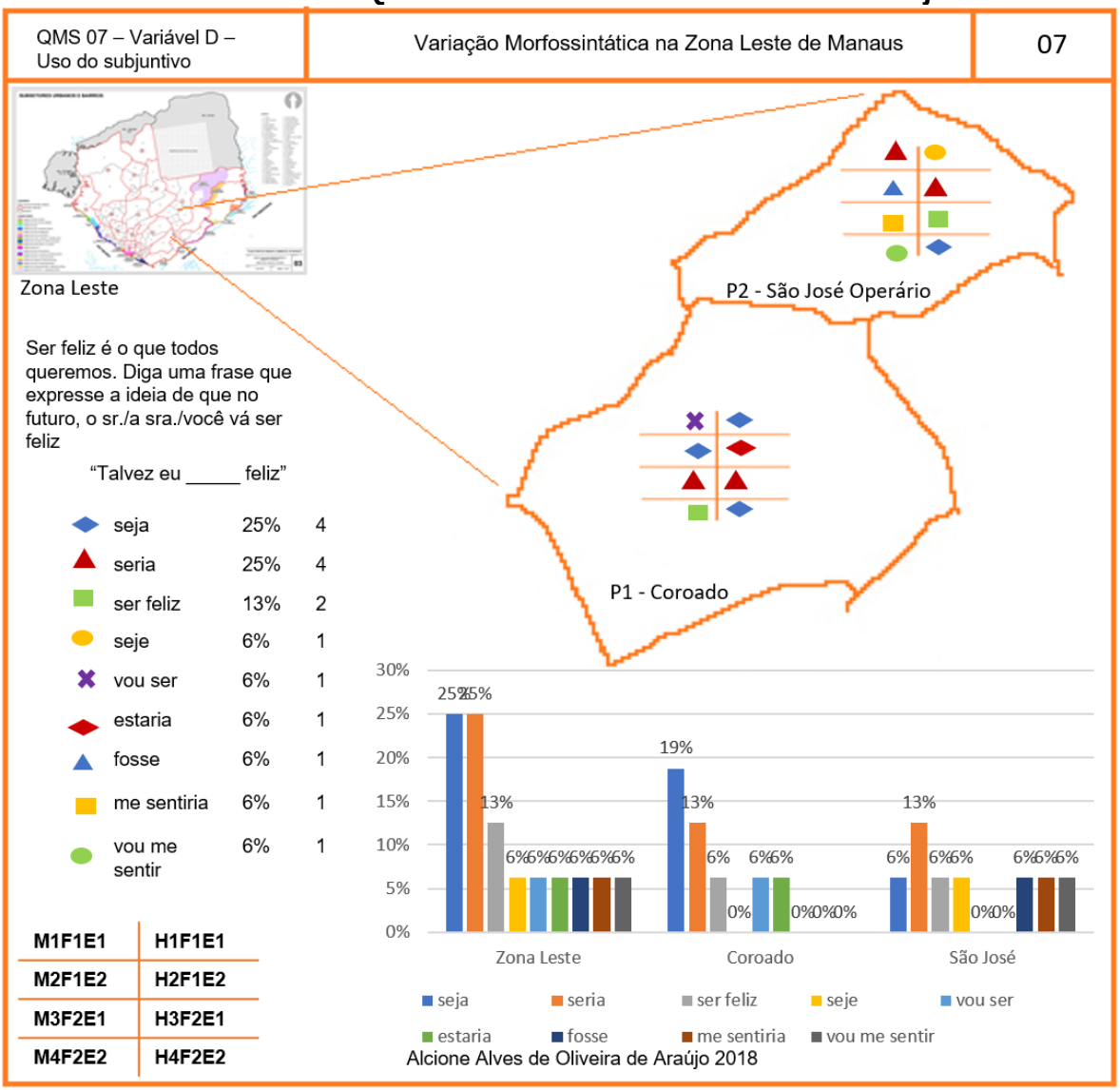
4.4 Modo subjuntivo

A variável D apresentava a hipótese combinatória de uso do futuro do presente com a forma de futuro do subjuntivo. O modo subjuntivo constitui oração subordinada cuja oração principal indique: i) hipótese, suposição, possibilidade; ii) ordem, pedido ou desejo; iii) dúvida; iv) avaliação; e v) causa. Quando a oração principal apresenta verbo no futuro do presente, a flexão do verbo para a subordinada será no presente ou no futuro do subjuntivo (FARACO; MOURA, 2001, p. 348-349).

Com base nesses pressupostos, buscou-se observar as formas concorrentes, as alomorfias (inclusive fônicas) e a troca de lexema. Buscava-se a variante em P1 e P3 para os radicais de verbos irregulares~alterações fonêmicas~uso de paradigmas de verbos regulares: seja~seje // souber~saber// puser~pusesse~por // trouxer~trazer // vier~vim // se ele chegasse~se ele chega~chegar.

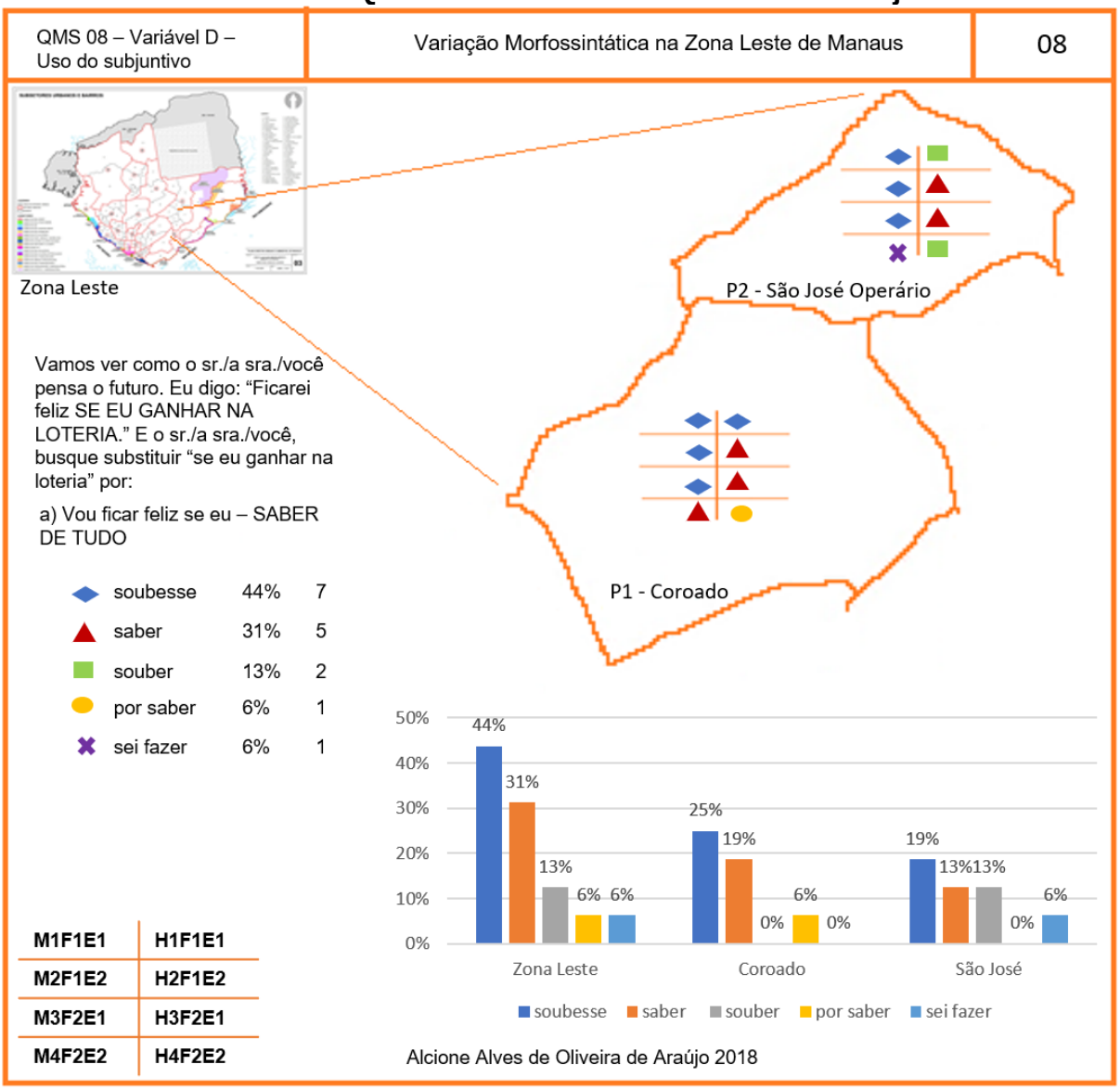
Os dados coletados apresentam uma frequência baixa e distribuição irregular do futuro do indicativo correlacionado com o futuro do subjuntivo. Registra-se maior produtividade para correlacionar o futuro ao pretérito, talvez pelo uso da conjunção *se*, já que nos compêndios didáticos o pretérito é flexionado com essa conjunção.

Carta Morfossintática 7 - QMS 07 Variável D - Uso do modo subjuntivo: ser



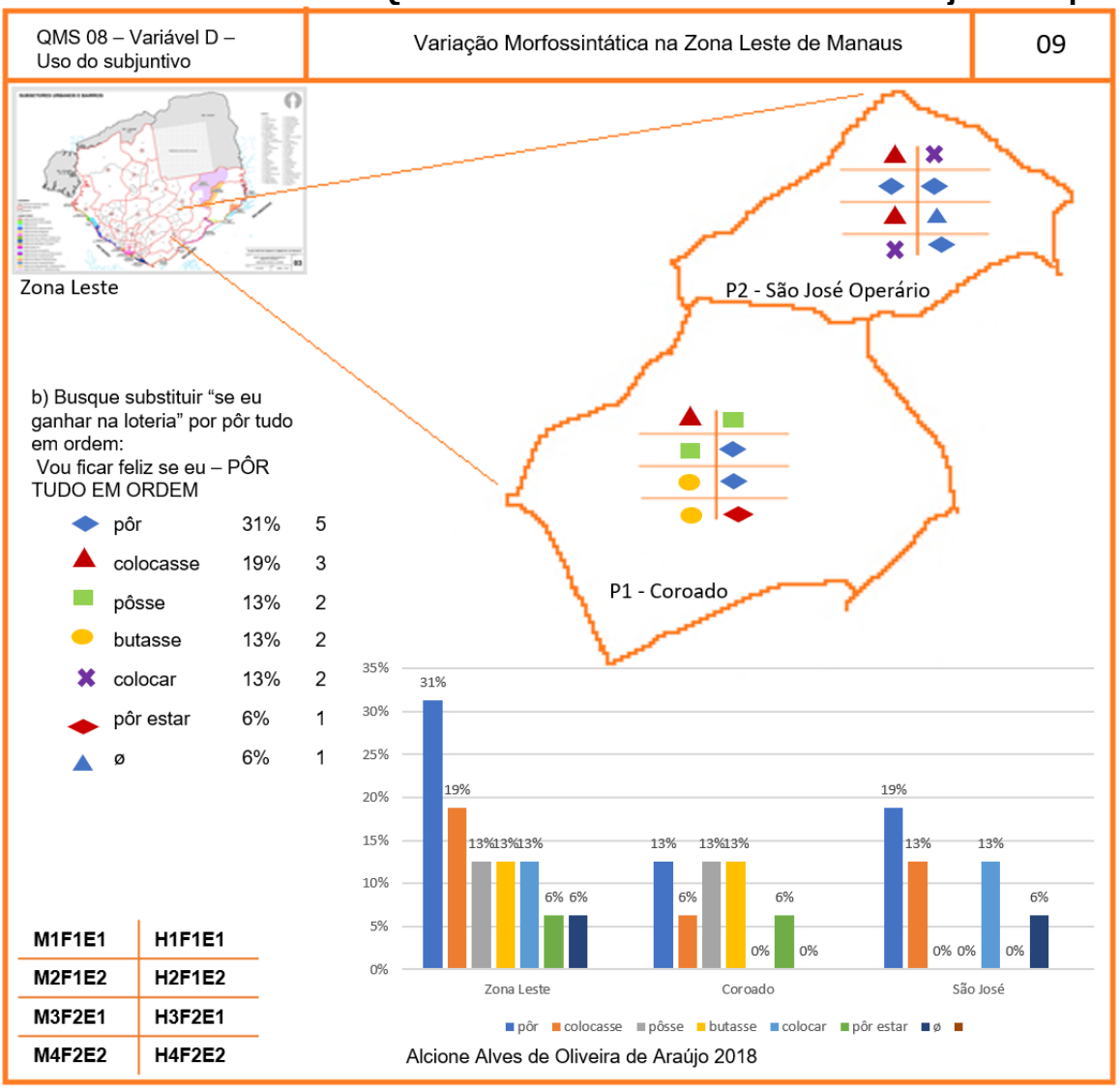
A Carta 7 apresenta duas formas mais produtivas no Ponto 1: *seja* e *seria*, ambas com 25%. As variantes para essa variável (verbo ser no presente do subjuntivo) reiteram a opção pela troca de lexema. As muitas variantes aqui registradas demonstram a baixa frequência e distribuição irregular da variante.

Carta Morfossintática 8 - QMS 08 Variável D - Uso do modo subjuntivo: saber



Na carta 8, para o verbo saber, foram registradas cinco ocorrências: *soubesse, saber, souber, por saber* e *sei fazer*, sendo a mais produtiva soubesse com 44%. Essa variante registra um problema semântico: esperava-se que o informante respondesse usando o futuro, forma presente em *Vou ficar*, no entanto eles retomam uma ideia de passado **Vou ficar feliz, se eu soubesse de tudo*. Caso a forma de partida fosse o futuro do pretérito a coesão estaria mantida. Observa-se também que a variável diagenérica, mulher, foi mais produtiva para essa variante: *soubesse*, podendo ser esta forma apontada como norma prestigiada entre elas.

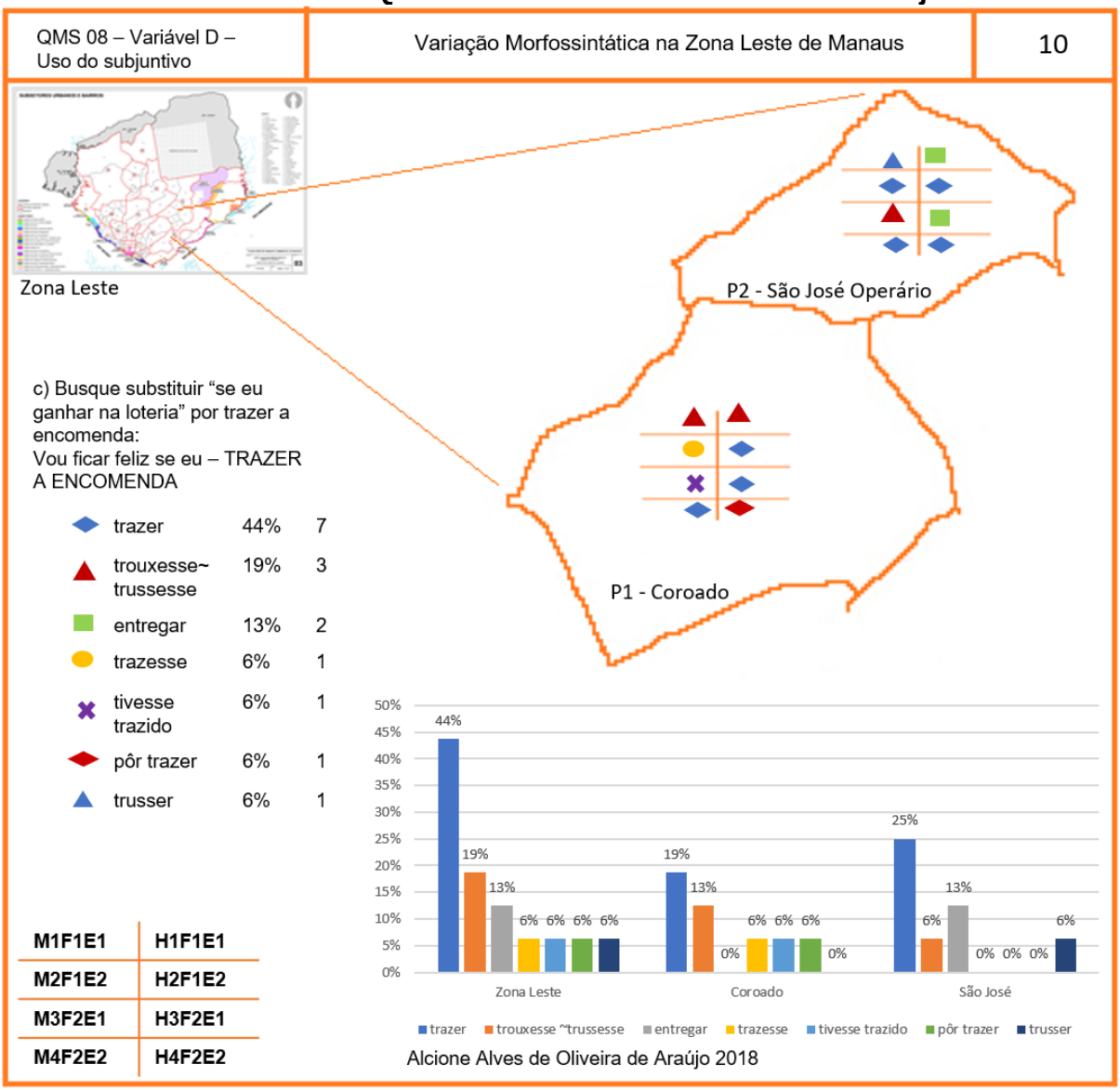
Carta Morfossintática 9 - QMS 08 Variável D - Uso do modo subjuntivo: pôr



Na carta 9, a forma verbal pôr no futuro do subjuntivo apresentou as variantes: *pôr, colocasse, pôsse, butasse, colocar, pôr estar,* sendo que um informante não apresentou resposta significativa a situação de falta coesão entre as formas também foi observada. A forma mais produtiva com 31% reproduziu o verbo da oração de inicial, podendo ser levantada a hipótese de que os informantes não entenderam o enunciado. O uso de lexemas apresentou uma frequência média.

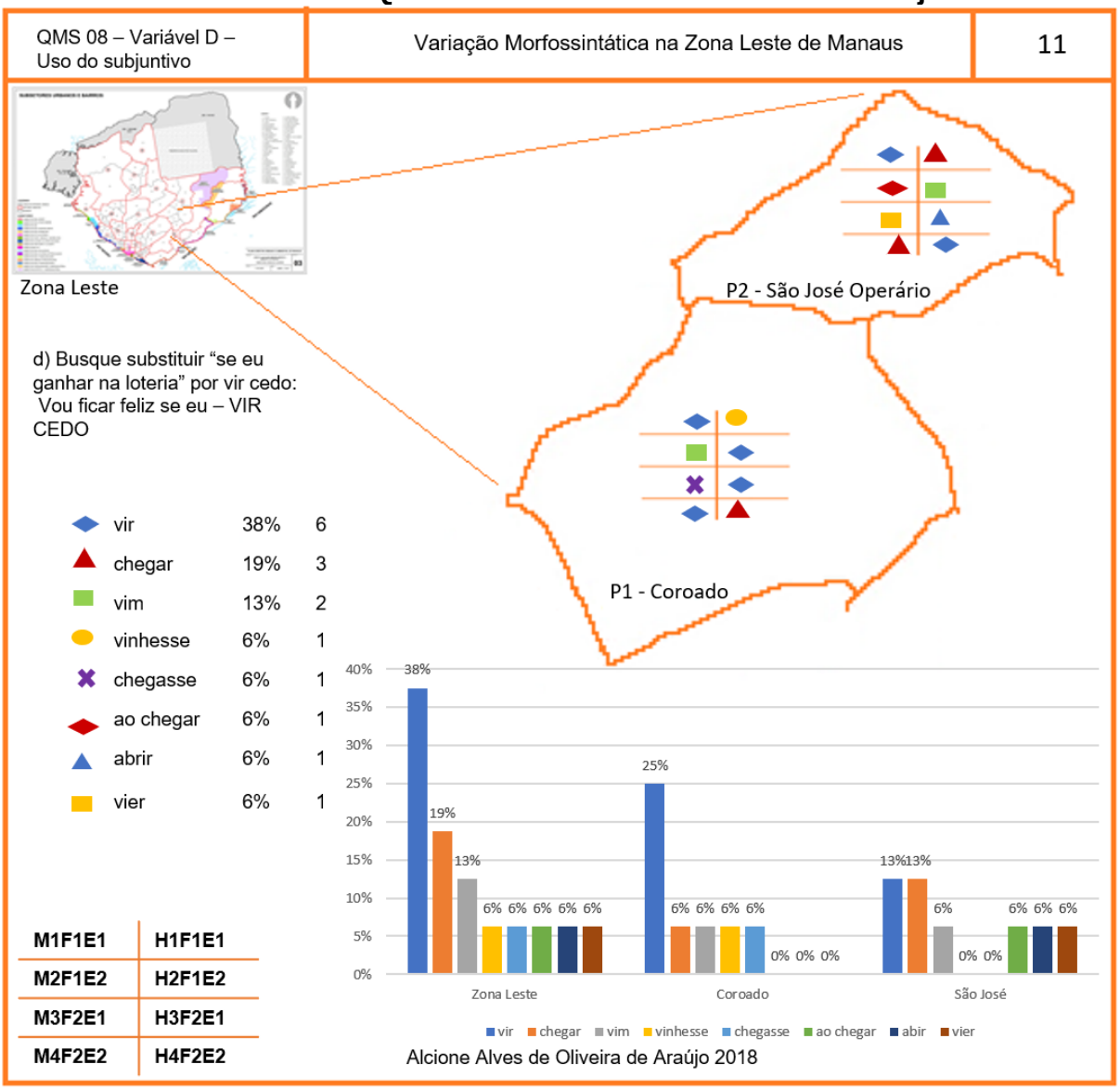
Observa-se que a forma *pôsse* (13%), para a qual supõe-se a aplicação do paradigma regular {escrev+e+sse+ø}~*{p+o+sse+ø}, onde tem-se: {rad.+VT+DTM+DNP}. Considerando a variável diatópica, essa forma foi apresentada apenas no Ponto 1, equidade para a variável diagenérica e diastrática.

Carta Morfossintática 10 - QMS 08 Variável D - Uso do modo subjuntivo: trazer



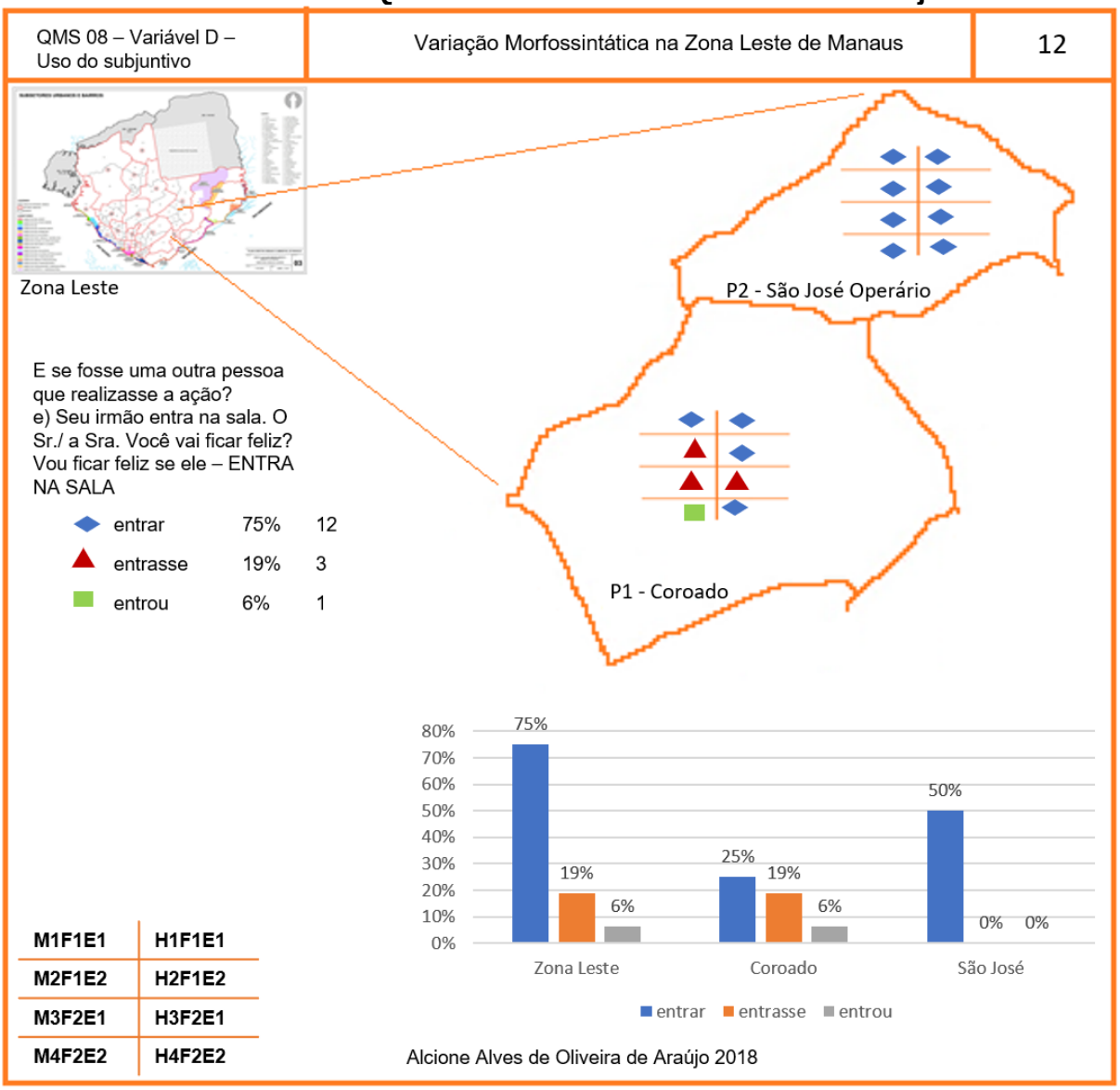
Na carta 10, verificam-se variantes aproximadas da flexão em observação: *trouxesse (~/tru'sƐsⁱ/), trazesse, tivesse trazido),* no entanto o uso da forma infinitiva apresenta maior frequência. A norma de uso para as variáveis diatópica e diagenérica é a variante *trazer.* Novamente a ocorrência de formas nominais para expressar a ideia futuro, hipoteticamente relacionadas ao auxiliar *vou ficar~vou trazer*, embora o problema semântico persista: vou ficar: aspecto futuro X trouxesse: pretérito imperfeito do subjuntivo. A variante fonológica */tru'sƐsⁱ/* foi registrada para H1F1E1, podendo ser indício de variável diastrática.

Carta Morfossintática 11 - QMS 08 Variável D - Uso do modo subjuntivo: vir



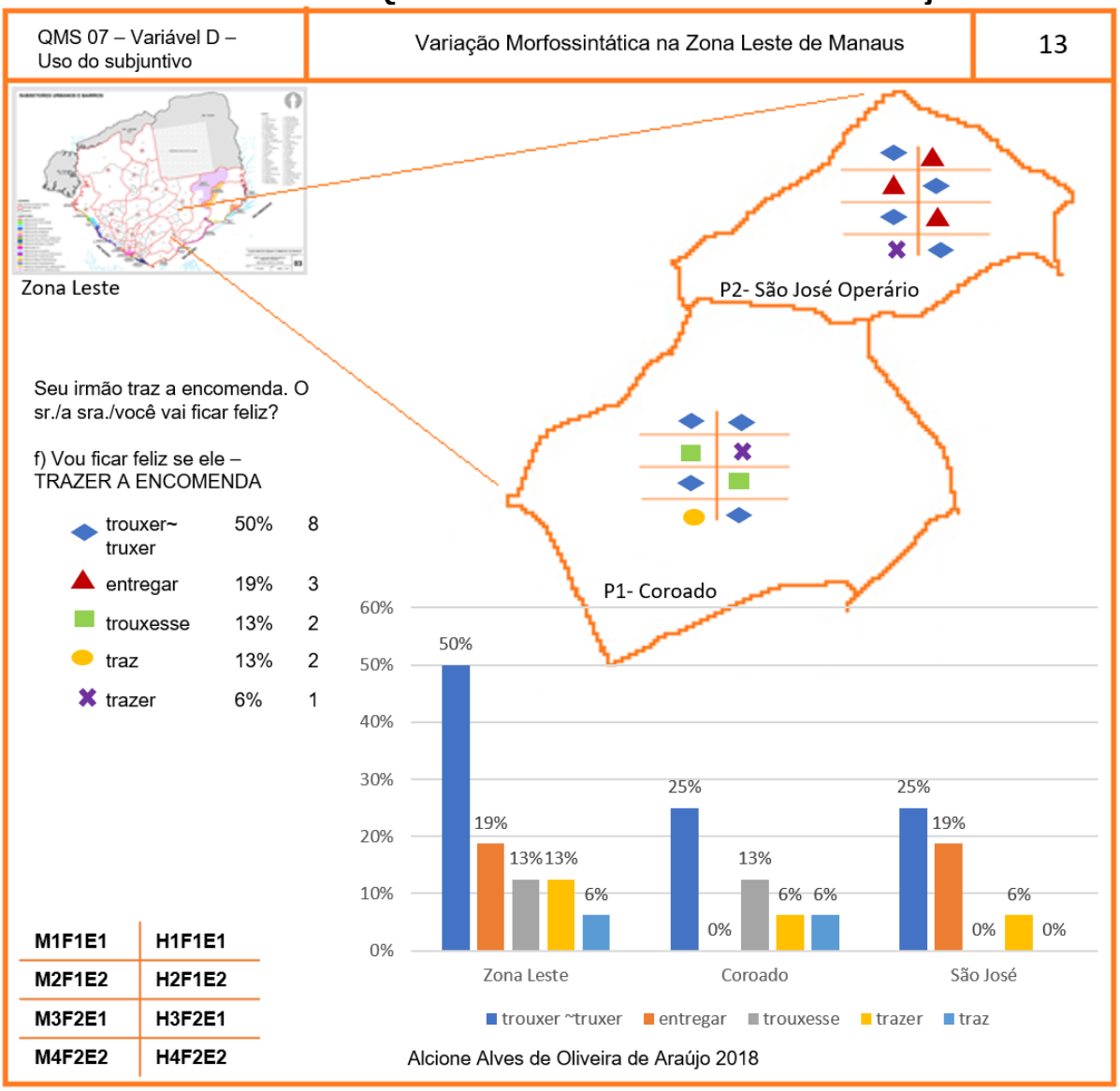
No uso do subjuntivo da forma verbal *vir*, carta 11, encontram-se oitos variantes *vir, chegar, vim, vinhesse, chegasse, ao chegar, abrir* e *vier* das quais a mais produtiva foi *vir* com seis ocorrências, equivalentes a 38% no geral. Observa-se uma ocorrência para o futuro o subjuntivo (*vier*). O uso do infinitivo e outros lexemas mostram-se como norma de uso entre os homens. A forma estigmatizada "*vinhesse*" (H1F1E1) resulta da epêntese de glide palatal nasalizado [ỹ], seguindo paradigmas de formas do verbo vir indicativas da palatal -nh: vinha, venho, vínhamos..

Carta Morfossintática 12 - QMS 08 Variável D - Uso do modo subjuntivo: entrar



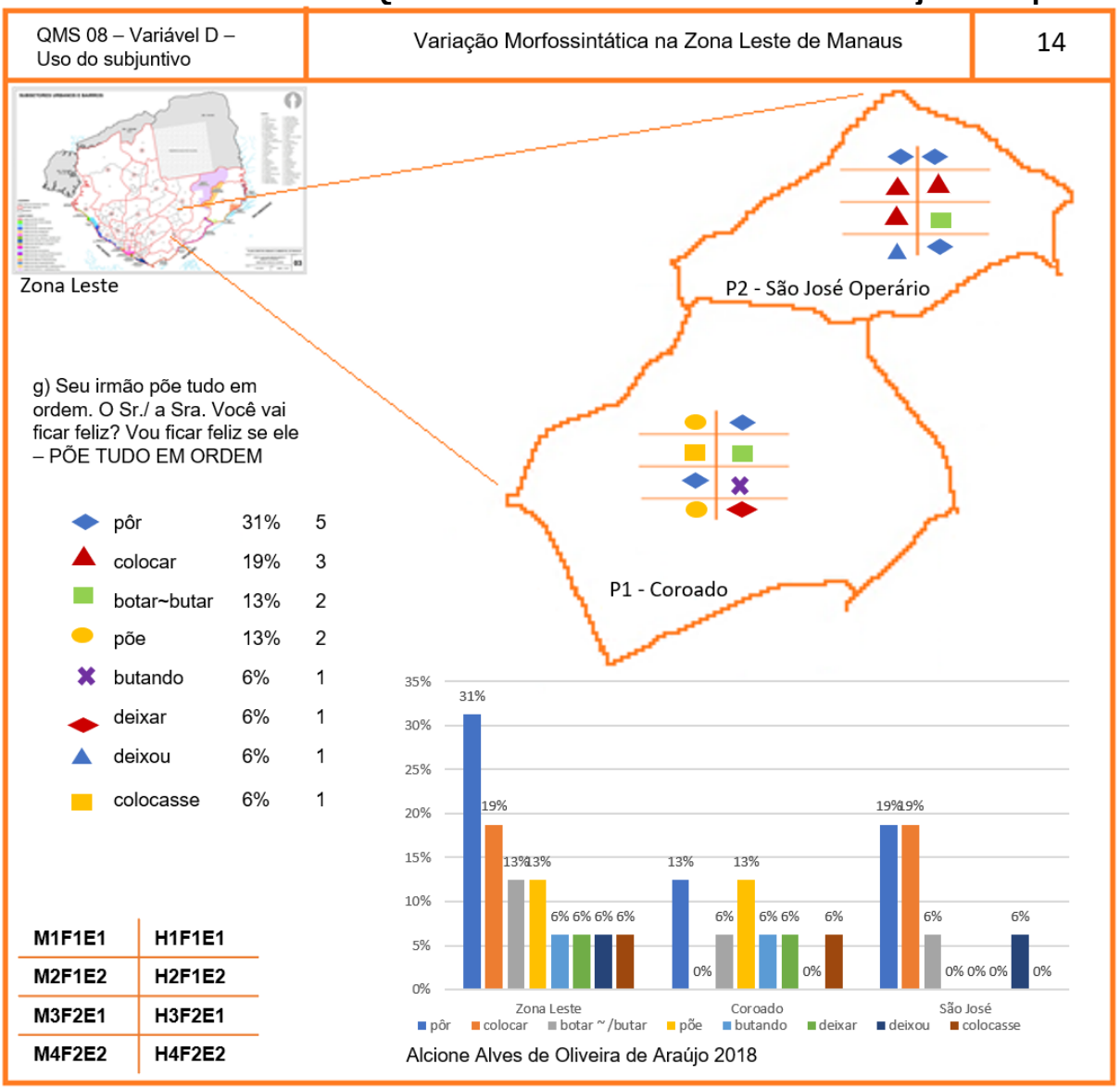
No uso do subjuntivo da forma verbal entrar para a P3, carta 12, encontram-se três variantes sendo a forma *entrar* com distribuição regular e alta frequência no Ponto 2 (100%) e em toda a Zona Leste, já que atingiu 75% no percentual geral. A ocorrência do subjuntivo pretérito em correlação com o futuro do presente para o verbo entrar mostra-se como norma de uso para o Ponto 2 e para as mulheres em ambos os pontos (variável diagenérica).

Carta Morfossintática 13 - QMS 08 Variável D - Uso do modo subjuntivo: trazer



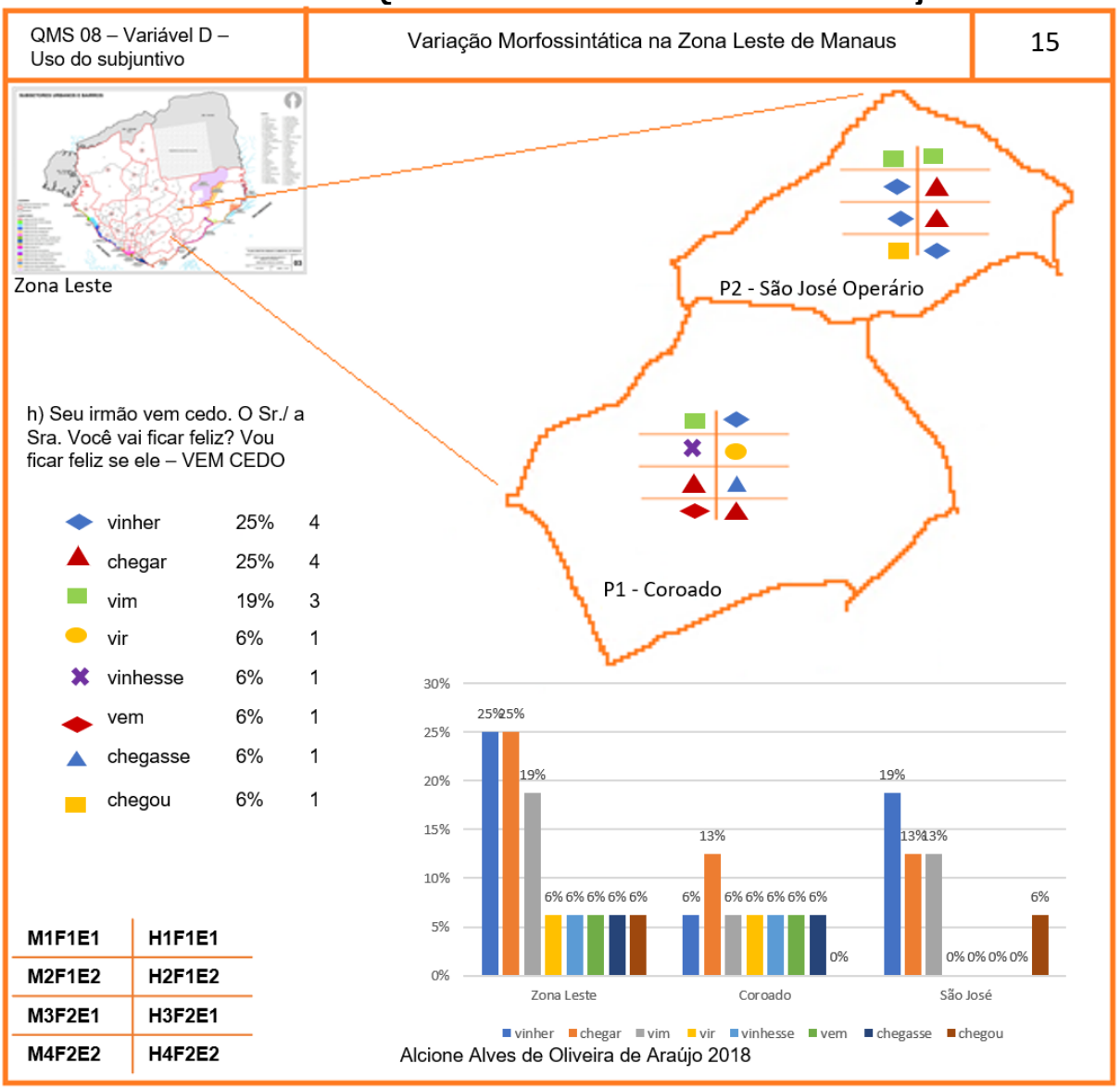
A carta 13 apresenta as variantes para a 3ª pessoa do verbo trazer, a saber: *trouxer* (maior produtividade com 50% no geral), embora se tenha observado a monotongação /tru'sƐR/, observa-se como norma de uso, considerando para a variável diagenérica; *entregar* (19%); *trouxesse* (13%); *traz* (13%) e *trazer* (6%). Observando sob o ponto de vista da variável diatópica a forma *trouxer* apresenta equidade nos dois pontos de análise.

Carta Morfossintática 14 - QMS 08 Variável D - Uso do modo subjuntivo: pôr



A carta 14 apresenta 8 variantes para forma verbal pôr no futuro do subjuntivo, sendo a mais produtiva *pôr* com 31% de ocorrências. O uso de outros lexemas se mostrou em maior percentual entre os homens (*botar~colocar*). Para essa variável chama a atenção o número quatro variantes de baixa frequência e distribuição irregular, principalmente se for considerado que houve a troca de lexema.

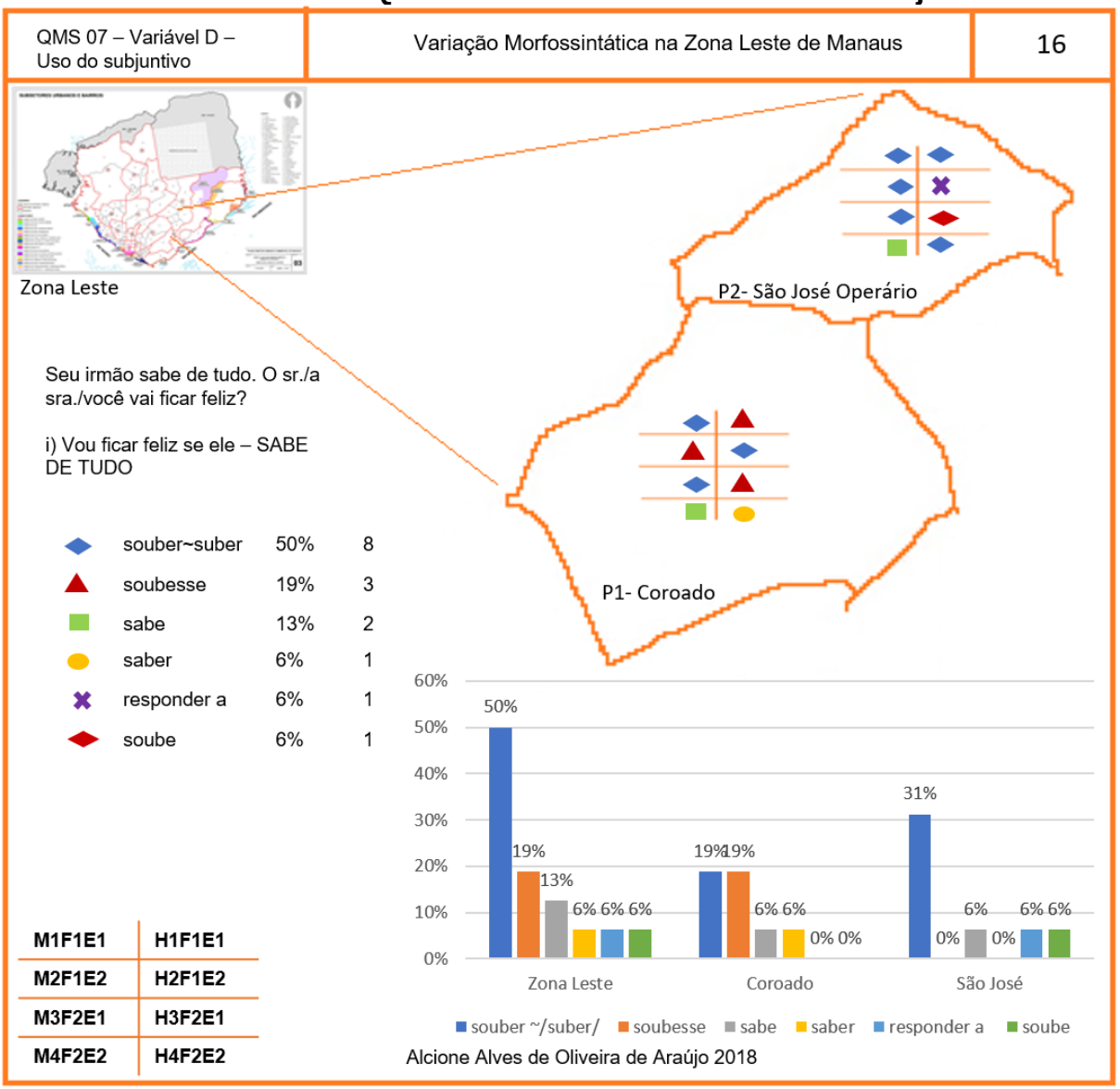
Carta Morfossintática 15 - QMS 08 Variável D - Uso do modo subjuntivo: vir



A carta 15 apresenta equidade de formas mais produtivas para a flexão do verbo *vir* em P3 para o subjuntivo futuro: *vinher* e *chegar* (25%). Ao observar a variável diatópica, percebe-se que o Ponto 1 apresenta a ocorrência de um número maior de variantes (*vinher, chegar, vim, vir, vinhesse, vem, chegasse*).

A epêntese para as variantes *vinher* e *vinhesse* registrada para informantes de ambos os pontos de inquérito, sexo e nível de escolaridade pode ser justificada pela presença da palatal no paradigma do modo indicativo desse verbo: *venho, vinha, venha* etc.

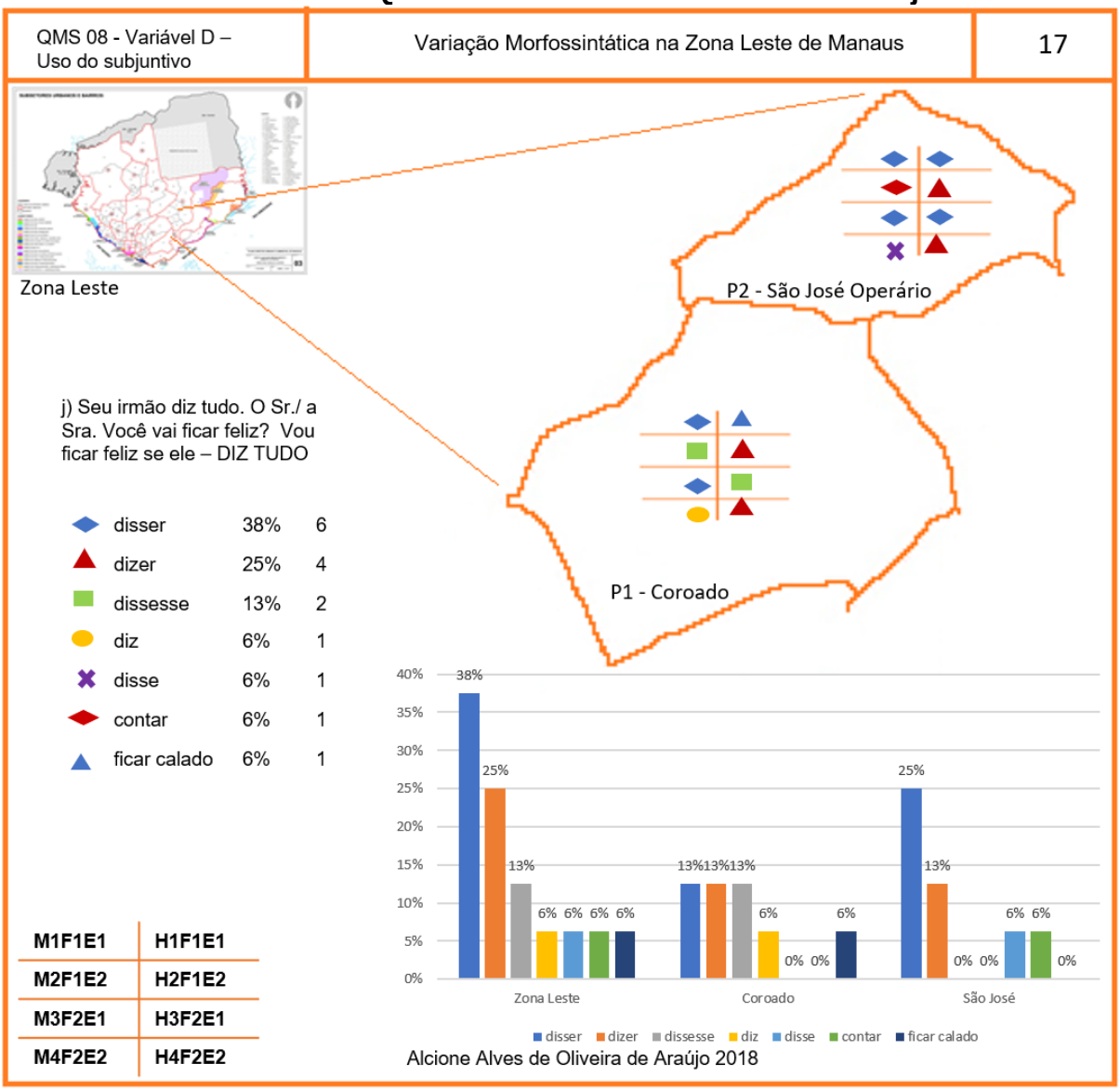
Carta Morfossintática 16 - QMS 08 Variável D - Uso do modo subjuntivo: saber



A carta 16 indica a frequência de *souber* (50%) como norma de uso para a flexão de *saber* para P3 subjuntivo futuro no Ponto 2; o ponto 1 registra a equidade e concorrência para *souber~suber/soubesse* e *sabe/saber*, no que tange às variáveis diageracional, diagenérica e diastrática.

Observa-se a ocorrência de formas pretéritas (25%), de forma presente (13%) e infinitivo do verbo (12%). A carta reitera a ocorrência da correlação do subjuntivo pretérito ao indicativo futuro no que tange à variável diatópica.

Carta Morfossintática 17 - QMS 08 Variável D - Uso do modo subjuntivo: dizer

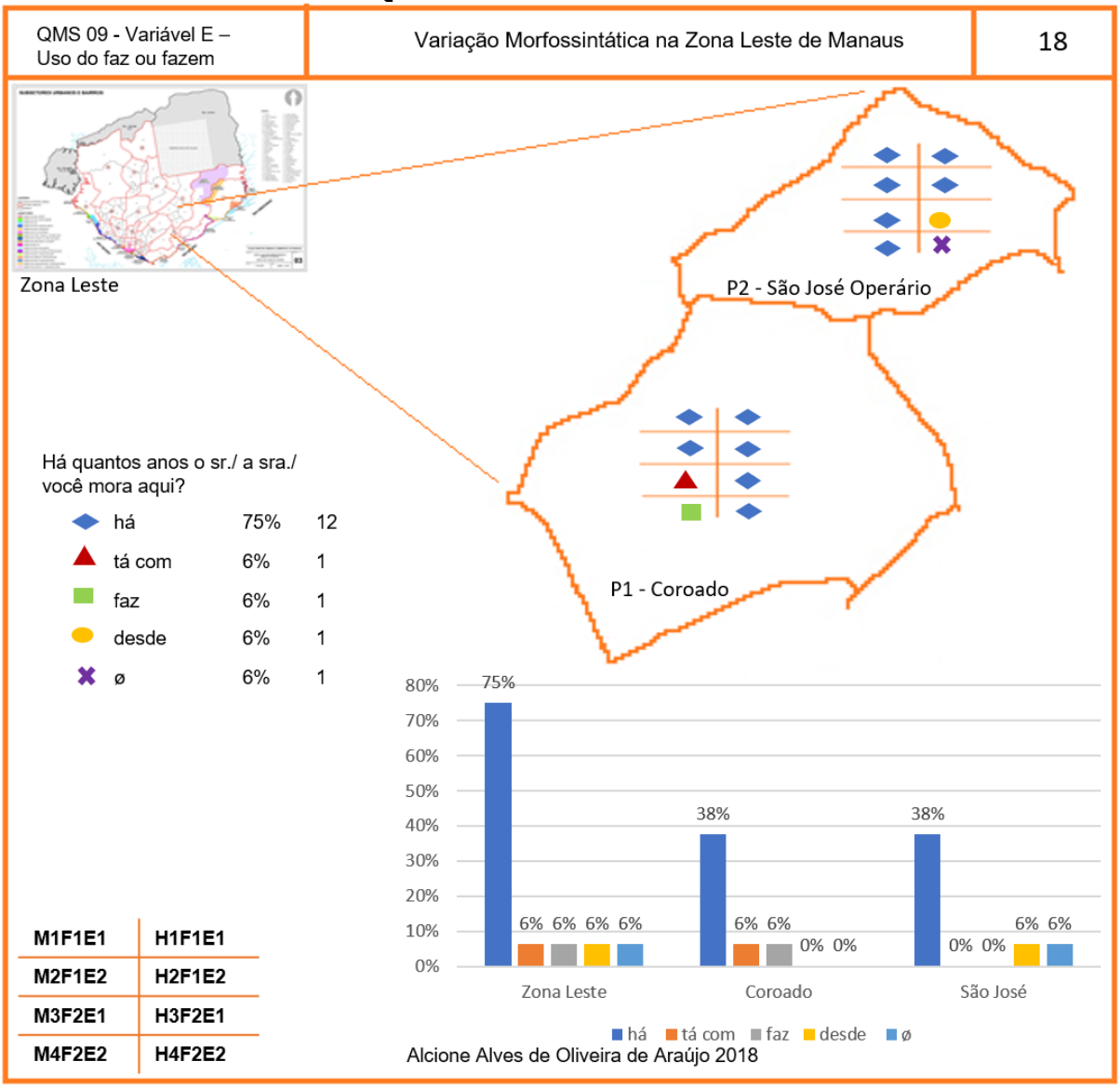


Na carta 17, para subjuntivo futuro em P3 do verbo *dizer* há a produtividade de *disser,* 38% no geral, dos quais 67%, no Ponto 2 e 33%, no Ponto 1, sendo esta a norma de uso para a Zona Leste. Há a singularidade, no Ponto 1, de cinco variantes registradas – *disser, dizer, dissesse, diz, ficar calado* – apresentarem equidade de uso. Considerando a variável diagenérica, as mulheres fazem uso da flexão mais conservadora (*disser*), embora se utilizem de um mais variantes (5) que os homens (4).

4.5 Uso do verbo fazer

O verbo fazer é um verbo que, na indicação de tempo passado, apresenta impessoalidade; como tal, seu uso deve ocorrer na 3ª pessoa do singular. A variável E verificou a alta frequência e a distribuição regular do verbo haver, em sua forma impessoal com lexema alternativo para a variável em análise. Podendo-se afirmar ser a norma prestigiada nos pontos de inquérito.

Carta Morfossintática 18 - QMS 09 Variável E – Uso de faz ou fazem

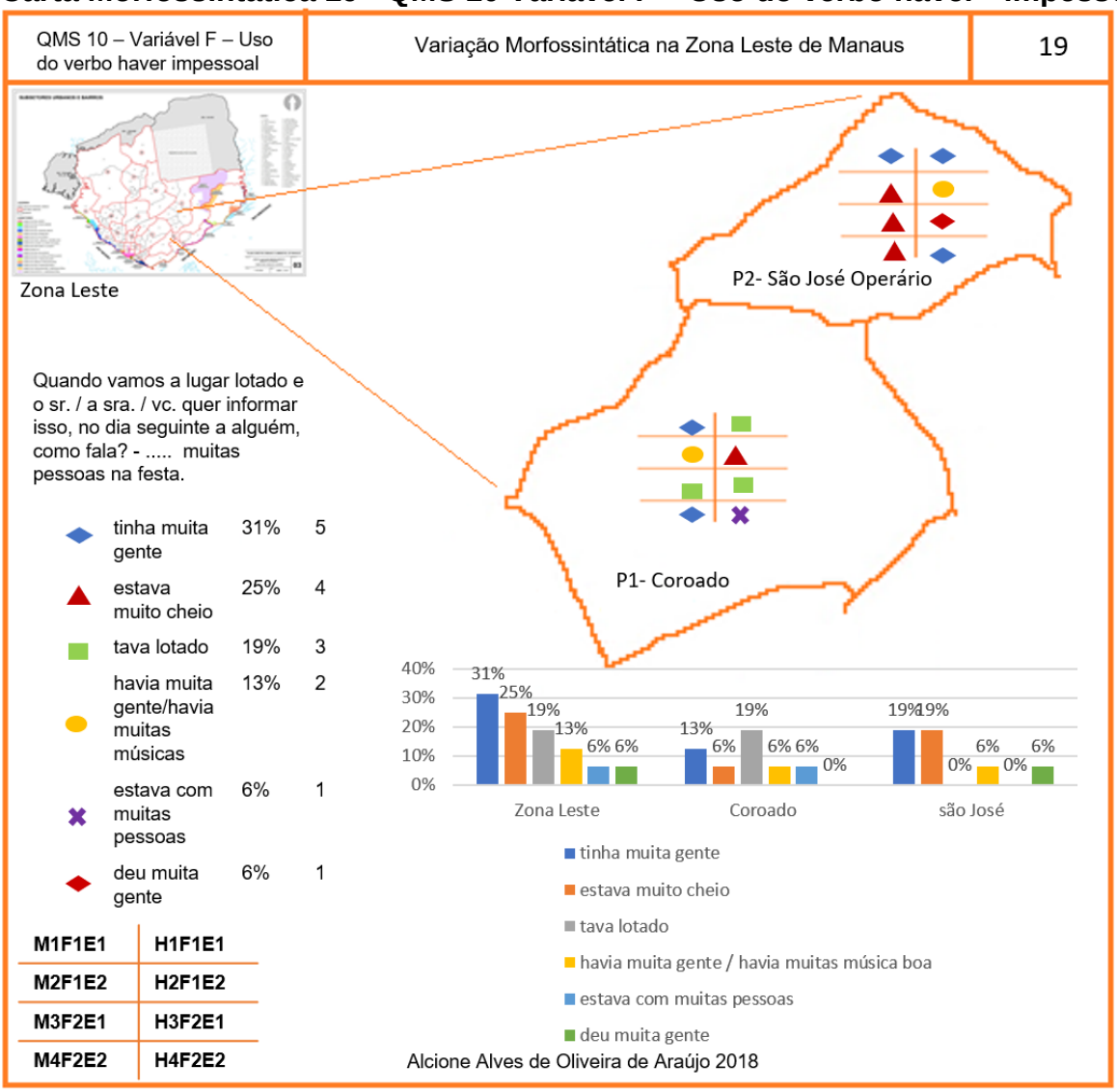


Na carta 18, foram registradas quatro variantes para a forma impessoal de fazer, sendo a mais produtiva o lexema alternativo *haver* com 75%. Observa-se a produtividade inversamente oposta ao analisar a variável diatópica e diagenérica de uso da variante haver em lugar de fazer.

4.6 Uso do verbo haver

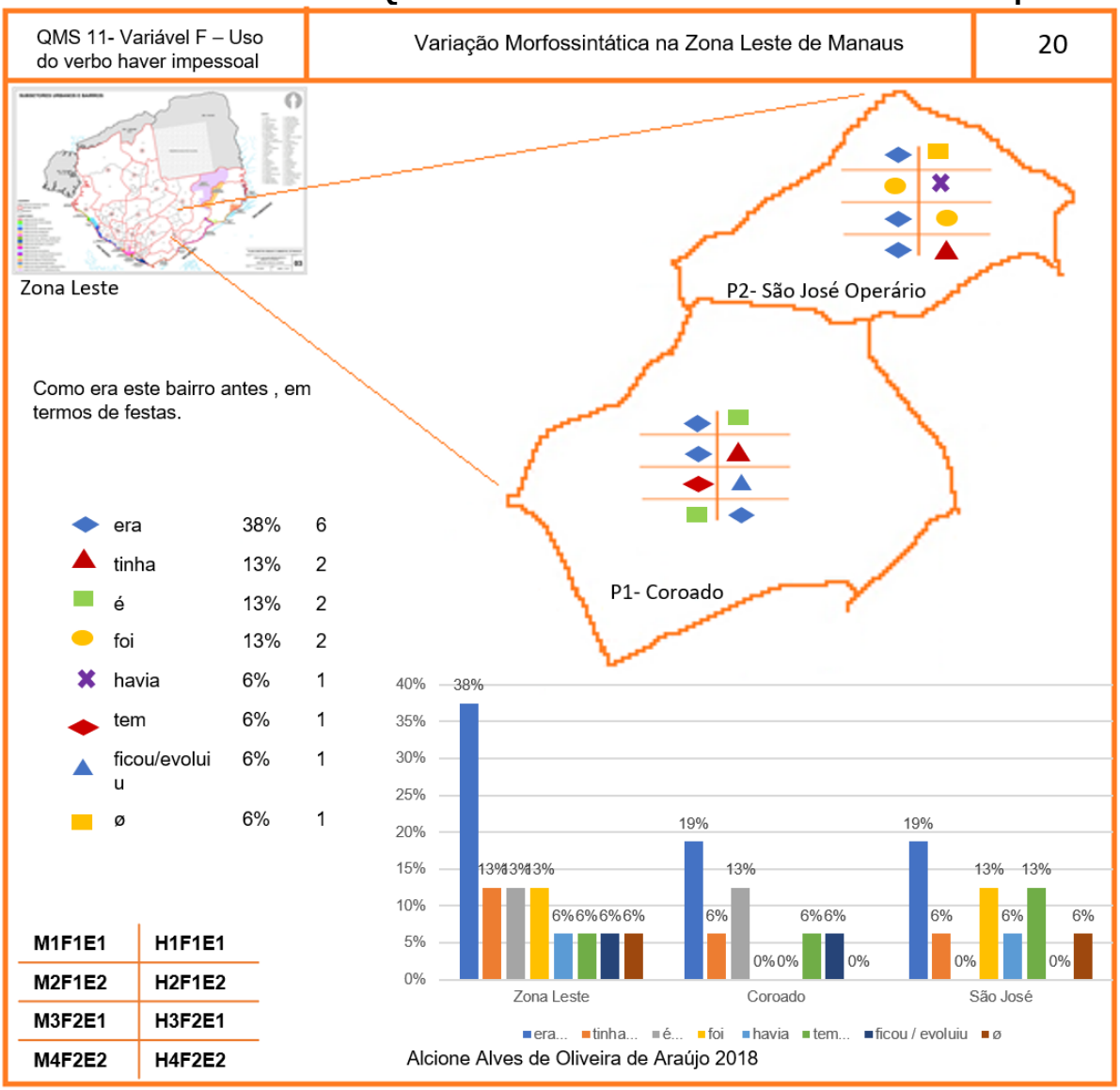
A exemplo do verbo *fazer, haver* é um verbo que, na indicação de tempo decorrido, existência ou ocorrência, não apresentam pessoa do discurso, por isso impessoal e não flexionado. A variável F objetivou a verificação de ocorrências de flexão plural e/ou a troca por outro lexema (*ter, estar cheio*). Observou-se, no geral, a alta frequência e distribuição regular para a troca de lexema.

Carta Morfossintática 19 - QMS 10 Variável F – Uso do verbo haver - impessoal



Na carta 19, observam-se seis variantes para a variável *Haver*, impessoal P3, sendo a forma mais produtiva um lexema diferente *tinha muita gente* (31%); *estava muito cheio* (25%); *tava lotado* (19%). O radical de haver só foi utilizado por dois informantes, um em cada ponto. Há baixa frequência e distribuição irregular das variantes.

Carta Morfossintática 20 - QMS 11 Variável F – Uso do verbo haver - impessoal

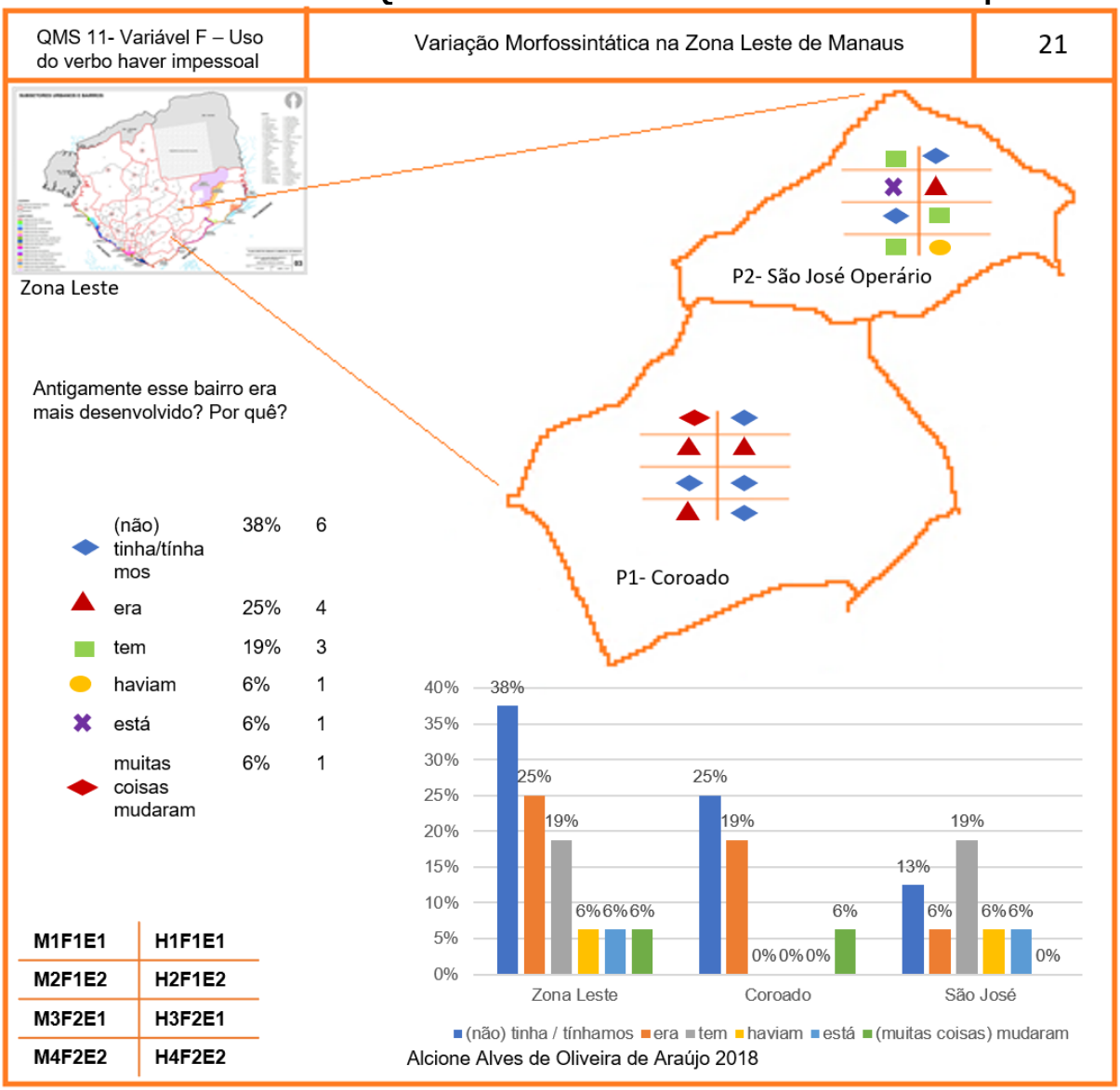


Na carta 20, o lexema de *haver*, novamente foi preterido por variantes lexicais que mostram-se mais produtivas: ser (64%) com a flexão em *era* (38%); *é (13%)* e foi (13%); e, ter (19%) com tinha (13%) e *tem* (6%).

A variável diagenérica (M) apresenta alta frequência para a variante *era* que pode ser justificada por ser a forma presente na pergunta.

Há de se considerar que, segundo Henriques (2011), o uso impessoal de TER em concorrência com HAVER resulta da contaminação sintática. Esse autor esclarece que o uso impessol de TER por HAVER pode ter sua razão em função de construções sintáticas com proximidade semântica: Na casa há três quartos~A casa tem três quartos~Na casa tem três quartos.

Carta Morfossintática 21 - QMS 11 Variável F – Uso do verbo haver impessoal



Na carta 21, observa-se a ocorrência de seis variantes para *haver* no sentido de tempo decorrido, sendo a forma mais produtiva a variante lexical *ter* para expressar a ideia de haver. Observa-se que a única ocorrência de haver não o foi de forma impessoal. Considerando o discurso livre proposto, a variável diatópica demonstra que o Ponto 1 utiliza-se de menos variantes para o verbo haver. A variável diageracional (F1) e a diastrática (E2) apontam a alta frequência da variante lexical *era.*

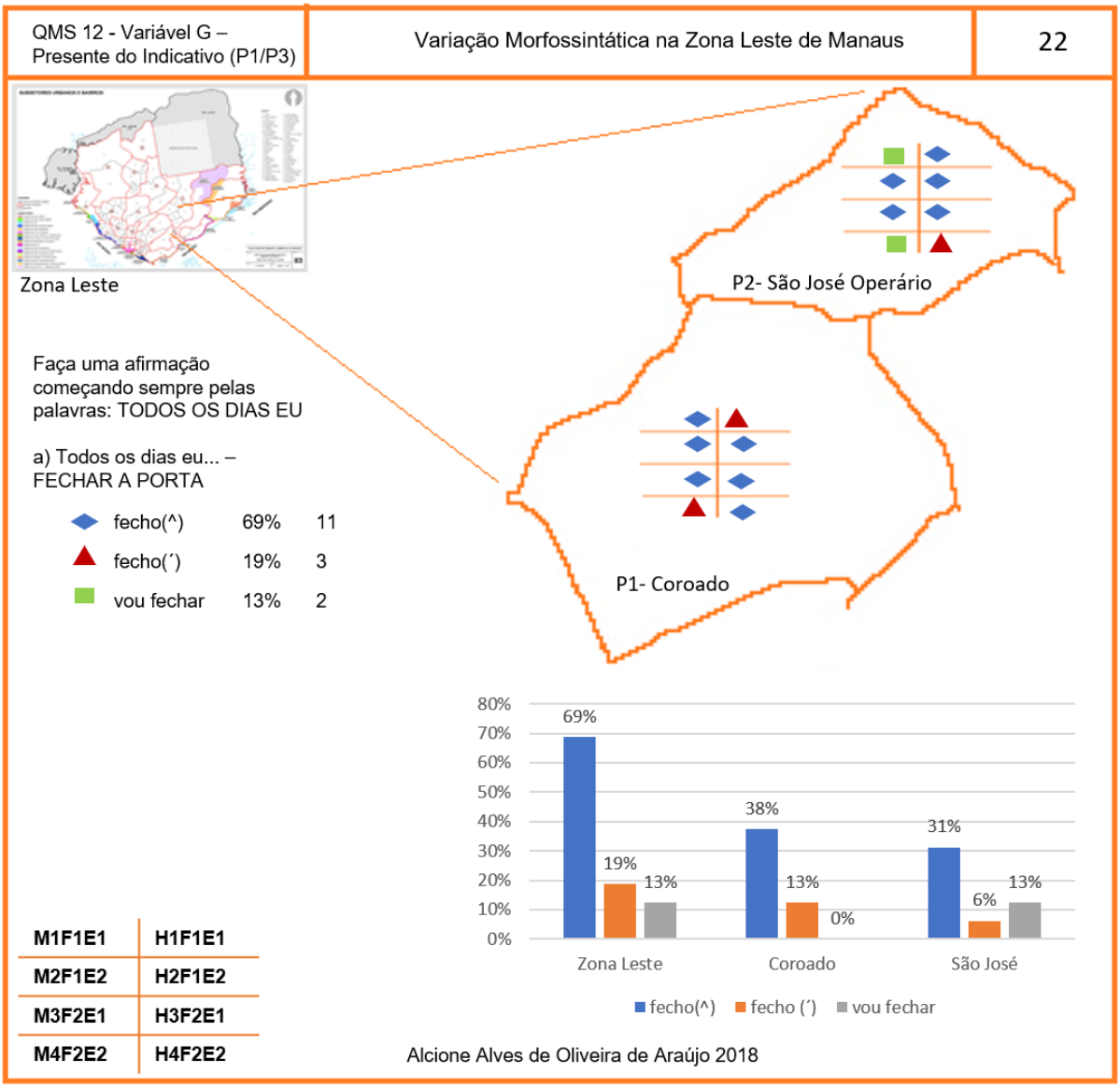
4.7 Uso do presente do indicativo

O presente do indicativo, expressa: um fato que ocorre no momento da fala, uma verdade (axioma); ação habitual ou frequente; fatos passados; futuro certo; um pedido ou ordem atenuada. Sintaticamente, constitui oração principal de orações subordinadas com verbo no presente, pretérito perfeito ou futuro subjuntivo. (FARACO; MOURA, 2001, p. 345-349). A variável G objetiva a descrição do uso de P1 e P3 em presente do indicativo para formas regulares e irregulares das três conjugações verbais em Língua Portuguesa em casos de ação habitual ou frequente. As variáveis dependentes analisaram o comportamento das variantes quanto a alomorfias do radical e das desinências número pessoal, bem como alterações metafônicas, a saber:

- alomorfia para os radicais de verbos irregulares~alterações fonêmicas~uso – com alta frequência e distribuição irregular para alterações morfofonêmicas, registrou-se também a ocorrência de monotongação;
- uso de paradigmas de verbos regulares, locuções ou outros lexemas – a opção por locução verbal e outros lexemas apresentou frequência baixa, mas ainda assim consubstancial, considerando as variáveis extralinguísticas como gênero, idade e formação; há alta frequência e distribuição irregular para o uso de locuções verbais e/ou troca de lexema;
- uso do presente em concorrência com o pretérito perfeito aspecto contínuo P1 - lavo~lavava; fécho~fêcho~fechava; peneiro~penero~penerava~coo; poupo~popo~ poupava~guardo; monto~montava; suo~suava~soo; rio~sorrio; ouço~ouvo~ouvia; caibo~cabo~cabia; me ajoelho~se ajoelho~ajoelho~ajoelhava.
- uso do presente em concorrência com o pretérito perfeito aspecto contínuo P3 – vive~veve~vivia; resiste~resistia; enxágua~enxáguava; derruba~derrubava~destrói; alumia~alumiava~ilumina: .

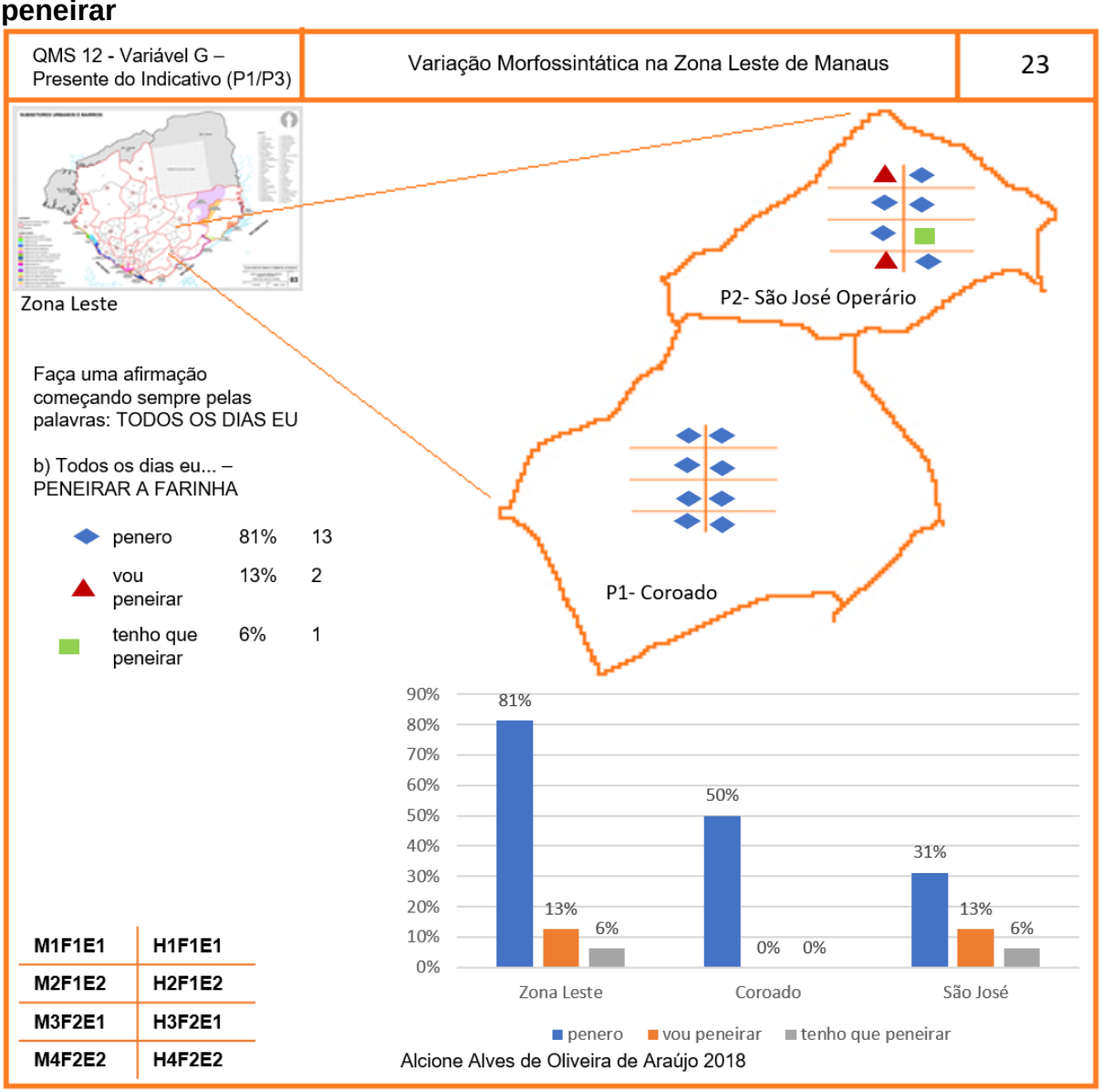
A observação das cartas permite inferir alta frequência e distribuição regular para a manutenção do radical de formas regulares, com casos de monotongação e metafonia (dados fônicos); também para alteração do radical em formas irregulares houve frequência produtiva. Chama-se a atenção para a forma “soo” - P1 do presente do indicativo, dada a alta frequência, pode ser indicativo de uma mudança em curso.

Carta Morfossintática 22 - QMS 12 Variável G – Presente do indicativo (P1): fechar



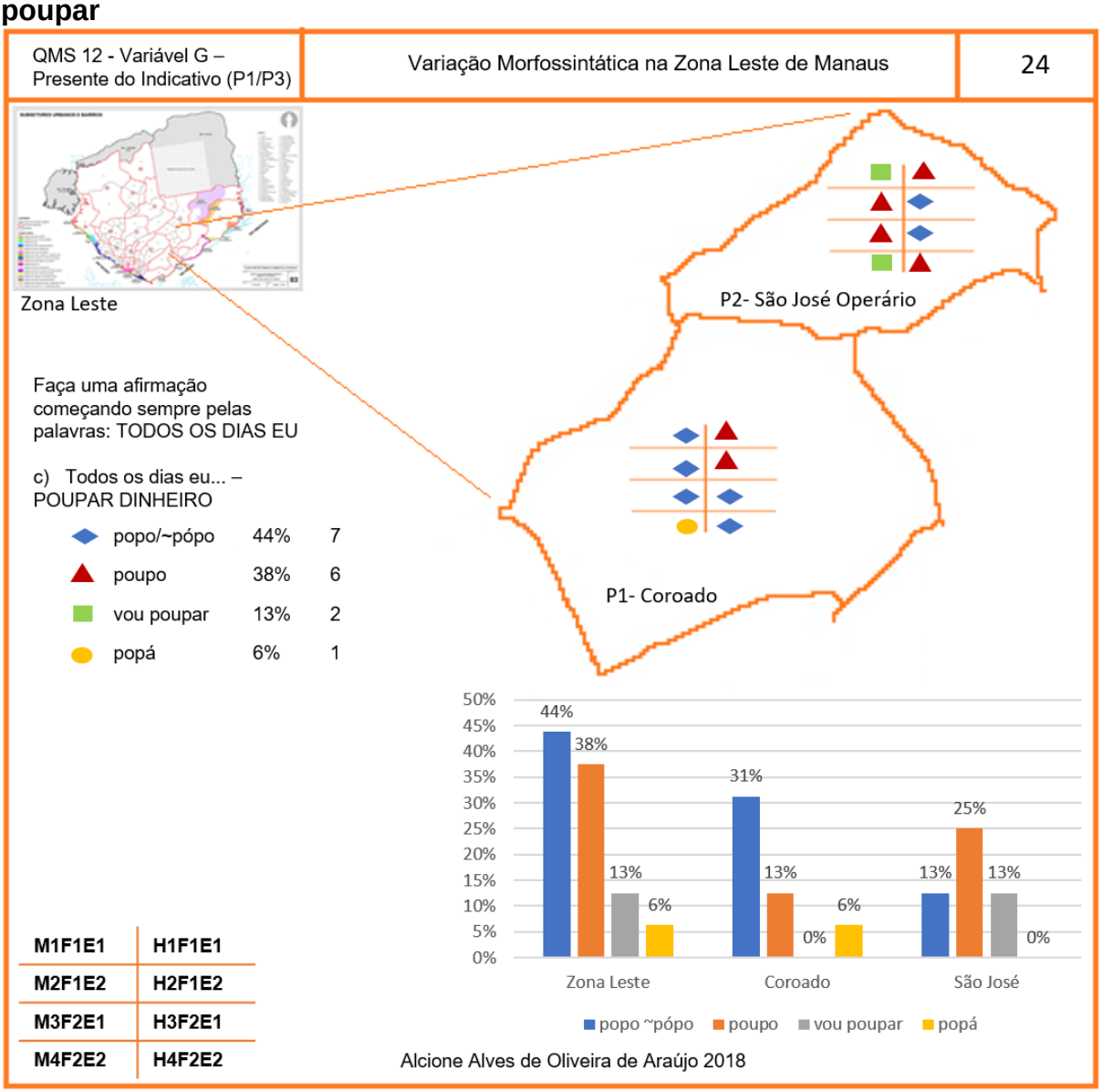
Na carta 22, a variante mais produtiva: *fecho* (/'f***eʃᵘ/)*** 69%, forma prescrita segundo Bechara (2015, p. 252); *com fecho (/'fƐʃᵘ/) e vou fechar* com baixa frequência. Salienta-se a produtiva da primeira variante quanto a variável diageracional (F1). No Ponto 1, a norma de uso *fecho* (/'f***eʃᵘ/)*** apresenta alta frequência e distribuição regular, considerando as variáveis diagenérica, diageracional e diastrática. No ponto 2, faz uso das três variantes registradas, *fecho (/'fƐʃᵘ/)* e *vou fechar* estão em distribuição irregular e baixa frequência.

Carta Morfossintática 23 - QMS 12 Variável G – Presente do indicativo (P1): peneirar



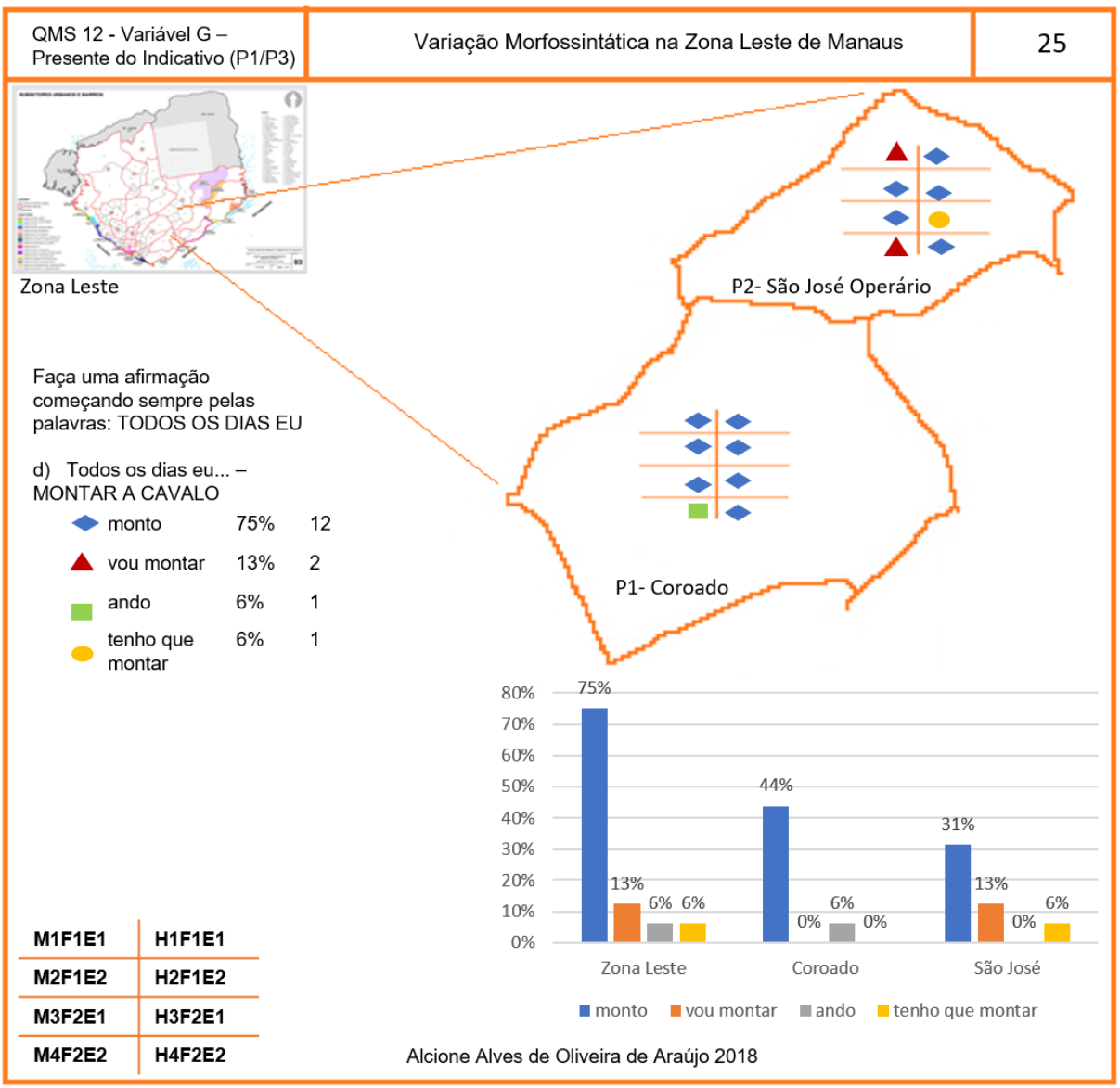
Na carta 23, a produtividade da variante monotongada de “peneiro”~/pƐ’nƐrᵘ/ mostrou-se com alta frequência e distribuição regular, principalmente no Ponto 1, onde a norma de uso é a forma monotongada. Considerando variável diatópica, o uso das locuções verbais é observado no Ponto 2, com predominância na variável diagenérica.

Carta Morfossintática 24 - QMS 12 Variável G – Presente do indicativo (P1) poupar



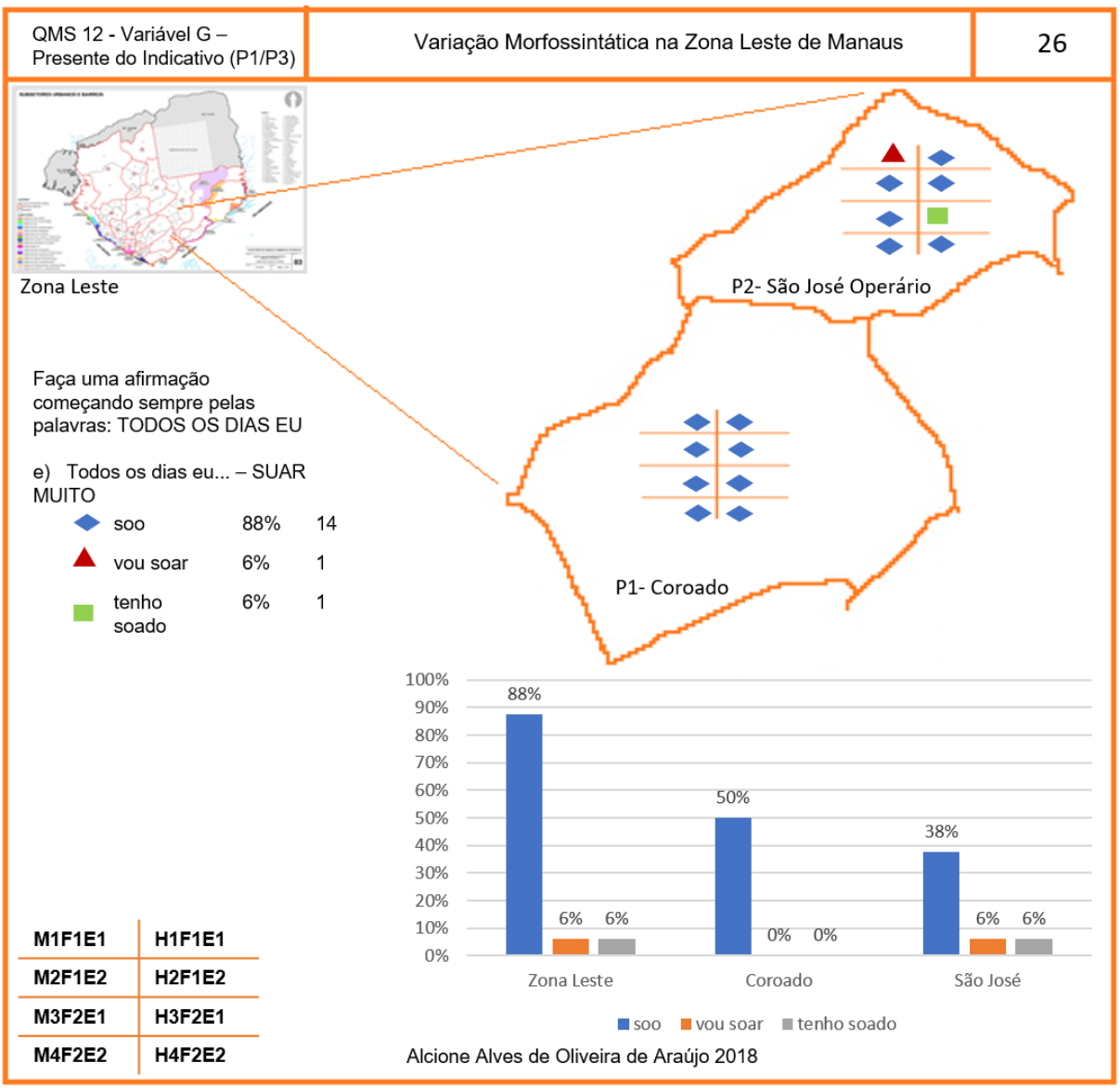
Na carta 24, a variável P1IdPr de poupar tem para a variante “poupo” e suas variantes monotongadas /’pɔpᵘ/~/’popu/, alta frequência e distribuição irregular para ambos os pontos. A variante fonológica monotongada, considerando a variável diatópica e a diagenérica, está em equidade com a forma prescrita *poupo* entre os homens. Entre as mulheres, há a distribuição irregular de quatro variantes, mostrando-se como mais produtiva, com 38% das ocorrências, a forma monotongada */popᵘ/pɔpᵘ/~poupo;* com equidade para as variantes *poupo* e *vou poupar* (25%); e, *popá* com baixa frequência e distribuição

Carta Morfossintática 25 - QMS 12 Variável G – Presente do indicativo (P1): montar



Na carta 25, a alta frequência da variante *monto* (75%) demonstra uma distribuição regular, principalmente na variável diatópica. Considerando as variáveis diageracional (F2) e diagenérica (H), essa alta frequência se confirma com distribuição regular, sendo a norma de uso entre os homens. O uso eventual de locuções e outros lexemas foi mais frequente entre as mulheres.

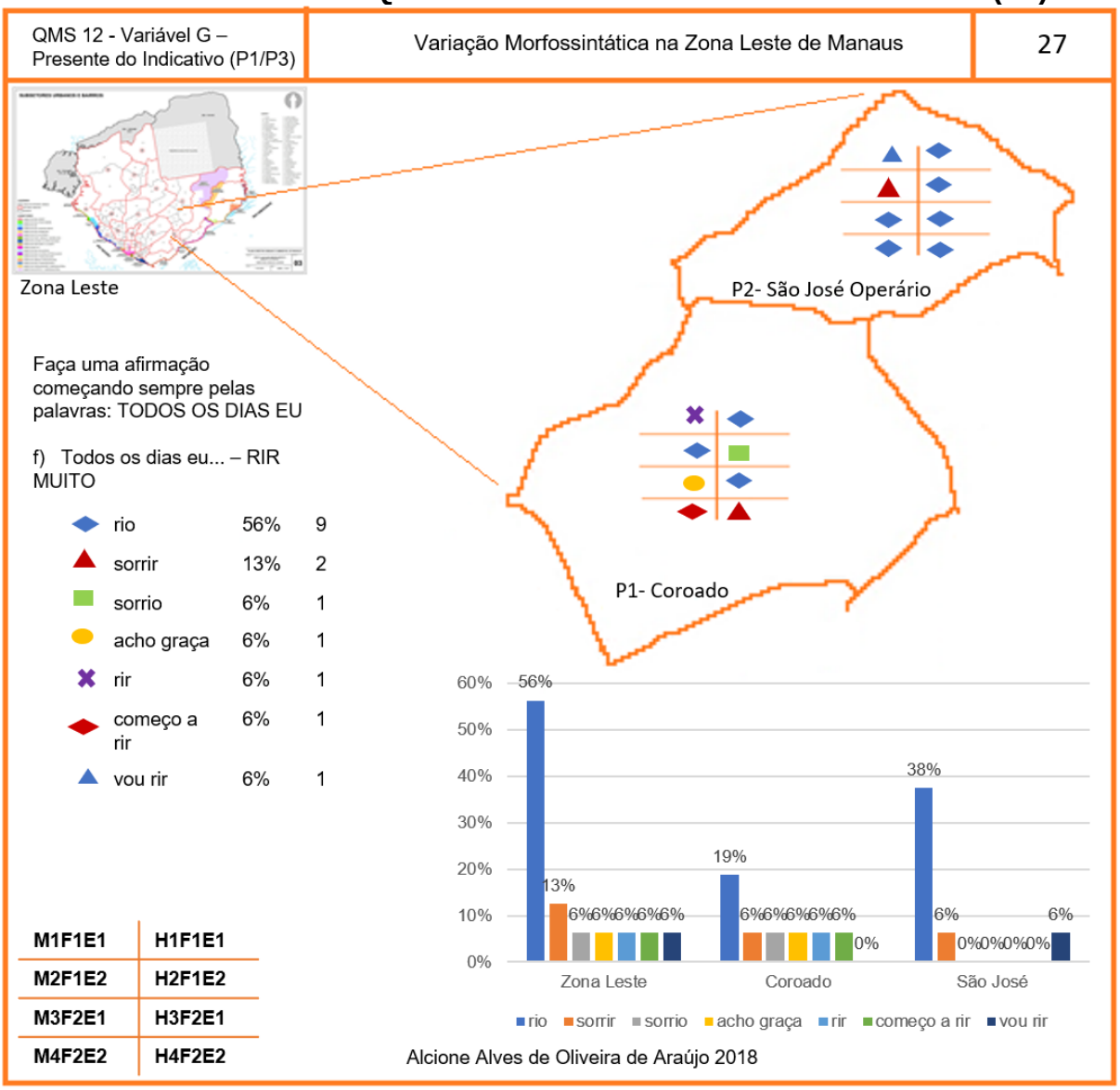
Carta Morfossintática 26 - QMS 12 Variável G – Presente do indicativo (P1): suar



Na carta 26, a alta frequência da forma “soo” e *tenho* “soado” possibilita a inferência de que o abaixamento da vogal de suar é uma mudança em curso para o Ponto 1 e 2, posto que a produtividade de sua ocorrência apresenta uma distribuição regular em todas as variáveis extralinguísticas em análise.

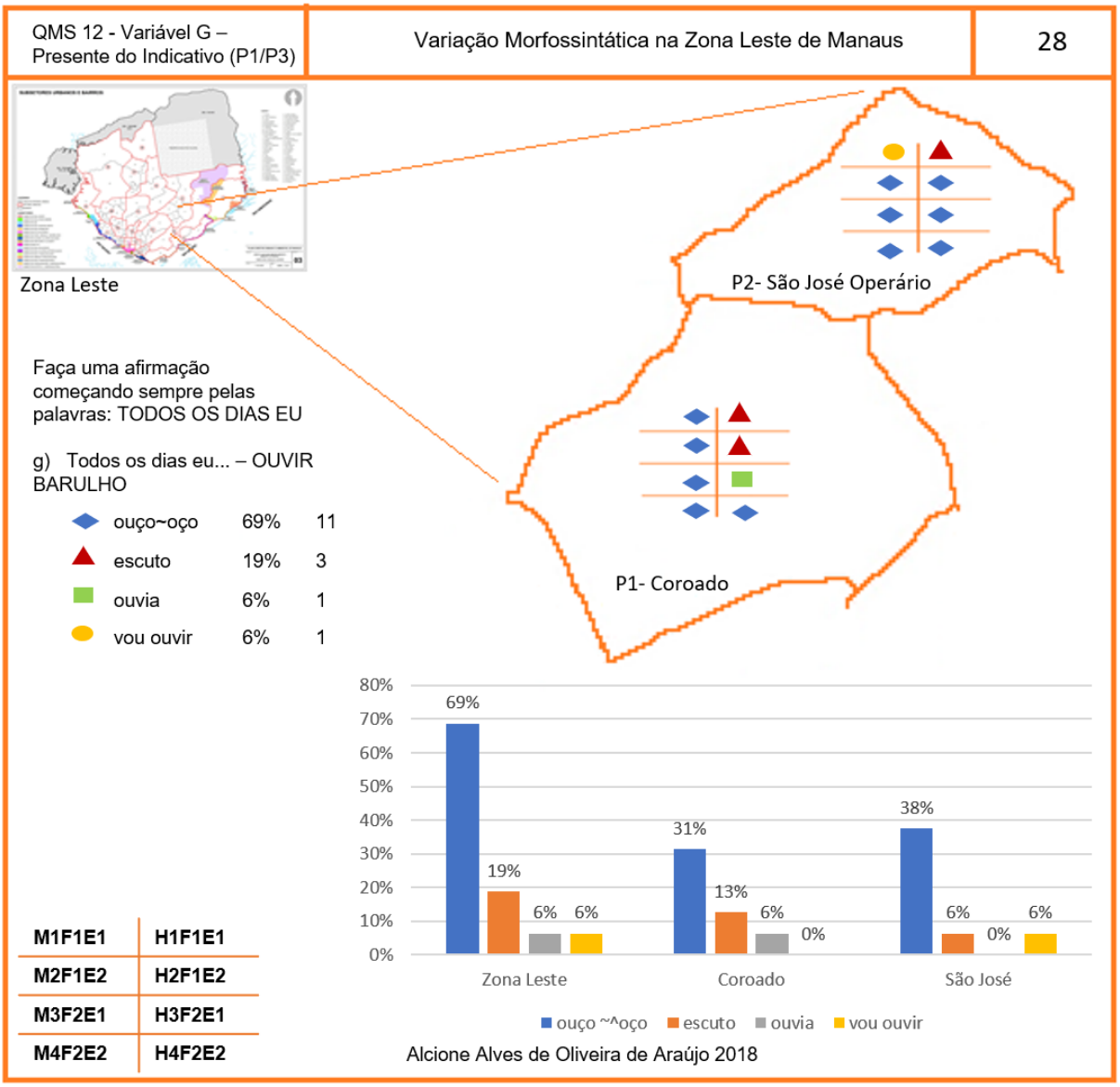
A variante *soo* sinaliza para o fenômeno da hipercorreção – tentativa do falante de aproximar sua fala com a de maior prestígio, na seção 2.2.2.1.4 (variável diafásica), aprofunda-se esclarecimentos sobre tal tentativa de aproximação.

Carta Morfossintática 27 - QMS 12 Variável G – Presente do indicativo (P1): rir



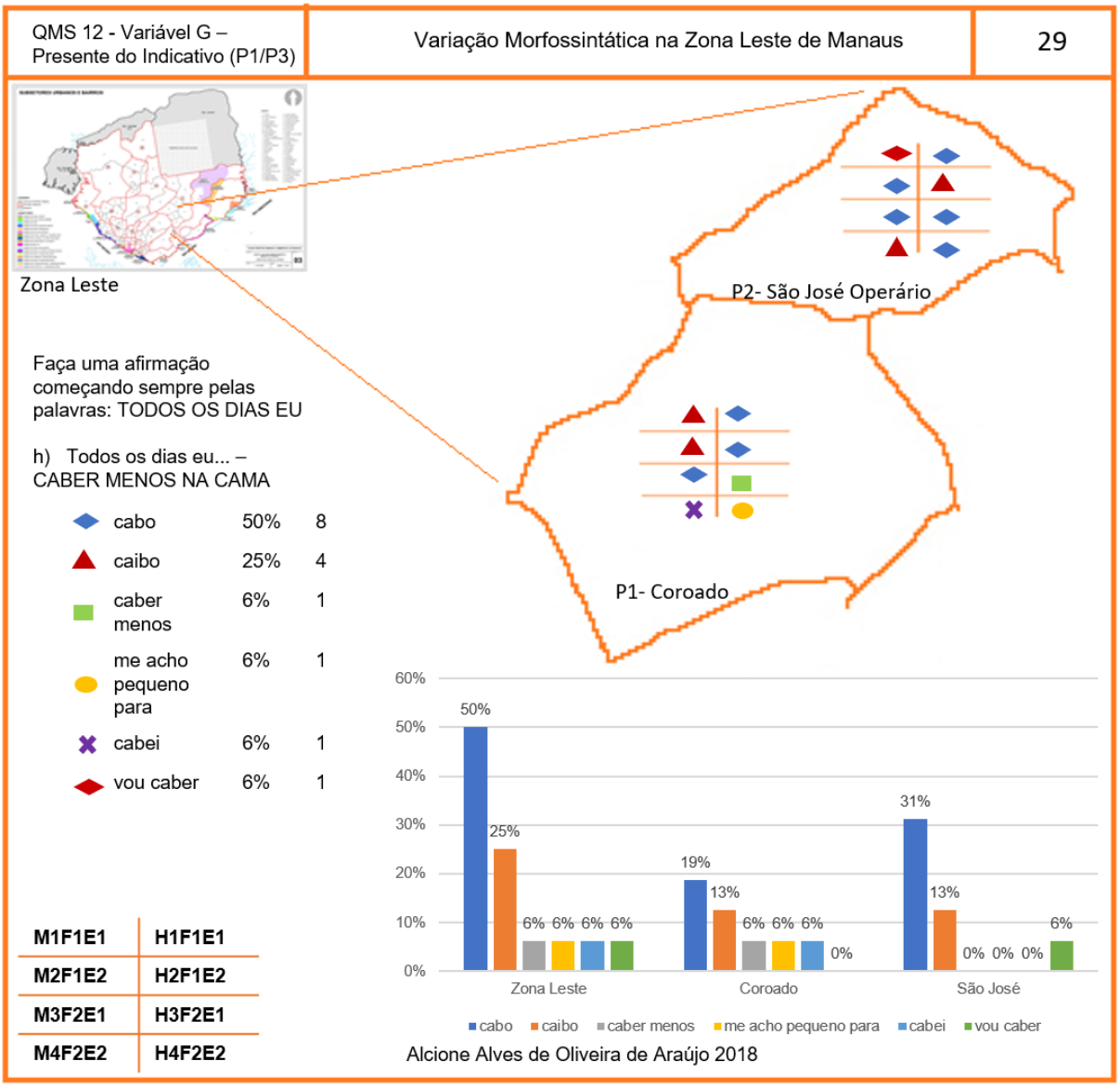
Na carta 26, há a reiteração (Carta 1) da produtividade da forma prescrita *rio* (56%) cuja frequência é alta com distribuição regular (38%) no Ponto 2, sendo a norma de uso, considerando a variável diageracional (F2) nesse ponto. O Ponto 2 apresenta frequência baixa e distribuição irregular para 5 das seis variantes registradas.

Carta Morfossintática 28 - QMS 12 Variável G – Presente do indicativo (P1): ouvir



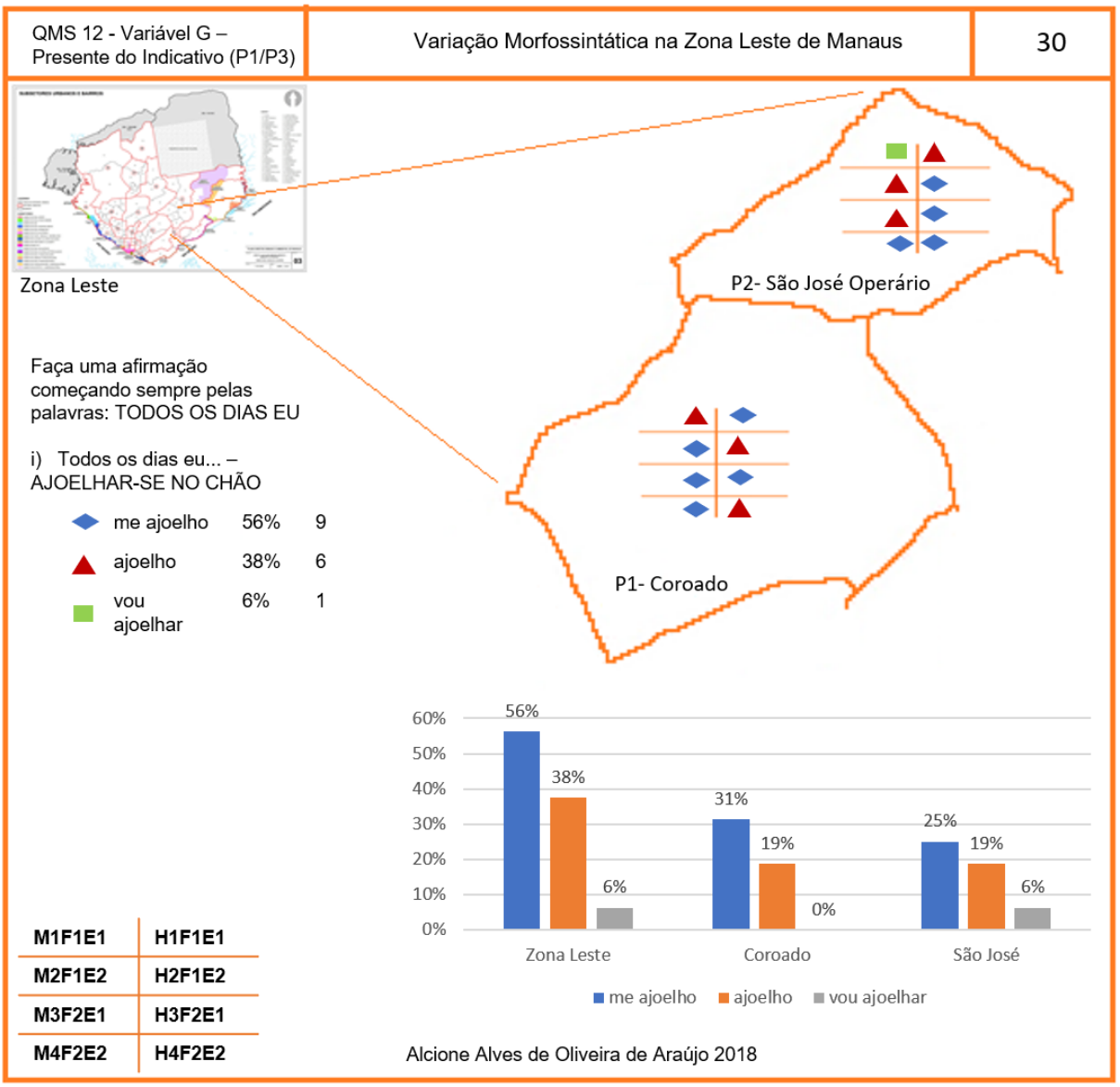
Na carta 28, a produtividade da forma prescrita *ouço,* juntamente à variante fonética /'os^{u}/ – com 69% de ocorrência –, demonstra alta frequência e distribuição regular da variante, principalmente considerando as variáveis diatópica (87% para o Ponto 2), diagenérica (M) e diageracional (F2), ambas com 7 ocorrências. O uso de outros lexemas e locuções também é registrado, embora com baixa frequência e distribuição irregular.

Carta Morfossintática 29 - QMS 12 Variável G – Presente do indicativo (P1): caber



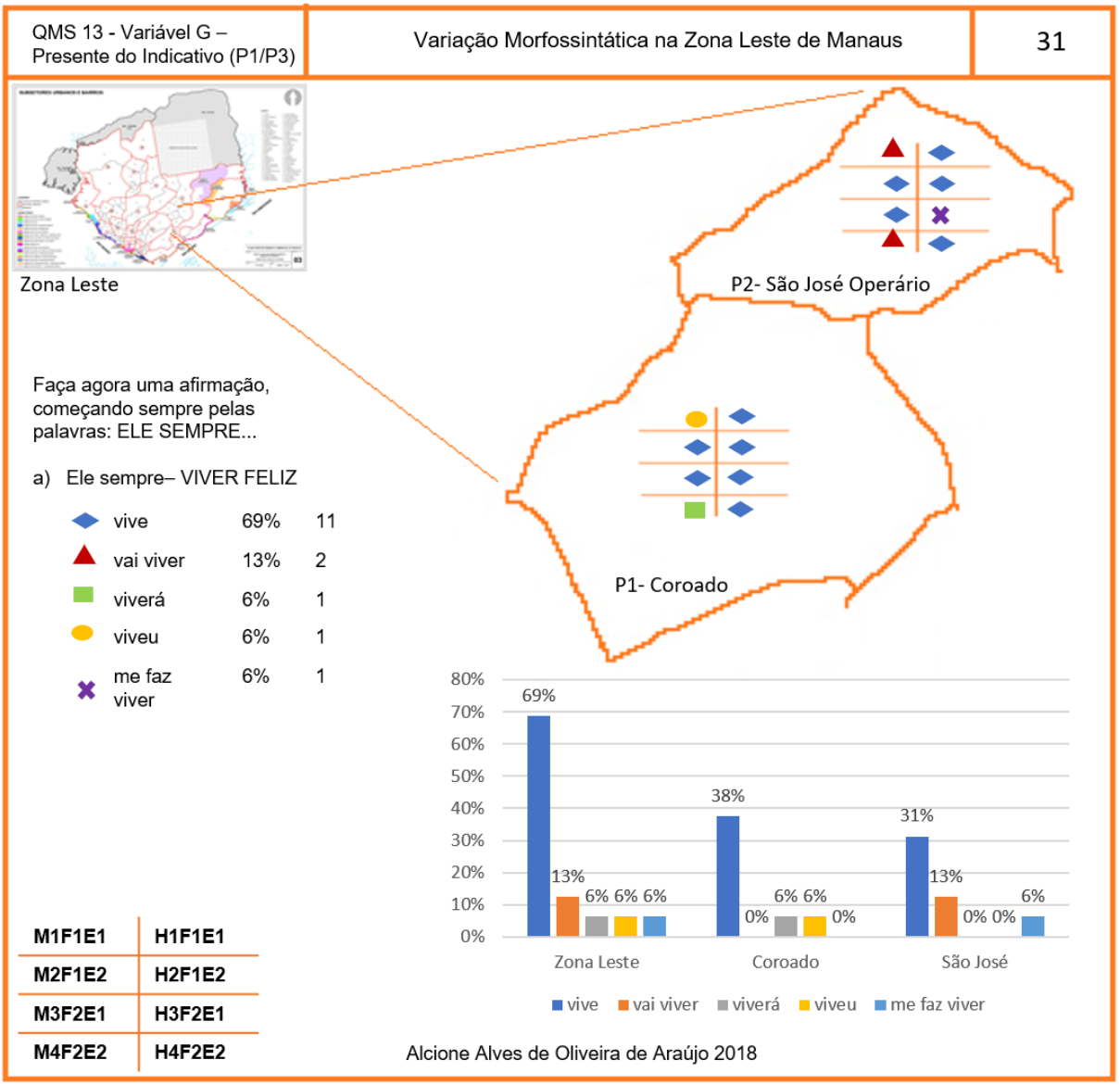
Na carta 29, a frequência da variante /'kabᵘ/, variante fonológica por monotongação do ditongo de "*caibo*", mostrou-se com maior produtividade (50%), sendo a variável diagenérica (H) com maior registro e havendo equivalência na variável diageracional ao se juntar os dois todos pontos. O Ponto 1 fez uso de um número maior de variantes, havendo concorrência na variável diageracional (F2) entre *cabo* e *caibo*, no que tange à variável diagenérica (H/M) e na F1 deste ponto há a baixa frequência e distribuição irregular de quatro variantes: *cabo, cabei, caber menos, me acho pequeno para*. Deve-se considerar que a *cabo* é factível por haver o registro da manutenção do radical *cab-* para os tempos do indicativo pretérito imperfeito e futuro do pretérito.

Carta Morfossintática 30 - QMS 12 Variável G – Presente do indicativo (P1): ajoelhar-se



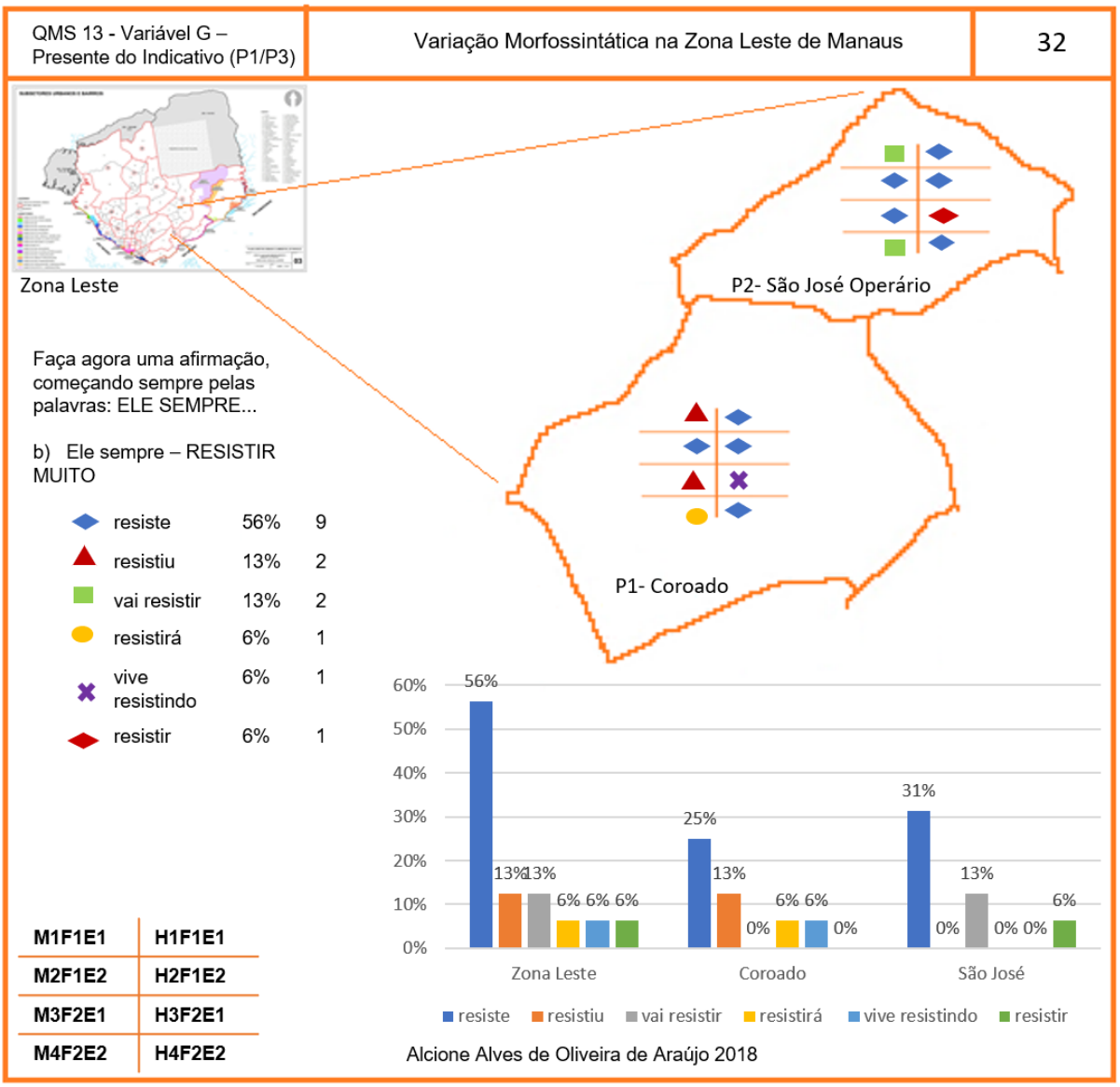
Na carta 30, o verbo pronominal *ajoelhar-se* apresenta maior produtividade para a variável P1 IdPr a variante *me ajoelho* (56%), sendo a norma de prestígio em ambos os pontos. O uso não pronominal é registrado com equidade de ocorrências na variável diagenérica diretamente proporcional à variável diatópica.

Carta Morfossintática 31 - QMS 13 Variável G – Presente do indicativo (P3): viver



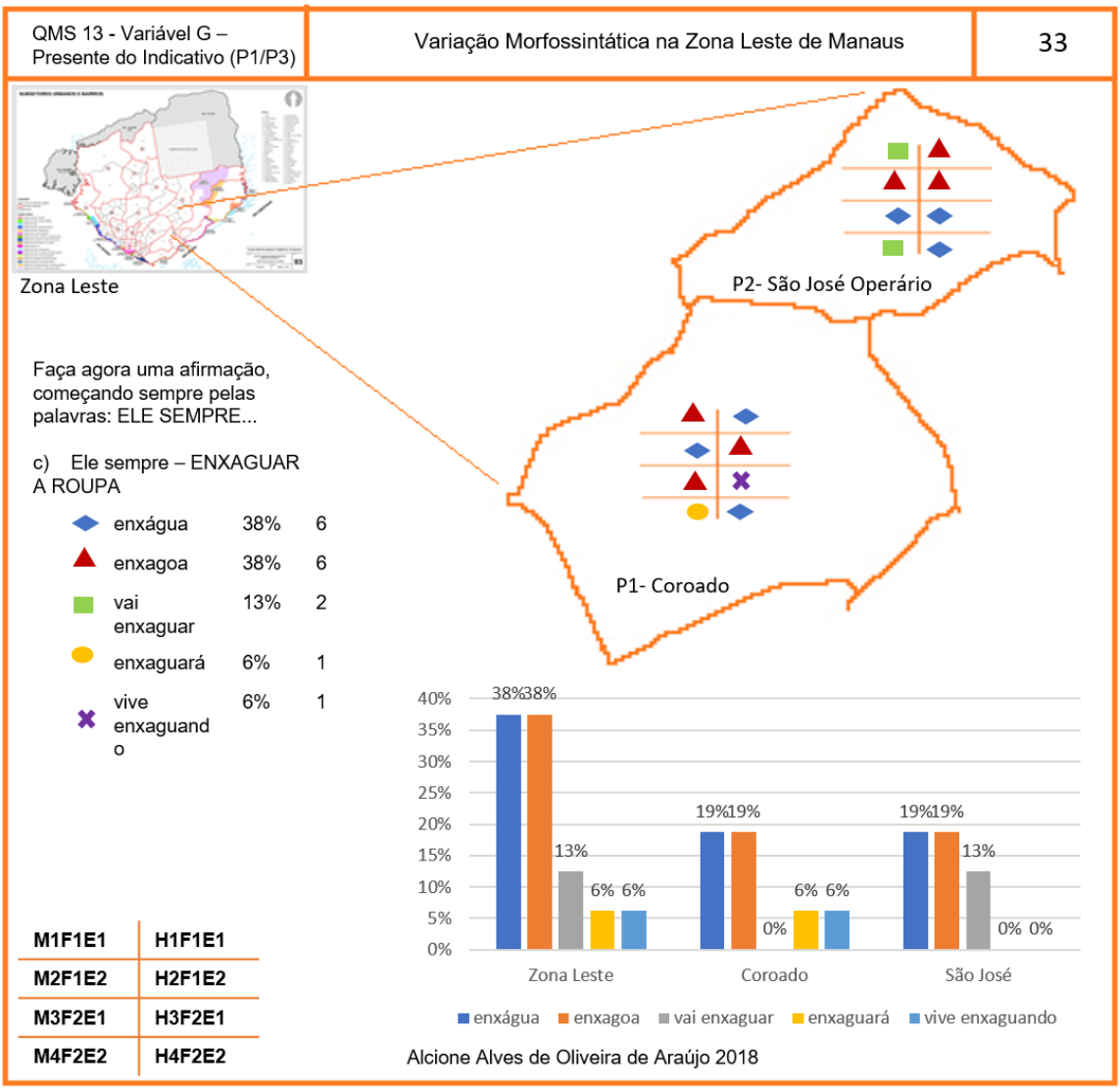
A carta 31 apresenta a alta frequência para a variante padrão *vive* (69%) em casos de flexão de viver na P1 do InPr, sendo a norma de uso para os homens. Com baixa frequência e distribuição irregular, estão as variantes *viverá* e *viveu* no Ponto 1 e *me faz viver* no Ponto 2. Há equidade (50%), considerando as variáveis diagenérica (M) e diageracional (F1 e F2), no Ponto 2 para as variantes *vive* e *vai viver*.

Carta Morfossintática 32 - QMS 13 Variável G – Presente do indicativo (P3): resistir



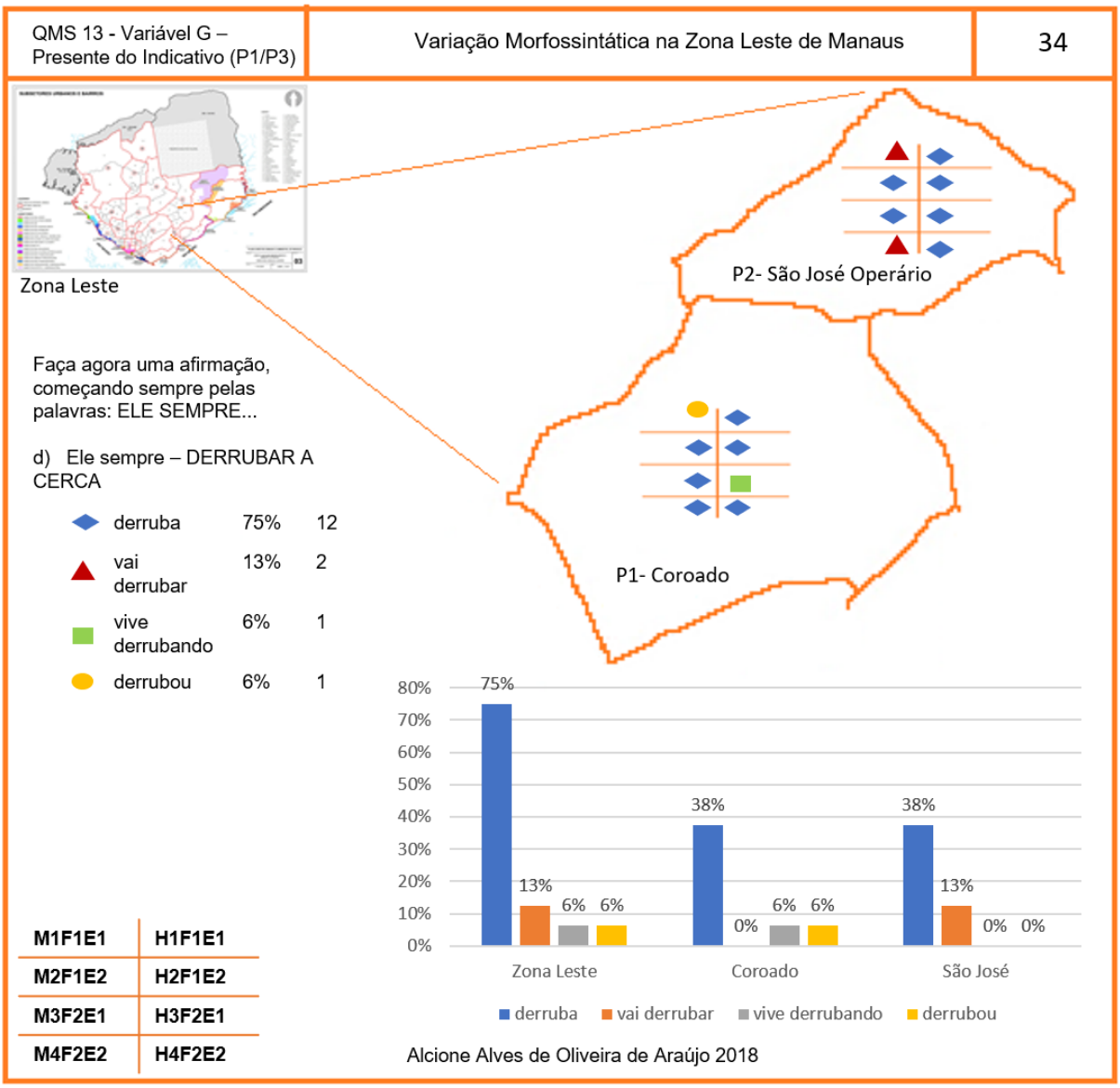
A carta 32, com os dados acerca das variantes para *resistir* em P3 InPr, tem por forma mais produtiva *resisto* (56%) sendo de maior prestígio entre os homens nos dois pontos. As demais variantes apresentam baixa frequência e distribuição irregular quanto a variáveis diatópica, diageracional (F1 e F2), diagenérica (M).

Carta Morfossintática 33 - QMS 13 Variável G – Presente do indicativo (P3): enxaguar



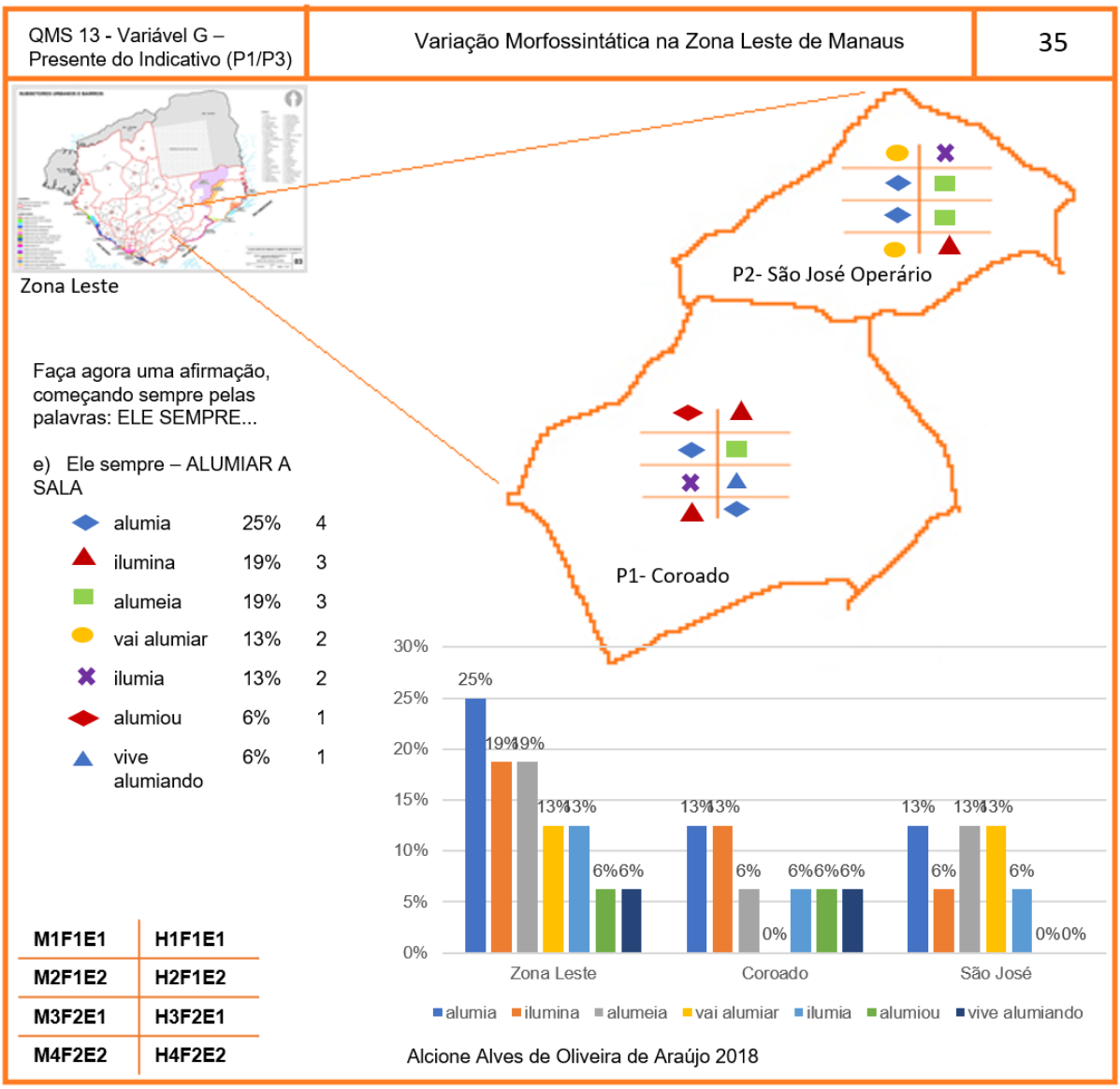
A carta 33 considera os dados das variantes para *enxaguar* no P3 Indicativo presente, apresentando equivalência de 38% para duas variantes mais produtivas “enxágua” (38%) e *enxagoa.* Fato reiterado ao se observar a variável diatópica. As demais variantes apresentam baixa frequência e distribuição irregular: *vai enxaguar enxaguará* e *vive enxaguando*. Esse último auxiliar é redundante, posto que a oração inicial já expressava a ideia de aspecto contínuo.

Carta Morfossintática 34 - QMS 13 Variável G – Presente do indicativo (P3): derrubar



A carta 34 descreve como norma de prestígio nos pontos de inquérito a variante *derruba*, posto que apresenta alta frequência e distribuição regular, as variantes concorrentes (*vai derrubar, vive derrubando e derrubou*) apresentam baixa frequência e distribuição irregular. Observando, no que tange ao ponto de vista extralinguístico, infere-se que a variante mais produtiva é mais prestigiada em ambos os pontos por homens, sendo a norma de uso no Ponto 2 para essa variável diagenérica.

Carta Morfossintática 35 - QMS 13 Variável G – Presente do indicativo (P3): alumiar



A carta 35 apresenta um número expressivo de variantes em concorrência, tendo maior produtividade *alumia*. Considerando a variável diatópica, há uma regularidade em baixa frequência de três formas para o Ponto 1: *ilumia, alumiou* e *vive alumiando;* e duas formas concorrem diretamente (*alumia e ilumina*); para o Ponto 2, três variantes em equidade (*alumia, alumeia* e *vai alumiar*) concorrem diretamente com outras duas variantes em baixa frequência (*ilumina* e *ilumia*). No que tange à variável diagenérica, as mulheres, principalmente no Ponto 1, fazem uso de um número mais expressivo de variantes (6) das sete registradas.

4.8 Uso do pretérito perfeito do indicativo

A variável H objetiva a descrição do uso de P1 e P4 em pretérito perfeito do indicativo para formas regulares e irregulares das três conjugações verbais em Língua Portuguesa.

Esse tempo verbal indica um processo completamente concluído em relação ao momento da fala. O uso do pretérito perfeito na forma composta expressa um aspecto habitual de um processo que se repetiu ou se repete até o presente.

As variantes esperadas pela pesquisa dizem respeito a alomorfias do radical e das desinências número pessoal, a saber:

- alomorfia para os radicais de verbos irregulares~alterações fonêmicas

- uso de paradigmas de verbos regulares: seja~seje; souber~saber; puser~pusesse~por; trouxer~trazer; vier~vim; se ele chegasse~se ele chega~chegar;

A observação geral das cartas aponta para:

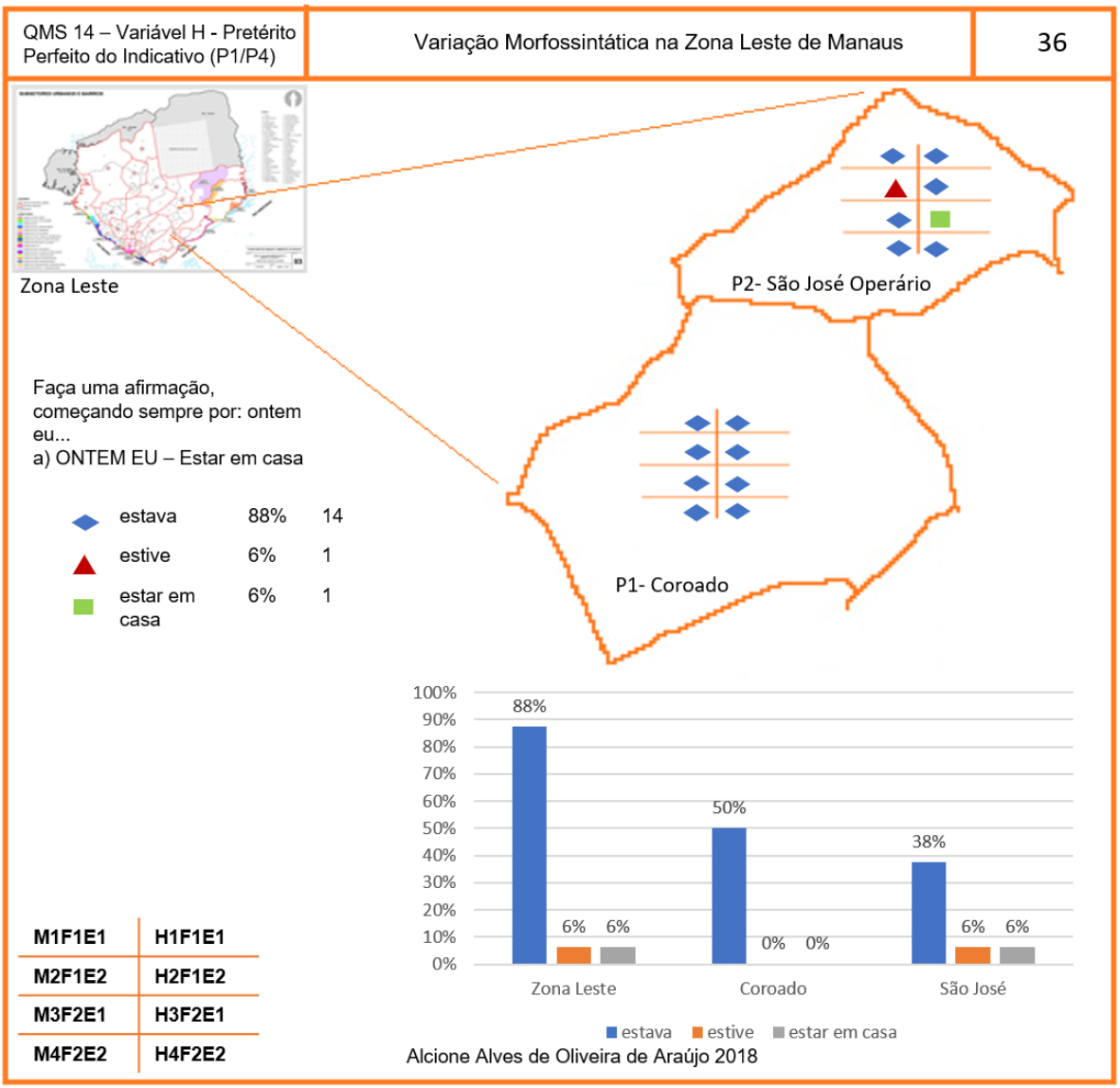
- distribuição irregular das variantes prescritas;

- baixa frequência para a manutenção do radical nas formas irregulares;

- a opção por locução verbal e outros lexemas apresentou frequência alta para o verbo pôr.

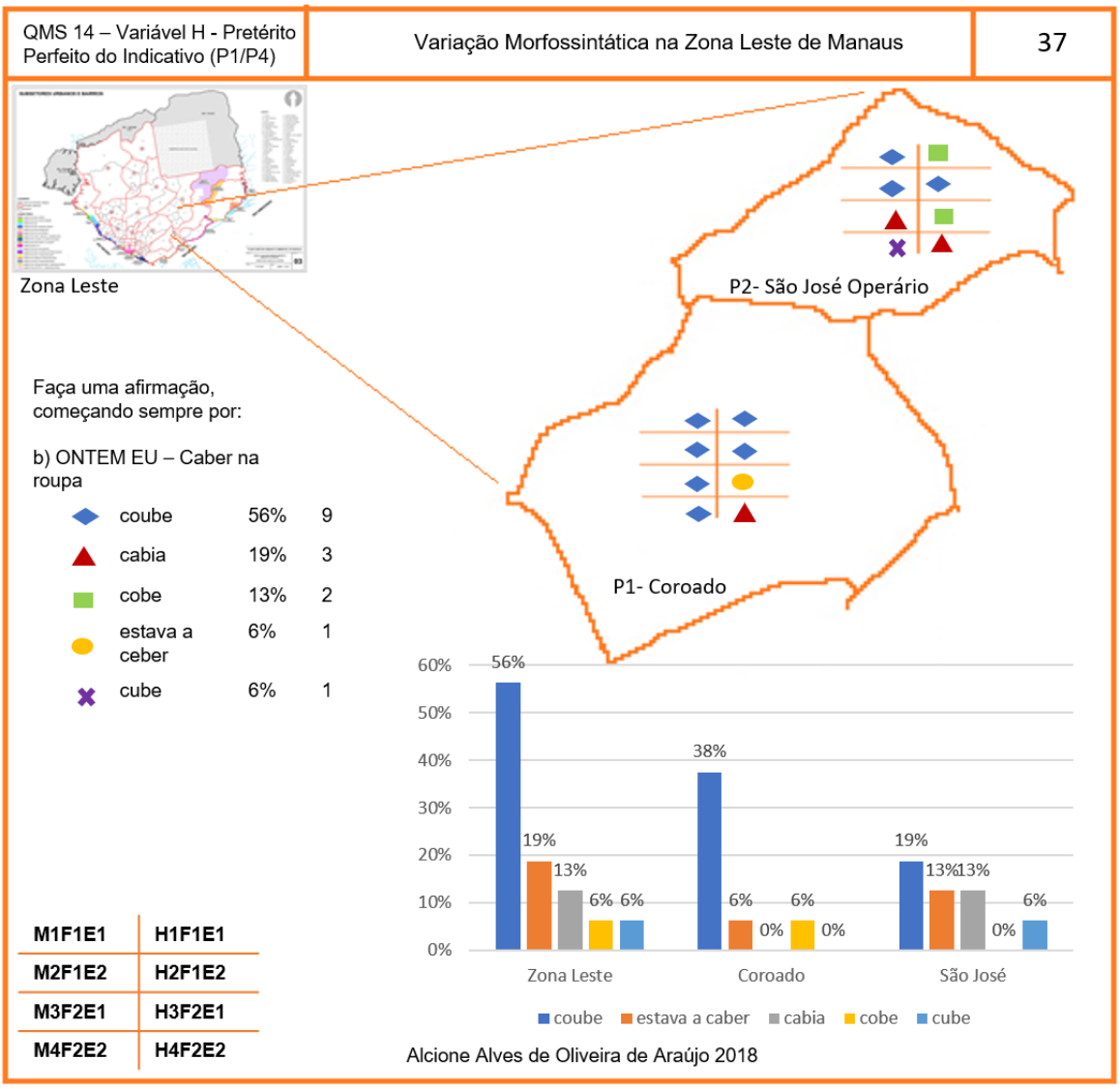
- considerando as variáveis extralinguísticas como gênero, idade e formação as mulheres tendem a apontar a forma mais prestigiada em sua localidade.

Carta Morfossintática 36 - QMS 14 Variável H – Pretérito perfeito do indicativo P1: estar



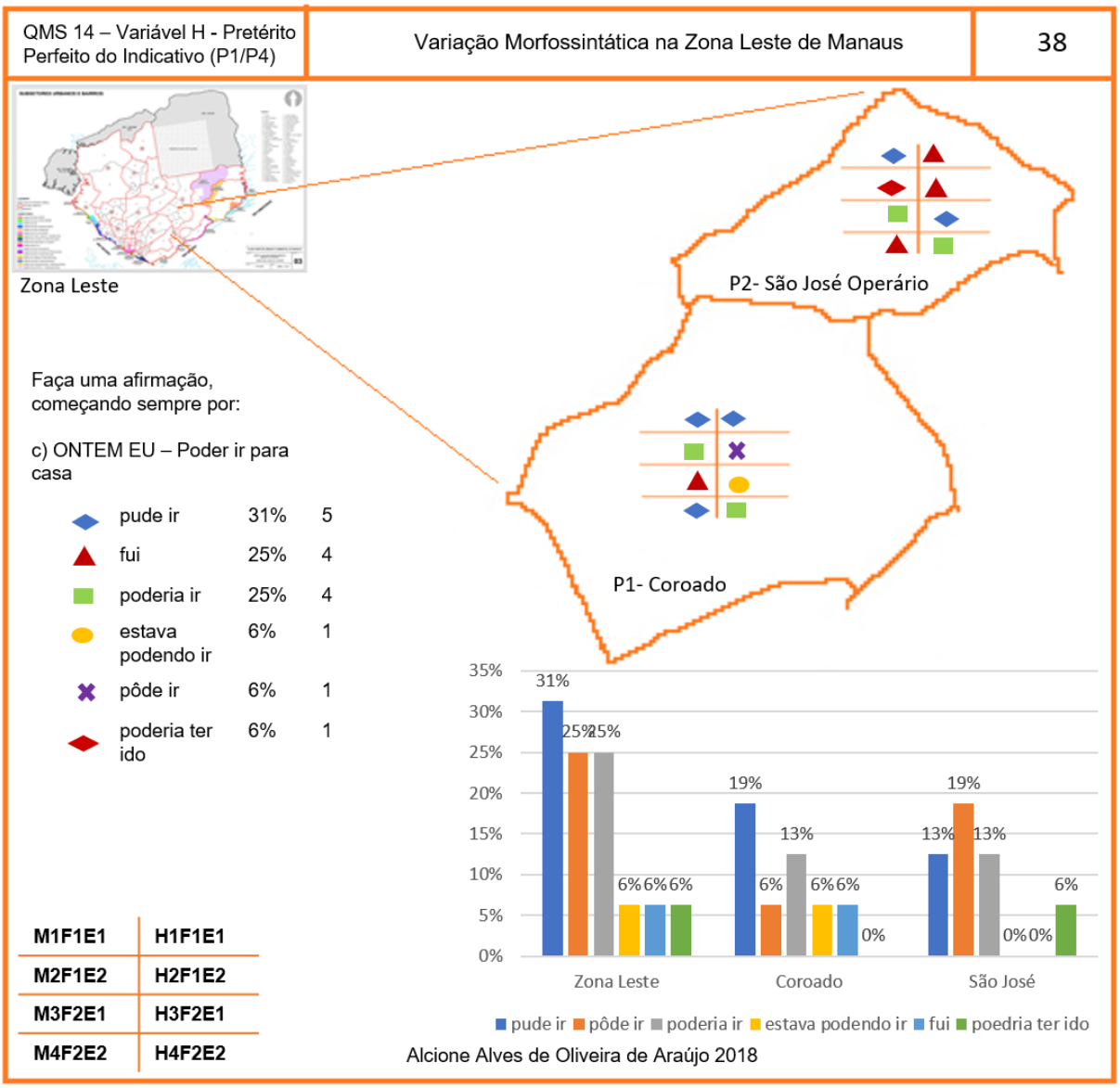
A carta 36, com os dados acerca das variantes para *estar* em P1 indicativo pretérito perfeito, tem por forma mais produtiva com alta frequência e distribuição regular: *estava* (88%) sendo de maior prestígio no Ponto 1, cuja totalidade de informantes registrou seu uso. No Ponto 2, aparece a ocorrência de duas outras variantes (*estive, estar em casa*) com baixa frequência e distribuição irregular entre homens e mulheres, considerando a variável diastrática.

Carta Morfossintática 37 - QMS 14 - Variável H – Pretérito perfeito do indicativo P1: caber



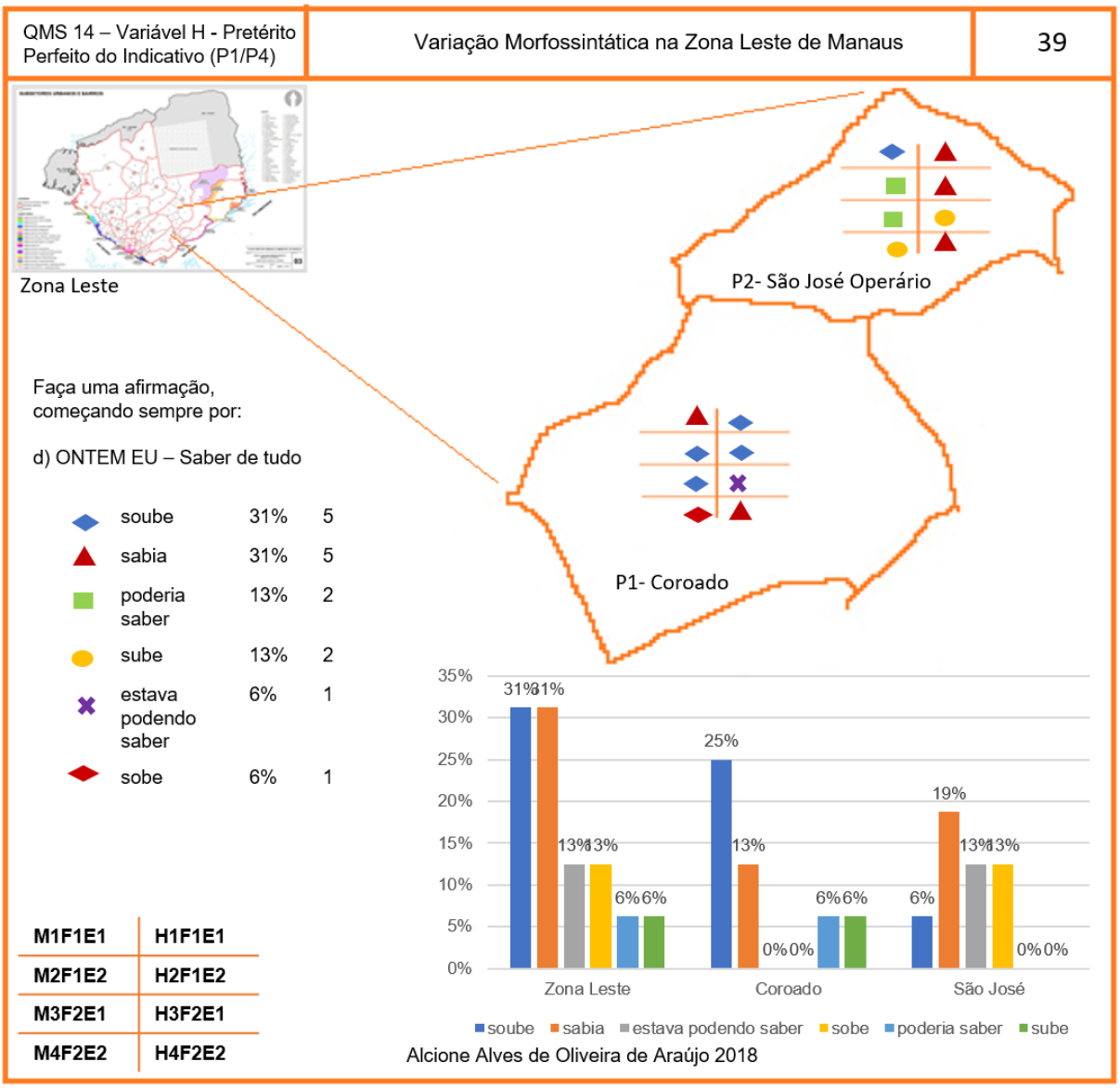
A carta 37, com os dados acerca das variantes para *caber* em P1 indicativo pretérito perfeito, tem por forma mais produtiva a variante padrão: *coube* (56%) sendo de maior prestígio no Ponto 1 entre as mulheres. As ocorrências das variantes: *cabia, *cobe, estava a caber* e *cube* apresentam mais registro no Ponto 2. Chama-se atenção para a hipercorreção nas variantes *cobe~cube, as tentativas do informante de aproximar-se da variante padrão *coube* é presente entre homens de ambas as faixas etárias (variável diageracional) e nível de estudo (variável diastrática).

Carta Morfossintática 38 - QMS 14 Variável H – Pretérito perfeito do indicativo P1: poder



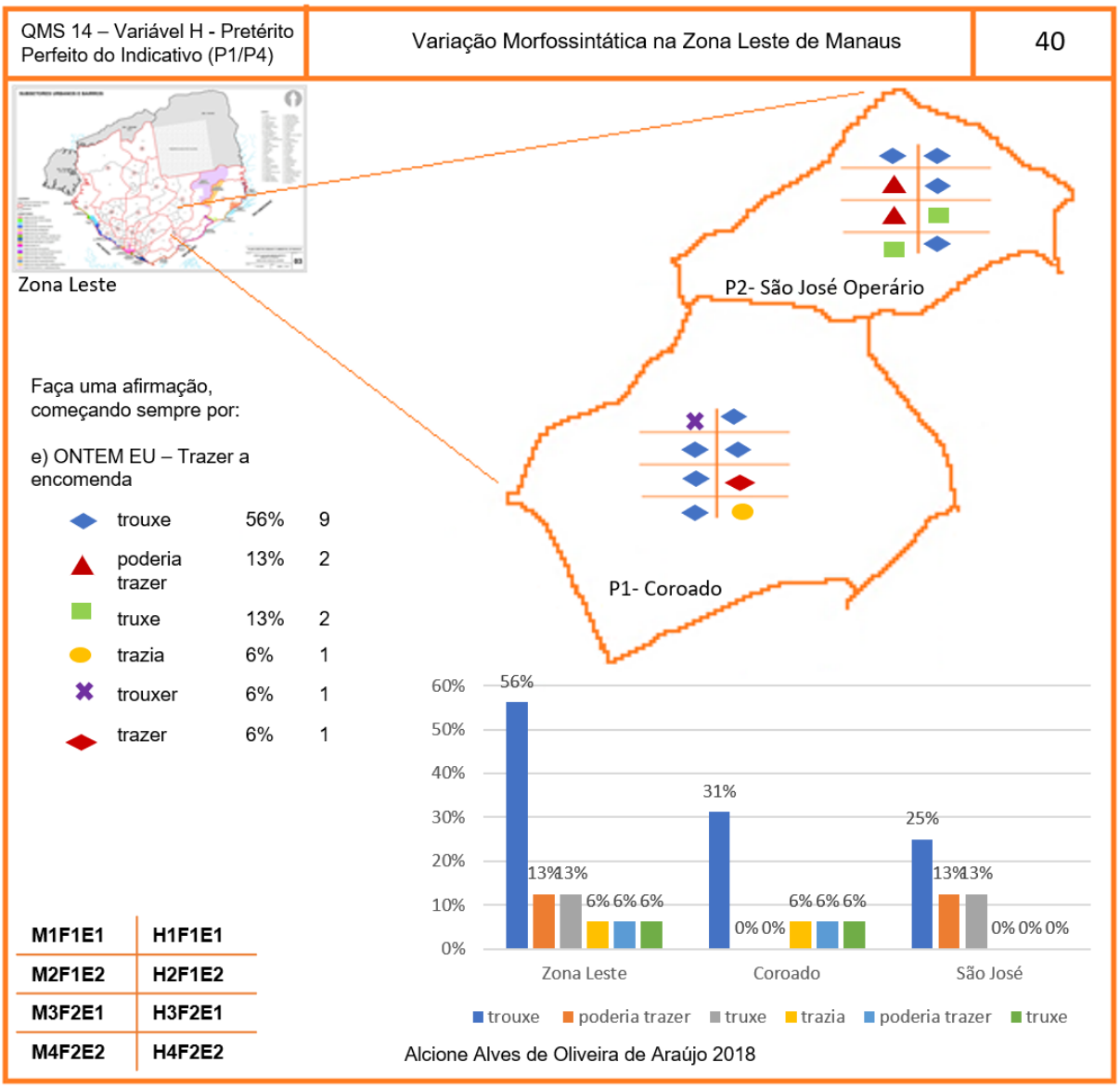
Na carta 38, está registrada a produtividade para a variante prescrita *pude ir* (31%) e para a variantes de *fui* e *poderia ir* (25% cada) na flexão da variável *poder ir* em P1-Pretérito Perfeito do Indicativo. Houve baixa frequência e distribuição irregular para as formas *pôde ir* e *poderia ter ido*. Considerando as variáveis extralinguísticas, quanto ao diatópico, o Ponto 2 se utiliza de outro lexema e/ou locução verbal, já o Ponto 1, utiliza diferentes variantes, com os homens apresentando baixa frequência e distribuição irregular para quatro das seis variantes registras (*pude ir*, *pôde ir, estava podendo ir* e *poderia ir*).

Carta Morfossintática 39 - QMS 14 Variável H – Pretérito perfeito do indicativo P1: saber



Na carta 39, registra-se a equivalência entre duas variantes produtivas para *saber*: 31% para *soube* e *sabia* – na flexão da variável *saber* em P1-Pretérito Perfeito do Indicativo; houve baixa frequência e distribuição irregular para as variantes *estava podendo saber* e *soube*. Considerando as variáveis extralinguísticas, quanto ao diatópico, o Ponto 1 opta pela variante padrão (50%) entre homens e mulheres; já no Ponto 2, o uso de maior prestígio é a forma de pretérito imperfeito.

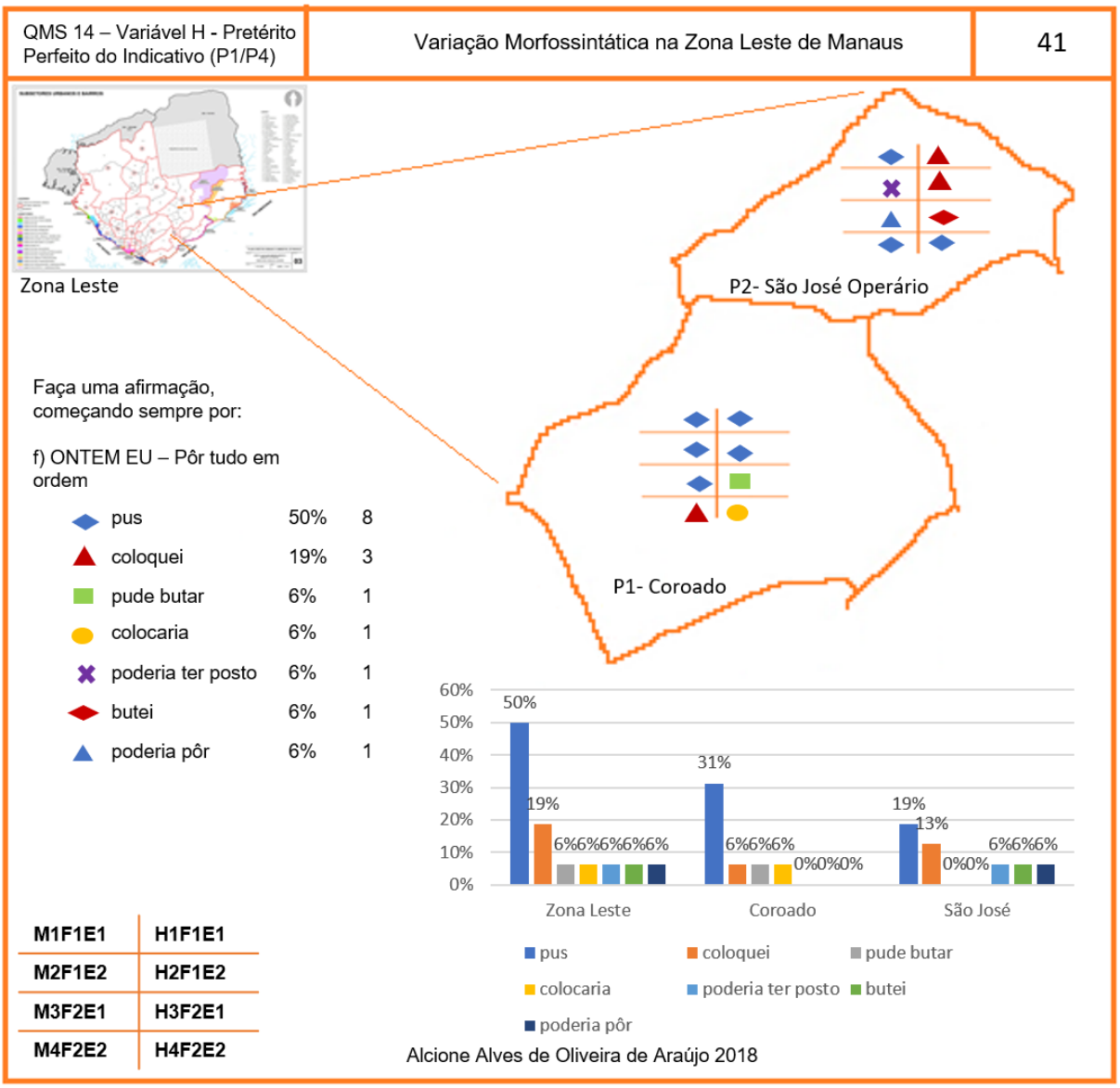
Carta Morfossintática 40 - QMS 14 Variável H – Pretérito perfeito do indicativo P1: trazer



Na carta 40, está registrada a produtividade da variante prescrita *trouxe* (56%) como a de maior prestígio nos dois pontos investigados. para a flexão de *trazer,* embora a frequência não seja alta. Considerando a variável diageracional, tem-se *trouxe* como norma de uso para a F1.

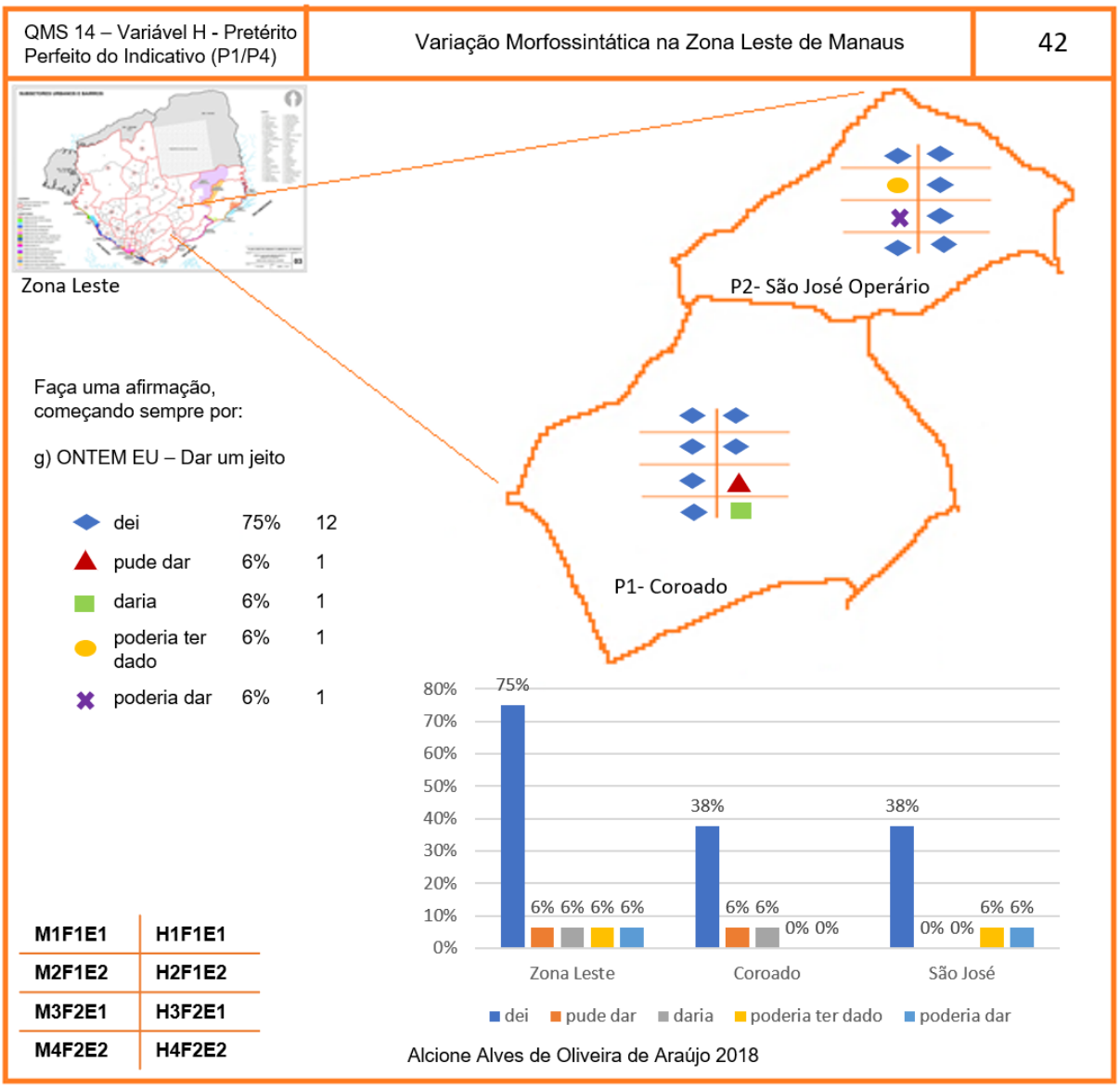
As demais variantes registradas confirmam a tendência de falta de correlação entre o contexto linguístico e os tempos verbais. Registra-se ainda a recorrência para o uso de locuções.

Carta Morfossintática 41 - QMS 14 Variável H – Pretérito perfeito do indicativo P1: pôr



A carta 41 registra a realização de variantes para o verbo *pôr* na P1-Pretérito Perfeito do Indicativo. Enquanto 50% faz uso da variante padrão: *pus* (sendo 31% no Ponto 1 e nele 75% das mulheres), as ocorrências registradas de outros lexemas e locuções são significativas: *colocar, botar*. Essa carta sinaliza a tendência de troca de lexema quando se tem dúvida quanto à forma de maior prestígio.

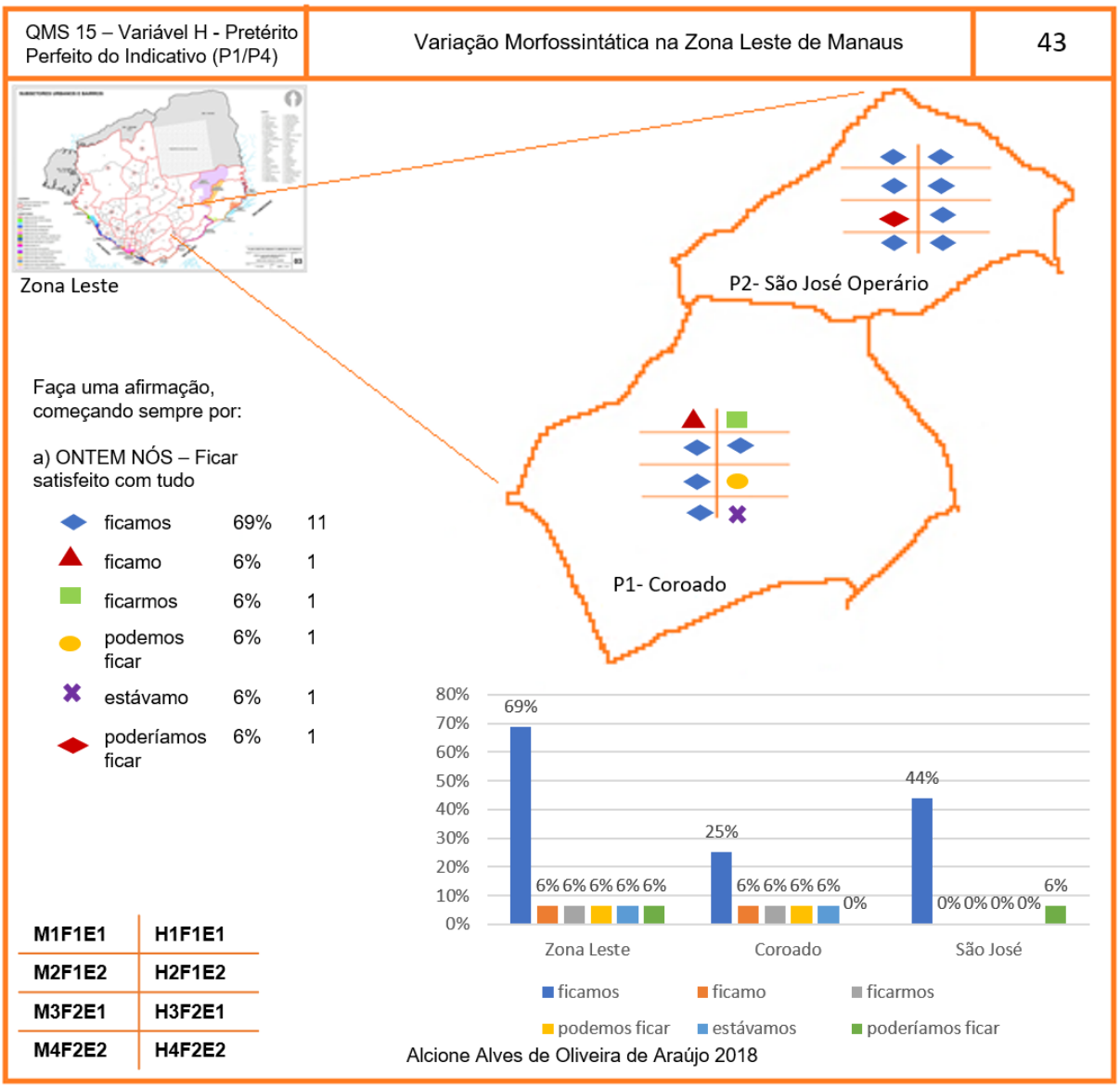
Carta Morfossintática 42 - QMS 14 Variável H – Pretérito perfeito do indicativo P1: dar



A carta 42 apresenta as variantes *poderia dar, poderia ter dado, daria e pude dar* (6% cada) como a variante de menor frequência e distribuição irregular para a P1-Indicativo pretérito perfeito de *dar*.

A ocorrência mais produtiva é a variante padrão *dei* (75%), sendo de mais alta frequência e distribuição irregular. No que tange a aspectos extralinguísticos, a forma mais produtiva encontra-se em oposição diatópica e diagenérica entre os pontos: no Ponto 1 é a norma de uso entre as mulheres e no Ponto, entre os homens.

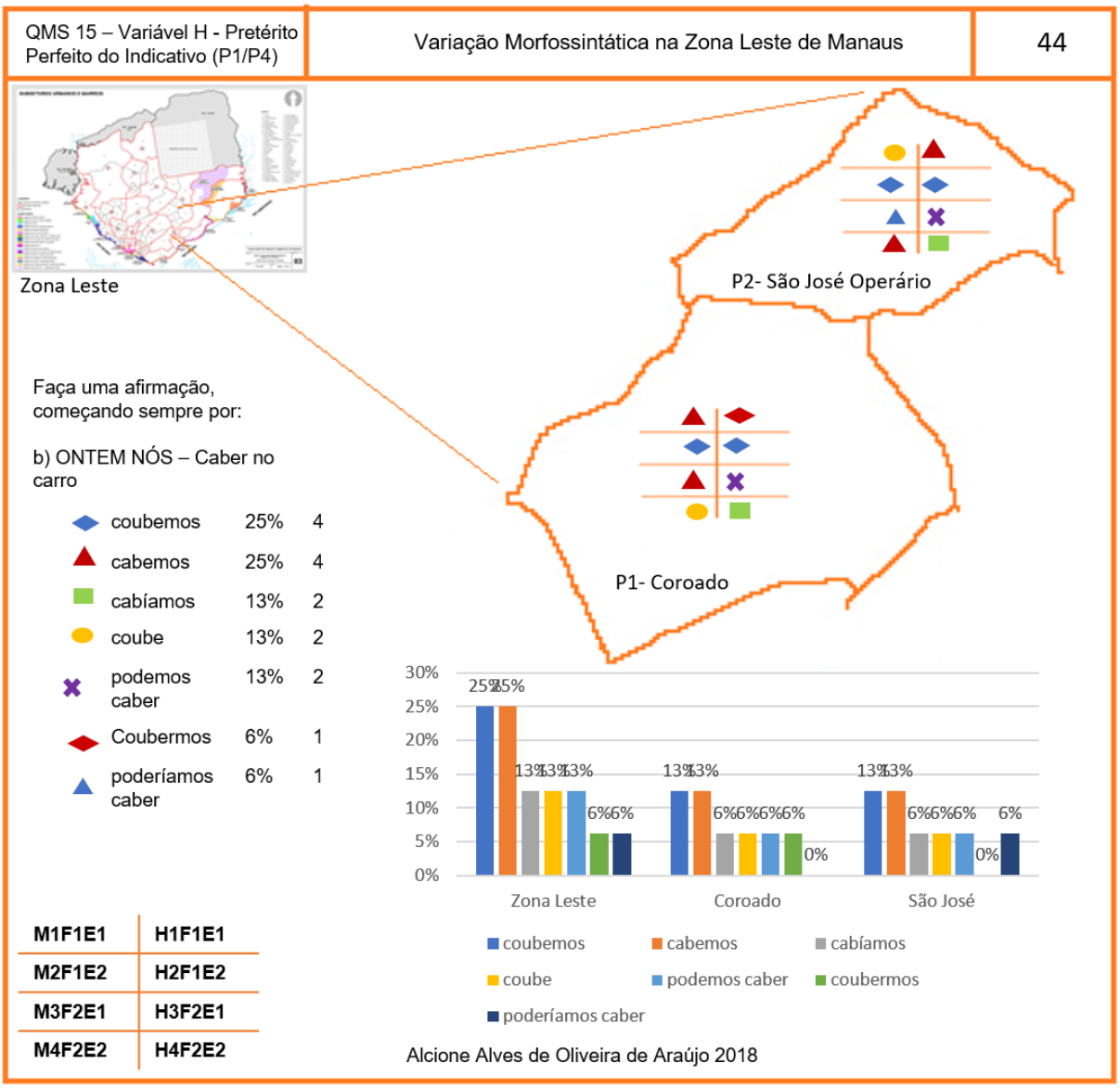
Carta Morfossintática 43 - QMS 15 Variável H – Pretérito perfeito do indicativo P4: ficar



A carta 43 apresenta como variante de maior prestígio *ficamos com*. Desse total, 87% dos informantes do Ponto 2 a utilizam; no Ponto 1, 50%. A variável diageracional (F1) apresenta a variante mais produtiva como a mais prestigiada.

Com o registro de cinco variantes distintas entre as seis totalizadas, o Ponto 1 registra baixa frequência e distribuição irregular para 61% dos informantes, com ênfase na variável diagenérica (H) que fez uso de quatro: *ficarmos, ficamos, podemos ficar* e *estávamo*.

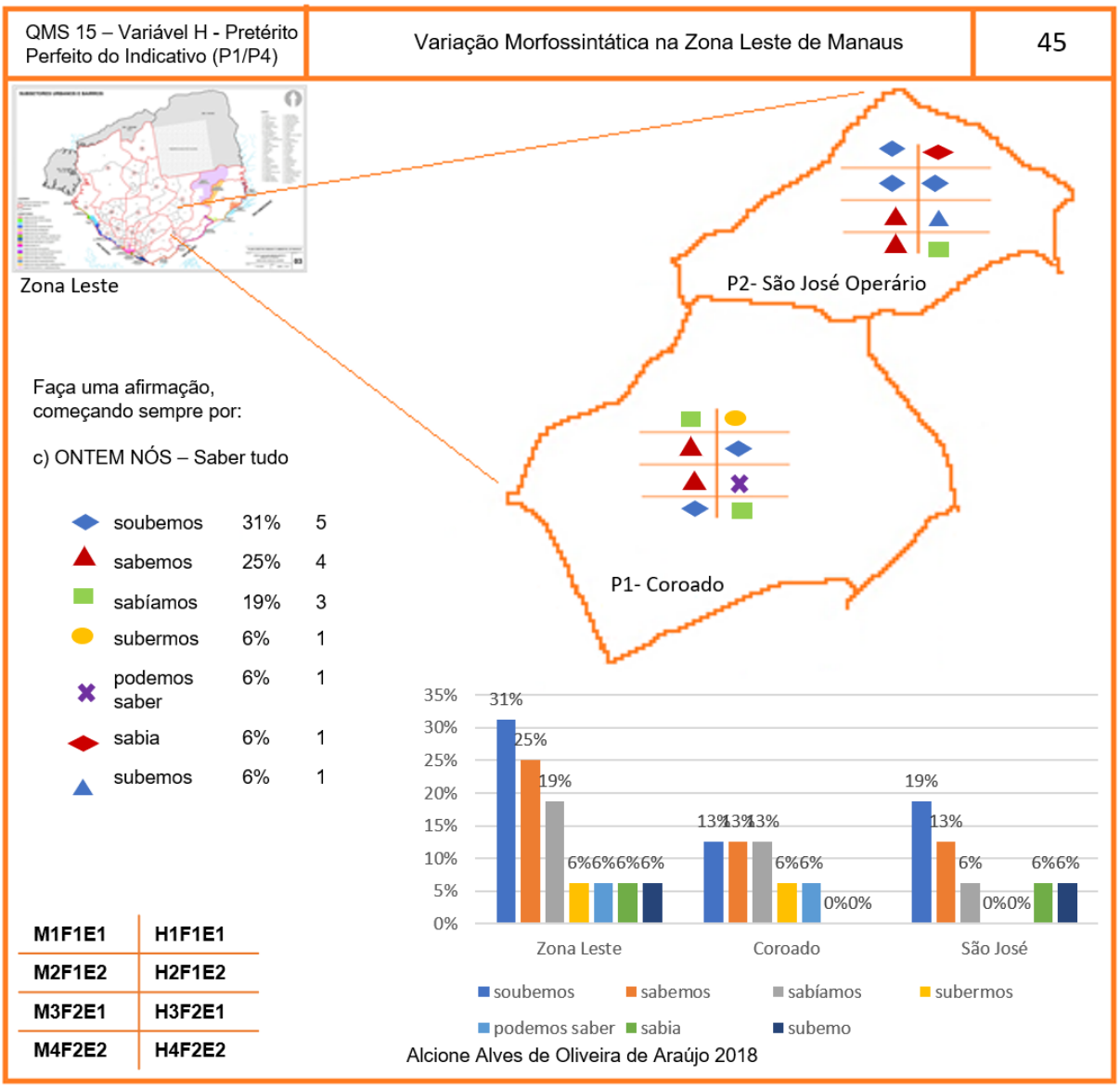
Carta Morfossintática 44 - QMS 15 Variável H – Pretérito perfeito do indicativo P4: caber



A carta 44 registra variantes equivalentes em produtividade para P4-Pretérito perfeito indicativo para o verbo *caber*: *coubemos* e *cabemos* (25%), as demais variantes são de baixa frequência e distribuição irregular. Observa-se particularmente uso do presente na indicação de ideia de pretérito. As variantes de maior frequência são mais recorrentes entre as mulheres de ambos os níveis de escolaridade.

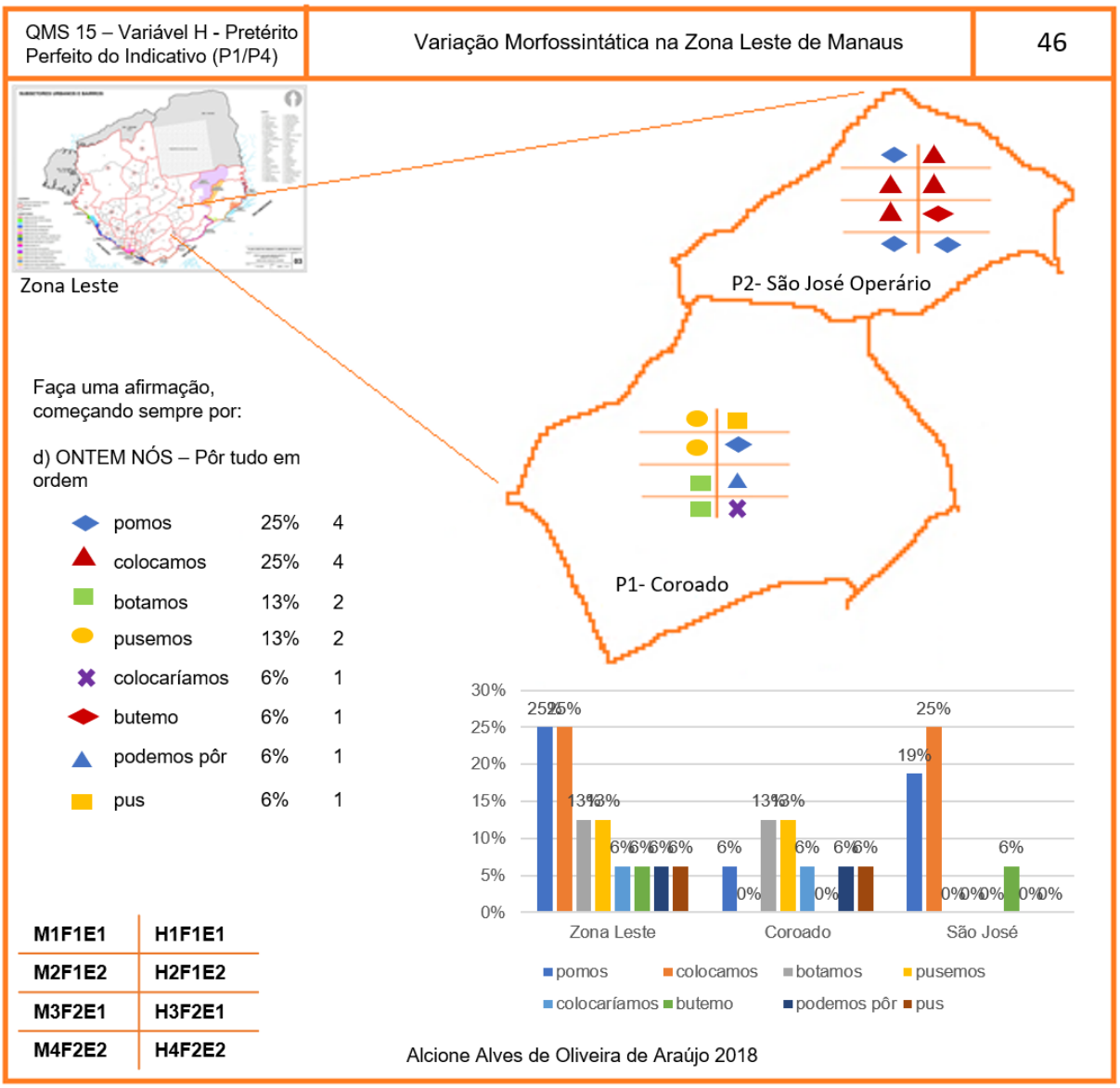
Salienta-se que, em comparação à Carta 37 (p.155 deste trabalho) não houve a correlação dos radicais “ontem eu coube” (56%, Carta 37) com “ontem nós coubemos” (25%), o registro da variante *cabemos* sinaliza uma aproximação com o paradigma regular dos verbos.

Carta Morfossintática 45 - QMS 15 Variável H – Pretérito perfeito do indicativo P4: saber



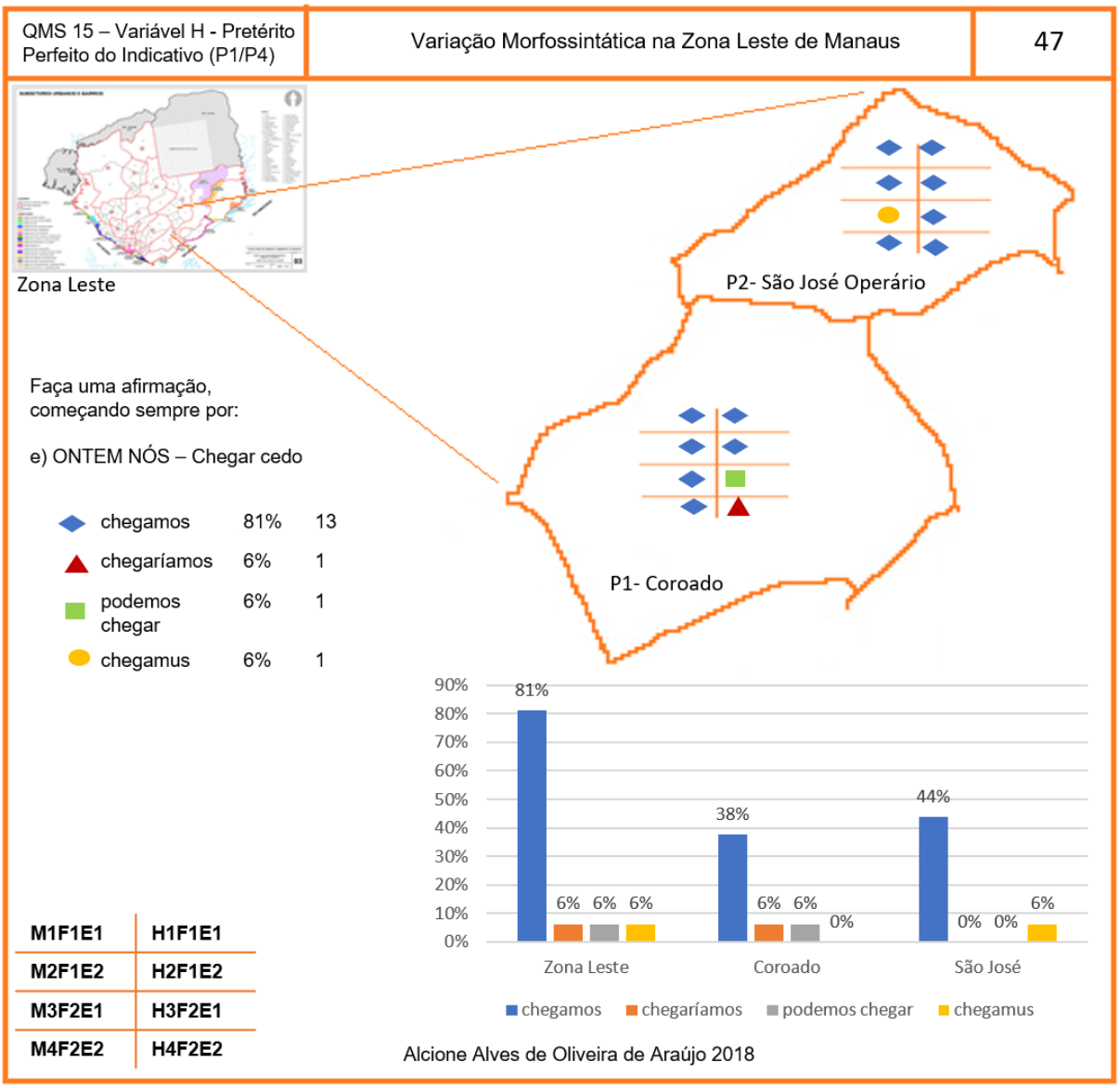
Na carta 45 a forma verbal *saber* apresenta as variantes *soubemos, sabemos, sabíamos, subermos* (H1F1E1), *podemos saber*, *sabia* e *subemos,* sendo a mais produtiva *soubemos* com 31% de ocorrências. Ao considerar a variável diagenérica (M) o uso do presente na indicação do pretérito se repete (ver Carta 44, deste trabalho). A variante *subermos* usada pelo informante H1F1E1 reforça a tendência de hipercorreção.

Carta Morfossintática 46 - QMS 15 Variável H – Pretérito perfeito do indicativo P4: pôr



A carta 46, a exemplo da carta 41, registra a realização de variantes lexicais para o verbo *pôr.* A carta em análise registra a P4-Pretérito perfeito do indicativo desse verbo tendo equivalência de produtividade de 25% para as variantes: *pomos* e *colocamos*, com maior frequência no Ponto 2 para *colocamos*. As formas *botamos* e *pusemos*, também equivalentes em registro (13%), foram mais observados no Ponto 2 (diatópico). O Ponto 1 apresentou variantes de menor frequência e distribuição irregular com seis variantes das sete registradas.

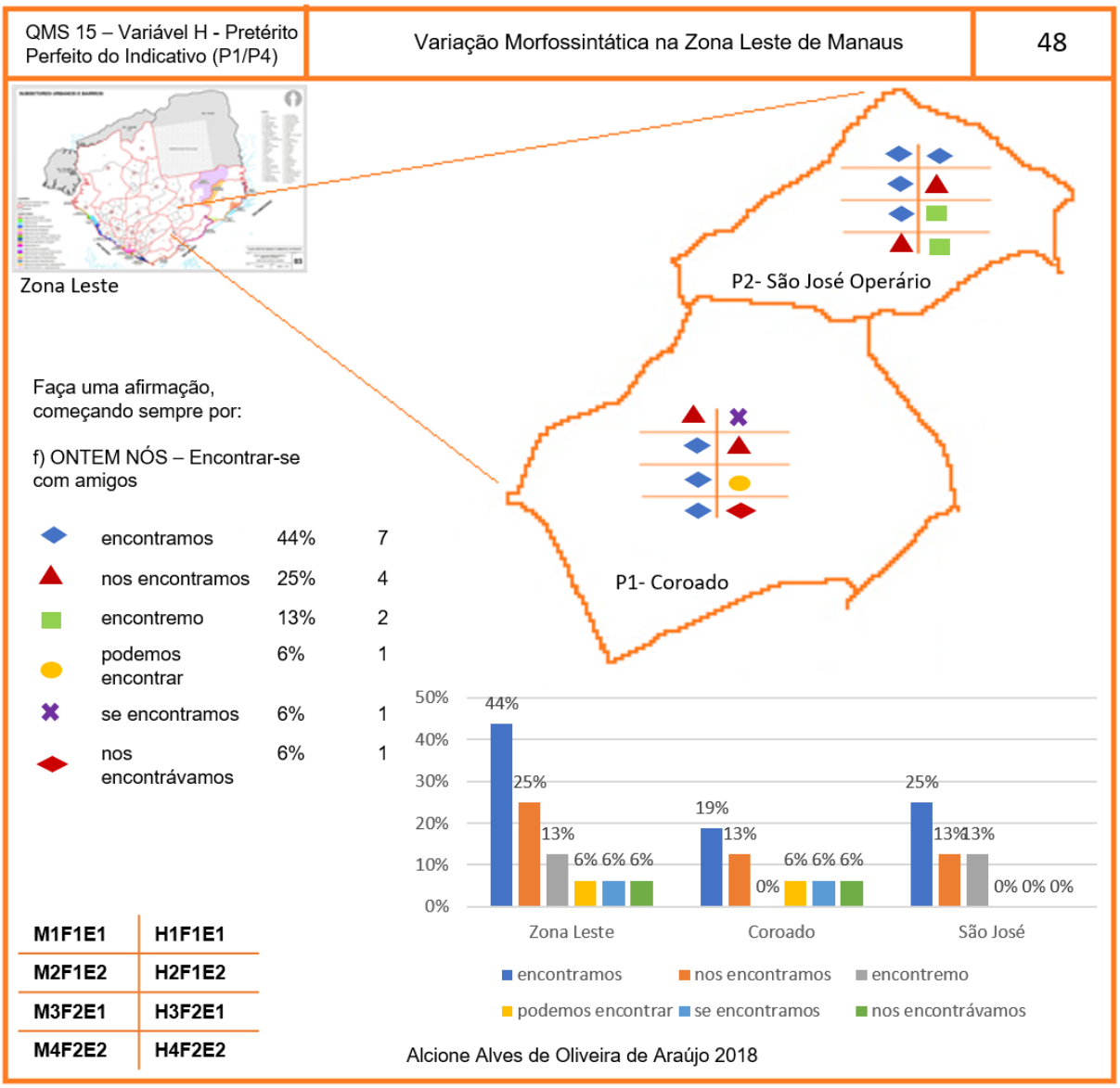
Carta Morfossintática 47 - QMS 15 Variável H – Pretérito perfeito do indicativo P4: chegar



A carta 47 apresenta a variante *chegamos* (81%) como de maior frequência e distribuição regular para a P4-pretérito perfeito do indicativo de *chegar,* sendo de maior prestígio no Ponto 2. Há oposição direta para as variáveis diageracional, e diagenérica entre os dois pontos.

Pode-se considerar como norma de uso, considerando a variável diageracional, a variante *chegamos.* As demais variantes são de baixa frequência e distribuição irregular.

Carta Morfossintática 48 - QMS 15 Variável H – Pretérito perfeito do indicativo P4: encontrar-se



A carta 48 registra a realização de variantes para o verbo *encontrar-se* na P4-Pretérito perfeito do indicativo. A variante mais produtiva é a padrão *encontramos* (44%), sendo norma de uso entre mulheres nos dois pontos (variável diagenérica).

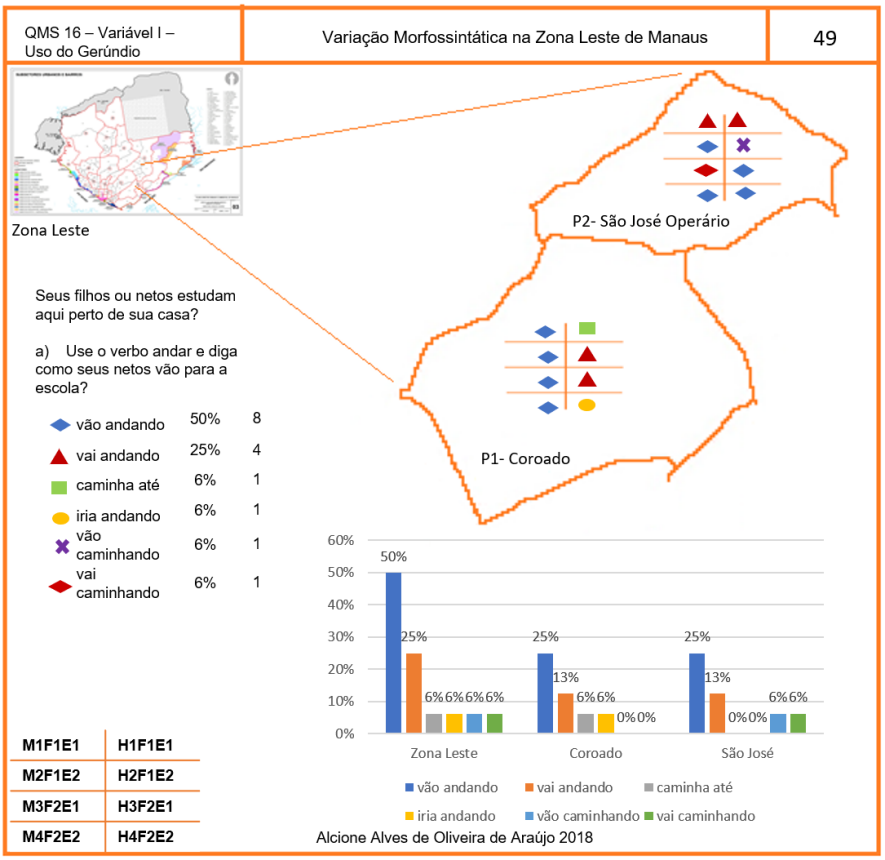
As variantes de baixa frequência e distribuição irregular ocorrem no Ponto 1: *podemos encontrar*; se *encontramos e nos encontrávamos*. A forma pronominal não se faz frequente.

4.9 Uso do gerúndio

A ocorrência da forma nominal do gerúndio é analisada na Variável H, para investigar a supressão da linguodental no sufixo formador de gerúndio. Deve-se considerar que esse fenômeno morfofonológico não é exclusivo da Língua Portuguesa, segundo Vieira (2011, p. 10) “o apagamento da oclusiva dental /d/ tem se apresentado em outras línguas de origem latina”, configurando como indicativo do condicionamento a fatores sociais e linguísticos de um sistema em instabilidade e heterogêneo (MOLLICA; MATTOS, 1989).

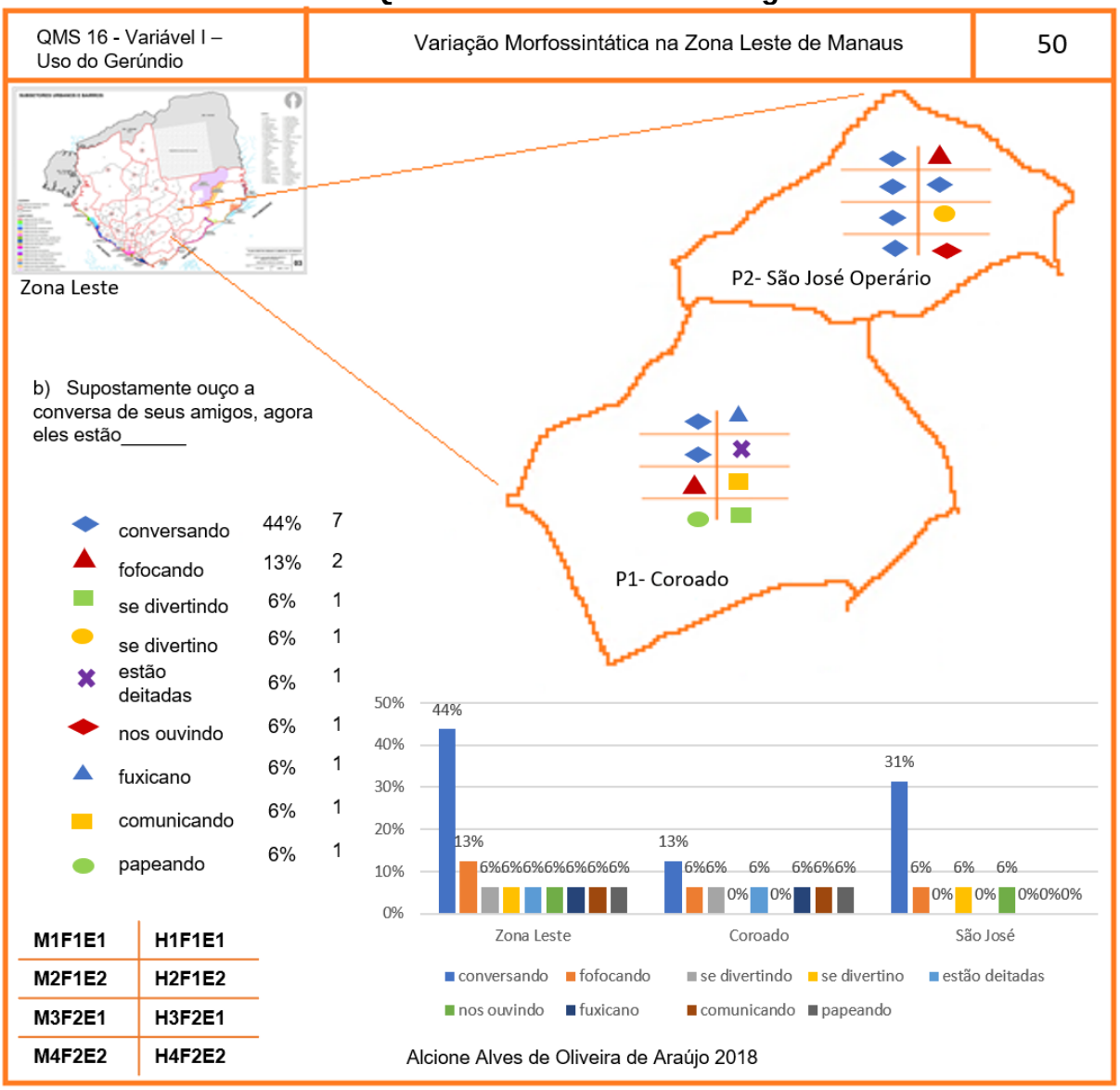
Houve uma alta frequência e distribuição regular da variante padrão *-ndo*. No entanto, foram registrados casos em que o informante fez a opção pela locução verbal ou pela flexão do presente do verbo.

Carta Morfossintática 49 - QMS 16 Variável I – Uso do gerúndio



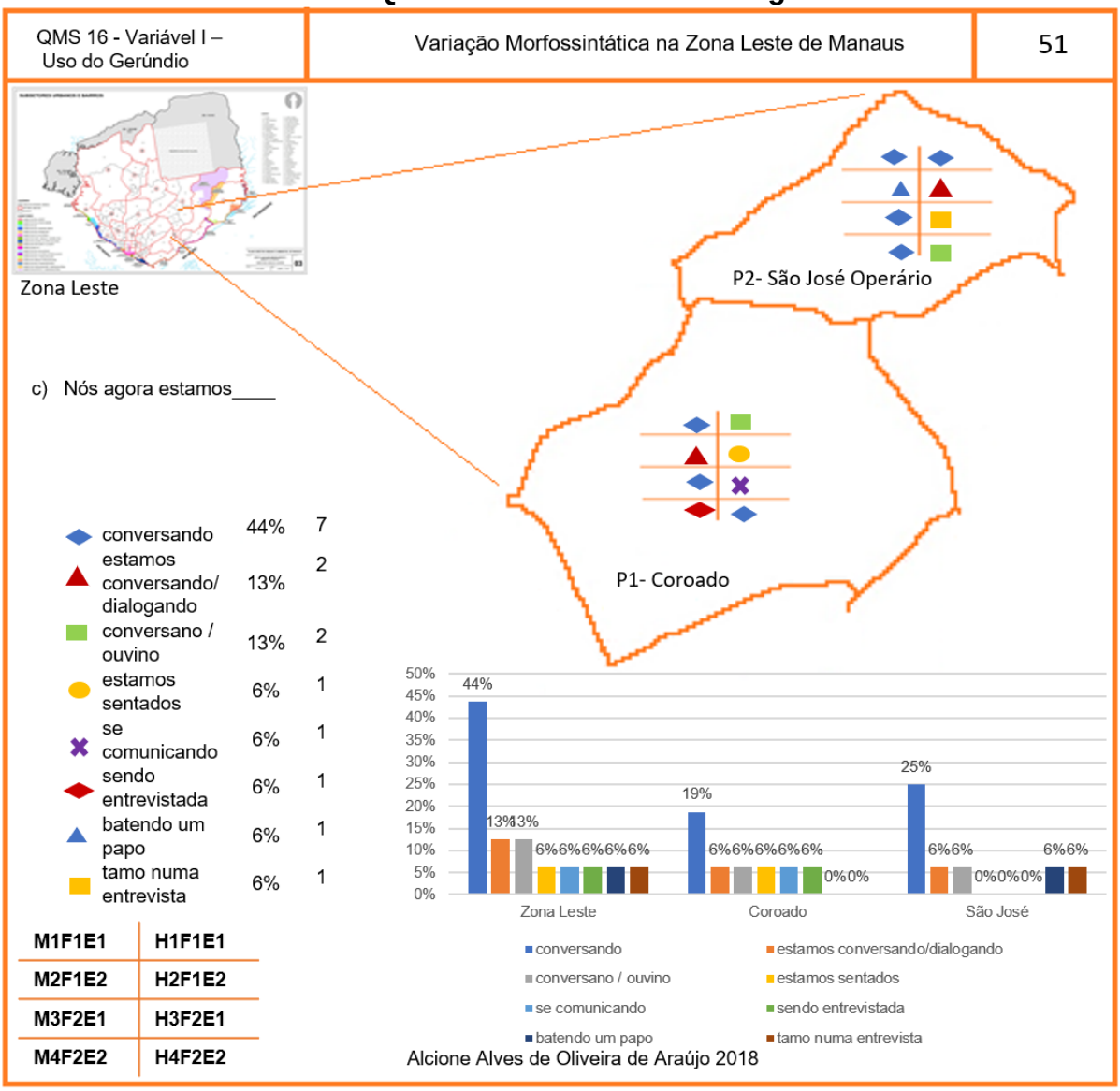
A carta 49 apresenta como variantes para o gerúndio seis formas sendo a mais produtiva a locução *vão andando* (50%), para a qual, considerando a variável diagenérica e diatópica, as mulheres do Ponto 1 usam-na como norma de prestígio. As variantes de baixa frequência e distribuição irregular aprecem em forma locutiva.

Carta Morfossintática 50 - QMS 16 Variável I – Uso do gerúndio



Na carta 50, registram-se as variantes para o gerúndio com o uso de -ndo em alta frequência. As variantes *divertino e fuxicano* são de baixa frequência e distribuição irregular e, se analisadas pelas variáveis diastrática e diagenérica, podem ser explicadas como representativa de um grupo de homens não escolarizados a utilizar essa variante. Nessa carta, a produtiva em baixa frequência e distribuição irregular representa diferenças semânticas e não morfossintáticas, posto que o informante deveria preencher livremente.

Carta Morfossintática 51 - QMS 16 Variável I – Uso do gerúndio

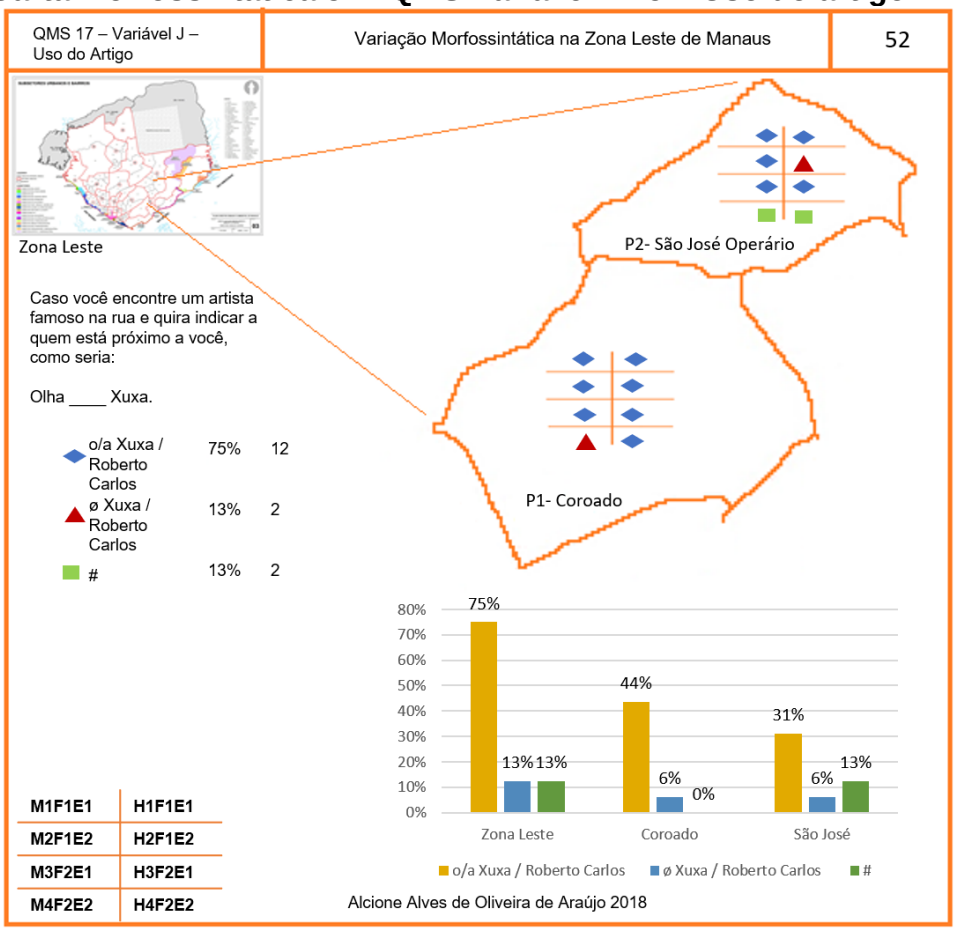


Na carta 51 há a alta frequência da variante padrão do gerúndio, reiterando a fala do informante H1F1E1 para a forma "*conversano*". Nessa carta a produtividade em baixa frequência e distribuição irregular representa diferenças semânticas e não morfossintáticas, posto que o informante preencheu livremente.

4.10 Uso do artigo

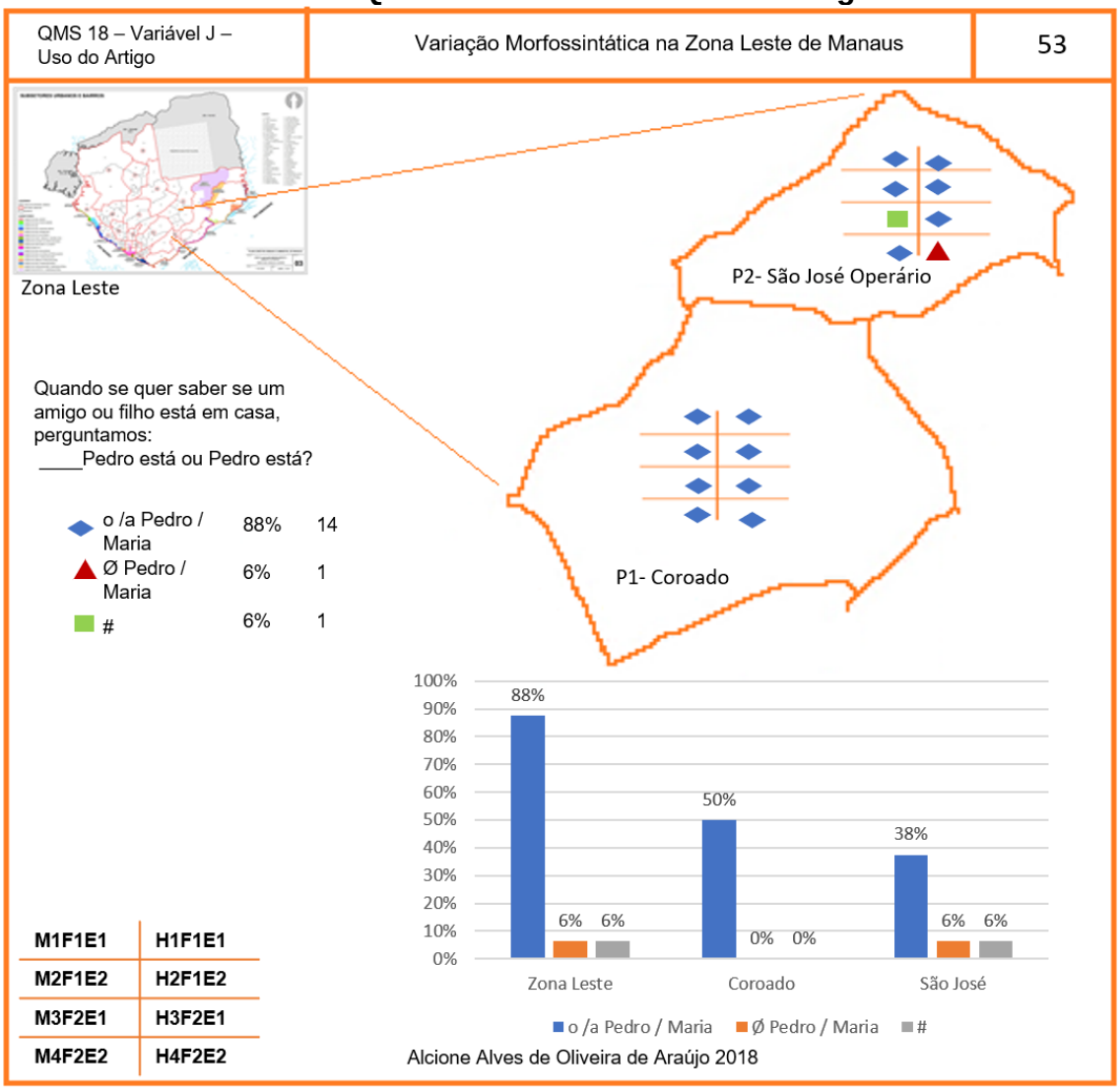
Para a variável J**,** buscou-se verificar o uso do artigo como determinante de substantivo próprio para indicar familiaridade, intimidade ou não. Observou-se a alta frequência e distribuição regular para a manutenção do artigo diante de nomes próprios. Terra (2002, p. 100) afirma que “com nomes de pessoas, geralmente não se usa artigo: Lígia não compareceu à cerimônia”; posteriormente, o mesmo compêndio apresenta na seção “A gramática no dia a dia” (idem, p. 102-3) que “Na linguagem coloquial de alguns estados brasileiros, é frequente a anteposição de artigo a nomes de pessoas, a fim de indicar afetividade ou familiaridade: O Pedro é meu melhor amigo.”

Carta Morfossintática 52 - QMS Variável 17 J – Uso do artigo



Na carta 52, foram observadas duas variantes: +artigo/-artigo, sendo a mais produtiva a forma +artigo com alta frequência e distribuição regular, principalmente no Ponto 1. A variante -artigo foi de baixa frequência, e dois informantes não responderam (#). Salienta-se que o uso de artigo para o nome de celebridades é moderno (BECHARA, 2015, 162).

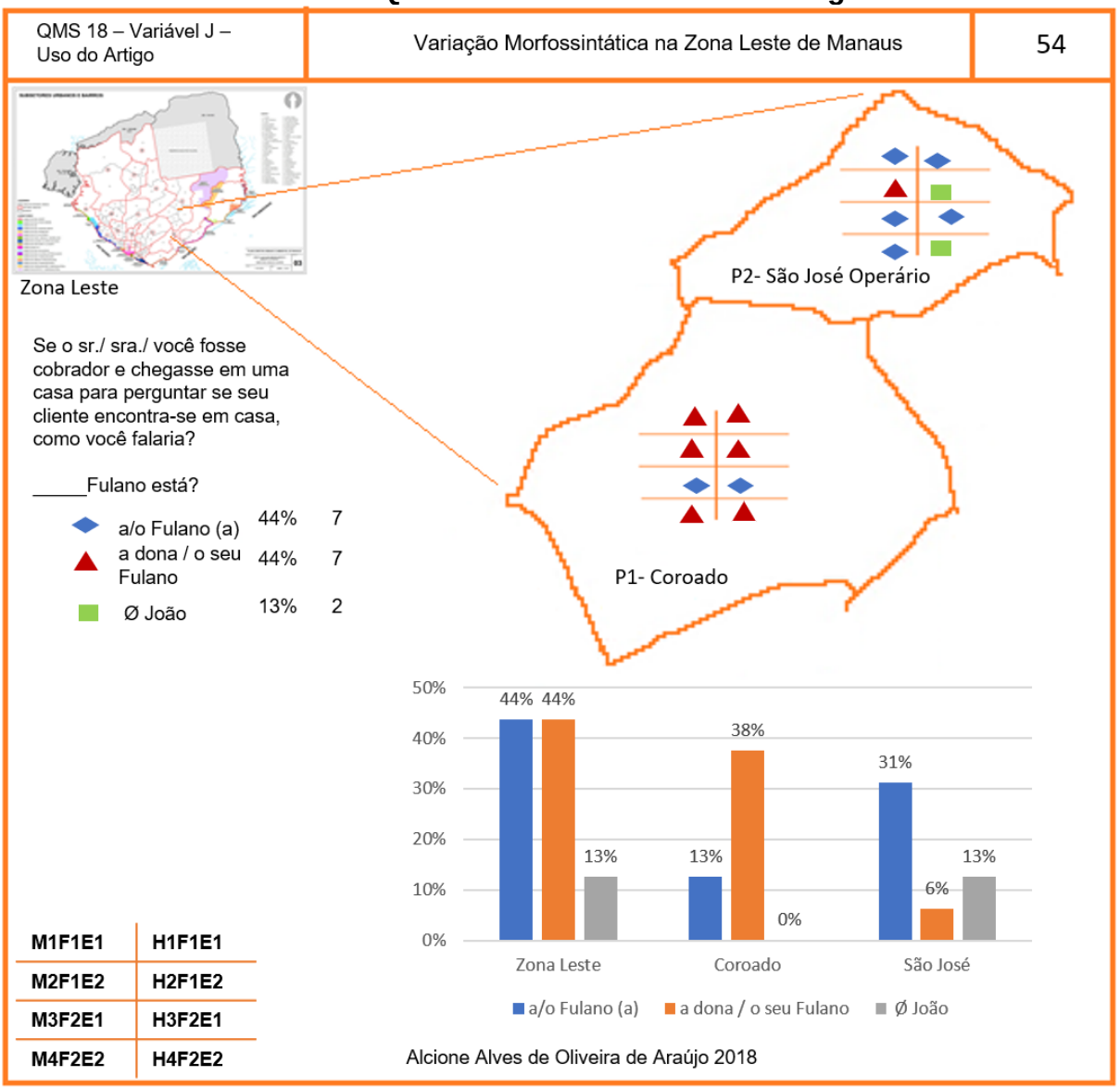
Carta Morfossintática 53 - QMS 18 Variável J – Uso do Artigo



Nessa carta, 53, o uso do artigo ocorreu em relação ao nome de pessoas próximas (filho/a), a produtividade maior foi para +artigo, sinalizando a norma de prestígio no Ponto 1 (diatópico). Registra-se a equidade na variável diagenérica em ambos os pontos. A ocorrência de 100% aponta ser a variante de prestígio para os mais jovens, variável diageracional.

A alta frequência e distribuição regular do uso do artigo diante de nomes próprios como intimidade é ratificada. Chama-se atenção que em Portugal o uso do artigo diante de antropônimos tem tido um crescimento gradativo de quase zero no século XIV para perto de 25% na atualidade quando se fala diretamente à pessoa. O que se tem na prática é o estranhamento do ouvinte. (MENON, 2016; CALLOU; SILVA, 1997).

Carta Morfossintática 54 - QMS 18 Variável J – Uso do Artigo



Na carta 54, o uso do artigo ocorreu em relação ao nome de pessoas estranhas, houve a equidade entre +artigo e +artigo e expressão de tratamento. As ocorrências de -artigo apresentou uma frequência baixa, o que sugere a tendência de usar o artigo, principalmente considerando a variável diageracional, cuja norma de uso oscila na variável diatópica entre o uso de +artigo +antropônimo (Ponto 2) e +artigo +determinante (tratamento) +antropônimo (Ponto 1).

4.11 Flexão de gênero

A variável K apresenta o registro da flexão de gênero para os nomes em Língua Portuguesa. O gênero em português são dois: feminino e masculino, este generalizador, posto que a desinência que o identifica {-o} também constitui o tema.

Matoso Câmara (2015, p. 92), por sua vez, aponta três gêneros para a Língua Portuguesa: i) nomes substantivos de gênero único; ii) nomes de dois gêneros sem flexão; iii) nomes substantivos de dois gêneros, com flexão redundante. Tal categorização pode ser ratificada com a presença de determinantes antepostos aos nomes.

Contribui para a definição de imanência do gênero nos nomes, a afirmação de que “o gênero do substantivo é indicado exclusivamente através do expediente sintático em quase sua totalidade” (ROCHA, 2008, p. 207), uma vez que ao substantivo podem ser anexados determinantes em um dos dois gêneros registrados em Língua Portuguesa. Segundo Rocha (1982 apud ROCHA, 2008, p. 192), “95,5% dos substantivos referem-se a seres não-sexuados e 4,5%, a seres sexuados [...] e nem todos receberão a marca de morfológica de gênero, [...]”, no entanto há a tendência do falante em correlacionar o gênero da palavra à pessoa e/ou ser que faz referência.

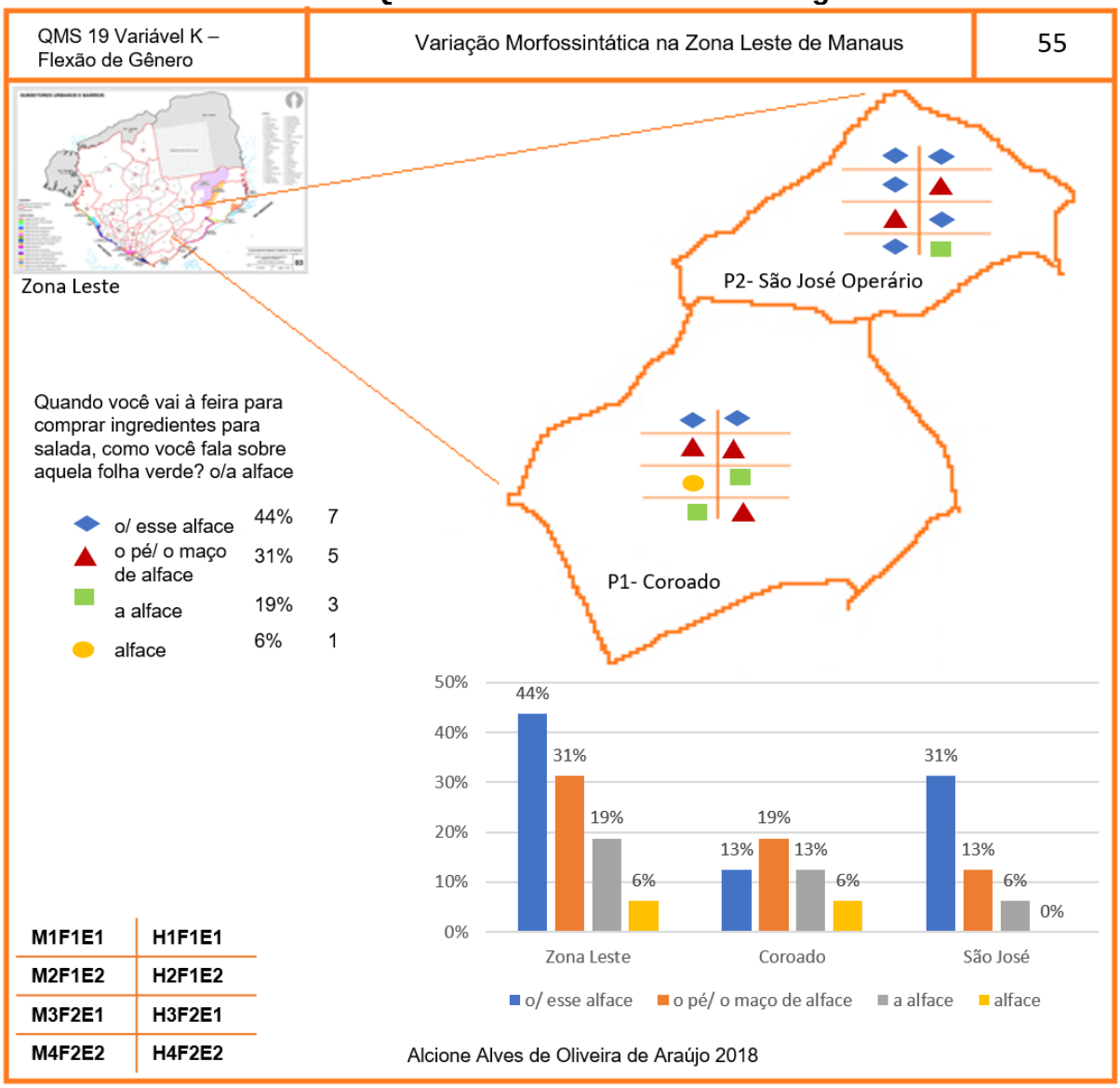
A variável em análise objetivou verificar variantes para o gênero dos substantivos – o~a alface, guaraná, cal, presidente; o~a chefe~chefa; ladrão: ladra~ladrona. A análise das cartas sinaliza para:

- a flexão redundante quando se trata de nomes em referência a seres sexuados: *o chefe/a chefa* - com alta frequência e distribuição regular.

- uso de marca morfológica {-a} ou determinante para apontar um gênero diferente para substantivos de gênero único: *sujeito/sujeita; o caixa/a caixa.*

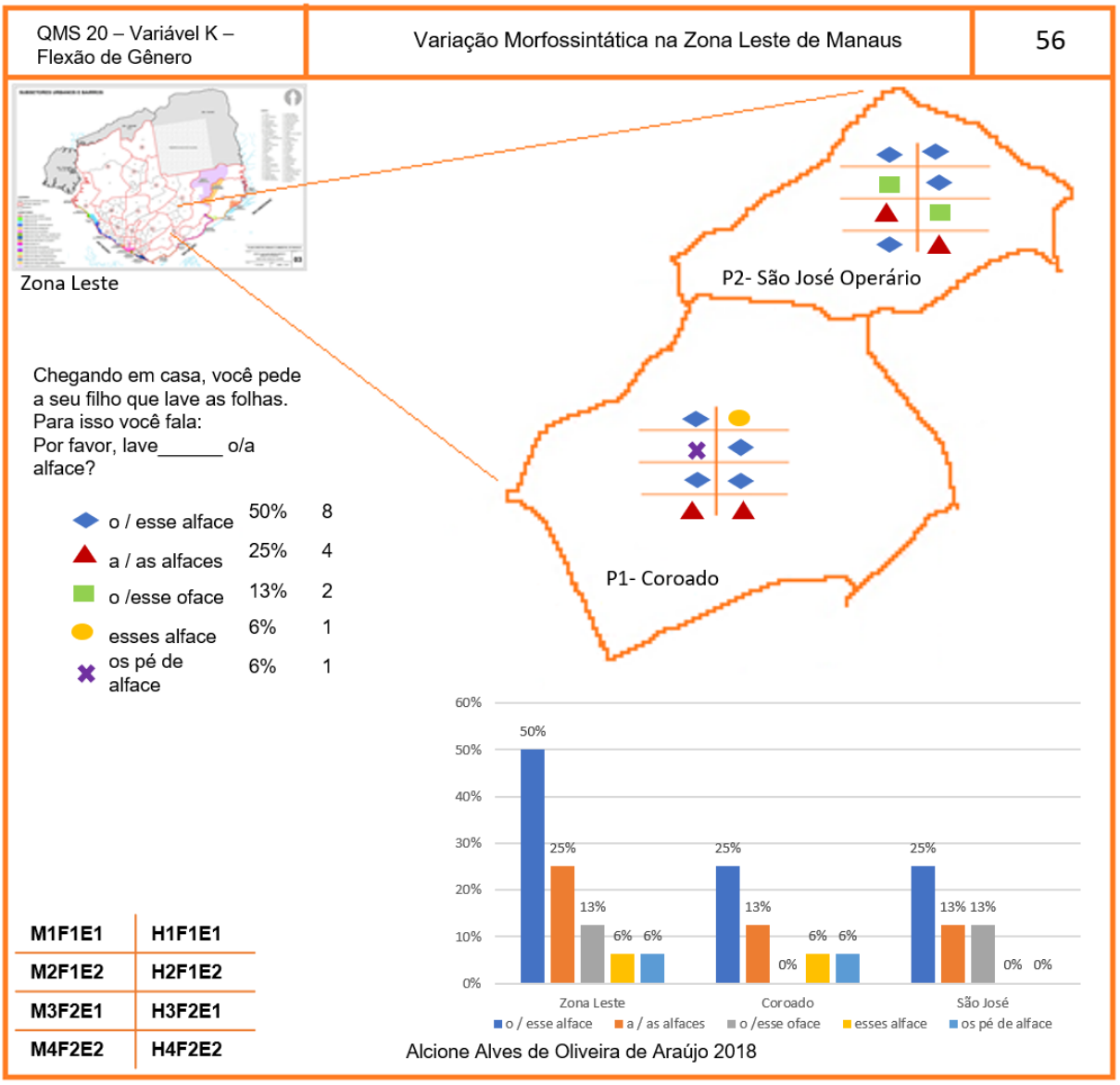
- em casos de seres epicenos (animais ou plantas) a flexão de gênero é influenciada pelo determinante (o [pé/maço] de alface).

Carta Morfossintática 55 - QMS Variável 19 K – Flexão de gênero: alface



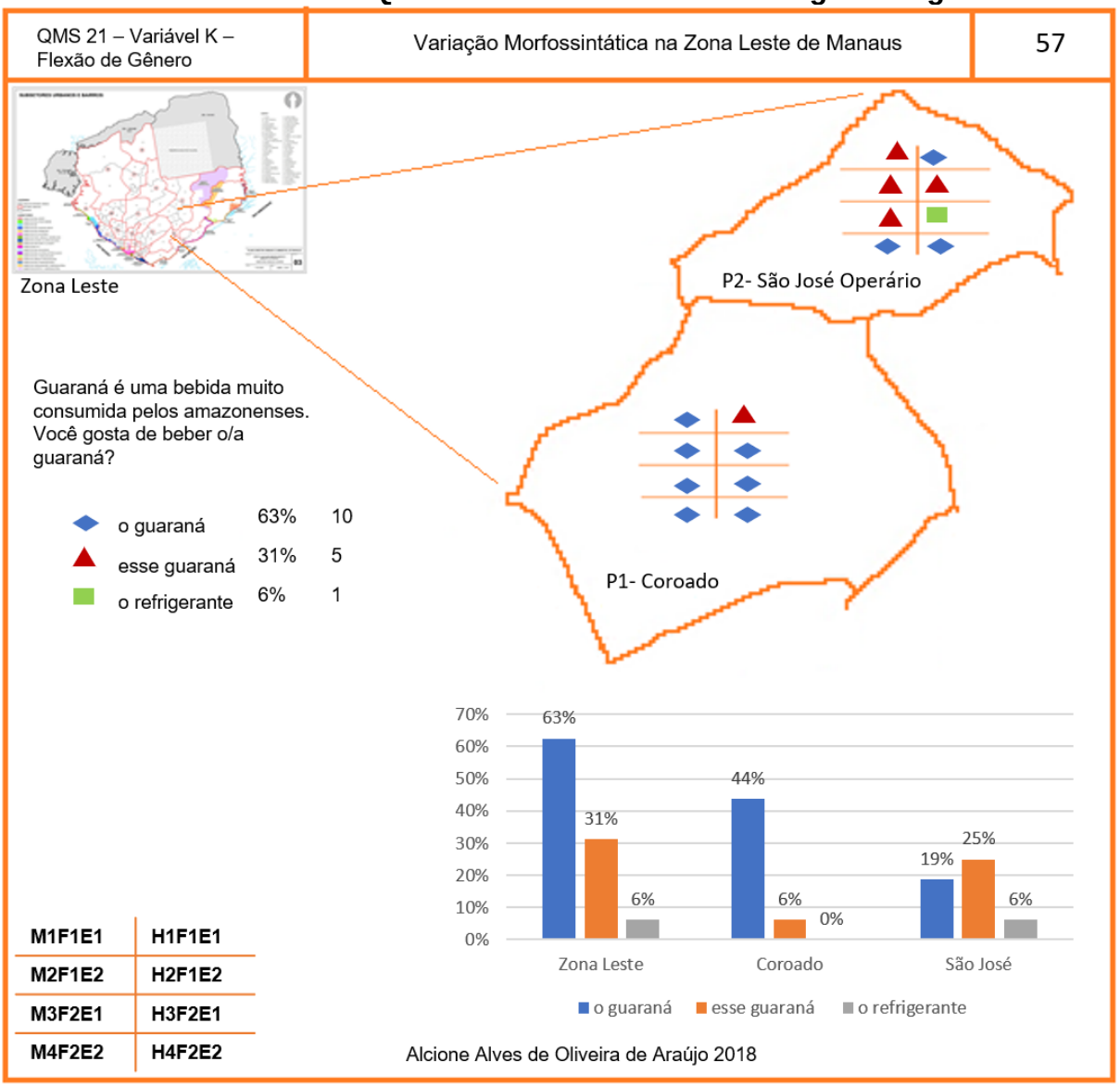
Na carta 55, é apresentada a flexão de gênero para o nome da hortaliça “alface” sendo a mais produtiva a variante no masculino, embora o uso de expressões como *pé* ou *maço* possam interferir nessa flexão, dada a frequência de 31% registrada para a variante *o pé de alface.*

Carta Morfossintática 56 - QMS 20 Variável K – Flexão de gênero: alface



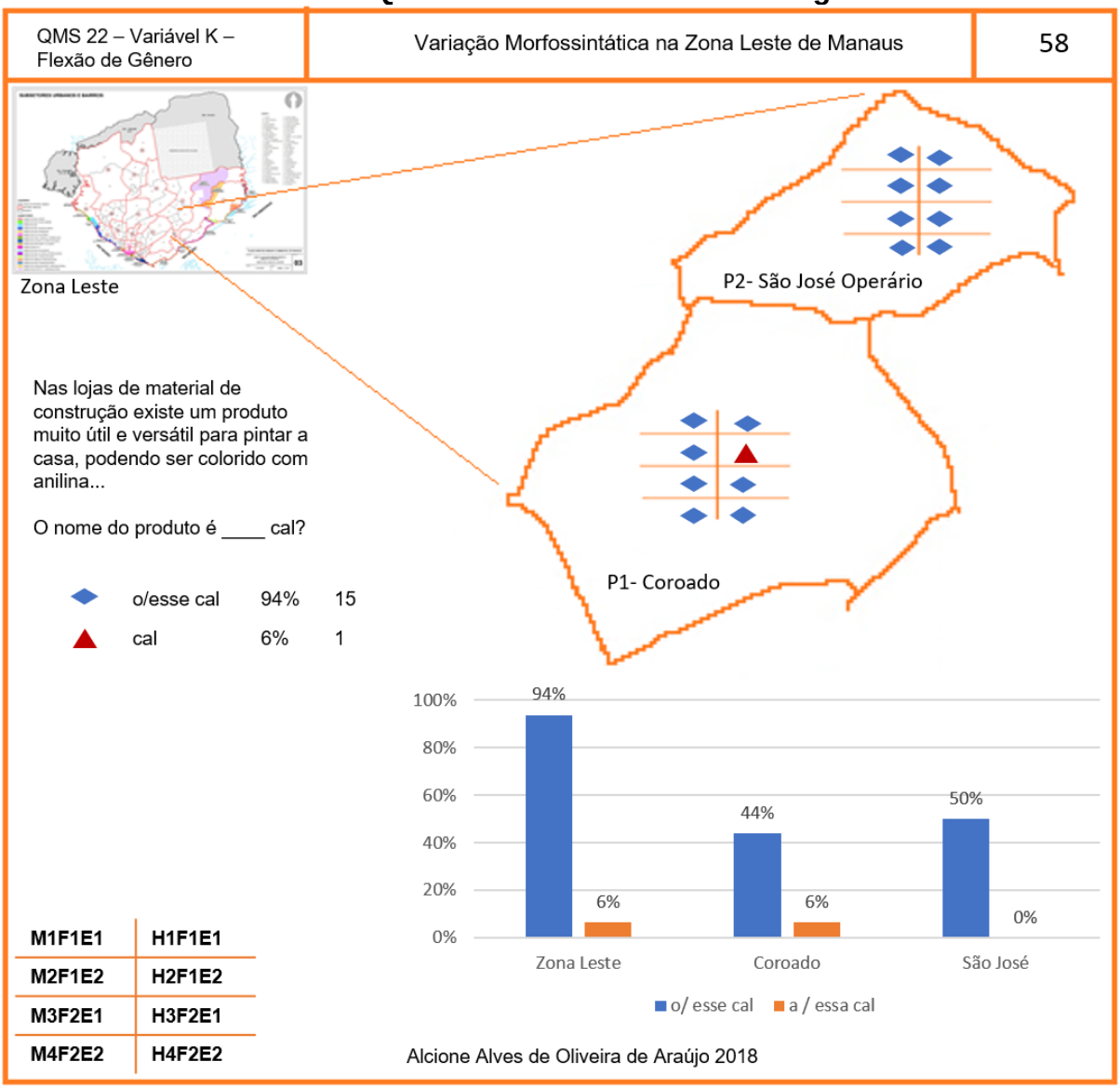
A carta 56 também aborda o gênero da hortaliça *alface*, houve a reiteração pela alta frequência do masculino. No entanto registra-se a troca para o feminino, em relação à carta 55, de dois informantes (Pt. 1 - H4F2E2 / Pt. 2 - M3F2E1) para o feminino com a omissão da expressão pé/maço, registrada na carta anterior; e um, para o masculino (H3F2E1), demonstrando ser esta uma variável que causa dúvida. Bechara, (2015, p. 146), aponta esse nome como feminino, os informantes ouvidos a usam como nome masculino.

Carta Morfossintática 56 - QMS 21 Variável K – Flexão de gênero: guaraná



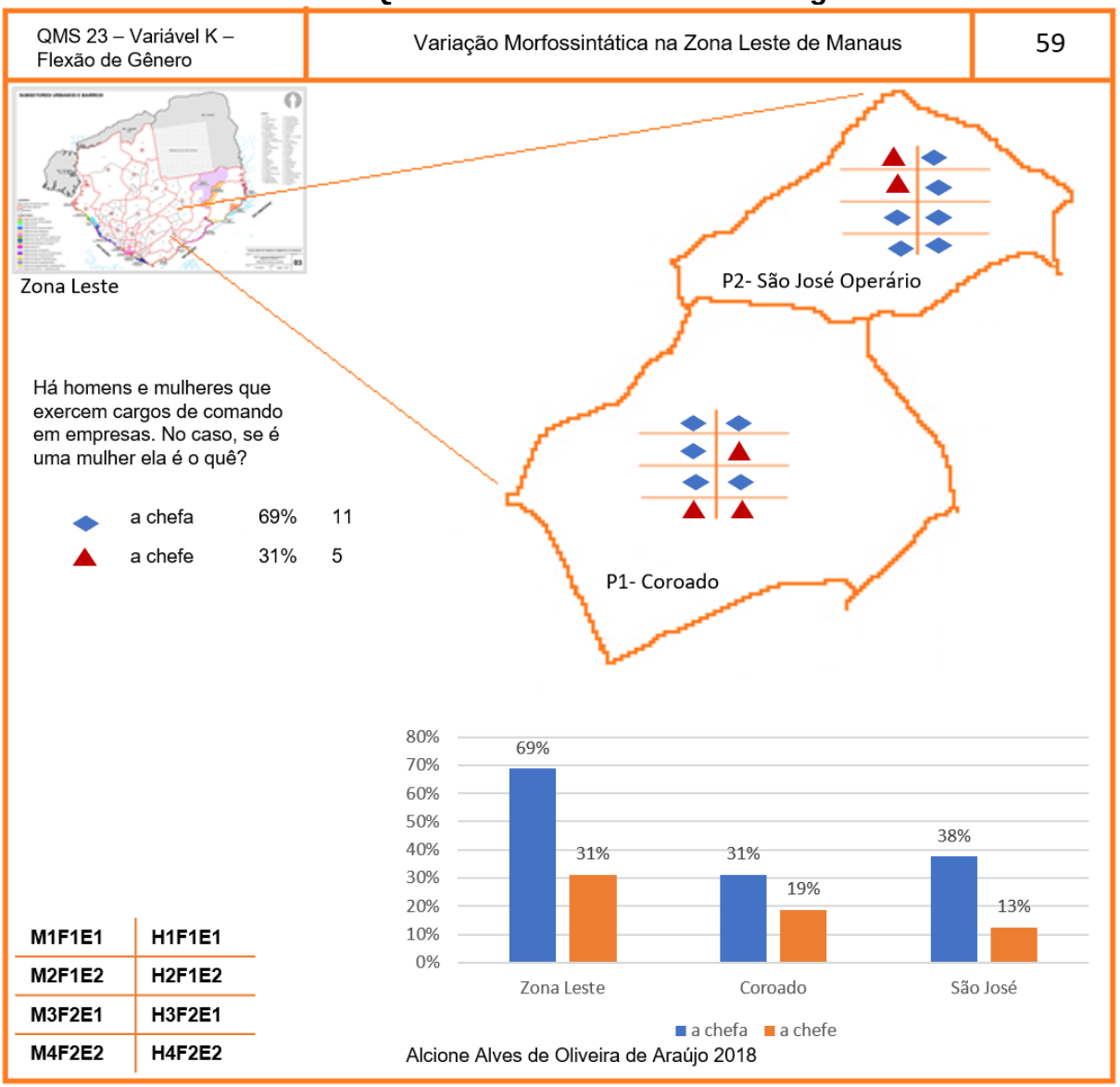
A carta 57 aborda o gênero do produto *guaraná,* como se trata de uma planta o gênero poderia ser alterado por hiperonímia: a planta; nota-se o uso da variante *refrigerante*, em baixa frequência e distribuição irregular. A produtividade para a flexão de guaraná é 100% para o masculino em todos os pontos: *o/esse guaraná* ou *o refrigerante.*

Carta Morfossintática 57 - QMS 22 Variável K – Flexão de gênero: cal



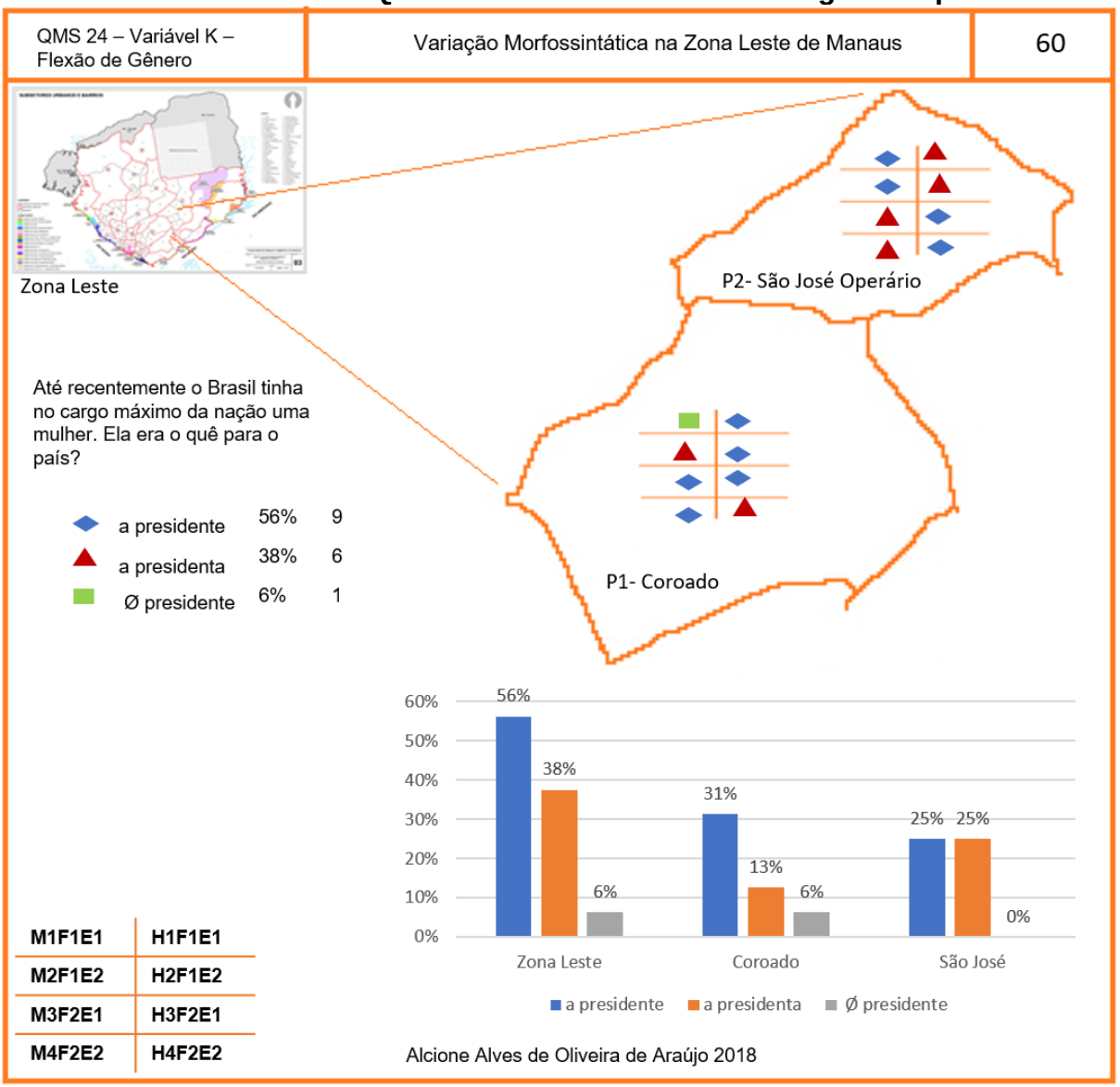
A carta 58 apresenta a alta frequência do gênero masculino para *cal,* embora os dicionários e compêndios didáticos apontem-na como pertencente de gênero único: feminino. A distribuição regular em todos os pontos sinaliza, também, o masculino como norma de prestígio nos pontos em análise. A omissão do determinante ocorreu no Ponto 1 em baixa frequência e distribuição irregular.

Carta Morfossintática 58 - QMS 23 Variável K – Flexão de gênero: chefe



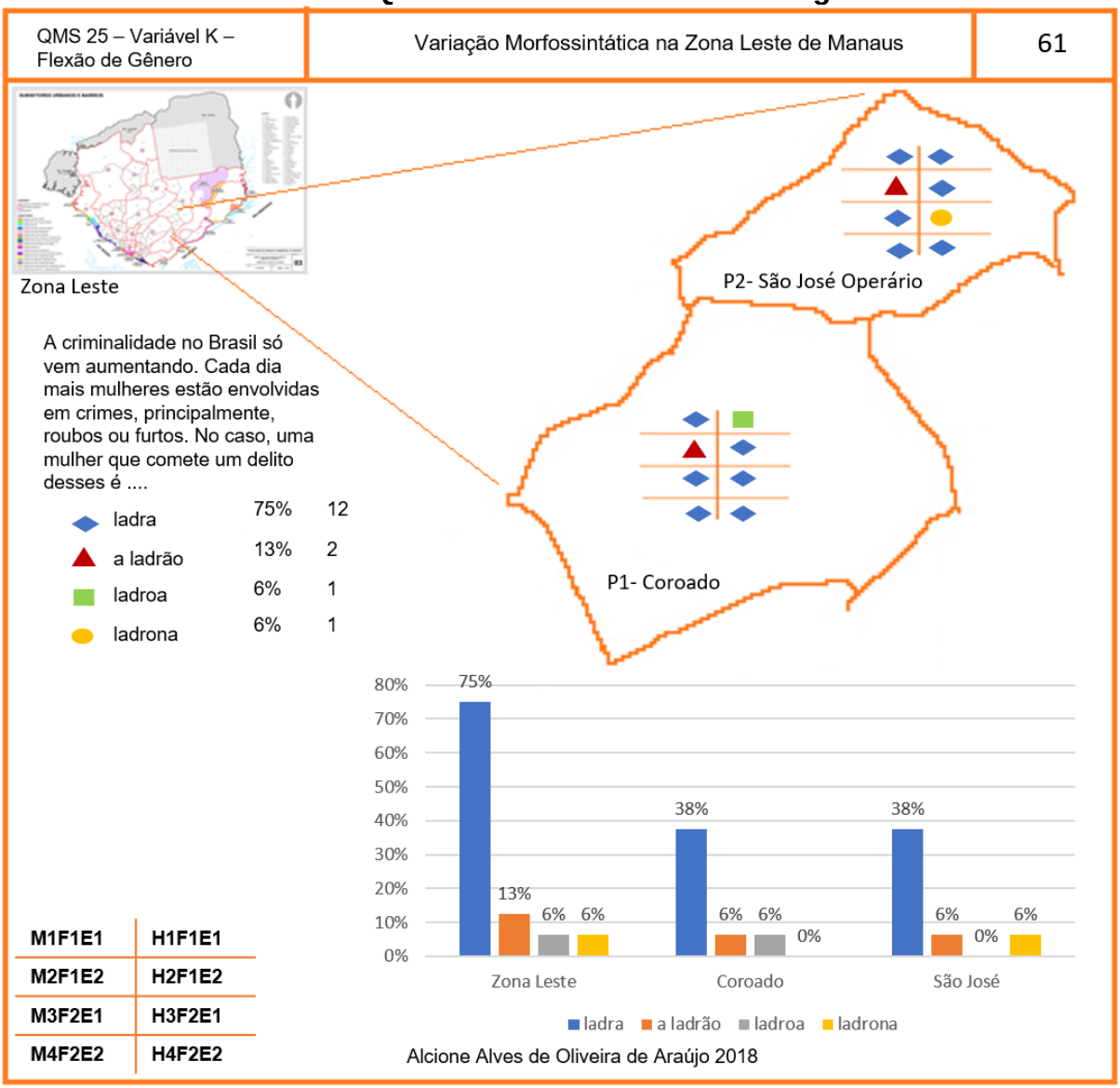
A carta 59 apresenta a flexão de palavras terminadas pelo morfe {-e} tendo alta frequência para a variante *a chefa,* sendo de distribuição regular. Ao considerar a variável diageracional entre os Pontos 1 e 2, observa-se oposição entre os dois grupos. Considerando a variável diagenérica, a variante *a chefa* é sinalizada como norma de uso entre os homens do Ponto 2 e por 75% das mulheres no Ponto 2.

Carta Morfossintática 59 - QMS 24 Variável K – Flexão de gênero: presidente



A carta 60 apresenta a alta produtividade para variante *a presidente,* com a segunda maior produtividade para *a presidente.* Observa-se no Ponto 2 a equivalência entre as duas variantes. No que tange à variável diagenérica, a forma de maior prestígio está em *a presidente.* Vale ressaltar que as duas formas são prescritas nos compêndios didáticos.

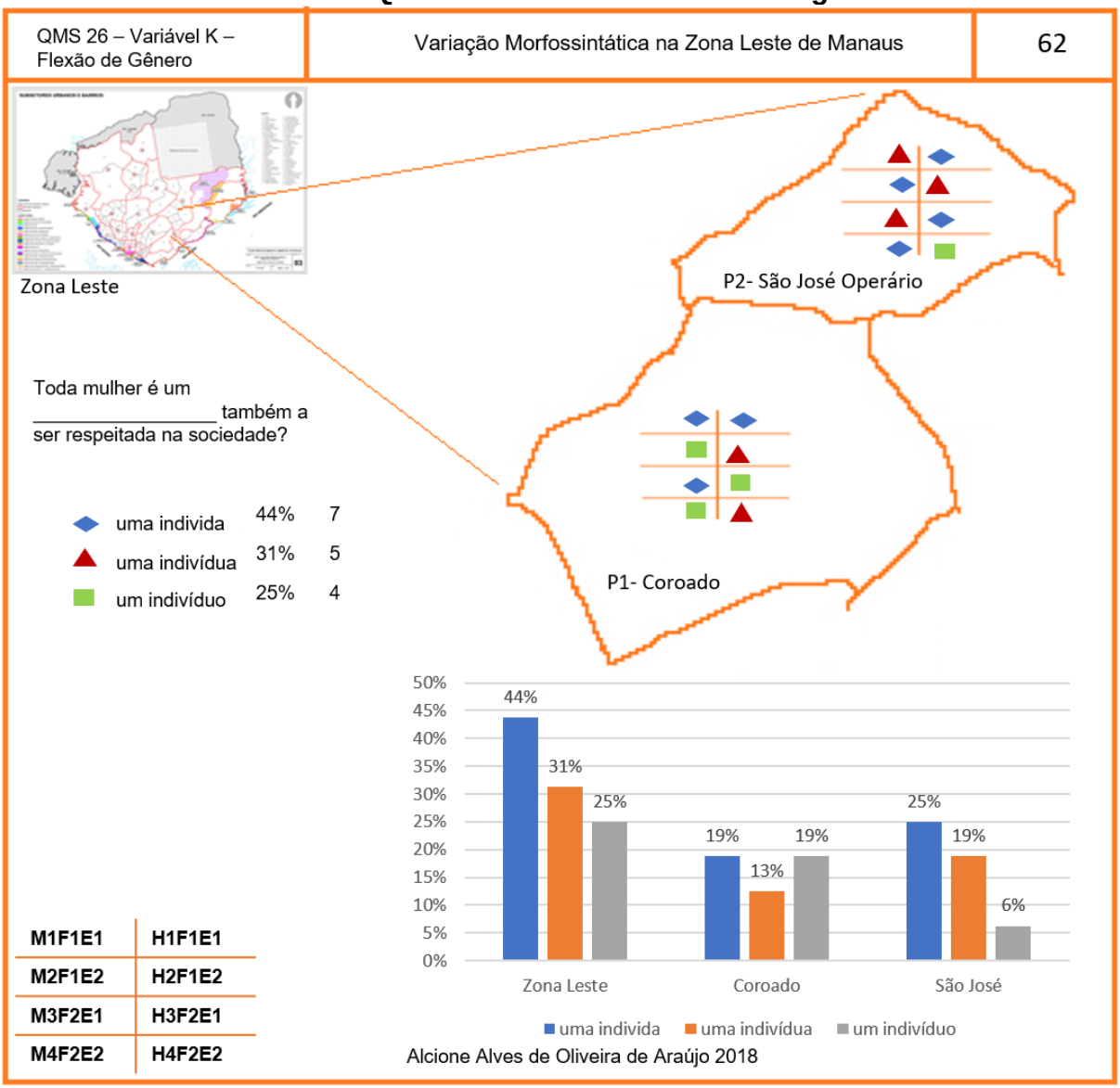
Carta Morfossintática 60 - QMS 25 Variável K – Flexão de gênero: ladrão



A carta 61 a flexão de nomes terminados em {-ão}. Essa flexão apresenta três possibilidades em Língua Portuguesa: i) com tema em {-o} – ocorre a crase – saxão – saxã; ii) quando ocorre a forma teórica {-õ} bretão / bretoa // bom/boa; iii) {-ão} sufixo derivacional: valentão/valentona.

As formas prescritas são todas aplicáveis à flexão gênero do substantivo *ladrão*, sendo a mais produtiva *ladra* (75%) com distribuição regular também nas variáveis diatópica, diagenérica e diastrática. As formas de menor frequência e com distribuição irregular são a variante teórica *ladroa* (Ponto 1) e para a derivação *ladrona* (Ponto 2).

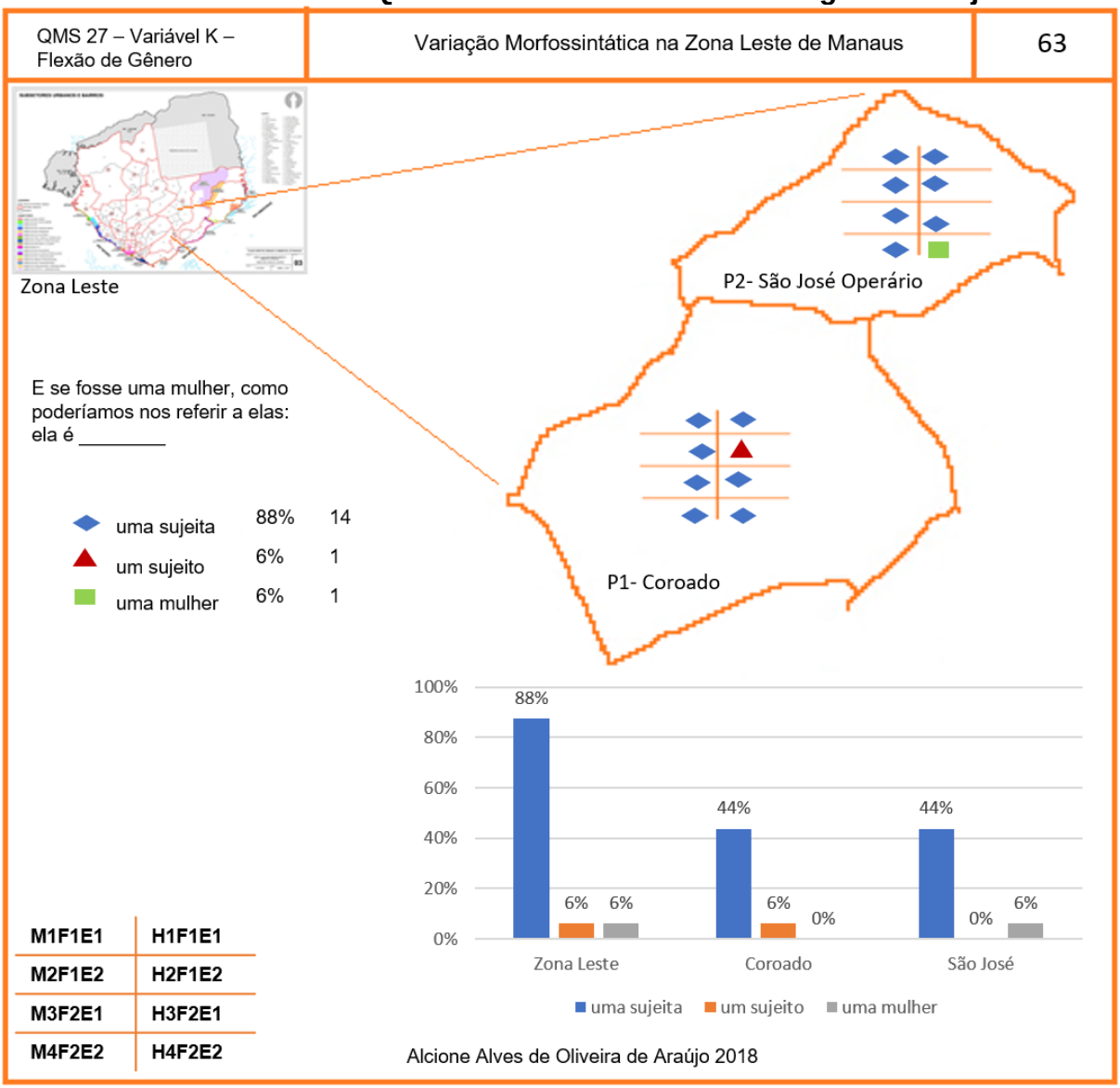
Carta Morfossintática 61 - QMS 26 Variável K – Flexão de gênero: indivíduo



A carta 62 trata de um nome que pertence à categoria de substantivos de gênero único, sendo essencialmente uma palavra masculina. Para essa variável, no entanto, a norma de maior prestígio ocorreu pela flexão *uma *individa* ou *uma indivídua* (44% e 31% respectivamente). Observa-se que as variáveis diagenérica e diatópica apontam os homens do Ponto 1 e 2 e as mulheres no Ponto 2 como os informantes que mais prestigiam essas variantes.

Registre-se que a variante *individa* corresponde à monotongação do ditongo [wa] no final da palavra.

Carta Morfossintática 62 - QMS 27 Variável K – Flexão de gênero: sujeito



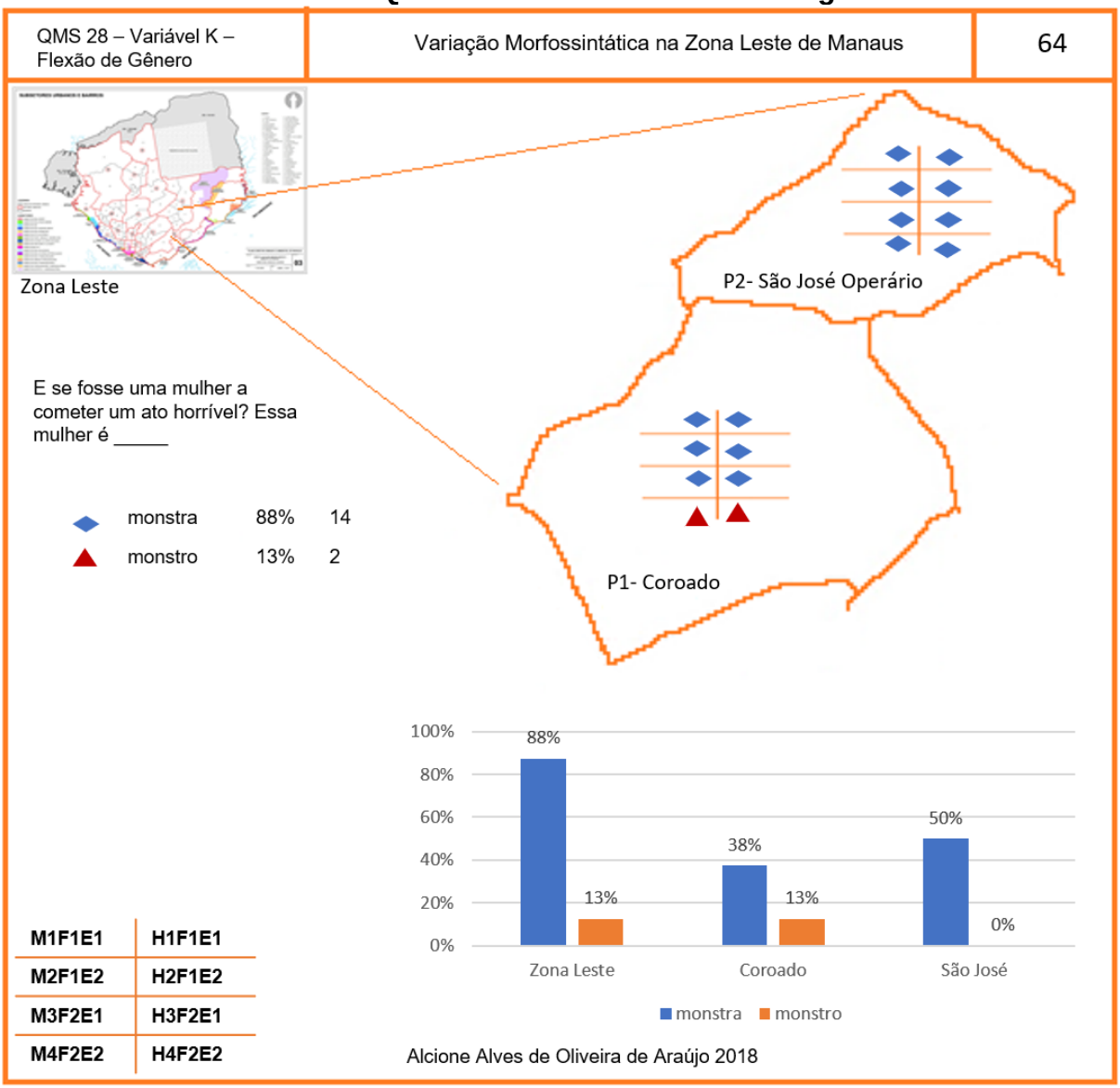
A carta 63, a exemplo da 62, trata de um substantivo que pertence à categoria de substantivos de gênero único, sendo essencialmente uma palavra masculina.

Para essa variável, no entanto, a norma de maior prestígio ocorreu pela flexão *a sujeita* (88%). Observa-se que as ocorrências diagenéricas e diatópicas apontam as mulheres como as que mais usam essa variante.

Em relação a variável diageracional, destaca-se a ocorrência de alta frequência na F2 da Ponto 1 e na F1, no Ponto 2 para *uma sujeita*.

Houve a ocorrência de duas variantes em baixa frequência e distribuição irregular para cada um dos pontos: *um sujeito* e *uma mulher.*

Carta Morfossintática 63 – QMS 28 Variável K – Flexão de gênero: monstro

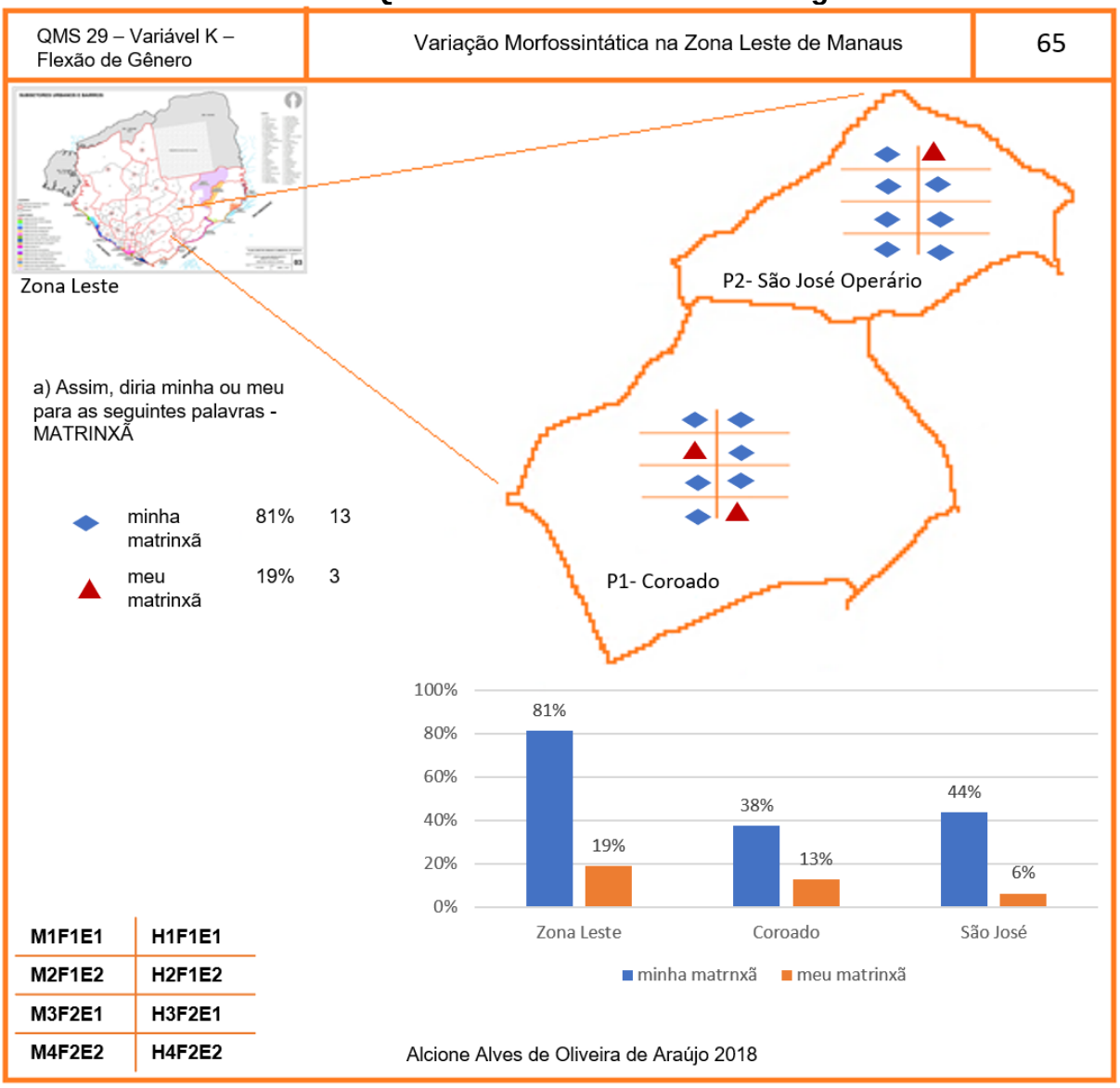


A carta 64 trata, também, de um substantivo que pertence à categoria de gênero único, sendo essencialmente uma palavra masculina.

Para essa variável, no entanto, a norma de maior prestígio ocorreu pela flexão *monstra* (88%). Ao observar a variável diatópica consta-se a norma de uso de prestigiada no Ponto 2, posto que é usada por 100% dos informantes.

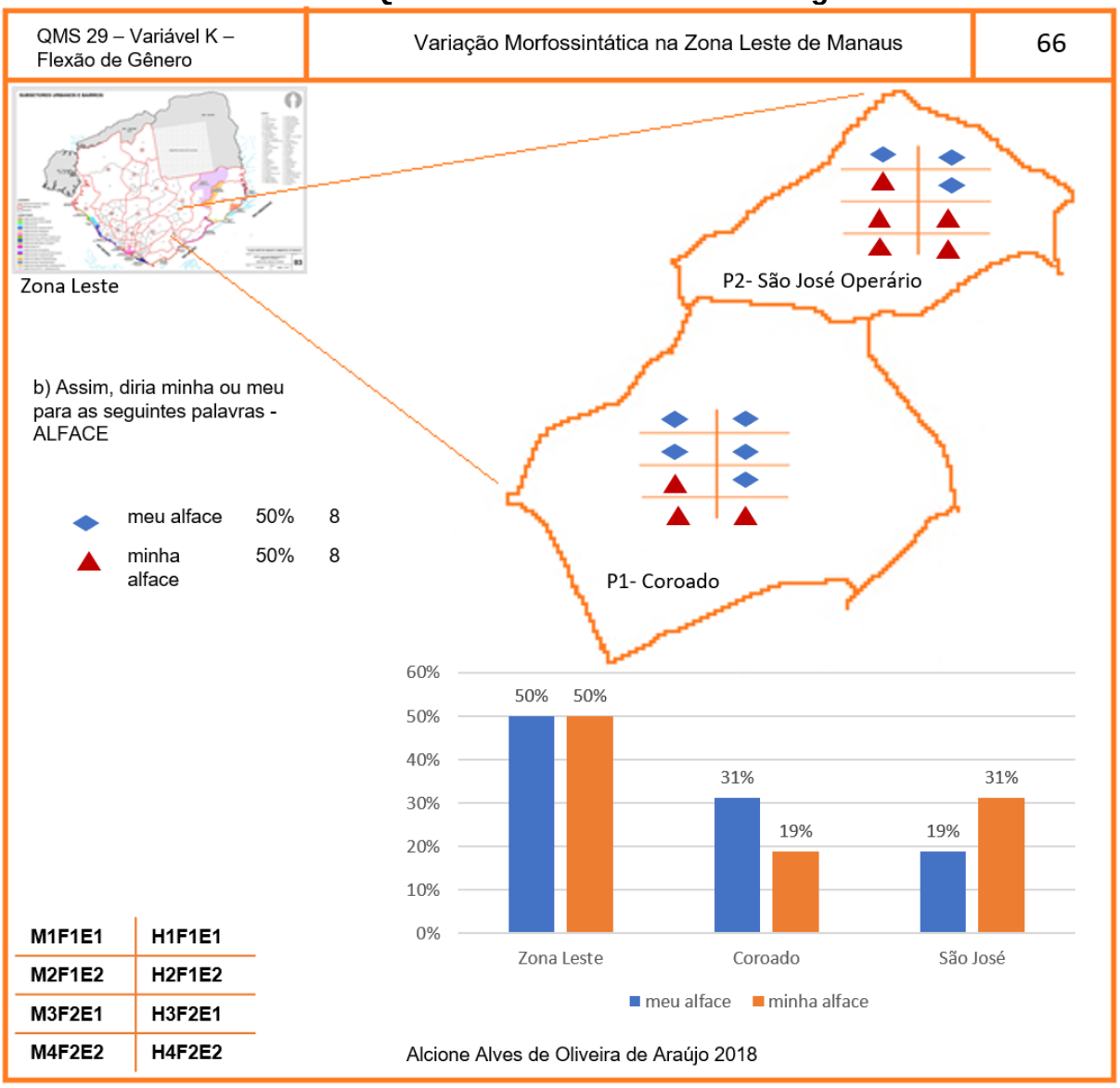
A baixa frequência e distribuição irregular ocorreram, à luz da variável diastrática e da diageracional, para M4F2E2 e H4F2E2, para a forma prescrita: monstro.

Carta Morfossintática 64 - QMS 29 Variável K – Flexão de gênero: matrinxã



A carta 65 registra o uso de determinantes para nomes de gênero único designativos de animais e objetos. Para o epiceno peixe da espécie Matrinxã (peixe muito consumido na Amazônia, principalmente na época da piracema – pelo menos até antes das leis de preservação), a variante mais produtiva, com 88% das ocorrências, está em *minha Matrinxã*. O uso de *meu Matrinxã* apresentou baixa frequência no Ponto 1; este uso pode estar justificado pela possível elipse do hiperônimo *peixe*, ou por esse um substantivo registrado em dicionário como comum-de-dois gêneros. Observada as variáveis diageracional e diagenérica, destaca-se o uso no feminino por mulheres da F2.

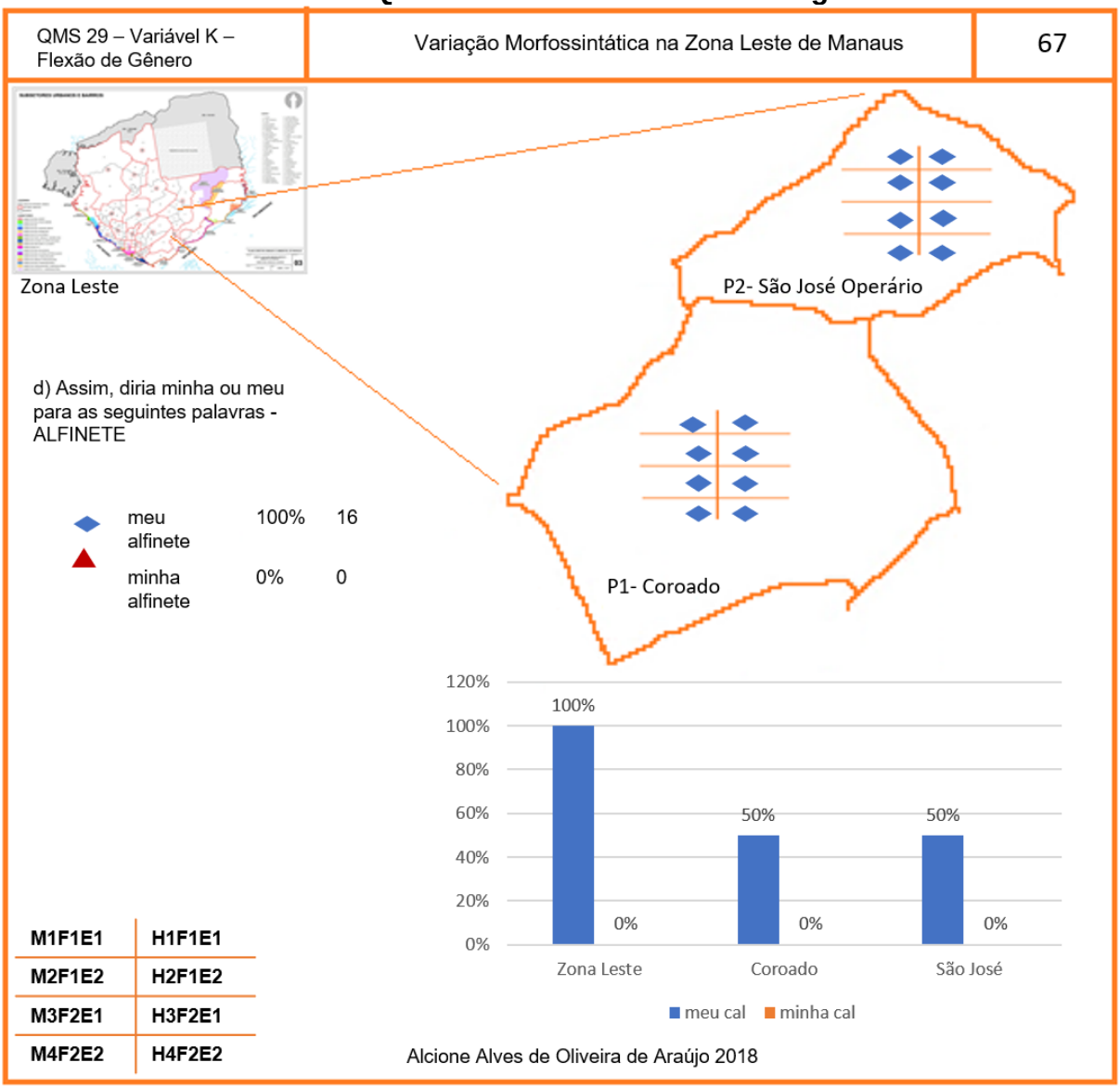
Carta Morfossintática 65 - QMS 29 Variável K – Flexão de gênero: alface



Na carta 66, retoma-se a variável gênero para alface, registrando-se equivalência no uso da variante para os dois pontos (diatópica). Salienta-se o registro espelhado das variantes no que tange às variáveis diagenérica (masculino 50% para os homens, feminino 50% para as mulheres) e diageracional (Ponto 1: Masculino para F1; Ponto 2 - Feminino para a F2).

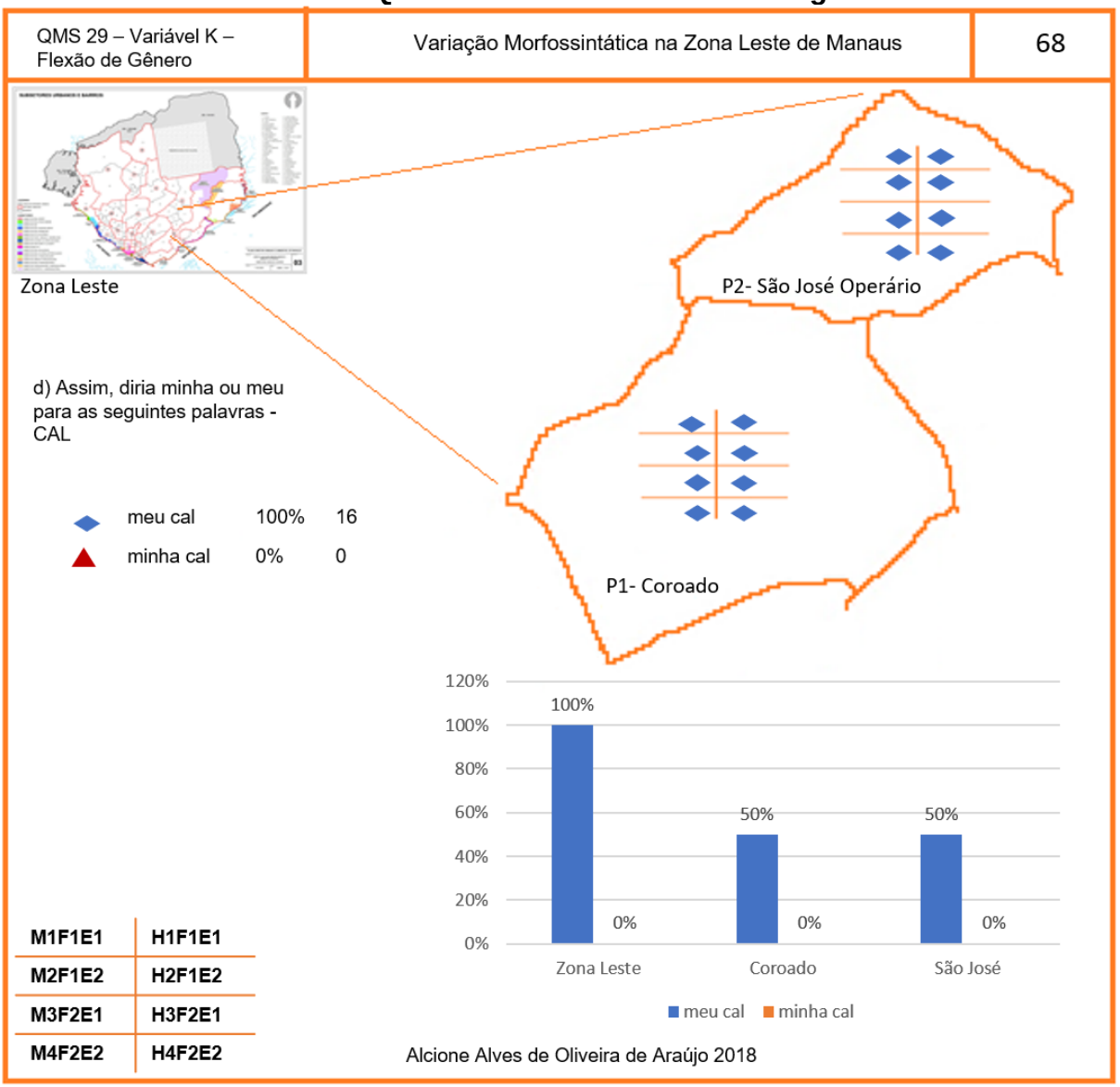
Em comparação às cartas 55 e 56, pondera-se que apenas 50% dos informantes manteve a flexão usada para as questões anteriores e que os demais 50% não possui uma flexão definida. Infere-se, por essa comparação, que a norma de uso para o gênero de *alface* é o masculino.

Carta Morfossintática 66 - QMS 29 Variável K – Flexão de gênero: alfinete



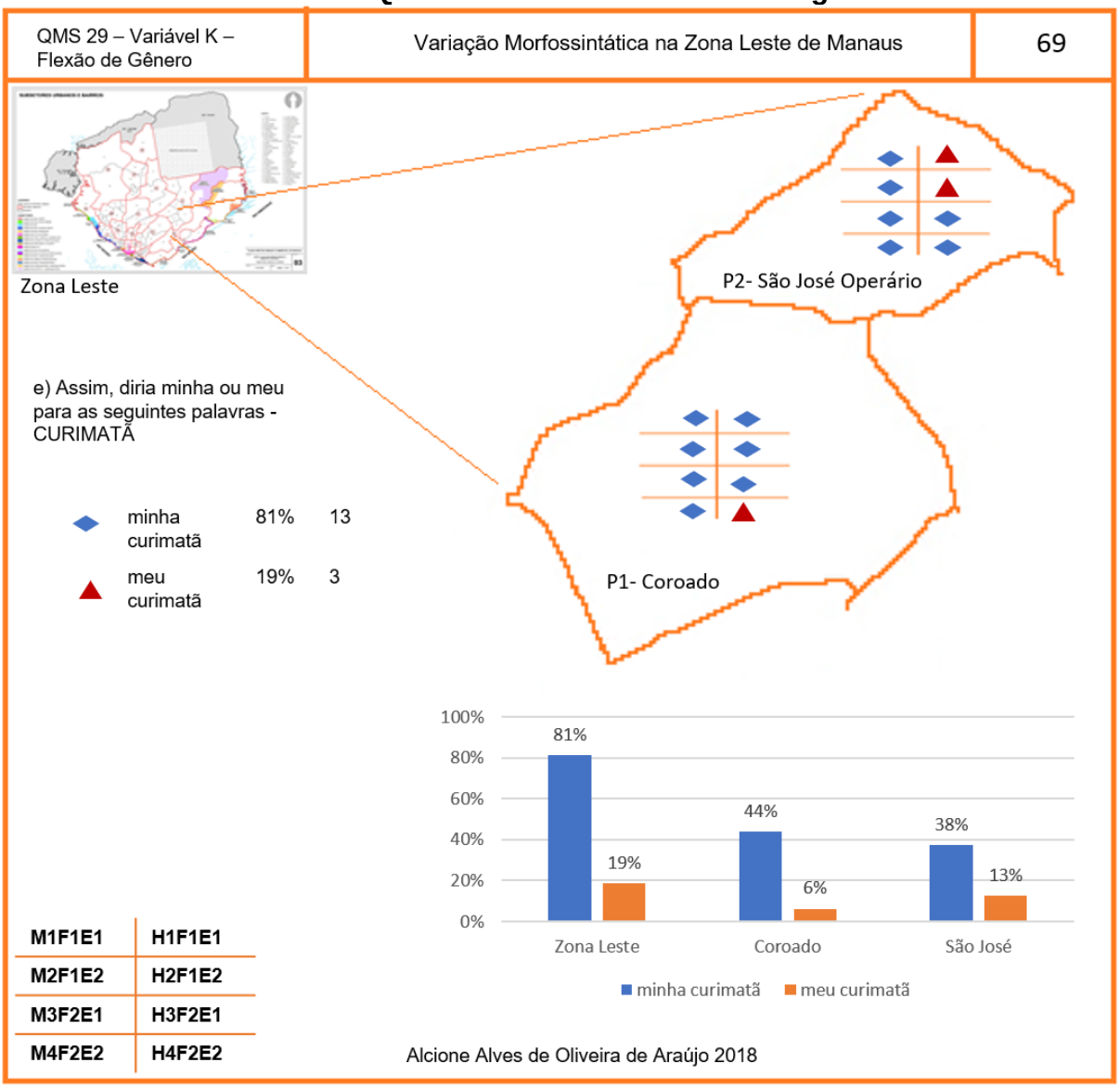
A carta 67 apresenta a flexão do substantivo alfinete, com uma forma única, *meu alfinete,* em todos os pontos e para todas as variáveis extralinguísticas. A escolha dessa variável ocorreu para analisar se, por analogia à *agulha,* poderiam aparecer formas femininas.

Carta Morfossintática 67 - QMS 29 Variável K – Flexão de gênero: cal



A carta 68 retoma a variável de gênero para *cal*, Carta 58, com baixa frequência para *a cal.* Na carta em tela, a flexão do substantivo *cal* apresentou forma única, *meu cal,* em todos os pontos e para todas as variáveis extralinguísticas. A escolha dessa variável ocorreu para analisar se os falantes tinham conhecimento da forma padrão *a cal.*

Carta Morfossintática 68 - QMS 29 Variável K – Flexão de gênero: curimatã

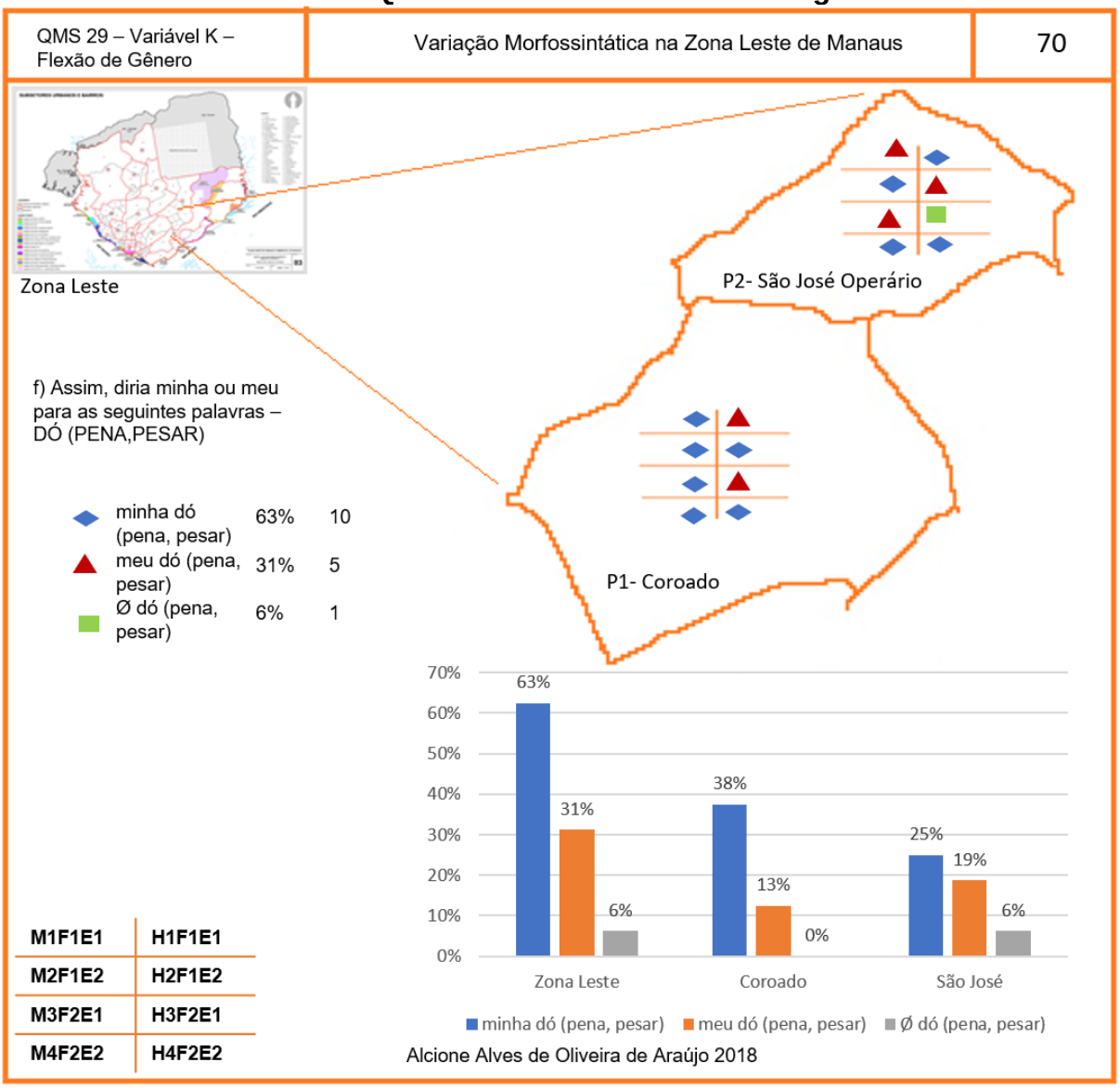


A carta 69 registra o uso de determinantes para nomes de gênero único designativos do peixe da espécie Curimatã que, a exemplo de Matrinxã, é um peixe muito consumido na Amazônia, principalmente na época da piracema (pelo menos até antes das leis de preservação), a variante mais produtiva, com 81% das ocorrências, está em *minha curimatã*.

O uso de *meu curimatã* apresentou produtividade baixa com maior frequência no Ponto 2. Observada as variáveis diageracional e diagenérica, destaca-se o uso no feminino por 100% das mulheres.

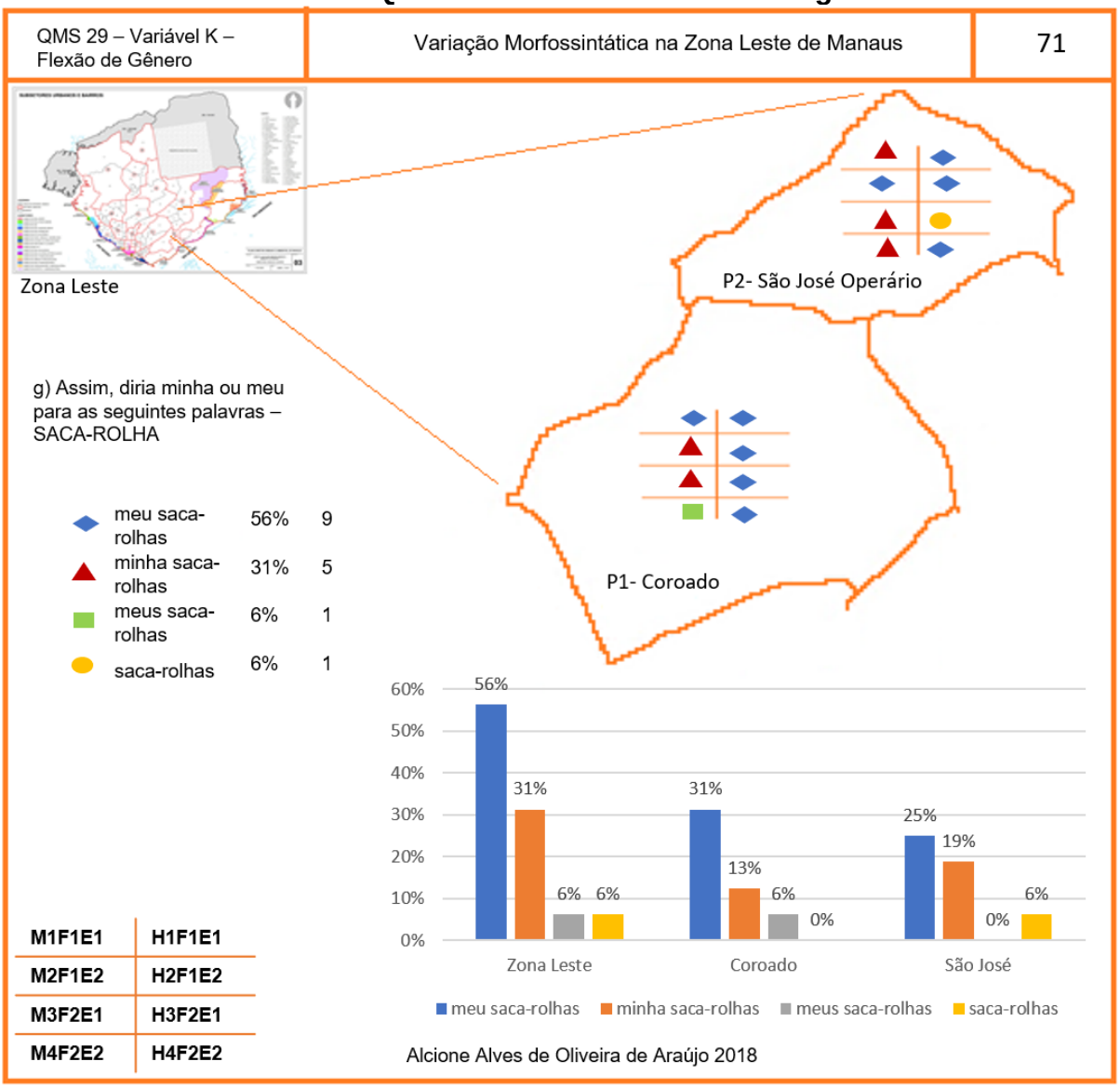
Salienta-se que a forma tem registro em dicionários como palavra de gênero único masculino.

Carta Morfossintático 69 - QMS 29 Variável K – Flexão de gênero: dó



A Carta 70 apresenta a variável de gênero para *dó* (sentido de pena, pesar) cuja frequência do gênero feminino (63%) foi mais registrada na variável diagenérica por mulheres; a variante *meu dó*, prescrita pela norma padrão, registrou equivalência na variável diatópica entre homens e mulheres. Houve um informante que omitiu o determinante (#).

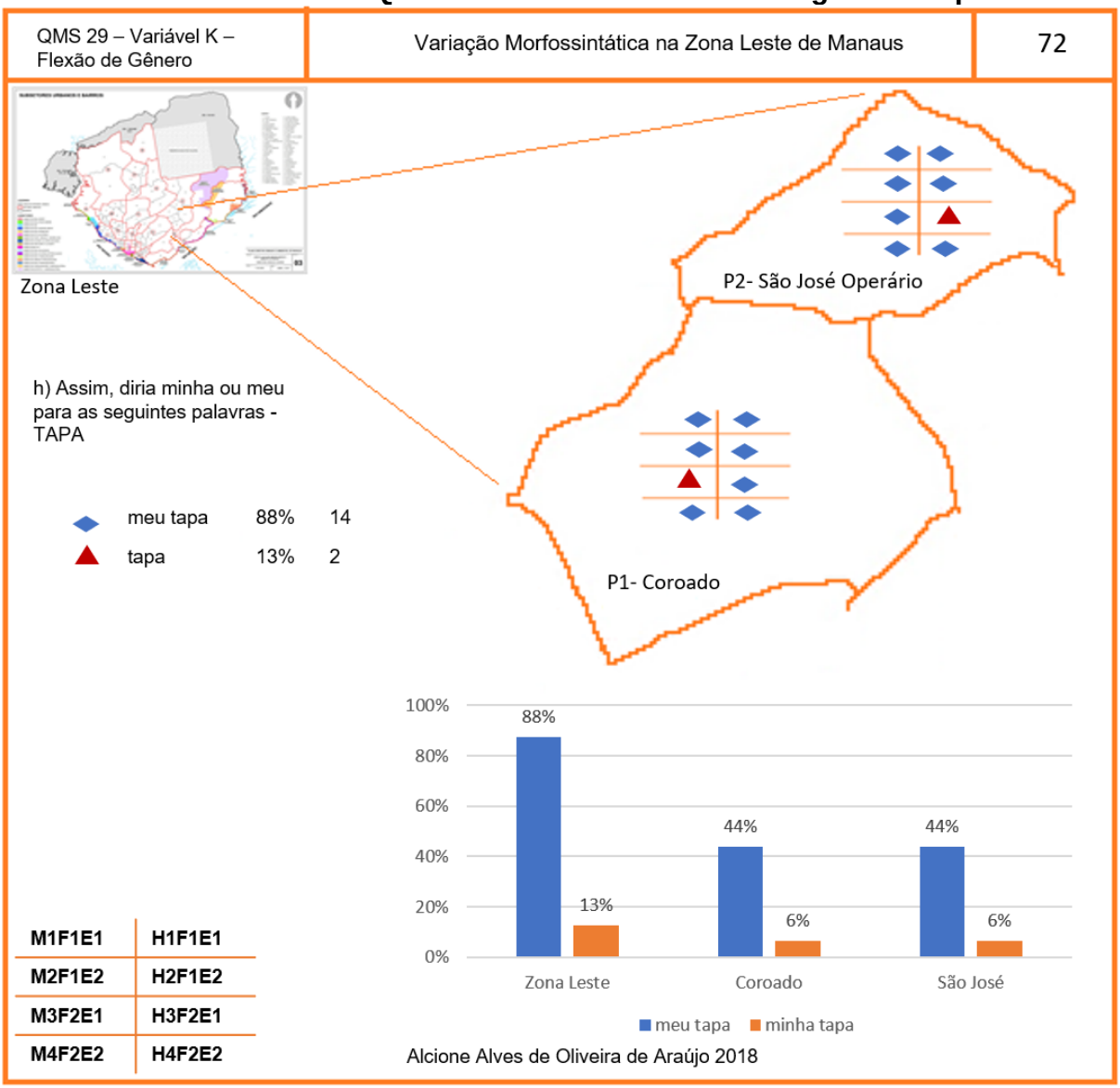
Carta Morfossintático 70 - QMS 29 Variável K – Flexão de gênero: saca-rolhas



A carta 71 apresenta com maior produtividade a variante masculina para o nome *saca-rolhas,* com ocorrência também de uso no feminino (31%) para minha *saca-rolhas.* Observa-se também a baixa frequência do uso pluralizado da forma.

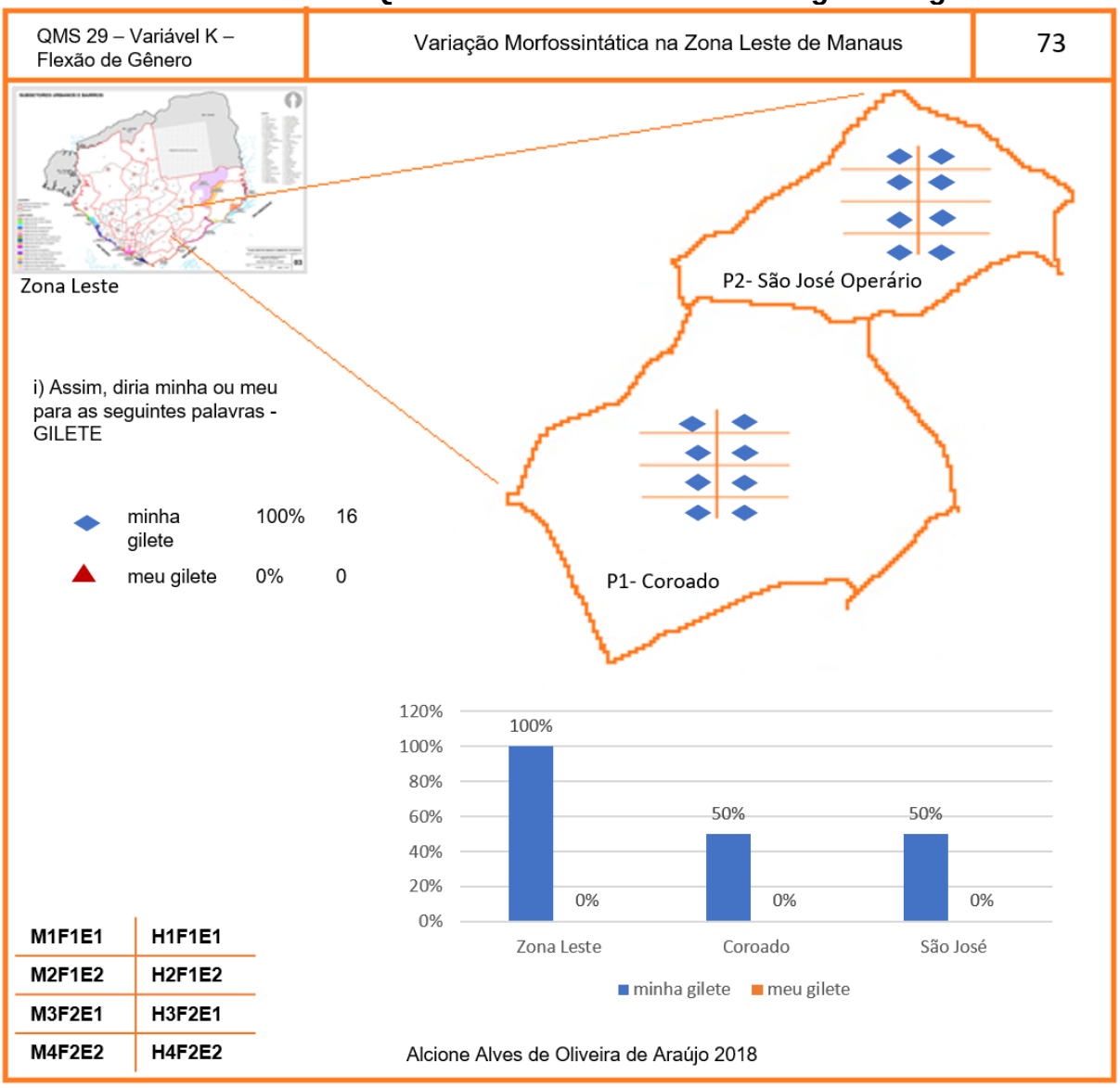
A norma de uso registra entre os homens (variável diagenérica) é *meu saca-rolhas.*

Carta Morfossintática 71 - QMS 29 Variável K – Flexão de gênero: tapa



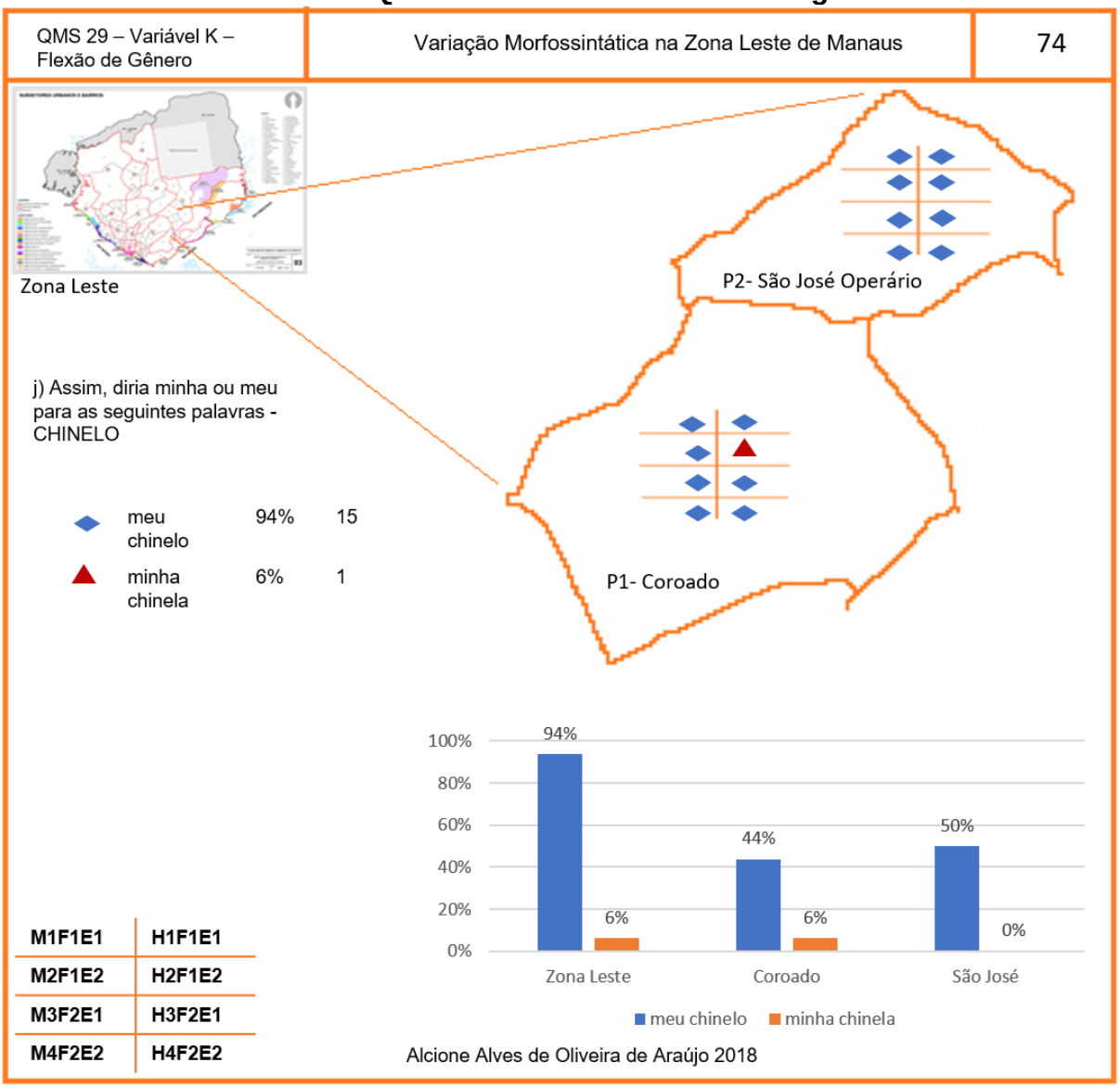
Na Carta 72, indicam-se as variantes de gênero para *tapa* cuja alta frequência do gênero masculino (88%) foi mais registrada na variável diagenérica por homens no Ponto 1 e por mulheres no Ponto 2, a variante *minha tapa* foi de baixa frequência e distribuição irregular em ambos os pontos. Observa-se que a variante de prestígio masculina é a prescritas pela norma-padrão.

Carta Morfossintática 72 - QMS 29 Variável K – Flexão de gênero: gilete



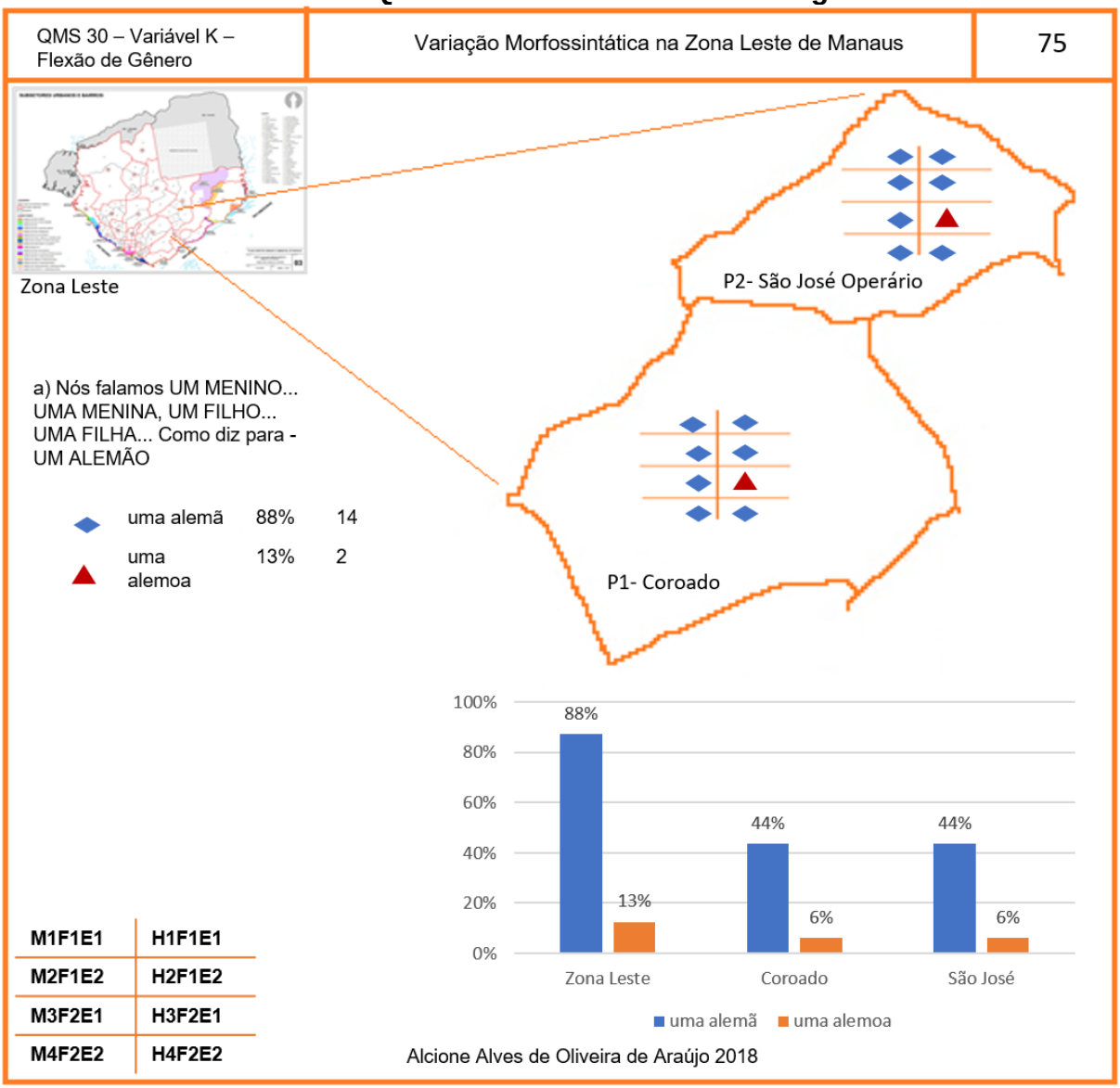
Na Carta 73, registram-se as variantes de gênero para *gilete* cuja alta frequência do gênero feminino (100%) pode estar relacionada ao hiperônimo lâmina, posto que se trata de uma metonímia cristalizada na língua: um aparelho/instrumento de barbear fabricado pela empresa Gillete.

Carta Morfossintática 73 - QMS 29 Variável K – Flexão de gênero: chinelo



Na Carta 74, houve alta frequência para a variante *meu chinelo* (94%), com um registro de baixa frequência e distribuição irregular para a variante *minha chinela* (6%) para H2F1E2.

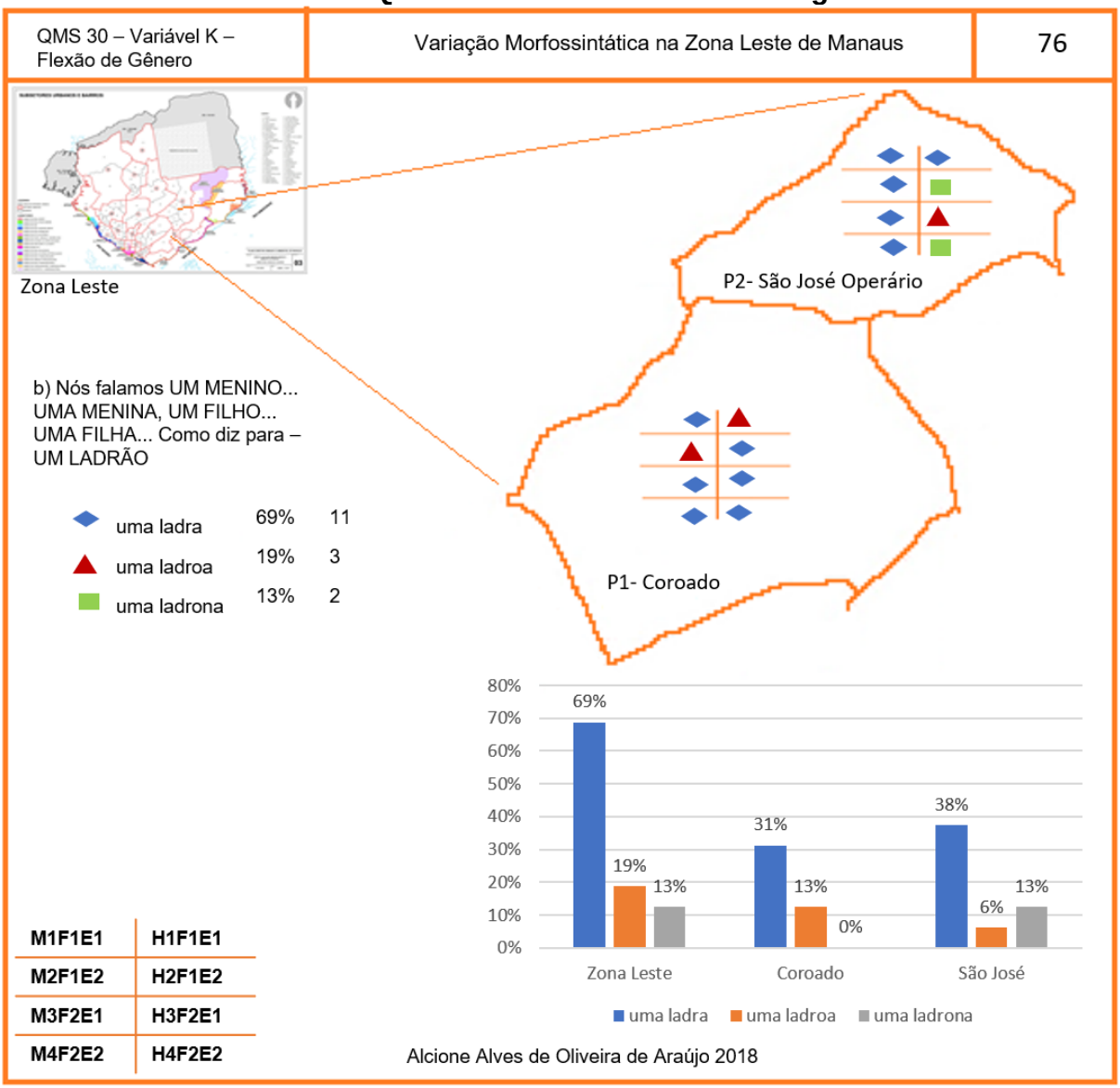
Carta Morfossintática 74 - QMS 30 Variável K – Flexão de gênero: alemão



Na Carta 75, registram-se as variantes de gênero para *alemão* cujo tema em {-o} (semivocalizado), têm suprimida essa vogal e acrescida de {-a} com posterior fusão por crase: alemão <alemã + a< alemãa <alemã.

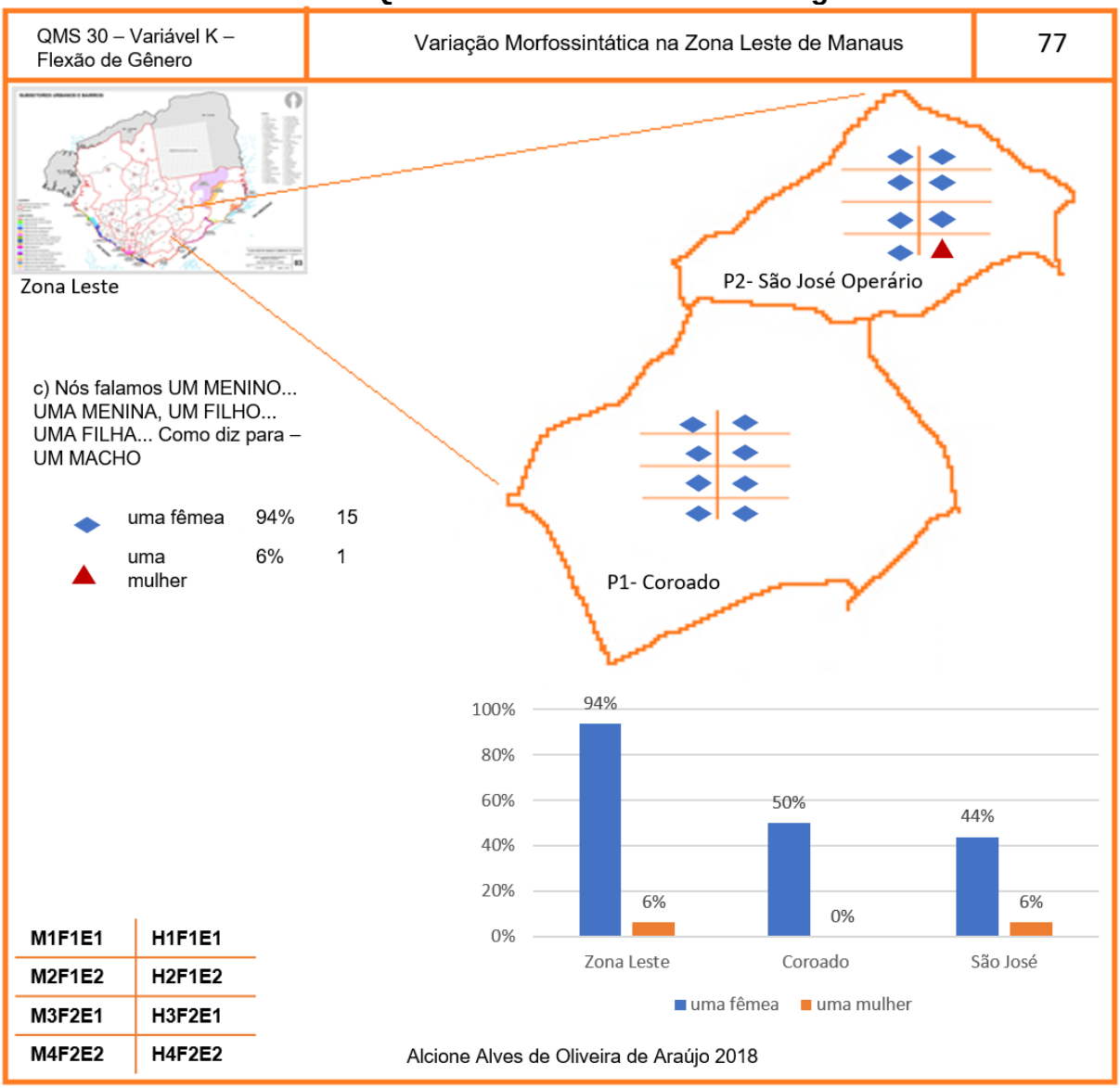
Esse processo morfológico foi registrado pela maioria dos informantes, sendo a forma mais produtiva *uma alemã* (88%) em alta frequência e distribuição regular; a variante *alemoa,* com 13%, é de baixa frequência e distribuição irregular em ambos os pontos.

Carta Morfossintática 76 - QMS 30 Variável K – Flexão de gênero: macho



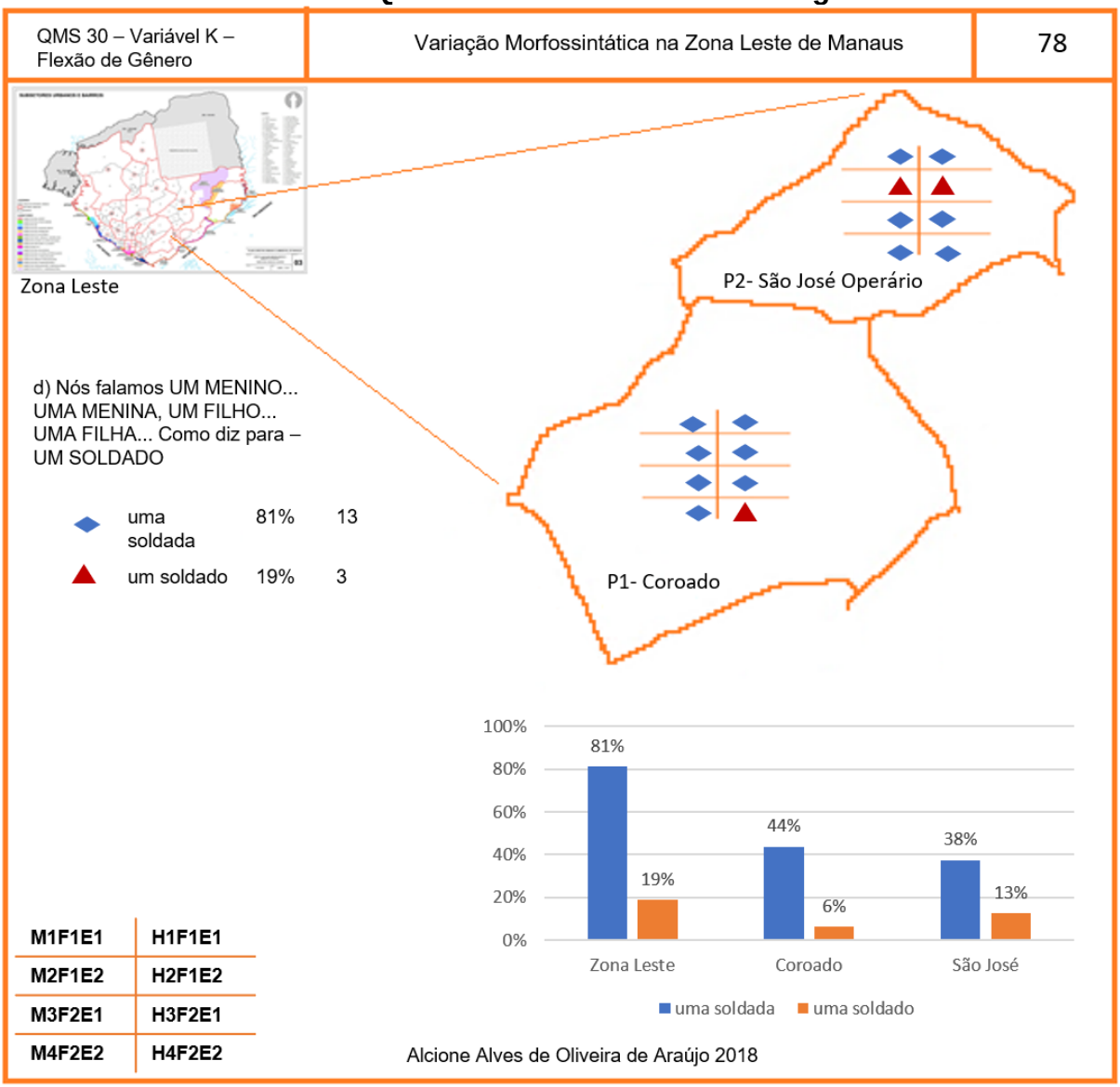
A carta 76 reitera as variantes para o feminino de *ladrão*, Carta 61. Na carta em tela, a frequência para *ladra* não se manteve *reduzindo em 6%;* observa-se também a alternância entre os homens e mulheres entre *ladra* (na Carta 61) e *ladrona,* nesta. As mulheres reiteraram a preferência pela variante *ladra,* sendo portanto a norma de uso para a variável diagenérica (M)

Carta Morfossintática 75 - QMS 30 Variável K – Flexão de gênero: ladrão



Na carta 77, observa-se a alta frequência da variante *uma fêmea (94%).* Considerando a variável diatópica aparece em 100% dos informantes do Ponto 1 sendo para eles a variante de prestígio. A baixa frequência observada para a variante *uma mulher* demonstra que os informantes recorrem a outro lexema quando na dúvida.

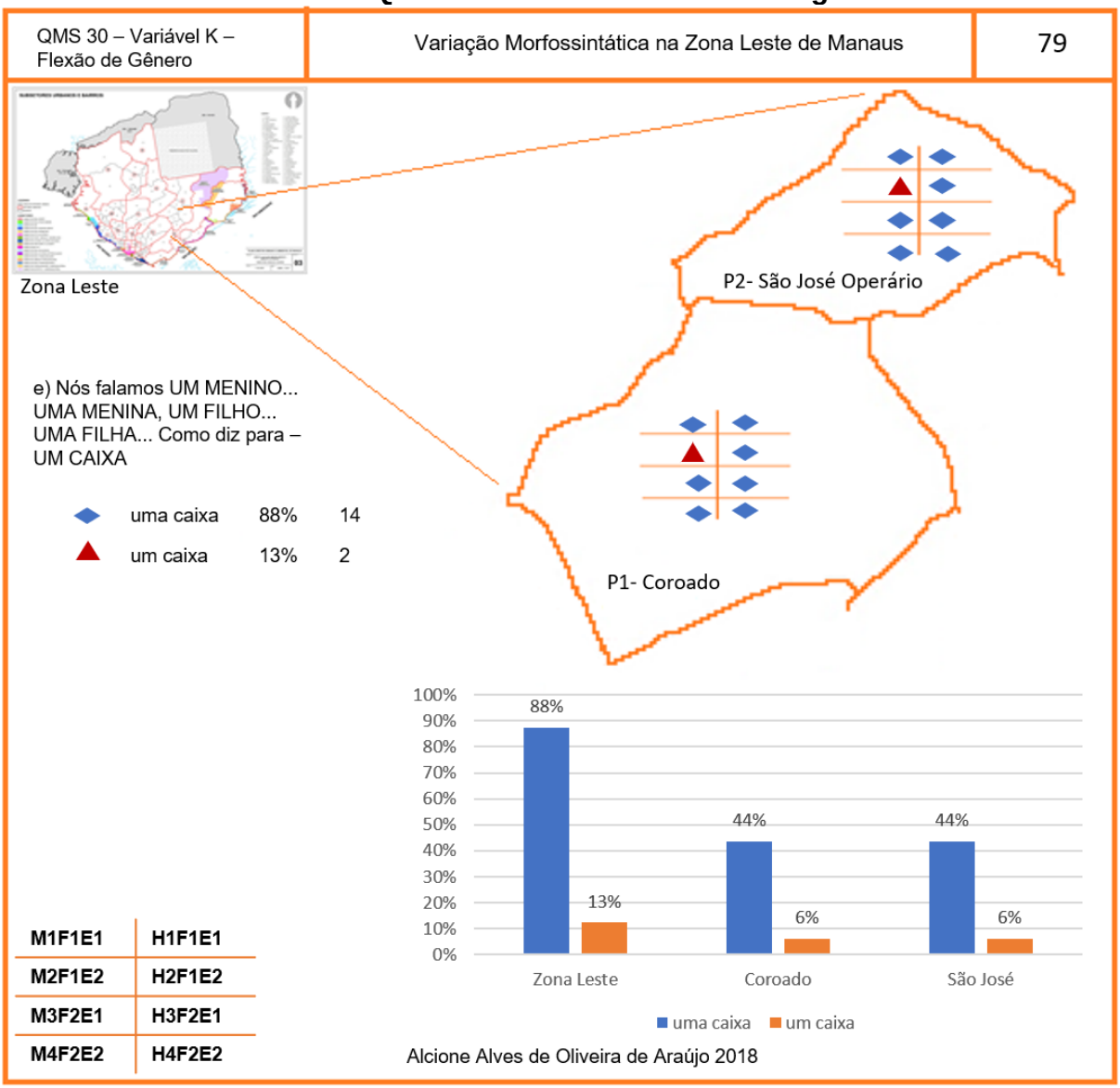
Carta Morfossintática 76 - QMS 30 Variável K – Flexão de gênero: soldado



Na carta 78, o nome *soldado,* em análise, apresentou como variante mais produtiva para a flexão de gênero *uma soldada* com a alta frequência de 81% dos registros, sendo o Ponto 1, da variável diatópica, a distribuição mais regular. Embora a variante mais produtiva soe estranha, sobrepôs-se a variante *um soldado* (19%) a qual representa uma flexão ideológica posto que o cargo de soldado é uma profissão exercida historicamente por “homens”.

Observa-se, porém, que a flexão de nomes terminados em {-o} apresenta o uso de morfema substitutivo {-a} como norma geral para a Língua Portuguesa, sendo a forma prestigiada, portanto factível na língua.

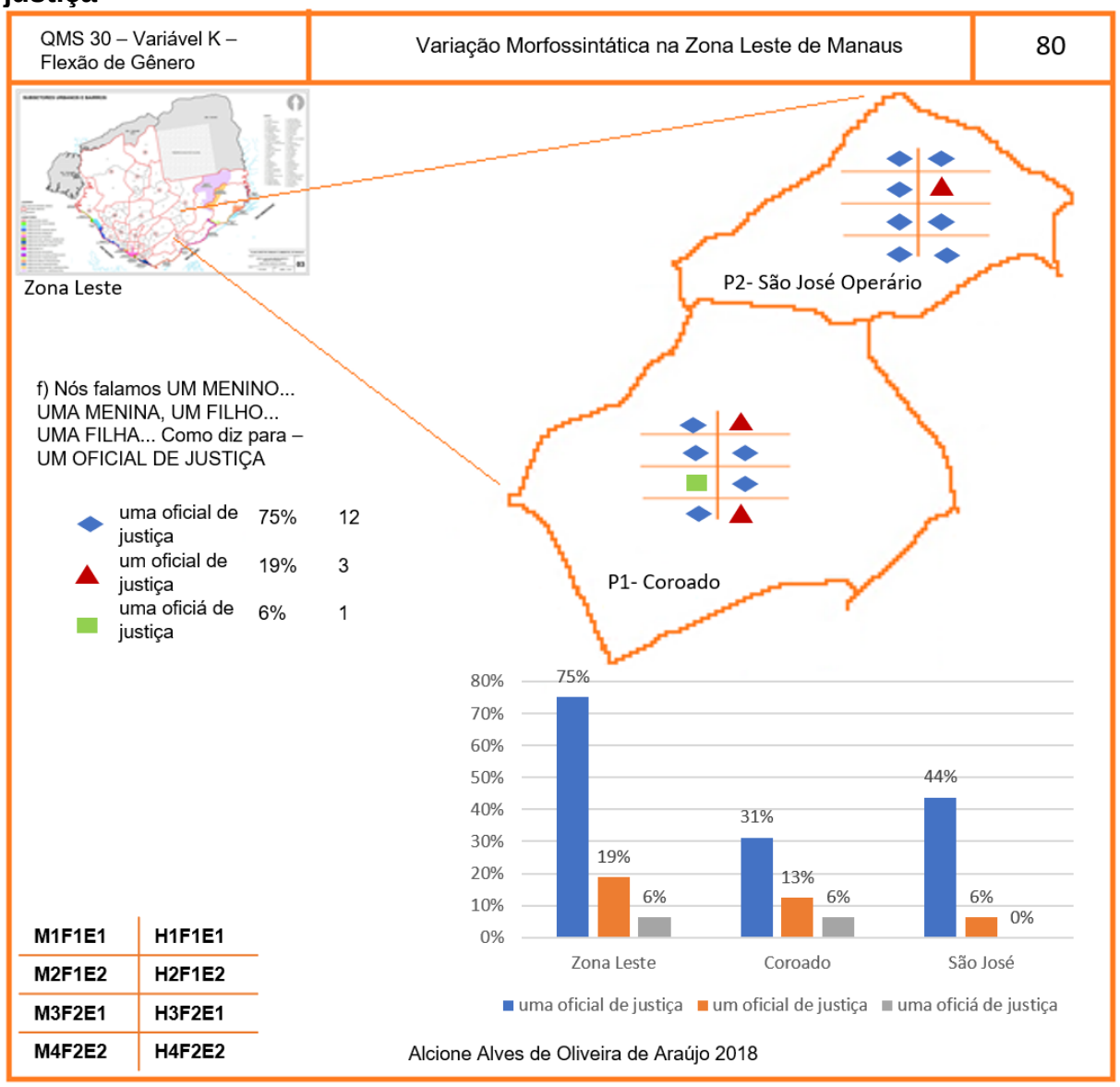
Carta Morfossintática 77 - QMS 30 Variável K – Flexão de gênero: caixa



Na carta 79, registra-se a flexão de gênero para caixa. A variante mais produtiva foi a flexão para o feminino *uma caixa* (88%), com maior ocorrência para a variável diagenérica (H) em ambos os pontos e para a variável diageracional F2.

Observa-se aqui o gênero usado *uma caixa* remete a um outro signo linguístico: qualquer receptáculo, de madeira, papelão, metal etc, destinado a guardar ou transportar objetos; no masculino: indivíduo que trabalha numa caixa ('seção', 'local'), entre outros encontrados em dicionários. Supõe-se ocorrer para *a caixa* uma silepse de gênero, já que o uso da variante feminina pode ser justificado, na atualidade, por ser a mulher quem mais exerce o cargo no comércio.

Carta Morfossintática 78 - QMS 30 Variável K – Flexão de gênero: oficial de justiça



Na carta 80, o nome *oficial de justiça,* em análise, apresentou como variante mais produtiva apenas a flexão do determinante *uma oficial de justiça* com a alta frequência de 75% dos registros, sendo no Ponto 2, da variável diatópica, a distribuição mais regular.

A variante "*um oficial de justiça",* com 19%, bem como a mais produtiva, representa uma flexão ideológica, uma vez que, no sistema da Língua Portuguesa, é factível, para nomes "terminados em vogal atemática, *-s, -l, -z* acrescentam {-a} sem qualquer alteração morfofonêmica" (BECHARA, 2015, p. 142). Portanto, a variante *oficiala* seria esperada na pesquisa.

4.12 Plural dos substantivos

A Variável L objetiva mapear a desinência de plural mais produtiva nos pontos em observação, bem como a análise do registro de alomorfias e metafonia. A flexão de número dos substantivos é uma forma marcada. Segundo Rocha (2008, p. 191) para a indicação do número de substantivo há uma regularidade cabal porque “dado um substantivo, é possível constatar ou prever a existência desse mesmo substantivo com a marca de plural”, havendo poucos casos de substantivos invariáveis em número.

Para flexionar em número um substantivo, são aplicadas regras morfofonológicas e sintáticas. As regras morfológicas agregam o acréscimo do morfema aditivo {-s~-is} a um tema na língua, em alguns casos (*jornal/jornais*) regras fonológicas são somadas às morfológicas para constituir o plural; as regras sintáticas refere-se às relações do núcleo com os determinantes, por exemplo: *muitos pães gostosos* – os determinantes *muitos* e *gostosos* flexionam-se com a finalidade única de concordar com pães.

A variável em análise para a pluralização dos substantivos considerou a desinência nominal de plural {-s} e alomorfias {-is/-es/-ões/-ães} em contextos diversos: degrau, gol, pão, mão, flor, olho etc; vogal ou ditongo +{-s~-is~-es~Ø}; consoante + {-is~-s~es~Ø}. Os resultados gerais assim são sintetizados:

- foram identificadas com frequência mais alta e distribuição regular as variantes recomendadas pelo norma-padrão da língua;

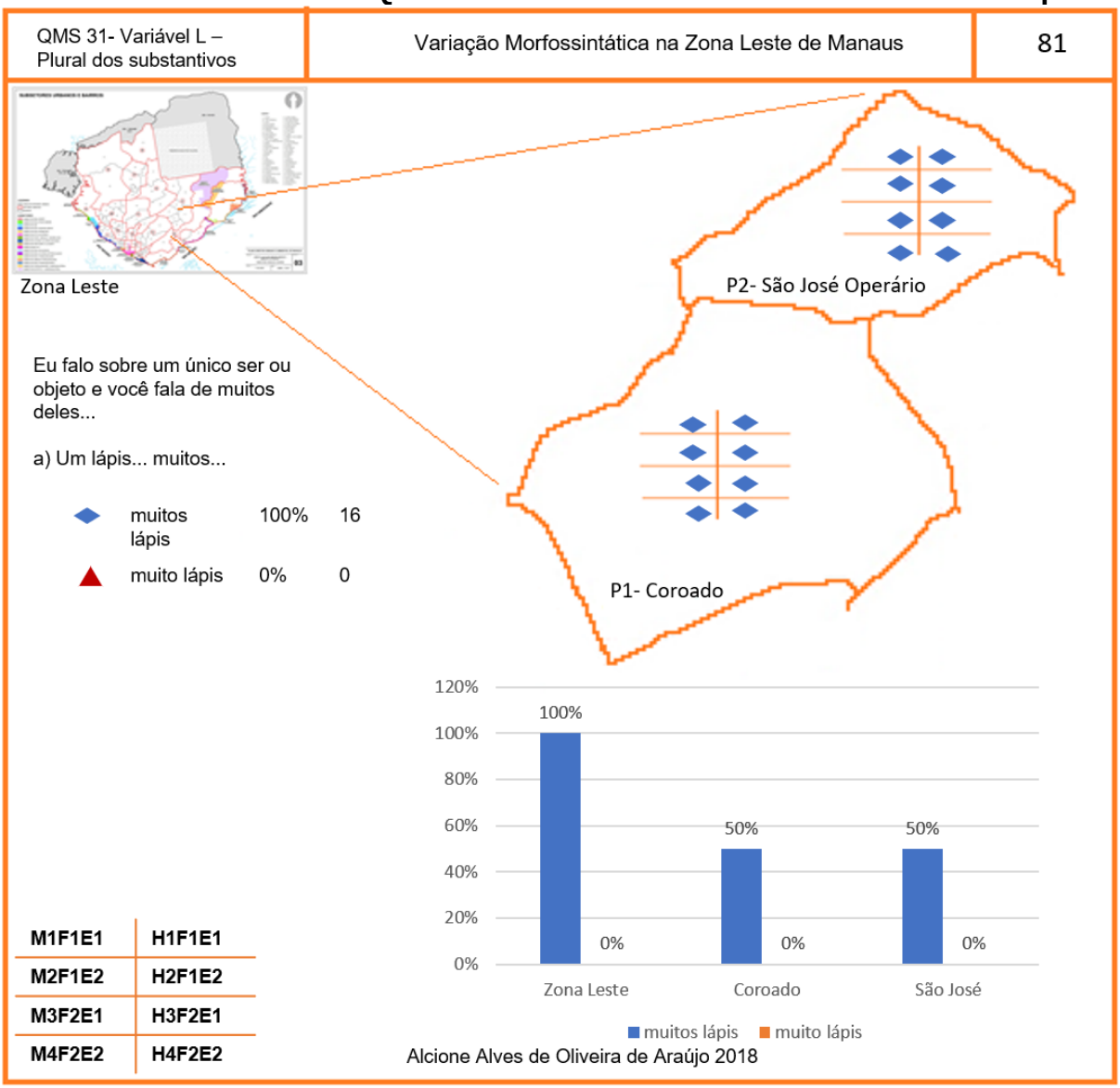
- houve a distribuição regular da flexão pelo acréscimo do morfe {-s} e seus alomorfes;

- destacam-se os casos de metafonia para porcos e tijolos;

- outro destaque está na concordância no sintagma em que a regularidade se deu pela flexão do núcleo nominal em concorrência com a flexão do primeiro determinante somente;

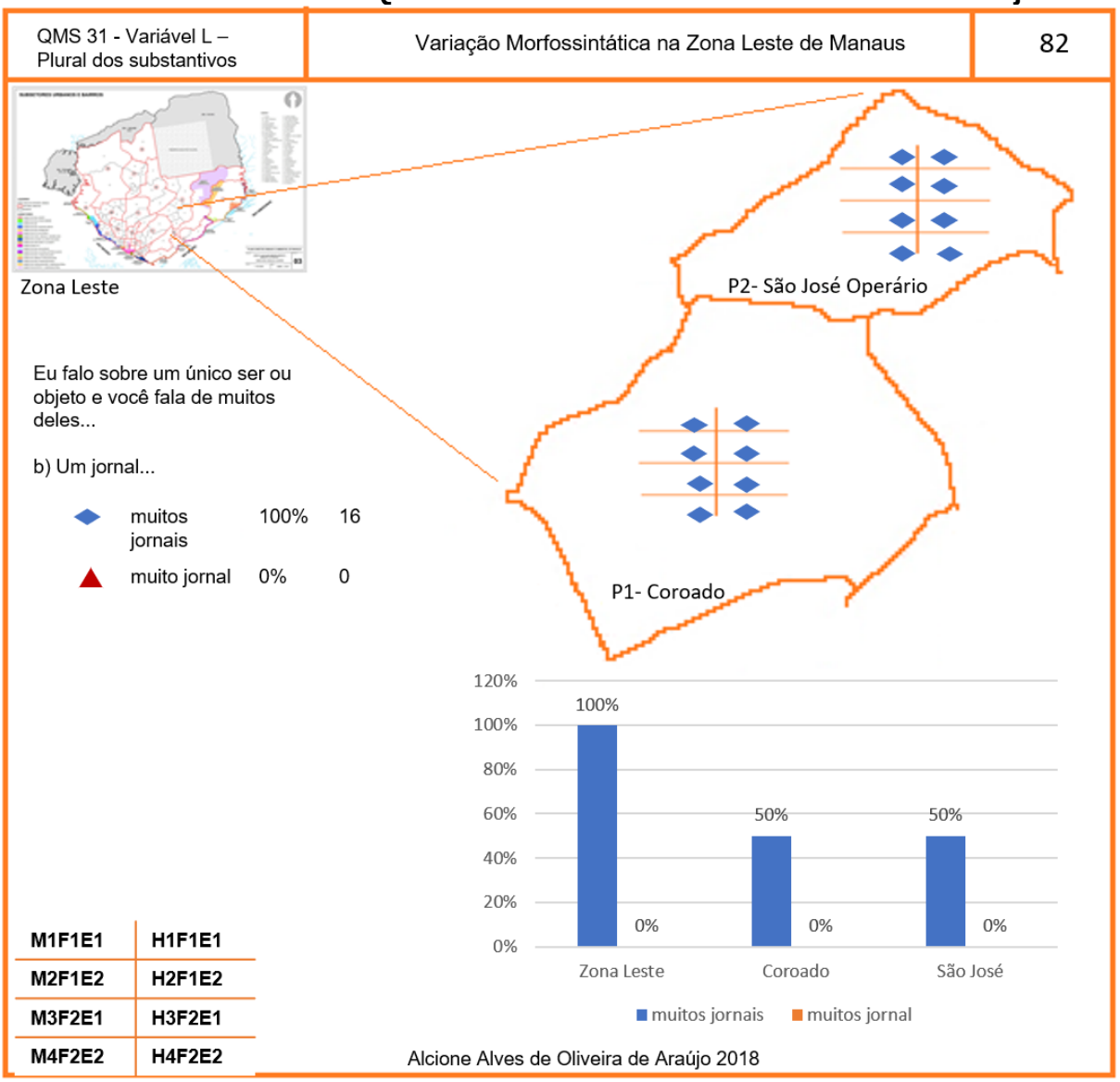
- em casos de adjetivos compostos seguiram a tendência normativa dos substantivos, com a flexão dos dois radicais (*verdes-claros*) .

Carta Morfossintática 79 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos: lápis



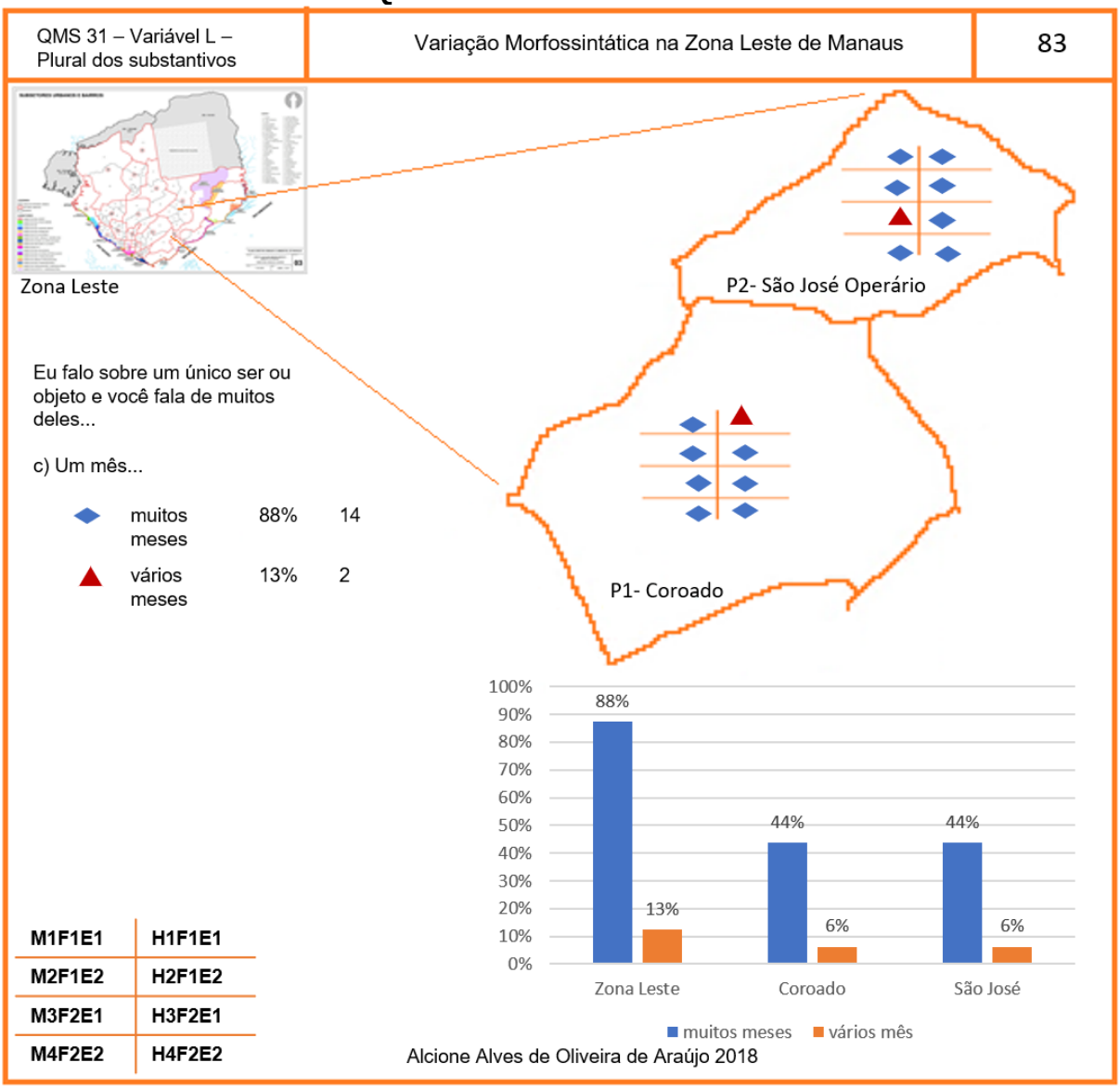
Na carta 81, a variante mais produtiva para a flexão de número dos nomes manteve 100% do uso do determinante para indicar a pluralização.

Carta Morfossintática 80 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos: jornal



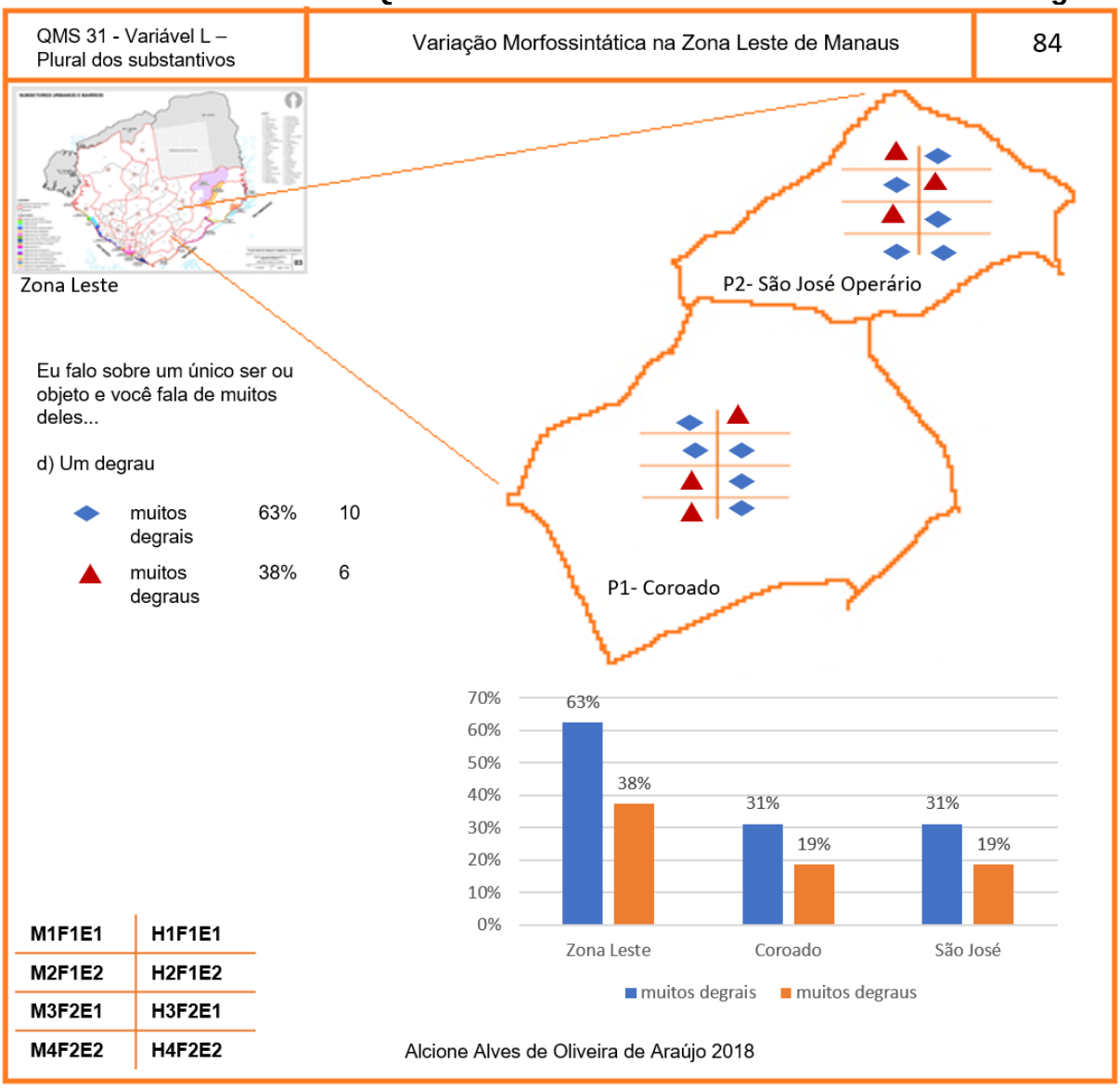
Na carta 82, o nome *jornal,* em análise, apresentou como flexão a prescrita na pela norma-padrão. Bechara (2015, p.128) aponta para a flexão de palavras terminadas em *-l: restituição da VT*; acréscimo do pluralizador {-s}; posterior regras morfofonêmicas (com a queda do -l e passagem da VT a semivogal): jornal < jornale < jornales < jornaes < jornais.

Carta Morfossintática 81 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos: mês



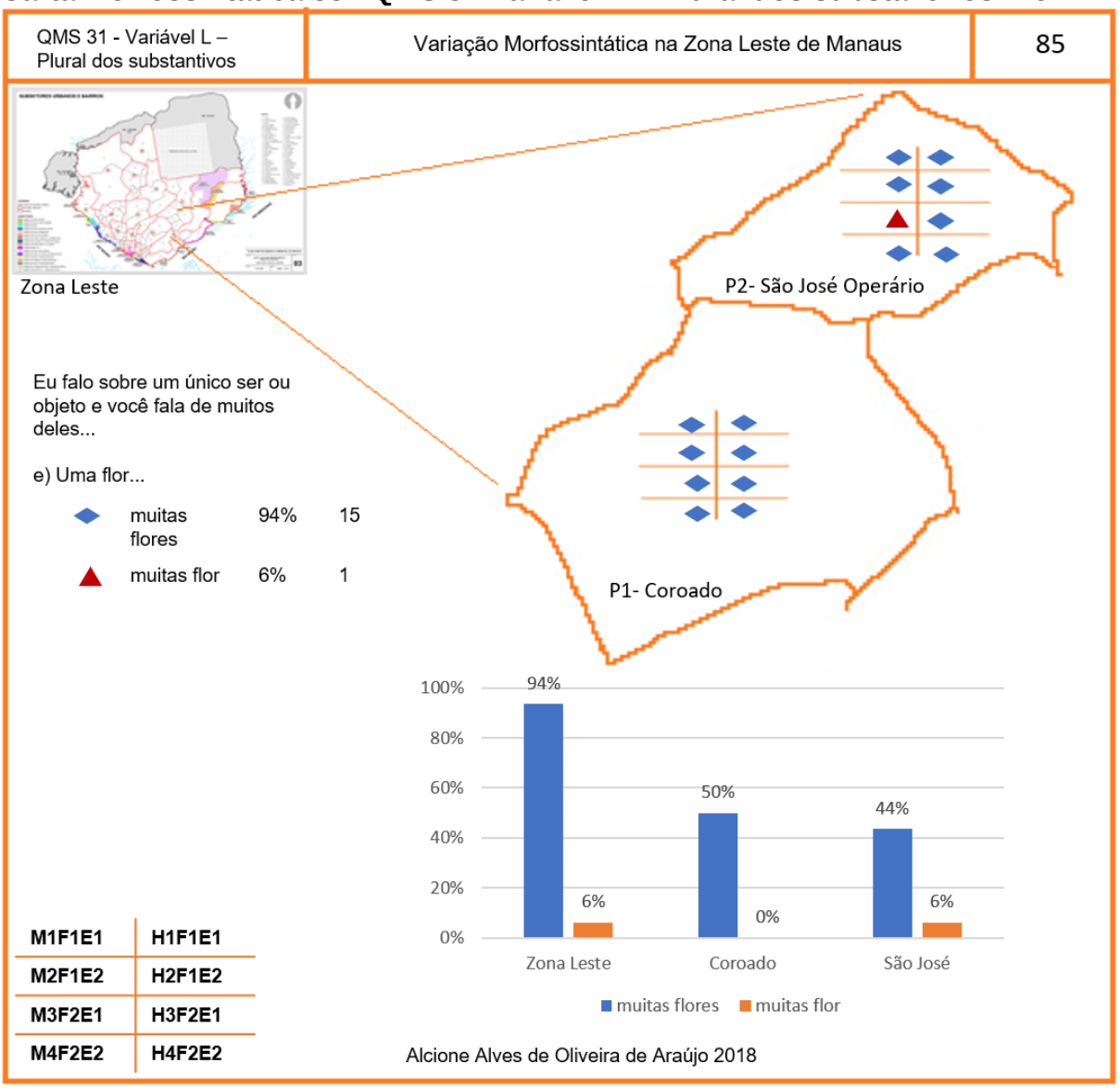
Na carta 83, o sintagma um *mês,* em análise, apresentou como flexão nominal de número regular a prescrita pela norma-padrão para o núcleo mês. Houve o registro de duas variantes *muitos meses* e *vários meses,* das quais a mais produtiva foi *muitos meses* com catorze ocorrências, equivalentes a 88% no geral, sendo considerada a norma de maior prestígio em ambos os pontos.

Carta Morfossintática 82 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos: degrau



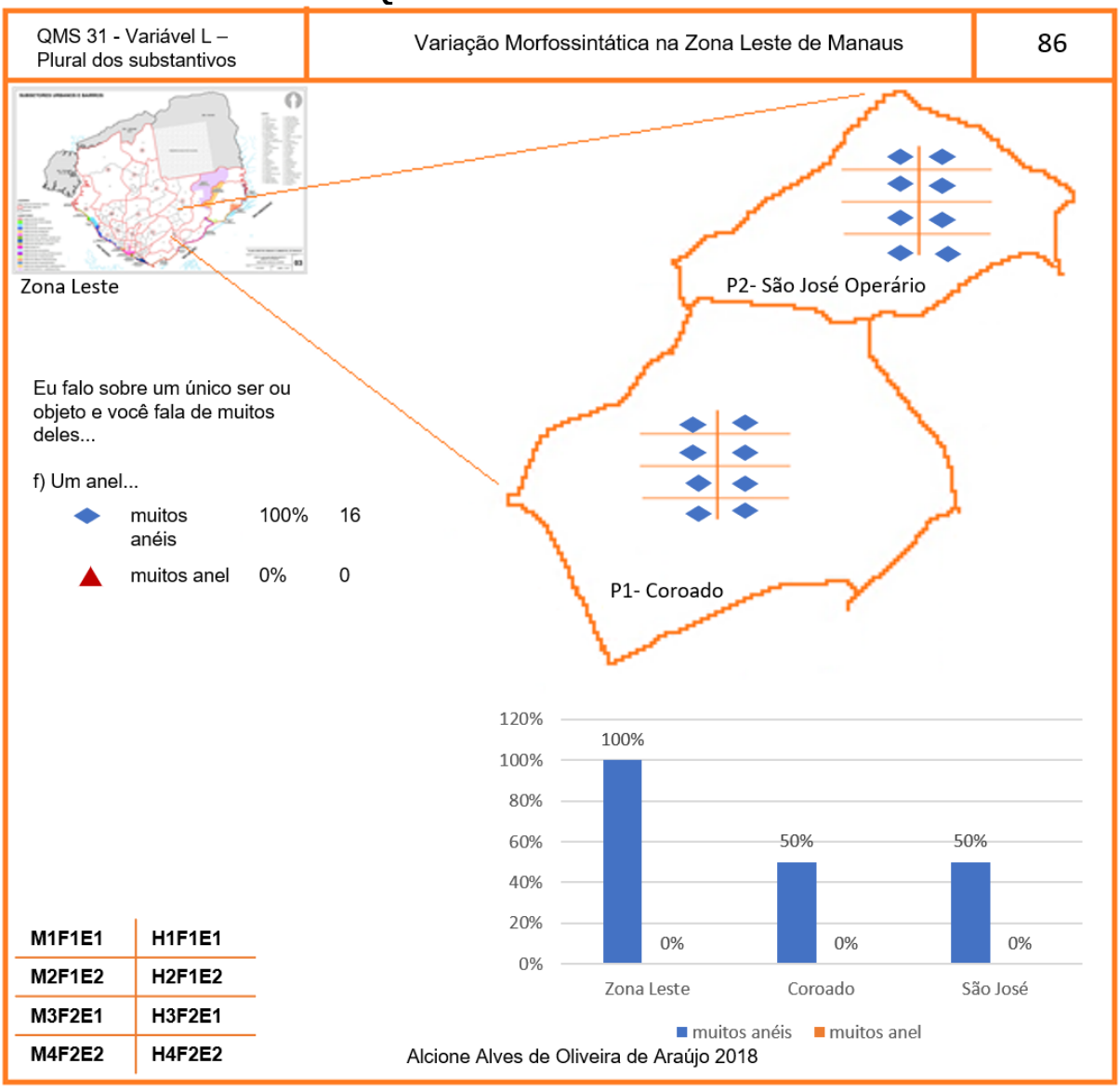
Na carta 84, o nome *degrau* apresentou como variante mais produtiva para a pluralização: *degrais* (63%), sendo a norma de uso entre os homens; e, a segunda ocorrência, prescrita pela norma-padrão, com 38%, *degraus*, sendo norma de uso entre as mulheres. A flexão análoga aos nomes terminados em -l, como jornal (Carta 82) pode ser justificado porque esta forma tende à semivocalização da lateral (/jor'naw/) tal qual o ditongo de degrau (de'graw). A frequência mais alta está entre os homens de ambos os pontos, na perspectiva diageracional a F1 do Ponto 1 faz mais uso da variante mais produtiva, enquanto no Ponto 2, registra-se o uso maior pela F2.

Carta Morfossintática 83 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos: flor



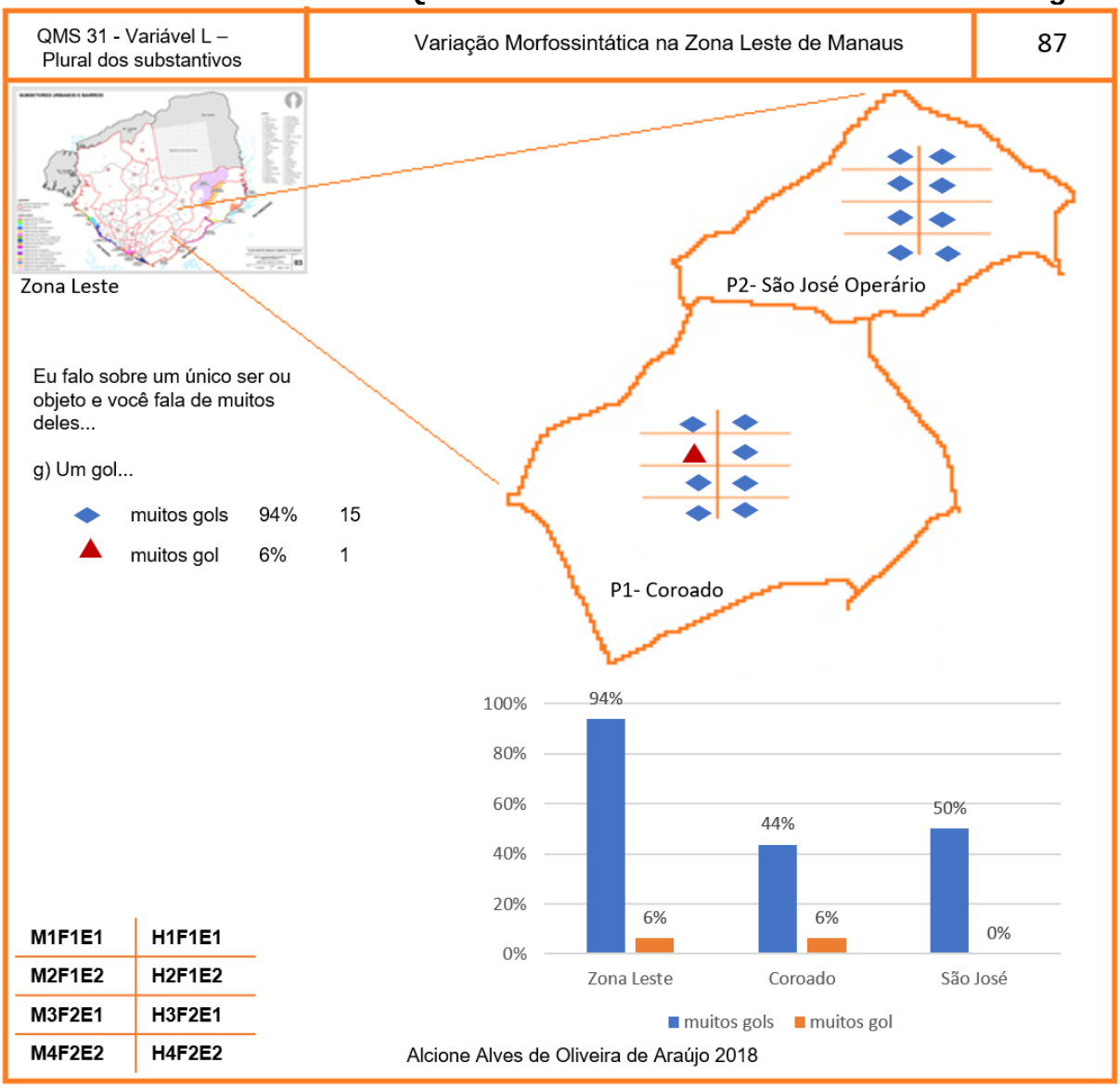
Na carta 85, a pluralização de flores é mais produtiva para a variante *muitas flores* (94%) com alta frequência e distribuição regular em todo o Ponto 1, sendo a norma de uso para esse ponto. O Ponto 2 apresentou a variante *muitas flor* em baixa frequência e distribuição irregular, podendo ser pontual e indicativa de uma diferença diastrática.

Carta Morfossintática 84 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos: anel



Na carta 86, o nome *anéis* apresentou como variante mais produtiva *muitos anéis* em 100% das entrevistas; sendo, portanto, a forma prestigiada na Zona Leste. Bechara (2015, p.128) aponta para a flexão de palavras terminadas em *-l: restituição da VT*; acréscimo do pluralizador {-s}; posterior regras morfofonêmicas (com a queda do -l e passagem da VT a semivogal): anel < anele < aneles < anees < anéis.

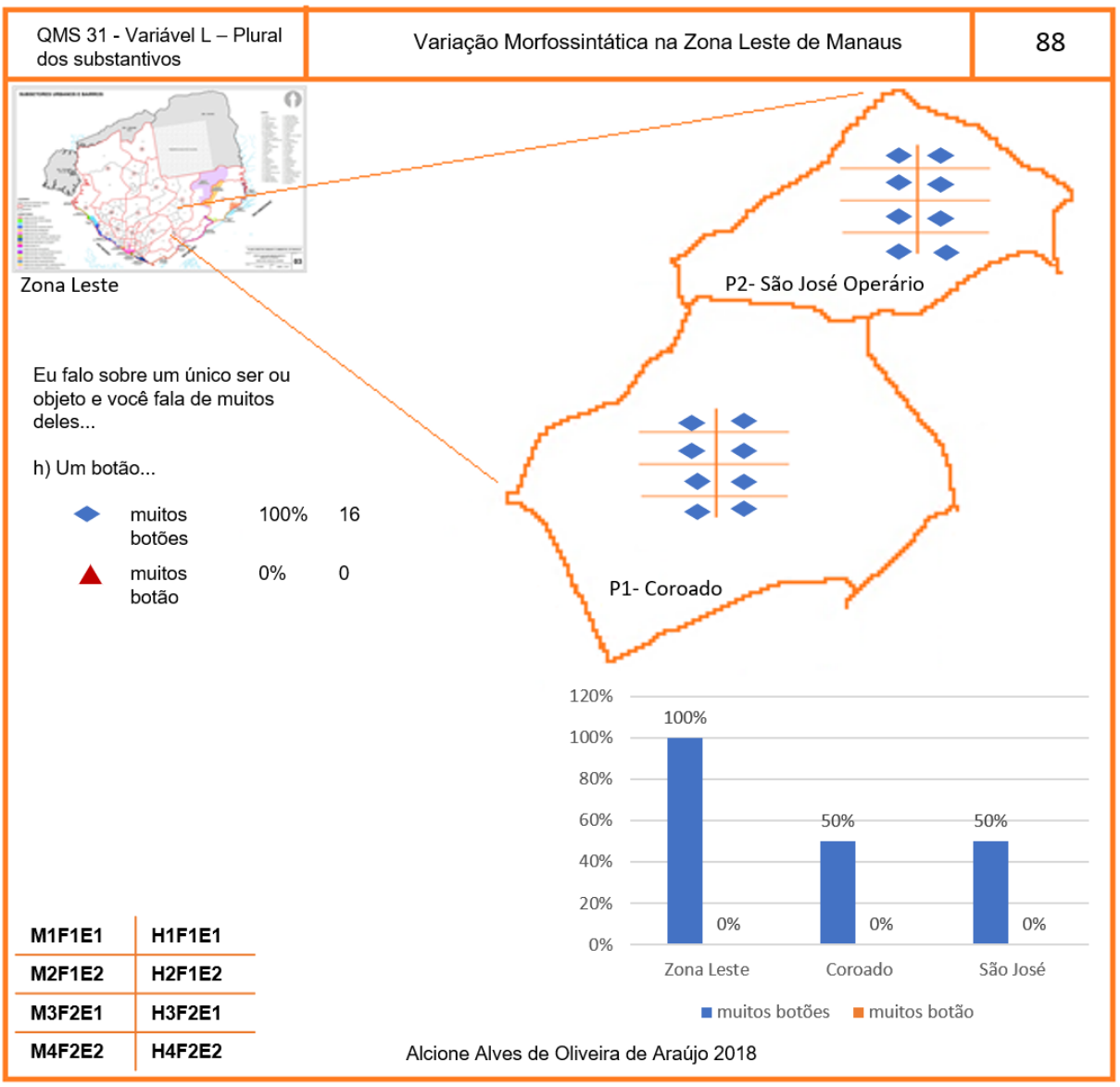
Cartas Morfossintáticas 85 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos: gol



Na carta 87, a pluralização de gol é mais produtiva para a variante *muitos gols* (94%) com alta frequência e distribuição regular em todo o Ponto 2. O Ponto 1 apresentou a variante *muitos gol* em baixa frequência e distribuição irregular, podendo ser pontual indicativa de uma diferença diastrática.

Observa-se que a pluralização não segue o sistema da Língua Portuguesa gol~*góis como em sol/sóis, mantendo a ideia de não assimilação do nome estrangeiro *gool* (inglês). Essa flexão pode ser encontrada amplamente na mídia falada ou escrita.

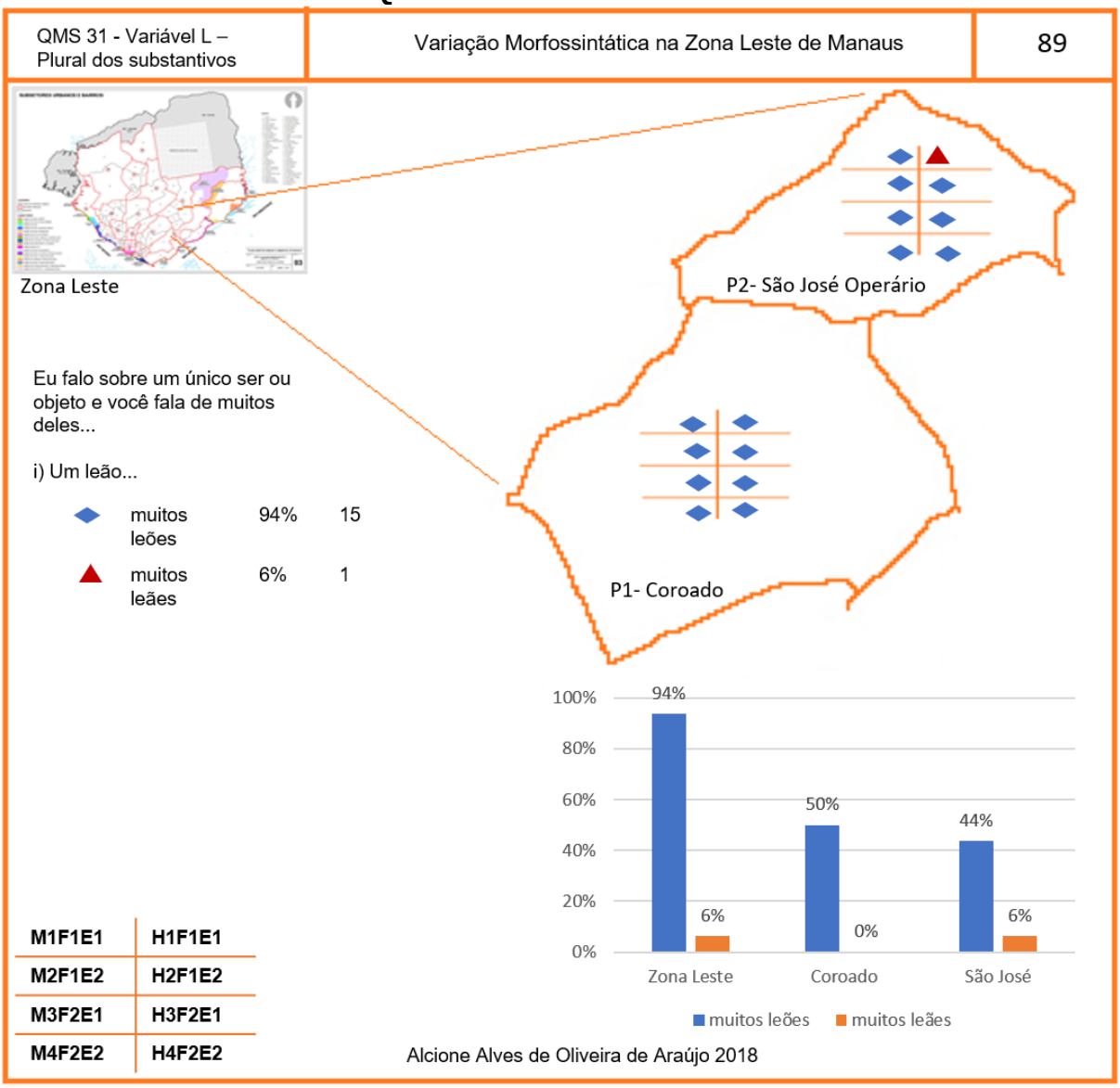
Cartas Morfossintáticas 86 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos: botão



A carta 88 apresentou flexão de plural para *botão* a forma regular *botões* como variante mais produtiva *muitos botões* em 100% das entrevistas; sendo, portanto, a forma prestigiada na Zona Leste.

Bechara (2015, p. 127) apresenta como possibilidade de flexão para palavras terminadas no tema {-ão}: i) substantivos em {-õ} com tema em {-e}, acrescenta-se o morfe {-s}, caso em tela.

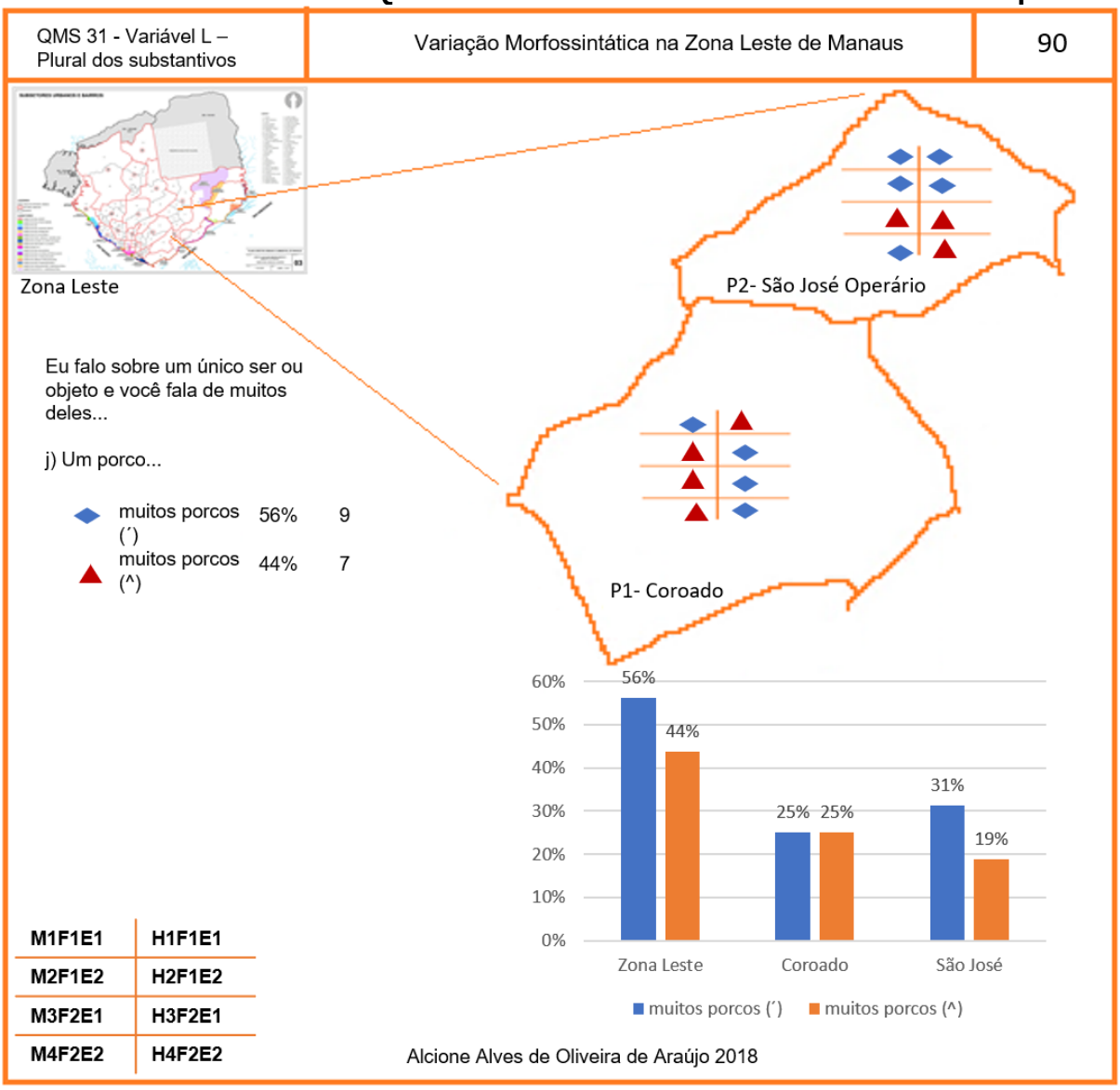
Carta Morfossintática 87 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos: leão



A carta 89 apresentou flexão de plural para *leão* a forma regular *leões* como variante mais produtiva *muitos leões* em 94% dos informantes; e como variante de menor frequência e distribuição irregular *leães.* Sendo, portanto, a forma prestigiada na Zona Leste *leões* .

Bechara (2015, p. 127) apresenta como possibilidades de flexão para palavras terminadas no tema {-ão}: i) {-ões}: substantivos em {-õ} com tema em {-e}, acrescenta-se o morfe {-s}; ii) {-+s}: substantivos em {-ã} com tema em {-o}, acrescenta-se o morfe {-s}; {-ães}: substantivos em {-ã} com tema em {-a}, acrescenta-se o morfe {-s}. A variante *leães* se explica porque o informante a inseriu no 3º grupo.

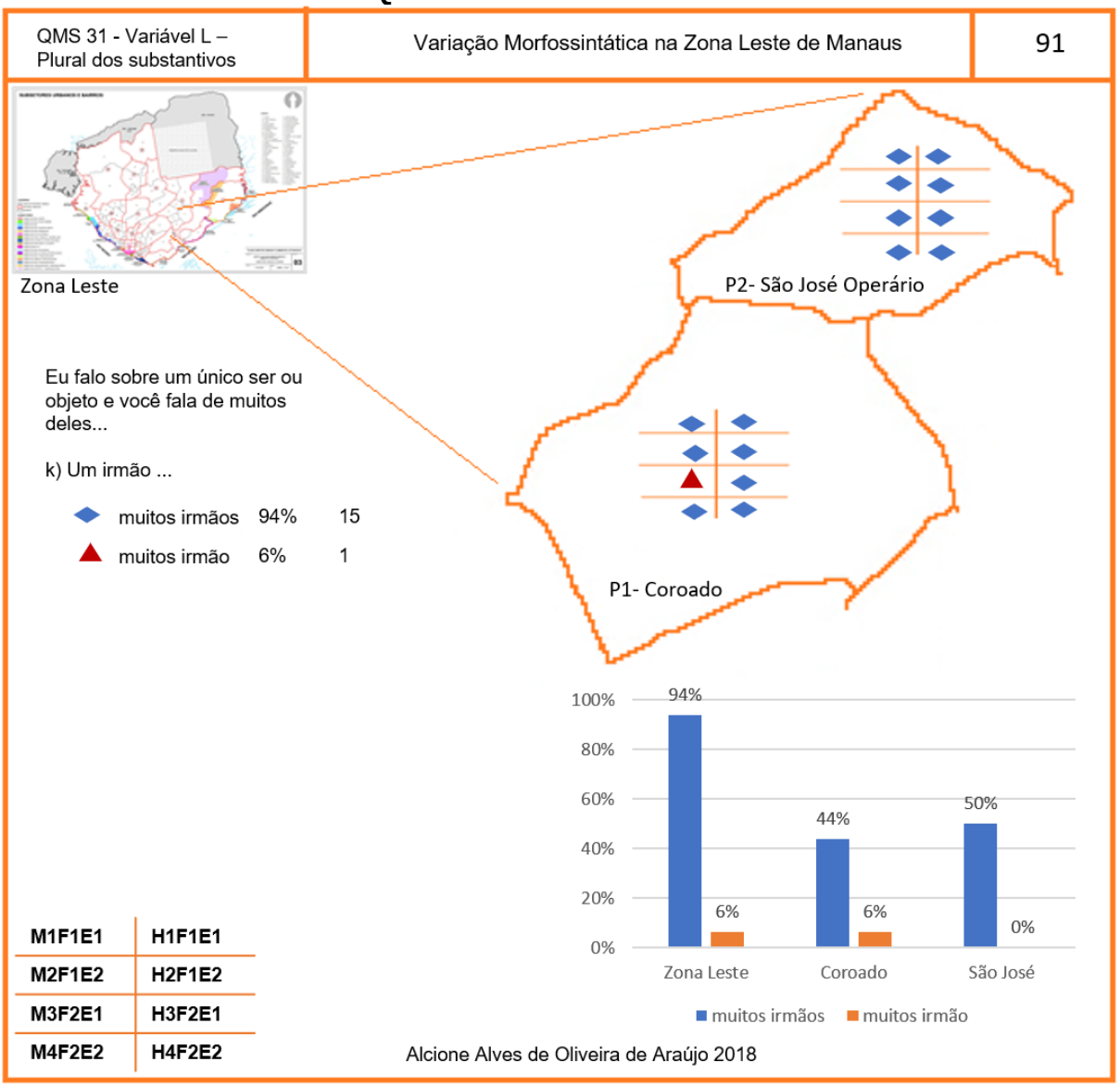
Carta Morfossintática 88 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos: porco



Na carta 90, a produtividade para pluralização de *porco* pelo acréscimo do morfe aditivo {-s} ocorreu para todos os informantes, havendo variante de traço suprassegmental entre /ɔ, o/, metafônico.

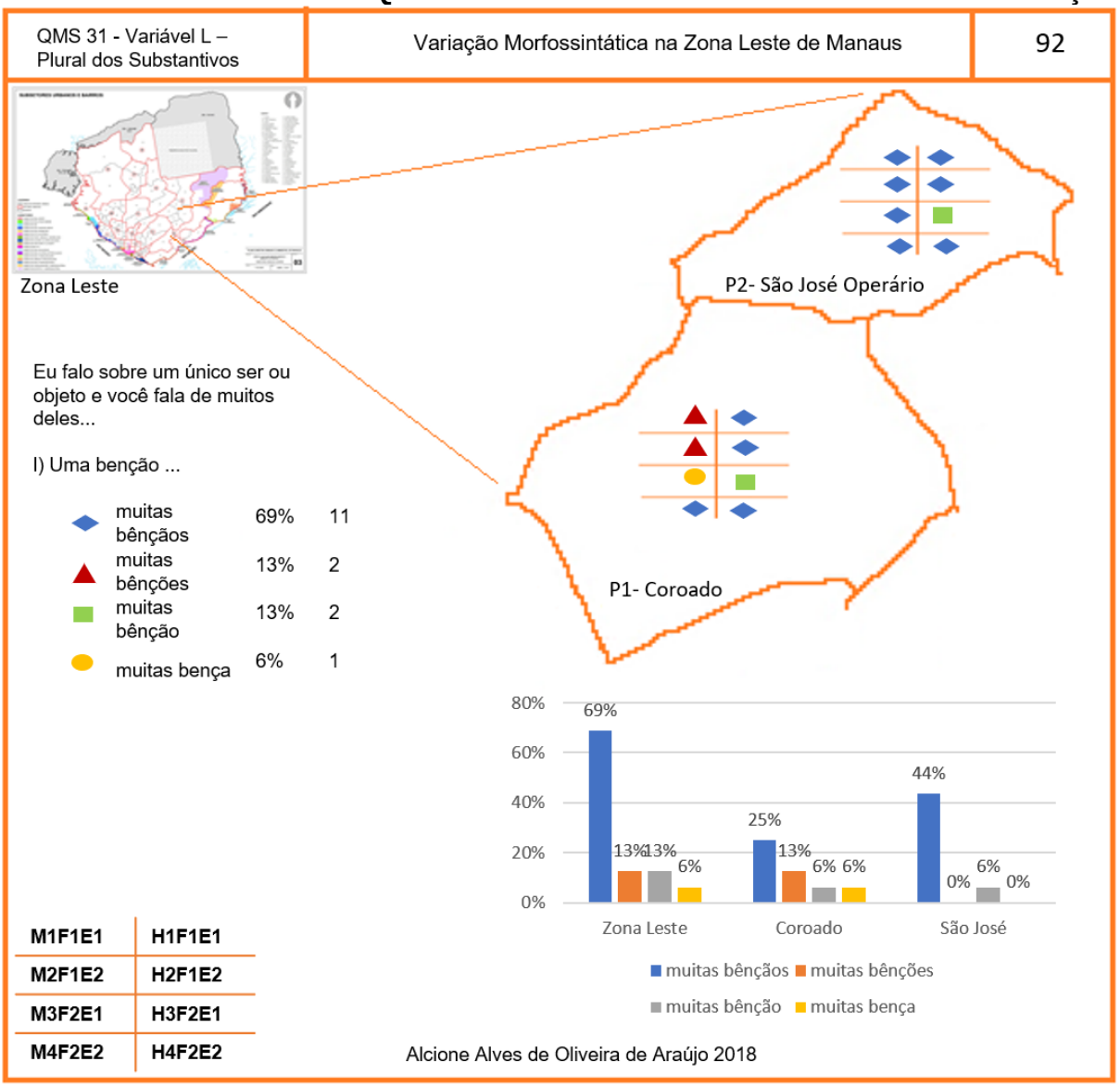
Considerando a variável diageracional, a variante /’pɔrcᵘs/ apresenta maior produtividade entre os informantes da F1 do Ponto 2 e a variante /porcᵘs/ para a F2. O Ponto 1 registra equidade e concorrência espelhada para as duas variantes se forem consideradas as variáveis diagenérica, diageracional e diastrática.

Carta Morfossintática 89 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos: irmão



Na carta 91, a pluralização de *irmão* é mais produtiva para a variante *muitos irmãos* (94%) com alta frequência e distribuição regular em todo o Ponto 2. O Ponto 1 apresentou a variante *muitos irmão* em baixa frequência e distribuição irregular, podendo ser pontual indicativa de uma diferença diastrática.

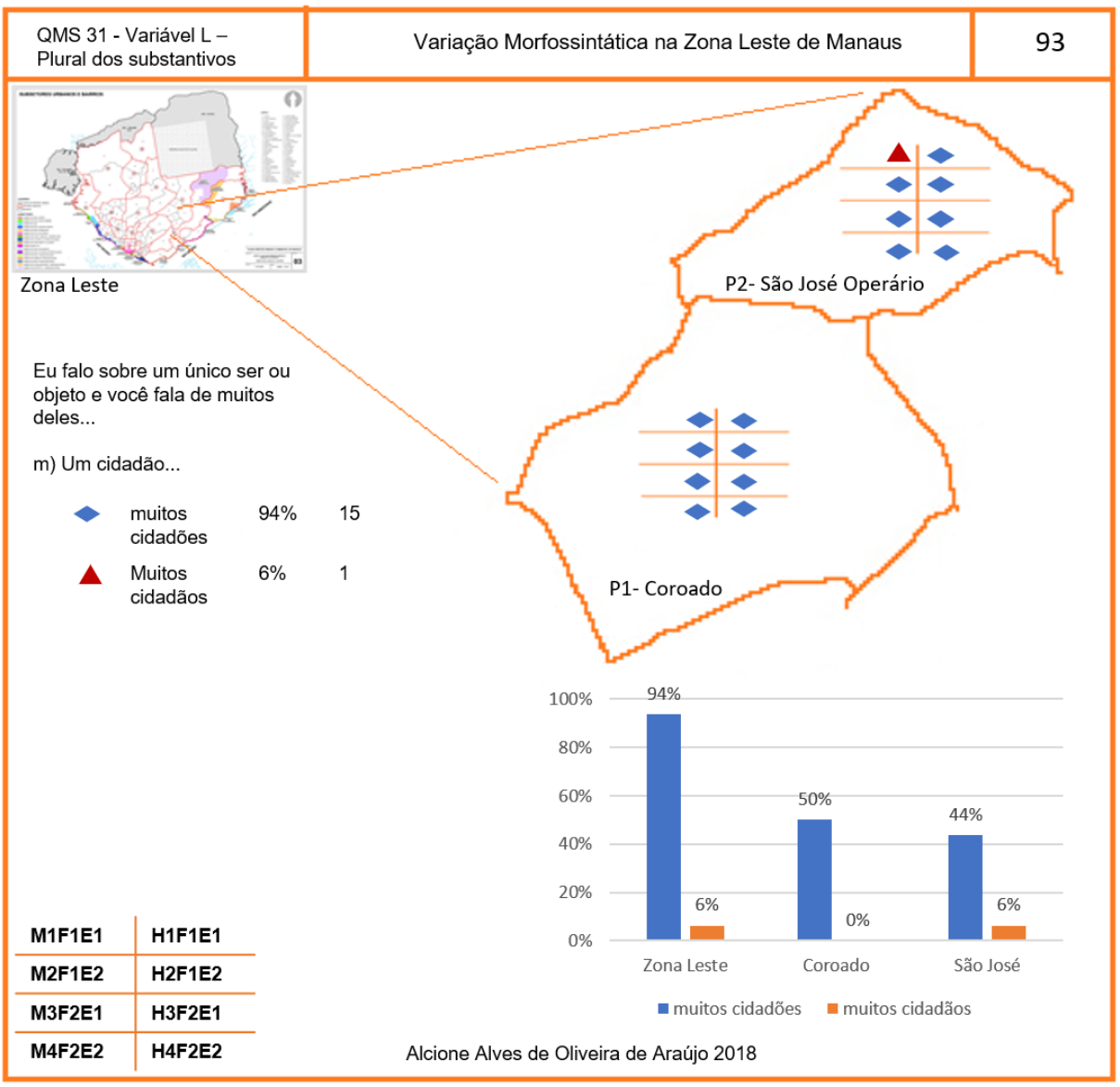
Carta Morfossintática 90 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos: benção



A carta 92 indica a pluralização de *benção*, tendo por mais produtiva a variante *bênçãos* com 69% das ocorrências, com alta frequência no Ponto 1 (variável diatópica), principalmente entre as mulheres (variável diagenérica). A variante *bênções* se justifica por ser factível no sistema da Língua Portuguesa (Carta 89 deste trabalho). As variantes menos produtivas refletem variação diastrática, em ambas as ocorrências são referentes ao Grau de Ensino .

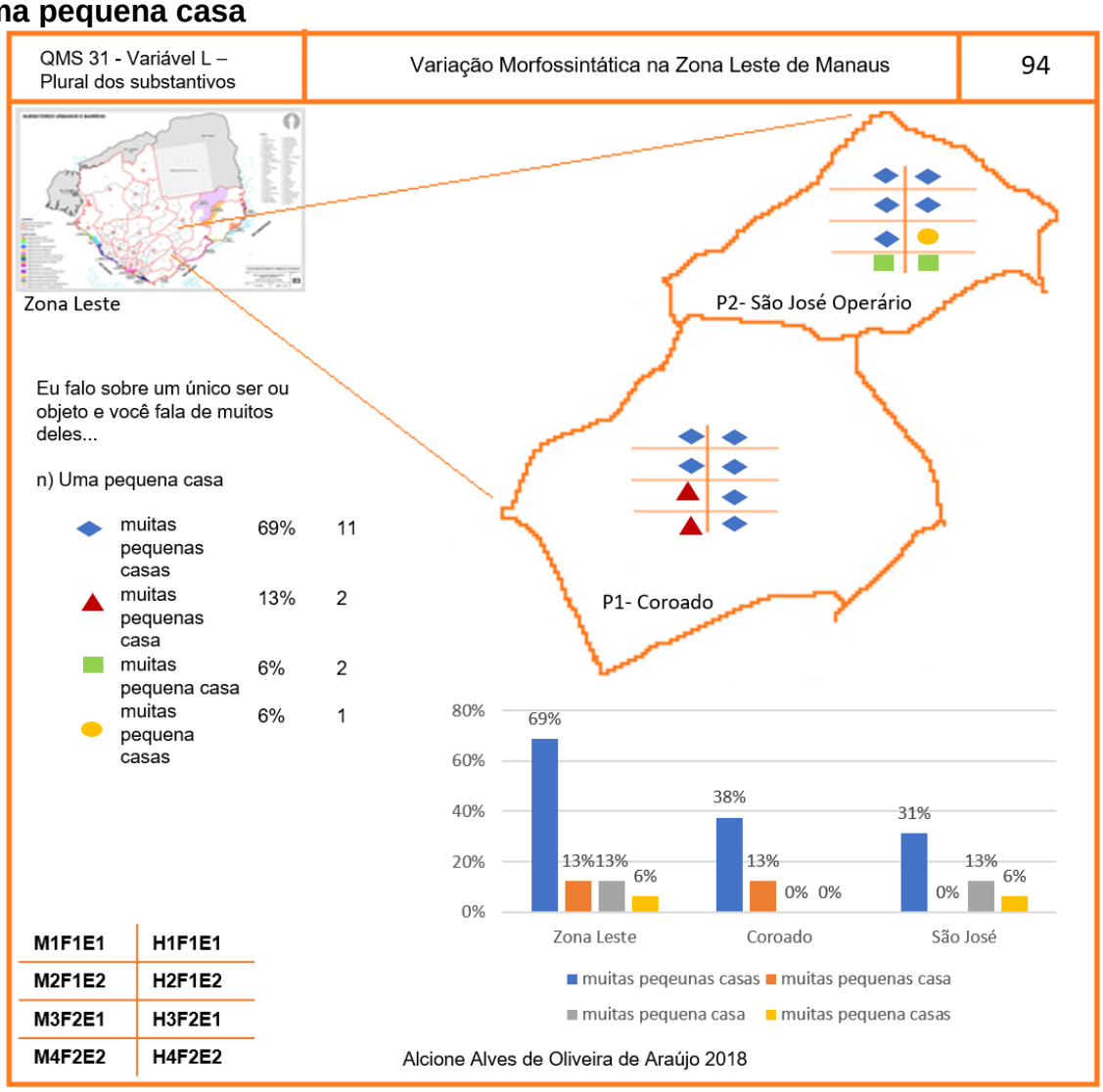
Pondera-se que a variante *bença* (M1F1E1 – P1) pode estar correlacionada à expressão "*bença, mãe!?/bença, pai!?*" usada amplamente na cultura local por crianças e adultos em respeito aos pais.

Carta Morfossintática 91 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos: cidadão



Observam-se, na Carta 93, indicadores extralinguísticos que marcam o uso da variante de pouco prestígio *cidadões* por quase a totalidade dos informantes, sendo norma de uso do Ponto 1 e dos homens no Ponto 2 (variáveis diatópica e diagenérica) a variante *cidadãos* apresentou baixa frequência e distribuição irregular. Pode-se explicar a flexão em {-ões} por ser factível ao sistema da Língua Portuguesa (Carta 89 deste trabalho).

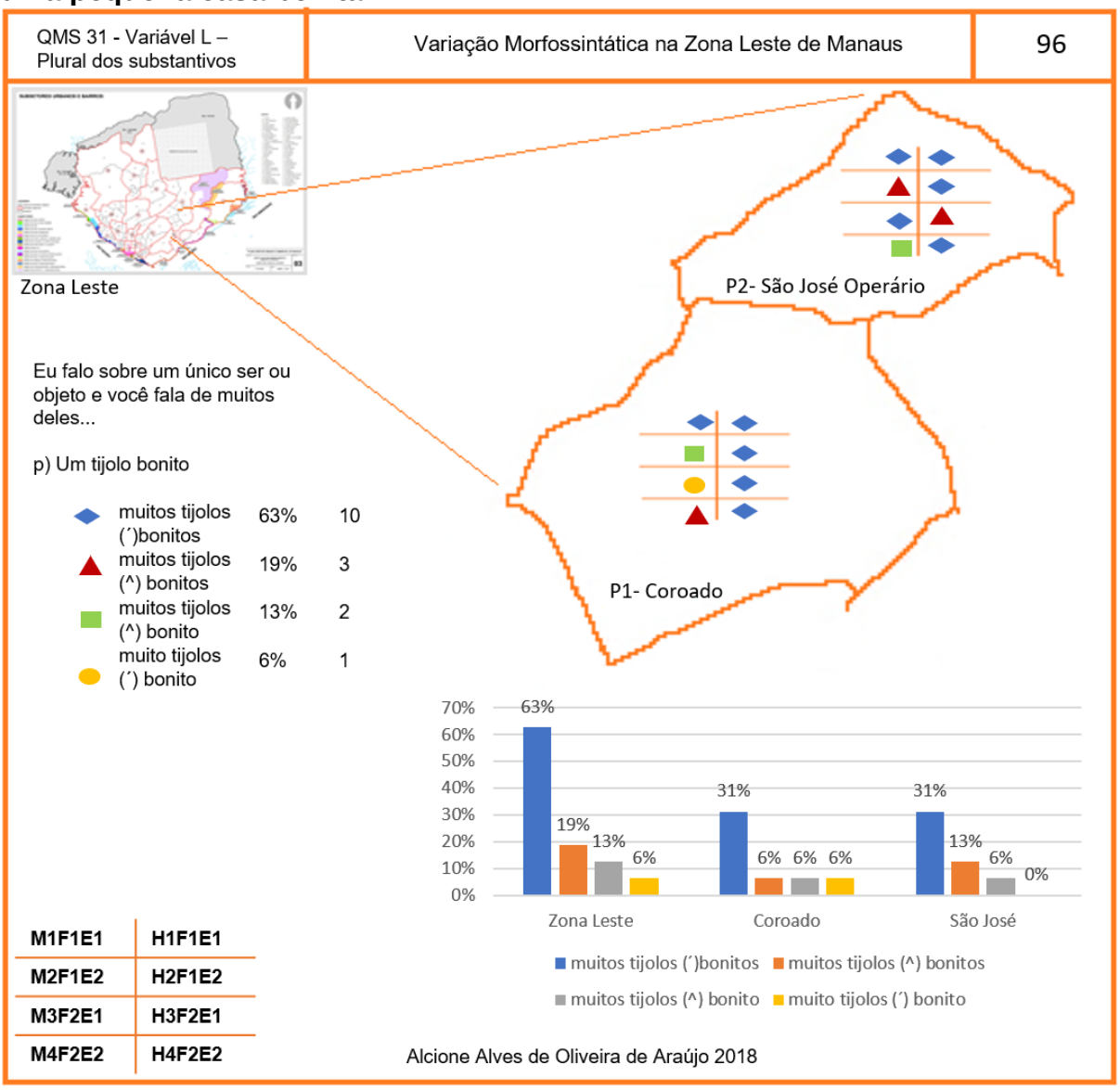
Carta Morfossintática 92 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos em SN: Uma pequena casa



A Carta 94 estabelece relações de concordância nominal entre o núcleo e seus determinantes. Observa-se que a variante mais produtiva – *muitas pequenas casas* (69%) – reitera a noção de redundância para concordância em Língua Portuguesa.

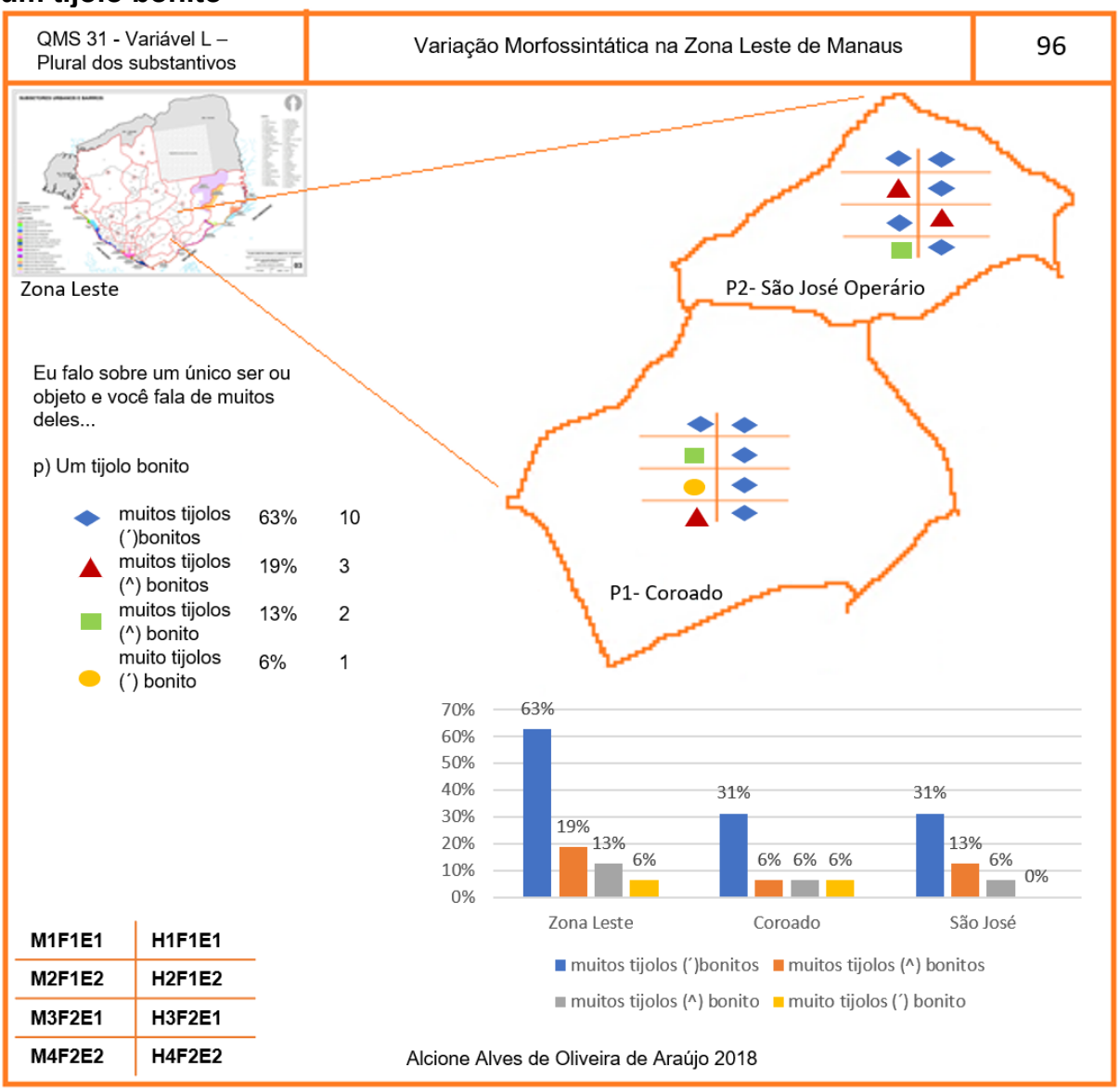
As demais ocorrências apresentam a flexão ora somente dos determinantes – *muitas pequenas casa* (13%); ora somente de um determinante – *muitas pequena casa* (6%) e *muitas pequena casas* (6%). Salienta-se que, na variável diagenérica, os homens no Ponto 1 apresentam uma alta frequência de *muitas pequenas casas*. Esse ponto também registra um menor número de variantes, mantendo na variável diageracional F1, assim como para o Ponto 2, 100% de ocorrência para a flexão redundante.

Carta Morfossintática 93 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos em SN: uma pequena casa bonita



Na Carta 95, o sintagma nominal: *Uma pequena casa bonita* apresenta indicadores de alta frequência e distribuição regular para a flexão redundante do nome e seus determinantes: *Umas pequenas casas bonitas* (75%). Essa produtividade alcança 100% nas variáveis diatópica e diageracional (F1) para o Ponto 2. O Ponto1 apresenta baixa frequência de variantes em que apenas os determinantes são flexionados em sua totalidade ou parcialmente.

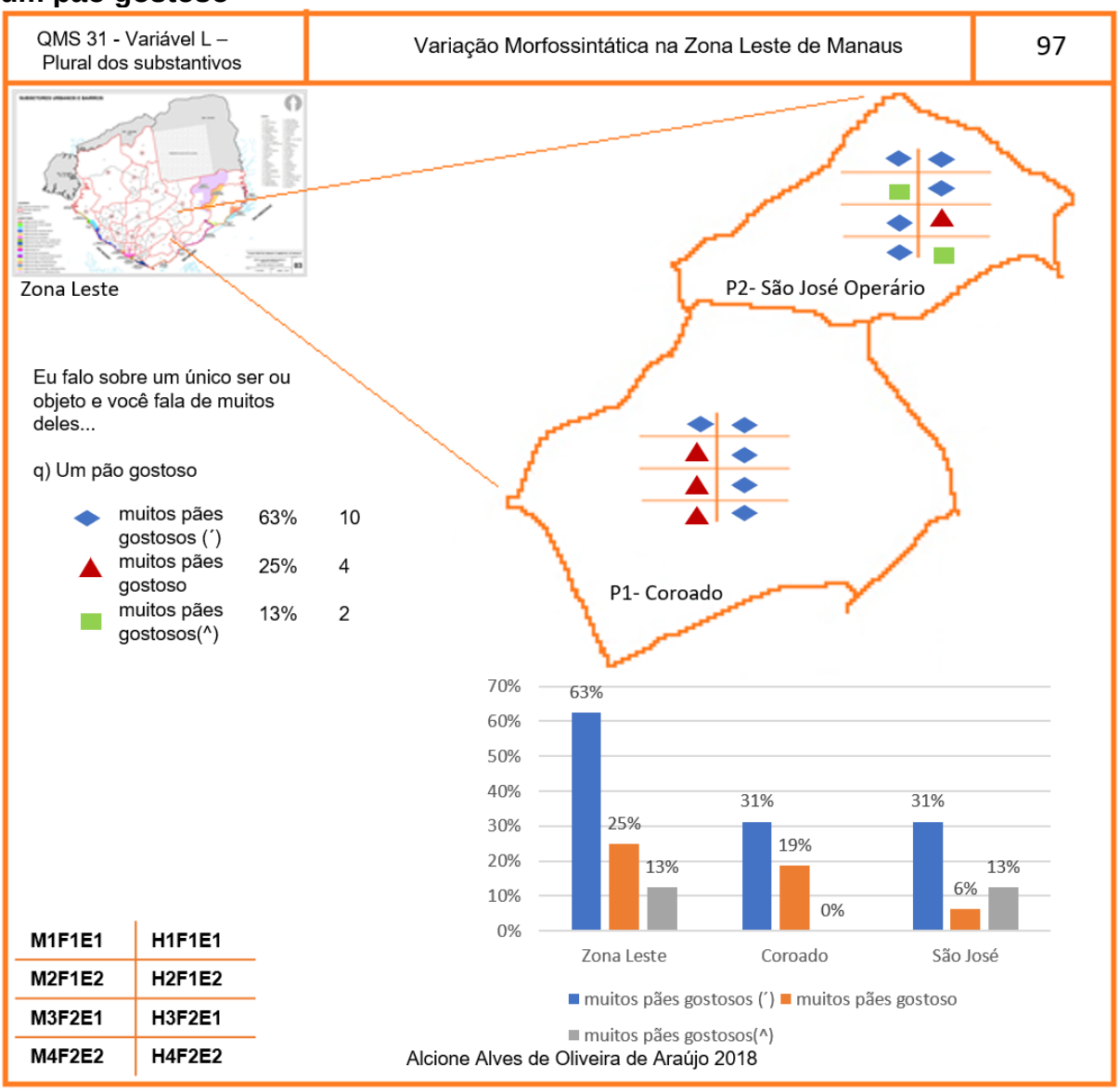
Carta Morfossintática 94 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos em SN: um tijolo bonito



Na Carta 96, a produtividade para a flexão de número de *um tijolo bonito* apresenta maior produtividade para *muitos tijolos* (/ɔ/) *bonitos* (63%) registra-se a ocorrência de metafonia, morfema suprassegmental que se soma aos morfes {-s} reiterados nos determinantes e núcleo; sendo essa uma variante regular entre os homens para o Ponto 1.

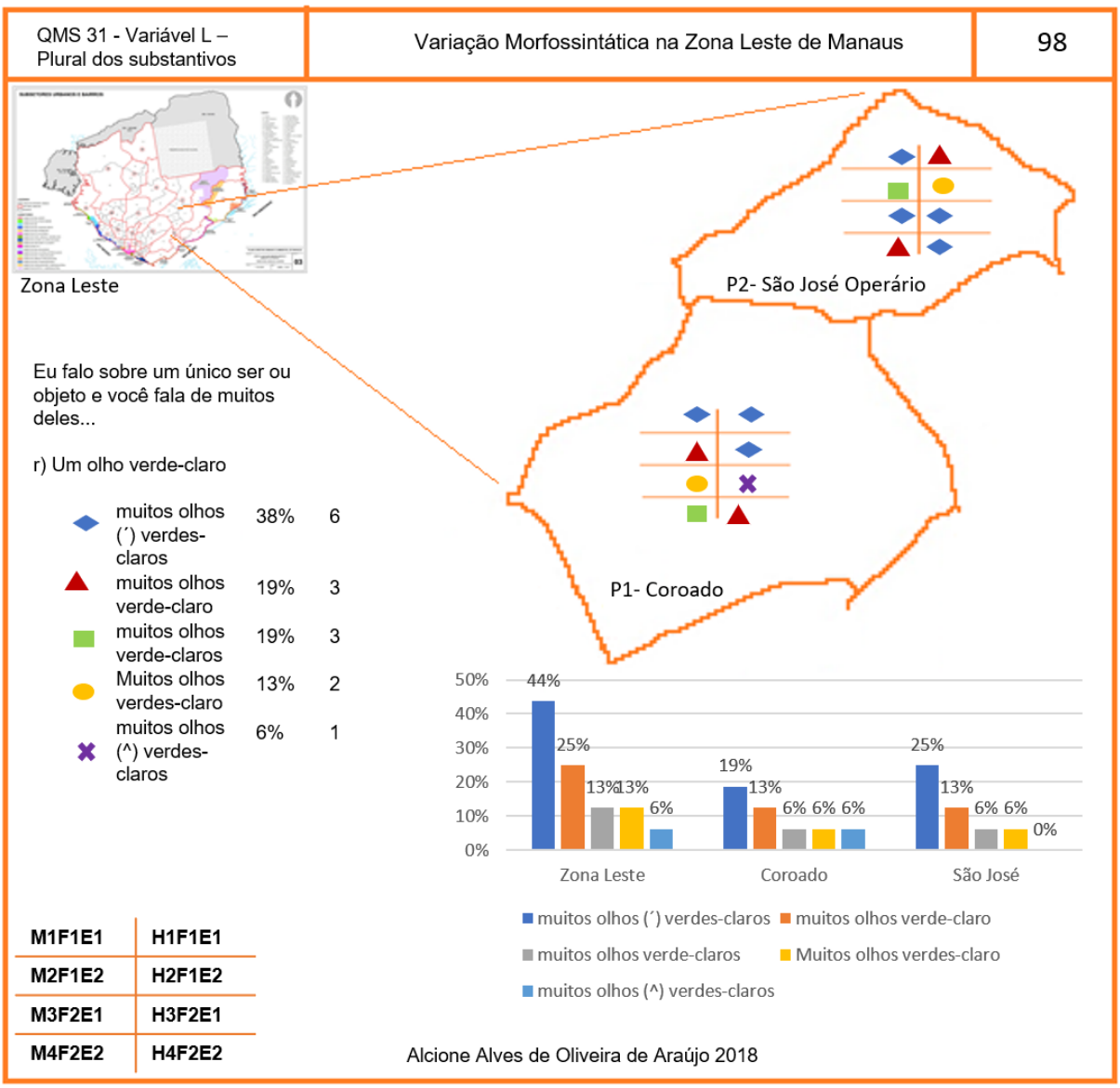
A redundância de informações quanto à pluralização no sintagma: pluralização do determinante, metafonia e desinência de plural para substantivo sinaliza como uma possível causa para as demais variantes: *muitos tijolos (´) bonitoø* e *muitoø tijolos (´) bonitoø*

Carta Morfossintática 95 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos em SN: um pão gostoso



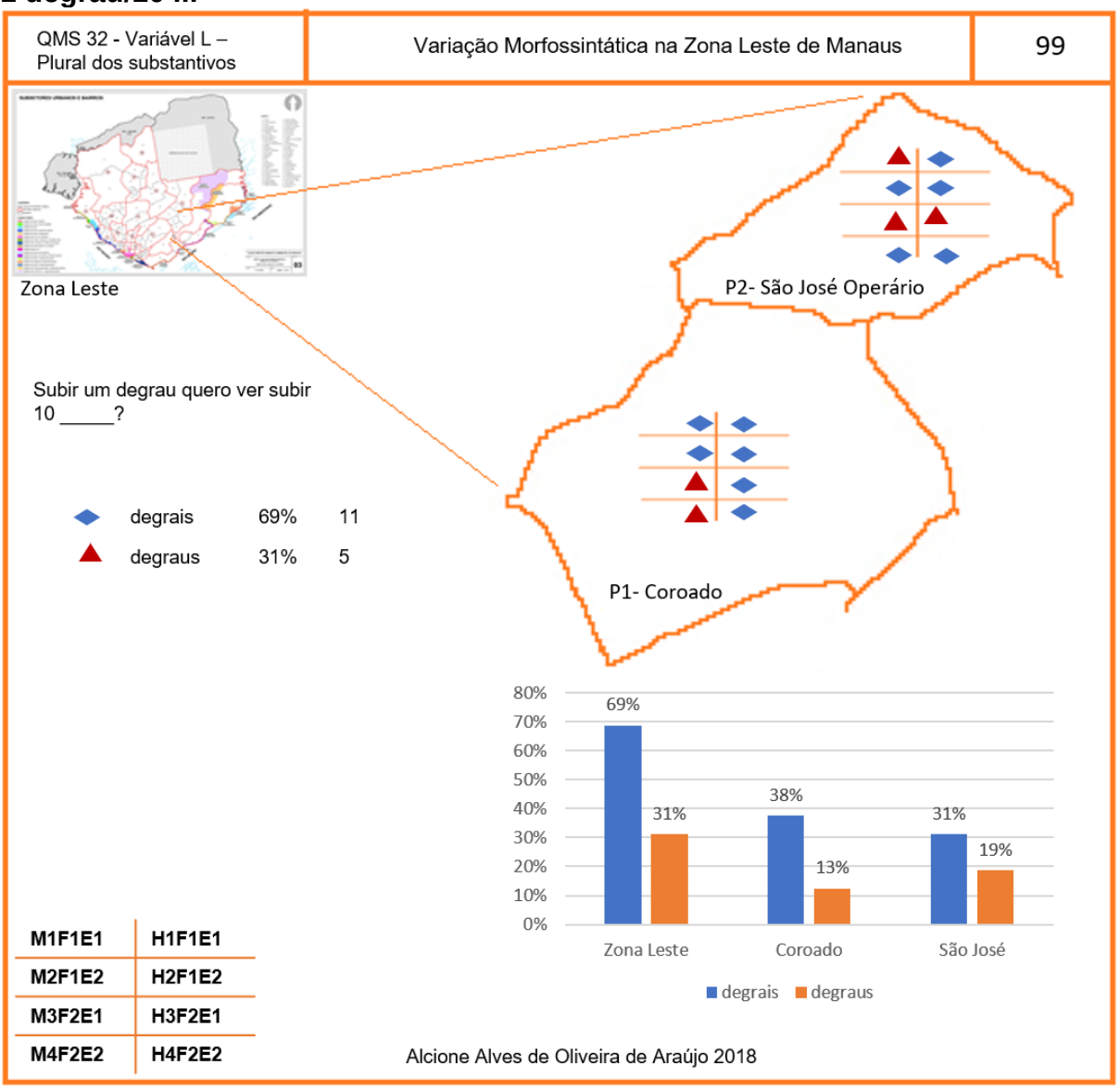
A Carta 97 tem a flexão de número para *um pão gostoso,* cuja maior produtividade se faz registrar para a flexão redundante do nome e seus determinantes: *muitos pães gostosos* (´), com 63%, principalmente entre os homens do Ponto 1 entre os quais alcança 100% (variável diagenérica). As mulheres no Ponto 1 tendem a pluralizar parcialmente os determinantes. O Ponto 2, com três variantes, chama atenção para os dois registros de ausência de metafonia para *gostosos.*

Carta Morfossintática 96 - QMS 31 Variável L – Plural dos substantivos em SN: um olho verde-claro



Na Carta 98, a flexão do adjetivo composto em harmonia com o núcleo do sintagma nominal apresenta um número expressivo de variantes para *um olho verde-claro*, sendo a mais produtiva: *muitos olhos verdes-claros* (38%), com equivalência de respostas, com 19%, para *muitos olhos verde-claro* e *muitos olhos verdes-claro.* a variante de menor frequência - *muitos olhos (/o/) verdes-claros* (6%). O número de cinco variantes inviabiliza se traçar perfis mais específicos para a variante de prestígio. A variante prescrita *muitos olhos/ɔ/ verde-claros* não foi registrada (#)

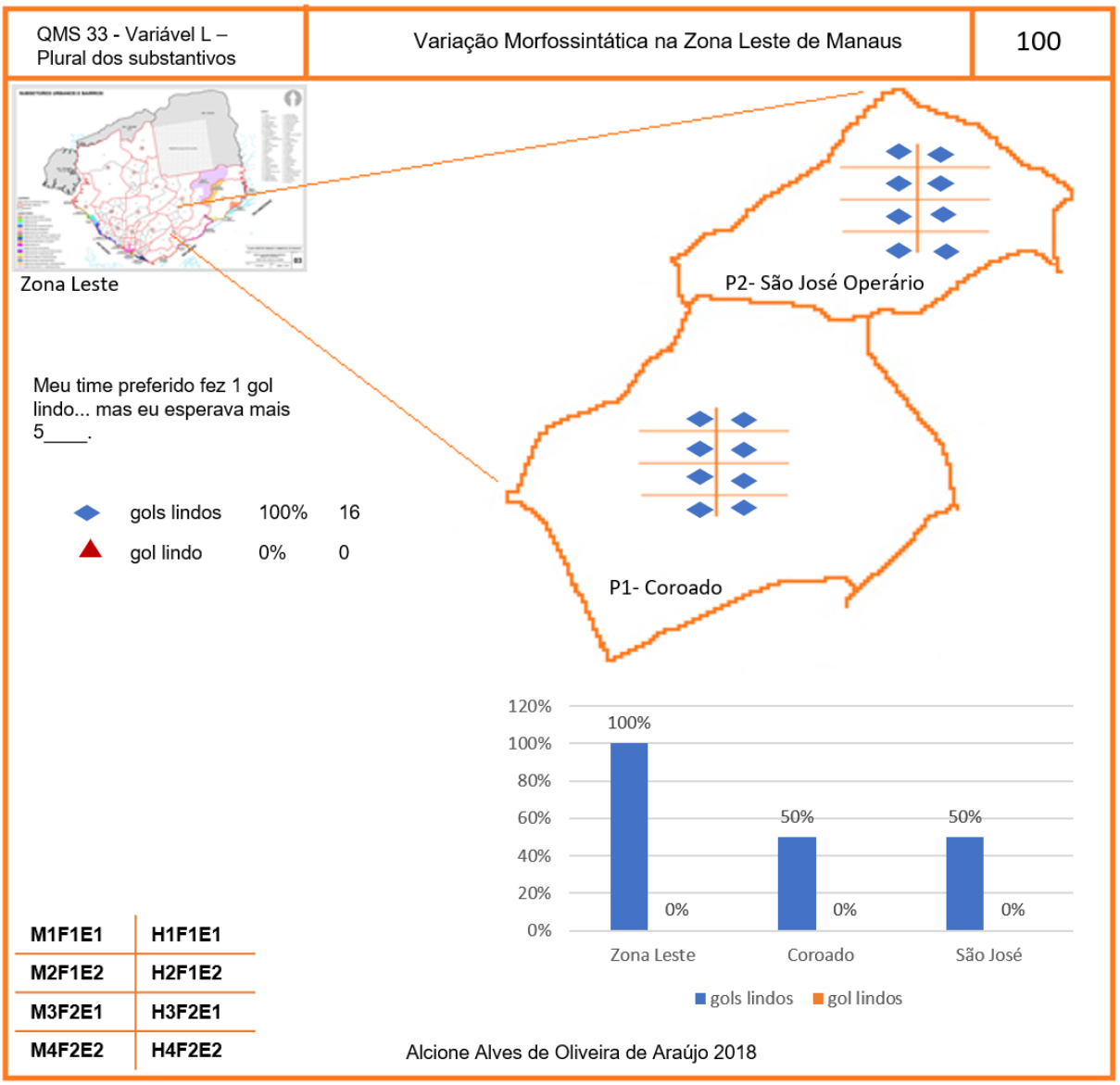
Carta Morfossintática 97 - QMS 32 Variável L – Plural dos substantivos em SN: 1 degrau/10 ...



Na Carta 99, reitera-se as ocorrências já observadas na Carta 84 (deste trabalho). O nome *degrau* apresentou como variante mais produtiva para a pluralização: *degrais* (69%), na carta em tela, é análoga aos nomes terminados em -l, como jornal (Carta 82, deste trabalho); e, a segunda ocorrência, prescrita pela norma-padrão, com 31%, *degraus.*

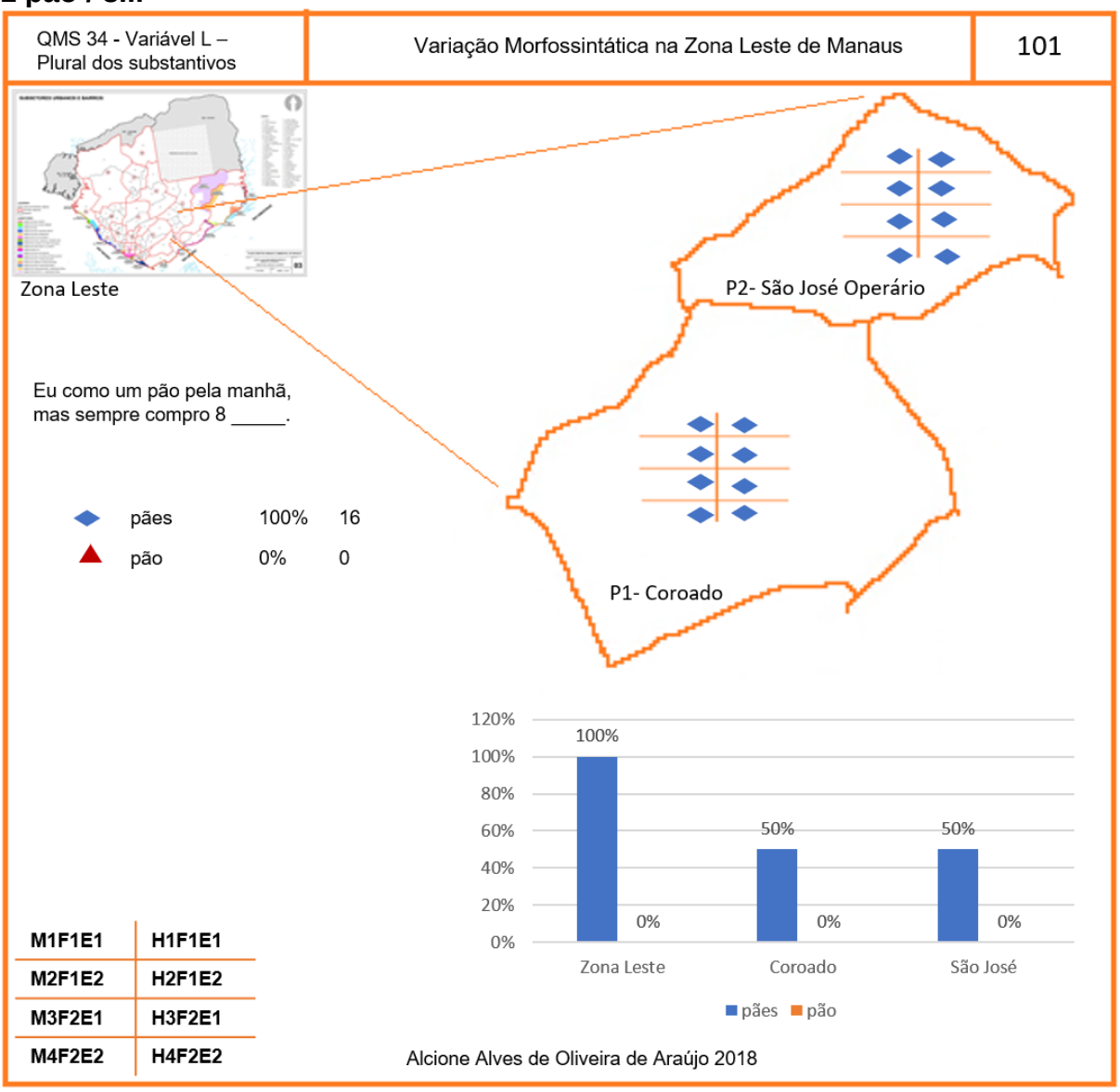
Comparando as cartas 99 e 84, observa-se que H2F1E2 e H3F2E1 no Ponto 1 e H1F1E1 fizeram a troca de variante para essa variável. Com isso, nota-se a alta frequência e distribuição regular da variante *degrais* entre os homens em ambos os Pontos.

Carta Morfossintática 98 - QMS 33 Variável L – Plural dos substantivos em SN: gol lindo



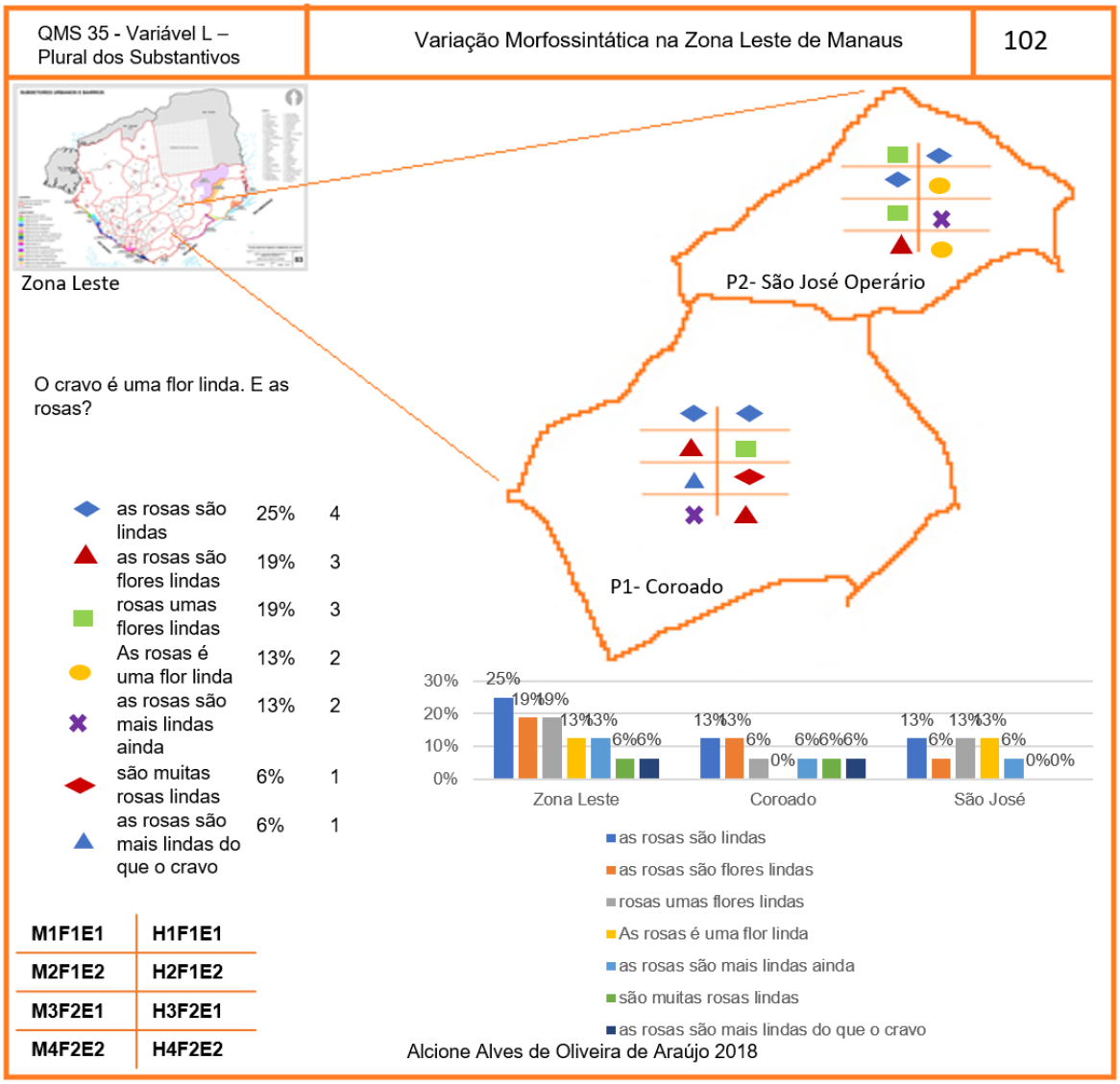
A Carta 100 reapresenta a o nome *gol* para comparar as variantes em contexto sintagmático. Novamente registra-se o uso da forma regular *gols* para todos os pontos e informantes. Embora se reconheça que o acréscimo direto do morfe {-s} para indicação de plural, não faça parte do sistema da Língua Portuguesa, admitie-se a possibilidade de os informantes, por influência da mídia, não terem aportuguesado esse substantivo.

Carta Morfossintática 99 - QMS 34 Variável L – Plural dos substantivos em SN: 1 pão / 8...



A Carta 101 reapresenta a o nome *pão* para comparar as variantes em contexto sintagmático. Novamente registra-se o uso da forma regular *pães* para todos os pontos e informantes, sendo esta a norma de uso para Zona Leste.

Carta Morfossintática 100 - QMS 35 Variável L – Plural dos substantivos em SN: O cravo é uma flor linda. E as rosas?

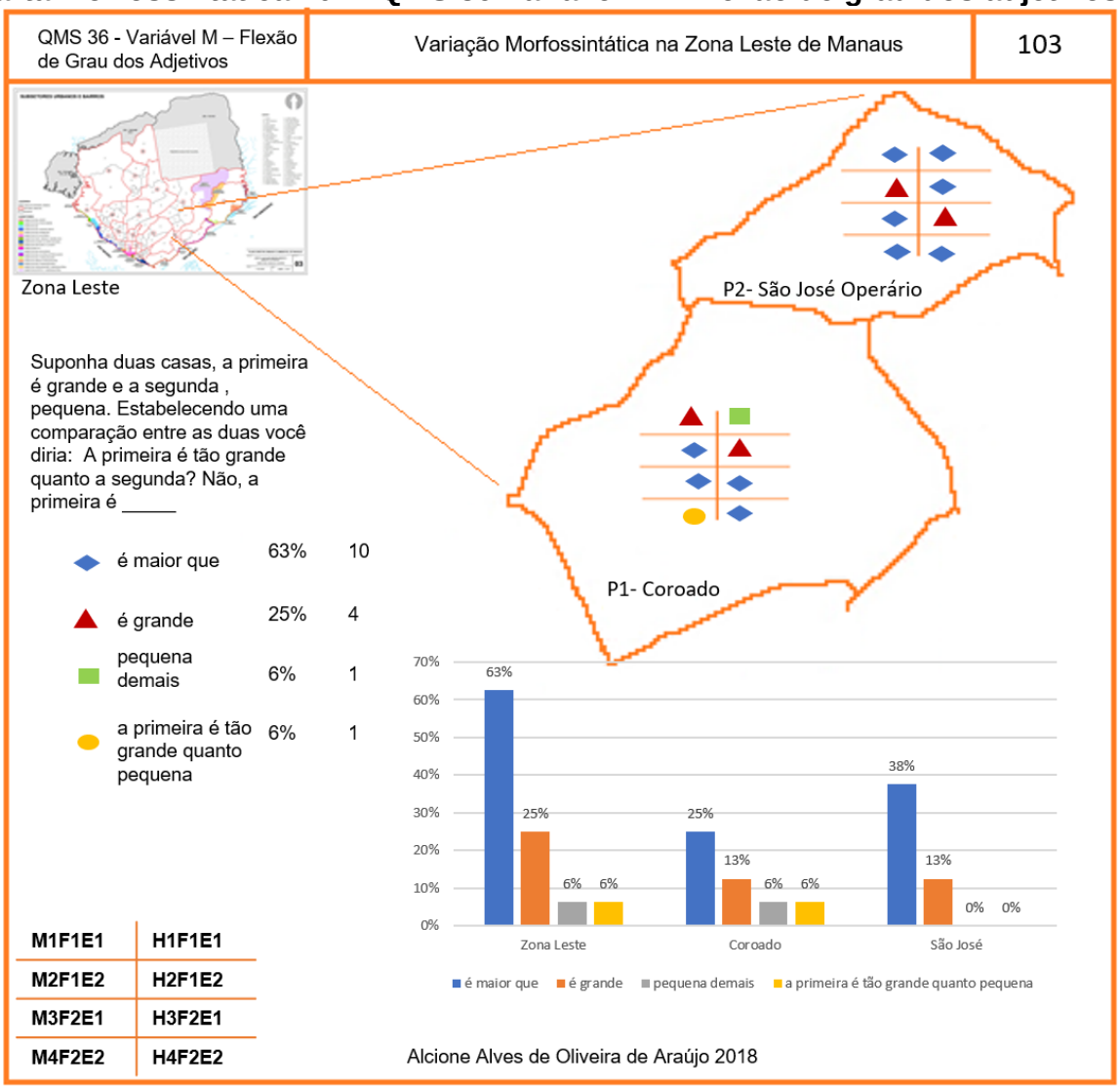


A Carta 102 apresenta um contexto sintagmático completo a ser representado no feminino plural pelos informantes. Dada a complexidade ordenatória dos núcleos e determinantes na frase, registram-se sete variantes para o feminino plural de: *o cravo é uma flor linda.* A variante de maior produtividade, com 25%, mas ainda assim com baixa frequência, embora de distribuição regular, por ocorrer em ambos os pontos em uma faixa etária específica: *As rosas são lindas*. As demais variantes apresentam equidade de ocorrência: com 19%: *As rosas são flores lindas* e R*osas, umas flores lindas;* com 13%: *As rosas é uma flor linda* e *As rosas são mais lindas ainda*; com 6% para: *São muitas rosas lindas* e *As rosas são mais lindas do que o cravo.* O Ponto 2 apresentou mais regularidades quanto às variantes: duas ocorrências para três frases.

4.13 Flexão de grau dos adjetivos

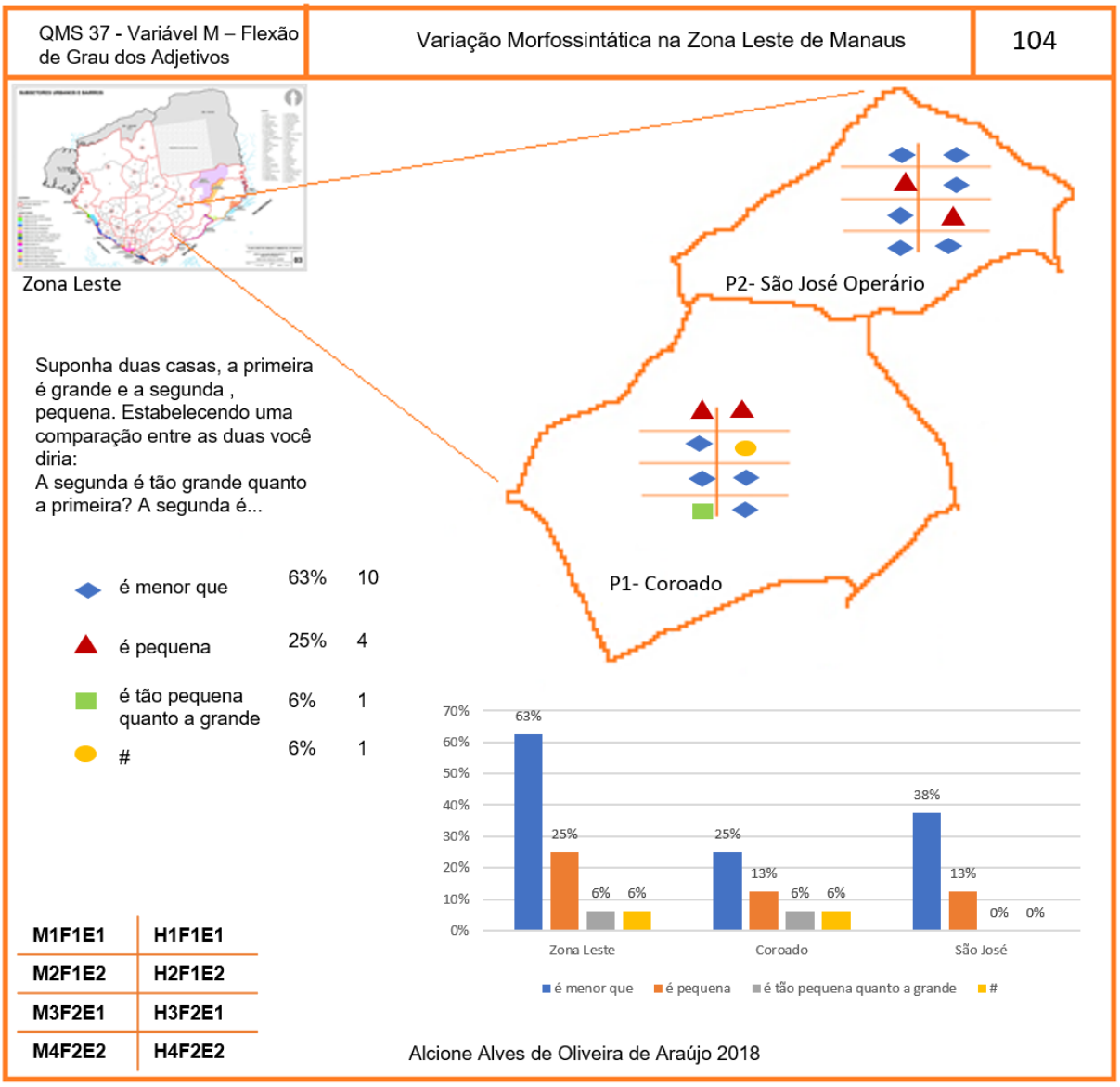
A variável M apresenta em sua análise o uso do comparativo e superlativo para os adjetivos. Observou-se a alta frequência para as formas comparativas.

Carta Morfossintática 101 - QMS 36 Variável M – Flexão de grau dos adjetivos



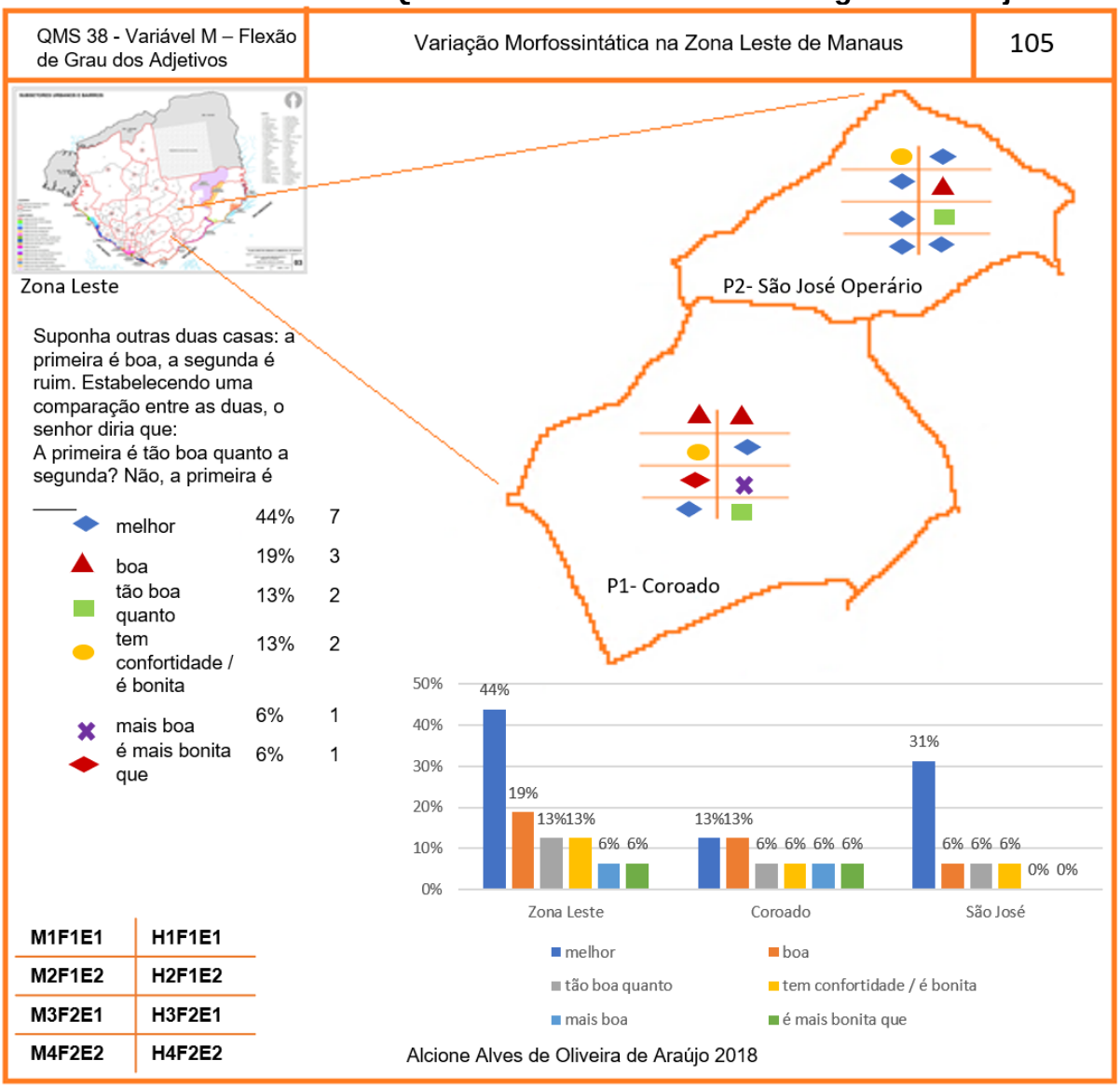
A Carta 103 apresenta como forma mais produtiva para a flexão de grau dos adjetivos *é maior que* com 63% dos registros com equidade de frequência na variável diagenérica, e uma alta frequência na diageracional. Salienta-se que, para a coleta dos dados, foram apresentadas imagens de duas casas aos informantes, e observou-se a dificuldade de entendimento quanto à expressão: *a primeira é tão grande quanto a segunda*? Resposta como: *a primeira é tão grande quanto pequena* demonstram tal confusão.

Carta Morfossintática 102 - QMS 37 Variável M – Flexão de grau dos adjetivos



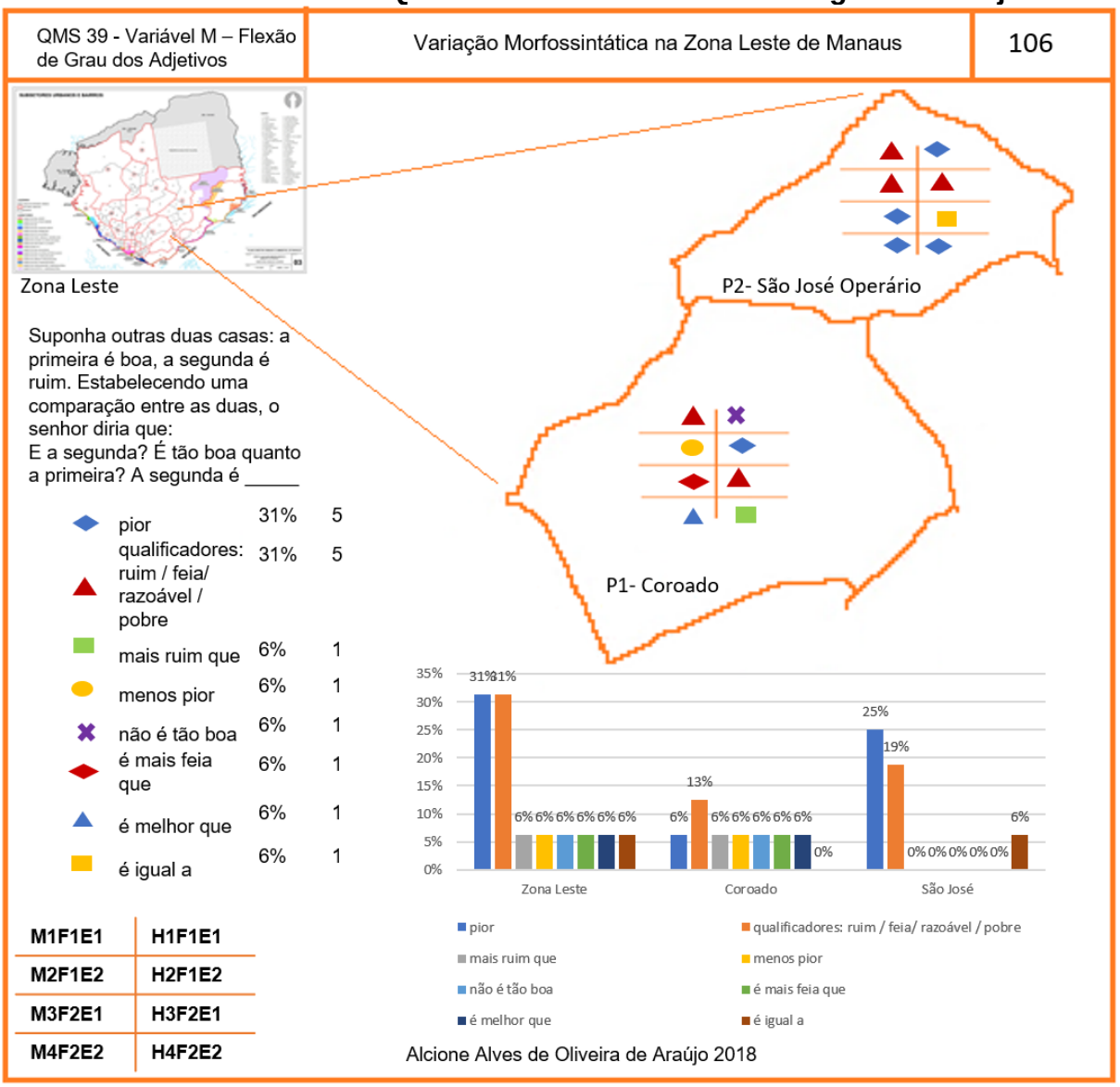
Para Carta 104 registra-se a mesma confusão para a expressão *a segunda é tão grande quanto a primeira?* Ainda assim, houve maior produtividade para a variante *é menor que* (63%) com regularidade significativa no Ponto 2 e com equidade quanto à variável diagenérica nesse ponto. O Ponto 1 apresentou um maior número de variantes com pouca regularidade para as outras variáveis.

Carta Morfossintática 103 - QMS 38 Variável M – Flexão de grau dos adjetivos



Para Carta 105, buscou-se apontar qualificativos abstratos boa/melhor~ruim /pior. Os informantes apresentaram dúvidas em relação à expressão *a primeira é tão boa quanto à segunda?* e *A segunda é tão boa quanto a primeira?* Ainda assim, registrou-se produtividade para a variante *é melhor* (44%) com regularidade maior no Ponto 2 e entre as mulheres. O Ponto 1 apresentou um maior número de variantes com baixa frequência e distribuição irregular. A opção por qualificadores apresentou a forma *confortidade não reconhecida no léxico da língua.

Carta Morfossintática 104 - QMS 39 Variável M – Flexão de grau dos adjetivos



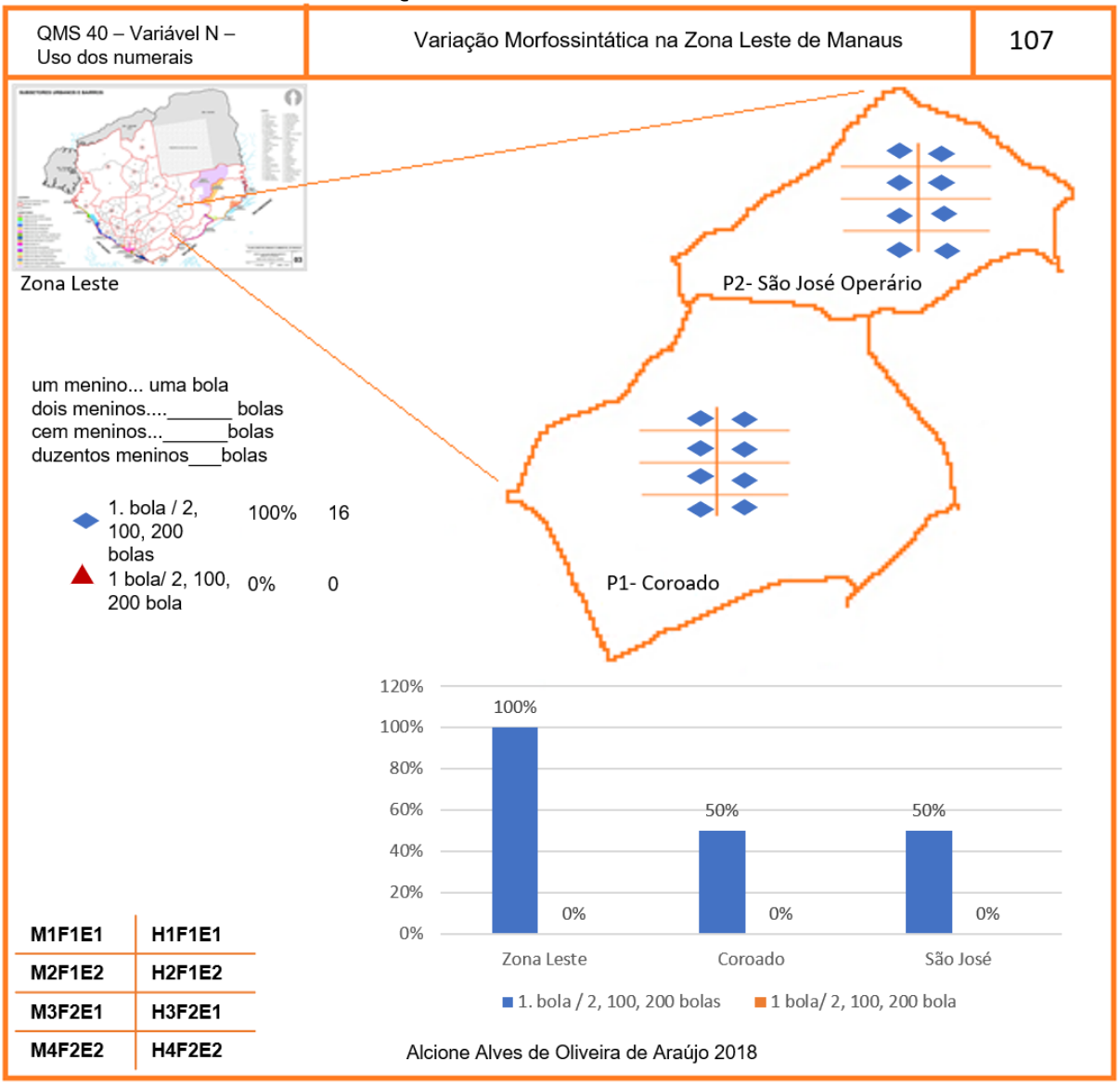
Para Carta 106, houve um alto percentual de variantes, a maioria de baixa frequência e distribuição irregular no Ponto 1 com 7 variantes. No Ponto 2 a variante de maior produtiva foi *pior,* com 50%, e com equidade na variável diagenérica. A produtividade geral também registra equidade de 31% para as variantes *pior* e *qualificadores: ruim, feia, razoável, pobre.*

As variáveis de baixa frequência e distribuição irregular constituem as amostras coletadas no Ponto 1.

4.14 Uso dos numerais

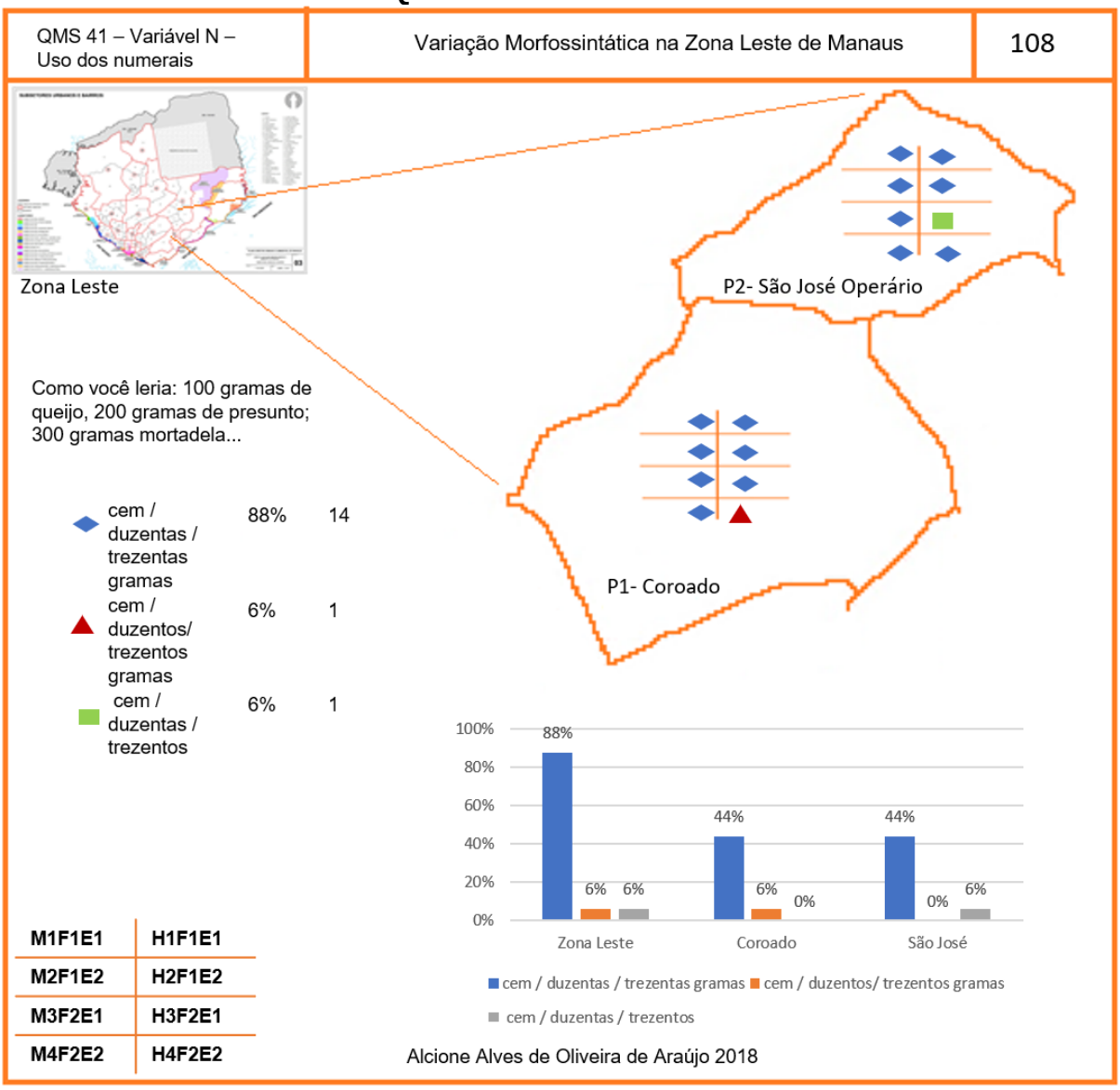
A variável N objetiva o registro da norma de prestígio nos pontos de inquérito para a flexão de número e de gênero para numerais cardinais. Os numerais quanto à flexão de gênero são invariáveis, exceção se faz para: um, dois e centenas acima de cem. Partindo dessa premissa, constatou-se a alta frequência e distribuição regular do uso prescrito na norma-padrão.

Carta Morfossintática 105 - QMS 40 Variável N – Uso dos numerais



A carta 107 apresenta a flexão de número e gênero para os numerais *dois, cem* e *duzentos*. Constata-se o prestígio da norma-padrão com 100% de ocorrências para a flexão harmônica com gênero e número do núcleo bola (feminino/plural): *duas bolas, cem bolas* e *duzentas bolas.*

Carta Morfossintática 106 - QMS 41 Variável N – Uso dos numerais



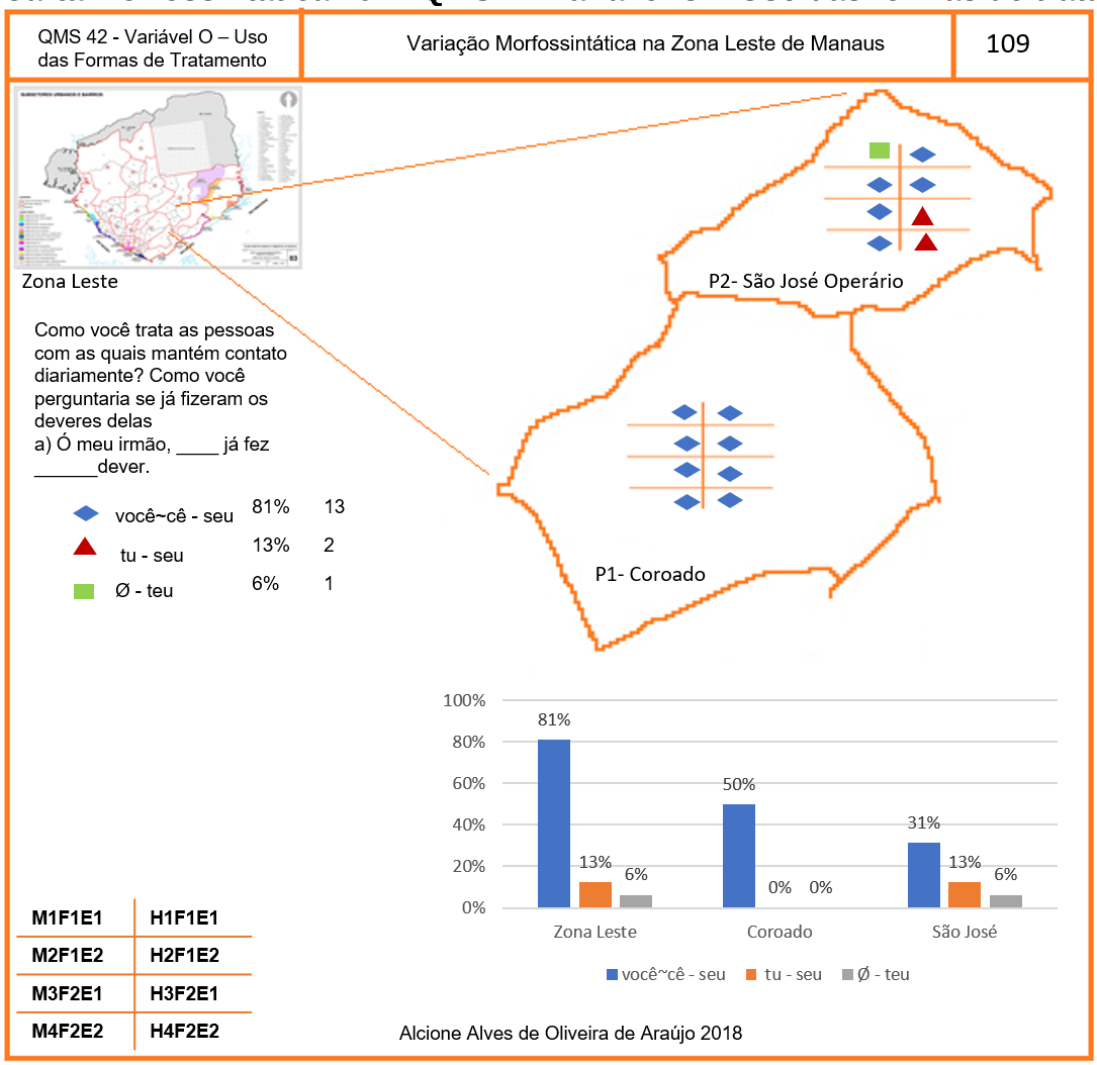
A carta 108 apresenta a flexão de número e gênero para os numerais indicativos de centena relacionados ao peso em *gramas*. Na carta em tela, os informantes mostraram mais produtividade para *cem/duzentas/trezentas gramas de...* (88%), com baixa frequência e distribuição irregular para *cem/duzentos/trezentos gramas de... ou* com a omissão do núcleo *grama*.

Sendo esse substantivo de gênero oscilante com indicação de signos diferentes para o feminino (relva), e para o masculino (unidade de peso), a produtividade maior de flexão das centenas não seguiu os parâmetros da carta 105, posto que o núcleo a que se fazia referência era o masculino/plural *grama, unidade de peso.*

4.15 Uso das formas de tratamento

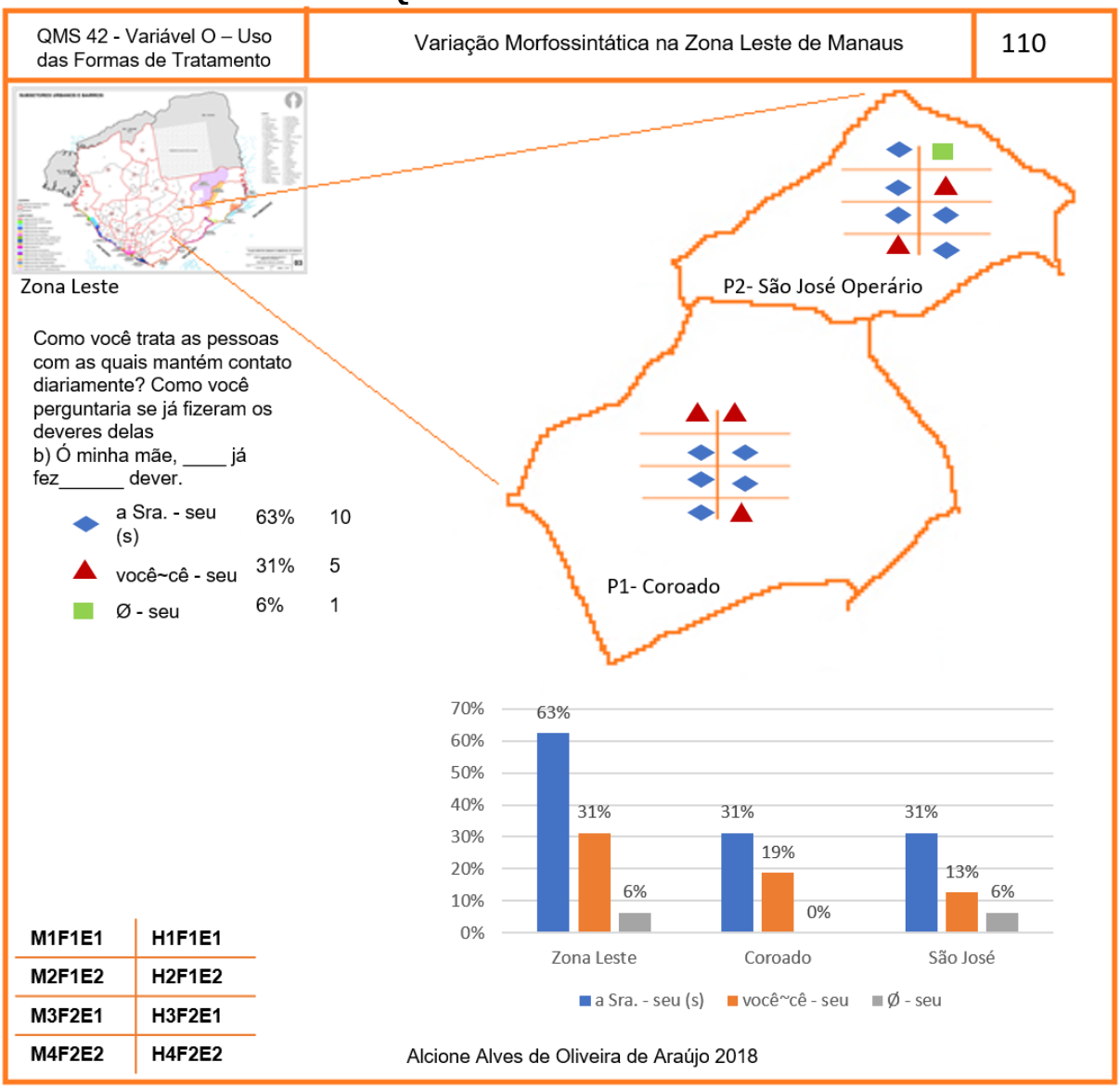
A variável O objetiva a análise das formas pronominais de tratamento: vós~vocês; tu~você; senhor~senhora~você. Houve alta frequência e distribuição regular para o uso de você em situações formais ou não. Bechara (2015, p. 173) aponta *você* (redução da forma de reverência *Vossa Mercê*) como pronome usado familiarmente, "caindo a pronome *vós* em desuso, só usado nas orações e estilo solene, emprega-se *vocês* como o plural de *tu.*

Carta Morfossintática 107 - QMS 42 Variável O – Uso das formas de tratamento



A carta 109 apresenta como alta frequência e produtividade regular para variante de tratamento para um familiar o pronome *você,* sendo a norma de uso no Ponto 1. Observa-se que, no Ponto 2, o uso do pronome pessoal *tu* (baixa frequência e distribuição irregular) não apresentou relação de concordância verbal e uniformidade de pessoa do discurso (*Ó meu irmão, tu já fez seu dever?*).

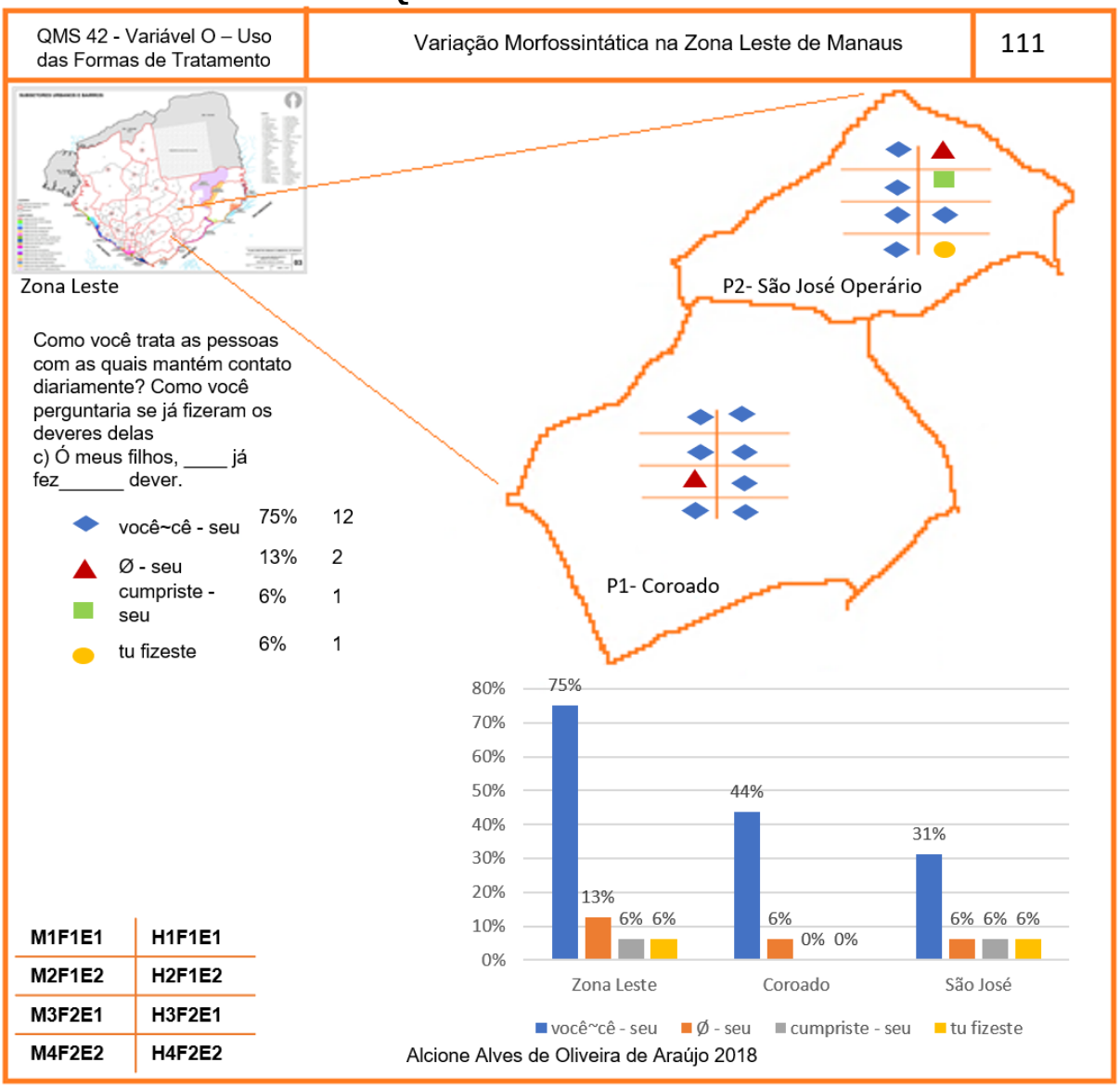
Carta Morfossintática 108 - QMS 42 Variável O – Uso das formas de tratamento



A carta 110 apresenta como de alta frequência e produtividade regular a forma de tratamento para um familiar hierarquicamente superior, *a mãe,* o pronome de tratamento *senhora* sendo variante regular em ambos os pontos.

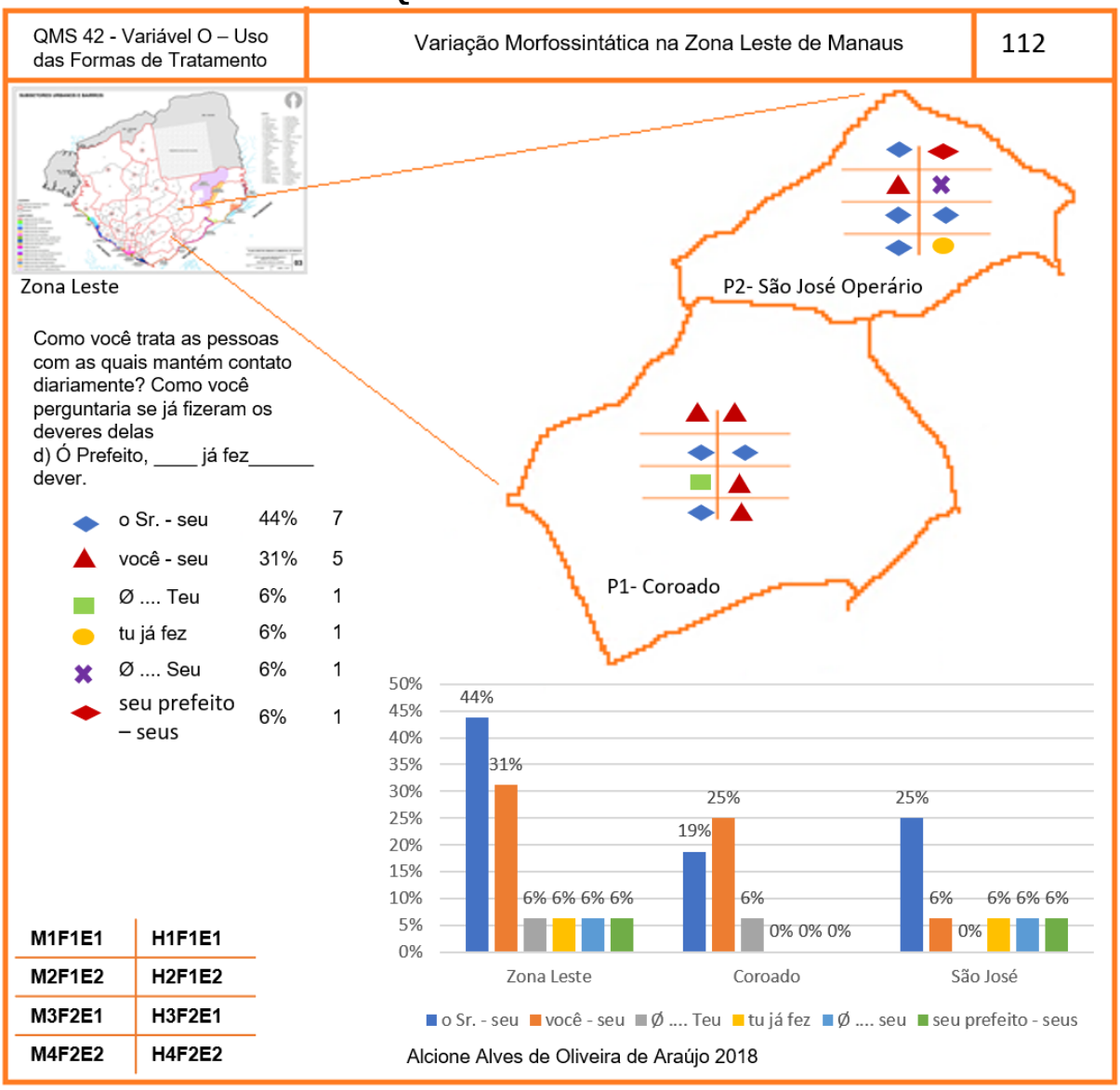
Observa-se que o uso do pronome *você* (baixa frequência e distribuição regular) apresentou maior produtividade, quanto à variável diageracional para F1.

Carta Morfossintática 109 - QMS 42 Variável O – Uso das formas de tratamento



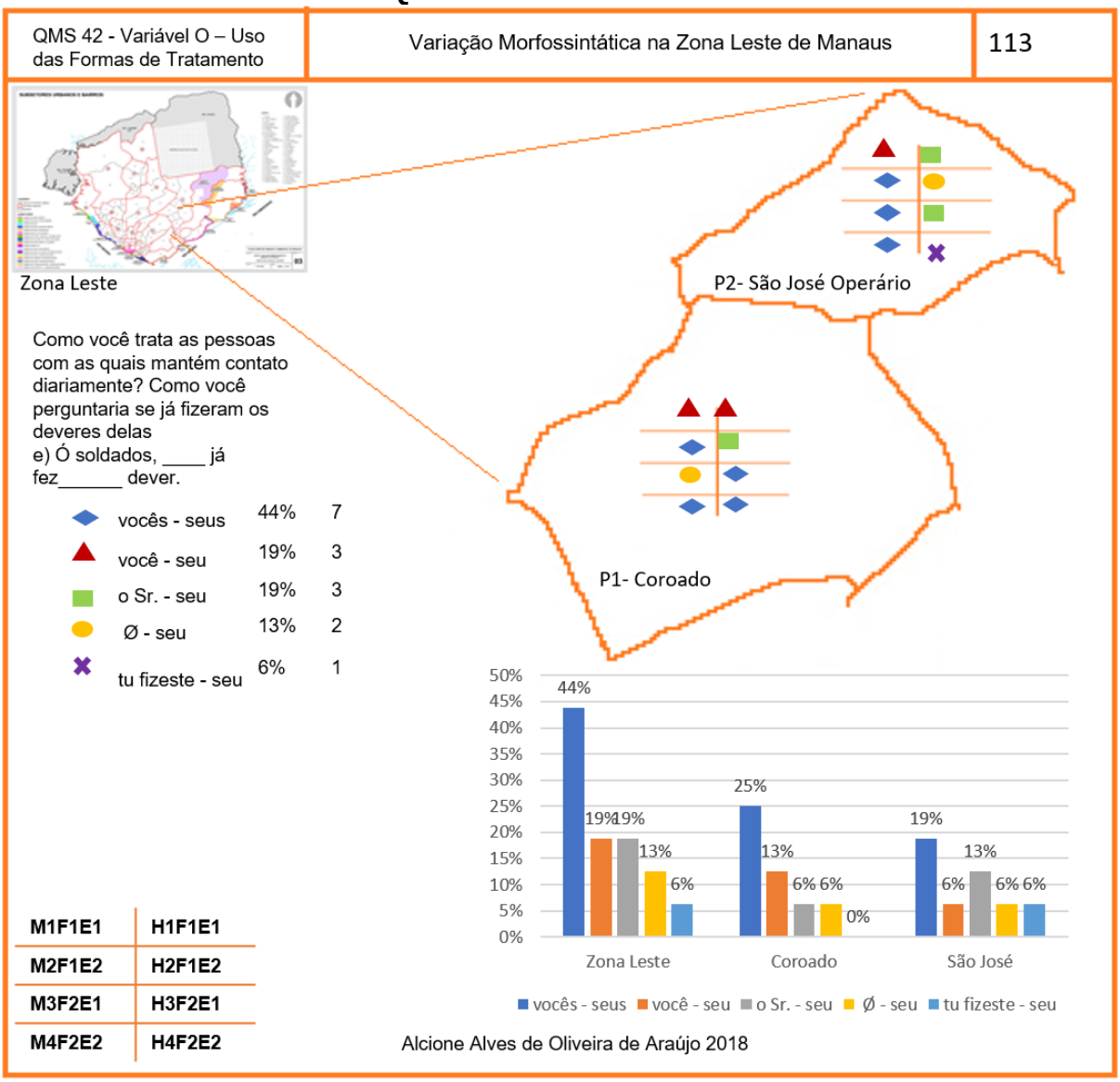
A carta 111 apresenta como de alta frequência e produtividade regular a forma de tratamento para um familiar (*os filhos*) o pronome *você,* com equidade entre os pontos. Observa-se que o uso do pronome pessoal *tu* (baixa frequência e distribuição irregular) não apresentou relação de concordância verbal e uniformidade de pessoa do discurso.

Carta Morfossintática 110 - QMS 42 Variável O – Uso das formas de tratamento



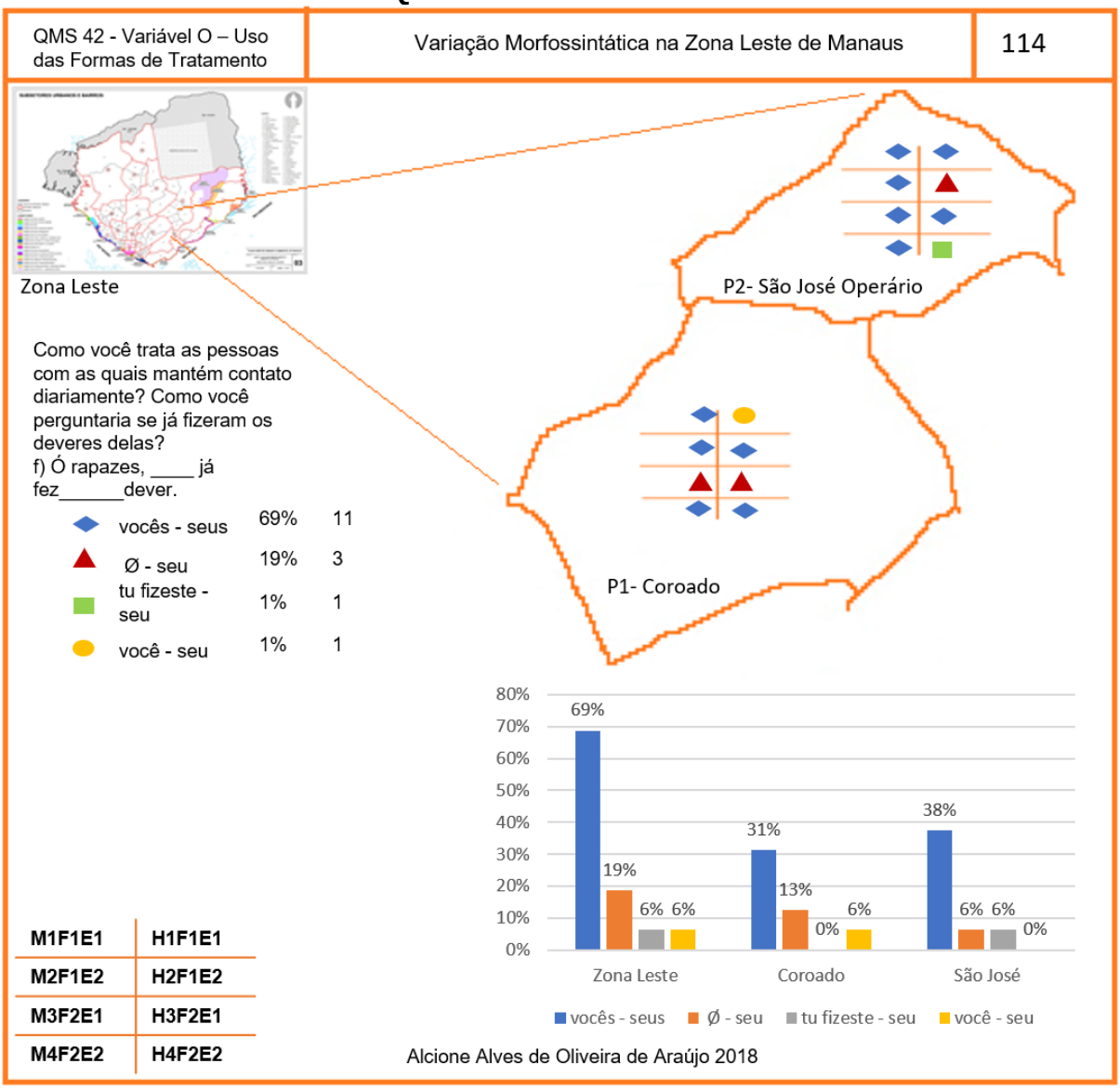
A carta 112 apresenta como de alta frequência e distribuição irregular a forma de tratamento para uma autoridade o pronome *Senhor,* sendo variante regular no Ponto 2 entre as mulheres. Observa-se que o uso do pronome *você* apresentou alta frequência no Ponto 1. O uso de variantes sem o pronome de tratamento indica a pessoa do discurso pelo pronome possessivo *teu/seu.*

Carta Morfossintática 111 - QMS 42 Variável O – Uso das formas de tratamento



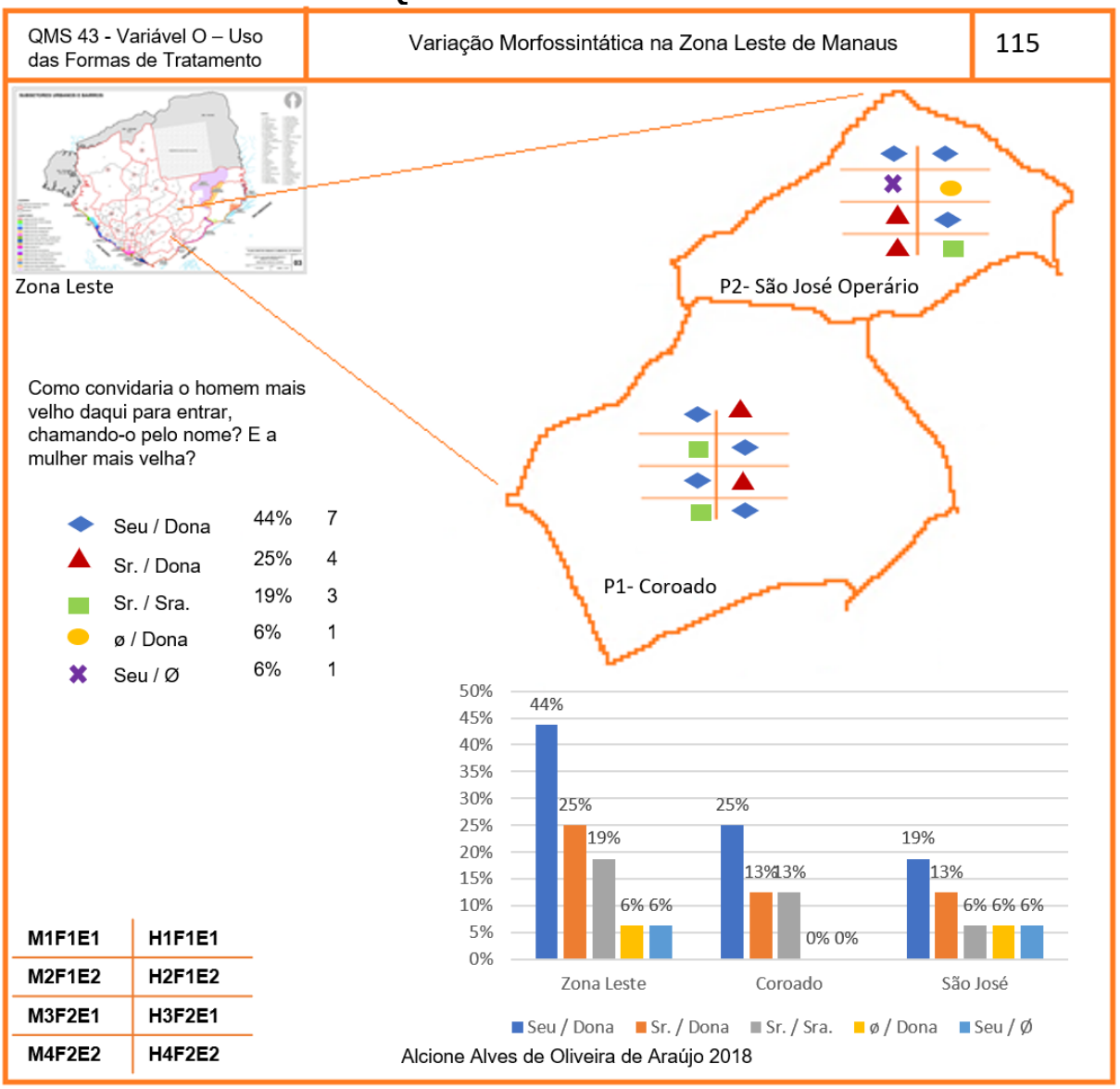
A carta 113 apresenta com alta frequência e distribuição irregular a variante para tratamento de um profissional, que impõe ideologicamente autoridade, o pronome *vocês/você (63%)*, sendo a variante usada por 50% dos entrevistados no Ponto 1. Observa-se que o uso do pronome de tratamento *senhor* apresenta baixa frequência e distribuição irregular, consideradas as variáveis diatópica, diagenérica e diageracional. O uso de *tu* não apresentou relação de concordância verbal e uniformidade de pessoa do discurso.

Carta Morfossintática 112 - QMS 42 Variável O – Uso das formas de tratamento



A carta 114 apresenta como alta frequência e produtividade regular a forma de tratamento para pessoas estranhas o pronome *vocês/você (57%),* sendo variante prestigiada no Ponto 2 pelas mulheres (variável diagenérica). Observa-se que o uso do pronome pessoal *tu* (baixa frequência e distribuição irregular) não apresentou relação de concordância verbal e uniformidade de pessoa do discurso.

Carta Morfossintática 113 - QMS 42 Variável O – Uso das formas de tratamento

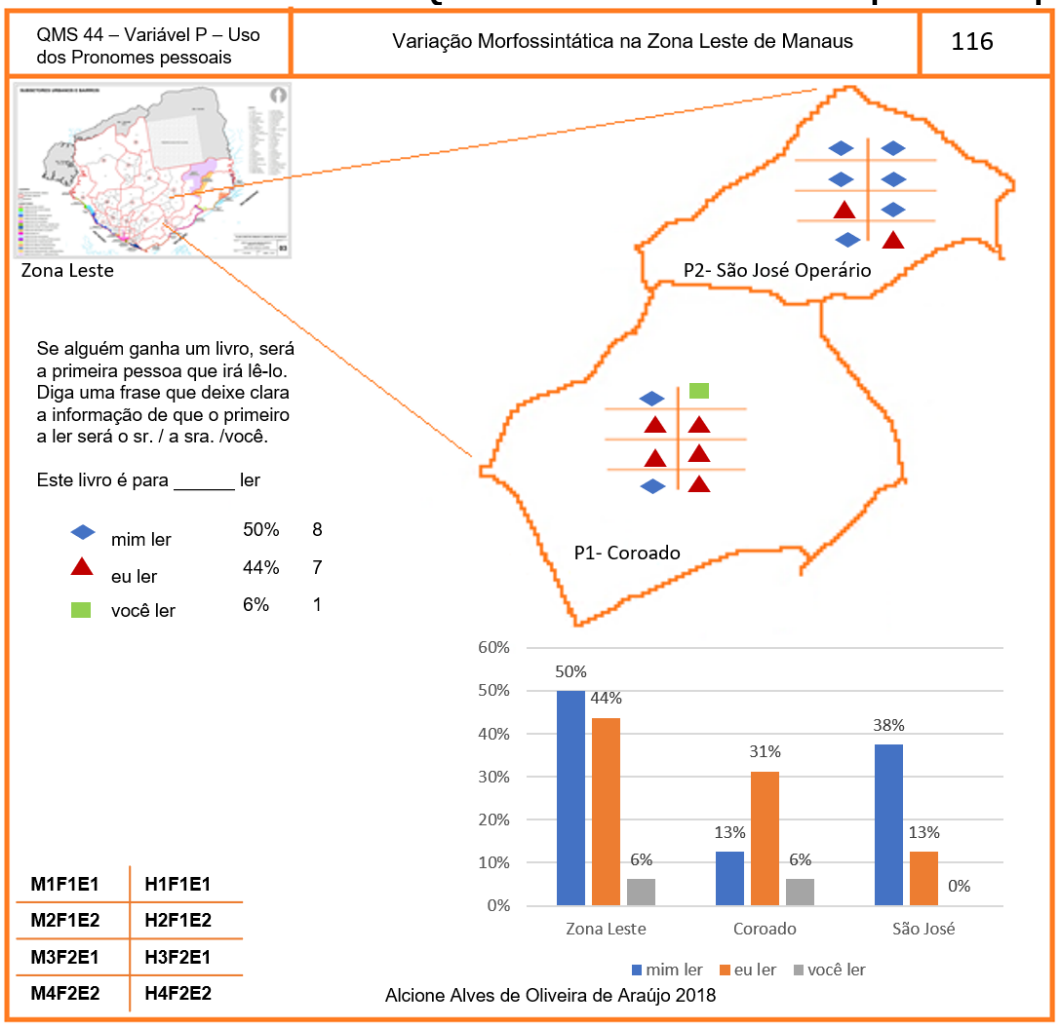


A carta 115 apresenta produtividade para as formas de tratamento *Seu/Dona* (44%), com ocorrências também para *senhor/ senhora*. Observa-se que o Ponto 2 apresenta um número maior de variantes para o tratamento de pessoas mais velhas (5) com baixa frequência e distribuição irregular nas variáveis diagenérica e diageracional, flutuando entre Sr.~Seu / Sra.~Dona.

4.16 Uso dos pronomes pessoais

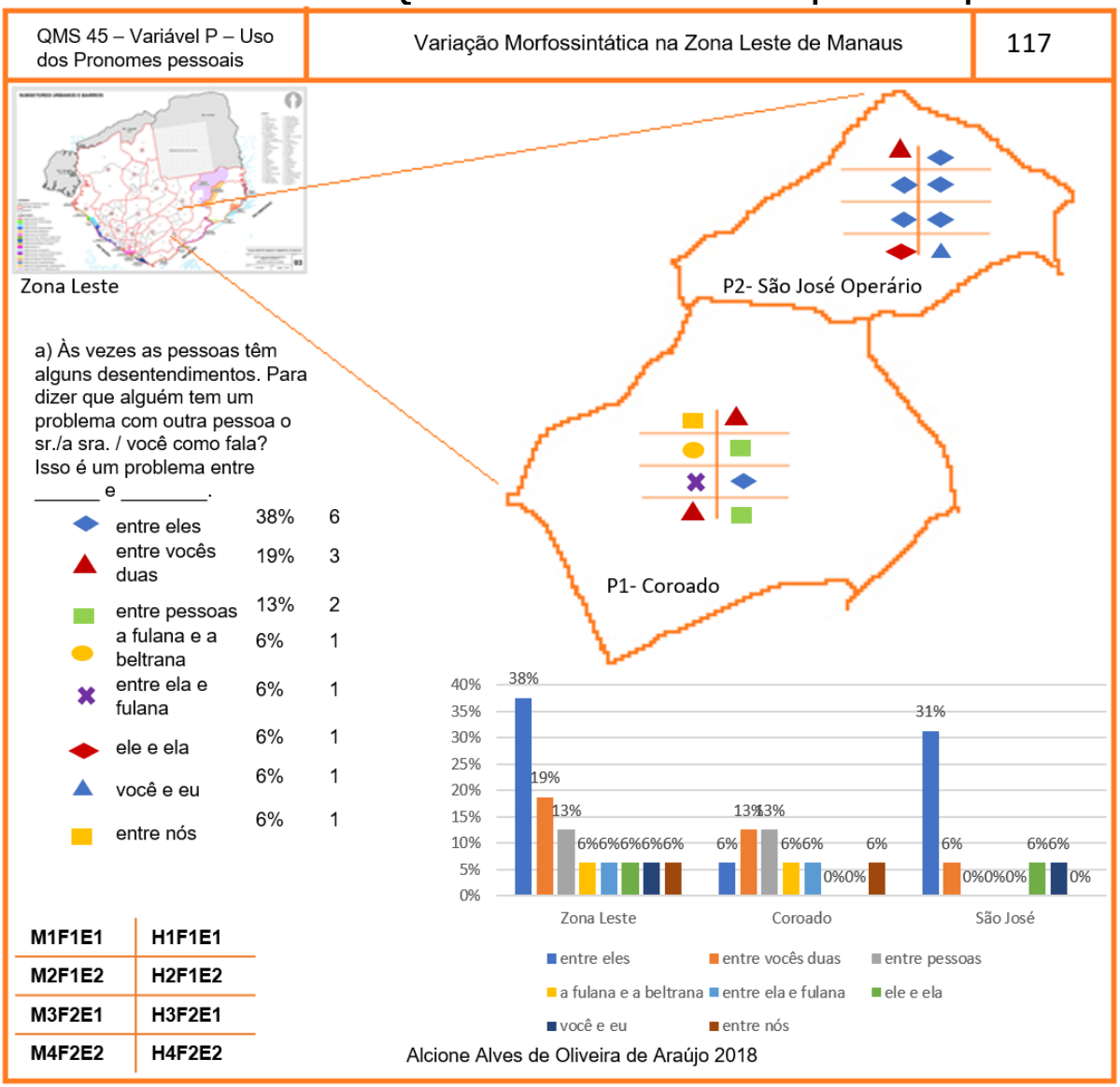
A variável P objetiva a análise de pronomes pessoais e seus usos, verificando as variantes mais produtivas e regulares para representar diretamente as pessoas do discurso em função de sujeito e de complemento, bem como a pluralização dessas pessoas. Infere-se, pelas cartas, que há a alta frequência e distribuição irregular do uso de pronomes retos na função de complemento e não ocorre a uniformidade de tratamento na concordância.

Carta Morfossintática 114 - QMS 44 Variável P – Uso dos pronomes pessoais



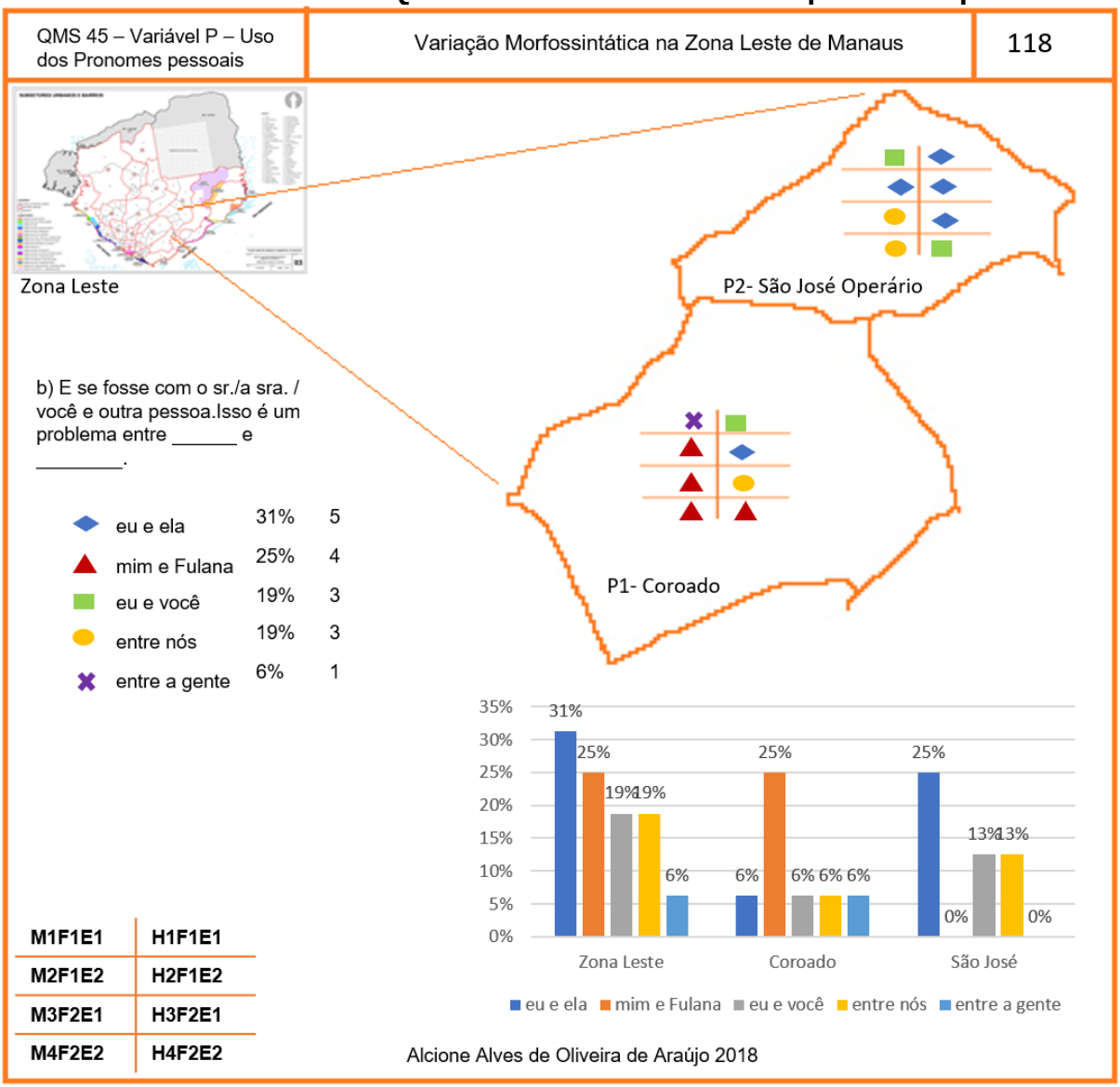
A carta 116 apresenta como produtiva em percentuais gerais a variante *eu ler.* Destaca-se, porém, que, diatopicamente, há maior produtividade para a variante *mim* (50%) funcionando como sujeito para verbos no infinitivo, registrando-se de alta frequência e distribuição regular no Ponto 2, com 75% das ocorrências. A variante prescrita *eu ler* (63%) tem distribuição regular no Ponto 1.

Carta Morfossintática 115 - QMS 45 Variável P – Uso dos pronomes pessoais



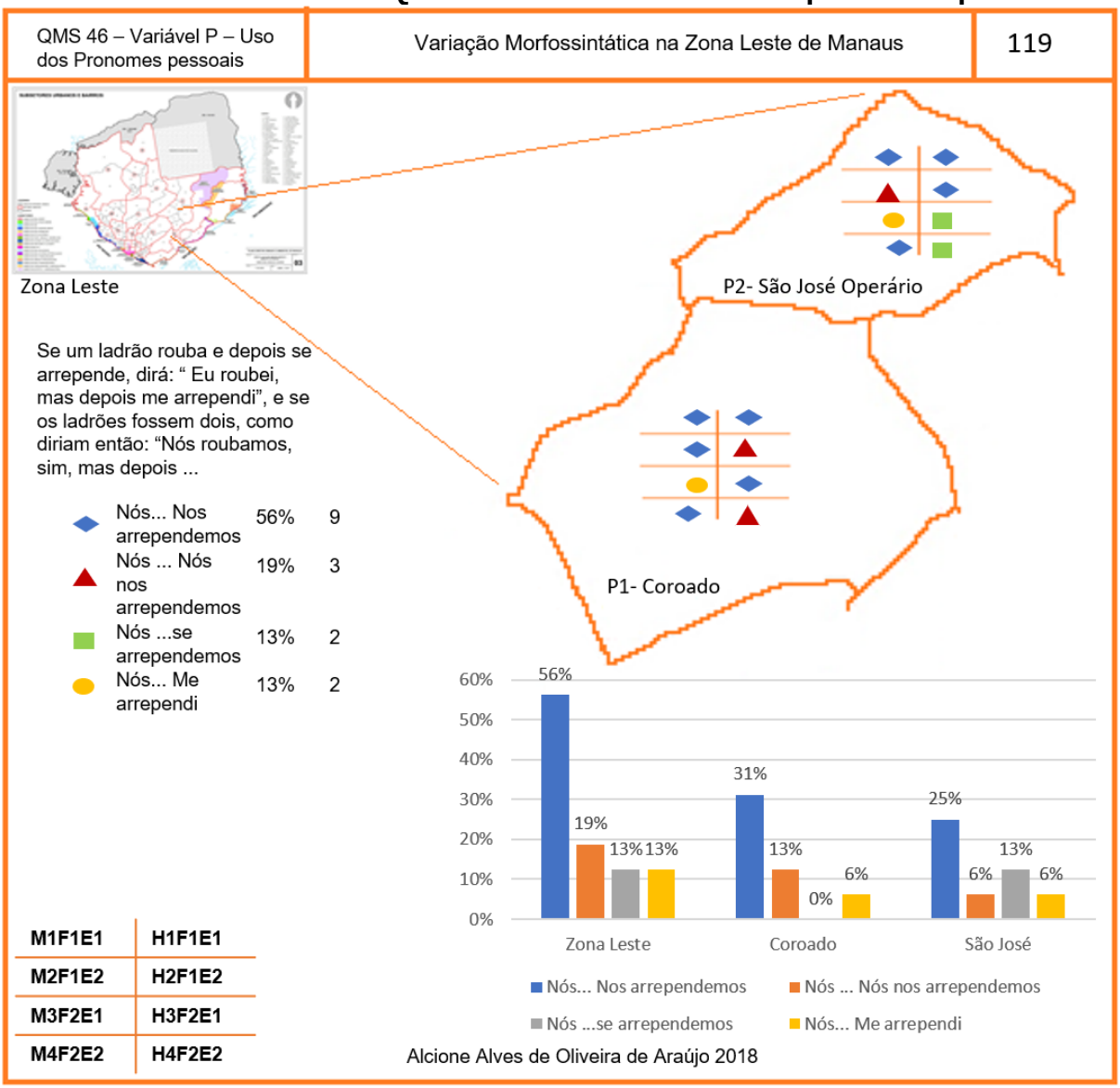
A carta 117 retrata um número alto de variantes em usos nos pontos (8), sendo que o Ponto 1, com a ocorrência de 6 delas, apresenta equidade (13%) para as variantes *entre vocês duas* e *entre pessoas*. No ponto 2, há alta frequência e distribuição regular (75%) para a variante *entre eles*, com maior prestígio entre os homens.

Carta Morfossintática 116 - QMS 45 Variável P – Uso dos pronomes pessoais



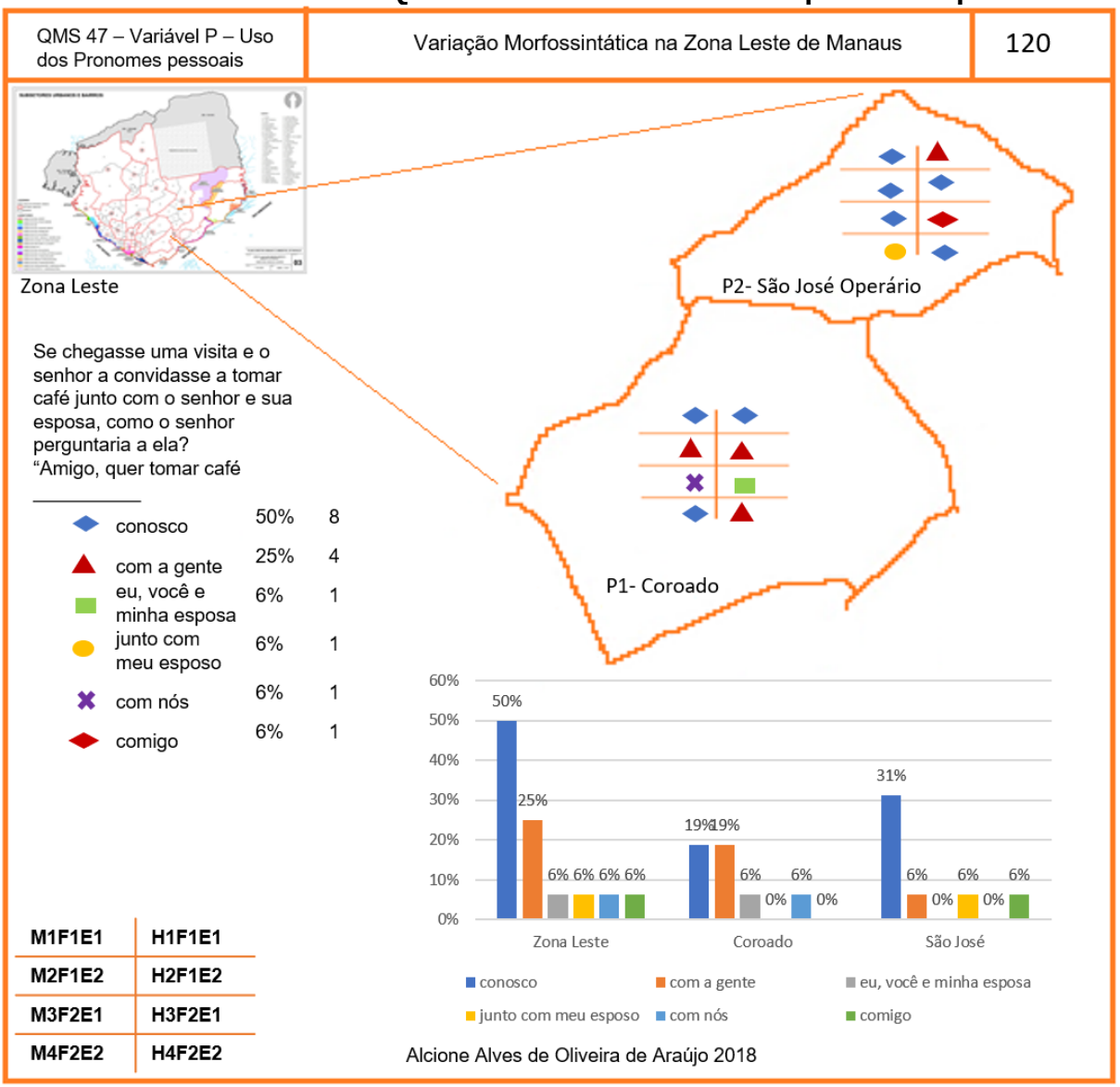
A carta 118 apresenta o uso preposicionado do pronome eu, com produtividade de ocorrência de 31% dos registros. A variável diagenérica e a diatópica apontam para dados espelhados de uso: enquanto (M) usa entre *mim e ...*; (H), *entre eu e ...*

Carta Morfossintática 117 - QMS 46 Variável P – Uso dos pronomes pessoais



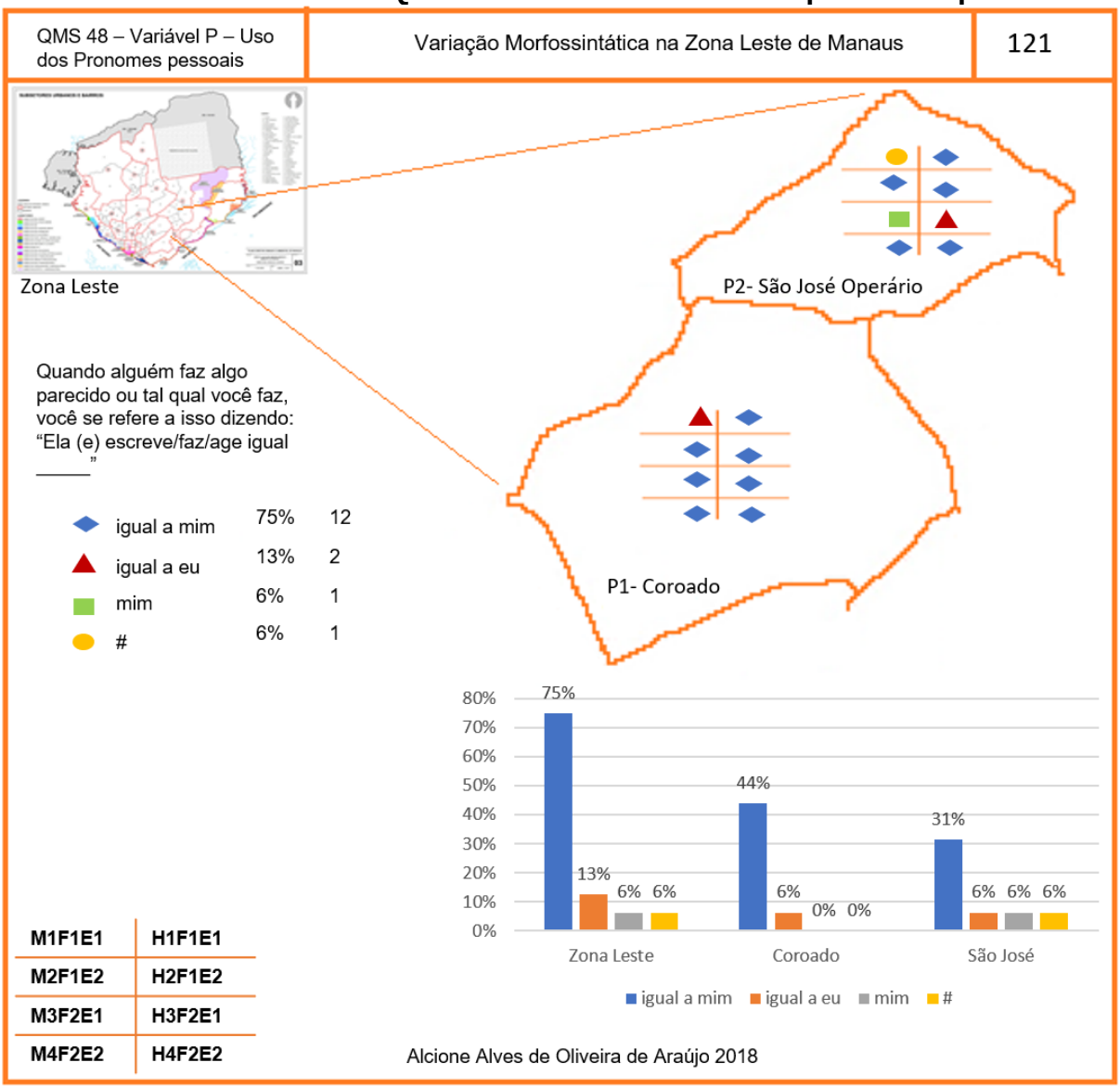
A carta 119 apresenta dados acerca da uniformidade de pessoa do discurso Nós/nos~se. A produtividade maior ocorreu para *Nós... nos arrependemos* sendo essa variante prestigiada no Ponto 1 entre as mulheres. A variante *Nós... se arrependemos* é registrada no Ponto 2 entre para H, F1 e 2, E 1 e 2. A reiteração do pronome pessoal Nós mostrou-se produtiva entre os homens do Ponto 1.

Carta Morfossintática 118 - QMS 47 Variável P – Uso dos pronomes pessoais



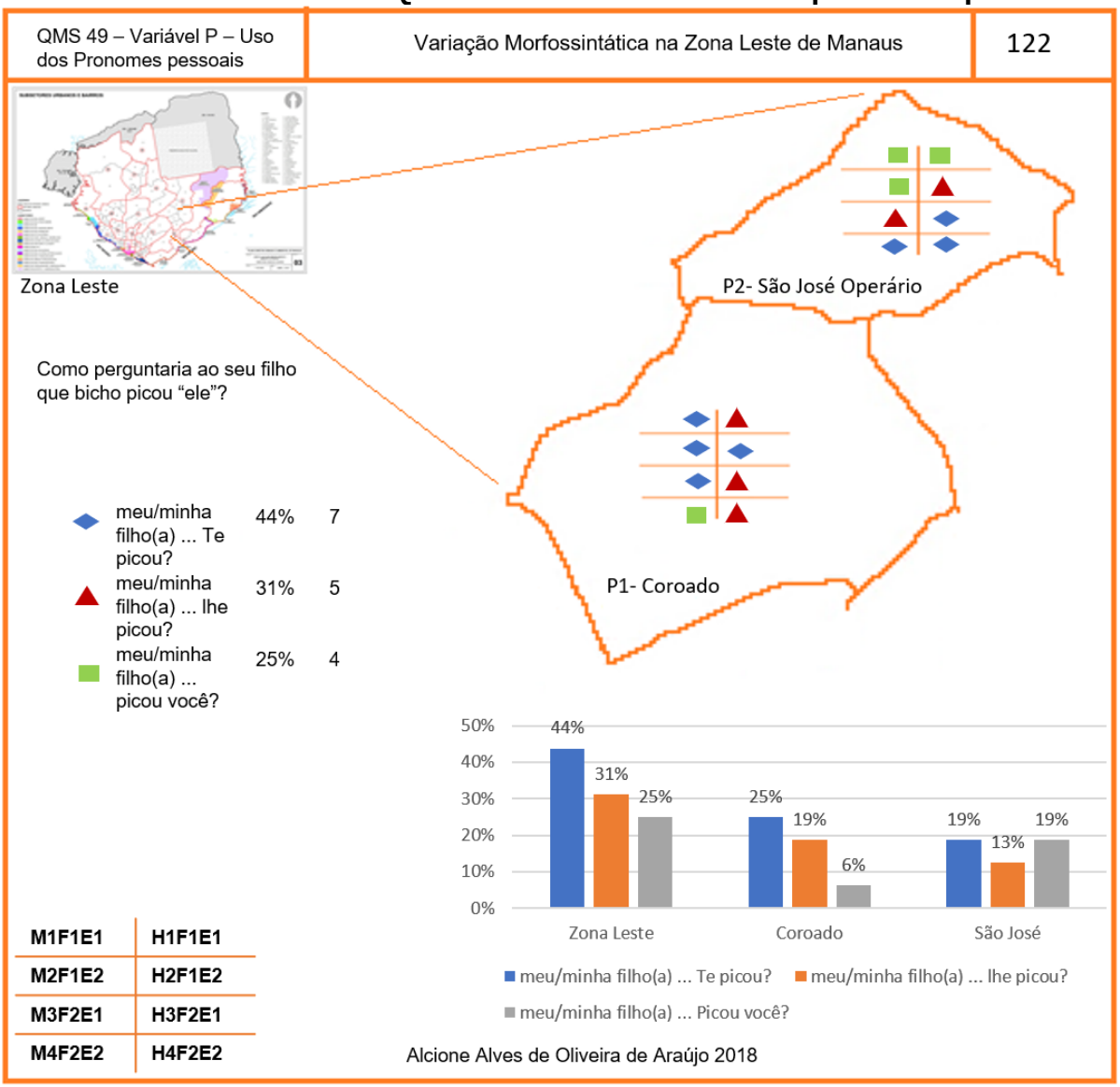
Na carta 120, o uso do pronome oblíquo *conosco* apresentou produtividade geral de 50%, com maior prestígio entre as mulheres do Ponto 2. A variante *com a gente* equipara-se (19%) em preferência no Ponto 1 com a variante *conosco.* As variantes de baixa frequência e distribuição regular: *com nós, comigo* e *junto com,* consideradas as variáveis diagenérica, diastrática e diageracional são mais usadas por H e M, F2, E1 e E2.

Carta Morfossintática 119 - QMS 48 Variável P – Uso dos pronomes pessoais



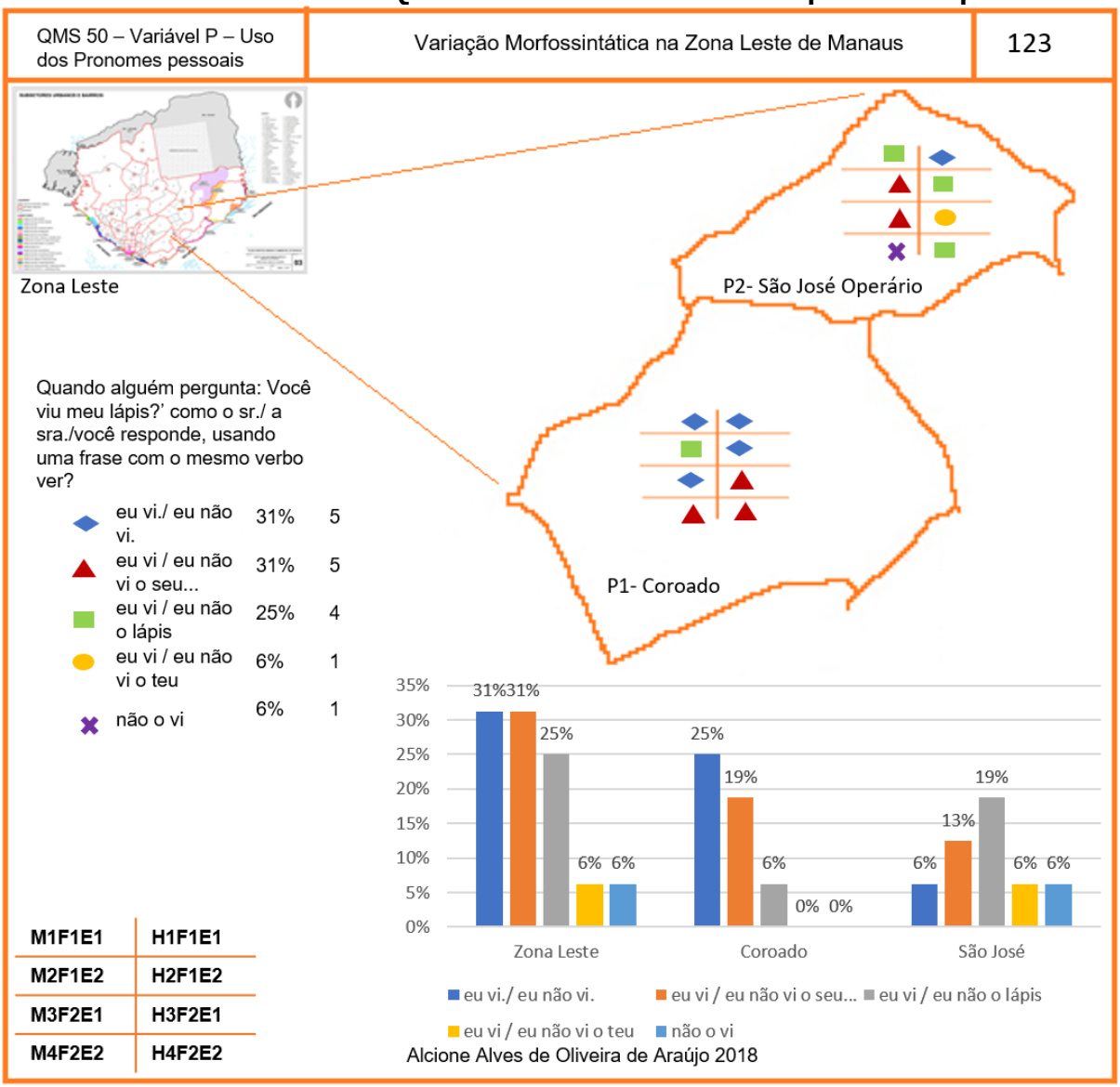
Na carta 121, a forma tônica oblíqua *mim,* usada como complemento para indicar a primeira pessoa do discurso, apresenta maior produtividade (75%) com alta frequência e distribuição regular no Ponto1, norma prestigiada também pela norma-padrão.

Carta Morfossintática 120 - QMS 49 Variável P – Uso dos pronomes pessoais



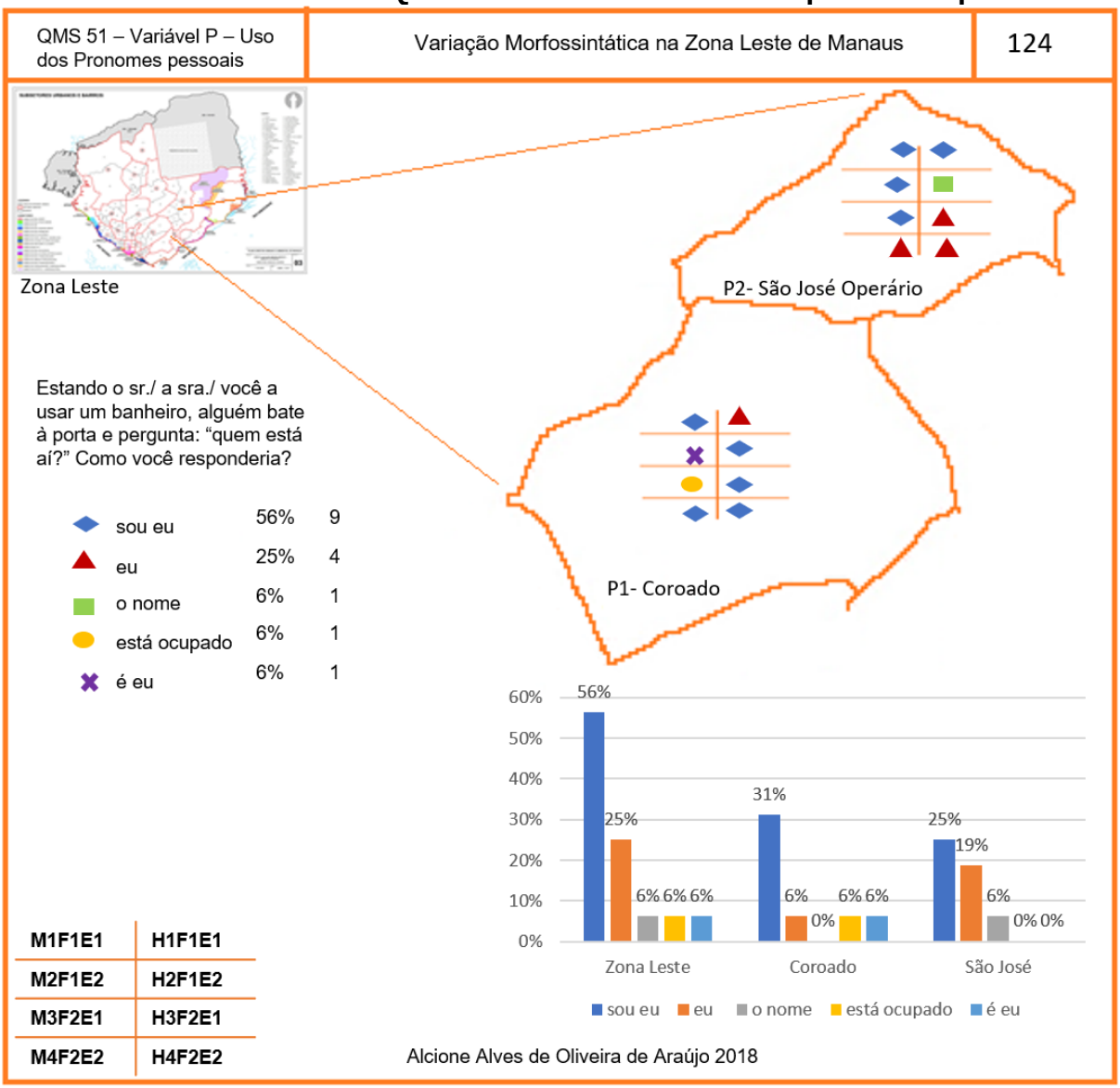
A carta 122 apresenta dados para a uniformidade para a pessoa do discurso com maior produtividade para 2ª pessoa, *te,* em uma fala direta (44%), sendo a variante de prestígio entre as mulheres no Ponto 1. O uso da variante em 3ª pessoa *lhe/você* apresenta distribuição regular em ambos os pontos.

Carta Morfossintática 121 - QMS 50 Variável P – Uso dos pronomes pessoais



Na carta 123, a substituição anafórica de nome por pronome é registrada em baixa frequência e distribuição irregular no Ponto 2 com 6% para: *eu não o vi.* A variante mais produtiva, em percentuais gerais, está em equidade pela elipse e pela reiteração do objeto: *eu vi/ eu não vi* e *eu vi/eu não vi o seu* com maior frequência no Ponto 1.

Carta Morfossintática 122 - QMS 51 Variável P – Uso dos pronomes pessoais

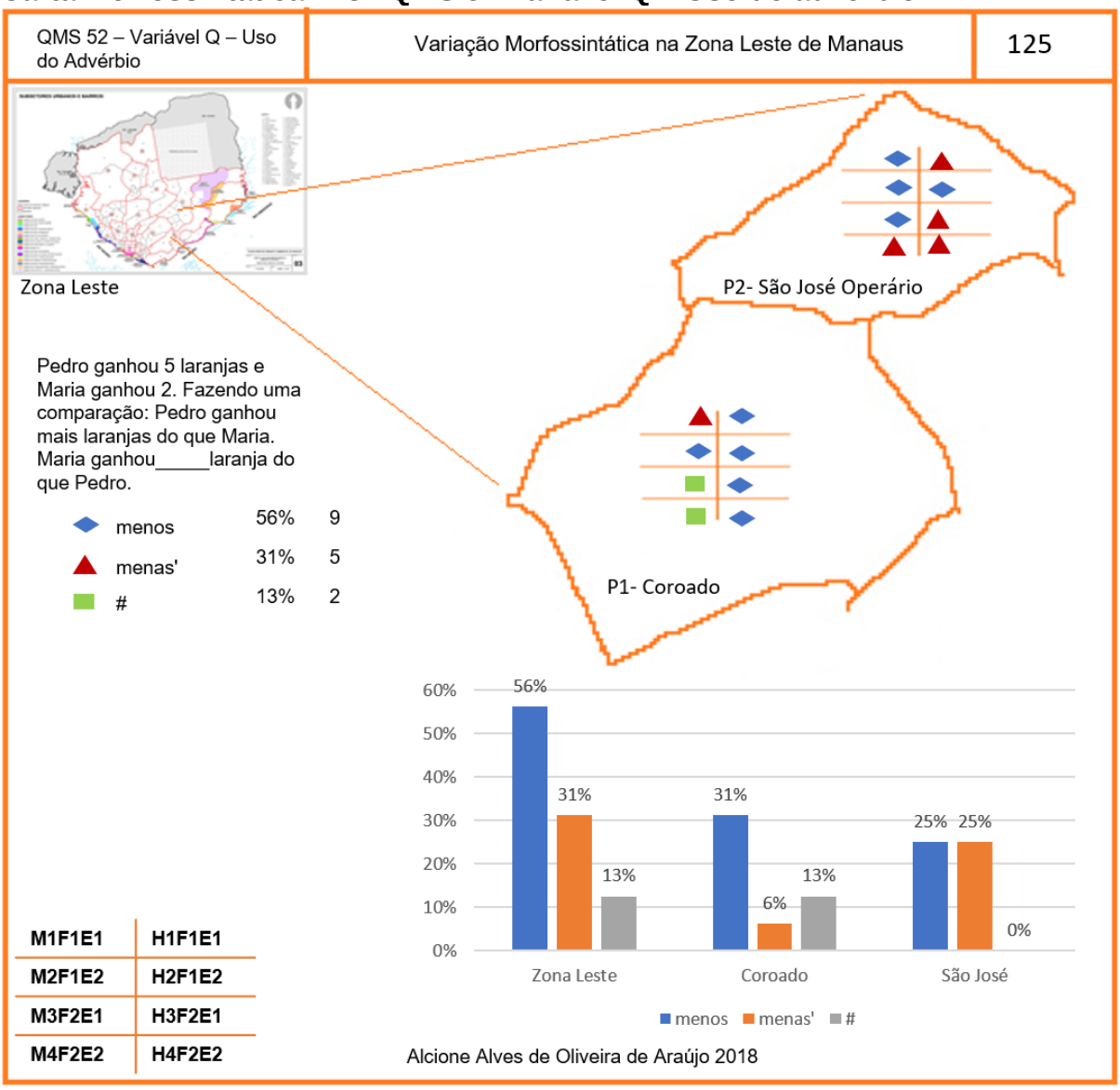


A carta 124 apresenta a concordância do verbo com pessoa do discurso. Para variante mais produtiva registrou-se: *sou eu* (56%), sendo mais prestigiada no Ponto 1. Outras variantes usadas são: *eu* (25%); *o nome* (6%); *está ocupado* (6%); *é eu* (6%), com baixa frequência e distribuição regular ao serem observados à luz de variáveis extralinguísticas em ambos os pontos.

4.17 Uso do advérbio

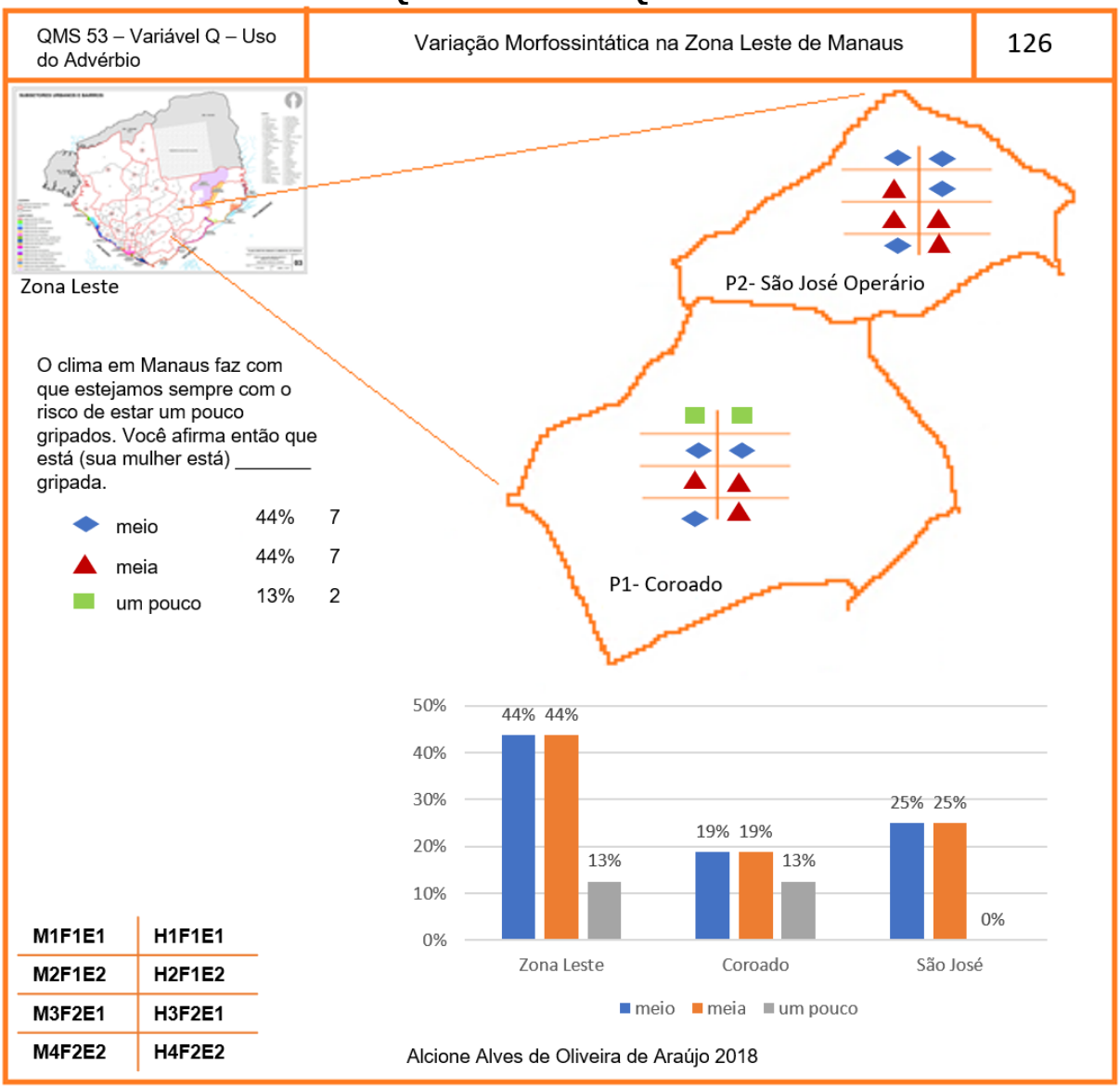
A variável Q objetiva a verificação dos dados para a classe invariável, em gênero e número, dos advérbios. Registrou-se alta frequência e distribuição regular para o uso prescrito na norma-padrão.

Carta Morfossintática 123 - QMS 52 Variável Q – Uso do advérbio



A carta 125 registra produtividade para a variante *menos* (56%) em situações de comparação entre duas quantidades, sendo norma de prestígio entre Homens do Ponto 1 e Mulheres no Ponto 2. A variante *menas* apresentou concorrência e oposição, considerando a variável diageracional F2 do Ponto 2.

Carta Morfossintática 124 - QMS 53 Variável Q – Uso do Advérbio

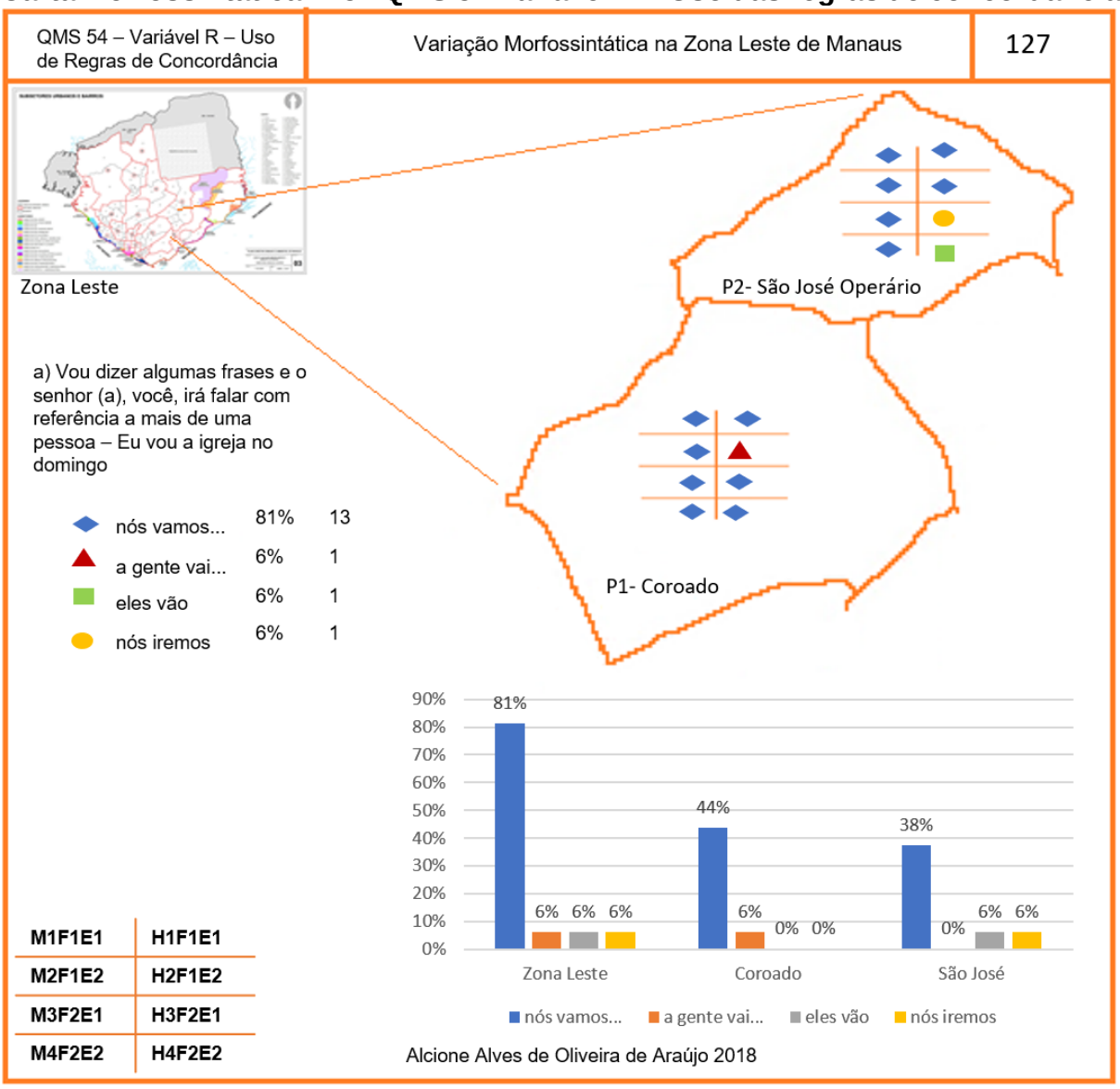


A carta 126 apresenta equidade de 44% entre as variantes *meio* e *meia* como intensificador de adjetivo. No Ponto 2, as duas variantes concorrem diretamente com clara oposição entre as variáveis diageracional e diastrática.

4.18 Uso de regras de concordância

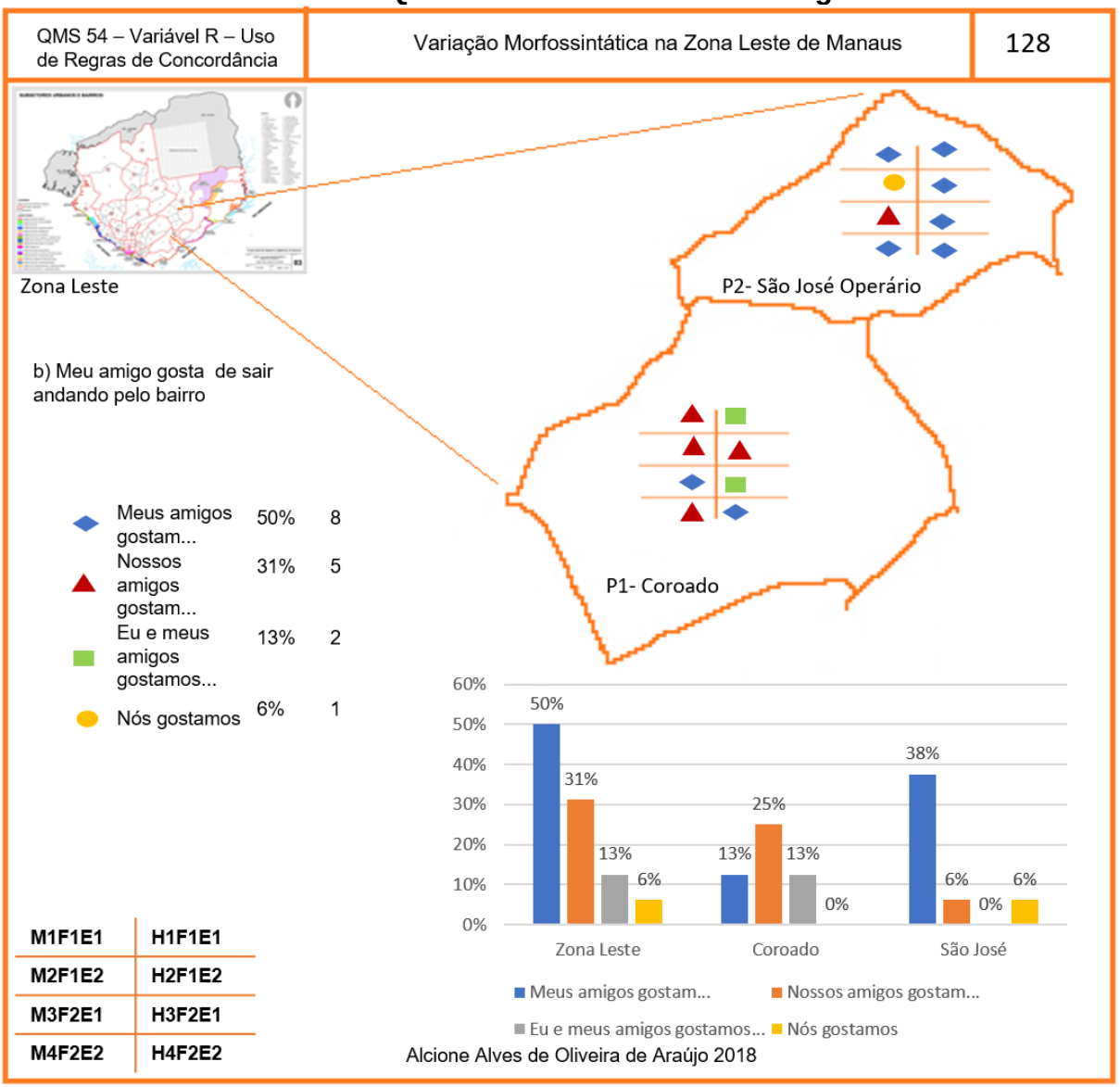
A variável R objetiva apresentar as variantes concordância verbal e nominal em sintagmas nominais, observando-se principalmente a pluralização de pessoas do discurso.

Carta Morfossintática 125 - QMS 54 Variável R – Uso das regras de concordância



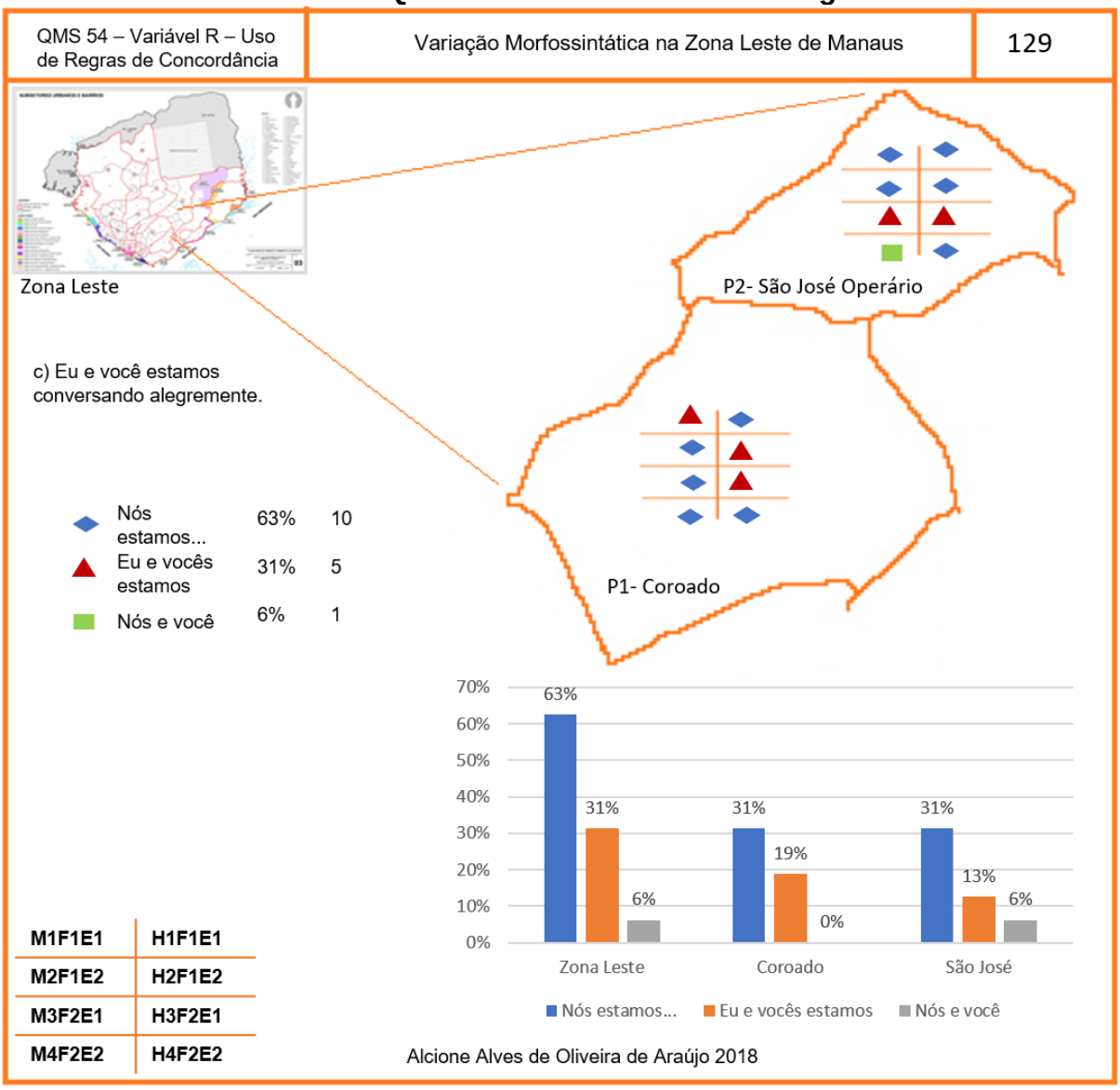
Na concordância verbal, carta 127, há quatro variantes *nós vamos, a gente vai, eles vão* e *nós iremos* das quais a mais produtiva foi *nós vamos* com treze ocorrências, equivalentes a 81% no geral, sendo a norma de prestígio no ponto 1.

Carta Morfossintática 126 - QMS 54 Variável R – Uso de regras de concordância



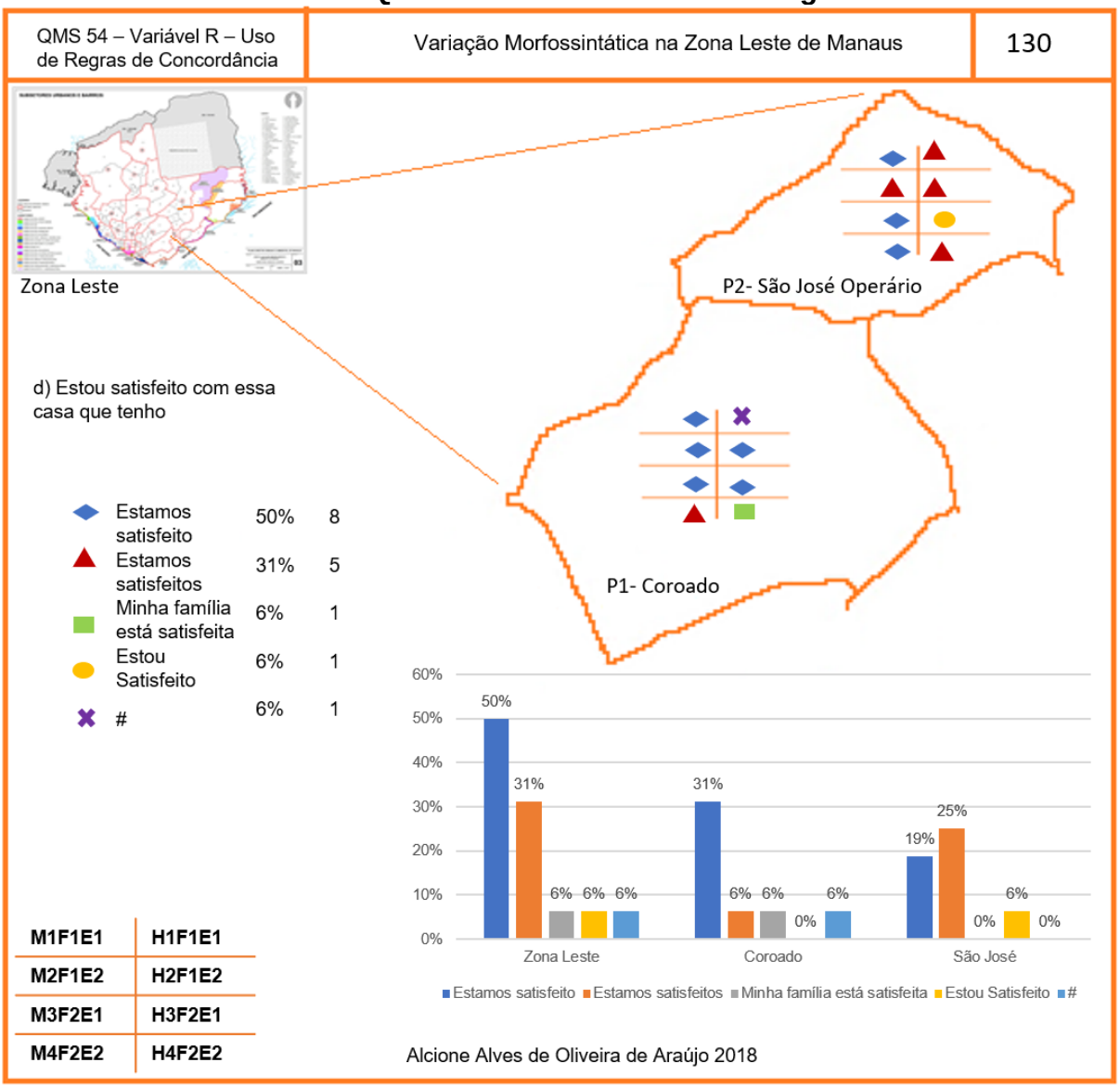
Na carta 128, a concordância verbal para *Meu amigo gosta*... apresenta quatro variantes *meus amigos gostam, nossos amigos gostam, eu e meus amigos gostamos* e *nós gostamos* das quais a mais produtiva foi *meus amigos gostam* com oito ocorrências, equivalentes a 50% no geral, sendo a norma de prestígio no Ponto 2 entre os homens.

Carta Morfossintática 127 - QMS 54 Variável R – Uso de regras de concordância



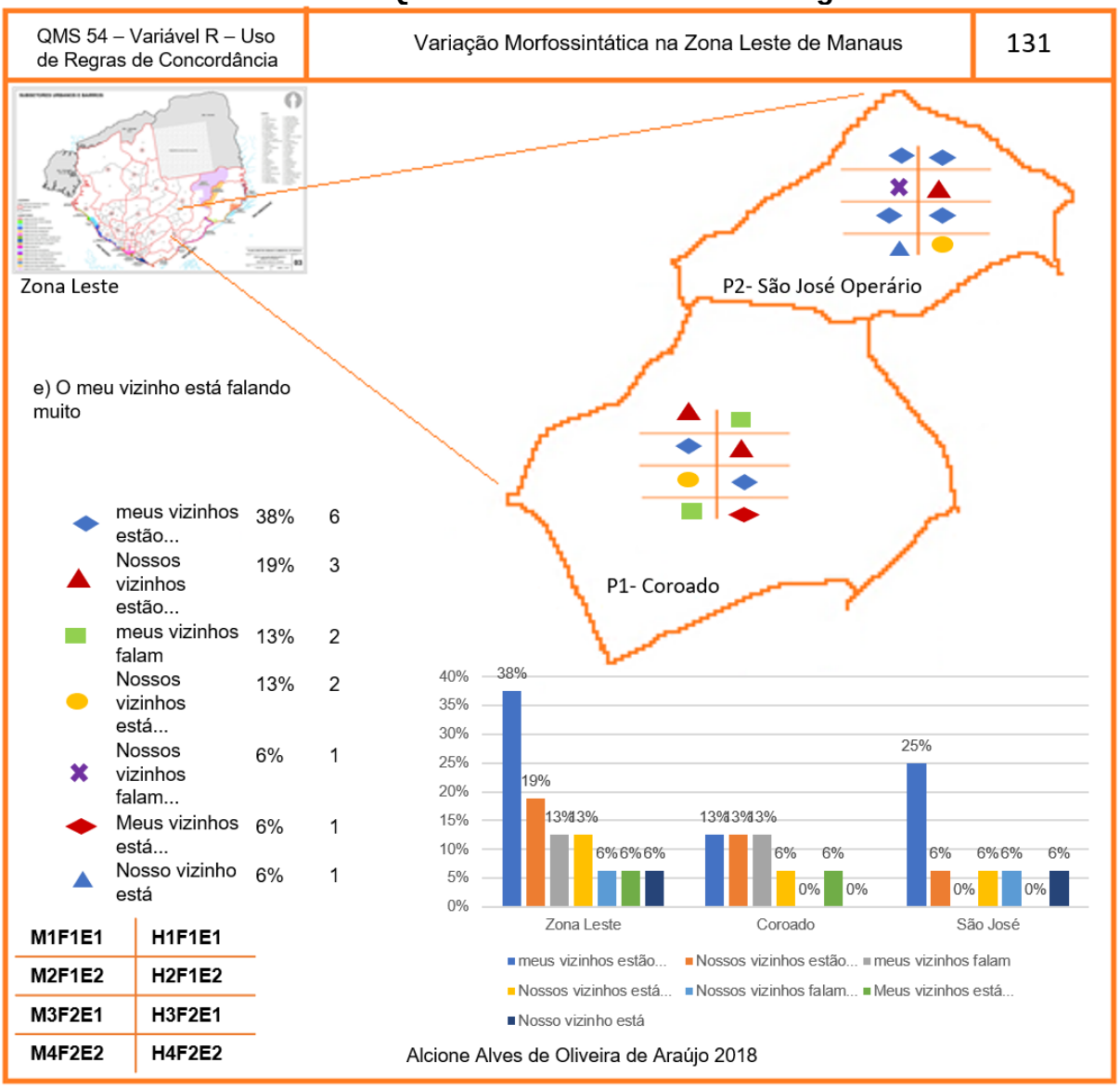
Na carta 129, a concordância verbal para *Eu e você gostamos*... apresenta três variantes *nós estamos..., eu e vocês estamos, nós e você estamos* das quais a mais produtiva foi *nós estamos* com dez ocorrências, equivalentes a 63% no geral, sendo a norma de prestígio no Ponto 1 entre as mulheres. Observa-se a correção eu e você<nós / eu e você<eu e vocês / eu e você < nós e você, a pluralização das pessoas do discurso não apresenta regularidade.

Carta Morfossintática 128 QMS 54 Variável R – Uso de regras de concordância



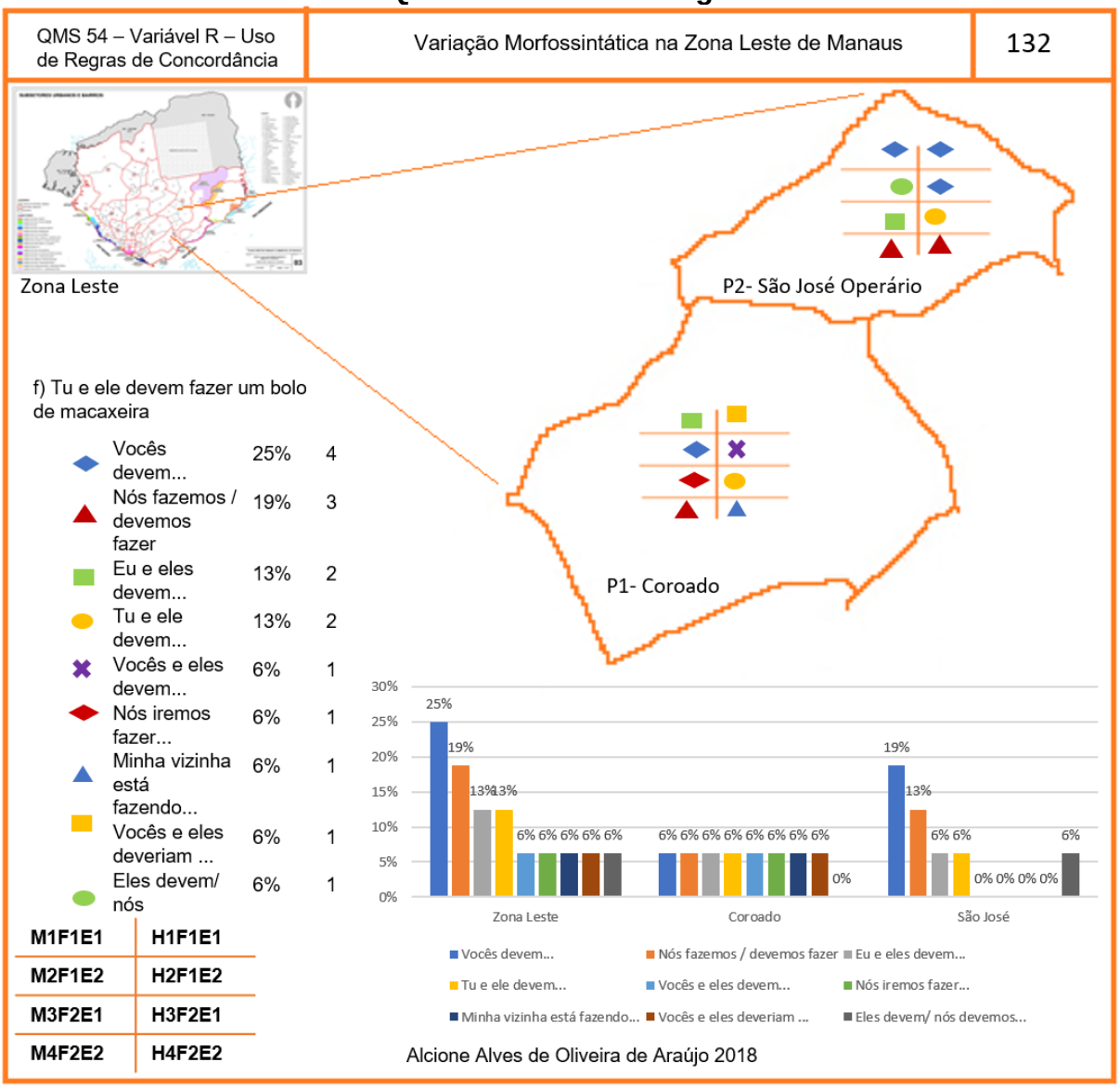
Na carta 130, a concordância verbal para *Estou satisfeito com...* apresenta cinco variantes *estamos satisfeito, estamos satisfeitos, minha família está satisfeita, estou satisfeito* das quais a mais produtiva foi *estamos satisfeito* com oito ocorrências, equivalentes a 50% no geral, sendo a norma de prestígio em ambos os Pontos entre as mulheres. Observa-se a flexão apenas do verbo.

Carta Morfossintática 129 - QMS 54 Variável R – Uso de regras de concordância



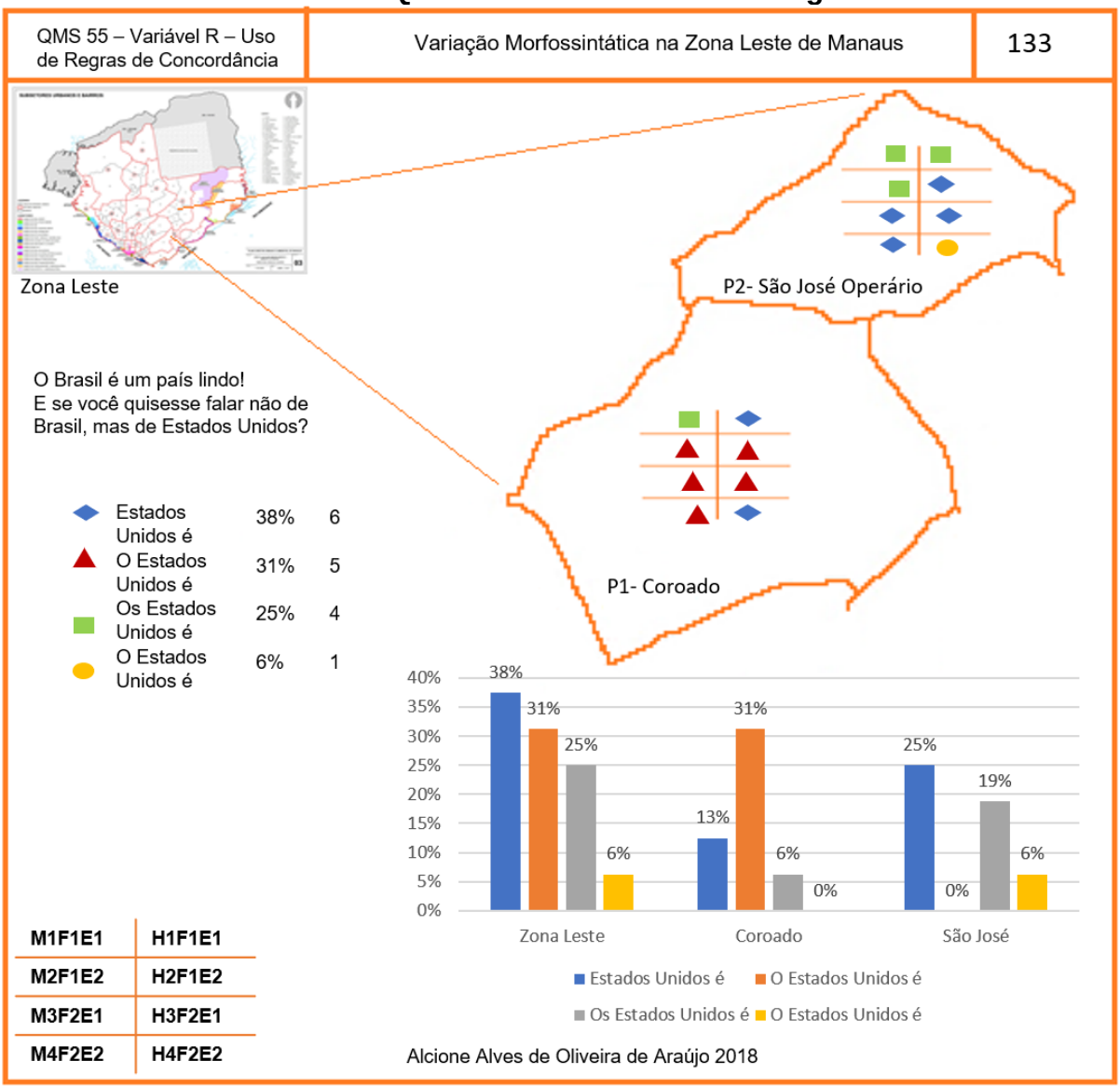
Na carta 131, a concordância verbal para *O meu vizinho está*... apresenta sete variantes *Meus vizinhos estão*..., *Nossos vizinhos estão*..., *Meus vizinhos falam*..., *Nossos vizinhos está*..., *Nossos vizinhos falam*..., *Meus vizinhos está*... e *Nosso vizinho está*... das quais a mais produtiva foi *meus vizinhos estão...* com seis ocorrências, equivalentes a 38% no geral, sendo a norma de prestígio no Ponto 2.

Carta Morfossintática 130 - QMS 54 R – Uso de regras de concordância



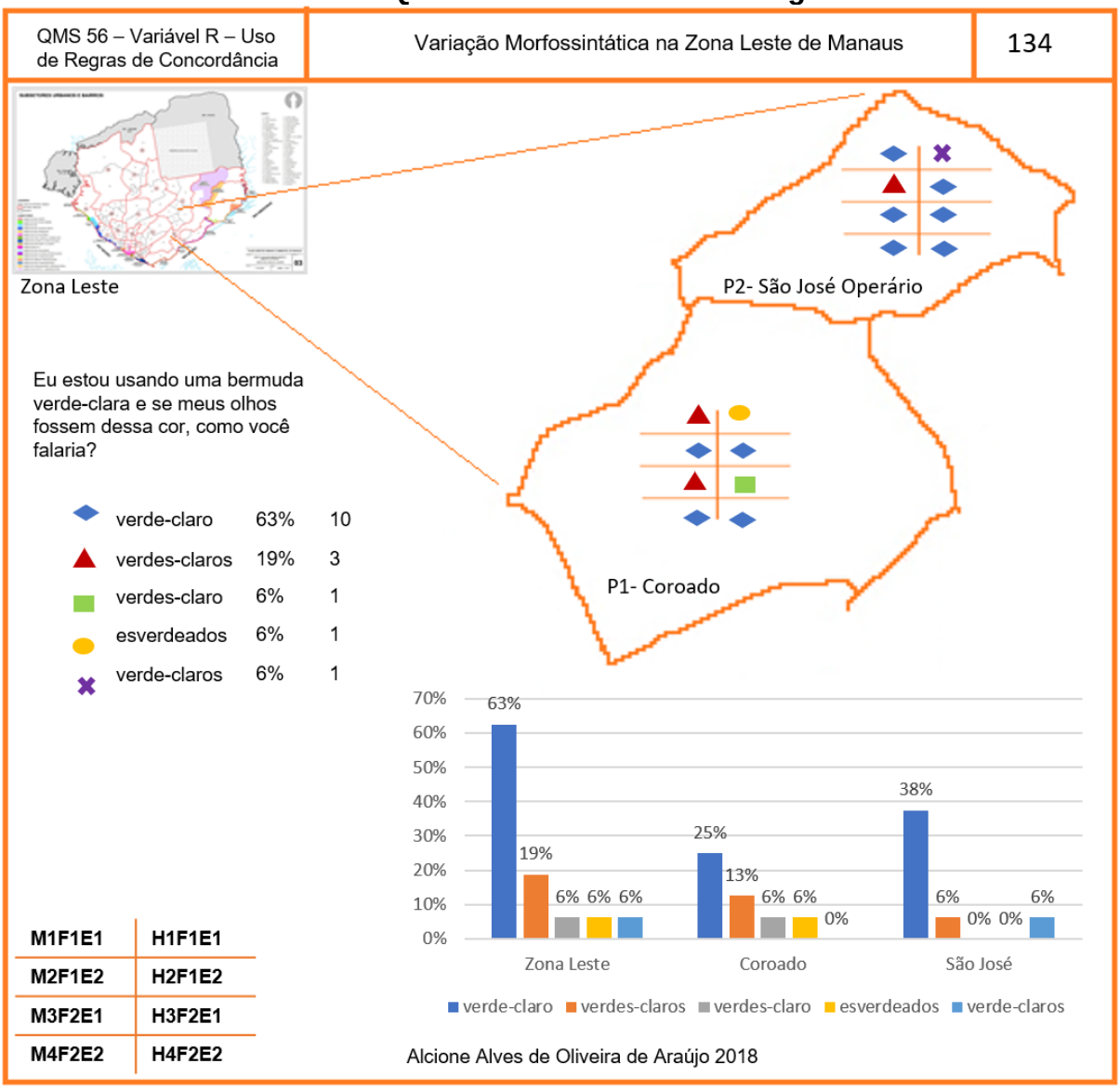
Na carta 132, a concordância verbal para *Tu e ele devem fazer...* apresenta oito variantes, sendo a mais produtiva *Vocês devem fazer...* com quatro ocorrências, equivalentes a 25% no geral. A incidência de nove variantes e tendo o Ponto 1 comoito delas, inviabiliza uma norma de prestígio para a Zona Leste, posto que todas apresentam baixa frequência (-75%) e distribuição irregular.

Carta Morfossintática 131 - QMS 55 Variável R -Uso de regras de concordância



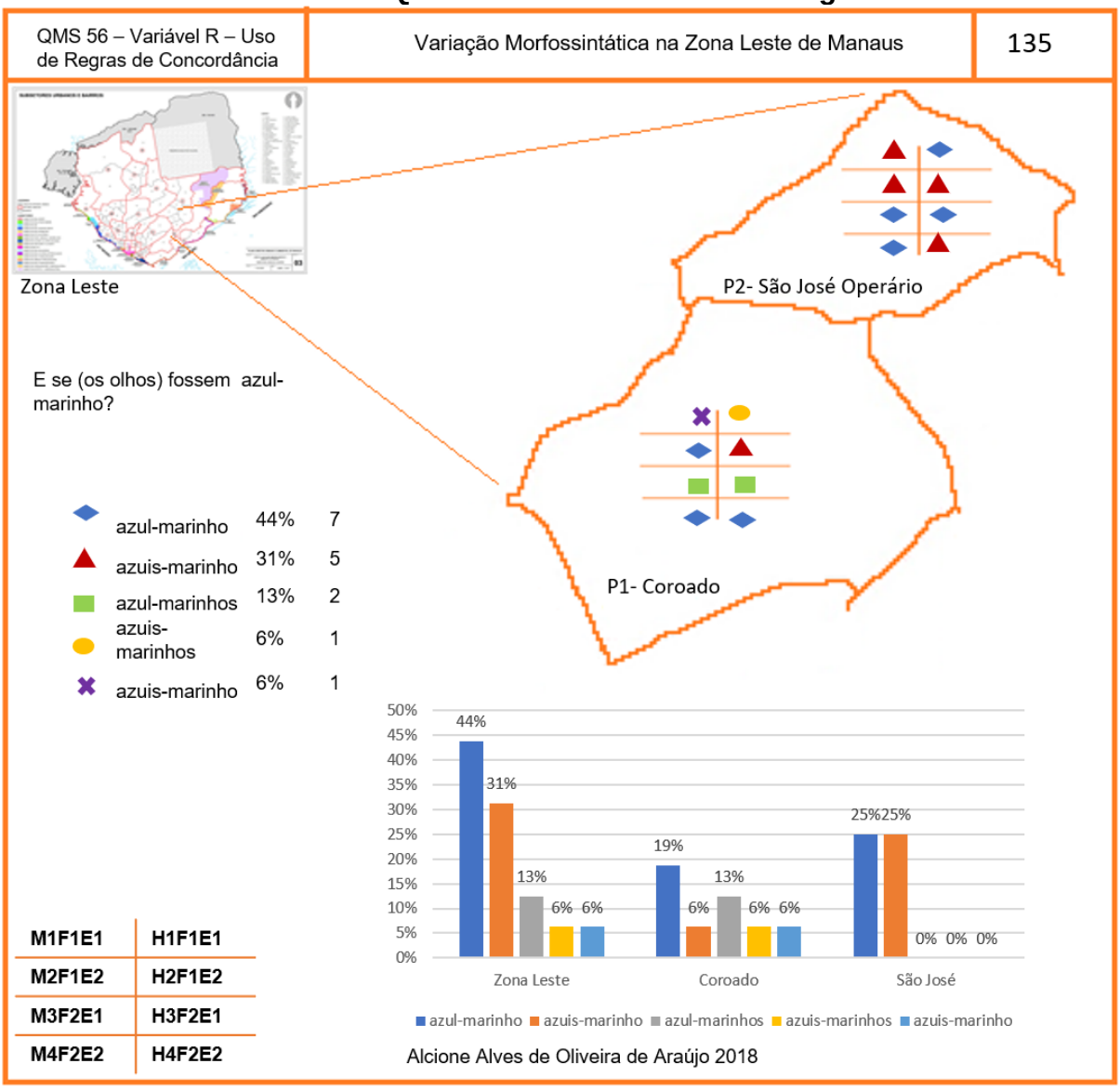
Na carta 133, a concordância para o topônimo *Estados Unidos* apresenta quatro variantes, sendo a mais produtiva *Estados Unidos é um país lindo* com seis ocorrências, equivalentes a 38% no geral, sendo a norma de prestígio no Ponto 2 e para o Ponto 1 a norma de prestígio é a correção +artigo singular/verbo singular (75%).

Carta Morfossintática 132 - QMS 6 Variável R -Uso de regras de concordância



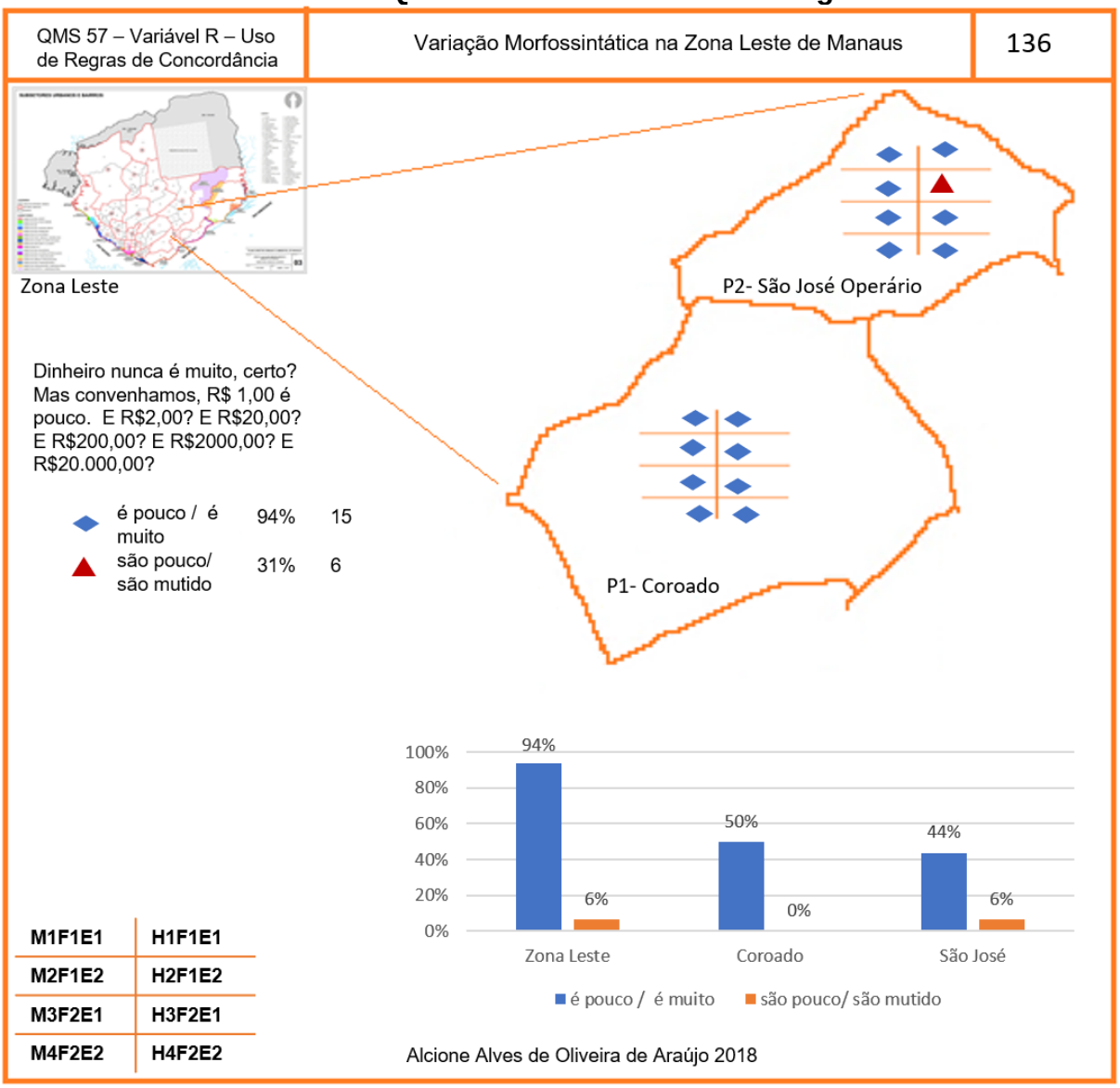
Na carta 134, a concordância verbal para nome e determinante em forma composta apresenta cinco variantes, sendo a mais produtiva *olhos verde-claro...* com dez ocorrências, equivalentes a 63% no geral, sendo a norma de prestígio no Ponto 2.

Carta Morfossintática 133 - QMS 56 Variável R – Uso de regra de concordância



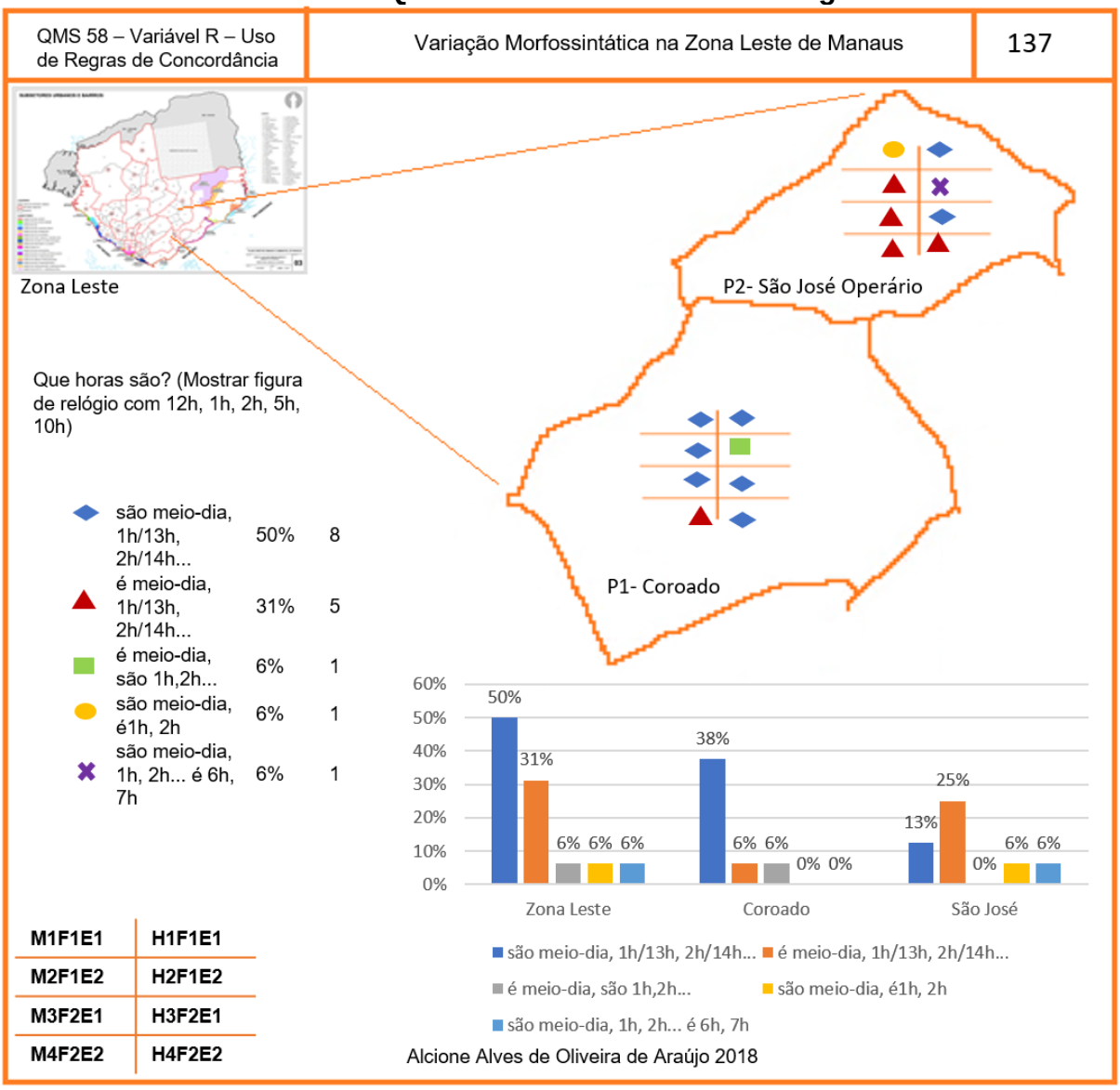
Na carta 135, a concordância verbal para nome e determinante em forma composta apresenta cinco variantes, sendo a mais produtiva *olhos azul-marinho* com sete ocorrências, equivalentes a 44% no geral, sendo a norma de prestígio no Ponto 2. No Ponto 1 há a concorrência de cinco variantes com maior ou menor grau de frequência e distribuição irregular.

Carta Morfossintática 134 - QMS 57 Variável R – Uso de regras de concordância



Na carta 136, a concordância verbal para *é muito, é pouco, é suficiente* em relação a quantidades singular e plural apresenta duas variantes, sendo a mais produtiva *é pouco* com quinze ocorrências, equivalentes a 94% no geral, sendo a norma de prestígio em ambos os pontos, pela alta frequência e distribuição regular.

Carta Morfossintática 135 - QMS 58 Variável R – Uso de regras de concordância



Na carta 137, a concordância verbal para o verbo *ser* na indicação de horas apresenta sete variantes, sendo a mais produtiva *são* com oito ocorrências, equivalentes a 50% no geral, sendo a norma de prestígio no Ponto 1.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As metrópoles são apropriadas pelo falante pela língua e tornaram-se o berço do plurilinguismo, posto que para elas convergem diferentes grupos sociais, culturais e étnicos, muitas vezes alheios uns dos outros, mas que coabitam o espaço urbano. Um exemplo claro de um espaço urbano geossocial e cultural agregador dos fatores extralinguísticos é a cidade de Manaus, capital do maior estado brasileiro e área urbana geograficamente central da Amazônia Brasileira.

A capital amazonense tornou-se, ao longo do tempo, uma metrópole cosmopolita, local de efetivação da transformação linguística de seus falantes. Tal transformação tem por causa os ciclos econômicos – Borracha e Zona Franca –, bem como os atrativos desenvolvimentistas e tecnológicos, principalmente para o caboclo do interior o qual, sem os recursos mínimos de educação e da saúde de qualidade, busca na capital a melhoria na qualidade de vida.

Em consequência desse contexto geossocial, Manaus apresenta uma miscelânea sociocultural que lhe enriquece o léxico e/ou que influencia no modo de falar de seus habitantes, visto que os “novos moradores” trazem, além da bagagem material, toda uma bagagem imaterial (língua e costumes, principalmente). Ao chegarem aqui, o modo de falar de um morador nascido/migrante interage com o falar do migrante/morador nascido e um novo idioleto começa a se delinear. Por conseguinte, como resultado da troca cultural, fica-se com uma a realidade linguística de Manaus cheia de peculiaridades fonético-fonológicas, morfossintáticas, lexicais, semânticas e prosódicas, tornando urgentes estudos nessas áreas. A análise geossociolinguística, por exemplo, quando escolhida para o estudo, permite ao pesquisador uma investigação pluridimensional, uma descrição da língua e a identificação de seus falantes.

Por assim dizer, ao se considerar uma comunidade urbana, como Manaus por exemplo, observa-se que o repertório linguístico se constitui de variedades distintas, isso porque os habitantes da cidade falam de modo diferente em função da situação em que se encontram e em razão de sua origem, classe social, profissão, escolaridade em comparação a moradores da zona rural, o interior do Amazonas por exemplo.

Nesse contexto, identificar a variação morfossintática em Manaus a partir de um estudo geossociolinguístico, com o intuito de elencar as diferenças entre a fala de moradores em uma área específica de Manaus, bem como as individualizações no falar típico da capital; e, estabelecer uma comparação apontando o quanto da língua padrão é internalizado pelos falantes de Manaus, permitiu inferir que a fala na Zona Leste agrega semelhanças, diferenças individualizações e padronizações.

O estudo realizado, como toda pesquisa com uma base dialetal, centrou-se em dados horizontais (geolingüística), porque era de interesse desta pesquisadora o registro de fatos da Língua Portuguesa numa dada localidade de Manaus. Para enriquecê-lo, foram acrescidos dados verticais (sociolinguística) para analisar e comparar as diferenças socioculturais para a ocorrência de uma variante sem, contudo, registrar seu percurso histórico. Tais princípios gerais permitiram identificar fenômenos ou fatos morfossintáticos registrados na área de observação, sem a obrigatoriedade de explicar, quantificar ou qualificá-los (o que pode ser feito por meio de estudos específicos dos dados registrados). Assim, o registro de 16 informantes pode ser validado para indicar se, nos Pontos 1 (Coroado) e 2 (São José Operário) da Zona Leste, existe a ocorrência de uma ou mais variantes para uma variável em estudo.

A metodologia pluridimensional é constituída pela aplicação de variáveis diatópicas somadas às variáveis diagenérica, diageracional, diastrática e diatópico-cinética entre outras não aplicadas nesta pesquisa. Essa metodologia favoreceu a análise da hipótese de que o falante, ao comunicar-se, faz uso de uma estrutura linguística formal ou não, a qual se adequa à função comunicativa de que fará uso para expressar/enunciar seu discurso em um dado grupo cultural. Nesse sentido, pode-se afirmar que os informantes possuem domínio de um ou mais dialetos da Língua Portuguesa. Esse(s) dialeto(s) é/são representativo (s) de suas experiências socioculturais e permitem sua inserção em novos grupos.

A aplicação da metodologia impôs algumas dificuldades. Entre elas a necessidade de reformular o projeto original por não se apresentar exequível comparar dados da fala manauara com a fala de pessoas oriundas de diferentes regiões do país em um tempo exíguo de dois anos, embora se reconheça haver atlas o suficiente para tal empreitada. Outra dificuldade metodológica esteve na constituição

do quadro dos informantes, com a idade e tempo de residência almejados. No campo teórico, a definição da norma para a análise dos dados foi causa de muitas dúvidas e reflexões, posto que não se pode analisar do nada os dados que são coletados, ao mesmo tempo não se faz uma pesquisa dialetológica para valorar falas, assim o limiar entre a norma-padrão e norma de prestígio em uma dada localidade estariam num *continuum* sociodialetal para o qual o olhar do pesquisador deve sempre se voltar.

Ao mapear o falar na Zona Leste de Manaus não se pretendeu impor a fixação de uma forma de uso nas localidades analisadas, mas tão somente registrar, que sob determinadas circunstâncias, um dado lugar faz usos morfossintáticos tais. Não se buscou também indicar variação-mudança, embora possa se reconhecer que algumas cartas sinalizam para formas concorrentes no sistema quanto à variável gênero ou flexão de número dos nomes. Ao realizar a descrição da fala dos moradores dos dois bairros, Coroado e São José, e registrá-las em Cartas Linguísticas foi possível identificar fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam nesses mesmos usos, a saber:

- A flexão verbal no modo subjuntivo vem sendo alternada com o presente ou com o futuro do pretérito, sendo este último por apresentar também uma ideia hipotética.
- A flexão de verbos irregulares tende a seguir formas regulares: vigio, *penteio; na dúvida o falante procura usar um outro lexema: meço ~ tiro/pego a medida.
- A forma verbal [suo], presente do indicativo do verbo suar, vem sendo substituída pela forma [soo] o abaixamento da vogal reporta a outro verbo soar.
- A pluralização de nomes terminados em ditongo decrescente pelo acréscimo do morfe -s, apresenta variação com o uso do alomorfe -is, comum aos nomes terminados em consoante lateral são semivocalizados: o jornal ~ os jornais / o degrau ~ os degrais; mas não *gois, em decorrência de fatores externos como o uso recorrente pela mídia da forma *gols, não presente no sistema da Língua Portuguesa.
- A ocorrência de nomes masculinos ou femininos antes ou depois de um nome tendem a influenciar no gênero: o pé de alface ~ o alface; ou, pelo uso do morfema substitutivo -a, conduz a formas como *soldada, *indivídua, *sujeita; assim também o conhecimento de mundo: a curimatã em vez de o curimatã, já

é mais usada a Matrinxã, ambos os peixes eram mais consumidos quando estavam “ovados”, portanto fêmeas.

- A concorrência entre as três formas de pluralizar nomes terminados em ditongo nasal -ão [-ões~-ães-s] (organizados da maior para a menor frequência) está dando vantagem para a forma mais frequente [-ões]: botões, leões, *cidadões;
- Traços suprassegmentais para o plural de nomes como porco, gostoso, tijolo e olho se mostram em alternância com a pronúncia da forma singular.
- O determinante para definir nomes é sempre utilizado, mesmo que o informante não tenha intimidade com o interlocutor, pode-se justificar tal uso pelo fato de o tratamento usual entre os informantes ser o de intimidade, ora registrada pela frequência do artigo diante de nomes próprios, ora pela utilização indiscriminada do pronome você, há também as formas seu e dona para indicar um respeito.
- As relações de concordância verbal ou nominal variam muito em relação ao núcleo de referência: a flexão de adjetivos compostos são sempre dúvida para o falante; a concordância numeral e núcleo nominal ou verbal tendem a seguir a noção de quantidade ou de conceito conhecido; a concordância verbo-sujeito em uma ordem direta ocorre conforme o sistema estabelecido, embora nem sempre as pessoas do discurso tenham mantido a uniformidade, nesse item arrisca-se a hipótese de que o uso frequente do ‘você’ conduz naturalmente a uma flexão em terceira pessoa.

As observações feitas acerca dos fatores linguísticos e extralinguísticos registrados por meio das Cartas podem ser base para a análise específicas de suas causas e, com isso, direcionar a organização dos currículos escolares que, mesmo priorizando conteúdos morfossintáticos em seus compêndios, ainda não possibilitam ao falante, ou pelo menos aos entrevistados, o conhecimento pleno do dialeto padrão para ser usado em situações mais formais. Além disso, poderia minimizar situações de preconceito linguístico registrados com frequência em redes sociais.

É importante considerar, que não se fala “corretamente” o tempo todo e a todo instante, esta premissa é válida para a maioria dos falantes. O “desvio gramatical” ou melhor “variante estigmatizada”, por menor ou maior, por falta de conhecimento, por esquecimento ou por falta de atenção, faz-se recorrente na língua ou nas línguas seja

em uma pronúncia, uma flexão nominal ou verbal, uma regência ou um sentido inadequado.

Quando os “desvios” são de cunho fonético/fonológico, logo são percebidos, às vezes criticados ou rechaçados até mesmo pelos menos escolarizados. Dificilmente, uma pronúncia com alçamento ou abaixamento de vogal pretônica ou pós-tônica (tráf[e]co / pér[u]la) passa incólume em uma conversa ou mesmo rotacismos (“bicic[r]eta”), apócopes (“tom[á]” < tomar), síncopes (“xicra” < xícara), monotongações (“pegô” < pegou) ou ditongações (“naiscê” < nascer). Tais processos fonológicos logo causam estranhamento aos ouvidos da maioria dos falantes. As Cartas 23, 24 e 28 apresentam variantes fonológicas de monotongação para “peneirar”, “poupar” e “ouvir’, respectivamente pronunciados como: /penera/, /popa/ e /ôsu/.

Quando o “desvio’ é lexical/ o estranhamento é menor, já que o falante depende de seu próprio domínio vocabular, podendo ser induzido a uma interpretação errônea do ouvido/lido. Um exemplo estaria ligado diretamente a questões fonológicas, em que a neutralização se faz inadequada em pares homonímicos ou paronímicos – descriminar/discriminar ou acender/ascender. Outro exemplo está no uso, exagerado até, de conotações (muito comum no português do Brasil) como acontece com o verbo BOTAR ou ao substantivo COISA. As cartas 9 e 14, apresentam a variante colocar e botar para o verbo pôr (CARTA 9, 14, 41, 46); Vir~Chegar (CARTA 11 e 15). Deve-se considerar/ também, os desvios morfossintáticos que induzem ao sentido inadequado da palavra, como em relação a assistir: assistir a (ver, presenciar); assistir em (morar, residir); assistir (ajudar). As dúvidas lexicais são mais frequentes, uma vez que requerem um conhecimento linguístico mais sistematizado.

Os dois casos de desvios supracitados são estudados como variantes na língua, gramáticos consideram os “erros” como usos aceitáveis (TERRA, 2010; BECHARA, 2015; CEGALLA, 1999), principalmente, os casos lexicais. Os casos de desvios morfossintáticos, no entanto, são analisados e apontados como “erros” pela maioria dos falantes. O julgamento está vinculado à falta de estudos geossociolinguísticos nesta área específica. A não aceitação de variantes morfossintáticas têm por causa, hipoteticamente, a ênfase dada a eles na escola e nos manuais de gramática: normalmente 2/3 de manual de gramática dedica-se ao

ensino das Classes de Palavras (conceito e flexões), da frase, da oração (tipos e termos) e do período (tipos e orações que o constitui).

Feitas essas considerações, pode-se dizer que o objetivo geral de mapear as tendências de variação morfossintática da fala na área urbana de Manaus foi alcançado parcialmente, uma vez que houve a necessidade de limitar a área pesquisada a dois bairros de uma Zona Administrativa, ainda assim foi realizado o mapeamento satisfatório da Zona Leste com a observância do perfil de morador previsto na pesquisa.

Com isso, pode-se afirmar que os objetivos específicos foram realizados plenamente no universo a que se limitou a pesquisa, já que se apresenta a descrição dos usos morfossintáticos nas dimensões: diatópica, diatópica-cinética, diageracional, diassexual e diafásica na Zona Leste de Manaus; identificando os fatores linguísticos e extralinguísticos dos condicionadores morfossintáticos nas análises das cartas, as quais registram as variantes morfossintáticas da língua portuguesa falada nos bairros de Coroado e São José Operário, quanto às seguintes variáveis dependentes: flexão de gênero e número nos nomes, flexão verbal, sintaxe de concordância, grau dos adjetivos e uso de pronomes; tendo como a norma de uso para a variante morfossintática de cada variável por bairro e por zona a mais prestigiada, partindo da comparação com a norma-padrão.

Por fim, afirma-se que este estudo não pode ser dado como conclusivo, posto que a Zona Leste é riquíssima e agrega pessoas oriundas de muitas localidades próximas e distantes. A partir dos dados aqui registrados podem ainda ser realizadas pesquisas comparando a fala dos moradores da Zona Leste em comparação a outras Zonas ou comparar a fala do manauara com a fala dos que vieram do interior ou outros estados, principalmente se essas localidades já são possuidoras de um Atlas Linguístico. Uma outra possibilidade para os avanços neste estudo pode estar em elaborar um Atlas Linguístico da Zona Leste, por ser essa zona cosmopolita e representativa de muitos dos fatores extralinguísticos influenciadores para a variação linguística.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. de A. Geolinguística no Brasil: Estágio atual. Revista da ABRALIN, v.5, n.1 e 2, dez. 2006, p. 215-238. Disponível em: <http://www.abralin.org/ revista/RV5N1_2/RV5N1_2_art10.pdf>. Acesso em: 04Ago. 2018.

ALKMIM, Tânia. **Sociolinguística**: Parte I. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina, Org. Introdução à Linguística - domínios e fronteiras. – 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2011. Vol. 01

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Os estudos dialetais e geolinguísticos no Brasil**. RRL, LIII, n.1-2, p. 125-140, Bucuresti, 2008.

ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (ALiB). CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva; MOTA, Jacyra Andrade; AGUILERA, Vanderci de Andrade; ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; ISQUERDO, Aparecida Negri; RAZKY, Abdelhak; MARGOTTI, Felício Wessling; ALTENHOFEN, Cléo Vilson (Orgs.) et al. 1ª ed. Paraná: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2014. E-book. Disponível em: http://www.alib.ufba.br. Acesso em 03 de outubro de 2015.

ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS) ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo; KOCH, Walter (orgs.) et al. 2.ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC. 2011.

AZEVEDO, Orlando da Silva. **Aspectos dialetais do português da região norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM)**. Tese defendida na Universidade Federal de Santa Catarina -UFSC, 2013.

_____ **Estudo do português falado por moradores de áreas periféricas da cidade de Manaus**. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC,CNPQ. Universidade Federal do Amazonas, 2001

BAGNO, Marcos; GAGNÉ, Gilles; STUBBS, Michael. **Língua materna**: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

BARBOSA, M. A. **Da microestrutura dos vocabulários teóricos-científicos.** In: *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL.* Recife: ANPOLL, 1989

BECHARA, Evanildo, **Moderna gramática portuguesa**. 38.ed.rev.ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BERÇOT-RODRIGUES, Shanay Freire. **A realização da fricativa glotal na fala manauara**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2014. Dissertação de Mestrado em Letras

BENVENISTE, Émile. **O aparelho formal da enunciação** (1968). In: Problemas de Linguística Geral II. Trad.: E. Guimarães [et al.] Campinas: Pontes,1989

BÍBLIA Sagrada. São Paulo: Ave Maria, 1982

BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos Estudos linguísticos**. 12ª ed. Campinas, SP: Pontes 1998

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004 [Linguagem; 4]

_____. **Nós cheguemu na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BOURDIEU, P. **L'économie des échanges linguistiques**. *Langue Française,* 34, maio 1977. Traduzido por Paula Montero.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo; CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Um estudo contrastivo sobre as vogais médias pretônicas em falares do Amazonas e do Pará com base em dados do ALAM e ALISPA**. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. [livro eletrônico] – Londrina: Eduel, 2013.

_____, Silvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

CALLOU, Dinah; SILVA, Gisele M.O. **O uso do artigo definido em contextos específicos**. In: HORA, Demerval da (Org.). Diversidade linguística no Brasil. João Pessoa: Ideia, 1997, p. 11-28

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução: Marcos Marcionilo. – São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso**. Dicionário de linguística e gramática**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Língua e Cultura**. S/d Disponível em: revistas.ufpr.br/letras/ article/viewFile/20046/13227. Visitado em mar.2017

_____. **História da Linguística**. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. **Estrutura da língua portuguesa**. 47.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

CAMPOS, Maria Sandra. **O alçamento das vogais posteriores tônicas na fala de Borba**. Manaus: EDUA, 2011.

CARBONI, Florence et al. **O plurilinguismo na história do Brasil:** considerações exploratórias. Revista. In: ORGANAN: Revista do Instituto de Letras da UFRGS – Plurilinguismo na Educação e na Sociedade. V.32, nº 62, 2017 – Documento eletrônico – Disponível em: http://www.seer.ufrgs.br/index.php/organon/article /view/72315/42110. Visitado em 21.01.2018 às 8h.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARONE, Flávia Barros. **Morfossintaxe**. São Paulo: Editora Ática, 1986. [Série Fundamentos]

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48.ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008 [1999].

CHAMBERS, J.K; TRUDGILL, Peter. **La Dialectologia**. Madrid. Visor Libros, 1994.

CRISTIANINI, Adriana Cristina. **Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC**. Orientadora: Irenilde Pereira dos Santos. São Paulo:, 2007. Tese de doutorado - Programa de Pós-Graduação em Linguística. – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

_____. **Atlas linguístico do Amazonas - ALAM**. Tese defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004

COELHO, Izete Lehmkuhl. et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COSERIU, E. **La geografia linguística.** In: El hombre y su lenguaje: estúdios de teoría e metodología lingüística. Madrid: Biblioteca Românica Hispânica / Editorial Gredos, 1954.

_____. A geografia linguística. In: **O homem e sua linguagem**. Trad. Carlos Alberto Fonseca e Mario Ferreira. Rio de Janeiro/ São Paulo: Presença/ USP, 1982, p.79-116.

_____. Eugenio. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

_____. **La geografía linguística**. Montevideo: Universidad de la Republica: Facultad de Humanidades e Ciencias, 1981.

COUTO, Hildo Honório do. **Ecolinguística**: estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília: Theasurus, 2007.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas linguístico do Amazonas** - ALAM. 2004. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.

CRUZ-CARDOSO, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas linguístico do Amazonas – ALAM: a natureza de sua elaboração.** UFAM. s/d

CUNHA, Maria Angélica F. da; COSTA, Marcos Antônio; CEZÁRIO, Maria Maura. **Pressupostos teóricos fundamentais.** In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). Linguística funcional: teoria e prática. São Paulo: Parábola editorial, 2015.

_____, _____; MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Linguística** In: MARTELOTTA, Mário Eduardo [org.]. Manual de Linguística. 1ª ed. 3ª reimp. (pp. 15-30) São Paulo: Contexto, 2010.

DIAS, Daniele de O. **Comportamento fonético-fonológico da vogal posterior média fechada /o/, em posição tônica, no falar de cinco municípios do Amazonas**: Barcelos, Benjamin Constant, Eirunepé, Lábrea e Humaitá. In: Congresso Nacional de Iniciação Científica - CONIC XVI, 2007, Manaus. Anais do XVI CONIC. Manaus: EDUA, 2007. v. 1.

ELIA, Sílvio. **A Língua Portuguesa no Mundo.** São Paulo: Editora Ática, Série Princípios, 1989.

FARACO, Carlos Alberto. **Estudos pré-saussurianos**. In: MUSSALIN, Fernanda, BENTES, Anna Christina, Org. Introdução à Linguística – fundamentos epistemológicos – 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2009. Vol. 03

_____. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 (Lingua[gem];25)

_____. ZILLES, Ana Maria. **Para conhecer norma linguística.** São Paulo: Contexto, 2017.

FARACO, Carlos; MOURA, Francisco. **Gramática.** 12ª ed. 3ª imp. São Paulo: Ática, 2001.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. A dialetologia no Brasil. São Paulo: Contexto, 1994.

FILHO, Pontes Raimundo Pereira. **Estudos de História do Amazonas.** Manaus: Editora Valer, 2000.

FREIRE, Sérgio. **Amazonês** – Expressões e termos usados no Amazonas. Manaus: Editora Valer, 2011.

GUIMARÃES, Thelma de Carvalho. **Comunicação e linguagem.** São Paulo: Pearson, 2012.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos – a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.

ISQUERDO, A. N. (org.). **Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português**: Brasil e Portugal. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008.

_____. **Atlas regionais brasileiros publicados e em curso**: percursos metodológicos. In.: MOTA, J. A,; CARDOSO, S. A. M (orgs.) Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 67-94.

JUBRAN. Célia Spinardi [Org.]. **A Construção do texto falado.** São Paulo: Contexto, 2015. (Gramática do português culto falado no Brasil; v. 1 / coordenada por Ataliba T. de Castilho)

JUSTINIANO, Jeiviane dos Santos. **Atlas Linguístico dos Falares do Alto rio Negro** – ALFARiN. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2012. Dissertação de Mestrado em Letras

KENEDY, Eduardo. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos.** Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Série Descobrindo o Brasil, 2002.

LEROY, Maurice. **As grandes correntes da linguística moderna**. São Paulo: Cultrix, 1974.

LUCCHESI, Dante. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 63-92.

_____. O contato entre línguas na história sociolinguística do Brasil. In: VALENTE, André C. (Org.). **Unidade e variação na língua portuguesa:** suas representações. 1º ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 (Lingua[gem]; 25)

_____. **Projeto Vertentes do português popular do estado da Bahia**: chave de transcrição. Disponível em: http://www.vertentes.ufba.br/projeto/transcricao. Visitado em: 15.08.2018

LYONS, John. **Introdução à linguística teórica**. São Paulo: Edusp, 1979.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão Sócio-Geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil**. Tese defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. 1ª ed. 3ª reimp. São Paulo: Contexto, 2010.

_____; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Moura. **O paradigma da gramaticalização.** In: Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: UFRJ – Grupo de Estudos *Discurso & Gramática,* 1996. Disponível em: http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/ download/publicacao_ livro_gramaticalizacao.pdf

_____; KENEDY, E. **A visão funcionalista da linguagem no século XX.** In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). **Linguística funcional**: teoria e prática. São Paulo: Parábola editorial, 2015.

MEDEIROS, Josué Cordovil. **Atlas morfossintático de parte da microrregião do Rio Negro-Solimões – AMPRINES**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Amazonas- UFAM. Manaus: 2018.

MENON, Odete Pereira da Silva. **Presença/ausência de artigo diante de nomes próprios no português do Brasil (PB).** Encontro Rede Sul de Letras, 2016 – Sessão Projeto Varsul do Eixo Temático Estudos Sociolinguísticos do 4º Encontro da Rede Sul Letras. Palhoça: UNISUL, 2016, p. 729-738

MOLLICA, Maria Cecília. **Fundamentação teórica:** conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza [Org.]. Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. 4ª ed. (pp. 9-14) São Paulo: Contexto, 2010.

_____; MATTOS, Paula B. **Dois processos de assimilação fonológica no português falado semiespontâneo do Rio de Janeiro**, 1989, mimeo.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. **Estudo sincrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE**. Tese de Doutorado defendida na Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

MONTEIRO, José Lemos. **Dialetologia e Diacronia.** Fortaleza. 1989. Revista de Letras, 14 (½) – jan./dez 1989, p.183-5.

MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org). **Introdução à Linguística:** fundamentos epistemológicos – 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2009. Vol. 03

_____. **Introdução à Linguística** - domínios e fronteiras. – 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2011. Vol. 01

NASCENTES, Antenor . **Bases para a elaboração de um Atlas Linguístico do Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério de Educação, Casa de Rui Barbosa, vol I, 1958.

NETO, Serafim da Silva. **A língua portuguesa no Brasil**: problemas. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. 1960

PAIVA, Maria da Conceição de. **A variável gênero/sexo.** In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza [Org.]. Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. 4ª ed. (pp. 9-14) São Paulo: Contexto, 2010.

PAUL, Hermann. **Princípios fundamentais da história da Língua.** Lisboa: Gulbenkian, 1970 (Título original, 1880/1920)

PERINI, Mário Alberto. **Princípios de linguística descritiva**: introdução ao pensamento gramatical. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____. **A língua do Brasil de amanhã e outros mistérios**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Gramática do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010

PETTER, Margarida. **Linguagem, língua, linguística**. In: FIORIN, José Luiz (org.). Introdução à linguística: I. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2014.

PIETROFORTE, Antônio Vicente. **A língua como objeto da linguística**. In: FIORIN, José Luiz. [Org.] Introdução à Linguística. 6ª ed. 3ª reimp (p. 75-94). São Paulo: Contexto, 2014.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas morfológicas do português**. 2ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

RADTKE, E. &THUN, H. (eds.). **Neue Wege der romanischen Geolinguistik**: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. Kiel : Westensee-Verl, 1996.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [SGVCLin] - Software para geração e visualização de cartas linguísticas. Revista de Estudos da Linguagem, v. 22, n.1, p.119-151, 2014.

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à Morfologia**. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

ROSSI, N. et al. **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: INL, 1963

SANTOS, Edivaldo Manoel dos. **Coroado –** de invasão a portal da Zona Leste. Manaus: Edições Muiraquitã, 2008.

SAPIR, Edward. **Língua e ambiente** (1969). Linguística como ciência. Ensaios. Livraria Acadêmica, 1969, p. 43-62.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** Org. BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert. Trad. CHELINI, Antônio; PAES, José Paulo; BLIKSTEIN, Izidoro. 20ª ed. São Paulo: Editora Coutrix Ltda. 1916-1995.

SAUTCHUCK, Inez. **Prática de morfossintaxe**: como e por que aprender análise (morfo)sintática. 2.ed. Berueri, SP: Manole, 2010**.**

SILVA, Rosa Virgínia Matos e. **O português arcaico:** fonologia, morfologia e sintaxe. 2ª ed. 1ª reimp. São Paulo: Contexto, 2015.

SOUZA, Márcio. **A expressão amazonense** – do colonialismo ao neocolonialismo. 3ª ed.. Manaus: Editora Valer, 2010.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

TAVARES, Liliane S. **Atlas morfossintático da microrregião do Madeira** – AMSIMA. Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Manaus: 2017. Dissertação de Mestrado.

TERRA, Ernani. **Curso prático de gramática**. 6ª ed. São Paulo: Scipione, 2011.

THUN, Harald. **A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas**. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). Para a história do português

brasileiro: volume VII: vozes, veredas, voragens. Londrina: EDUEL, 2009. Tomo II, p. 531-558.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

VIEIRA, Marília Silva. **Apagamento de /d/:** abordagem sociolinguística sob a perspectiva do gênero sexual. WEB Revista Sociodialeto: Bach., Linc., Mestrado Letras – Campo Grande: UEMS, v.1, nº 4, jul. 2011.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística.** São Paulo: Parábola, 2002.

WEEDWOOD, Bárbara. **A linguística no século XX.** In: História concisa da linguística. (tradução de Marcos Bagno) São Paulo, Parábola Editorial, 2002.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: parábola editorial, 2006 [1968].

WHITNEY, William D. **The life and growth of language:** an outline of linguistic science. New York: Dover Publications, 1979 (Título original, 1875)

Sites:

<http://www.abralin.org. Acesso em: 04 ago. 2018.

https://www.google.com.br/maps/place/Coroado,+Manaus+-+AM/@-3.0911036,-59.9861864,14z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x926c1b253703b975:0x336a9fffa0ff5c55!8m2!3d-3.0905755!4d-59.9810602?hl=pt-BR Acesso em ago. 2018

http://implurb.manaus.am.gov.br/legislacao/ Acesso em 03. jul.2018

https://www.ibge.gov.br Acesso em 10. maio. 2018

https://alib.ufba.br/ - Acesso em 01. ago. 2018

APÊNDICE A – Questionário morfossintático

UFAM	**PESQUISA GEOSSOCIOLINGUÍSTICA** **Questionário Morfossintático – QMS**
N°	**Variável A (Flexão de verbos da 3ª conjugação)** Variável: desinência P1 da 3ª conjugação – o~Ø para rir e medir // rio~vou rir // meço~mido~vou medir Radical: Alomorfia no radical~mudança de léxico rio~sorrio~caio na gargalhada
01	Complete a minha frase: Todos gostamos de ouvir piadas. É bom rir um pouco. Sua vez: “Quando alguém conta uma piada eu _____”
02	Às vezes precisamos ir às compras e não dá para levar as crianças. Quando o sr./sra./você precisa comprar um sapato para alguém e essa pessoa não pode ir o que é feito? “Quando vou comprar um sapato, para não errar o tamanho, eu pego uma tira de barbante e _____ o pé.
Variável B (Flexão de verbos de 1ª conjugação terminados em –iar) Variável: desinência P1 da 1ª conjugação – io~eio~Ø para rir e medir – ódio~odeio~tenho odiado // vigio~procuro vigiar // penteio~pentio~vou pentear Radical: Alomorfia no radical~mudança de léxico odeio~não gosto // vigio~observo~olho // pentear~escovar	
03	Quando não gostamos muito de algo, dissemos que odiamos. Como o sr./a sra./você falaria para informar que tem ódio de algumas coisas? Eu _____ poucas coisas, eu _____ ...
04	A violência é uma constante entre nós, precisamos estar vigilantes a tudo. Para falar que está sempre vigiando o espaço a seu redor, como o sr./a sra./você completaria a frase “Para evitar assaltos, muitas vezes eu _____” a rua.
05	Usando o verbo pentear. Diga como o sr./a sra./você arruma os cabelos pela manhã.
Variável C (Conteúdo: Uso do futuro do pretérito) Variável: desinência da P3: ia~va~locução ir+infinitivo Compraria/comprava/ia comprar.	
06	O que o sr./a sra./você faria se ganhasse na loteria
Variável D(Uso do Subjuntivo) Variável: alomorfia para os radicais de verbos irregulares~alterações fonêmicas~uso de paradigmas de verbos regulares: seja~seje // souber~saber// puser~pusesse~por // trouxer~trazer // vier~vim // se ele chegasse~se ele chega~chegar.	
07	Ser feliz é o que todos queremos. Diga uma frase que expresse a ideia de que no futuro, o sr./a sra./você vá ser feliz. “Talvez eu _____ feliz”.
08	Vamos ver como o sr./a sra./você pensa o futuro. Eu digo: “Ficarei feliz SE EU GANHAR NA LOTERIA.” E o sr./a sra./você, busque substituir “se eu ganhar na loteria” por: a) SABER DE TUDO - Vou ficar feliz se eu ... b) PÔR TUDO EM ORDEM - Vou ficar feliz se eu ... c) TRAZER A ENCOMENDA - Vou ficar feliz se eu ... d) VIR CEDO - Vou ficar feliz se eu ...

	E se fosse uma outra pessoa que realizasse a ação? e) Seu irmão ENTRA NA SALA. O sr./a sra./você vai ficar feliz? – Sim. Vou ficar feliz se ele ... f) Seu irmão TRAZ A ENCOMENDA. O sr./a sra./você vai ficar feliz? – Sim. Vou ficar feliz se ele ... g) Seu irmão PÕE TUDO EM ORDEM. O sr./a sra./você vai ficar feliz? – Sim. Vou ficar feliz se ele ... h) Seu irmão VEM CEDO. O sr./a sra./você vai ficar feliz? – Sim. Vou ficar feliz se ele ... i) Seu irmão SABE DE TUDO. O sr./a sra./você vai ficar feliz? – Sim. Vou ficar feliz se ele ... j) Seu irmão DIZ TUDO. O sr./a sra./você vai ficar feliz? – Sim. Vou ficar feliz se ele ...
Variável E (Uso de Faz ou fazem) Variável: flexão do verbo fazer em situações de impessoalidade; P3~P6~alteração de lexema Faz~fazem~tem fazido.	
09	Há quantos anos o sr./ a sra./ vc. mora aqui?
Variável F (Uso do verbo haver impessoal) Variável: flexão do verbo haver impessoal e substituição pela forma ter ou outras. Havia~haviam ~tinha~tava cheio	
10	Quando vamos a lugar lotado e o sr. / a sra. / vc. quer informar isso, no dia seguinte a alguém, como fala? ..... muitas pessoas na festa.
11	Como era este bairro antes, em termos de festas. Antigamente esse bairro era mais desenvolvido? Por quê?
Variável G (Uso do Presente do Indicativo – flexões para a P1 e para a P3) Variável: alomorfia para os radicais de verbos irregulares~alterações fonêmicas~uso de paradigmas de verbos regulares; uso de pretérito perfeito aspecto contínuo: P1 - lavo~lavava // fécho~fêcho~fechava // peneiro~penero~penerava~coo // poupo~popo~poupava~guardo // monto~montava // suo~suava~soo // rio~sorrio // ouço~ouvo~ouvia // ~caibo~cabo~cabia // me ajoelho~se ajoelho~ajoelho~ajoelhava – P3 – vive~veve~vivia // resiste~resistia // enxágua~enxáguava // derruba~derrubava~destrói // alumia~alumiava~ilumina	
12	Faça uma afirmação começando sempre pelas palavras: TODOS OS DIAS, EU ... Ex.: Lavar as mãos. Todos os dias, eu lavo as mãos. a) Fechar a porta – TODOS OS DIAS EU... b) Peneirar a farinha - ..... c) Poupar dinheiro - ..... d) Montar a cavalo - ..... e) Suar muito - ..... f) Rir muito - ..... g) Ouvir barulho - ..... h) Caber menos na cama - ..... i) Ajoelhar-se no chão - .....
13	Faça agora uma afirmação, começando sempre pelas palavras: ELE SEMPRE... a) Viver feliz - ele sempre ...

	b) Resistir muito - ..... c) Enxaguar a roupa - ..... d) Derrubar a cerca - ..... e) Alumiar a sala - .....
Variável H (Uso do Pretérito Perfeito do Indicativo para a P1 e P4) Variável: alomorfia para os radicais de verbos irregulares~alterações fonêmicas~uso de paradigmas de verbos regulares: seja~seje // souber~saber// puser~pusesse~por // trouxer~trazer // vier~vim // se ele chegasse~se ele chega~chegar.	
14	Faça uma afirmação, começando sempre por: ONTEM EU.... EX.: Lavar as mãos – ontem eu lavei as mãos. a) Estar em casa - ..... b) Caber na roupa - ..... c) Poder ir para casa - ..... d) Saber de tudo - ..... e) Trazer a encomenda - ..... f) Pôr tudo em ordem - ..... g) Dar um jeito - .....
15	Faça uma afirmação, começando sempre por: ONTEM NÓS... a) Ficar satisfeito com tudo – ONTEM NÓS ..... b) Caber no carro - ..... c) Saber tudo - ..... d) Pôr tudo em ordem - ..... e) Chegar cedo - ..... f) Encontrar-se com os amigos - .....
Variável I (Uso do Gerúndio) Variável: forma nominal de gerúndio: desinência -ndo - andando~andano // falando~falano.	
16	Seus filhos ou netos estudam aqui perto de sua casa? a) Use o verbo andar e diga como eles vão para a escola? b) Supostamente ouço a conversa de seus amigos, agora eles estão _____. c) Nós agora estamos _____
Variável J (O uso do artigo definido antes de nomes próprios – familiaridade (parente, amigo) – generalidade (famosos) Variável: +artigo~-artigo para nomes próprios	
17	Caso você encontre um artista famoso na rua e queira indicar a quem está próximo a você, como seria: olha ____ Xuxa
18	Quando se quer saber se um amigo ou filho está em casa, perguntamos: ____ Pedro está ou Ø Pedro está – Se o sr./a sra./você fosse um cobrador e chegasse em uma casa para perguntar se seu cliente encontra-se em casa, como você falaria? _____ Fulano está?
Variável k (Flexão de gênero) Variável: Gênero dos substantivos – o~a alface, guaraná, cal, presidente // o~a chefe~chefa, ladrão: ladra~ladrona //	
19	Quando você vai à feira para comprar ingredientes para salada, como você fala sobre aquela folha verde? o/a alface

20	Chegando em casa, você pede a seu filho que lave as folhas. Para isso você fala: Por favor, lave _____ alface?
21	Guaraná é uma bebida muito consumida pelos amazonenses. Você gosta de beber o/a guaraná?
22	Nas lojas de material de construção existe um produto muito útil e versátil para pintar a casa, podendo ser colorido com anilina... o nome do produto é _____ cal?
23	Há homens e mulheres que exercem cargos de comando em empresas. No caso, se é uma mulher ela é o quê?
23	Até recentemente o Brasil tinha no cargo máximo da nação uma mulher. Ela era o quê para o país?
24	A criminalidade no Brasil só vem aumentando. Cada dia mais mulheres estão envolvidas em crimes, principalmente, roubos ou furtos. No caso, uma mulher que comete um delito desses é ....
25	Todo homem é um indivíduo a ser respeitado na sociedade. E falamos quando e uma mulher? Toda mulher é um _____ também a ser respeitada na sociedade?
26	Às vezes, falamos ele é um sujeito decente. E se fosse uma mulher, como poderíamos nos referir a elas: ela é _____
27	Quando um homem comete um ato que nos causa horror, dizemos que ele é um monstro. Esse homem é um monstro. E se fosse uma mulher a cometer um ato horrível? Essa mulher é ...
28	Nós aqui falamos **Meu boi** e **minha vaca** e não minha boi ou meu vaca. Assim, diria minha ou meu para as seguintes palavras: a) Matrinxã b) alface c) alfinete d) cal e) curimatã f) dó (pena, pesar) g) saca-rolhas h) tapa i) gilete j) chinelo
29	Nós falamos UM MENINO... UMA MENINA, UM FILHO... UMA FILHA... Como diz para: a) um alemão ... b) um ladrão ... c) um macho ... d) um soldado ... e) um caixa ... f) um oficial de justiça ...

Variável L (Plural dos substantivos) Variável: – desinência nominal de plural e alomorfias em contextos diversos: degrau, gol, pão, mão, flor, olho etc – vogal/ditongo: -s~-is~-es~Ø // consoante: -is~-s~es~Ø	
30	Eu falo sobre um único ser ou objeto e você fala de muitos deles... a. Um lápis... muitos... b. Um jornal... c. Um mês... d. Um degrau... e. Uma flor f. Um anel g. Um gol h. Um botão i. Um leão.. j. Um porco... k. Um irmão l. Uma bênção m. Um cidadão n. Uma pequena casa o. Uma pequena casa bonita p. Um tijolo bonito q. Um pão gostoso r. Um olho verde-claro
31	Subir um degrau quero ver subir 10 _____?
32	Meu time preferido fez 1 gol lindo... mas eu esperava mais 5 _____...
33	Eu como um pão pela manhã, mas sempre compro 8 _____.
34	O cravo é uma flor linda. E as rosas?
Variável M (Uso da flexão de grau dos adjetivos) Variável: maior~mais grande ~ enorme // menor~mais pequena // melhor~mais boa~mais melhor // pior~mais ruim~mais pior.	
35	Suponha duas casas (mostrar desenho) a primeira é GRANDE, e a segunda é PEQUENA. Estabelecendo uma comparação entre as duas, o senhor diria que. A primeira é tão grande quanto a segunda? Não, a primeira é _____
36	E a segunda? A segunda é...

37	Suponha outras duas casas: a primeira é BOA, a segunda é RUIM. Estabelecendo uma comparação entre as duas, o senhor diria que: A primeira é tão boa quanto a segunda? Não, a primeira é ____
38	E a segunda? É tão boa quanto a primeira? A segunda é _____
Variável N (Uso dos Numerais) Variável: flexão de número e de gênero para os numerais cardinais.	
39	um menino... uma bola dois meninos ... ____ bolas cem meninos ... _____ bolas duzentos meninos ... _____ bolas
40	Como você leria: 100 gramas de queijo, 200 gramas de presunto; 300 gramas mortadela...
41	Quantos filhos tem cada um de seus irmãos?
Variável O (Uso das formas de tratamento) Variável: tu~você // vós~vocês // senhor~senhora~você	
42	Como você trata as pessoas com as quais mantém contato diariamente? Como você perguntaria se já fizeram os deveres delas? a) Ó meu irmão, _____ já _____ b) Ó minha mãe, _____ já _____ c) Ó meus filhos, _____ já _____ d) Ó Prefeito, _____ já _____ e) Ó soldados, _____ já _____ f) Ó rapazes, _____ já _____
43	Como convidaria o homem mais velho daqui para entrar, chamando-o pelo nome? E a mulher mais velha?

Variável P (Uso dos Pronomes pessoais) Variável: eu~mim // Ø~sra.~você~tu // tu~você // nós~se // conosco~com nós~com a gente // o~te~lhe // o~ele~nome // sou eu~é eu~nome	
44	Se alguém ganha um livro, será a primeira pessoa que irá lê-lo. Diga uma frase que deixe clara a informação de que o primeiro a ler será o sr. / a sra. /você. Este livro é para _____ ler.
45	a) Às vezes as pessoas têm alguns desentendimentos. Para dizer que alguém tem um problema com outra pessoa o sr./a sra. / você como fala? Isso é um problema entre _____ e _____. b) E se fosse com o sr./a sra. / você e outra pessoa. Isso é entre _____ e _____.
46	Se um ladrão rouba e depois se arrepende, dirá: "Eu roubei, mas depois me arrependi", e se os ladrões fossem dois, como diriam então: "Nós roubamos, sim, mas depois ...
47	se chegasse uma visita e o senhor a convidasse a tomar café JUNTO COM O SENHOR E A SUA ESPOSA, como o senhor perguntaria a ela: "Amigo, quer tomar café _____
48	Quando alguém faz algo parecido ou tal qual você faz, você se refere a isso dizendo: "Ela (e) escreve/faz/age igual _____"
49	Como perguntaria a seu filho que bicho picou "ele"?
50	Quando alguém pergunta: **Você viu meu lápis?'** como o sr./ a sra./você responde, usando uma frase com o mesmo verbo ver?
51	Estando o sr./ a sra./ você a usar um banheiro, alguém bate à porta e pergunta: "quem está aí?" Como você responderia?
Variável Q (Uso do Advérbio) Variável: flexão de gênero de classe invariável. Menos~menos // meio~meia	
52	Pedro ganhou 5 laranjas e Maria ganhou 2. Fazendo uma comparação: Pedro ganhou mais laranjas do que Maria. Maria ganhou _____ laranja do que Pedro.
53	O clima em Manaus faz com que estejamos sempre com o risco de estar um pouco gripados. Você afirma então que está (sua mulher está) _____ gripada.
Variável R (Uso de regras de concordância) Variável: eu vou~nós vamos //gosta~gostam // estamos~estamos // estou~estamos // está~estão // devem~devem // o é~os são // e~são hora // é pouco~são poucos	
54	Vou dizer algumas frases e o senhor (a), você, irá falar com referência a mais de uma pessoa. a) Eu vou à praça (igreja) no domingo.

	b) Meu amigo gosta de sair andando pelo bairro. c) Eu e você estamos conversando alegremente. d) Estou satisfeito com esta casa que tenho. e) O meu vizinho está falando muito. f) Tu e ele devem fazer um bolo de macaxeira.
55	O Brasil é um país lindo. E se você quisesse falar não de Brasil, mas de Estados Unidos? E se fosse a mesma frase sobre Minas Gerais? E sobre Manaus?
56	Eu estou usando uma bermuda verde-clara e se meus olhos fossem dessa cor, como você falaria? E se fossem azul-marinho?
57	Dinheiro nunca é muito, certo? Mas convenhamos, R$ 1,00 é pouco. E R$2,00? E R$20,00? E R$200,00? E R$2000,00? E R$20.000,00?
58	Que horas são? (Mostrar figura de relógio com 12h, 1h, 2h, 5h, 10h)
Variável S (GRAVAÇÃO DE DISCURSOS SEMIESTRUTURADOS)	
59	Conte como é a festa mais importante do seu bairro.
60	Se o senhor (a) ou você tivesse que pedir ao Prefeito escolas, asfaltamento da rua e melhoria para a praça do bairro, o que falaria, em poucas palavras?

APÊNDICE B – Quadro descritivo do QMS

Questão	ALERS (2011)	ALiB (2014)	Pesquisadora	Tipo		
				C	SE	DL
01			X	X		
02			X	X		
03			X	X		
04			X	X		
05			X		X	
06		Q 049				X
07			X		X	
08	Q C 14			X		
09		Q 045, Adap.			X	
10			X			
11		Q 046, Adap.				X
12	Q A 10, Adap.				X	
13	Q A 11				X	
14	Q B 12				X	
15	Q B 13				X	
16			X		X	
17			X		X	
18			X		X	
19		Q 03 Adap.			X	
20		Q 03 Adap.		X		
21		Q 05 Adap			X	
22			X	X		
23		Q 07 Adap.			X	
24		Q 09 Adap.			X	
25			X		X	
26			X	X		
27			X	X		
28			X		X	
29	Q I 1 Adap.				X	
30	Q I 2 Adap.				X	
31	Q II 3 Adap.				X	
32			X	X		
33			X	X		
34			X	X		
35			X			X
36	Q III 4a				X	
37	Q III 4b				X	
38	Q III 5a				X	
39	Q III 4b				X	
40			X	X		
41			X		X	
42	Q V 7a			X		

43	Q V 8				X	
44		Q 023 Adap.		X		
45			X	X		
46	Q VI 9a			X		
47	Q VI 9c				X	
48			X	X		
49	Q VI 9d					X
50			X		X	
51			X		X	
52	Q VIII 15			X		
53			X	X		
54			X		X	
57			X			
58			X		X	
59			X		X	
60			X		X	
63	Q IX 17					X
64	Q IX 16					X

(C) Completar; (SE) Semiestruturado; DL (Discurso Livre4

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Poder Executivo
Ministério da Educação
Universidade Federal do Amazonas
Faculdade de Letras - FLET

UFAM

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa **VARIAÇÃO MORFOSSINTÁTICA NA ZONA LESTE DE MANAUS: UM ESTUDO GEOSSOCIOLINGUÍSTICO,** sob a responsabilidade da pesquisadora **ALCIONE ALVES DE OLIVEIRA DE ARAÚJO**, a qual pretende **mapear as tendências morfossintáticas do português da área urbana de Manaus**.

Sua participação é voluntária e se dará pelo registro em áudio de respostas orientadas e espontâneas a um questionário contendo situações linguísticas em observação na pesquisa, não havendo respostas certas ou erradas.

Não há riscos decorrentes de sua participação na pesquisa. Se o (a) Sr. (a) aceitar participar estará contribuindo para caracterização e descrição de macrotendências no espaço mono, bi, tri e pluridimensional no falar manauara, possibilitando a compreensão do falar do outro e evitando o preconceito linguístico.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço Campus Universitário Senador Arthur Virgílio Filho - Av. General Rodrigo Otávio Jordão Ramos, 3000, Pavilhão Uatumã, Sala 03 – Coroado – CEP 69077-000, pelo telefone (92) 3305-1181 (Ramal: 2121), ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-5130.

Consentimento Pós–Informação

Eu,_____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

_____ Data: ___/ ____/ _____

Assinatura do participante

Impressão do dedo polegar
Caso não saiba assinar

_____

Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE D - Ficha do informante[41]

UFAM	**PESQUISA GEOSSOCIOLINGUÍSTICA** **FICHA DO INFORMANTE** **Nº do Ponto: _____** **Nº do informante: _____**

DADOS DOS INFORMANTES		
1. Nome:		
2. Data de nascimento:	**3. Sexo:** ( ) M ( ) F	**4. Idade _____anos** **a. Faixa etária** ( ) 1 (18 a 33) ( ) 2 (50 a 65)
5. Endereço: Há _____ anos. Rua: _____ Bairro: _____ CEP:		
6. Local de nascimento: ( ) Manaus ( ) Outro. Qual? _____		
7. Estado civil? ( ) solteiro ( ) casado ( ) viúvo ( ) outro		
8. Escolaridade: ( ) até 5 anos de estudo – Fundamental I ( ) até 9 anos de estudo – Fundamental II ( ) mais de 9 anos		
9. Domicílio: ( ) sempre morou em Manaus. ( ) veio para Manaus há _____ anos de_____ ( ) já saiu de Manaus e voltou _____ vezes.		
10. Outros domicílios:		
11. Viagens: ( ) No Amazonas ( ) Outros estados Que municípios do Amazonas conhece? _____ Que outros estados conhece? _____		
12. Profissão:		
13. Naturalidade dos pais: **a. Pai:** ( ) nasceu aqui ( ) criado aqui ( ) veio com ____ anos de _____ **b. Mãe:** ( ) nasceu aqui ( ) criado aqui ( ) veio com ____ anos de _____		
14. Contato com os meios de comunicação		
a. Assiste TV? ( ) todos os dias ( ) às vezes ( ) nunca	**b. programas preferidos:** ( ) novelas ( ) noticiários ( ) esportes ( ) filmes ( ) séries ( ) religiosos ( ) desenhos ( ) de auditório ( ) outros	**c. Tipo de transmissão** ( ) rede gratuita ( ) parabólica ( ) por assinatura
15. Ouve rádio? ( ) sim ( ) não	**a. Programas Preferidos**	

[41] Adaptado de Cardoso (2010, 102-104)

( ) todos os dias ( ) parte do dia ( ) às vezes ( ) o dia inteiro ( ) nunca _____	( ) noticiário geral ( ) noticiário policial ( ) esportes ( ) música ( ) programa religioso ( ) outros
16. Lê jornal? ( ) todos os dias ( ) às vezes ( ) nunca ( ) semanalmente ( ) raramente	
a. Nome(s) do Jornal (is): _____ ( ) local ( ) estadual ( )nacional	**b. seções do jornal que gosta de ler:** ( ) editorial ( ) cultural ( ) classificados ( ) esportes ( ) política ( ) outra ( ) variedade ( ) página policial
17. Lê revista? ( ) às vezes ( ) semanalmente ( ) mensalmente ( ) raramente ( ) nunca **Nome/ tipo de revista?**	

Para preenchimento depois da entrevista
18. Características psicológicas durante a entrevista: ( ) Nervoso ( ) Tranquilo ( ) Espontâneo ( ) Tímido
19. Espontaneidade na elocução: ( ) total ( ) grande ( ) média ( ) fraca
20. Postura do informante durante o inquérito: ( ) cooperativa ( ) não cooperativa ( ) agressiva ( ) indiferente
21. Categoria social do informante: ( ) Classe “A” ( ) Classe “B” ( ) Classe “C” ( ) Classe “D”
22. Interferência ocasional de circunstantes: ( ) sim ( ) não
23. Ambiente de inquérito ( ) silencioso ( ) com interferências externas ( ) fechado ( ) aberto

APÊNDICE E – A descrição dos informantes

Informante	Ponto 1 – Coroado	Ponto 2 - São José Operário
M1F1E1	H.C.B.F - Informante do sexo feminino, pertencente à primeira faixa etária com 26 anos, da Classe C. Natural de Manaus-AM de onde nunca saiu e residente há 10 anos no bairro. Vive uma união estável. Não completou o ensino fundamental I. É filha de pai manauara e mãe labreense, chegando adolescente à capital. Profissão: cozinheira. Tem contato diário com meios de comunicação: usa TV por assinatura para assistir a novelas; usa o rádio diariamente para ouvir música; às vezes lê todas as seções de jornais locais; e, lê revistas também às vezes. Manteve-se tranquila, totalmente espontânea na elocução e cooperativa durante a entrevista, embora realizada em ambiente fechado, houve interferência externa ocasional.	A. C. O. S - Informante do sexo feminino, pertencente à primeira faixa etária com 25 anos, da Classe C. Natural de Manaus-AM de onde nunca saiu e residente há 25 anos no bairro seu único domicílio. Vive em união estável. Não completou o ensino fundamental I. É filha de pai e mãe manauaras. Profissão: autônoma. Tem contato diário com meios de comunicação como TV Aberta dando preferência a filmes; não ouve rádio; nunca lê jornais ou revistas. Manteve-se tranquila, totalmente espontânea na elocução e cooperativa durante a entrevista, para a qual houve interferência externa ocasional, posto que estávamos na casa em ambiente aberto e na presença de seu bebê de colo.
M2F1E2	A. C. O. S - Informante do sexo feminino, pertencente à primeira faixa etária com 19 anos, da Classe C. Natural de Manaus-AM de onde nunca saiu e residente há 13 anos no bairro, solteira. Completou o ensino fundamental II. É filha de pai e mãe manauaras. Profissão: dona de casa. Tem contato diário com meios de comunicação como TV Aberta em que prefere filmes e novelas; ouve rádio em parte do dia, preferindo noticiário em geral; nunca lê jornais ou revistas. Manteve-se tranquila, totalmente espontânea na elocução e cooperativa durante a entrevista, para a	A. P. C. - Informante do sexo feminino, pertencente à primeira faixa etária com 33 anos, da Classe C. Natural de Manaus-AM de onde nunca saiu e residente há 20 anos no bairro. É casada. Completou o ensino fundamental II. É filha de pai e mãe manauaras. Profissão: dona de casa. Tem contato diário com meios de comunicação: assiste TV por assinatura às vezes em que prefere filmes, noticiários e programas religiosos; ouve rádio em parte do dia, preferindo programa religioso; nunca lê jornais ou revistas. Manteve-se tranquila, totalmente espontânea na elocução e

	qual houve interferência externa ocasional, posto que estávamos na casa de uma prima cujos filhos ela tomava conta.	cooperativa durante a entrevista, para a qual não houve interferência externa.
M3F2E1	R.A.O - Informante do sexo feminino, pertencente à segunda faixa etária com 64 anos, da Classe B. Natural de Manaus-AM de onde saiu apenas como turista e conheceu o estado de Roraima os municípios do Amazonas. Seus pais foram criados em Manaus desde a infância. Reside há 16 anos no bairro do Coroado. É viúva. Não completou o ensino fundamental I. Profissão: é aposentada e dedica-se aos afazeres de dona de casa. Tem contato diário com meios de comunicação: usa TV aberta diariamente por meio da qual assiste a novelas, noticiários, desenhos, programas de esporte e de auditório; ouve música às vezes pelo rádio; lê todas as seções de jornais locais diariamente; e, às vezes, lê revistas. Manteve-se tranquila, com espontaneidade média na elocução e cooperativa durante a entrevista, para a qual não houve interferência externa, sendo realizada em ambiente fechado.	R.A.L - Informante do sexo feminino, pertencente à segunda faixa etária com 61 anos, da Classe B. Natural de Manaus-AM de onde nunca saiu. Seus pais são manauaras. Reside há 30 anos no bairro. É casada. Não completou o ensino fundamental I. É filha de pai e mãe manauaras. Profissão: dona de casa. Tem contato diário com meios de comunicação: usa TV por assinatura para assistir a noticiários; ouve noticiários diariamente pelo rádio; lê as seções de política e editorial em jornais locais semanalmente; raramente lê revistas. Manteve-se tranquila, com grande espontaneidade na elocução e cooperativa durante a entrevista, para a qual não houve interferência externa, sendo realizada em ambiente fechado.
M4F2E2	A.A.O. - Informante do sexo feminino, pertencente à segunda faixa etária com 50 anos, da Classe B. Natural de Manaus-AM de onde nunca saiu e residente há 12 anos no bairro. Em união estável com o cônjuge. Completou o ensino fundamental II. É filha de pai cearense criado desde a infância em Manaus e mãe manauara. Profissão: dona de casa. Tem contato diário com	W. L. S. - Informante do sexo feminino, pertencente à segunda faixa etária com 50 anos, da Classe C. Natural de Manaus-AM de onde já saiu para conhecer o Pará como turista e residente há 25 anos no bairro. É casada. Completou o ensino fundamental II. É filha de pai manauara e mãe paraense, trazida na infância para Manaus. Profissão: dona de casa. Tem contato

	meios de comunicação: nunca usa a TV; ouve música pelo rádio às vezes; lê, também às vezes, a seção policial de jornais locais; nunca lê revistas. Manteve-se tímido, com elocução fraca e indiferente durante a entrevista, para a qual houve a interferência externa ocasional de pessoas que conversavam no ambiente e ao telefone.	diário com meios de comunicação: TV Aberta às vezes dando preferência aos noticiários; ouve rádio às vezes, preferindo programas religiosos a outros; lê jornais locais diariamente preferindo as secções sobre cultura, política, variedade ou policial a outras; e, às vezes lê revistas. Manteve-se tranquila, com espontaneidade baixa na elocução e indiferente durante a entrevista, para a qual houve interferência externa ocasional, posto que estávamos em local aberto.
H1F1E1	F.P.O.N - Informante do sexo masculino, pertencente à primeira faixa etária com 20 anos, da Classe C. Natural de Manaus-AM de onde nunca saiu. Reside há 16 anos no bairro. É solteiro. Completou o ensino fundamental I. É filho de pai e mãe manauaras. Profissão: vendedor. Tem contato diário com meios de comunicação como TV Aberta em que prefere o filmes e esportes; ouve rádio às vezes, preferindo músicas; lê jornais locais às vezes, dando preferência pelo noticiário policial; nunca lê revistas. Manteve-se tranquilo, espontaneidade média na elocução e cooperativo durante a entrevista, para a qual não houve interferência de outras pessoas, apenas o barulho da vizinhança.	P. A. F. J. - Informante do sexo masculino, pertencente à primeira faixa etária com 27 anos, da Classe C. Natural de Manaus-AM de se ausentou por um ano para viver no em Santarém-PA e residente há 10 anos no bairro, solteiro. Completou o ensino fundamental I. É filho de pai e mãe manauaras. Profissão: borracheiro. Tem contato diário com meios de comunicação: não assiste TV; ouve rádio em parte do dia, preferindo músicas; lê todas as seções de jornais locais diariamente; e, nunca lê revistas. Manteve-se tranquilo, grande espontaneidade na elocução e cooperativo durante a entrevista, para a qual houve interferência externa ocasional, por ser um local próximo a uma via de muita movimentação.
H2F1E2	E. M. C. - Informante do sexo masculino, pertencente à primeira faixa etária com 16 anos, da Classe C. Natural de Manaus-AM de onde nunca saiu. Reside há 17 anos no bairro. É solteiro. Completou o ensino fundamental II. É	A. A. O. - Informante do sexo masculino, pertencente à primeira faixa etária com 32 anos, da Classe C. Natural de Manaus-AM de onde nunca se ausentou e residente há 15 anos no bairro. Vive uma união estável. Completou o ensino

	filho de pai e mãe manauaras. Profissão: autônomo. Tem contato diário com meios de comunicação como TV Aberta em que prefere o filmes e esportes; ouve rádio às vezes, preferindo músicas; lê jornais locais às vezes, dando preferência pelo noticiário policial; nunca lê revistas. Manteve-se tranquilo, espontaneidade média na elocução e cooperativo durante a entrevista, para a qual não houve interferência de outras pessoas, apenas o barulho da vizinhança.	fundamental II. É filho de pai cearense que aqui chegou ainda criança e mãe manauaras. Profissão: funcionário público estadual borracheiro. Tem contato diário com meios de comunicação: assiste pela TV aberta desenhos e noticiários; não ouve rádio; lê, às vezes, todas as seções de um jornal local; e, lê revistas também às vezes. Manteve-se tranquilo, com total espontaneidade na elocução e cooperativo durante a entrevista, para a qual não houve interferência externa, por ter sido realizada em local fechado.
H3F2E1	V.P.V.C - Informante do sexo masculino, pertencente à segunda faixa etária com 54 anos, da Classe C. Natural de Manaus-AM, residente há 18 anos no bairro do Coroado. É solteiro. Não completou o ensino fundamental I. É filho de pai cearense e mãe goiana os quais vieram ainda criança para o Amazonas. É funcionário público estadual. Tem contato diário com meios de comunicação: usa TV por assinatura para assistir a programas de esporte; ouve rádio em parte do dia, também acompanhando notícias sobre esporte; lê diariamente a seção de esporte de um jornal local; e, nunca lê revistas. Manteve-se espontâneo, apresentando elocução média e uma postura cooperativa, durante a entrevista, para a qual não houve interferência de outras pessoas, apenas o barulho da via muito movimentada.	J. C. S - Informante do sexo masculino, pertencente à segunda faixa etária com 57 anos, da Classe D. Natural de Janauacá-AM, residente há 28 anos em Manaus e onde se fixou no bairro de São José desde então. É solteiro. Não completou o ensino fundamental I. É filho de pai cearense o qual veio adulto para o Amazonas e mãe também de Janauacá-AM. Exerce a profissão de borracheiro. Tem contato diário com meios de comunicação como TV Aberta em que prefere o noticiário e esportes; não ouve rádio; lê diariamente todas as seções de jornais locais; e, nunca lê revistas. Manteve-se espontâneo, apresentando elocução média e uma postura cooperativa, durante a entrevista, para a qual não houve interferência de outras pessoas, apenas o barulho da via muito movimentada.
H4F2E2	R. G. X - Informante do sexo masculino, pertencente à segunda faixa etária com	R.M.S - Informante do sexo masculino, pertencente à segunda faixa etária com

	50 anos, da Classe B. Natural do Santarém-PA, residente há 28 anos em Manaus e há 16 anos no Coroado, casado. Completou o ensino fundamental. É filho de pai e mãe provenientes do Pará. Profissão: motorista de ônibus. Tem contato diário com meios de comunicação como TV Aberta em que prefere o noticiário; ouve rádio em parte do dia, preferindo músicas; nunca lê jornais ou revistas. Manteve-se tranquilo, espontâneo e cooperativo durante a entrevista, para a qual não houve interferência de outras pessoas, apenas o barulho da vizinhança.	50 anos, da Classe C. Natural de Manaus-AM de onde nunca saiu. Reside há 10 anos no bairro. É solteiro. Completou o ensino fundamental II. É filho de pai cearense e mãe borbense, os quais chegaram jovens a esta capital. Profissão: servente. Relatou viagens para municípios e estados do Brasil, mas com fixação de residência por período um pouco maior que um ano apenas em Borba. Tem contato diário com meios de comunicação; pela TV Aberta em assiste a novelas e noticiários; não ouve rádio; lê a seção policial de jornal local diariamente; nunca lê revistas. Manteve-se tranquilo, espontaneidade média na elocução e cooperativo durante a entrevista, para a qual não houve interferência de outras pessoas.

ANEXO 1

PROJETO
VERTENTES DO PORTUGUÊS POPULAR DO ESTADO DA BAHIA
CHAVE DE TRANSCRIÇÃO[42]
DANTE LUCCHESI

1. Apresentação e objetivos

Esta proposta de chave de transcrição tem orientado os trabalhos de transcrição ortográfica dos inquéritos realizados no âmbito do Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia. Optou-se pela transcrição ortográfica em detrimento da fonética, porque aquela possibilita uma melhor visualização do texto, atendendo igualmente às necessidades da análise. Contudo, diferentemente do procedimento adotado em outros projetos (cf. NURC, por exemplo), a transcrição ortográfica é aqui adotada como um instrumento efetivo para a análise, ou seja, ela é feita no sentido de que possa fundamentar a coleta dos dados a serem analisados, diminuindo o recurso à gravação. Desse modo, a transcrição deve mobilizar os recursos disponíveis para uma reprodução mais fiel das características linguísticas da fala do informante.

2. Concepção e considerações prévias

O critério básico é o de se registrarem os fatos linguísticos que se observam na fala do informante[43] e que constituem marcas específicas do seu dialeto, tanto no nível fônico, quanto no morfossintático (ausência de concordância ou de nexos gramaticais - preposições, complementizadores, etc. -, objetos nulos, quebras no encadeamento sintático dos enunciados, etc.); serão excluídos apenas alguns fatos que, mesmo em desacordo com a ortografia oficial, podem ser considerados gerais no português do Brasil, com o intuito de não sobrecarregar o texto transcrito.

---

[42] Disponível em: http://www.vertentes.ufba.br/projeto/transcricao

[43] bem como do documentador, para a possível consideração do "efeito de gatilho" na análise. O documentador por vezes aproxima a sua fala da do informante, como procedimento técnico de recolha do material, e não deve ser "corrigido" na transcrição.

Esta chave de transcrição está organizada da seguinte maneira. Na seção 3, são feitas algumas indicações preliminares sobre a formatação do texto transcrito. Na seção 4, são definidos alguns critérios gerais para orientar todo o trabalho de transcrição. Na medida em que o princípio geral é o de registrar todos os fatos da fala do informante, será feito primeiramente um destaque para os fatos fônicos que não devem ser registrados. Esse procedimento visa a facilitar o trabalho de transcrição, pois ao transcrever o pesquisador só terá em mente um número reduzido de fatos que não devem ser registrados. Os demais fatos devem, em princípio, ser registrados. Para esses fatos, como subsídio, serão apresentadas, na seção 5, algumas indicações mais específicas de como eles devem figurar na transcrição dos inquéritos. Obviamente que esta última listagem não contempla toda a gama de fatos que ocorrerão nos inquéritos. Assim, os fatos novos deverão ser tratados segundo o procedimento geral desta chave, devendo ser comunicados ao seu autor para que a solução adotada seja ratificada e incorporada.

3. Indicações preliminares

1. Cabeçalho: modelo:

PROJETO VERTENTES DO PORTUGUÊS RURAL DO ESTADO DA BAHIA

LOCALIDADE DE HELVÉCIA-BA

INFORMANTE 01

NOME: Valdete Gege Facília SEXO: F IDADE: 29

NASCIMENTO: Helvécia PAIS: Helvécia

NIVEL DE ESCOLARIDADE: ANALFABETA

VIAGENS PARA FORA: NÃO (RIO DE JANEIRO - 3 MESES)

2. Os intervenientes no inquérito devem ser indicados da seguinte maneira:

DOC: (documentador) – diferenciar se houver mais de um documentador

INF: (informante)

CIRC: (interveniente circunstancial) – identificar se houver mais de um

3. Indicação de trecho ininteligível: ININT

4. Indicação de interrupção do inquérito: INTERRUP

5. O texto deve ser pontuado com moderação.

6. Usar colchetes para indicar trecho sobre qual não há certeza na audição.

Ex.: INF: Ah, pra passeá, [eu] saio.

7. Indicação de realização inusitada de uma palavra ou expressão em itálico. O programa usado na transcrição, o Transcriber, não permite a utilização de itálico. Assim, deve-se colocar a palavra entre chaves.

Ex.: Então eu *abadonei* a escola.

OBS.: sem o itálico o leitor tende a pensar que o digitador esqueceu o “n”, ao invés de aceitar a realização inusitada.

8. Palavra desconhecida, ouvida nitidamente na transcrição/revisão, também deve ser grifada em itálico.

Ex.: ... levava água no *carote*.

9. Se o documentador fizer algum comentário durante a fala do informante, sem interromper o seu fluxo sintático-discursivo, deve-se indicar com reticências a continuidade desse fluxo do informante, intercalando a fala do documentador.

Ex.: INF: Naquela época, eu saía muito...

DOC: Ah, legal!

INF: ... com os camarada pras festa.

10. Nos casos de discurso direto, deve-se utilizar aspas e pontuar antes de fechar as aspas.

Ex.: Ele disse: “Eu vô embora. Já tá tarde.” Aí eu falei: “Vá não. Durma aqui em

casa.”

11. recursos não verbais empregados pelo informante, entre chaves:

Ex.: Quando era, assim, perto de mei' dia, assim, pai começava a 'subiá: *{o nformante assovia}*.

4. Critérios Gerais

1. Deverão ser registrados, com o máximo de rigor atenção, TODOS os fatos no nível da morfossintaxe, tais como:

a) concordância nominal variável:

Ex.: *as coisa tá caro*.

estava no roça.

b) concordância verbal variável.

Ex.: *os menino foi* ou *os menino foro*; *nós vai*; ou mesmo *eu conta* por *eu conto*.

c) Omissão de preposições, artigos, complementizadores, etc.

Ex.: Deu Júlia isso aí.

(Port. Padrão: Deu à Júlia isso aí.)

d) repetições, com utilização das reticências.

Ex.: As pessoas assim é que... que conhece mais as coisa.

e) correções e quebras no encadeamento do enunciado, também com a utilização de reticências.

Ex.: E as... sempre assim ou era diferente?

f) hesitações, idem.

Ex.: Esses daqui mesmo, ói, é... é... é... é d'uma... de... de Odete aqui, num sabe?

g) separar o tópico por vírgula

Ex.: Aqueles ossozim pequeno, era os bezerro.

Aqueles de mais de longe, vamo soltá.

h) a dupla negação deve vir sem vírgulas.

Ex.: Não vi ele não.

i) deve-se distinguir o *né* de valor estritamente fático, que deve vir entre vírgulas, do *né* com entonação de pergunta, o qual deve vir acompanhado por ponto de interrogação.

2. Fatos fônicos que não devem ser registrados

a) Elevação das vogais médias em distribuição pré-acentuada, quer no interior de um mesmo vocábulo, quer no interior de um grupo de força (como no caso das sequências com a preposição **em**), e pós-acentuada não-final;

Ex: *estava*, e não *istava; domingo*, e não *dumingo*; *em casa*, e não *im casa*; *rédea*, e não *rédia*.

Exceção: transcrever *ni* e não *ne*: *fui ni Feira de Santana*.

b) Elevação das vogais médias em posição átona final.

Ex.: [nomi] > *nome*; [matu] > *mato*

c) Ditongação antes de consoante constritiva implosiva.

Ex.: [meys] > *mês*

d) Ditangação da terminação nasal -em

Ex.: *tem*, e não *teim*; *ninguém*, e não *ninguéim*.

e) Palatalização de **t** e **d**, antes de vogal palatal.

Ex.: *ponte*, e não *pontche*; *noite*, e não *noitche*.

Obs.: palatalizações mais desviantes da norma urbana devem ser registradas: *muntcho*, *dôdio, tchem, tcherra*.

f) epêntese da vogal alta que desfaz o travamento de grupo consonântico.

Ex.: *advogado*, e não *adivogado*; *psicologia*, e não *pissicologia*.

Obs.: A inserção de uma vogal média deve ser registrada: *adevogado*.

g) Realização velar ou faríngea de certas consoantes constritivas:

Ex.: *tava* por [´taha] ou [´taxa]; *mais* por [mayh]

h) Supressão da consoante nasal

Ex.: *tenho* por [tenu]; *uma* por [una]

i) Vocalização da consoante lateral pós-vocálica

Ex.: *mel*, e não *méu*; *Brasil*, e não *Brasiu*; *animal*, e não *animau*.

5. Detalhamento

1. Consoantes implosivas – (C)VC

a) /S/

- a variante zero deve ser registrada: *os menino*.
- as variantes velar/glotal não devem ser registradas: *mesmo* para [‘mehmo].

b) /l/

- a variante zero deve ser registrada: *papé*, *animá*, *horríve* etc.
- as variantes constritivas, [x] e [h], devem ser registradas com o grafema <r>: *vorta*, *arcançou*, etc.

c) /x/

- a variante zero deve ser registrada: *brincá*, *corrê*, *dormí, partí.*

Exceção: A forma do verbo *ir* deve ser sempre transcrita como *ir*.

- a variante [w] deve ser registrada: *felvendo*, *nelvoso*.

d) /N/

- deve-se registrar a redução dos ditongos nasais em final de palavra: *viage*, *bença*, *correro*.

e) A inserção de uma vogal, criando uma nova sílaba (CVC > CVCV): *dificulidade*; *tale, capinho*.

f) semivogais

- Redução de ditongos, tanto em posição final, quanto em posição medial, utilizando o acento circunflexo na sílaba tônica.

Ex.: *matô*; *côro*; *poquinho*; *cantê*; *dêxa*.

Exceção: a conjunção *ou* deve ser sempre transcrita por *ou* e não *ô*.

2. Padrão silábico CCV

a) redução do grupo (CCV > CV): *cumpade*, *ôto*, *péda*.

b) CCV > CVC: *percurar*.

c) CVC > CCV: *preguntô*; *drumença*.

d) CCV > CVCV: *fulô*.

3. Vogais

a) Abaixamento das vogais altas em distribuição não acentuada.Ex.: *deferente* por diferente.

b) Redução específica de certos ditongos como em *truxe* [trusi] por trouxe, em que ocorre também a elevação da vogal.

c) Nasalização.

Ex.: *ingual* por igual; *ingnorância* por ignorância, *inzame* por exame (neste caso, colocar em itálico).

d) Usa-se o acento de timbre para indicar uma realização distinta da normal.

Ex.: *interésse* por interesse.

e) Troca de *e* ou *en* por *a* ou *an*, e vice-versa.

Ex.: *antão* por então.

f) Troca de vogal posterior pela anterior, em distribuição átona final.

Ex.: *quande* por quando; *devide* por devido; *tem* por tenho.

g) Ditongação.

Ex.: *saudia* por sadia.

4. Consoantes

a) o "ieísmo".

Ex.: *muié* por mulher; *véizim* por velhozinho; *trabaio* por trabalho.

b) o rotacismo.

Ex.: *pranta* por planta; *prantação* por plantação.

5. Inserção e supressão de segmentos fônicos

a) inserção de segmento no início do vocábulo.

Ex.: *ieu* por eu; *amontá* por montar; *evém* por vem.

b) supressão de segmento no início do vocábulo, com apóstrofo

Ex.: '*bservano* por observando; '*djutóro* por adjutório; '*cabô* por acabou; '*fraquiceno* por enfraquecendo; *'ocê* por você.

Exceção: *cê, tá, tão, tamos.*

c) supressão de segmento no final do vocábulo, com a utilização do apóstrofo quando ocorrer junção com vocábulo posterior.

Ex.: *quan' nada*; *den' de*; *des' tamanho*; *pó' dêxá*.

d) a elisão entre palavras diferentes.

Ex.: *dêx'eu*; *pr'aculá*; *s'istrompô*; *mand'ele*.

Exceção: a elisão com o *que* não deve ser registrada; *que eu* e não *qu'eu*; *que é* e não *qu'é*.

e) redução de terminações verbais.

Ex.: *cantaro* ou *cantarum* por cantaram; *brincano* por brincando.

f) redução do morfema de diminutivo.

Ex.: *véim* por velhinho; *urim* por ourinho.

g) redução do ditongo /ãw/.

Ex.: *Som Paulo* por São Paulo.

h) redução de proparoxítonas, bem como das falsas proparoxítonas, com a manutenção do acento para facilitar o entendimento da forma, quando necessário.

Ex.: *épa* por época; *lâmpa* por lâmpada; *abróba* por abóbora; *estâumbo* por estômago; *remédo* por remédio; *criatóro* por criatório; *muléstra* por moléstia.

i) A combinação de fatos acima mencionados, com a utilização do acento de timbre para evitar ambigüidade, quando for o caso.

Ex.: '*quês* por aqueles; *véi* por velhos (para distinguir *véi* de *vei* – forma reduzida de veio) ; *fi* por filho; *ói* por olhe.

j) aglutinação.

Ex.: *nestante*; *vumbora, vou m'embora*.

l) as interjeições são sempre grifadas com h:

Ex.: *eh...* e não *é...*; *ah...*; *ham...*; *ham-ham; hum-hum*; *hum...*; *oh*; *ôh*; *hei*.

This document was created with Win2PDF available at http://www.win2pdf.com. The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only. This page will not be ad